

O Último dos Padrinhos

Mário Puzo

Título original: The Last Don
Tradução: Mário Dias Correia
Quetzal Editores - Lisboa/1996
ISBN 972-564-274-0

Formatado por SusanaCap
WWW.PORTALDETONANDO.COM.BR/FORUMNOVO/



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

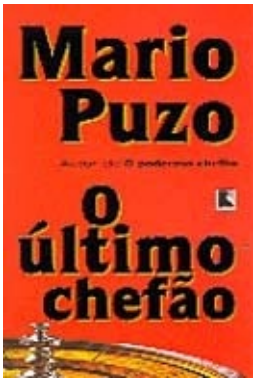
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





O Último dos Padrinhos

Mário Puzo

Título original: The Last Don

Tradução: Mário Dias Correia

Quetzal Editores - Lisboa/1996

ISBN 972-564-274-0

Formatado por SusanaCap

WWW.PORTALDETONANDO.COM.BR/FORUMNOVO/

Mário Puzo nasceu em Nova Iorque e, depois de ter feito o serviço militar na Segunda Guerra Mundial, freqüentou a New School for Social Research e a Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Depois de O

Padrinho (1969), o seu livro mais conhecido, publicou Os Loucos Morrem (1978), O Siciliano (1984) e O Quarto Kennedy (1991). Mário Puzo escreveu também vários argumentos para o cinema, incluindo Terramoto, Superhomem e

O Padrinho I, II e III, pelos quais recebeu dois óscares.

Mário Puzo regressa com o seu primeiro livro sobre a Máfia desde O

Padrinho, e o resultado é uma saga emocionante da última família americana do crime e a extensão dos seus tentáculos a Hollywood e Las Vegas.

Há vinte sete anos, Mário Puzo publicou um clássico popular que vendeu mais de 20 milhões de exemplares. Agora, depois de ter escrito livros sobre Las Vegas, a Sicília e Wahsington, Puzo voltou por fim ao assunto que melhor conhece - os bastidores da Máfia. O Último dos Padrinhos, o mais ambicioso romance da lendária carreira de Mário Puzo.

Prólogo

Quogue 1965.

No Domingo de Ramos, um ano depois da grande guerra contra os Santadio, Don Domenico Clericuzio festejava o baptizado de duas crianças do seu próprio sangue e tomava a decisão mais importante da sua vida.

Convidara os chefes das Famílias mais importantes da América, bem como Alfred Gronevelt, dono do Xanadu Hotel, em Las Vegas, e David Redfellow, que construíra um vasto império de tráfico de droga nos Estados Unidos.

Todos eles eram, em maior ou menor grau, seus associados.

Agora que se tornara o chefe da mais poderosa Família da Máfia na América, Don Clericuzio planeava renunciar a esse poder; pelo menos aos olhos do mundo. Chegara a altura de jogar um jogo diferente. O poder óbvio tornara-se demasiado perigoso. Mas a renúncia ao poder era, em si mesma, perigosa. Teria de fazê-lo com hábil generosidade e com boa vontade pessoal. E teria de fazê-lo nos seus próprios termos.

A propriedade dos Clericuzio em Quogue compreendia dez hectares rodeados por um muro de tijolos com três metros de altura, defendido por arame farpado e sensores electrónicos. Continha, além da mansão, as moradias dos três filhos do Don, bem como cerca de vinte pequenas casas destinadas aos dependentes mais fiéis da Família.

Antes da chegada dos convidados, Don Clericuzio e os seus três filhos sentaram-se em torno da mesa de ferro forjado branca, instalada sob os caramanchões do jardim, nas traseiras. O mais velho, Giorgio, era alto, com um pequeno bigode orgulhoso e a figura magra e seca de um cavalheiro inglês, que realçava vestindo fatos feitos por medida. Tinha vinte e sete anos, era um homem saturnino, dotado de uma inteligência acutilante e um rosto fechado. O pai informou-o de que ia mandá-lo para a Wharton School of Business, onde aprenderia todas as complexidades da arte de roubar dinheiro sem sair dos limites da legalidade.

Giorgio não fez perguntas; tratava-se de um edicto real, não de um convite à discussão. Assentiu com a cabeça, confirmando a sua obediência.

Em seguida, o Don dirigiu-se ao sobrinho, Joseph "Pippi" De Lena.

Don Clericuzio amava aquele sobrinho como amava os filhos, pois além dos laços de sangue - era filho da sua falecida irmã - Pippi fora o grande general que derrotara os selvagens Santadio.

Tu vais viver permanentemente para Vegas - disse. - Zelarás pelos nossos interesses no Xanadu Hotel. Agora que a nossa Família está a retirar-se das operações, não haverá aqui muito que fazer. Em todo o caso, continuarás a ser o martelo da Família.

Viu que Pippi não estava contente, que tinha de dar razões:

- A tua mulher, Nalene, não consegue adaptar-se ao ambiente da Família, não consegue viver no Enclave do Bronx. é demasiado diferente. Não consegue ser aceite pelos outros. Têm de ir construir a vossa vida longe de nós.

Tudo isto era verdade, mas havia outra razão. Pippi era o grande general, o herói da Família Clericuzio, e, se continuasse a ser o "Mayor" do Enclave do Bronx, tornar-se-ia demasiado poderoso para os filhos do Don, quando o Don deixasse de viver.

- Serás o meu bruglione no Oeste - continuou. - Tornar-te-ás rico.

Mas há trabalho importante a fazer.

Entregou a Pippi a escritura de uma casa e o título de posse de uma próspera agência de cobranças. Voltou-se então para o filho mais novo, Vincent, que tinha

apenas vinte e cinco anos. Era o mais baixo dos três irmãos, mas constituído como uma porta de pedra. Parco de palavras, tinha, no entanto, um coração sensível. Aprendera todos os pratos tradicionais da cozinha camponesa italiana nos joelhos da mãe, cuja morte, ainda nova, chorara mais amargamente do que ninguém.

Don Domenico sorriu-lhe.

- Vou agora decidir o teu destino - disse-lhe - e pôr-te no bom caminho. Vais abrir o melhor restaurante de Nova Iorque. Não olhes a despesas. Quero que mostres aos franceses o que é comida a sério. - Pippi e os primos riram-se, e até Vincent esboçou um sorriso. O Don sorriu-lhe. -

Irás durante um ano para a melhor escola de cozinha da Europa.

Vincent, ainda que satisfeito, resmungou:

- O que é que eles podem ensinar-me?

O Don olhou-o fixamente.

- Os teus bolos podiam ser melhores - disse. - Mas o principal objectivo é aprenderes os aspectos financeiros da gestão de uma empresa deste tipo. Quem sabe, pode ser que algum dia tenhas uma cadeia de restaurantes. O Giorgio dá-te o dinheiro.

Finalmente, voltou-se para Petie. Petie era o segundo e o mais simpático dos seus filhos. Com vinte e seis anos, pouco mais do que um rapaz, tinha um trato afável, mas o Don sabia que, no fundo da sua alma, era como uma reencarnação dos Clericuzio sicilianos.

- Petie - disse-lhe -, agora que o Pippi vai para o Oeste, passas tu a ser o Mayor do Enclave do Bronx. Fornecerás todos os soldados de que a Família precisar. Mas, além disso, comprei-te uma grande empresa de construção civil. Repararás os arranha-céus de Nova Iorque, construirás esquadras para a Polícia, pavimentarás as ruas da cidade. E um negócio garantido, mas espero que o transformes numa grande empresa. Os teus soldados poderão ter empregos legítimos e tu ganharás muito dinheiro.

Começarás a trabalhar como aprendiz sob as ordens do actual proprietário.

Mas lembra-te, a tua principal obrigação será fornecer soldados à família, e chefiá-los.

Voltou-se para Giorgio:

Giorgio, serás o meu sucessor. Tu e o Vincent deixarão de participar nessa parte necessária da vida da Família que envolve alguns riscos, excepto quando for absolutamente indispensável. Temos de olhar para o futuro. Os vossos filhos, e os pequenos Dante e Croccifixio, não devem crescer neste mundo. Somos ricos, já não precisamos de arriscar a vida para ganhar o pão de cada dia. Passaremos a funcionar exclusivamente como conselheiros financeiros de todas as outras Famílias. Seremos os seus apoios políticos, mediaremos as suas disputas. Mas, para isto, temos de ter cartas para jogar. Temos de ter um exército. E temos de proteger o dinheiro de toda a gente, e em troca serão eles a molhar-nos o bico. - Fez uma pausa. - Dentro de vinte, trinta anos, ter-nos-emos dissolvido no mundo legal e poderemos gozar sem medo as nossas fortunas. Essas duas crianças que hoje baptizamos nunca terão de cometer os pecados que nós cometemos, nem correr os riscos que nós corremos.

Nesse caso, para quê conservar o Enclave do Bronx? - perguntou Giorgio.

Esperamos um dia ser santos - respondeu o Don -, mas não queremos ser mártires.

Uma hora mais tarde, Don Clericuzio, da varanda da sua mansão, observava os festejos lá em baixo.

O imenso relvado, salpicado de mesas de piquenique protegidas por chapéus-de-sol verdes, estava cheio com os duzentos convidados, muitos dos quais eram soldados do Enclave do Bronx. Os baptizados eram habitualmente festas animadas, mas aquela decorria num ambiente de discreta contenção.

A vitória sobre os Santadio custara caro aos Clericuzio. O Don perdera o mais amado dos seus rapazes, Silvio. E a sua filha, Rose Marie, perdera o marido.

Agora, observava os grupos que circulavam em torno das compridas mesas carregadas de grandes jarras de escuro vinho tinto, brancas terrinas de sopa, pastas de todos os géneros, travessas cheias de uma enorme variedade de carnes e queijos cortados às fatias, cestas de pães frescos e estaladiços de todos os tamanhos e feitios. Permitiu a si mesmo o luxo de deixar-se embalar pela música

do pequeno conjunto que tocava suavemente num canto do jardim.

Exactamente no meio do círculo de mesas de piquenique, avistou os dois carrinhos de bebé com as suas mantas azuis. Que corajosos eram os dois miúdos; não tinham sequer pestanejado quando o padre lhes derramara a água-benta na cabeça. Junto deles estavam as respectivas mães, Rose Marie e Nalene De Lena, a mulher de Pippi. Conseguia ver as caras dos bebés, tão limpas ainda das marcas da vida: Dante Clericuzio e Croccifixio De Lena. E

ele era o responsável por garantir que aquelas duas crianças nunca teriam de sofrer para ganhar a vida. Se fosse bem sucedido, ambas entrariam para a sociedade regular do mundo. Era curioso, pensou, não haver um único homem no meio daquela multidão a prestar homenagem aos dois bebés.

Avistou Vincent, habitualmente sombrio e com uma cara como de granito, a servir um grupo de crianças do carrinho de cachorros-quentes que construíra para a festa. Parecia um desses carrinhos de cachorros-quentes que se vêem nas ruas de Nova Iorque, só que era maior, tinha um chapéu-de-sol mais colorido, e Vincent servia melhor comida. Usava um avental branco muito limpo e fazia os seus cachorros-quentes com chucrute e mostarda, com cebolas vermelhas e molho picante. Cada criança tinha de dar-lhe um beijo na face em troca do cachorro. Vincent era o mais terno dos seus filhos, apesar daquele rude aspecto exterior.

No campo de boccia 1 viu Petie a jogar com Pippi De Lena, Virginio Ballazzo e Alfred Gronevelt. Petie gostava de pregar partidas, uma faceta que o Don desaprovava, pois sempre lhe parecera perigosa. Naquele preciso momento, estava a perturbar o jogo com uma das suas brincadeiras habituais: uma das bolas saltou em pedaços ao ser atingida pela primeira vez.

Virginio Ballazzo era o lugar-tenente do Don, um executivo no âmbito da Família. De temperamento alegre e bem disposto, fingia perseguir Petie, que por sua vez fingia fugir-lhe. Don Clericuzio achou a situação irónica.

Sabia que o seu filho Petie era um assassino nato, e o brincalhão e jovial Ballazzo tinha também, por direito próprio, uma certa reputação nesse campo.

Nenhum neles, porém, se comparava a Pippi.

O Don via como as mulheres na multidão olhavam para o sobrinho.

Excepto as duas mães, Rose Marie e Nalene. Era um belo rapaz. Tão alto como o próprio Don, com um corpo musculoso e forte, um rosto brutalmente atraente. Muitos dos homens observavam-no também; alguns eram soldados seus, do Enclave do Bronx. Observavam o seu ar de comando, a graça felina do seu corpo em movimento, conhecedores da sua lenda, O martelo, o melhor dos Homens Qualificados.

David Redfellow, jovem, de faces rosadas, o mais poderoso traficante de droga da América, estava a beliscar as bochechas dos dois bebés deitados nos carrinhos. Finalmente, Albert Gronevelt, ainda de casaco e gravata, sentia-se obviamente pouco à vontade a jogar aquele jogo desconhecido. Gronevelt tinha aproximadamente a mesma idade que o Don, cerca de sessenta anos.

Naquele dia, Don Clericuzio ia mudar as vidas de todos eles. Para melhor, esperava.

Giorgio veio à varanda chamá-lo para a primeira reunião do dia. Os dez chefes da Máfia estavam reunidos no escritório da mansão, à espera. Giorgio 1 Jogo equivalente à pétanque dos Franceses, e de algum modo semelhante à nossa malha, com a diferença de ser jogado com bolas. O objectivo de cada jogador é acertar com a sua bola na bola-alvo, ou afastar a bola de um adversário que esteja muito perto de o conseguir.

já lhes expusera por alto a proposta de Don Clericuzio. O baptizado proporcionava uma excelente cobertura àquela reunião, mas nenhum deles tinha quaisquer verdadeiros laços sociais com os Clericuzio e todos desejavam regressar às suas casas o mais depressa possível.

O escritório era uma sala sem janelas, pesadamente mobilada e com um bar a um canto. Os homens sentados em redor da grande mesa de conferências, de tampo de mármore, mantinham expressões fechadas e sombrias. Cumprimentaram à vez Don Clericuzio, e aguardaram expectantes o que ele tinha para dizer.

Don Domenico mandou chamar os dois filhos, Vincent e Petie, o seu chefe-executivo, Ballazzo, e Pippi De Lena para que viessem participar na reunião. Quando chegaram, Giorgio, frio e sardónico, fez uma curta exposição introdutória.

O Don estudou os rostos dos homens à sua frente, os homens mais poderosos da sociedade ilegal que funcionava para dar resposta às verdadeiras necessidades

das pessoas.

- O meu filho Giorgio já lhes explicou como tudo isto vai funcionar -

disse. - A minha proposta é a seguinte. Retiro-me de todos os meus interesses, com excepção do jogo. As minhas actividades em Nova Iorque, dou-as ao meu velho amigo Virginio Ballazzo, que fundará a sua própria Família e será independente dos Clericuzio. No resto do país, cedo todos os meus interesses nos sindicatos, nos transportes, no álcool, no tabaco e nas drogas às vossas Famílias. Todo o acesso que tenho ao sistema judicial continuará disponível.

O que peço em troca é que me deixem gerir os vossos lucros. Estarão a salvo e sempre ao vosso dispor. Não terão de preocupar-se com a possibilidade de o governo descobrir a origem do dinheiro. Por tudo isto, peço apenas uma comissão de cinco por cento.

Era um negócio de sonho para aqueles dez homens. Milagrosamente, os Clericuzio retiravam-se, quando na realidade poderiam perfeitamente ter avançado para controlar ou destruir os seus impérios.

Vincent deu a volta à mesa e serviu um pouco de vinho a cada um.

Os homens ergueram os copos e brindaram ao afastamento do Don.

Depois de todos os chefes terem feito as suas cerimoniosas despedidas, David Redfellow entrou no escritório escoltado por Petie.

Sentou-se no cadeirão de couro em frente do Don e Vincent serviu-lhe um copo de vinho. Redfellow destacava-se no meio dos outros homens não só por causa dos seus compridos cabelos louros, mas também pelo facto de usar um brinco com um diamante e um casaco de ganga com os jeans impecavelmente limpos e engomados. Tinha sangue escandinavo. Era louro, com olhos azuis claros, e mantinha sempre uma expressão jovial e um ar despreocupado.

O Don tinha para com David Redfellow uma grande dívida de gratidão.

Fora ele quem lhe provara que as autoridades legais podiam ser subornadas no que respeitava à droga.

- David - disse Don Clericuzio -, vais reformar-te do negócio das drogas. Tenho

uma coisa melhor para ti.

Redfellow não objectou.

- Porquê agora? - limitou-se a perguntar.

Em primeiro lugar - respondeu o Don -, porque o governo anda a dedicar demasiado tempo e atenção ao negócio. Terias de viver na ansiedade

até ao fim dos teus dias. Mas, o que é mais importante, porque se tornou demasiado perigoso. O meu filho Petie e os seus soldados têm-te servido de guarda-costas. Não posso permitir que isso continue a acontecer. Os colombianos são demasiado selvagens, demasiado loucos, demasiado violentos. Eles

que fiquem com o negócio da droga. Tu vais retirar-te para a Europa. Tratarei da tua protecção lá. Podes entreter-te a comprar um banco em Itália e viverás em Roma. Vamos ter muitos negócios para esses lados.

Óptimo - respondeu Redfellow. - Não falo italiano e não percebo nada de bancos.

Aprenderás ambas as coisas - afirmou Don Clericuzio. - E serás feliz em Roma. Ou podes ficar aqui, se preferires, mas nesse caso não poderás continuar a contar com a minha protecção, o Petie deixará de proteger a tua vida. Escolhe como quiseres.

Quem é que fica com o meu negócio? - quis saber Redfellow. -

Recebo alguma coisa pela venda?

Os colombianos vão ficar com o teu negócio. Não se pode evitar, são os ventos da História. Mas o governo vai fazer-lhes a vida num inferno.

Então, sim ou não?

Redfellow pensou por uns instantes e lançou uma pequena gargalhada.

Diga-me só como começar - respondeu.

O Giorgio leva-te a Roma e apresenta-te à nossa gente lá. E ao longo dos anos ir-te-á orientando. - Don Clericuzio levantou-se e abraçou-o.

Obrigado por teres ouvido os meus conselhos. Seremos sócios na Europa e, acredita, vai ser uma boa vida para ti.

Quando David Redfellow saiu, o Don mandou Giorgio chamar Alfred Gronevelt. Como proprietário do Xanadu Hotel em Vegas, Gronevelt estivera sob a protecção da agora extinta Família Santadio.

- Mr. Gronevelt - disse o Don -, continuará a dirigir o hotel sob a minha protecção. Nada tem a recear no que respeita à sua pessoa ou aos seus bens. Conservará os seus cinquenta e um por cento do hotel. Eu ficarei com os quarenta e nove por cento anteriormente detidos pelos Santadio e serei representado pela mesma identidade legal. Está de acordo?

Gronevelt era um homem de uma enorme dignidade e com uma presença física imponente, a despeito da idade. Disse, cuidadosamente: Se ficar, terei de dirigir o hotel com a mesma autoridade. Caso contrário, vender-lhe-ei a minha parte.

Vender uma mina de ouro? - exclamou o Don, incrédulo. - Não, não! Não tenha medo de mim. Sou acima de tudo um homem de negócios.

Se os Santadio fossem um pouco mais moderados, nenhuma daquelas coisas terríveis precisaria de ter acontecido. Agora eles já não existem. Mas o senhor e eu somos homens razoáveis. Os meus delegados recebem a parte dos Santadio. E Joseph De Lena, Pippi, recebe toda a consideração a que tem direito. Será ele o meu bruglione no Oeste, com um salário de cem mil dólares

anuais pago pelo seu hotel, da maneira que lhe parecer a si mais conveniente.

E se tiver problemas, seja de que tipo forem, seja com quem for, vá ter com ele. E, no seu negócio, há sempre problemas.

Gronevelt, um homem alto e magro, parecia muito calmo.

- Por que me favorece? - perguntou. - Tem outras opções mais lucrativas.

Don Domenico respondeu gravemente:

- Porque o senhor é um génio naquilo que faz. Toda a gente em Las Vegas o diz. E para provar a minha estima, dou-lhe algo em troca.

Grovenelt sorriu ao ouvir isto.

- Dá-me mais que o suficiente. O meu hotel. Que outra coisa poderia ser tão importante?

O Don sorriu-lhe benevolentemente, pois embora fosse um homem sério, gostava de surpreender as pessoas com o seu poder.

- Vai poder nomear o novo membro da Comissão de Jogo do Nevada

- disse -. Há uma vaga.

Por uma das poucas vezes na sua vida, Gronevelt ficou surpreendido, e também impressionado. Mas, sobretudo, estava entusiasmado, pois antevia para o seu hotel um futuro com que nunca tinha sequer sonhado.

Se puder fazer uma coisa dessas, seremos todos muito ricos nos próximos anos.

Está feito - respondeu o Don. - Agora vá divertir-se um pouco.

Vou regressar a Vegas - disse Gronevelt. - Não me parece sensato deixar que toda a gente saiba que fui recebido em sua casa.

O Don assentiu.

- Giorgio, manda alguém levar Mr. Gronevelt a Nova Iorque.

Agora, além do Don, só os seus três filhos, Pippi De Lena e Virginio Ballazzo se encontravam na sala. Pareciam ligeiramente aturdidos. Só Giorgio sabia o que se preparava. Todos os outros ignoravam os planos de Don Clericuzio.

Ballazzo era jovem para bruglione, apenas dois ou três anos mais velho do que Pippi. Controlava os sindicatos, os transportes dos grandes armazéns de roupas e um pouco de drogas. Don Domenico informou-o de que doravante iria operar independentemente dos Clericuzio. Teria apenas de pagar um tributo de dez por cento. Tirando isso, disporia de um controlo total sobre as suas operações.

Virginio Ballazzo não queria crer em tanta generosidade. Era normalmente um homem extrovertido, que expressava os seus agradecimentos e as suas queixas com veemência, mas naquele momento estava demasiado cheio de gratidão para fazer fosse o que fosse além de abraçar o Don.

- Desses dez por cento, reservarei cinco para quando fores velho ou se te acontecer alguma coisa - disse-lhe Don Clericuzio. - Agora desculpa-me, mas as pessoas mudam, têm a memória fraca, a gratidão por generosidades antigas vai esmorecendo. Deixa-me lembrar-te que deves ser

sempre muito exacto nas tuas contas. - Fez uma curta pausa. - Ao fim e ao cabo, eu não sou essa gente dos impostos, não posso aplicar-te aqueles juros terríveis e aquelas multas que eles aplicam.

Ballazzo compreendeu. Com Don Domenico, o castigo era sempre seguro e rápido. Nem sequer haveria aviso. E o castigo era sempre a morte.

Ao fim e ao cabo, de que outra maneira se podia tratar um inimigo?

Don Clericuzio despediu Ballazzo, mas quando acompanhou Pippi à porta, puxou-o para si e disse-lhe ao ouvido:

- Lembra-te, tu eu temos um segredo. Tens de o guardar para sempre.

Eu nunca te dei a ordem.

No relvado diante da mansão, Rose Marie Clericuzio esperava para falar com Pippi De Lena. Era uma viúva muito jovem e muito bonita, mas o preto não lhe ficava bem. O luto pelo marido e pelo irmão suprimia a vivacidade natural tão necessário ao seu tipo especial de beleza. Os seus grandes olhos castanhos estavam demasiado escuros, o tom azeitonado da sua pele demasiado pálido. Só o vestido enfeitado de fitas azuis de Dante, o filho recém-baptizado que tinha nos braços, punha nela uma pincelada de cor.

Durante todo o dia, mantivera-se curiosamente distante do pai, Don Clericuzio, e dos três irmãos, Giorgio, Vincent e Petie. Mas agora esperava por Pippi.

Eram primos, Pippi dez anos mais velho, e, quando era ainda uma adolescente, apaixonara-se loucamente por ele. Mas Pippi mostrara-se sempre paternal, distante. Embora famoso pela sua fraqueza no que respeitava à carne, fora

demasiado prudente para ceder a essa fraqueza com a filha do seu Don.

- Olá, Pippi - disse Marie Rose. - Parabéns.

Pippi sorriu com um encanto que fez o seu rosto brutal parecer atraente.

Inclinou-se para beijar a testa do bebé, notando com surpresa que o cabelo, que ainda conservava um leve cheiro a incenso da igreja, parecia demasiado denso para uma criança tão pequena.

- Dante Clericuzio, um bonito nome - disse.

Não era um elogio inocente. Marie Rose conservara o nome de solteira para si própria e para o filho agora privado do pai. O Don convencera-a a fazê-lo através de uma lógica impecável, mas mesmo assim ela sentia uma certa culpa.

Talvez levada por esta culpa, perguntou.

- Como foi que convenceste a tua mulher protestante a celebrar uma cerimónia católica e dar ao filho um nome tão religioso?

Pippi sorriu-lhe.

- A minha mulher ama-me e gosta de me fazer a vontade.

Era verdade, pensou Rose Marie. A mulher de Pippi amava-o porque não o conhecia. Não como ela própria o conhecera e em tempos o amara.

- Chamaste ao teu filho Croccifixio - comentou. - Podias ao menos ter agradado à Nalene com um nome americano.

Dei-lhe o nome do teu avô, para agradar ao teu pai – respondeu Pippi.

Como é obrigação de todos nós - replicou ela. Mas a ironia do comentário foi disfarçada pelo sorriso. Rose Marie tinha uma estrutura óssea tal que o sorriso lhe aparecia naturalmente no rosto e lhe dava um ar de doçura que roubava a mordacidade ao que quer que dissesse. Fez uma pequena pausa, hesitante. - Obrigada por me teres salvo a vida.

Pippi ficou a olhar para ela por um momento, surpreendido, ligeiramente

apreensivo. Depois disse, suavemente:

- Nunca estiveste em perigo. - Passou-lhe um braço pelos ombros.

- Acredita - continuou -, não penses nessas coisas. Esquece tudo. Temos vidas felizes à nossa frente. Esquece o passado.

Rose Marie inclinou a cabeça para beijar o filho, mas na realidade para esconder o rosto.

- Compreendo tudo - disse, sabendo que ele havia de repetir aquela conversa ao tio e aos primos. -Já me conformei. - Queria que a família soubesse que continuava a amá-los a todos e que estava contente por o filho ter sido recebido no seio da Família, santificado pela água-benta e salvo das penas do inferno.

Nesse momento, Virginio Ballazzo pegou em Rose Marie e em Pippi e levou-os para o centro do relvado. Don Domenico Clericuzio emergiu da mansão, seguido pelos seus três filhos.

Com os homens de fato completo, as mulheres de vestido comprido, as crianças vestidas de cetim, a Família Clericuzio formou um semicírculo diante do fotógrafo. A multidão de convidados aplaudiu e gritou parabéns, e o momento foi registado para a posteridade: um momento de paz, de vitória e de amor.

Mais tarde, a fotografia foi ampliada, emoldurada e pendurada no gabinete particular do Don, ao lado da fotografia de Silvio, o filho morto na guerra contra os Santadio.

Don Clericuzio assistiu ao resto dos festejos da varanda do seu quarto.

Rose Marie contornou o campo de boccia, empurrando o carrinho de bebé, e a mulher de Pippi, Nalene, magra, alta e elegante, atravessou o relvado e foi juntar-se-lhe, levando Croccifixio nos braços. Deitou a criança no carrinho, ao lado de Dante, e as duas mulheres ficaram a olhar amorosamente para os filhos.

O Don sentiu-se invadir por uma onda de alegria ao pensar que aquelas duas crianças viveriam vidas protegidas e tranqüilas e nunca teriam de saber o preço que fora necessário pagar para lhes assegurar o seu feliz destino.

Viu então Petie meter um biberão de leite dentro do carrinho, e todos se riram

quando os dois bebés se puseram a lutar por ele. Rose Marie pegou no filho ao colo, e o Don lembrou-se dela tal como tinha sido apenas poucos anos antes. Suspirou. Não há nada tão belo como uma mulher apaixonada, nem nada tão triste como quando essa mulher fica viúva, pensou, com pena.

Rose Marie era, dos seus filhos, a que mais amara; sempre tão alegre, tão cheia de vida. Mas Rose Marie tinha mudado. A perda do irmão e do marido fora um golpe demasiado grande. No entanto, o Don bem o sabia, os verdadeiros apaixonados voltam sempre a apaixonar-se, e as viúvas acabam por cansar-se de trapos pretos. E agora ela tinha um filho para amar.

O Don recordou a sua vida passada e espantou-se por ter chegado a um desfecho tão feliz. Tomara, é certo, algumas decisões monstruosas para conseguir poder e riqueza, mas sentia poucos remorsos. Fora tudo necessário, e o tempo encarregara-se de demonstrar que tivera razão. Outros homens que gemessem pelos seus pecados. Ele, Don Clericuzio, aceitava-os e punha a sua fé num Deus que, sabia, havia de perdoar-lhe.

Pippi estava agora a jogar boccia com três soldados do Enclave do Bronx, homens mais velhos do que ele, que tinham sólidos negócios no Enclave, mas que o admiravam sem reservas. Pippi, com a sua alegria e graça habituais, continuava no centro das atenções. Era uma lenda, tinha jogado boccia contra os Santadio.

Pippi estava exuberante, gritando de alegria quando a sua bola conseguia afastar a de um adversário da bola-alvo. Que homem, aquele Pippi, pensou o Don. Um soldado fiel, um companheiro agradável. Forte e rápido, astuto e resistente.

O seu querido amigo Virginio Ballazzo aparecera no campo de boccia. Era o único homem que podia rivalizar com Pippi em habilidade.

Ballazzo fez um floreado com o braço ao lançar a bola, e ouviu-se um coro de felicitações quando acertou no alvo. Ergueu a mão na direcção da varanda, num gesto de triunfo, e o Don aplaudiu. Sentia-se orgulhoso por homens como aqueles terem crescido e prosperado sob o seu mando, como todos os que se tinham reunido em Quogue naquele Domingo de Ramos. E

por saber que a sua clarividência e visão de futuro ia protegê-los a todos durante os anos difíceis que se aproximavam.

O que o Don não podia prever era as sementes do mal já presentes em espíritos que nem tinham ainda começado a formar-se.

Livro I

Hollywood.

Las Vegas.

1990.

Capítulo I

Os cabelos ruivos de Boz Skannet reflectiam a luz amarelada do sol da primavera californiana. O seu corpo tenso, musculado, vibrava, pronto para entrar numa grande batalha. Todo o seu ser se exaltava à ideia de que aquilo que ia fazer seria visto por um bilião de pessoas em todo o mundo.

No cós elástico dos calções de ténis que vestia trazia uma pequena pistola, escondida pelo blusão de fecho de correr fechado de cima a baixo.

Era um blusão branco, atravessado por grandes desenhos verticais vermelhos em forma de raios. Uma fita escarlate com pintas azuis cingia-lhe a testa.

Na mão direita segurava uma grande garrafa prateada de água mineral. Boz Skannet apresentava-se perfeitamente equipado para o mundo do espectáculo em que estava prestes a entrar.

Esse mundo era uma enorme multidão reunida diante do Dorothy Chandler Pavilion em Los Angeles, uma multidão que aguardava a chegada das estrelas de cinema para a cerimónia de atribuição dos Óscares.

Enormes tribunas especialmente construídas para a ocasião eram ocupadas pelos espectadores; a rua propriamente dita estava cheia de câmaras de TV e de repórteres, prontos a transmitir para todo o mundo as imagens do acontecimento. Naquela noite, as pessoas iam ver as grandes estrelas em carne e osso, despidas das suas peles míticas e sujeitas ao perder-e-ganhar da vida real.

Seguranças uniformizados, com os bastões castanhos e luzidios enfiados nos coldres, formavam um perímetro para manter os espectadores à distância.

Boz Skannet não se preocupou com eles. Era mais forte, mais rápido e mais duro do que aqueles homens, e tinha por si a vantagem da surpresa.

Estava atento aos repórteres de televisão e aos cameramen que deambulavam de um lado para o outro em busca de uma estrela que pudessem interceptar.

Mas esses estariam mais interessados em registar do que em impedir.

Uma limusina branca deteve-se diante da porta do Pavilion, e Skannet viu Athena Aquitane, "a mulher mais bela do mundo", na opinião de várias revistas. Quando ela apareceu, a multidão comprimiu-se contra as barreiras, gritando o seu nome. As câmaras cercaram-na e levaram a sua beleza aos quatro cantos da Terra. Ela acenou.

Skannet saltou por cima da vedação da tribuna. Ziguezagueou por entre as barreiras destinadas a controlar o trânsito, viu as camisas castanhas dos guardas começarem a convergir, num padrão familiar. Não vinham no ângulo certo. Passou por eles tão facilmente como, anos antes, passava pelos defesas no campo de futebol 2. E chegou no segundo exacto. Ali estava Athena a falar para um microfone, com a cabeça levemente inclinada para mostrar às câmaras o seu melhor ângulo. Havia três homens junto dela. Skannet certificou-se de que a câmara o tinha enquadrado e então lançou o líquido da garrafa à cara de Athena Aquitane.

- Aqui tens um pouco de ácido, grande cabra! - gritou. Depois voltou-se directamente para a câmara e, com uma expressão composta, séria e muito digna, disse:- Ela merecia-o.

No instante seguinte foi engolfado por uma vaga de homens vestindo camisas castanhas, brandindo bastões. Deixou-se cair de joelhos.

No último instante, Athena Aquitane tinha-lhe visto a cara. Ouvira-o gritar e voltara a cara, de modo que o líquido a atingira na face e na orelha.

Um bilião de telespectadores viram como tudo aconteceu. O rosto encantador de Athena, o líquido prateado na sua face, o choque e o horror, a expressão de espanto ao reconhecer o agressor, a máscara de puro medo que durante um segundo destruiu toda a sua arrogante beleza.

Um bilião de telespectadores viram como a polícia arrastava Boz Skannet para longe. Parecia ele próprio uma estrela de cinema ao erguer as 2 Sempre que aqui se fala de futebol, trata-se, naturalmente, do futebol americano, que é, como se sabe, uma versão mais violenta, mais vistosa e infinitamente mais "rica" do austero e viril râguebi.

mãos algemadas num gesto de vitória, antes de cair por terra quando um agente

enfurecido, tendo-lhe descoberto a pistola no cós dos calções, lhe desferiu uma seca e violentíssima bastonada nos rins.

Athena Aquitane, ainda abalada pelo choque, limpou automaticamente o líquido da face. Não teve qualquer sensação de queimadura. As gotas que lhe ficaram na mão começavam a dissolver-se. As pessoas comprimiam-se à sua volta, para a protegerem, para a levarem dali.

Libertou-se delas e disse calmamente:

- E apenas água. - Lambeu as gotas da mão, para se certificar. Depois tentou sorrir. - Típico do meu marido - acrescentou.

Athena, mostrando a grande coragem que ajudara a fazer dela uma lenda, entrou rapidamente no pavilhão onde se desenrolaria a cerimónia de entrega dos galardões da Academia. Quando recebeu o Oscar para a melhor actriz, a multidão pôs-se de pé e aplaudiu pelo que que pareceu uma eternidade.

Na fresca suite do terraço do Xanadu Casino Hotel de Las Vegas, o proprietário, um velho de oitenta e cinco anos, estava a morrer. Mas, naquele dia de Primavera, tinha a sensação de conseguir ouvir, dezasseis pisos mais abaixo, o saltitar de uma bola de marfim nos ressaltos vermelhos e negros das roletas, o murmúrio distante dos jogadores que falavam rouca e implora-tivamente aos dados que lançavam, o zumbido dos milhares de slot machines que devoravam moedas de prata.

Alfred Gronevelt estava tão feliz quanto um homem pode estar na hora da morte. Durante quase noventa anos fora fura-vidas, chulo diletante, jogador, cúmplice de um assassínio, manobrador político, e, finalmente, o rigoroso mas benévolo dono do Xanadu Casino Hotel. Por medo de ser traído, nunca amara verdadeiramente um único ser humano, mas fora bom para muitos. Não sentia remorsos. Agora, aproveitava o mais que podia os pequenos prazeres que a vida lhe permitia. Como a volta que todas as tardes dava pelas instalações do Casino.

Croccifixio "Cross" De Lena, o seu braço-direito havia pelo menos cinco anos, entrou no quarto e perguntou: "Pronto, Alfred." E Gronevelt sorriu-lhe e assentiu com a cabeça.

Cross pegou nele e sentou-o na cadeira de rodas, a enfermeira envolveu-o em mantas e o criado foi pôr-se no seu lugar, pronto para empurrar. A enfermeira

entregou a Cross uma caixa de comprimidos e abriu a porta da suite. Ficaria ali. Gronevelt não suportava a sua companhia naqueles passeios.

A cadeira de rodas rolou suavemente sobre a relva artificial do jardim fronteiro à suite e entrou no elevador privado que descia os dezasseis andares até ao Casino.

Gronevelt sentava-se muito direito na sua cadeira, olhando à esquerda e à direita. Era aquele o seu prazer, ver homens e mulheres tentarem batê-lo num jogo em que as probabilidades estavam eternamente do seu lado. A cadeira de rodas atravessou lentamente a área do vinte-e-um e da roleta, contornou a mesa de bacará, percorreu a floresta das mesas de dados. Os jogadores mal reparavam no velho que passava por eles na sua cadeira de rodas, com os olhos brilhantes e atentos e um sorriso divertido no rosto esquelético. Jogadores em cadeiras de rodas eram comuns em Las Vegas. Talvez pensassem que o destino lhes devia um pouco de sorte pelos seus infortúnios.

Finalmente, a cadeira entrou na cafetaria-restaurante. O criado deixou-os no compartimento privado e retirou-se para outra mesa, à espera de ordens.

Através da parede de vidro, Gronevelt via a enorme piscina, a água a brilhar com um azul quente ao sol do Nevada; jovens mães com crianças emergiam à superfície, como outros tantos brinquedos coloridos. Sentiu uma pequena pontada de prazer ao pensar que tudo aquilo fora obra sua.

- Alfred, coma qualquer coisa - estava Cross De Lena a dizer.

Gronevelt sorriu-lhe. Achava-o extraordinariamente bonito, de uma maneira que o tornava atraente tanto para os homens como para as mulheres, e era uma das poucas pessoas em quem quase conseguira confiar ao longo de toda a sua vida.

- Adoro este negócio - disse. - Cross, és o herdeiro da minha parte no hotel, e sei que vais ter de lidar com os nossos sócios em Nova Iorque.

Mas nunca deixes o Xanadu.

Cross bateu ao de leve na mão do velho, de ossos nodosos por baixo da pele.

- Não deixarei - prometeu.

Gronevelt sentiu o vidro da parede trazer-lhe o calor do sol para o sangue.

- Cross - disse-, ensinei-te tudo. Ambos fizemos algumas coisas difíceis, verdadeiramente duras de fazer. Nunca olhes para trás. Sabes que as percentagens funcionam de maneiras diferentes. Faz tantas boas acções quantas puderes. Compensa sempre. Não estou a falar de te apaixonares ou de te deixares dominar pelo ódio. Essas são jogadas péssimas em termos de percentagens.

Bebericaram café juntos. Gronevelt comeu um estaladiço pastel de massa folhada. Cross bebeu sumo de laranja com o café.

- Uma coisa - continuou. - Nunca dês uma villa a alguém que não tenha jogado um milhão. Nunca esqueças isto. As villas são lendárias.

São muito importantes.

Cross voltou a tocar na mão do velho, mas desta vez deixou a sua ficar.

O seu afecto era genuíno. De certa maneira, amava mais Gronevelt do que o seu próprio pai.

- Não se preocupe - disse. - As villas são sagradas. Mais alguma coisa?

Os olhos de Gronevelt eram opacos, velados por cataratas que escondiam o antigo fogo.

Tem cuidado - aconselhou. - Tem sempre muito cuidado.

Terei - prometeu Cross, e então, para afastar do espírito do velho a ideia da morte iminente, perguntou:- Quando é que me conta a história da grande guerra contra os Santadio? Na altura trabalhava para eles. Nunca ninguém fala sobre isso.

Gronevelt suspirou como os velhos suspiram, apenas um murmúrio, quase despido de emoção.

Bem sei que o tempo começa a escassear - disse. - Mas ainda não posso falar contigo. Pergunta ao teu pai.

Já perguntei. Recusou-se a falar.

O passado é o passado - murmurou Gronevelt. - Nunca lá voltes.

Nem para procurar desculpas, nem justificações, nem felicidade. Tu és o que és, e o mundo é o que é.

De novo na suite do terraço, a enfermeira deu a Gronevelt o seu banho da tarde e mediu-lhe os sinais vitais. Franziu o sobrolho, e Gronevelt disse:

- São apenas percentagens.

Nessa noite dormiu profundamente e, quando a aurora rompeu, pediu à enfermeira que o ajudasse a chegar à varanda. Ela instalou-o na grande cadeira de braços e envolveu-o em mantas. Depois sentou-se ao lado dele e pegou-lhe na mão, para lhe medir o pulso. Quando tentou retirar a mão, Gronevelt continuou a agarrar-lha. Ela não insistiu e ficaram ambos a ver o sol subir acima do deserto.

O sol era uma bola vermelha que transformava o céu de negro azulado em laranja escuro. Gronevelt via os courts de ténis, o campo de golfe, a piscina, as sete villas que refulgiam como outros tantos Versalhes, todas elas ostentando a bandeira do Xanadu Hotel: fundo verde com pombas brancas. E, para além delas, o interminável deserto de areia.

Criei tudo isto, pensou Gronevelt. Ergui cúpulas de prazer no meio da desolação. E construí para mim mesmo uma vida feliz. Tudo isto a partir do nada. Tentei ser um homem tão bom quanto é possível neste mundo.

Deverei ser julgado? Voltou em pensamento ao tempo da sua infância, quando ele e os amigos, filósofos de catorze anos, discutiam Deus e os valores morais, como os rapazes faziam nessa altura.

"Se pudesses ganhar um milhão de dólares carregando num botão e matando um milhão de chineses", dizia-lhe triunfantemente um dos amigos, como se estivesse a colocá-lo perante um grande e irresolúvel dilema moral,

"eras capaz de fazê-lo?" E, depois de muitas discussões, todos concordavam que não. Excepto Gronevelt.

E tinha razão, pensava agora. Não por causa da sua vida bem sucedida, mas porque o grande dilema já nem sequer se punha. Já não era um dilema. Já só se podia pôr de uma maneira:

"Serias capaz de carregar no botão para matar dez milhões de chineses" -

porquê chineses? - "por cem dólares?" A pergunta era agora essa.

O mundo estava a tornar-se escarlate de luz, e Gronevelt apertou a mão da enfermeira para manter o equilíbrio. Era capaz de olhar directamente para o sol, graças ao escudo das cataratas. Pensou confusamente em certas mulheres que conhecera e amara e em certas coisas que fizera. E nos homens que derrotara impiedosamente, e nas vezes em que se mostrara misericordioso. Pensou em Cross como num filho e teve pena dele, e de todos os Santadio, e dos Clericuzio. E sentiu-se feliz por ir deixar tudo aquilo para trás. O que era melhor, ao fim e ao cabo: viver uma vida feliz ou uma vida moral? E seria preciso ser chinês para decidir?

Esta última confusão destruiu-o definitivamente. A enfermeira, que lhe segurava a mão, sentiu-a ficar fria, pôr-se tensa. Inclinou-se para procurar-lhe o pulso e a respiração. Não havia dúvida. Alfred Gronevelt deixara de existir.

Cross De Lena, herdeiro e sucessor, encarregou-se de organizar as exéquias solenes de Gronevelt. Todas as personalidades de Las Vegas, todos os grandes jogadores, todas as suas antigas amigas ou amantes, todo o pessoal do hotel, tinham de ser convidados ou avisados. Porque Alfred Gronevelt fora o génio indisputado do jogo em Las Vegas.

Angariara e contribuíra com fundos para construir igrejas de todas as religiões, pois, como costumava dizer, "As pessoas que acreditam na religião e no jogo merecem uma recompensa qualquer pela sua fé." Impedira a construção de bairros de lata, edificara hospitais e escolas de primeira qualidade. Sempre, como afirmava, por uma questão de interesse próprio.

Desprezava Atlantic City, onde, sob a orientação do estado, os senhores do jogo embolsavam o dinheiro todo e não faziam nada pelas infraestruturas sociais.

Gronevelt fora o primeiro a convencer o público de que o jogo não era um vício sórdido mas uma fonte de entretenimento da classe média, tão normal como o golfe ou baseball. Transformara o jogo numa indústria respeitável na América. Las Vegas em peso havia de querer prestar-lhe homenagem.

Cross pôs de lado as suas emoções pessoais. Experimentava uma profunda sensação de perda, pois houvera um genuíno laço de afecto entre eles durante toda a sua vida. E agora era dono de cinquenta e um por cento do Xanadu Hotel. Que valiam pelo menos 500 milhões.

Sabia que a sua vida tinha de mudar. Sendo tão mais poderoso e rico, haveria forçosamente muito mais perigos. As suas relações com Don Clericuzio e a Família tornar-se-iam mais delicadas, na medida em que era agora sócio deles num empreendimento colossal.

O primeiro telefonema que Cross fez foi para Quogue, onde falou com Giorgio, que lhe deu determinadas instruções. Giorgio disse-lhe que ninguém da Família estaria presente no funeral, com excepção de Pippi.

Dante seguiria no próximo avião para cumprir a missão de que já tinham falado, mas não assistiria à cerimónia. O facto de ele, Cross, ser agora proprietário de metade do hotel não foi sequer referido.

Havia uma mensagem da irmã, Claudia, mas quando lhe ligou foi atendido pelo gravador de chamadas. Havia outra mensagem de Ernest Vail.

Gostava de Vail, tinha guardados no cofre cinquenta mil dólares em vales com a assinatura dele, mas Vail teria de esperar até depois do funeral.

A terceira mensagem era do pai, Pippi, que fora amigo de Gronevelt durante muitos, muitos anos. E de cujo conselho ele agora necessitava para conduzir a sua vida futura. Como iria o pai reagir ao seu novo estatuto, à sua nova riqueza? O problema era tão delicado como a maneira de lidar com os Clericuzio, que teriam de adaptar-se ao facto de o seu bruglione no Oeste se ter tornado um homem poderoso e rico por direito próprio.

De que o Don se mostraria justo, Cross não tinha a mínima dúvida; que o seu próprio pai o apoiaria era um dado praticamente adquirido. Mas, e os filhos do Don, Giorgio, Vincent e Petie, como reagiriam? E o neto, Dante? Ele e Dante eram inimigos desde que tinham sido baptizados juntos na capela particular do Don. Toda a Família o sabia.

E agora Dante ia chegar a Las Vegas para fazer o "serviço" em Big Tim the Rustler. Isso aborrecia-o, pois tinha uma espécie de simpatia perversa por Big Tim. A sentença fora, porém, pronunciada pelo próprio Don, e Cross preocupava-se com a maneira como Dante faria o trabalho.

O funeral de Alfred Gronevelt foi o maior a que Las Vegas alguma vez assistira, um tributo ao génio. O corpo ficou em câmara ardente na igreja protestante que o dinheiro dele ajudara a construir e que combinava a grandiosidade das

catedrais europeias com as paredes castanhas e ligeiramente inclinadas da cultura americana nativa. E que, com o tradicional espírito prático de Las Vegas, tinha um imenso parque de estacionamento, decorado com motivos americanos nativos e não religiosos europeus.

O coro que cantou os louvores ao Senhor e encomendou a alma de Gronevelt ao Céu pertencia à universidade onde ele financiara três cadeiras de humanidades.

Centenas de acompanhantes, que tinham completado os seus estudos graças às bolsas que Gronevelt instituíra, arvoravam expressões convincentemente pesarosas. Alguns dos presentes eram grandes jogadores que haviam perdido fortunas no hotel e pareciam moderadamente contentes por terem finalmente levado a melhor sobre Gronevelt. Várias mulheres, sozinhas, algumas de meia idade, choravam em silêncio. Havia representantes das sinagogas judaicas e das igrejas católicas que ajudara a construir.

Encerrar o casino seria contrário a tudo aquilo em que Gronevelt acreditara, mas havia os gerentes e os croupiers que não estavam no turno do dia. Até alguns ocupantes das villas fizeram a sua aparição, e foram recebidos com especial deferência por Cross e por Pippi.

O governador do estado do Nevada, Walter Wavven, assistiu à cerimónia, acompanhado pelo mayor. A própria Strip foi vedada ao trânsito, para que a longa procissão de carros fúnebres prateados, limusinas negras e acompanhantes a pé pudesse seguir o corpo até ao cemitério e Alfred Gronevelt pudesse, uma última vez, atravessar o mundo que tinha criado.

Nessa noite, os cidadãos visitantes de Vegas prestaram a Gronevelt o tributo final que ele mais teria apreciado. Jogaram com um frenesi que estabeleceu um novo recorde de receitas, exceptuando, evidentemente, a noite de Ano Novo. Enterraram o seu dinheiro com o corpo dele, em sinal de respeito.

E, no fim desse dia, Cross De Lena preparou-se para começar a sua nova vida.

Nessa noite, sozinha na sua casa de praia na Malibu Colony, Athena Aquitane procurava decidir o que fazer. Sentada no sofá, a pensar, estremeceu levemente ao sentir a brisa que soprava do oceano e entrava pelas portas abertas da janela de sacada.

É difícil imaginar uma estrela de cinema mundialmente famosa como era quando

criança. é difícil imaginá-la a passar pelo processo de se tornar uma mulher. Tão poderoso é o carisma das estrelas de cinema que é como se as suas imagens adultas, de heróis ou de beldades, tivessem surgido, já completamente formadas, da cabeça de Zeus. Nunca fizeram chichi na cama, nunca tiveram acne, nunca foram feias, nunca sofreram da paralisante timidez e falta de graça da adolescência, nunca se masturbaram, nunca suplicaram amor, nunca estiveram à mercê do destino. Athena tinha muita dificuldade, agora, em recordar sequer uma pessoa assim.

Pensou que nascera uma das pessoas mais afortunadas do mundo. Todas as coisas boas lhe aconteciam naturalmente. Tinha uma mãe e um pai extraordinários, que reconheciam os seus dons e os acarinhavam. Adoravam a sua beleza física, mas faziam tudo o que podiam por lhe educar o espírito. O

pai guiava-a nos desportos, a mãe na literatura e nas artes. Não conseguia lembrar-se de um único momento da sua infância em que se tivesse sentido infeliz. Até fazer dezassete anos.

Apaixonou-se por Boz Skannet, que era quatro anos mais velho, uma estrela regional do futebol na universidade que freqüentava. Os pais eram os donos do maior banco do estado do Texas. Boz era quase tão bonito quanto Athena era bela, e além disso era divertido, era encantador, e adorava-a. Os seus corpos perfeitos atraíram-se como dois ímans, os nervos a faiscar como cabos de alta tensão, a pele toda ela seda e leite.

Entraram num paraíso especial e, para terem a certeza de que duraria para sempre, casaram-se.

Passados poucos meses, Athena engravidou, mas, com a sua habitual perfeição corporal, ganhou muito pouco peso; nunca se sentia enjoada e a idéia de ter um bebé deliciava-a. Por isso continuou a ir à universidade, a ter aulas de representação, a jogar golfe e ténis. Boz batia-a no ténis, mas ela derrotava-o facilmente no golfe.

Boz foi trabalhar para o banco do pai. Depois de ter o filho, uma menina a que deu o nome de Bethany, Athena continuou a ir às aulas, uma vez que Boz ganhava o suficiente para contratar uma ama e uma criada. O

casamento tornou Athena ainda mais sedenta de conhecimentos. Lia vorazmente, sobretudo peças de teatro. Pirandello deliciava-a, Strindberg assustava-a,

Tennessee Williams fazia-a chorar. Tornou-se mais vibrante, a sua inteligência como que constituiu uma moldura para a sua beleza física, dando-lhe uma dignidade que a beleza por vezes não tem. Não é de espantar que muitos homens, jovens e velhos, se apaixonassem por ela. Os amigos de Boz Skan-net invejavam-no por ter uma mulher assim. Athena orgulhava-se da sua perfeição, até que, anos mais tarde, se apercebeu de que essa mesma perfeição irritava muita gente, incluindo amigos e amantes.

Boz dizia, na brincadeira, que era como ter um Rolls e ser obrigado a estacioná-lo na rua todas as noites. Era suficientemente inteligente para saber que a mulher estava destinada a outros vôos, para saber que ela era extraordinária. E via muito claramente que estava condenado a perdê-la, como perdera os seus próprios sonhos. Não houvera uma guerra em que pudesse provar a sua coragem, embora se soubesse destemido. Sabia que tinha encanto e beleza física, mas nenhum talento especial. Não estava interessado em amealhar uma imensa fortuna.

Tinha ciúmes dos dons de Athena, da maneira como ela estava certa do seu lugar no mundo.

Por isso Boz cumpriu o seu destino. Começou a beber de mais, a seduzir as mulheres dos colegas e, no banco do pai, realizou algumas transacções menos claras. Tornou-se orgulhoso da sua astúcia, como qualquer homem se orgulha de uma habilidade recém-adquirida, e utilizou-a para esconder o seu crescente ódio pela mulher. Ou não seria heróico odiar alguém tão belo e perfeito como Athena?

Boz tinha uma saúde extraordinária, apesar do seu deboche. Também, cuidava dela. Treinava todos os dias no ginásio, começou a ter lições de pugilismo. Adorava o universo primitivamente físico do ringue, onde podia esmurrar a cara de um ser humano, a astúcia de, no último instante, substituir um directo por um gancho, o estoicismo de agüentar o castigo.

Adorava a caça, a sensação de poder que lhe proporcionava ver cair fulminado o

animal visado. E adorava seduzir mulheres ingénuas, os esquemas, os ardis e as estratégias da conquista e do romance.

Então, com essa astúcia recém-adquirida, começou a procurar uma solução. Ele e Athena teriam mais filhos. Quatro, cinco, seis. Isso havia de voltar a juntá-los. Isso havia de impedi-la de voar para longe. Mas, dessa vez, Athena percebeu o

que ele queria, e disse não. Disse mais: "Se queres filhos, vai tê-los com essas mulheres com quem andas a dormir."

Foi a primeira vez que lhe falou com dureza. Não ficou espantado por ela saber das suas infidelidades; não tentara escondê-las. Na realidade, isso fazia parte do seu jogo; nesse caso, teria sido ele a afastá-la, e não ela a abandoná-lo.

Athena apercebeu-se do que estava a passar-se com Boz, mas era demasiado jovem e estava demasiado centrada na sua própria vida para lhe dar a atenção necessária. Foi só quando ele se revelou cruel que Athena descobriu a têmpera do seu próprio carácter, uma impaciência intransigente para com a estupidez.

Boz começou a fazer aquelas coisas que os homens que odeiam as mulheres fazem. E Athena convenceu-se de que ele tinha enlouquecido.

Era sempre ele quem ia buscar a roupa à lavanderia, pois, como costumava dizer, "Querida, o teu tempo é muito mais precioso que o meu.

Tens todas essas aulas especiais de teatro e de música, além do trabalho na universidade." E pensava que ela não notava o despeito e a censura, por causa do tom despreocupado da sua voz.

Um dia, Boz chegou a casa com os braços carregados de vestidos dela, quando Athena estava a tomar banho. Olhou de cima para ela, toda cabelos de ouro e pele branca, seios redondos e nádegas enfeitadas com salpicos de espuma. Com uma voz tensa, disse: "Que tal se eu atirasse esta porcaria toda para dentro da banheira?" Mas, em vez disso, pendurou os vestidos no armário, ajudou-a a sair da água e secou-a com uma toalha cor-de-rosa.

Depois fizeram amor. Umas semanas mais tarde, a cena repetiu-se, mas desta vez ele atirou as roupas para dentro da banheira.

Certa noite ameaçou partir toda a louça que estava em cima da mesa, mas não o fez. Uma semana mais tarde, destruiu tudo o que havia na cozinha. Pedia sempre desculpa depois desta cenas, e tentava sempre ir para a cama com ela. Mas agora Athena repelia-o, e passaram a dormir em quartos separados.

Noutra ocasião, ao jantar, Boz levantou um punho e disse: "A tua cara é demasiado perfeita. Talvez se eu te partisse o nariz ficasses com mais carácter, como o Marlon Brando."

Athena correu para a cozinha e ele seguiu-a. Ela estava terrivelmente assustada e pegou numa faca. Boz riu-se e disse: "Essa é uma coisa que não sabes fazer." E tinha razão. Tirou-lhe a faca da mão com toda a facilidade.

Depois acrescentou: "Estava só a brincar. O teu mal é não teres sentido de humor."

Athena, com vinte anos, poderia ter-se voltado para os pais em busca de ajuda, mas não o fez, e não tinha o costume de abrir-se com os amigos.

Em vez disso, pensou muito bem em tudo aquilo, confiou na sua inteligência.

Compreendeu que nunca conseguiria acabar a universidade, a situação era demasiado perigosa. Sabia que as autoridades não poderiam protegê-la.

Considerou por instantes a possibilidade de se esforçar para que Boz voltasse a amá-la verdadeiramente, para que voltasse a ser o Boz dos velhos tempos, mas agora sentia uma tal aversão física por ele que não suportava sequer a idéia de sentir as mãos dele tocarem-lhe, e sabia que nunca seria capaz de fazer uma representação convincente de amor, embora a opção apelasse ao seu sentido dramático.

O que Boz fez e que finalmente a convenceu de que tinha de sair não teve nada a ver com ela, mas com Bethany.

Uma das suas brincadeiras habituais consistia em atirar a criança ao ar e fingir que não ia apanhá-la, só o fazendo no último instante. Mas, uma vez, deixou a menina cair, aparentemente por acidente, em cima do sofá.

Até que, certo dia, a deixou muito deliberadamente cair no chão. Athena lançou um grito de horror e correu a pegar na bebé ao colo, para a acalmar, para a confortar. Passou a noite acordada, sentada junto do berço da filha, para se certificar de que estava bem. Bethany ficou com um grande galo na cabeça. Boz desculpou-se lacrimosamente, prometendo nunca mais repetir aquela brincadeira. Mas Athena tinha tomado uma decisão.

No dia seguinte, liquidou as suas contas bancárias. Estabeleceu um intricado plano de viagens, para que os seus movimentos não pudessem ser seguidos. Dois dias mais tarde, quando Boz chegou a casa, ela e a menina tinham desaparecido.

Seis meses depois, Athena reapareceu em Los Angeles, sem a filha, e iniciou a sua carreira. Arranjou sem dificuldade um agente de nível médio e começou a trabalhar em pequenos grupos de teatro. Foi primeira figura numa peça no Mark Taper Fórum, o que levou a pequenos papéis em pequenos filmes, até que foi escolhida para o papel secundário num filme de classe A. No seu próximo filme, tornou-se uma estrela "Cotável" e Boz Skannet reentrou na sua vida.

Conseguiu mantê-lo à distância durante os três anos seguintes, mas não ficou supreendida com o que ele fez na Academia. Um velho truque.

Desta vez, apenas uma brincadeira... mas, da próxima, a garrafa estaria cheia de ácido. - Reina a maior das confusões nos estúdios - disse nessa manhã Molly Flanders a Claudia De Lena. - Um problema com a Athena Aquitane.

Estão com medo que ela não volte a trabalhar no filme, por causa do ataque na atribuição dos Oscares. E o Bantz quer-te lá. Querem que fales com ela.

Claudia fora ao escritório de Molly acompanhada por Ernest Vail.

- Telefono-lhe logo que tivermos acabado - disse. - Ela não pode estar a falar a sério.

Molly Flanders era uma advogada especializada no mundo dos espectáculos, e, numa cidade cheia de pessoas temíveis, ela era a mais temida litigante no negócio do cinema. Adorava positivamente bater-se em tribunal, e ganhava quase sempre porque era uma grande actriz, além de ter um conhecimento profundo da lei.

Antes de optar por aquela especialização, fora uma das principais advogadas de defesa do estado da Califórnia. Livrara vinte assassinos da câmara de gás. O pior que qualquer desses seus clientes tivera de suportar foram uns poucos anos por homicídios de vários graus. Mas então os nervos tinham cedido e ela passara para o mundo do espectáculo, onde, como costumava dizer, havia menos sangue e os vilões eram muito mais perversos e mais espertos.

Agora representava realizadores de Classe A, Estrelas Cotáveis e argumentistas de primeiro plano. E, na manhã seguinte à atribuição dos Oscares, uma das suas clientes preferidas, Claudia De Lena, tinha ido procurá-la. Com ela estava o seu parceiro argumentista do momento, o em tempos famoso romancista Ernest Vail.

Claudia De Lena era uma velha amiga, e, embora uma das clientes menos importantes de Flanders, sem dúvida a mais íntima. Por isso, quando Claudia lhe pedira para tomar conta do caso de Vail, ela aceitara. Agora estava arrependida. Vail aparecera com um problema que nem sequer ela podia resolver. Além disso, era um homem pelo qual não conseguia sentir qualquer espécie de afecto, embora geralmente aprendesse a gostar até dos seus clientes assassinos. O que a fazia sentir-se um pouco culpada por ter de lhe dar as más notícias.

- Ernest - disse -, examinei todos os contratos, toda a papelada legal. E não faz sentido continuar o processo contra os LoddStone Studios.

A única maneira de recuperar os seus direitos é bater a bota antes de o copy-right expirar. O que significa algures nos próximos cinco anos.

Dez anos antes, Ernest Vail fora o mais famoso romancista da América, elogiado pela crítica, lido por um vasto público. Um dos seus romances tinha uma personagem com as características típicas de um produto defran-chising, que a LoddStone explorara. Os estúdios compraram os direitos, fizeram o filme e obtiveram um êxito tremendo. Duas continuações proporcionaram igualmente lucros fabulosos. Agora, tinham quatro novas continuações na forja. Infelizmente para Vail, o seu primeiro contrato cedera aos estúdios todos os direitos sobre as personagens e o título, em todos os planetas do universo, para todas as formas de entretenimento, descobertas e por descobrir. O contrato padrão para os romancistas que ainda não tinham adquirido peso na indústria do cinema.

Ernest Vail era um homem que trazia sempre no rosto uma expressão azeda, sombria. E tinha boas razões para isso. Os críticos continuavam a aplaudir os seus livros, mas o público já não os lia. Além disso, a despeito do seu talento, transformara a sua vida numa perfeita desgraça. Nos últimos vinte anos, a mulher deixara-o, levando os três filhos consigo. Ganhara dinheiro com o seu único livro que passara com êxito ao cinema, mas isso fora apenas uma vez, enquanto os estúdios iam ganhar centenas de milhões ao longo dos anos.

Explique-me isso - pediu Vail.

Os contratos são à prova de fogo - disse Molly. - A Loddstone é a proprietária das suas personagens. Só há uma escapatória. Segundo a lei do direito de autor, quando morrer, os direitos de todas as suas obras revertem para os seus

herdeiros.

Pela primeira vez, Vail sorriu.

- Libertação -- disse.

- De que tipo de dinheiro estamos aqui a falar? - perguntou Claudia.

Bastante - respondeu Molly. - Cinco por cento da receita bruta.

Imaginemos que eles ainda espremem mais cinco filmes daquela história e não há grandes desastres. Com uma receita de um bilião, a nível mundial, estamos a falar de trinta ou quarenta milhões. - Fez uma curta pausa e sorriu sardonicamente. - Se estivesse morto, era capaz de arranjar para os seus herdeiros muito mais do que isso. Aí é que tínhamos mesmo a pistola apontada à cabeça deles.

Telefone aos tipos da LoddStone - pediu Vail. - Quero uma reunião. Vou convencê-los de que se não me derem uma parte, me mato.

Eles não vão acreditar - afirmou Molly.

Então mato-me mesmo!

Tem juízo - interveio Claudia, amistosamente. - Ernest, tens só cinqüenta e seis anos. És demasiado novo para morrer por dinheiro.

Por princípios, pelo bem do teu país, por amor, muito bem. Mas por dinheiro, não.

Tenho de olhar pela minha mulher e pelos meus filhos – declarou Vail.

A sua ex-mulher - corrigiu Molly. - E, pelo amor de Deus, já casou outras duas vezes depois disso.

Estou a falar da minha verdadeira mulher - insistiu Vail. – Da mãe dos meus filhos.

Molly percebeu por que razão ninguém em Hollywood gostava dele.

Disse:

Os estúdios não vão dar-lhe aquilo que quer. Sabem que não se matará e não se deixarão levar pelo blefe de um escritor. Se fosse uma Estrela Cotável, talvez, um realizador Classe A, talvez. Mas um escritor, nunca.

Vocês não passam de merda neste negócio. Desculpa, Claudia.

O Ernest sabe disso e eu sei disso - respondeu Claudia. - Se nesta cidade não tivessem todos um medo de morte de uma folha de papel em branco, corriam connosco de uma vez por todas. Mas não há mesmo nada que possas fazer?

Molly suspirou e ligou para Eli Marrion. Tinha peso suficiente para chegar a Bobby Bantz, o presidente da LoddStone.

Depois desta conversa, Claudia e Vail tinham ido beber um copo ao Polo Lounge.

- É uma mulher grande, essa tua amiga Molly - disse Vail, pensativamente. - As mulheres grandes são mais fáceis de seduzir. E são muito mais agradáveis na cama do que as mulheres pequenas. Nunca reparaste?

Claudia perguntou a si mesma, e não pela primeira vez, por que seria tão amiga de Vail. Poucas pessoas eram. Mas ela gostava dos romances dele.

Continuava a gostar.

És um parvo chapado - atirou-lhe.

Não, a sério, as mulheres grandes são mais meigas. Levam-nos o pequeno-almoço à cama, fazem um monte de pequenas coisas por nós.

Coisas femininas.

Claudia encolheu os ombros. Vail continuou:

- As mulheres grandes têm bom coração. Houve uma que me levou a casa uma noite, depois de uma festa, e não sabia mesmo o que fazer comigo.

Pôs-se a olhar à volta, no quarto, exactamente como a minha mãe costumava olhar para a cozinha quando não havia nada que comer em casa e ela estava a tentar descobrir como preparar uma refeição Estava a perguntar a si mesma

como diabo íamos nós divertir-nos com o material disponível.

Acabaram lentamente as bebidas. Claudia sentiu uma onda de ternura, como sempre que ele se mostrava assim aberto e desarmante.

Sabes como é que eu e a Molly nos tornámos amigas? - perguntou. -

Ela estava a defender um tipo qualquer que tinha assassinado a namorada e precisava de um bom diálogo para ele usar no tribunal. Escrevi a cena como se fosse um filme, e o tipo safou-se com uma acusação de homicídio não premeditado. Acho que escrevi o diálogo e o enredo para três outros casos antes de acabarmos com aquilo.

Odeio Hollywood - disse Vail.

Só odeias Hollywood porque os tipos da LoddStone te lixaram com essa história do livro.

Não, não é só isso. Sou como aquelas civilizações antigas, os Astecas, ou os Impérios Chineses, ou os índios Américanos Nativos, que foram destruídas por pessoas com uma tecnologia mais sofisticada. Sou um escritor a sério. Escrevo romances que fazem apelo à inteligência. Esse tipo de escrita é uma tecnologia muito antiquada. Não consigo agüentar-me contra os filmes. Os filmes têm câmaras, têm cenários, têm música e têm aquelas caras muito grandes. Como é que um escritor pode conjurar tudo isso apenas com palavras? E os filmes estreitaram o campo de batalha. Não precisam de conquistar o cérebro, só o coração.

Vai-te lixar! E eu, não sou uma escritora? - respondeu-lhe Claudia. -

Um argumentista não é um escritor? Só dizes isso porque não és bom nesse tipo de trabalho.

Vail deu-lhe uma palmadinha num ombro.

- Não estou a querer rebaixar-te - disse. - Nem sequer estou a querer rebaixar o cinema como arte. Estou apenas a definir.

- Tens a sorte de eu gostar dos teus livros. Não admira que ninguém aqui goste de ti.

Vail sorriu amavelmente.

Não, não - disse -, não é que não gostem de mim. Desprezam-

-me. Mas quando os meus herdeiros recuperarem os direitos depois da minha morte, hão-de respeitar-me.

Não estás a falar a sério, pois não? - perguntou Claudia.

Acho que estou. E uma perspectiva muito tentadora. Suicídio.

É politicamente incorrecto, nos tempos que correm?

Oh, merda! - exclamou Claudia. Passou um braço pelo pescoço de Vail. - A luta ainda agora está a começar - acrescentou. - Tenho a certeza de que eles vão ouvir quando eu defender o teu ponto de vista. Okay?

Vail sorriu-lhe.

- Não há pressa - disse Vail. - Vou demorar pelo menos seis meses a pensar como hei-de dar conta de mim. Detesto a violência.

Claudia compreendeu subitamente que Vail estava a falar a sério. Ficou surpreendida pelo pânico que sentiu ao pensar na morte dele. Não que o amasse, embora tivessem sido amantes durante um curto período de tempo.

Não era sequer por ser muito amiga dele. Era a ideia de que os belos livros que escrevera pudessem ter menos força para ele do que o dinheiro. Que a arte dele pudesse deixar-se derrotar por um adversário tão desprezível como o dinheiro. Em desespero de causa, disse:

- Se as coisas correrem pelo pior, vamos a Las Vegas ver o meu irmão Cross. Ele gosta de ti. Há-de fazer qualquer coisa.

Vail riu-se.

- Ele não gosta assim tanto de mim.

O Cross tem bom coração. Conheço o meu irmão.

Não, não conheces - disse Vail.

Na noite da atribuição dos Oscares, Athena deixara o Dorothy Chandler Pavilion sem participar nas celebrações, regressara a casa e fora directamente para a cama. Deu voltas e voltas durante horas, sem conseguir dormir. Sentia todos os músculos do corpo tensos, como cordas de violino.

Não vou deixá-lo fazer isto outra vez, pensou. Outra vez, não. Recuso-me a voltar a viver aterrorizada.

Preparou uma chávena de chá e tentou bebê-la, mas quando notou o ligeiro tremor da mão que a segurava impacientou-se, saiu para a varanda e encostou-se à balaustrada, a olhar para o escuro céu nocturno. Ficou ali durante horas, mas o seu coração continuava a bater descompassadamente, de terror.

Vestiu-se. Calções brancos e sapatos de ténis. E quando o sol vermelho começou a despontar acima do horizonte, correu. Correu cada vez mais depressa ao longo da praia, tentando manter-se na areia dura e molhada, tentando acompanhar a linha de espuma, enquanto a água fria lhe molhava os pés. Tinha de desanuviar a cabeça. Não podia deixar-se vencer por Boz. Trabalhara demasiado, durante demasiado tempo. E ele ia matá-la, não tinha a mínima dúvida a esse respeito. Mas primeiro havia de brincar com ela, atormentá-la, e finalmente havia de desfigurá-la, torná-la feia, pensando que essa seria a maneira de voltar a tê-la só para si. Sentiu a sua própria fúria a bater-lhe na garganta como um tambor, e depois o vento fresco a salpicar-lhe o rosto com água do mar. Não, jurou. Não!

Pensou nos estúdios. Iam ficar frenéticos, iam ameaçá-la. Mas era o dinheiro, e não ela, que os preocupava. Pensou na sua amiga Claudia, em como aquilo poderia ter sido a grande oportunidade dela, e sentiu-se triste. Pensou em todos os outros, mas sabia que não podia dar-se ao luxo de sentir compaixão. Boz era louco, e pessoas que não eram loucas iam tentar argumentar com ele. Ele era suficientemente esperto para os deixar pensar que podiam ganhar, mas ela sabia que não. Não podia correr aquele risco.

Não podia permitir-se correr aquele risco...

Quando chegou junto das grandes rochas negras que assinalavam a extremidade norte da praia, estava completamente sem fôlego. Sentou-se, tentando acalmar o bater do coração. Levantou os olhos ao ouvir o grito das gaivotas que desciam dos ares em amplas curvas e pareciam deslizar sobre superfície das ondas. Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, mas limpou-as com um gesto de

determinação. Engoliu o nó que se lhe formara na garganta. E, pela primeira vez em muito tempo, desejou que os pais não estivessem tão longe. Uma parte dela sentia-se como uma criança pequena e queria desesperadamente correr para casa, para alguém que a abraçasse e lhe dissesse que estava tudo bem. Sorriu para si mesma, um sorriso torcido e triste, ao recordar os tempos em que acreditara realmente que isso era possível. Agora, era tão amada por toda a gente, tão admirada, tão adorada...

e depois? Sentiu-se mais vazia do que teria julgado possível qualquer ser humano sentir-se, mais sozinha. Por vezes, quando se imaginava uma mulher vulgar com o seu marido e os seus filhos, uma mulher que vivia uma vida normal, sentia tanta saudade. Pára com isso! ordenou a si mesma. Pensa.

Agora é contigo. Arranja um plano e segue-o. Não é só a tua vida que depende de ti...

A manhã ia a meio quando regressou a casa. E entrou de cabeça erguida e os olhos a fitarem bem em frente. Sabia o que tinha a fazer.

Boz Skannet passou aquela noite na prisão. Quando foi posto em liberdade, o advogado dele organizou uma conferência de imprensa.

Skannet disse aos jornalistas que estava casado com Athena Aquitane, embora não a visse havia dez anos, e que o que fizera fora uma simples brincadeira. o líquido era apenas água. Vaticinou que Athena não apresentaria queixa, dando a entender que sabia um segredo terrível a respeito dela. Neste ponto provou ter razão. Não foi apresentada queixa.

Nesse dia, Athena Aquitane informou a LoddStone Studios, os estúdios que estavam a rodar um dos filmes mais caros da história do cinema, que não voltaria ao trabalho. Devido ao ataque de que fora vítima, temia pela sua vida.

Sem ela, o filme, um épico histórico chamado Messalina, não podia ser acabado. Os cinquenta milhões de dólares já investidos seriam uma perda total. Também significava que, por causa daquilo, nunca mais nenhum grande estúdio se dignaria oferecer um papel a Athena Aquitane.

A LoddStone Studios emitiu um comunicado no qual se dizia que a sua estrela sofria de um caso extremo de exaustão mas que, dentro de um mês, estaria em condições de recomeçar as filmagens.

Capítulo II

A LoddStone Studios era a mais poderosa produtora de filmes de Hollywood, mas mesmo assim a recusa de Athena Aquitane de voltar ao trabalho constituía uma brincadeira cara. Não era, felizmente, muito freqüente o simples "Talento" estar em situação de provocar um abalo tão grande, mas Messalina era a "locomotiva" do estúdio para a época de Natal, o grande filme que havia de impulsionar todas as outras produções da LoddStone durante o longo e duro Inverno.

Acontecia que o sábado seguinte era a data marcada para o Festival da Fraternidade, a festa de beneficência que todos os anos decorria na vasta propriedade de Eli Marrion, principal accionista e presidente do conselho de administração da LoddStone, em Beverly Hills.

Escondida nas ravinas sobranceiras a Beverly Hills, a casa de Eli Marrion era uma enorme mansão com vinte divisões, mas, estranhamente, um único quatro de cama. Eli Marrion não gostava que outras pessoas dormissem em sua casa. Havia bangalôs para os visitantes, claro, além de duas quadras de ténis e uma grande piscina. Seis das salas da mansão estavam reservadas à vasta colecção de quadros do proprietário Quinhentas das personalidades mais eminentes de Hollywood tinham sido convidadas para a festa, com a "entrada" a mil dólares por cabeça. Havia bares, e tendas-bufetes, e tendas para dançar, espalhados pelos terrenos, e havia uma banda. Mas o acesso à casa propriamente dita estava vedado. As instalações sanitárias eram asseguradas por unidades portáteis instaladas em tendas alegremente decoradas e inteligentemente concebidas.

A mansão, os bangalôs dos convidados, as quadras de ténis e a piscina estavam isolados por um cordão e guardados por seguranças. Nenhum dos convidados se sentiu ofendido por isto. Eli Marrion era uma personagem demasiado importante para que alguém se ofendesse com ele.

Enquanto os convidados deambulavam, conversando e dançando durante as três horas obrigatórias, Marrion encontrava-se na enorme sala de reuniões da mansão, reunido com um grupo de pessoas extremamente preocupadas com a conclusão do filme Messalina.

Eli Marrion dominava a reunião. O seu corpo tinha oitenta anos, mas tão habilmente disfarçados que ninguém lhe daria mais de sessenta. Os cabelos

cinzentos, impecavelmente cortados, tinham o tom exacto de prateado, o fato escuro alargava-lhe os ombros, punha-lhe um pouco mais de carne sobre os ossos, disfarçava-lhe as canelas finas como tubos. Sapatos castanhos ancoravam-no à terra. A camisa branca era verticalmente atravessada por uma gravata rosa que lhe punha uma ligeira nota de cor na palidez acinzentada do rosto. Mas o seu domínio sobre a LoddStone Studios só era absoluto quando ele desejava que fosse. Havia alturas em que se tornava mais prudente deixar que meros mortais exercessem o seu livre arbítrio.

A recusa de Athena Aquitane de completar um filme em curso de produção era um problema suficientemente grave para merecer a atenção pessoal do próprio Marrion. Messalina, uma produção de cem milhões de dólares, a "locomotiva" do estúdio, com direitos para a TV, vídeo, cabo e mercados estrangeiros antecipadamente vendidos para cobrir os custos, era um tesouro dourado prestes a afundar-se, como um galeão espanhol, para nunca mais ser recuperado.

E havia a própria Athena. Com trinta anos, uma grande estrela, já contratada para uma outra superprodução da LoddStone. Um verdadeiro

"Talento", que era o que havia de mais valioso. Marrion adorava o talento.

Tal como a dinamite, porém, o Talento podia ser perigoso, e era preciso controlá-lo. Para isso, havia que tratá-lo com amor, com lisonja na sua forma mais abjecta, cobri-lo de bens materiais. Havia que ser pai, mãe, irmão, irmã e até amante. Nenhum sacrifício era demasiado grande. Mas chegava uma altura em que se não podia ser fraco, em que era até imperioso ser implacável.

Por isso, reunidas ali naquela sala com Marrion, estavam as pessoas capazes de executar a sua vontade. Bobby Bantz, Skippy Deere, Melo Stuart e Dita Tommey.

Eli Marrion, ao enfrentá-los na sua familiar sala de reuniões, vinte milhões de dólares em quadros, mesas, cadeiras e alcatifas, com os copos e garrafas de cristal a somarem pelo menos mais meio milhão, sentia os ossos como que a quererem ceder dentro do seu corpo. Era espantoso como cada dia se tornava mais difícil apresentar-se ao mundo no papel da personagem toda-poderosa que era suposto ser.

As manhãs já não eram refrescantes, barbear-se, abotoar os botões da camisa, fazer o nó da gravata custava-lhe um esforço imenso. Mais perigosa ainda era a

fraqueza mental, um mal que assumia a forma de piedade pelas pessoas menos poderosas do que ele. Estava a usar Bobby Bantz cada vez mais, a dar-lhe mais poder. Ao fim e ao cabo, o homem era trinta anos mais novo e o seu amigo mais chegado, sempre leal durante todo aquele tempo.

Bantz era presidente e executivo-chefe dos estúdios. Durante mais de trinta anos, fora o homem-de-mão de Marrion e, com passar do tempo, tinham-se tornado muito próximos, como pai e filho, como é costume dizer-se. Estavam perfeitos um para o outro. Depois dos setenta, Marrion começara a tornar-se demasiado mole para fazer certas coisas que tinham absolutamente de ser feitas.

Era Bantz quem pegava nos filmes, depois de os realizadores terem feito as suas montagens artísticas, e os tornava aceitáveis para o grande público.

Era Bantz quem discutia percentagens com os realizadores, com as estrelas, com os escritores, e os obrigava a irem a tribunal para receberem ou chegarem a acordo por bastante menos. Era Bantz quem negociava contratos muito duros com os Talentos. Especialmente com os escritores.

Bantz recusava-se a conceder a mínima importância aos escritores. Claro que era preciso um texto qualquer para começar, mas Bantz acreditava que o êxito ou a morte de um filme dependiam da escolha dos actores. O poder das estrelas. Os realizadores eram importantes porque estavam em condições de roubar os olhos da cara a quem tinha de pagar. Os produtores, que também não eram nada pecos quando se tratava de meter a mão no saco, eram precisos para produzirem a energia louca que faz arrancar um filme.

Mas os escritores? Tudo o que tinham de fazer era rabiscar as tais palavras iniciais numa folha de papel em branco. Contratava-se então mais uma dúzia deles para trabalhar o produto original. Depois o produtor dava forma ao enredo. O realizador inventava "Cenas" (por vezes um filme completamente diferente) e as estrelas apareciam com novas inspirações para os diálogos. Era então a vez do Grupo Criativo do estúdio que, em longos memorandos cuidadosamente pensados, dava aos escritores opiniões, ideias para o enredo e listas de coisas que queriam ver incluídas. Bantz tinha visto muitos guiões de um milhão de dólares produzidos pelos mais importantes argumentistas, pagara muitos milhões só para verificar que, uma vez terminado, o filme não incluía uma única cena ou palavra de diálogo do texto original. Eli tinha, é certo, um fraquinho pelos escritores, mas isso só porque era tão fácil lixá-los nos contratos.

Marrion e Bantz tinham percorrido juntos o mundo, vendendo filmes a festivais de cinema e às grandes distribuidoras, em Londres, em Paris e em Cannes, em Tóquio e em Singapura. Tinham decidido a sorte de muitos jovens artistas. Tinham governado juntos um Império, como imperador e principal vassalo.

Eli Marrion e Bobby Bantz estavam de acordo em que os Talentos, aqueles que escreviam, representavam e realizavam os filmes, eram as pessoas mais ingratas deste mundo. Oh, aqueles jovens e puros aspirantes a artistas podiam ser tão simpáticos, tão gratos pela oportunidade que lhes era dada, tão dóceis enquanto lutavam por chegar ao topo! Mas como mudavam depois de conseguirem a fama! Abelhas transformadas em vespas raivosas.

Era muito natural que Marrion e Bantz mantivessem um corpo de vinte advogados só para lidar com eles.

Por que seria que davam sempre tanta chatice? Que estavam sempre tão infelizes? Não havia a mínima dúvida, aqueles que procuravam o dinheiro e não a arte tinham carreiras muito mais longas, tiravam muito mais prazer da vida, eram pessoas melhores e socialmente muito mais apreciadas do que esses artistas que tentavam mostrar a centelha divina existente no ser humano. Era uma pena não se poder fazer um filme sobre isso. O dinheiro era muito mais saudável do que a arte e o amor. Mas o público nunca aceitaria esta verdade.

Bobby Bantz fora buscá-los à festa que continuava a decorrer nos jardins da mansão. O único Talento ali presente era a realizadora de Messalina, Dita Tommey, definitivamente "Classe A" e reconhecidamente a melhor a trabalhar com as estrelas do sexo feminino, o que de momento, em Hollywood, significava ser feminista e não homossexual. O facto de ela ser também lésbica era irrelevante para todos os homens reunidos na sala de conferências. Dita Tommey trabalhava dentro dos orçamentos, os seus filmes ganhavam dinheiro e as suas ligações com mulheres causavam menos problemas num filme do que quando os realizadores do sexo masculino se punham a ir para a cama com as actrizes. As amantes lésbicas das mulheres famosas eram sempre dóceis.

Eli Marrion sentou-se à cabeceira da mesa de reuniões e deixou Bantz conduzir o diálogo.

- Dita - começou Bantz -, diz-nos exactamente qual é a situação no que respeita ao filme e quais são as tuas ideias sobre como resolver a situação. Raios, ainda

nem sequer compreendemos o problema.

Tommey era uma mulher baixa e compacta, que ia sempre direita ao assunto.

- A Athena está mortalmente assustada. Não voltará ao trabalho a menos que vocês, os génios, descubram qualquer coisa capaz de eliminar esse medo. Se ela não voltar, vocês ficam sem cinqüenta milhões de dólares. Não podemos acabar o filme sem ela. - Fez uma pequena pausa antes de acrescentar: - Filmei as cenas em que ela não entra a semana passada, de modo

que lhes poupei aí alguma coisa.

- Porra de filme - rosnou Bantz. - Nunca quis fazê-lo.

Isto provocou a reacção dos outros homens presentes na sala; o produtor, Skippy Deere, disse: "Vai-te lixar, Bobby!", e Melo Stuart, o agente de Athena Aquitane, resmungou: "Tretas."

Na realidade, Messalina fora entusiasticamente apoiado por todos eles.

Recebera uma das "luzes verdes" mais fáceis da história.

Messalina contava a história do Império Romano no tempo do imperador Cláudio, mas de uma perspectiva feminista. A História, escrita por homens, descrevia a imperatriz Messalina como uma rameira corrupta e assassina, que certa noite conduziu toda a população de Roma numa orgia de deboche sexual. Mas no filme que recriava a sua vida quase dois mil anos antes, ela aparecia como uma heroína trágica, uma Antígona, uma nova Medeia. Uma mulher que, usando as únicas armas ao seu alcance, tentara modificar um mundo em que os homens eram de tal modo dominadores que tratavam os membros do sexo feminino, quase metade da raça humana, como se fossem escravos.

Era uma ideia genial - grandes cenas de sexo e um tema forte e altamente popular - mas que exigia um conjunto perfeito para tornar credível toda aquela história. Em primeiro lugar, Claudia De Lena escrevera um guião interessante e com uma linha narrativa forte. A escolha de Dita Tommey para realizadora fora uma opção pragmática e politicamente correcta. A mulher tinha uma inteligência seca e era uma excelente realizadora.

Athena Aquitane era perfeita como Messalina e até ao momento dominara

completamente o filme. Era deslumbrantemente bela de cara e de corpo, e a maneira genial como representava tornava tudo plausível. Mais do que isso, era uma das únicas três Estrelas Cotáveis do sexo feminino existentes em todo o mundo. Claudia, com o seu génio um pouco extravagante, dera-lhe inclusivamente uma cena em que Messalina, seduzida pelo poder crescente das lendas cristãs, salvava alguns mártires condenados à morte no circo.

Quando Tommey lera a cena, dissera a Claudia: "Eh, há um limite!" Claudia sorrira e respondera: "No cinema, não."

Temos de interromper o filme até que a Athena volte ao trabalho

- disse Skippy Deere. - Isso vai custar-nos cento e cinquenta mil por dia. A situação é a seguinte. Gastámos cinquenta milhões. Estamos a meio caminho, não podemos correr com a Athena e não podemos obrigá-la. Por tanto, se ela não regressa, deitamos o filme para a sucata.

Não podemos deitar o filme para a sucata - replicou Bantz. -

O seguro não cobre a recusa ao trabalho dos actores. Atirem-na de um avião, e nesse caso o seguro paga. Melo, é a si que compete fazê-la voltar. A responsabilidade é sua.

Sou o agente dela - protestou Melo Stuart -, mas há um limite para a influência que qualquer pessoa pode ter sobre uma mulher como a Athena. Deixe-me dizer-lhe isto. Ela está genuinamente assustada. Não se trata de uma dessas coisas temperamentais. Está assustada, mas é uma mulher inteligente, de modo que deve ter uma boa razão. Trata-se de uma situação muito perigosa, muito delicada.

Se ela lixar um filme de cem milhões de dólares - declarou Bantz

-, nunca mais voltará a trabalhar. Disse-lhe isso?

Ela sabe.

Quem é a pessoa mais indicada para falar com ela? - perguntou Bantz. - Skippy, tu já tentaste e falhaste. Dita, sei que fizeste o melhor possível. Até eu tentei!

Tu não contas, Bobby - atirou-lhe Ditta Tommey. - Ela detesta-te.

Pois sim - replicou Bantz, duramente. - Há muita gente que não gosta do meu estilo, mas mesmo assim continua a ouvir o que eu digo.

Bobby - interveio Tommey, conciliadoramente -, nenhum dos Talentos gosta de ti, mas a Athena não gosta de ti pessoalmente.

Dei-lhe o papel que fez dela uma estrela - resmungou Bantz.

Ela já nasceu estrela - contrapôs Stuart, calmamente. - Teve sorte em apanhá-la.

Dita, tu és amiga dela - insistiu Bantz. - É tua obrigação fazê-la voltar ao trabalho.

A Athena não é minha amiga. É uma colega que me respeita porque, depois de ter tentado engatá-la, desisti graciosamente sem insistir. Ao contrário de ti, Bobby. Há anos que andas a insistir.

Dita - perguntou Bobby, num tom falsamente amável - quem diabo é ela para nos lixar desta maneira? Eli, tens de impor a lei!

Todas as atenções se voltaram para o velho, que parecia entediado. Eli Marrion era tão magro que certa vez um actor dissera por brincadeira que devia usar uma borracha no alto da cabeça, mas o comentário fora mais malicioso do que apropriado. Marrion tinha uma cabeça comparativamente grande e uma cara de gorila que poderia pertencer a um homem muito mais pesado, com um nariz largo e uma boca fina; era, no entanto, uma cara curiosamente benévola, quase meiga, havia até quem dissesse atraente. Mas os olhos traíam-no: eram cinzentos e frios, e irradiavam uma inteligência e uma concentração tão absolutas que assustavam a maior parte das pessoas. Era talvez por essa razão que insistia com toda a gente para que o tratasse pelo primeiro nome.

Marrion falou numa voz despida de emoção:

- Se a Athena não os ouve a vocês, também não me ouvirá a mim.

A minha posição de autoridade não a intimidará. O que torna ainda mais intrigante o facto de ela estar tão assustada por causa do estúpido ataque daquele maluco. Não haverá maneira de resolver isto com dinheiro?

- Vamos tentar - disse Bantz.- Mas para Athena não fará a mínima diferença.

Não confia nele.

Skippy Deere, o produtor, interveio na conversa:

Já tentámos a força. Pedi a uns amigos meus na polícia que lhe dessem um apertão, mas o tipo é duro. A família tem dinheiro e relações políticas, e ainda por cima o homem é maluco.

Quanto exactamente é que o estúdio perde se matar o filme? -

perguntou Stuart. - Farei o melhor que puder para os compensar em futuros negócios.

Ninguém ali estava interessado em dizer a Stuart a verdadeira extensão dos prejuízos; como agente de Athena, a informação dar-lhe-ia um importante poder negocial. Marrion não respondeu, mas fez um gesto de cabeça na direcção de Bantz.

Ainda que relutantemente, Bantz começou:

- O dinheiro gasto até agora foram cinquenta milhões. Okay, podemos aguentar-nos com cinquenta milhões. Mas vamos ter de devolver o dinheiro do estrangeiro, o dinheiro do vídeo, e ficamos sem locomotiva para o Natal.

Isso pode custar-nos - fez uma pausa, incapaz de decidir-se a revelar o valor exacto. - E depois, se somarmos os lucros perdidos... merda, duzentos milhões de dólares. Teria de dar um jeito numa grande porção de negócios, Melo.

Stuart sorriu, a pensar que ia ter de subir a cotação de Athena.

- Mas verdadeiramente, em dinheiro saído do vosso bolso, perdem só cinquenta milhões - disse.

Quando Marrion falou, a sua voz tinha perdido toda a gentileza.

- Melo - perguntou -, quanto é que vai custar-nos fazer a sua cliente voltar ao trabalho?

Todos compreenderam o que se tinha passado. Marrion decidira agir como se aquilo fosse uma manobra para conseguir mais dinheiro.

Melo leu a mensagem. Quanto é que vais arrancar-nos com esta tua aldra-bicezinha? Aquilo era um ataque à sua honestidade, mas não tinha a mínima intenção de se dar por ofendido. Com Marrion, nunca. Se tivesse sido Bantz a fazer a pergunta, ter-se-ia mostrado adequadamente indignado.

Stuart era um homem muito poderoso no mundo do cinema. Não tinha de lamber as botas a ninguém, nem sequer a Marrion. Controlava uma

"escuderia" de cinco realizadores Classe A, não estritamente Cotáveis, mas sem dúvida muito fortes; dois actores Cotáveis e uma actriz, Athena. O que significava que tinha três pessoas capazes de garantir a luz verde para qualquer filme. Mas mesmo assim não seria sensato irritar Marrion. Stuart tornara-se poderoso evitando precisamente esse tipo de riscos. Claro que aquela parecia a ocasião ideal para dar um golpe, mas na verdade não. Era uma dessas raras ocasiões em que a honestidade compensa.

Um dos grandes trunfos de Stuart era a sua sinceridade: acreditava verdadeiramente naquilo que vendia, e acreditara no talento de Athena dez anos antes, quando ela era uma desconhecida. Acreditava nela agora. Mas, se conseguisse fazê-la mudar de ideias e voltar ao trabalho? Com certeza isso havia de valer alguma coisa. Era uma opção que não se podia pôr de parte.

- Não é uma questão de dinheiro - disse, apaixonadamente. Sentiu a exaltação da sua própria sinceridade. - Podiam oferecer-lhe mais um milhão e mesmo assim ela não voltava. Têm de resolver o problema do raio do marido.

Fez-se um silêncio pesado. Estavam todos muito atentos. Fora mencionada uma quantia em dinheiro. Tratar-se-ia de uma jogada de abertura?

- Ela não aceita dinheiro - confirmou Skippy Deere.

Dita Tommey encolheu os ombros. Não acreditava numa palavra do que Melo dissera. Mas o dinheiro não era dela. Bantz limitou-se a manter os olhos cravados em Stuart, que continuou a olhar friamente para Marrion.

Marrion analisou correctamente o comentário de Stuart. Athena não voltaria por dinheiro. O Talento nunca tinha destas astúcias. Decidiu pôr termo à reunião. Disse:

- Melo, explique muito claramente à sua cliente que se não volta ao trabalho

dentro de um mês, os estúdios abandonam o filme e arcam com os prejuízos. Depois processamo-la e arrancamos-lhe tudo o que tem. Ela deve saber que depois disto não voltará a trabalhar para nenhum dos principais estúdios americanos. - Passeou os olhos em torno da mesa. - Que diabo, são apenas cinquenta milhões.

Todos sabiam que estava a falar a sério, que tinha perdido a paciência.

Dita Tommey entrou em pânico. Aquele filme representava mais para ela do que para qualquer dos outros. Era o seu filho. Se tivesse êxito, passaria a contar-se entre o grupo dos realizadores Cotáveis. Bastaria o seu OK para conseguir uma luz verde. Levada pelo desespero, disse:

- Peçam à Claudia De Lena que fale com ela. E uma das amigas mais íntimas de Athena.

Os homens presentes na sala ficaram estupefactos por Tommey ter trazido à baila o nome de uma escritora numa reunião daquele nível e por pensar que uma estrela com a dimensão de Athena daria ouvidos a uma simples argumentista, por muito boa que ela fosse.

- Nem sei o que é pior - resmungou Bobby Bantz,

depreciativamente -, se uma estrela andar a fornicar com alguém abaixo da linha ou ser amiga de uma escritora.

Ao ouvir isto, Marrion perdeu novamente a paciência.

- Bobby, não tragas coisas sem importância para uma reunião de negócios. A Claudia que fale com ela. Mas resolvamos este assunto de uma maneira ou de outra. Temos outros filmes para fazer.

No dia seguinte, porém, chegou aos escritórios da LoddStone Studios um cheque de cinco milhões de dólares. Era de Athena Aquitane. Estava a devolver o adiantamento que recebera para fazer Messalina.

O assunto estava agora nas mãos dos advogados.

Em apenas quinze anos, Andrew Pollard fizera da Pacific Ocean Security a mais prestigiada organização de protecção da Costa Oeste. Tendo começado num

conjunto de quartos de hotel, possuía agora um edifício de quatro andares em Santa Monica, com mais de cinquenta empregados permanentes, quinhentos investigadores e guardas em regime de freelance e ainda um grupo de reserva variável que trabalhava para ele durante uma boa parte do ano.

A Pacific Ocean Security prestava serviços aos muito ricos e muito famosos. Protegia as casas dos magnatas do cinema com pessoal armado e aparelhagem electrónica. Fornecia guarda-costas às grandes estrelas e produtores. Providenciava pessoal uniformizado para o controlo de multidões em grandes acontecimentos dos media como, por exemplo, a cerimónia da atribuição dos Óscares. Fazia trabalho de investigação em áreas sensíveis, como obter contra-informação destinada a combater tentativas de chantagem.

Andrew Pollard teve êxito porque era um maníaco do pormenor.

Colocava nos terrenos das casas dos seus clientes ricos sinais luminosos com as palavras RESPOSTA ARMADA que à noite flamejavam numa explosão de luzes vermelhas, e as suas patrulhas rondavam continuamente a vizinhança das grandes mansões muradas. Escolhendo cuidadosamente os seus colaboradores, pagava salários suficientemente altos para que estes se preocupassem com a possibilidade de perderem o emprego. Podia dar-se ao luxo de ser generoso. Os seus clientes eram as pessoas mais ricas do país, e pagavam correspondentemente. Era também suficientemente esperto para manter uma estreita relação de trabalho com o Departamento de Polícia de Los Angeles, a todos os níveis. Era amigo de Jim Losey, o lendário detective que se tornara um ídolo para os polícias de rua. Mas, acima de tudo, tinha o apoio da Família Clericuzio.

Quinze anos antes, quando era apenas um jovem polícia, ainda um pouco descuidado, fora apanhado pela Unidade de Assuntos Internos do Departamento de Polícia de Nova Iorque. Tratara-se de um pequeno suborno, quase impossível de evitar. Mas Pollard mantivera-se firme e recusara-se a denunciar os seus superiores envolvidos no esquema. Os apaniguados da Família Clericuzio observaram isto e puseram em movimento uma série de movimentos legais dos quais resultara que fora feita a Andrew Pollard a seguinte proposta: demitir-se do Departamento de Polícia de Nova Iorque e escapar ao castigo.

Pollard emigrara para Los Angeles com a mulher e o filho, e a Família dera-lhe o dinheiro necessário para montar a Pacific Ocean Security Company. Depois, a

Família fez constar que os clientes de Pollard não deviam ser incomodados, as suas casas não podiam ser arrombadas, as suas pessoas não deviam ser assaltadas, as suas jóias não podiam ser roubadas e, caso fossem, por engano, deviam ser devolvidas. Por isso os refulgentes sinais com as palavras RESPOSTA ARMADA incluíam também o nome da empresa encarregada da protecção.

O êxito de Andrew Pollard era quase mágico, as casas colocadas sob a sua protecção nunca eram tocadas. Os seus guarda-costas eram quase tão bem treinados como os homens do FBI, de modo que a empresa nunca era processada por crimes praticados pelos seus próprios agentes, assédio sexual contra os empregadores ou abuso sexual de crianças, tudo ocorrências frequentes no mundo da segurança privada. Havia alguns casos de tentativa de chantagem, e havia alguns guardas que vendiam segredos íntimos aos jornais de escândalos, mas isso era inevitável. No cômputo geral, Pollard dirigia uma actividade limpa e eficiente.

A sua empresa tinha acesso por computador a informações confidenciais sobre pessoas de todos os estratos da sociedade. E era muito natural que quando a Família Clericuzio precisava de dados, estes lhe fossem imediatamente fornecidos. Pollard ganhava muito bem a vida e estava agradecido à Família.

Por outro lado, aparecia de vez em quando um trabalho que não podia pedir a um dos seus guardas para fazer; nessas ocasiões ia ter com o bruglione do Oeste, que o ajudava fornecendo a mão-de-obra especializada.

Para certos predadores mais astutos, Los Angeles e Hollywood eram uma espécie de selva paradisíaca, fervilhante de vítimas. Havia os executivos do mundo do cinema atraídos para as armadilhas amorosas dos chantagistas, as estrelas que escondiam a sua homossexualidade, os realizadores Sado-masoquistas, os produtores pedófilos, todos vivendo no pavor de que os seus segredos deixassem de o ser. Pollard era conhecido por tratar estes casos com delicadeza e discrição. Sabia negociar o pagamento mais baixo possível e tomar as medidas necessárias para que não houvesse segunda "dentada".

Bobby Bantz chamou Andrew Pollard ao seu gabinete no dia seguinte ao da atribuição dos Óscares.

Quero toda a informação que conseguir juntar sobre este tipo Boz Skannet -

disse a Pollard. - Quero tudo o que houver a respeito da Athena Aquitane. Para uma estrela desta dimensão, não sabemos quase nada a seu respeito. Também quero que chegue a um acordo com esse Skannet.

Precisamos da Athena por mais três a seis meses, para acabar o filme. Arranje as coisas com o Skannet de modo que ele desapareça para longe. Ofereça-lhe vinte mil por mês, mas pode ir até aos cem.

E depois disso ele pode fazer o que quiser? - perguntou Pollard, calmamente.

Depois, o caso é com as autoridades - respondeu Bantz. - Vai ter de andar com muito cuidado, Andrew. Este tipo pertence a uma família poderosa. A indústria cinematográfica não pode ser acusada de tácticas menos ortodoxas; isso iria arruinar o filme e prejudicar os estúdios. Limite-se a chegar a um acordo. Vamos também usar a sua empresa para garantir a segurança pessoal dela.

E se ele não aceitar o acordo? -perguntou Pollard.

Nesse caso, terão de guardá-la noite e dia. Até o filme estar acabado.

Podíamos apertar um pouco com ele - propôs Pollard.- De uma maneira legal, claro. Não estou a sugerir coisa nenhuma.

O tipo está demasiado bem relacionado. As autoridades policiais tratam-no com luvas de veludo. Até o Jim Losey, que é tão amigo do Skippy Deere, se recusa a recorrer à força. Além do problema de relações públicas, os estúdios poderiam ser processados numa enorme quantidade de dinheiro.

Não quero com isto dizer que deva tratá-lo como uma flor de estufa, mas...

Pollard percebeu a mensagem. Um pouco de músculo para assustar o homem, mas pagar-lhe o que ele quiser.

- Vou precisar de contratos - disse.

Bantz tirou um sobrescrito da gaveta da secretária.

- Ele assina três vias, e está aí um cheque de cinquenta mil dólares como pagamento inicial. Os valores no contrato estão em aberto.

Preencha-os você depois de fazer o acordo.

Quando Pollard já ia a sair, Bantz acrescentou:

- A sua gente não ajudou muito na atribuição dos Óscares. Parecia que tinham a porra dos pés colados ao chão.

Pollard não se ofendeu. Bantz era assim mesmo.

- Era pessoal vulgar, para controlo de multidões. Não se preocupe, vou pôr a minha melhor equipa a tratar de Miss Aquitane.

Vinte e quatro horas mais tarde, os computadores da Pacific Ocean Security sabiam tudo a respeito de Boz Skannet. Tinha trinta e quatro anos, licenciara-se pela A&M do Texas, onde jogara como avançado na equipa local, tendo feito em seguida uma época no futebol profissional. O pai era proprietário de um banco de média dimensão, em Houston, mas, mais importante do que isso, o tio dirigia a máquina política dos democratas no Texas e era amigo íntimo do presidente. A mistura com tudo isto, havia uma grande porção de dinheiro.

Boz Skannet era em si mesmo uma peça de respeito. Como vice-presidente do banco do pai escapara por uma unha negra a ver-se inculpado numa tramóia relacionada com o licenciamento de uma exploração petrolífera. Fora preso seis vezes por ofensas corporais. Num desses casos, espancara tão brutalmente dois agentes da polícia que estes tinham sido hospitalizados. Não chegara a ser acusado, pois pagara aos polícias para não apresentarem queixa. Havia um caso de assédio sexual, resolvido extrajudicialmente. Antes de tudo isto, casara com Athena aos vinte e um anos e fora pai de uma menina no ano seguinte. A criança chamava-se Bethany.

Com vinte anos de idade, a mulher desaparecera, levando a filha.

Tudo isto deu a Andrew Pollard uma imagem do que tinha pela frente.

Um tipo perigoso. Um tipo que guardava rancor contra a mulher durante dez anos, um tipo que enfrentava polícias armados e era suficientemente duro para os mandar para o hospital. As possibilidades de assustar um homem assim eram nulas. Era pagar-lhe o dinheiro, fazê-lo assinar o contrato e não se envolver mais naquela história.

Pollard telefonou a Jim Losey, que estava a tratar do caso Skannet na Polícia de Los Angeles. Pollard admirava muitíssimo Losey, que era o polícia que ele teria gostado de ser. Tinham uma boa relação funcional. Todos os anos, no Natal, Losey recebia um bom presente da Pacific Ocean Security.

Agora Pollard queria o material da polícia, queria saber tudo o que Losey tinha a respeito daquele caso.

Jim - pediu Pollard -, podes mandar-me o que tiveres sobre o Boz Skannet? Preciso da morada do homem em L. A. E gostaria de saber mais coisas a respeito dele.

Claro - respondeu Losey. - Mas as queixas contra ele foram retiradas.

Qual é o teu interesse nisto?

Serviço de protecção. Até que ponto é que o tipo é perigoso?

- é doido como o raio que o parta. Diz à tua equipa de guarda-costas que se o virem aproximar-se o melhor é começarem a disparar.

- Nesse caso tu prendias-me - disse Pollard, com uma gargalhada.

- é contra a lei.

- Pois é - respondeu Losey. - Tinha de ser. Puta de vida.

Boz Skannet estava instalado num modesto hotel da Ocean Avenue, em Santa Monica, o que preocupou Pollard, porque ficava apenas a quinze minutos de carro da casa de Athena, na Malibu Colony.

Mandou uma equipa de quatro homens guardar a casa de Athena e pôs dois de vigilância ao hotel de Skannet. Depois combinou um encontro com o próprio Skannet, nessa tarde.

Pollard levou consigo três dos seus homens mais fortes e mais duros.

Com um tipo como Skannet, nunca se sabia o que podia acontecer.

Skannet levou-os para a suite que ocupava no hotel. Mostrou-se afável, recebeu-

os com um sorriso, mas não ofereceu bebidas.

Curiosamente, vestia um fato completo, com camisa e gravata, talvez para mostrar que, ao fim e ao cabo, continuava a ser um banqueiro. Pollard apresentou-se a si mesmo e aos seus guarda-costas, que se identificaram como funcionários da Pacific Ocean Security. Skannet sorriu-lhes e disse:

- Não há dúvida que são grandes. Aposto cem dólares em como sou capaz de dar conta de qualquer um de vocês numa luta limpa.

Os três guarda-costas, todos homens bem treinados, limitaram-se a sorrir-lhe delicadamente, mas Pollard ofendeu-se. Um gesto calculado.

- Estamos aqui para falar de negócios, Mr. Skannet - disse -, não para ouvir ameaças. A LoddStone Studios está preparada para lhe pagar imediatamente cinquenta mil dólares e mais vinte mil por mês durante oito meses. Tudo o que precisa fazer é sair de Los Angeles.

Pollard tirou da pasta os contratos e o cheque. Skannet estudou-os.

Contratos muito simples - comentou. - Nem sequer preciso de um advogado. Mas também é pouco dinheiro. Estava a pensar em cem mil agora e cinquenta mil por mês.

É demasiado - disse Pollard. - Temos uma ordem restritiva contra si assinada por um juiz. Aproxime-se a menos de um quarteirão de distância de Athena e vai preso. Temos segurança montada em torno da sua mulher vinte e quatro horas por dia. E montei equipas de vigilância para acompanharem todos os seus movimentos. O melhor para si é aceitar este dinheiro.

Devia ter vindo mais cedo para a Califórnia - troçou Skannet. - As ruas estão pavimentadas a ouro. Por que é que hão-de pagar-me seja o que for?

Os estúdios querem tranquilizar Miss Aquitane - respondeu Pollard.

Ela é realmente uma grande estrela - disse Skannet, divertido.

Bom, sempre foi especial. E pensar que costumava comê-la cinco vezes por dia. - Sorriu aos três homens. - E inteligente, ainda por cima.

Pollard estudou-o com curiosidade. Era um tipo atraente, no género do duro cowboy da Marlboro que aparece nos anúncios dos cigarros, excepto que tinha uma pele vermelha do sol e do álcool e uma constituição física mais maciça. Falava com aquele encantador sotaque do Sul, que era simultaneamente divertido e perigoso. Muitas mulheres apaixonavam-se por homens assim. Em Nova Iorque, conhecera alguns polícias com aquele aspecto, e costumavam fazer autênticas razias entre o sexo oposto. Mandava-se um deles tratar de um caso de homicídio, e uma semana mais tarde estava a consolar a viúva. Jim Losey era um polícia desse tipo, agora que pensava nisso. Pollard nunca tivera essa sorte.

- Limitemo-nos ao nosso negócio - disse. Queria que Skannet assinasse o contrato e recebesse o cheque diante de testemunhas. Depois, se houvesse necessidade disso, talvez os estúdios pudessem processá-lo por extorsão.

Skannet sentou-se à mesa.

- Tem uma caneta? - perguntou.

Pollard tirou a sua caneta da pasta e escreveu a quantia de vinte mil dólares nos espaços em branco. Skannet reparou nisto e comentou, divertido: Ah, podia então ter pedido mais! - Assinou as três cópias e perguntou:- Quando é que tenho de sair de Los Angeles?

Esta mesma noite - respondeu Pollard. - Eu acompanho-o ao avião.

Não, obrigado - recusou Skannet. - Acho que vou de carro até Las Vegas jogar este cheque.

Estarei a vigiá-lo - avisou Pollard. Chegara o momento, pensou, em que convinha fazer uma sugestão de força. - Deixe-me avisá-lo, se volta a aparecer em Los Angeles, mando-o prender por extorsão.

O rosto vermelho de Skannet brilhou de alegria.

- Bem gostava - disse. - Ainda hei-de ser tão famoso como a Athena.

Nessa noite, a equipa de vigilância informou que Boz Skannet abandonara o hotel em Santa Monica, mas só para ir instalar-se no Beverly Hills Hotel, e que depositara os cinquenta mil dólares numa conta que tinha no Bank of América. Isto indicou a Pollard um certo número de coisas. Que Skannet dispunha de

influência, uma vez que conseguira instalar-se no Beverly Hills Hotel, e que se estava nas tintas para o acordo que fizera.

Comunicou a Bantz o que acabava de saber e pediu instruções. Bantz disselhe que se conservasse quieto e calado. Tinham mostrado o contrato a Athena, numa tentativa de tranquilizá-la e fazê-la regressar ao trabalho.

Não disse a Pollard que ela se limitara a rir-se-lhes na cara.

- Pode anular o cheque - sugeriu Pollard.

Não - respondeu Bantz. - Ele levanta-o, e então apanhamo-lo por fraude, extorsão, ou seja lá o que for. Só não quero que a Athena saiba que ele continua na cidade.

Vou duplicar a segurança dela - disse Pollard. - Mas se o tipo é doido, e se quiser realmente fazer-lhe mal, não vai adiantar nada.

Está a fazer blefe - afirmou Bantz. - Se não o fez da primeira vez, por que haveria de fazê-lo agora?

Eu digo-lhe porquê - respondeu Pollard. - Fomos visitar o quarto dele.

Adivinhe o que encontrámos? Um frasco com ácido a sério.

- Oh, merda! - exclamou Bantz. - Não pode dizer à polícia? Ao Jim Losey, talvez?

Possuir um frasco com ácido não é crime. Entrar por arrombamento num quarto, é. O Skannet pode mandar-me para a prisão.

Você nunca me disse nada disto - decidiu Bantz. - Nunca tivemos esta conversa. E esqueça o que sabe.

Com certeza, Mr. Bantz - respondeu Pollard. - E nem sequer vou debitar-lhe a informação.

Obrigadinho - disse Bantz, sarcasticamente. - Vá dando notícias.

Claudia foi posta ao corrente do que se passava por Skippy Deere.

E instruída sobre o que fazer, como era próprio dos respectivos papéis de produtor e argumentista num filme.

- Tens positivamente de lamber as botas à Athena - disse-lhe Deere.

- Tens de suplicar, tens de chorar, tens de ter um ataque de nervos. Tens de recordar-lhe tudo o que fizeste por ela como amiga íntima e verdadeira e como companheira de trabalho. Tens de convencê-la a voltar ao filme.

Claudia estava habituada a Skippy.

- Porquê eu? - perguntou friamente. - Tu és o produtor, a Dita a realizadora, o Bantz é presidente da LoddStone. Vão vocês lamber-lhe as botas. Têm mais experiência do que eu.

- Porque este sempre foi um projecto teu - insistiu Deere. -

Escreveste o guião original, escolheste-me a mim e escolheste a Athena. Se o projecto falhar, o teu nome ficará ligado a esse falhanço.

Quando Deere saiu e ficou sozinha no seu gabinete, Claudia soube que ele tinha razão. No seu desespero, lembrou-se do irmão, Cross. Ele era a única pessoa que podia ajudá-la, ajudá-la a fazer desaparecer aquele problema chamado Boz Skannet. Detestava a ideia de servir-se da sua amizade por Athena para tentar convencê-la, e mesmo assim era muito provável que ela se recusasse a dar-lhe ouvidos. Mas Cross nunca o faria.

Nunca o tinha feito.

Ligou para o Xanadu Hotel, em Vegas, mas disseram-lhe que Cross estaria em Quogue durante os próximos dias. Isto trouxe-lhe de volta todas as recordações de infância que sempre tentara esquecer. Nunca telefonaria para o irmão em Quogue. Nunca mais voltaria a ter, voluntariamente, fosse o que fosse a ver com os Clericuzio. Nunca mais queria recordar a sua infância, nem lembrar-se do pai ou de qualquer dos Clericuzio.

Livro II

Os Clericuzio e Pippi De Lena.

Capítulo III

A lenda de ferocidade da família Clericuzio nascera havia mais de um século, na Sicília. Durante vinte anos, os Clericuzio tinham travado uma guerra sem quartel com uma família rival, a propósito dos direitos de propriedade de um pedaço de floresta. O patriarca da família adversária, Don Pietra Forlenza, encontrava-se no seu leito de morte, tendo sobrevivido a oitenta e cinco anos de lutas apenas para tombar vitimado por uma trombose que, na previsão do médico, lhe poria termo à vida no espaço de uma semana. Um membro dos Clericuzio conseguiu entrar no quarto do moribundo e matou-o à facada, gritando que o velho não tinha direito a uma morte tranquila.

Don Domenico Clericuzio contava frequentemente esta história de assassínio apenas para mostrar a loucura dos antigos costumes, para fazer notar que a ferocidade gratuita não passava de fanfarronice. A ferocidade era uma arma demasiado poderosa para ser desperdiçada, tinha sempre de ter um propósito importante.

E podia sem dúvida prová-lo, pois fora a ferocidade que levara à destruição da Família Clericuzio na Sicília. Quando Mussolini e os seus fascistas assumiram o poder absoluto em Itália, compreenderam imediatamente que a Máfia tinha de ser destruída. Fizeram-no suspendendo a aplicação normal das leis e usando uma força armada irresistível. A Máfia foi vencida à custa de milhares de inocentes enviados para a prisão ou para o exílio juntamente com os seus membros.

Só o clã Clericuzio teve a audácia de se opor pela força aos decretos dos fascistas. Assassinaram um prefeito fascista local, atacaram as guarnições fascistas. E, o que foi talvez o acto que mais enfureceu os seus inimigos, quando Mussolini fez um discurso em Palermo, roubaram-lhe o chapéu-de-coco e o guarda-chuva importados de Inglaterra, de que ele tanto gostava. Foi este toque de desprezo e de humor camponês, ao fazer de Mussolini o alvo da risota de toda a Sicília, que levou finalmente à destruição da família.

Houve uma concentração maciça de forças armadas na província.

Quinhentos membros do clã Clericuzio foram pura e simplesmente mortos.

Outros quinhentos foram exilados para áridas ilhas do Mediterrâneo, que serviam de colónias penais. Só o núcleo mais restrito dos Clericuzio sobreviveu, e família despachou o jovem Domenico para a América. Onde, provando que quem sai aos seus não degenera, Don Domenico Clericuzio construiu o seu próprio império; com muito mais astúcia e previsão do que os seus antepassados tinham revelado na Sicília. Mas nunca esqueceu que um Estado sem lei era o grande inimigo. E por isso amava a América.

Pouco depois de chegar, tinham-lhe referido a famosa máxima da justiça americana segundo a qual é preferível deixar em liberdade cem culpados castigar um único inocente. A beleza do conceito deixou-o quase sem fala e a partir desse momento tornou-se um ardente patriota. A América era o seu país. Nunca mais sairia da América.

Inspirado nisto, Don Domenico Clericuzio construiu o seu império na América mais solidamente do que o seu clã fizera na Sicília. Assegurai a sua amizade a todas as instituições políticas e judiciais através de grandes donativos em dinheiro. Em vez de se limitar a uma ou duas fontes de rendimento, resolveu diversificar, na melhor tradição do espírito empresarial americano. Havia a indústria de construção, a indústria de eliminação de lixos os diferentes meios de transporte. Mas o grande rio de dinheiro vinha do jogo, que era a sua paixão, em contraste com os rendimentos da droga um negócio de que, apesar de muito rentável, ele desconfiava. Assim, anos mais tarde, era apenas no jogo que deixava a Família Clericuzio envolver -se operacionalmente. No resto, os Clericuzio "molhavam o bico", com un dízimo de cinco por cento.

E assim, passados vinte e cinco anos, os sonhos e os planos do Doi começavam a realizar-se. O jogo estava a tornar-se respeitável e, o que era ainda mais importante, mais legal de dia para dia. Havia as inúmeras lotarias estaduais, essas autênticas fraudes perpetradas pelo governo contra os seus cidadãos. Os prémios eram pagos ao longo de vinte anos, o que, na realidade, significava que o estado não pagava um centavo desses prémios, mas apenas os juros do dinheiro retido. E aquilo que pagava era ainda por cima sujeito a impostos. Uma enorme trapaça. Don Clericuzio estava por dentro dos por menores porque a sua Família era proprietária de uma das empresas de gestão que, a troco de excelentes honorários, administravam o funcionamento dessas lotarias em vários estados.

O que o Don esperava, porém, era o dia em que as apostas no desporto se tornassem legais em todos os Estados Unidos, como agora eram única mente no estado do Nevada. Sabia disto pela percentagem que recebia de jogo ilegal. Os lucros de um só jogo da Super Bowl, se as apostas se tornassem legais, ascenderiam a um bilião de dólares. Em apenas um dia. A World Series, com os seu sete jogos, proporcionaria um rendimento igual. O

futebol universitário, o hóquei, o basquetebol, tudo isso eram ricos mananciais. Depois, haveria as intricadas e aliciantes lotarias sobre os acontecimentos desportivos, minas de ouro legais. Don Domenico sabia que não viveria o suficiente para ver esse dia glorioso, mas que mundo havia de ser para os seus filhos! Os Clericuzio seriam iguais aos príncipes da Renascença. Tornar-se-iam patronos das artes, conselheiros de chefes de governo, figuras respeitáveis nos livros de História. O arrastar da cauda de um manto de ouro apagaria as suas origens sicilianas. Todos os seus descendentes, os seus seguidores, os seus verdadeiros amigos, estariam seguros para todo o sempre. O Don via verdadeiramente a sociedade civilizada, o mundo, como uma grande árvore cujos frutos deviam alimentar e proteger a humanidade. Mas nas raízes dessa árvore estaria a pitão imortal dos Clericuzio, sugando alimento de uma fonte que nunca poderia esgotar-se.

Se a Família Clericuzio era a Santa Igreja para os muitos impérios da Máfia espalhados pelos Estados Unidos, então o chefe da Família, Don Domenico Clericuzio, era o papa, admirado não apenas pela sua inteligência, mas pela sua força.

Don Domenico era igualmente reverenciado pelo estrito código moral que impunha à sua Família. Cada homem, mulher e criança era inteiramente responsável pelas suas próprias acções, fosse qual fosse a pressão, o remorso ou a dureza das circunstâncias. As acções definiam um homem; as palavras eram peidos ao vento. Desdenhava todas as ciências sociais, todas as psicologias. Era um católico devoto: pagamento pelos pecados neste mundo, perdão no outro. Todas as dívidas tinham de ser pagas, e era estrito no seu julgamento neste mundo.

E na sua lealdade. As criaturas do seu sangue em primeiro lugar; Deus em segundo (não era verdade que tinha uma capela em casa?) e, em terceiro, as suas obrigações para com todos os súbditos pertencentes ao domínio da Família Clericuzio.

Quanto à sociedade, ao governo - patriota como era - nunca entrava na equação. Don Clericuzio nascera na Sicília, onde a sociedade e o governo eram o inimigo. O seu conceito de livre arbítrio era muito claro. Uma pessoa podia escolher ser um escravo e ganhar o pão quotidiano sem dignidade nem esperança, ou ganhar a vida como um homem merecedor de respeito. A Família de um homem era a sua sociedade, o seu Deus, o seu juiz, e os seus seguidores protegiam-no. Para com esses, o chefe assumia um dever: certificar-se de que tinham sempre pão para a boca, o respeito do mundo e protecção contra o castigo de outros homens.

Don Domenico não construíra o seu império para que um dia os seus filhos e os seus netos se perdessem na massa inerme da humanidade.

Construíra e continuava a construir poder para que o nome e a fortuna da Família sobrevivessem tanto como a própria Igreja. Que maior propósito poderia um homem ter neste mundo do que ganhar o seu pão quotidiano e depois apresentar-se no outro a uma divindade misericordiosa? Quanto aos restantes homens e às suas deficientes estruturas sociais, podiam ir todos deitar-a afogar.

Don Domenico elevou a sua Família aos píncaros do poder. Fê-lo com uma crueldade digna dos Bórgia e uma subtileza própria de Maquiavel, maturadas a um sólido know-how comercial muito americano. Mas, acima de tudo, com um amor de patriarca pelos seus seguidores. A virtude era recompensada. As ofensas eram punidas. Todos tinham a subsistência garantida Finalmente, como o Don tinha planeado, os Clericuzio atingiram altus tais que já não tinham de participar nas operações normais da actividade criminosa, a não ser nas circunstâncias mais extremas. As outras Famílias da Máfia serviam nomeadamente de barões executivos, ou brugliones, que em caso de necessidade, iam ter com os Clericuzio de chapéu na mão. Em italiano, as palavras "bruglione" e "barone" rimam, mas

"bruglione" significa alguém que atrapalha as tarefas mais simples. Fora a ironia de Don Domei co, espicaçada pelos constantes pedidos de ajuda por parte dos barões, que transformara a palavra "barão" em bruglione. Os Clericuzio faziam as pazes entre eles, tiravam-nos da prisão, escondiam-lhes os lucros ilícitos na Europa arranjavam maneiras infalíveis de eles introduzirem as suas drogas na América, usavam a sua influência junto de juizes e outras autoridades governamentais, tanto estaduais como federais. Como regra geral, ninguém pede ajuda para resolver questões a nível municipal. Se um bruglione não tinha capacidade para influenciar a cidade onde vivia, era porque não merecia lugar

que ocupava.

O génio económico do filho mais velho de Don Domenico, Giorgi cimentava o poder da Família. Como uma espécie de lavanderia divina, branqueava as grandes quantidades de dinheiro sujo que a civilização moderna cospe das suas entranhas. Era sempre Giorgio quem tentava moderar a ferocidade do pai. Acima de tudo, Giorgio esforçava-se por manter os Clericuzio longe da ribalta. Por isso a Família existia, mesmo para as autoridades como uma espécie de OVNI. Falava-se de avistamentos esparsos, corria rumores, histórias de horror e de magnanimidade. Havia referências em arquivos da Polícia e do FBI, mas não havia notícias nos jornais, nem sequer

naquelas publicações que se especializavam em

descrever as proezas de várias outras Famílias da Máfia que, devido a falta de cuidado ou excesso de ego, caíam em desgraça.

Não que a Família Clericuzio fosse um tigre sem dentes. Os dois irmãos mais novos, Vincent e Petie, se bem que não tão inteligentes como Giorgio, tinham quase a ferocidade do Don. E dispunham de um exército de executores que viviam num enclave do Bronx que sempre fora italiano. Este enclave de quarenta quarteirões poderia servir de cenário para um filme sobre a Velha Itália. Não se viam lá judeus barbudos, ou negros, ou asiáticos, ou boémios, nem nenhum destes grupos ali possuía qualquer estabelecimento comercial. Não havia um único restaurante chinês. Os Clericuzio eram proprietários ou controlavam todos os terrenos e prédios da zona. Claro que alguns dos filhos destas famílias italianas deixavam crescer os cabelos e transformavam-se em rebeldes tocadores de guitarra, mas eram rapidamente despachados para junto de parentes na Califórnia. Todos os anos chegava da Sicília um novo contingente de imigrantes, cuidadosamente seleccionados, para repovoar. O Enclave do Bronx, rodeado por zonas que tinham o mais alto índice de criminalidade do mundo, era um oásis de paz e sossego.

Pippi De Lena fora promovido de Mayor do Enclave do Bronx a bruglione da área de Las Vegas por conta dos Clericuzio. Mas permanecia sob a dependência directa da Família, que continuava a ter necessidade dos seus talentos especiais.

Pippi era a própria essência daquilo a que se chamava Qualificato, ou seja, um Homem Qualificado. Começara cedo, fazendo a sua estréia aos dezassete anos, e

o que tornara o caso ainda mais notório fora o facto de ter usado o garrote. Porque na América, os jovens, no seu orgulho inexperiente, desdenhavam a corda. Além disso, era fisicamente muito forte, com uma boa estatura e uma musculatura intimidante. Era, evidentemente, um perito em armas de fogo e explosivos. Tirando tudo isto, era um homem encantador, devido ao seu gosto pela vida; tinha uma simpatia que punha os homens à vontade, e as mulheres gostavam da sua galanteria, que era meio rústico-siciliana e meio cinema-americano. Embora levasse o seu trabalho muito a sério, acreditava que a vida era para ser gozada.

Tinha as suas pequenas fraquezas. Bebia valentemente, estava sempre a jogar e gostava excessivamente de mulheres. Não era tão implacável quanto o Don talvez desejasse, pois apreciava demasiado a companhia de outras pessoas. Mas, de algum modo, estas fraquezas faziam dele uma arma ainda mais poderosa. Era um homem que usava os seus vícios para drenar o veneno do corpo, e não para o saturar com eles.

Em termos de carreira tinha-o ajudado, é certo, o facto de ser sobrinho do Don. Era do sangue, e isso revelou-se importante quando Pippi quebrou a tradição familiar.

Nenhum homem consegue viver uma vida inteira sem cometer erros Pippi De Lena, com vinte e oito anos, casou-se por amor, e, para agravar ainda mais a asneira, escolheu uma mulher totalmente inadequada para esposa de um Homem Qualificado.

Ela chamava-se Nalene Jessup e dançava no espectáculo do Xanadu Casi no Hotel. Pippi tinha sempre o cuidado de fazer notar orgulhosamente que não se tratava de uma das coristas que se saracoteavam na primeira fila com as mamas e o rabo à mostra: era uma bailarina. Nalene era também um intelectual, pelos padrões de Las Vegas. Gostava de ler, interessava-se pela política, e uma vez que as suas raízes mergulhavam na cultura WASP 3 de Sacramento, professava valores antiquados.

Eram opostos perfeitos. Pippi não tinha quaisquer interesses intelectuais, raramente lia, ouvia música ou ia ao cinema ou ao teatro. Pippi tinha cara de um touro, Nalene o rosto de uma flor. Pippi era extrovertido, cheio de encanto, e todavia destilava perigo. Nalene tinha um feitio tão doce que nem sequer as suas colegas dançarinas conseguiam arranjar zangas com ele como frequentemente

faziam umas com as outras para se entreterem.

A única coisa que Pippi e Nalene tinham em comum era dançar. Porque Pippi De Lena, o temido "Martelo" dos Clericuzio, era um verdadeiro idic 3 White Anglo-Saxon Protestant: Branca, anglo-saxónica e protestante, ou seja, o grupo sócio-económico-cultural dominante nos E.U.A.

savant 4 quando entrava numa sala de baile. Aquela era a poesia que não conseguia ler, a galanteria medieval dos Cavaleiros da Távola Redonda, a ternura, o delicado refinamento do sexo, a única altura em que atingia qualquer coisa que não era capaz de compreender.

Para Nalene Jessup, era um vislumbre do mais profundo da alma dele Quando dançavam juntos durante horas antes de fazerem amor, o sexo ganhava para eles uma qualidade etérea, tornava-se uma verdadeira comumicação entre duas almas gémeas. Ele falava com ela enquanto dançavam, sozinhos no apartamento dela ou nas pistas de baile dos hotéis de Las Vegas Era um bom contador de histórias, e tinha boas histórias para contar. Exprimia a sua adoração por ela de uma maneira lisonjeira e espirituosa, Tinha uma esmagadora presença masculina, que depunha aos pés de Nalen como um escravo, e escutava-a. Sentia-se orgulhoso e interessado quando ela falava de livros, de teatro, dos deveres da democracia para com os menos privilegiados, dos direitos dos negros, da libertação da África do Sul, do dever de alimentar os infelizes pobres do terceiro mundo. Pippi deixava-se entusiasmar por estes sentimentos. Eram exóticos para ele.

Ajudava o facto de se adequarem bem sexualmente, de os seus opostos se atraírem. Era bom para o amor de ambos que Pippi visse a verdadeira Nalene, mas que Nalene não conseguisse ver o verdadeiro Pippi. O que ela via era um homem que a adorava, que a cobria de presentes, que a ouvia falar dos seus sonhos.

Casaram-se uma semana depois de se terem conhecido. Nalene tinha apenas dezoito anos, não fazia a mínima ideia do que estava a fazer. Pippi tinha vinte e oito e estava verdadeiramente apaixonado. Também ele fora criado no meio de valores antiquados, certamente de pólos diferentes, e ambos desejavam uma família. Nalene era órfã e Pippi estava relutante em incluir os Clericuzio na sua recém-descoberta felicidade. Além disso, sabia que não aprovariam. Mais valia enfrentá-los com o facto consumado e ir trabalhando a partir daí, pouco a pouco. Casaram numa capela de Las Vegas.

Houve aqui, porém, um outro lapso de julgamento. Don Clericuzio aprovava que Pippi se casasse. Como muitas vezes dizia: "O principal dever de 4 Em francês no original. A expressão, que se traduz por "idiota sábio", refere, como o leití

certamente sabe, alguém que, sendo totalmente idiota em todos os aspectos, revela capacidades excepcionais numa única área ou actividade.

um homem na vida é ganhar a sua própria subsistência", mas com que propósito se não tiver mulher e filhos? O Don ficou magoado por não ter sido consultado, por o casamento não ter sido celebrado no seio da Família.

Ao fim e ao cabo, Pippi tinha sangue dos Clericuzio.

"Podem ir os dois dançar para o fundo do oceano", comentou, despeitadamente, mas nem por isso deixou de enviar magníficos presentes de casamento. A escritura de uma casa, a propriedade de uma agência de cobranças que rendia, para a época, uns principescos cem mil dólares por ano, uma promoção. Pippi De Lena continuaria a servir a Família Clericuzio no Oeste como um dos seus brugliones mais chegados, mas era expulso do Enclave do Bronx, pois como poderia a sua estranha mulher viver em harmonia com os verdadeiros fiéis? Era tão estrangeira para eles como os muçulmanos, os negros, os judeus ortodoxos e os asiáticos que tinham banido. Assim, em essência, embora Pippi continuasse a ser o martelo dos Clericuzio, embora fosse um barão local, perdera alguma influência no palácio de Quogue.

O padrinho na modesta cerimónia civil foi Alfred Gronevelt, dono do Xanadu Hotel. Foi ele quem ofereceu um pequeno jantar, em que o noivo e a noiva dançaram a noite inteira. Nos anos que se seguiram, Gronevelt e Pippi De Lena criaram entre si uma amizade íntima e leal.

O casamento durou o suficiente para produzir dois filhos: um rapaz < uma rapariga. O mais velho, baptizado com o nome de Croccifixio mas a quem todos chamavam Cross, era, aos dez anos, a imagem física da mãe com um corpo gracioso e um rosto quase efeminadamente bonito. Tinha no entanto, a força física e a soberba coordenação motora do pai. A mais nova, Claudia, com nove anos, era a imagem do pai: feições toscas, que se a frescura e a inocência da infância impediam de ser feias; faltavam-lhe, porém todos os dotes paternos. Em contrapartida, herdara da mãe o amor pelos livros pela música, pelo teatro, e também a doçura de espírito. Era, pois, muito natural que Cross e Pippi se

sentissem próximos um do outro, e que Claudia se voltasse mais para a mãe.

Nos onze anos que passaram antes que a família De Lena se desfizesse as coisas correram bastante bem. Pippi estabeleceu-se em Vegas como < bruglione, o cobrador do Xanadu Hotel, continuando a ser o martelo do Clericuzio. Enriqueceu, fazia uma boa vida, ainda que, em virtude das regras do Don, sem ostentação. Jogava, bebia, dançava com a mulher, brincava com os filhos e tentava prepará-los para fazerem a sua entrada no mundo dos adultos.

Pippi aprendera, ao longo da sua perigosa vida, a olhar para o futuro, Era essa uma das razões do seu êxito. Muito cedo, viu para além de Cros a criança, Cross o homem. Queria que esse futuro homem fosse seu aliado Ou talvez quisesse apenas um ser humano que lhe fosse próximo e em quem pudesse confiar totalmente.

Por isso treinou Cross, ensinou-lhe todos os truques da arte de jogar, levou-o a jantar com Gronevelt, para que pudesse ouvir histórias a respeito de todas as diferentes maneiras como um casino pode ser roubado. Gronevelt começava sempre por dizer: "Todas as noites, milhões de homens ficam acordados na cama a tentar inventar uma maneira de aldrabar o meu casino."

Pippi levou Cross à caça, ensinou-o a esfolar e tirar as vísceras aos animais, habituou-o ao cheiro do sangue, a ver as suas próprias mãos vermelhas dele. Obrigou Cross a ter lições de boxe, para que experimentasse a dor ensinou-o a usar armas de fogo e a cuidar delas, mas absteve-se de lhe ensinar o uso do garrote. Aquilo fora, ao fim e ao cabo, uma extravagância da sua juventude, e nem sequer era verdadeiramente útil nos tempos modernos Além disso, não teria maneira de explicar uma corda daquelas à mãe do rapaz Os Clericuzio possuíam uma grande cabana de caça nas montanhas do Nevada, e Pippi usava-a para as suas férias com a família. Levava os filhos à caça, enquanto Nalene ficava a ler os seus livros ao calor da lareira. Na caça, Cross abatia facilmente lobos e veados, e até alguns leões-da-montanha e ursos; era hábil, tinha queda para as armas, que tratava sempre com muito cuidado, mostrava-se invariavelmente calmo em situações de perigo, nem sequer pestanejava quando tinha de enfiar as mãos nas entranhas ensangüentadas dos animais, para retirar os intestinos escorregadios. Não tinha nojo de esfolar membros e cabeças, de preparar a presa abatida.

Claudia não revelava nenhuma destas virtudes. Sobressaltava-se ao ouvir

disparar uma arma e vomitou quando teve de esfolar um veado. Ao cabo de algumas experiências, recusou-se a deixar a cabana e passava o tempo com a mãe, a ler ou a passear pela margem de um ribeiro próximo. Recusava-se inclusivamente a pescar: não era capaz de espetar o anzol no corpo mole da minhoca.

Pippi concentrou-se no filho. Instruiu o rapaz nas normas do comportamento básico: nunca mostrar ira face a uma ofensa, nunca falar de si mesmo; ganhar o respeito dos outros através de acções e não de palavras; respeitar os membros da família de sangue. Jogar era um entretenimento, não uma maneira de ganhar a vida. Ama o teu pai, a tua mãe, a tua irmã, mas livra-te de amar outra mulher que não seja a tua esposa. E uma esposa é a mulher que te der filhos. E uma vez que isso te aconteça, a tua vida estará consagrada a assegurar-lhes o pão quotidiano.

Cross mostrava-se tão bom aluno que o pai era doido por ele. Pippi adorava que o filho se parecesse com Nalene, que tivesse a mesma graça, que fosse uma réplica dela sem os dotes intelectuais que começavam a destruir o seu casamento.

Pippi nunca acreditara no sonho de Don Domenico de que toda a geração mais nova havia de fundir-se na sociedade legítima. Nem sequer acreditava que fosse essa a melhor linha de acção. Reconhecia o génio do velho, mas aquela era a faceta romântica do grande Don. Ao fim e ao cabo, os pais gostavam que os filhos trabalhassem com eles, que fossem como eles; sangue era sangue, e isso nunca mudava.

E, neste ponto, Pippi provou ter razão. A despeito de todos os planos de Don Clericuzio, até o seu próprio neto, Dante, se revelou refractário ao grande desígnio. Dante era como que um retrocesso ao velho sangue siciliano, ávido de poder, com uma vontade de ferro. Não tinha o mínimo receio de violar as leis da sociedade nem as de Deus.

Quando tinha sete anos e Claudia seis, Cross, agressivo por natureza, apanhara o hábito de dar murros na barriga da irmã, inclusivamente diante do pai. Claudia gritava a pedir ajuda. Pippi, como pai, podia resolver o problema de diversas maneiras. Podia ordenar a Cross que acabasse com aquilo e, se ele não obedecesse, podia pegar-lhe pelo cachaço e sacudi-lo no ar, como muitas vezes fazia. Ou podia ordenar a Claudia que ripostasse. Ou podia aplicar a Cross uma boa palmada, como já fizera uma ou duas vezes. Mas uma noite talvez porque

acabava de jantar e estava com preguiça, ou mais provavelmente porque Nalene arranjava uma discussão sempre que ele recorria à força para disciplinar as crianças, acendeu calmamente o seu cigarro e disse: "Cross. cada vez que bateres na tua irmã, dou-lhe um dólar." Cross continuara a dar murros à irmã, e Pippi limitara-se a atirar notas de dólar para cima de Claudia, que ficara encantada, até que Cross desistira, frustrado.

Pippi afogava a mulher em presentes, mas eram o tipo de presente que o amo dá à sua escrava. Eram subornos para disfarçar a servidão de Presentes caros: anéis de diamantes, casacos de peles, viagens à Europa.

Comprou-lhe uma casa de férias em Sacramento, porque ela detestava Las Vegas Quando lhe ofereceu um Bentley, vestiu um uniforme de motorista para lho entregar. Pouco antes de se separarem, deu-lhe um anel antigo que fizera parte da colecção dos Bórgia, como constava de um certificado. A única coisa que lhe limitava era o uso de cartões de crédito: Nalene tinha de pagá-lo do dinheiro que recebia para a casa. Pippi nunca os usava.

Mostrava-se liberal de muitas outras maneiras. Nalene dispunha de uma completa liberdade física, Pippi não tinha nada do ciumento marido italiano Embora nunca viajasse para o estrangeiro a não ser em negócios, autoriza Nalene a ir à Europa com as amigas, porque ela queria tão desesperadamente ver os museus de Londres, o ballet em Paris ou a ópera em Itália.

Havia alturas em que Nalene se interrogava a respeito desta falta de ciúmes, mas com os anos acabara por compreender que nenhum homem no círculo em que viviam se atreveria a fazer-lhe a corte.

Quando eles tinham casado, Don Clericuzio comentara sarcasticamente:

"Pensarão que podem dançar a vida inteira?"

A resposta acabou por ser não. Nalene não era uma bailarina suficientemente boa para chegar ao topo; as suas pernas eram, paradoxalmente, demasiado compridas. Tinha um temperamento demasiado sério para ser rapariga para festas. Tudo isto a empurrara para o casamento. E

fora feliz durante os primeiros quatro anos. Tomava conta das crianças, freqüentava as aulas na Universidade de Nevada e lia vorazmente.

Pippi, porém, já não estava interessado no estado do ambiente, não queria saber dos problemas dos choramingas dos pretos, que nem sequer conseguiam aprender a roubar sem se deixarem apanhar, e quanto aos Americanos Nativos, fossem eles quem fossem, bem podiam deitar-se a afogar. Discutir um livro ou uma música era algo que estava completamente para além do seu horizonte. E a exigência de Nalene de que nunca batesse mos filhos deixava-o espantado. As crianças são como animais; como se há-de ensiná-las a portarem-se de uma maneira civilizada sem lhes dar uma palmada de vez em quando? Além disso, tinha sempre o cuidado de não as magoar.

Assim, no quarto ano do seu casamento, Pippi arranjou amantes. Uma em Las Vegas, uma em Los Angeles e outra em Nova Iorque. Nalene retaliou obtendo o seu diploma de professora.

Tentavam o mais que podiam. Amavam os filhos e tornavam-lhes a vida agradável. Nalene passava longas horas com eles, a ler, a cantar e a dançar. O

casamento mantinha-se de pé graças ao bom humor de Pippi. A sua vitalidade e exuberância animal conseguiam de algum modo atenuar os problemas entre marido e mulher. Os dois irmãos amavam a mãe e admiravam o pai: a mãe porque era tão meiga e boa, bonita e cheia de afecto natural; o pai porque era forte.

Ambos os pais eram excelentes professores. Com a mãe, aprenderam as graças sociais, as boas maneiras, a dançar, a vestirem-se, a arranjarem-se. o pai ensinou-os a viver no mundo, a protegerem-se da agressão física, a jogar e a treinarem o corpo na prática atlética. Nunca se ressentiram com o pai por ser fisicamente duro com eles, sobretudo porque só o fazia para os disciplinar, nunca se zangava nessas ocasiões e logo a seguir agia como se nada se tivesse passado.

Cross era destemido, mas podia ser vergado. Claudia não tinha a coragem física do irmão, mas possuía uma certa obstinação. Ajudava muito o facto de nunca lhes faltar dinheiro.

A medida que os anos passavam, Nalene observava certas coisas. Ao princípio, muito pequenas. Quando Pippi ensinava os filhos a jogar cartas -

poker, vinte-e-um, gin - fazia batota e ficava-lhes com todo o dinheiro das semanadas, mas, antes de acabar, deixava-os ganhar substancialmente, para que pudessem ir dormir com a exaltação da vitória. O curioso era que Claudia,

quando criança, gostava muito mais de jogar do que Cross. Mais tarde Pippi mostrava-lhes como os tinha enganado. Nalene ficava furiosa. Sentia que o marido brincava com as vidas dos filhos como brincava com a dela. Pippi explicava que fazia parte da educação deles. Ela dizia que não era educação, e sim corrupção. Ele respondia que queria prepará-los para as realidades da vida e que ela queria prepará-los para a beleza da vida.

Pippi andava sempre com demasiado dinheiro na carteira, um hábito tão suspeito aos olhos de uma esposa como aos do cobrador de impostos.

Era certo que Pippi era o proprietário de um próspero negócio, a Agência de Cobranças, mas tinham um nível de vida demasiado elevado para uma empresa tão pequena.

Quando a família fazia férias no Leste e entrava no círculo social dos Clericuzio, Nalene não deixava de notar o respeito com que Pippi era tratado.

Observava os cuidados que os homens tinham para com ele, a deferência, as longas reuniões que mantinham em privado.

Havia outras pequenas coisas. Pippi tinha de viajar em negócios pelo menos uma vez por mês. Ela nada sabia dos pormenores destas viagens, e ele nunca falava delas. Pippi tinha uma licença de porte de armas, o que era natural no caso de um homem cujo trabalho consistia em cobrar tão grandes somas de dinheiro. Era extremamente cuidadoso. Nalene e as crianças nunca tinham acesso à arma, e conservava as munições guardadas numa caixa à parte e fechada à chave.

Com o correr dos anos, Pippi começou a fazer mais viagens e Nalene passava mais tempo sozinha em casa com os filhos. Ela e Pippi começaram a afastar-se sexualmente, e uma vez que era quando faziam amor que Pippi se mostrava mais terno e compreensivo, o afastamento entre os dois foi aumentando.

Nenhum homem consegue esconder a sua verdadeira natureza a alguém que viva próximo dele muitos anos. Nalene viu que Pippi era um homem completamente dedicado aos seus apetites, que era violento por natureza, embora nunca fosse violento com ela. Que era dissimulado, embora fingisse franqueza. Que embora fosse amável, era perigoso.

Tinha pequenas manias pessoais que por vezes podiam ser encantadoras. Por exemplo, as outras pessoas tinham de gostar daquilo de que ele gostava. Certa

ocasião tinham levado um casal a jantar a um restaurante italiano. O casal não era grande apreciador de cozinha italiana e comeu muito pouco. Quando Pippi reparou nisto, não foi capaz de terminar a refeição.

Por vezes, falava do seu trabalho na agência de cobranças. Trabalhava com a maioria dos hotéis de Las Vegas, que o encarregavam de cobrar dívidas de jogo que os seus clientes se recusavam a pagar. Insistia com Nalene que nunca era usada a força, apenas um tipo especial de persuasão. As pessoas pagarem as suas dívidas era uma questão de honra, toda a gente era responsável pelas suas acções, e ofendia os seus princípios o facto de homens importantes nem sempre quererem cumprir as suas obrigações. Médicos, advogados, donos de empresas, aceitavam os serviços complementares do hotel e depois recusavam-se a cumprir a sua parte do acordo. Mas a esses era fácil cobrar. Ia-se aos seus escritórios e gritava-se muito, de modo que os colegas e os clientes pudessem ouvir. Fazia-se uma cena, nunca uma ameaça, chamava-se-lhes desgraçados, jogadores degenerados que negligenciavam as suas profissões para chafurdarem no vício.

Os pequenos negociantes eram mais difíceis, homens que contavam os seus tostões e tentavam sempre chegar a um acordo por menos do que deviam. Depois havia os espertalhões, que passavam cheques sem cobertura e depois protestavam que fora um engano. Um dos truques favoritos era passarem um cheque de dez mil dólares quando só tinham oito mil na conta.

Mas Pippi tinha acesso às informações bancárias, de modo que se limitava a depositar na conta do devedor os dois mil dólares em falta e em seguida levantava os dez mil. Ria imenso quando explicava estes truques a Nalene.

A parte mais importante do seu trabalho, costumava dizer, era no entanto não só convencer o jogador a pagar a sua dívida, mas também a continuar a jogar. Mesmo um jogador arruinado tinha valor. Trabalhava.

Ganhava dinheiro. Por isso, muito simplesmente adiava-se-lhe a dívida, incitava-se o infeliz a jogar no casino sem crédito e descontava-se-lhe a dívida sempre que ganhava.

Uma noite, Pippi contou a Nalene uma história que achava imensamente divertida. Certo dia estava a trabalhar no escritório da agência de cobranças, instalada num pequeno centro comercial perto do Xanadu Hotel, quando ouvira tiros na rua. Saíra a correr mesmo a tempo de ver dois homens mascarados a

fugirem de uma joalharia próxima. Sem pensar, sacara da arma e disparara contra os dois homens, que saltaram para dentro de um carro que os esperava e escaparam. Minutos depois os polícias chegaram e, depois de terem interrogado toda a gente, prenderam-no a ele. É certo que tinha uma licença de porte de arma, mas ao dispará-la cometera o crime de

"pôr em risco a segurança pública". Alfred Gronevelt tivera de ir à esquadra pagar-lhe a fiança.

- Por que diabo fiz eu aquilo? -perguntava Pippi. - O Alfred dizia que era o caçador que havia em mim. Mas eu nunca hei-de compreender. Eu, a disparar contra ladrões? Eu, a proteger a sociedade? E ainda por cima meteram-me na prisão. Meteram-me a mim, na prisão!

Estas pequenas revelações a respeito do seu carácter eram, no entanto, e em certa medida, uma astúcia da parte de Pippi. Permitiam a Nalene rápidos vislumbres de como ele era, sem nunca a deixarem penetrar no seu verdadeiro segredo. O que levou Nalene a decidir-se finalmente pelo divórcio foi o facto de Pippi De Lena ter sido preso por assassínio...

Danny Fuberta era proprietário de uma agência de viagens em Nova Iorque, que comprara com os lucros da sua actividade como agiota sob a protecção da agora extinta Família Santadio. Mas ganhava a maior parte do seu dinheiro como organizador de excursões para Las Vegas.

Um organizador de excursões assinava um contrato exclusivo com um hotel de Las Vegas para transportar grupos de turistas-jogadores. Danny Fuberta alugava um 747 todos os meses e recrutava cerca de duzentos clientes que levava para o Xanadu Hotel. Por uma taxa fixa de mil dólares, o cliente tinha direito a um vôo de ida-e-volta Nova Iorque-Las Vegas, comida e bebida grátis durante a viagem, quarto, refeições e bebidas grátis no hotel.

Fuber-ta tinha sempre uma grande lista de espera para estas excursões e escolhia os seus clientes com todo o cuidado. Tinham de ser pessoas com bons empregos, ainda que não necessariamente legais, e tinham de jogar no casino pelo menos quatro horas por dia. E, claro, sempre que possível, tinham de abrir um crédito na caixa do Xanadu Hotel.

Um dos grandes trunfos de Fuberta era a sua amizade com uma vasta gama de vigaristas, assaltantes de bancos, traficantes de drogas, contrabandistas de

cigarros, carteiristas e outros espécimes do submundo que ganhavam principescamente a vida nas sarjetas de Nova Iorque. Estes homens eram os seus clientes de eleição. Ao fim e ao cabo, viviam vidas cheias de stresse precisavam de umas férias relaxantes de vez em quando.

Ganhavam grandes quantidades de dinheiro sujo, em notas, e adoravam jogar.

Por cada carregamento de duzentos clientes que entregava no Xanadu Hotel, Danny Fuberta recebia um honorário fixo de vinte mil dólares. Por vezes pagavam-lhe um bónus, quando os seus clientes perdiam muito. Tudo isto, somado aos lucros iniciais da viagem, proporcionava-lhe um confortável rendimento mensal. Infelizmente, Fuberta tinha a fraqueza do jogo. E

chegou um momento em que as suas dívidas ultrapassaram as suas receitas.

Homem cheio de recursos, Fuberta depressa imaginou uma maneira de se tornar novamente solvente. Uma das suas obrigações como organizador de excursões era certificar o nível de crédito que o casino podia conceder a cada um dos seus clientes.

Recrutou um bando de patifes extremamente competentes e, com eles, arquitectou um plano para desfalcar o Xanadu Hotel em oitocentos mil dólares.

Começou por fornecer aos seus quatro cúmplices credenciais que os acreditavam como proprietários de grandes lojas de vestuário, com níveis de crédito altíssimos, servindo-se, no respeitante aos pormenores, dos arquivos da sua própria agência. Com base nestas credenciais, certificou cada um deles para um limite de crédito de duzentos mil dólares. Depois incluiu-os na excursão.

- Oh, foi uma festa! - disse Gronevelt mais tarde.

Durante os dois dias de estada, Fuberta e os companheiros fizeram contas enormes no serviço de quartos, convidaram as coristas mais bonitas para jantar, compraram contra assinatura prendas caríssimas nas lojas do hotel, mas isso foi o menos. Levantaram fichas pretas na caixa, assinando os respectivos vales.

Dividiram-se em duas equipas. Uma apostava com os dados, a outra apostava contra os dados. Deste modo, tudo o que podiam perder eram as percentagens, ou ficarem em casa. Levantaram assim da caixa do casino, assinando vales, um milhão de dólares em fichas, que Fuberta converteu mais tarde em dinheiro.

Davam a impressão de jogarem furiosamente, mas era só espectáculo. Com tudo isto, criaram à sua volta um turbilhão de movimento. Imaginavam-se actores, falavam com os dados, zangavam-se quando perdiam, batiam palmas quando ganhavam. No final de cada dia, entregavam as suas fichas a Fuberta, que as trocava por dinheiro, e assinavam vales para levantar outras novas. Quando a comédia acabou, dois dias mais tarde, o grupo estava oitocentos mil dólares mais rico, tinham sido os felizes consumidores de outros vinte mil dólares em bens e serviços, mas tinham um milhão de dólares em vales na caixa.

Danny Fuberta, como autor do plano, recebeu quatrocentos mil, e os outros quatro patifes ficaram mais do que satisfeitos com a sua parte, sobretudo depois de Fuberta lhes ter prometido repetir a brincadeira. O que poderia ser melhor do que um longo fim-de-semana num hotel de luxo, comida e bebida à borla, belas raparigas, e mais cem mil para compor o ramalhete. Era de certeza preferível a assaltar um banco, onde um tipo tinha de arriscar a vida.

Gronevelt descobriu a golpada logo no dia seguinte. O relatório do dia mostrava um valor em vales muito elevado, mesmo para uma excursão de Fuberta. A receita da mesa, o registo da quantia que ficava depois de terminada a noite, era muito baixa para o volume de dinheiro apostado.

Gronevelt pediu as gravações vídeo do "olho no céu", a câmara de vigilância.

Não precisou de observar durante mais de dez minutos para compreender como toda a operação se desenrolara e ficar a saber que, sendo as identidades dos jogadores seguramente falsas, os vales no valor de um milhão de dólares que tinha na caixa eram papel para enrolar cigarros.

A sua reacção foi de impaciência. Fora vítima de inúmeros golpes ao longo dos anos, mas aquele era tão estúpido que fazia raiva. Ainda por cima, gostava de Danny Fuberta; o homem dera muito dinheiro a ganhar ao Xanadu. Já sabia o que Fuberta ia alegar: também ele fora enganado pelas identidades falsas, também ele era uma vítima inocente.

Gronevelt ficou irritado com a incompetência do seu pessoal. Os dois operadores da mesa deveriam ter-se apercebido do que estava a passar-se e detectar imediatamente as apostas cruzadas. Nem sequer fora um truque particularmente inteligente. Mas as pessoas tinham tendência para se tornarem moles quando as coisas corriam bem durante muito tempo, e Las Vegas não era excepção. Pensou

com pena que teria de despedir os dois homens, ou pelo menos mandá-los de volta para a roleta. Mas havia algo que não podia evitar. Tinha de pôr toda aquela questão de Danny Fuberta nas mãos dos Clericuzio.

Em primeiro lugar, chamou Pippi De Lena ao hotel e mostrou-lhe os documentos e as gravações feitas pela câmara de vigilância. Pippi conhecia Fuberta, mas não os outros quatro, de modo que Gronevelt mandou fazer fotografias de "paralíticos" tirados das gravações e entregou-lhas.

Pippi abanou a cabeça.

Como raios pensou o Danny que podia safar-se com uma destas?

Pensei que fosse mais esperto.

E um jogador - respondeu Gronevelt. - Acreditam sempre que as suas cartas são para ganhar. - Fez uma curta pausa. - O Danny vai tentar convencer-te de que não está metido nisto. Mas não te esqueças, ele teve de comprovar que eles mereciam o crédito que lhes demos. Vai dizer-

-te que o fez com base nas identidades que eles lhe apresentaram. Um organizador de excursões tem de certificar-se de que cada um é quem diz ser.

Ele tinha de saber.

Pippi sorriu e deu-lhe uma palmada nas costas.

- Não te preocupes - prometeu. - Não vai conseguir convencer-me.

Riram-se ambos. Pouco importava se Dany Fuberta era ou não culpado.

Era responsável pelos seus erros.

Pippi seguiu para Nova Iorque no dia seguinte. Para apresentar o caso à Família Clericuzio, em Quogue.

Depois de ter passado o portão guardado por homens armados, percorreu no carro a longa estrada pavimentada que atravessava o extenso planalto de relva, com o seu muro defendido por arame farpado e sensores electrónicos.

Havia um guarda à porta da mansão. E isto era em tempo de paz.

Giorgio recebeu-o e conduziu-o através da mansão até ao jardim das traseiras. Nos canteiros tinham sido plantados tomates e pepinos, alfaces e até melões, tudo isto enquadrado por uma fileira de grandes figueiras. O Don não apreciava flores.

A Família estava reunida em torno de uma mesa de madeira, a almoçar, talvez um pouco mais cedo do que habitualmente. Lá estava o Don, brilhante de saúde apesar dos seus quase setenta anos, bebendo visivelmente o ar perfumado pelas figueiras do seu jardim. Dava de comer ao neto, Dante, que era uma criança bonita mas demasiado arrogante para um rapaz de dez anos, a idade de Cross. Pippi tinha sempre a tentação de dar-lhe uma palmada. O Don era como manteiga nas mãos daquele neto: limpava-lhe a boca, murmurava-lhe carinhos. Vincent e Petie pareciam aborrecidos. A reunião não poderia começar antes de o miúdo acabar de comer e ser levado pela mãe, Rose Marie. Don Domenico ficou a vê-lo afastar-se com um sorriso de beatitude. Depois voltou-se para Pippi.

Ah, o meu martello\ - disse. - Que me dizes do Fuberta, esse patife?

Demos-lhes um modo de vida e ele tornou-se ganancioso à nossa custa.

Se pagar - interveio Giorgio, apaziguadoramente -, ainda pode continuar a ser uma fonte de dinheiro para nós.

Aquele era, na verdade, o único pedido de misericórdia com alguma validade.

- Não se trata de uma pequena quantia - insistiu o Don. - Temos de recuperar esse dinheiro. Pippi, o que é que te parece?

Pippi encolheu os ombros.

- Posso tentar. Mas essa gente não tem o hábito de poupar para a velhice.

Vincent, que detestava conversa fiada, pediu:

- Deixa ver as fotografias.

Pippi entregou-lhas. Vincent e Petie estudaram os rostos dos quatro cúmplices de Fuberta.

Eu e o Petie conhecemo-los - anunciou Vincent.

Óptimo - disse Pippi. - Assim sendo, podem resolver as coisas com esses quatro. O que é que faço com o Fuberta?

Mostraram desprezo por nós - interveio então Don Domenico. -

Quem é que eles pensam que nós somos? Uns infelizes quaisquer que têm de recorrer à polícia? Vincent, Petie, vocês ajudam o Pippi. Quero o dinheiro de volta e esses mascalzoni castigados.

Todos compreenderam. Pippi conduziria a operação e a sentença contra os cinco homens era a morte.

O Don deixou-os para ir passear pelo jardim. Giorgio suspirou.

O velho é demasiado duro para os tempos que vivemos. Toda esta história tem mais riscos do que aquilo que vale.

Não se o Vincent e o Petie tratarem dos quatro pássaros - disse Pippi. - Está OK contigo, Vincent?

Giorgio - sugeriu Vincent -, vais ter de falar com o velho. Esses quatro tipos não hão-de ter o dinheiro. Temos de chegar a um acordo. Eles vão trabalhar, ganham-no, pagam-nos e ficam quites. Se os enterramos, não recebemos nada.

Vincent era um realista que nunca deixava que a sua sede de sangue se sobrepusesse às soluções mais práticas.

OK, eu falo com o pai a esse respeito - concordou Giorgio. - Esses eram apenas ajudantes. Mas ele não vai perdoar ao Fuberta.

O organizador de excursões vai ter de receber a mensagem - disse Pippi.

- Primo Pippi - Giorgio estava a sorrir-, que bónus estás à espera de receber neste caso?

Pippi detestava que Giorgio lhe chamasse primo. Vincent e Petie tratavam-no assim por afecto, mas Giorgio só o fazia quando estavam a negociar.

No caso do Fuberta, é o meu dever - respondeu. - Vocês deram-

-me a agência de cobranças e eu recebo um salário do Xanadu. Mas recuperar o dinheiro vai ser difícil, de modo que penso que deveria receber uma percentagem. Tal como o Vincent e o Petie, se conseguirem arrancar alguma coisa a esses tipos.

E justo - admitiu Giorgio. - Mas não se trata aqui de cobrar notas de dívida. Não podes contar com os mesmos cinquenta por cento.

Não, não - apressou-se Pippi a concordar. - Deixem-me só molhar o bico.

Esta velha expressão siciliana fê-los rir. Petie disse então:

- Giorgio, não sejas mesquinho. Não precisas de me esfolar a mim e ao Vincent.

Petie dirigia agora o Enclave do Bronx, era o chefe dos Executores, e defendia constantemente a ideia de que os homens das fileiras deviam receber mais dinheiro. Ia com certeza dividir a sua parte com eles.

- Vocês são gananciosos - respondeu Giorgio, com um sorriso. -

Mas vou recomendar ao velho vinte por cento.

Pippi sabia que isto significava quinze ou dez por cento. Era uma velha história, com Giorgio.

- Que tal fazermos uma vaquinha? - propôs Vincent a Pippi.

Significava isto que os três dividiriam o dinheiro que fosse recuperado, não importando qual deles o conseguisse. Era um gesto amistoso. Havia muito mais probabilidades de recuperar dinheiro de pessoas que iam viver do que de uma pessoa condenada à morte. Vincent compreendia o mérito de Pippi.

- Claro, Vince - respondeu Pippi. - E obrigado.

Viu Dante a passear de mão dada com o avô no extremo oposto do jardim, e ouviu Giorgio dizer:

- Não é espantoso como o Dante e o pai se dão tão bem? O pai nunca foi assim

comigo. Passam a vida a cochichar um com o outro. Bom, o velho é tão esperto que alguma coisa o miúdo há-de aprender.

Pippi viu que o garoto tinha o rosto voltado para o Don. Os dois davam a impressão de partilharem um qualquer segredo terrível que havia de dar-lhes o domínio do Céu e da Terra. Mais tarde, Pippi convenceu-se de que aquele espectáculo lhe lançara um mau olhado e estivera na origem de todos os seus infortúnios.

Pippi De Lena ganhara a sua reputação ao longo dos anos graças à maneira cuidadosa como elaborava os seus planos. Não era um simples gorila à solta, mas um técnico altamente especializado. Como tal, confiava na estratégia psicológica para o ajudar na execução de um trabalho. No caso de Danny Fuberta, eram três os problemas. Antes de mais nada, tinha de recuperar o dinheiro. Depois, tinha de coordenar cuidadosamente as suas acções com Vincent e Petie. (Essa parte foi fácil, pois Vincent e Petie eram extremamente competentes no seu trabalho. Em dois dias descobriram os vigaristas, arrancaram-lhes uma confissão e combinaram uma forma e um calendário de pagamentos). Em terceiro lugar, tinha de matar Danny Fuberta.

Não lhe foi difícil encontrar-se "acidentalmente" com Fuberta, dar largas ao seu encanto e arrastá-lo para um almoço a dois num restaurante chinês no East Side. Fuberta sabia que Pippi era o cobrador do Xanadu, tinham necessariamente tido contactos ao longo dos anos, mas Pippi parecia tão genuinamente encantado por encontrá-lo ali em Nova Iorque que Fuberta não teve maneira de recusar.

Pippi abordou o assunto como se fosse uma coisa sem importância.

Esperou até terem encomendado, e então disse:

- O Gronevelt contou-me da golpada. Sabes que és responsável por aqueles que certificas para terem crédito.

Fuberta jurou a sua inocência e Pippi dirigiu-lhe um grande sorriso e deu-lhe uma amistosa palmada num ombro.

- Ora vamos, Danny. O Gronevelt tem as fitas, e os teus compinchas já cuspiram tudo. Estás metido num grande sarilho, mas eu posso resolver a coisa se devolveres o dinheiro. Até talvez consiga manter-te no negócio das excursões.

Para apoiar o que afirmava, tirou do bolso as fotografias dos quatro homens.

Aqui tens os teus rapazes - disse. - E olha que eles estão a contar tudo, a atirar com a merda toda para cima de ti. Disseram-nos como dividiram o dinheiro. De modo que, se devolveres os quatrocentos mil, arruma-se a questão.

Sim, é verdade, conheço esses quatro - admitiu Fuberta. - Mas são tipos duros, não iam pôr-se a falar.

São os Clericuzio que estão a fazer as perguntas - disse Pippi.

Oh, merda, não sabia que o hotel era deles!

Agora já sabes. Se não lhes devolves a massa, estás metido em grandes sarilhos.

O que eu devia era sair daqui para fora.

- Não, não, deixa-te estar. O pato-à-pequim é óptimo. Escuta, podemos resolver esta coisa, não é assim nada de especial. Toda a gente tenta a sua sorte de vez em quando, não é? Basta devolveres o dinheiro.

- Não tenho um centavo - respondeu Fuberta. Pela primeira vez, Pippi mostrou alguma irritação.

- Tens de mostrar um pouco de respeito - disse. - Devolve agora cem mil, e aceitamos uma nota dívida pelos outros trezentos mil.

Fuberta pensou naquilo enquanto mastigava um bolinho frito.

- Posso dar-te cinquenta mil - anunciou.

Isso é bom, é muito bom - declarou Pippi. - Podes pagar o resto abatendo aos teus honorários por organizares excursões para o hotel. Parece-te justo?

Acho que sim.

Não te preocupes mais, aprecia a comida - aconselhou Pippi.

Enrolou uma febra de pato numa panqueca, regou tudo com molho doce e estendeu-a a Fuberta. - Isto é óptimo Danny- acrescentou. - Come.

Depois tratamos de negócios.

Comeram gelado de chocolate à sobremesa e combinaram que Pippi iria buscar os cinquenta mil dólares à agência de viagens de Fuberta, depois das horas de expediente. Pippi pegou na conta, pagando em dinheiro.

- Danny - disse -, já reparaste que o gelado de chocolate nos restaurantes chineses tem sempre muito cacau. É óptimo. Sabes o que é que eu acho? O primeiro restaurante chinês que abriu na América enganou-se na receita, e os que vieram a seguir copiaram essa receita errada. É excelente.

Um óptimo gelado de chocolate.

Danny Fuberta não passara, porém, quarenta e oito anos como vigarista e fura-vidas sem aprender a ler certos sinais. Mal deixou Pippi, desapareceu completamente, deixando recado de que andava em viagem para juntar o dinheiro que devia ao Xanadu Hotel. Pippi não ficou surpreendido.

Fuberta limitava-se a usar tácticas comuns naqueles casos. Escondera-se para poder negociar em segurança. O que significava que não tinha dinheiro e que não haveria bónus, a menos que Vincent e Petie conseguissem cobrar qualquer coisa pelo seu lado. Pippi recrutou alguns homens do Enclave do Bronx para vasculhar a cidade. Fez constar que Danny Fuberta era procurado pelos Clericuzio. Passou uma semana, e Pippi começou a sentir-se cada vez mais irritado. Devia ter adivinhado que a exigência de pagamento só serviria para alertar Fuberta. Que Fuberta devia ter calculado que cinquenta mil não seriam o suficiente, mesmo que tivesse esses cinquenta mil.

Passada mais uma semana, Pippi tornou-se impaciente. Por isso, quando a oportunidade surgiu, a sua reacção foi um pouco mais precipitada do que teria sido prudente.

Danny Fuberta reapareceu num pequeno restaurante do Upper West Side. O proprietário, um soldado dos Clericuzio, fez um rápido telefonema.

Pippi chegou no momento em que Fuberta ia a sair do restaurante e, para grande surpresa de Pippi, sacou de uma arma. Fuberta era um vigarista, não tinha experiência com armas de fogo. Por isso, quando disparou, falhou por mais de meio metro. Pippi meteu-lhe cinco balas no corpo.

Houve, nesta cena, uma série de pormenores infelizes. Um, uma testemunha ocular. Dois, um carro-patrulha que fez a sua aparição antes que Pippi pudesse escapar. Três, Pippi não fizera quaisquer preparativos para uma cena de tiros, a sua intenção fora convencer Fuberta a irem para um local seguro. Quatro, embora não fosse impossível alegar legítima defesa, algumas testemunhas afirmaram que Pippi fora o primeiro a disparar. Tudo parecia confirmar o velho truísmo de que uma pessoa corre sempre mais perigos com a lei quando está inocente do que quando é culpada. Além disso, Pippi tinha um silenciador na arma, em previsão da sua última e amistosa conversa com Danny Fuberta.

Ajudou bastante o facto de Pippi ter reagido de uma forma perfeita à chegada do carro-patrulha. Não tentou abrir caminho a tiro, nem nada disso; limitou-se a seguir as directivas. Os Clericuzio tinham um mandamento inviolável: nunca disparar contra um agente da autoridade. Pippi não o fez.

Deixou cair a arma no passeio e afastou-a com um pontapé. Submeteu-se pacificamente à captura e negou enfaticamente ter qualquer relação com o homem que jazia morto a poucos passos de distância.

As contingências deste tipo estavam previstas e havia planos estabelecidos para lhes fazer frente. Ao fim e ao cabo, por muito cuidado que se tivesse, havia sempre que contar com a perversidade do destino. Pippi parecia ter sido engolfado por um ciclone de azar, mas sabia que tudo o que tinha de fazer era descontrair-se, que podia contar com a Família Clericuzio para o levar a bom porto.

Em primeiro lugar, havia os caríssimos advogados de defesa que o tirariam da prisão sob fiança. Depois havia os juizes e os delegados do ministério público, que podiam ser persuadidos a tornarem-se intransigentes apoiantes do direito de cada um a defender-se, as testemunhas cuja memória podia falhar, os inabalavelmente independentes jurados americanos que, ao mais pequeno encorajamento, se recusariam a condenar só pelo prazer de frustrar as autoridades. Um soldado da Família Clericuzio não tinha de se pôr aos tiros para sair de apuros, como um qualquer cão raivoso.

No entanto, pela primeira vez nos seus muitos anos ao serviço da Família Clericuzio, Pippi De Lena tinha de ser submetido a julgamento num tribunal. E a estratégia legal exigia tradicionalmente que a esposa e os filhos estivessem presentes. Era preciso que os jurados soubessem que da sua decisão dependia a

felicidade daquela inocente família. Doze homens e mulheres justos e honestos teriam de endurecer os seus corações. "Dúvida razoável era uma benesse de Deus para qualquer júri empolgado pela compaixão.

Durante o julgamento, os agentes da polícia declararam que não tinham visto Pippi com a arma na mão nem a afastá-la com um pontapé.

Três das testemunhas foram incapazes de identificar o arguido, as outras duas eram tão veementes na maneira como identificavam Pippi que conquistaram imediatamente as simpatias do juiz e dos jurados. O proprietári do restaurante testemunhou que seguira Danny Fuberta até à porta porque este não tinha pago a conta, que assistira a tudo e que o autor dos disparos não era definitivamente Pippi De Lena, o réu.

Pippi calçava luvas na altura do tiroteio, razão pela qual não havia impressões digitais na arma. A defesa apresentou provas médicas de que Pipi sofria de ataques intermitentes de uma doença de pele misteriosa e incurável, pelo que lhe fora recomendado o uso de luvas.

Como medida máxima de segurança, um dos jurados tinha sido subornado. Ao fim e ao cabo, Pippi era um alto executivo da Família. Mas esta última precaução revelou-se desnecessária. Pippi foi absolvido e declarado para sempre inocente aos olhos da lei.

Não, porém, aos da mulher. Seis meses depois do julgamento, Nalen De Lena anunciou ao marido que queria o divórcio.

Há um preço a pagar para aqueles que vivem a altos níveis de tensão.

Partes físicas do corpo desgastam-se. Comer e beber em excesso atacam o fígado e o coração. O sono torna-se criminosamente evasivo, o espírito não reage à beleza e não investe na confiança. Pippi e Nalene sofriam ambos deste mal. Ela não o suportava na cama, e ele era incapaz de ter prazer com uma parceira que não partilhasse o seu prazer. Ela não conseguia esconder o horror que lhe causava sabê-lo um assassino. Ele sentia um alívio enorme por não ter de continuar a esconder dela a sua verdadeira maneira de ser.

- OK, divorciamo-nos - disse Pippi a Nalene. - Mas eu não fico sem os meus filhos.

- Agora sei quem tu és - replicou Nalene. - Não quero voltar a ver-te e não consentirei que os meus filhos vivam contigo.

Isto surpreendeu Pippi. Nalene nunca fora voluntariosa ou agressiva E

espantou-o que ela fosse capaz de falar com ele, Pippi De Lena, daquela maneira. Mas as mulheres eram sempre imprevisíveis. Considerou então sua própria posição. Não estava preparado nem equipado para criar filhos.

Cross tinha onze anos e Claudia dez, e ele reconheceu que, a despeito da sua proximidade com Cross, ambas as crianças gostavam mais da mãe do que dele. Queria ser justo para com a mulher. Ao fim e ao cabo, ela tinha-lhe

dado aquilo que ele queria, uma família, filhos, uma base sólida para a sua vida, algo de que todos os homens precisam. Quem sabia o que teria sido feito dele se não fosse ela? Vamos lá conversar a respeito disto - disse. -

Podemos perfeitamente separar-nos sem rancores. - Ligou a torneira do charme. – Que diabo, tivemos uns bons doze anos. Tivemos alguns momentos felizes. E tivemos dois filhos maravilhosos, graças a ti. - Fez uma pausa, novamente surpreendido pela expressão fechada dela. - Ora vamos, Nalene, tenho sido um bom pai, os meus filhos gostam de mim. E eu ajudo-te em seja o que for que quiseres fazer. Naturalmente, podes ficar com a casa aqui em Vegas. E posso arranjar-te uma das lojas do Xanadu. Roupas, jóias, antiguidades. Vais ganhar os teus cem mil por ano. E podemos compartilhar os nossos filhos.

Odeio Las Vegas - replicou Nalene. - Sempre odiei. Tenho o meu diploma de professora e um emprego em Sacramento. Já inscrevi as crianças em escolas de lá.

Foi nesse momento que Pippi, com um choque de estupefacção, compreendeu que ela era uma adversária, que era perigosa. Tratava-se de um conceito totalmente estranho para ele. As mulheres, no seu quadro de referências, nunca eram perigosas. Nem uma esposa, nem uma amante, nem uma tia, nem a mulher de um amigo, nem sequer a filha do Don, Rose Marie.

Pippi sempre vivera num mundo em que as mulheres não podiam ser o inimigo. Subitamente, sentiu a raiva, a onda de energia, que era capaz de sentir em relação a um homem.

Sob o impulso deste novo sentimento, disse:

- Não vou a Sacramento para ver os meus filhos.

Ficava furioso sempre que alguém rejeitava o seu encanto, recusava a sua amizade. Negar-se a ser razoável com Pippi De Lena era brincar com o fogo. Quando se decidia pela via da confrontação, Pippi não aceitava limites.

Além disso, estava espantado por a mulher ter já feito planos.

- Dizes que sabes quem eu sou - prosseguiu. - Então tem muito cuidado. Podes ir para Sacramento, por mim podes até ir para o fim do mundo. Mas só levas um dos meus filhos contigo. O outro fica comigo.

Nalene olhou friamente para ele.

- O tribunal decidirá isso - declarou. - Creio que o melhor é dizeres ao teu advogado que fale com o meu. - Quase se riu ao ver a expressão de espanto na cara dele.

- Tens um advogado?- exclamou Pippi. - Vais levar-me a tribunal?

Então começou a rir. As gargalhadas pareciam apoderar-se dele. Estava quase histérico.

Era estranho ver um homem que durante doze anos fora um apaixonado suplicante, um pedinte da carne dela, o seu escudo contra as crueldades do mundo, transformar-se assim num animal perigoso e ameaçador. Nesse instante, compreendeu finalmente por que razão os outros homens o tratavam com tanto respeito, por que mostravam tanto medo dele. Naquele momento, a cara feia de Pippi não tinha nada da simpatia que a tornava desarmante. Estranhamente, Nalene estava menos assustada do que ofendida pelo facto de o amor dele por ela poder ter desaparecido tão de repente. Ao fim e ao cabo, durante doze anos tinham cuidado um do outro, rido juntos, dançado juntos, criado os filhos juntos, e agora a gratidão dele por tudo o que ela lhe dera não contava para nada.

Pippi disse-lhe, friamente:

- Não quero saber o que decides. Não quero saber do que o juiz decidir. Sê razoável, e eu serei razoável. Arma-te em dura, e ficarás sem nada.

Pela primeira vez, ela teve medo de todas aquelas coisas que amara; o corpo poderoso dele, as mãos grandes e de ossos pesados, as feições irregulares e rudes que sempre achara varonis, embora outros as dissessem feias. Durante todo o tempo que tinham estado casados, ele fora mais cortesão do que marido, nunca erguera a voz para ela, nunca dissera a mais pequena piada à sua custa, nunca lhe ralhara quando ela gastava demasiado dinheiro. E era verdade que tinha sido um bom pai, só se mostrando duro com os filhos quando eles não tratavam a mãe com o devido respeito.

Sentiu-se desfalecer, mas o rosto de Pippi tornou-se mais distinto, como que emoldurado por uma sombra. Tinha as faces mais pesadas, a ligeirís-sima cova que lhe marcava o queixo parecia tapada por uma bolinha de massa preta, entre os pêlos das espessas sobrancelhas apareciam alguns fios brancos, mas os cabelos que lhe cobriam o crânio maciço eram negros, cada fio grosso como uma crina de cavalo. Os olhos, geralmente tão risonhos, tinham-se tornado de um castanho implacável.

- Pensei que me amavas - disse Nalene. - Como é que podes assustar-me desta maneira? - Começou a chorar.

Isto desarmou Pippi.

- Escuta - tentou contemporizar-, não ligues ao que diz o teu advogado.

Vamos para tribunal, e digamos que eu perco em toda a linha. Nem mesmo assim conseguirias ficar com os dois miúdos. Nalene, não me obrigues a ser duro. Não quero ser. Compreendo que não queiras continuar a viver comigo.

Sempre pensei que era um felizardo por ter-te tido durante tanto tempo.

Quero que sejas feliz. Conseguirás muito mais de mim do que de qualquer tribunal. Mas estou a ficar velho, não quero viver sem uma família. Por uma das poucas vezes na sua vida, Nalene não conseguiu resistir a um toque de malícia.

Tens os Clericuzio - disse.

Pois tenho - admitiu Pippi. - E tu não deves esquecer-te disso.

Mas o mais importante é que não quero viver sozinho quando for velho.

Há milhões de homens que vivem - ripostou Nalene. - E mulheres também.

Porque são fracos. Estranhos decidem das suas vidas. Outras pessoas anulam as suas existências. Eu não deixo que me façam isso.

És tu quem os anula a eles? - perguntou Nalene, trocista.

Exacto. - Pippi olhou para ela e sorriu. - E exactamente isso.

Poderás visitá-los sempre que quiseres - insistiu Nalene.- Mas irão os dois viver comigo.

Neste ponto, ele voltou-lhe as costas e disse com uma voz sem inflexões: Faz como quiseres.

Espera! - pediu Nalene. Pippi voltou-se. E ela viu-lhe no rosto algo de tão terrível na sua ferocidade sem alma que murmurou:- Se um deles quiser ficar contigo, então está bem.

Pippi ficou subitamente exuberante, como se o problema estivesse resolvido, - Óptimo! - exclamou. - O teu miúdo poderá vir visitar-me em Las Vegas e o meu poderá ir ver-te a Sacramento. é perfeito. Vamos arrumar esta questão esta noite.

Nalene tentou um último esforço:

- Não se é velho aos quarenta anos. Podes começar outra família.

Pippi abanou a cabeça.

Nunca - disse. - Tu és a única mulher que alguma vez me prendeu.

Casei tarde e sei que nunca mais voltarei a casar. Tens a sorte de eu ser suficientemente esperto para saber que não posso ficar contigo e eu sou suficientemente esperto para saber que não posso começar outra vez.

é verdade - assentiu Nalene -, não podes conseguir que eu volte a amar-te.

Mas podia matar-te - disse Pippi. Estava a sorrir para ela, como se fosse uma brincadeira.

Nalene olhou-o nos olhos e acreditou. Compreendeu que era aquela a fonte do

seu poder, o facto de que quando fazia uma ameaça as pessoas acreditavam. Reuniu as suas últimas reservas de coragem.

Lembra-te - disse -, se ambos quiserem ficar comigo, terás de os deixar.

Eles amam o pai - afirmou Pippi. - Um deles há-de querer ficar com o velhote.

Nessa noite, depois do jantar, com a casa refrescada pelo ar condicionado enquanto lá fora o calor do deserto esbraseava ainda, a situação foi exposta a Cross e a Claudia, que tinham respectivamente onze e dez anos. Nenhum deles pareceu surpreendido. Cross, tão bonito quanto a mãe era bela, tinha já a dureza interior do pai, e a mesma prontidão de resposta. Além disso, era totalmente destemido. Falou instantaneamente:

- Eu fico com a mãe.

Claudia estava aterrorizada pela necessidade de escolher. Com a astúcia das crianças, disse:

- E eu fico com o Cross.

Pippi ficou surpreendido. Cross estava mais próximo dele do que da mãe. Cross era o que ia à caça com ele, Cross gostava de jogar cartas, de jogar golfe e de praticar boxe. Cross não tinha o mínimo interesse na obsessão da mãe pelos livros e pela música. Era Cross quem ia até à agência de cobranças fazer-lhe companhia quando ele tinha de tratar da papelada, nas manhãs de sábado. Na realidade, tivera a certeza de que seria Cross a ficar com ele. Sempre esperara que fosse Cross.

Achou graça à resposta astuciosa de Claudia. A miúda era esperta. Mas Claudia parecia-se demasiado com ele, não queria ser obrigado a olhar todos os dias para uma cara feia tão parecida com a dele. E era lógico que Claudia fosse com a mãe. Claudia amava as mesmas coisas que Nalene. Que diabo faria ele com Claudia?

Pippi estudou os filhos. Estava orgulhoso deles. Sabiam que a mãe era a mais fraca dos dois, e estavam a pôr-se do lado dela. E reparou que Nalene, com o seu instinto teatral, se preparara habilmente para a ocasião. Vestia sobriamente umas calças e uma camisola pretas, tinha os cabelos dourados presos por uma estreita fita negra, destacando o oval pálido e maravilhosamente delicado do rosto. Teve

consciência da brutalidade do seu próprio aspecto, como devia aparecer aos olhos das crianças.

Resolveu abrir a torneira do encanto.

- Tudo o que peço - disse - é que um de vocês fique a fazer-me companhia. Poderão ver-se um ao outro sempre que quiserem. Não é verdade, Nalene? Com certeza não querem que eu fique a viver aqui em Las Vegas completamente sozinho.

As duas crianças olhavam fixamente para ele. Pippi voltou-se para Nalene.

- Tens de ajudar - disse. - Tens de escolher. - E então pensou furiosamente para si mesmo: "Por que raio é que me estou a ralar?"

- Prometeste que se os dois quisessem ir comigo, os deixavas - lembrou Nalene.

Vamos lá conversar - disse Pippi. Não se sentia ofendido: sabia que os filhos o amavam, mas amavam ainda mais a mãe. Achou isso natural. O que não significava que tivessem feito a escolha certa.

Não há nada para conversar - teimou Nalene, desdenhosamente.

- Tu prometeste.

Pippi não soube como pareceu terrível aos outros três. Não soube como os seus olhos se tornaram frios. Pensou que tinha conseguido controlar a voz quando falou, pensou estar a falar razoavelmente.

- Têm de escolher. Prometo que, se não resultar, se fará como tu queres. Mas eu tenho de ter uma possibilidade.

Nalene abanou a cabeça.

- Estás a ser ridículo - disse. - Vou para tribunal.

Nesse instante, Pippi decidiu o que tinha de fazer.

- Não tem importância. Pode ser como tu queres. Mas pensa nisto.

Pensa na nossa vida juntos. Pensa em quem tu és e em quem eu sou. Peço-te que

sejas razoável. Que penses no futuro de todos nós. O Cross é como eu, a Claudia é como tu. O Cross ficará melhor comigo, a Claudia ficará melhor contigo. É assim que as coisas são. - Interrompeu-se por um instante.

- Não te basta saber que ambos gostam mais de ti do que de mim?

Que sentiriam mais a tua falta do que a minha?

A última frase ficou como que suspensa no ar. Pippi não queria que os filhos compreendessem o que estava a dizer.

Mas Nalene compreendeu. Num impulso de terror, puxou Claudia para junto de si. Nesse instante Claudia olhou suplicantemente para o irmão e disse:

- Cross...

Cross manteve o rosto impassivelmente belo. O seu corpo moveu-se com graciosidade. Num instante, estava junto do pai.

- Eu fico contigo, Papá - disse.

E Pippi pegou-lhe agradecidamente na mão. Nalene estava a soluçar.

- Cross, hás-de visitar-me muitas vezes, sempre que quiseres. Hás-de ter um quarto só teu em Sacramento. Ninguém lá dormirá senão tu.

Era, ao fim e ao cabo, uma deslealdade.

Pippi quase saltou de exuberância. Era um peso tão grande que lhe tiravam da alma o facto de já não ser obrigado a fazer o que por um instante tinha decidido fazer!

- Temos de festejar! - disse. - Mesmo quando nos divorciarmos seremos duas famílias felizes, em vez de uma família feliz. E havemos de viver felizes para sempre. - Os outros olhavam para ele petrificados. – Bom, que diabo, pelo menos, vamos tentar - concluiu.

Claudia não voltou a visitar o pai e o irmão em Las Vegas depois dos primeiros dois anos. Cross ia todos os anos a Sacramento visitar a irmã e mãe, mas, a partir dos seus quinze anos, estas visitas passaram a resumir-se às férias de Natal.

Os dois diferentes pais eram dois pólos de vida diferentes. Claudia e mãe tornaram-se cada vez mais parecidas. Claudia adorava a escola; adorava livros, teatro, cinema; deleitava-se com o amor da mãe. E Nalene encontrava em Claudia a vivacidade do marido, o seu encanto. Amava a sua falt de beleza, que não tinha nada a ver com a brutalidade do pai. Eram felize juntas.

Claudia acabou a universidade e foi viver para Los Angeles, decidida a tentar a sorte no mundo do cinema. Nalene teve pena de vê-la partir, mas construíra uma vida agradável com amigos em Sacramento, e tornara-si vice-reitora de um dos principais liceus da cidade.

Também Cross e Pippi se tinham tornado uma família feliz, mas de uma maneira completamente diferente. Pippi pesava os factos. Cross era um atleta excepcional no liceu, mas um aluno medíocre. A universidade não o atraía minimamente. E, embora fosse extraordinariamente bem parecido, não se mostrava excessivamente interessado em mulheres.

Cross gostava de viver com o pai. Na realidade, por muito desagradável que fosse a decisão tomada, parecia ter acabado por revelar-se a melhor. Duas famílias felizes, sem dúvida, mas não juntas. Pippi provou ser tão bom pai para Cross como Nalene para Claudia; isto é, fez o filho à sua imagem.

Cross adorava o funcionamento do Xanadu Hotel, a manipulação dos clientes, a luta contra os artistas da golpada. E demonstrava um apetite normal pelas coristas do corpo de baile; ao fim e ao cabo, não devia julgar o filho por si mesmo. Pippi decidiu que Cross teria de juntar-se à Família.

Acreditava piamente nas palavras que o Don tanto gostava de repetir: "O

mais importante na vida é ganhar o pão de cada dia."

Começou por dar sociedade ao filho na agência de cobranças.

Levava-o ao Xanadu Hotel para jantar com Gronevelt e manobrou de maneira que este se interessasse pelo bem-estar de Cross. Fez de Cross um dos quatro parceiros nas suas partidas de golfe com os grandes clientes do hotel, incluindo-o sempre no par que jogava contra ele próprio. Cross, com dezassete anos de idade, tinha essa característica especial do profissional do golfe: jogava sempre muito melhor um dado buraco quando as apostas eram elevadas. Cross e o parceiro ganhavam invariavelmente. Pippi aceitava de boa vontade estas

derrotas; embora lhe custassem dinheiro, traziam enormes vantagens ao filho.

Levava Cross a Nova Iorque para as ocasiões sociais da Família Clericuzio: todos os feriados - particularmente o 4 de Julho, que a Família festejava com grande fervor patriótico - todos os casamentos e funerais. Ao fim e ao cabo, Cross era primo direito deles, tinha o sangue de Don Domenico a correr-lhe nas veias.

Quando Pippi fez a sua passagem habitual pelas mesas de jogo do Xanadu, para ganhar, com o seu croupier especial, a avença combinada de oito mil dólares semanais, Cross sentou-se a assistir. Pippi instruiu-o sobre as percentagens de todas as formas de jogo. Ensinou-o a gerir o dinheiro do jogo, a nunca jogar quando estivesse indisposto, a nunca jogar mais de duas horas por dia, a nunca jogar mais de três vezes por semana, a nunca apostar forte quando estivesse a perder, a nunca perder a calma quando estivesse a ganhar.

Parecia-lhe perfeitamente natural um pai mostrar ao filho a fealdade do mundo real. Como sócio minoritário da agência de cobranças, Cross precisava de ter este tipo de conhecimento. Porque as cobranças nem sempre eram tão pacíficas como Pippi as descrevia a Nalene.

Em algumas das mais difíceis, Cross não dava mostras de se sentir incomodado. Era ainda demasiado jovem e demasiado bonito para inspirar temor, mas o seu corpo parecia suficientemente forte para fazer cumprir quaisquer ordens que Pippi pudesse dar.

Finalmente, para testar o filho, Pippi mandou-o sozinho fazer uma cobrança particularmente difícil, onde só a persuasão, e não a força, poderia ser usada. O simples facto de enviar Cross era em si mesmo uma indicação de que a cobrança não seria forçada, um sinal de boa vontade para com o devedor. O homem em causa, um insignificante bruglione de uma Família do Nordeste da Califórnia, devia cem mil dólares ao Xanadu. Não era um caso suficientemente importante para envolver o nome dos Clericuzio, as coisas tinham de ser resolvidas a um nível muito inferior; em suma, a luva de veludo em vez do punho de ferro.

Cross apanhou o barão da Máfia numa má altura. O homem, Falco, escutou a exposição conciliatória feita por Cross, e então sacou de uma arma e encostou-a à garganta do jovem.

- Mais uma palavra e espalho-te as putas das amígdalas pela parede!

- ameaçou.

Cross, para sua grande surpresa, não sentiu medo.

Assentamos em cinquenta mil - disse. - Com certeza não vai querer matar-me por uns míseros cinquenta mil, pois não? O meu pai não havia de gostar.

Quem é o teu pai? - perguntou Falco, com a arma ainda encostada à garganta de Cross.

- Pippi De Lena - respondeu o jovem -, e vai matar-me de qualquer maneira por ter aceitado cinquenta mil.

Falco riu-se e afastou a pistola.

Está bem, diz-lhe que pago da próxima vez que for a Vegas.

Pergunte por mim quando lá for - disse Cross. - Dou-lhe o seu habitual privilégio QCB 5.

Falco reconhecera o nome de Pippi, mas também houvera algo na cara de Cross que o detivera. A ausência de medo, a frieza da resposta, a pequena piada. Tudo isto falava de alguém a quem amigos não deixariam de vingar.

Mas o incidente persuadiu Cross a levar uma arma e um guarda-costas nas suas futuras cobranças.

Pippi celebrou a coragem do filho com umas férias para os dois no Xanadu. Gronevelt deu-lhes duas boas suites e ofereceu a Cross uma bolsa de fichas pretas.

Na altura Gronevelt tinha oitenta anos e os cabelos completamente brancos, mas o seu corpo continuava vigoroso e ágil. Tinha, além disso, uma veia pedagógica. Adorava ensinar Cross. Quando lhe entregou a bolsa com as fichas pretas, disse-lhe:

- Não podes ganhar, de modo que estas hão-de acabar por voltar à minha mão. Mas se me deres ouvidos, terás uma hipótese. O meu hotel tem outras diversões. Um excelente campo de golpe... há jogadores que vêm do Japão para jogar aqui. Temos óptimos restaurantes e lindas raparigas nos nossos espectáculos, em que

participam as maiores estrelas do cinema e da música de todo o mundo. Temos quadras de ténis e piscinas. Temos 5 Drive, bunker e putter são, naturalmente, termos relacionados com a nobre do golfe. Para os leitores menos familiarizados com a linguagem do jogo, aqui fica uma explicação, respigada do dicionário: drive é uma tacada comprida, bunker uma depressão de areia que serve de obstáculo (o lago é exactamente um lago e tem a mesma função) e putter é o taco que se utiliza para enviar directamente a bola para o buraco.

uma excursão especial de avião que pode levar-te a ver o Grande Canyon.

Tudo de borla. Não há, portanto, qualquer razão para que os cinco mil que tens nessa bolsa se percam. Não jogues.

Durante as suas férias de três dias, Cross seguiu este conselho. Todas as manhãs, jogava uma partida de golfe com Gronevelt, o pai e um grande Como o próprio autor explica mais adiante, a expressão significa, quarto, comida e bebida gratuitos (Room, Food and Beverages).

Magnata instalado no hotel. As apostas eram sempre substanciais, mas nunca exorbitantes. Gronevelt notou com satisfação que quanto mais dinheiro estava em jogo, melhor era o desempenho de Cross. "Nervos de aço, nervos de aço", dizia admirativamente a Pippi.

O que Gronevelt mais aprovava era, no entanto, o bom senso do rapaz, a sua inteligência, a maneira como sabia fazer o que era certo sem que lho dissessem. Na última manhã, o magnata que jogava com eles estava de mau humor, e por boas razões. Jogador hábil e ardoroso, tremendamente rico graças a uma lucrativa cadeia de casas pornô, perdera quinhentos mil dólares na noite anterior. Não era tanto o dinheiro em si que o incomodava, mas o facto de ter perdido o controlo no meio de uma onda de má sorte e tentado dar a volta por cima: o erro de um jogador inexperiente.

Nessa manhã, quando Gronevelt propôs uma aposta moderada de cinquenta dólares por buraco, o homem fungou e disse:

- Alfred, com aquilo que me sacou ontem à noite, pode dar-se ao luxo de apostar a sério.

Gronevelt ficou ofendido com isto. A partida matinal de golfe era uma ocasião social; misturá-la com os assuntos do casino denotava mau gosto e más

maneiras. Mas, com a sua cortesia habitual, disse:

- Com certeza. Até lhe dou o Pippi como parceiro. Eu jogo com o Cross.

Jogaram. O magnata das casas porno jogou bem. Pippi também.

Gronevelt também. Só Cross falhou. Fez o pior jogo de golfe que os outros alguma vez tinham visto. Entortou os drives, enterrou-se nos bunkers, atirou a bola para o minúsculo lago (construído a enormes expensas no deserto do Nevada) e perdeu completamente o domínio dos nervos com o putter'. o magnata pornográfico, cinco mil dólares mais rico e com o ego restabelecido, insistiu em que tomassem juntos o pequeno-almoço.

Lamento tê-lo deixado ficar mal, Mr. Gronevelt - desculpou-se Cross.

Gronevelt olhou gravemente para ele e disse:

Um dia, com autorização do teu pai, terás de vir trabalhar para mim.

Ao longo dos anos, Cross observara atentamente o relacionamento entre o pai e Gronevelt. Eram bons amigos, jantavam juntos uma vez por semana, e Pippi tinha para com Gronevelt uma deferência evidente, que não mostrava sequer relativamente aos Clericuzio. Gronevelt, pelo seu lado, parecia não recear Pippi, embora pusesse à sua disposição todas as facilidades do Xanadu, excepto uma villa. Além disso, Cross ficara a saber que o pai ganhava oito mil dólares semanais pagos pelo hotel, e não tardara a fazer a ligação. Os Clericuzio e Gronevelt eram sócios no Xanadu.

E Cross estava consciente de que Gronevelt se interessava particularmente por ele, o tratava com uma consideração especial. Como provava a bolsa com fichas pretas que lhe dera durante as suas férias. E havia muitas outras provas de simpatia e favor. Cross tinha acesso gratuito, para si mesmo e para os amigos, a todas as instalações do Xanadu. Quando acabara o liceu, o presente de Gronevelt fora um descapotável. A partir do momento em que completara dezassete anos, Gronevelt apresentara-o com um afecto evidente às bailarinas do hotel, com o objectivo de lhe dar um certo peso.

Mais tarde, Cross ficara a saber que Gronevelt, apesar de velho, recebia por vezes mulheres na sua suíte do terraço, para jantar, acontecimento que, a dar crédito aos mexericos das coristas, poderia fazer a fortuna de qualquer rapariga.

Gronevelt nunca tivera uma paixão a sério, mas era tão extraordinariamente generoso nas suas prendas que as mulheres adoravam-no, e qualquer uma que conservasse o seu favor durante um mês ficava rica.

Certa vez, quando, numa das suas conversas de professor para aluno, Gronevelt o instruíra sobre os segredos de dirigir um grande hotel-casino como o Xanadu, Cross atreveu-se a fazer-lhe uma pergunta relativa às mulheres no contexto das relações patrão-empregado.

Gronevelt sorriu-lhe: Deixo as mulheres que entram nos espectáculos para o director que se ocupa das diversões. Quanto às outras, trato-os exactamente como se fossem homens. Mas se estás a pedir-me um conselho sobre a tua vida amorosa, devo dizer-te o seguinte. Um homem inteligente e razoável não tem, na maior parte dos casos, nada a temer das mulheres.

Deves ter cuidado com duas coisas. Primeira e mais importante: a donzela em perigo. Segundo: uma mulher que seja mais ambiciosa do que tu. Não penses que não tenho coração, poderia perfeitamente defender da mesma maneira o ponto de vista das mulheres, mas não é isso que nos interessa agora. Eu tive sorte, amei o Xanadu mais do que qualquer outra coisa no mundo. Mas devo dizer-te que lamento não ter tido filhos.

Parece viver uma vida perfeita - disse Cross.

Achas que sim? - respondeu Gronevelt. - Bom, pago o preço.

Na grande mansão, em Quogue, as mulheres da Família Clericuzio andavam entusiasmadíssimas com Cross. Com vinte anos, o jovem estava no auge da sua virilidade - era bonito, elegante, forte e, para a sua idade, surpreendentemente bem educado. Na Família corriam piadas, não inteiramente isentas daquela malícia tão característica dos camponeses sicilianos, a respeito de, graças a Deus, ele se parecer com a mãe e não com o pai.

No domingo de Páscoa, quando mais de uma centena de parentes festejavam a ressurreição de Cristo, a peça final que lhe faltava no quebra-cabeças que era o pai foi-lhe fornecida pelo seu primo Dante.

No vasto jardim murado da mansão, Cross viu uma bonita rapariga à conversa com um grupo de rapazes. Viu o pai aproximar-se da mesa do bufete para se servir de um prato de salsichas grelhadas e dirigir um comentário amistoso ao

grupo de jovens. Reparou então que a rapariga que lhe chamara a atenção se encolhia visivelmente à aproximação de Pippi. As mulheres geralmente gostavam do pai; a sua fealdade, o seu bom humor e a sua alegria desarmavam-nas.

Também Dante observou a cena.

- Bonita rapariga - disse, com um sorriso. - Vamos até lá cumprimentá-la.

Aproximaram-se, e Dante fez as apresentações:

- Lila, este é o nosso primo Cross.

Lila tinha a idade deles, mas não estava ainda completamente desenvolvida como mulher; tinha a beleza levemente imperfeita da adolescência. Os seus cabelos eram da cor do mel, a pele brilhava-lhe como que refrescada por alguma fonte interior, mas a boca era demasiado vulnerável, como se não estivesse ainda completamente formada. Vestia uma camisola de angorá que lhe dava à pele um tom de ouro. Cross apaixonou-se por ela no mesmo instante.

Quando tentou falar-lhe, porém, Lila voltou-lhe as costas e procurou a protecção das matronas numa outra mesa.

- Acho que não gostou da minha cara - disse Cross, ligeiramente atrapalhado, dirigindo-se a Dante, que lhe respondeu com um sorriso perverso.

Dante transformara-se num estranho jovem transbordante de vitalidade e dotado de um rosto duro, astuto. Tinha os cabelos negros e espessos dos Clericuzio, que conservava escondidos debaixo de um curioso barrete do tipo dos que se usavam na Renascença. Era muito baixo, um pouco menos de um metro e sessenta, mas tinha uma confiança desmedida em si mesmo, talvez por ser o favorito do velho Don. Ostentava sempre um ar de malícia.

Naquele momento, disse a Cross:

- O nome dela é Anacosta.

Cross lembrava-se do nome. Um ano antes, a Família Anacosta sofrera uma tragédia. O chefe da família e o filho mais velho tinham sido mortos a tiro no quarto de um hotel de Miami. Mas Dante estava a olhar para Cross, à espera de

alguma resposta. Cross manteve uma expressão impassível.

E então? - disse.

Trabalhas com o teu pai, não é verdade? - perguntou Dante.

Sim.

E queres namorar a Lila? - espantou-se Dante. - Estás mas é doido! - E riu-se.

Cross adivinhou que havia ali um perigo qualquer. Permaneceu silencioso.

- Não sabes o que é que o teu pai faz? - continuou Dante.

- Claro. Cobra dívidas. Dante abanou a cabeça.

- Tens de saber. O teu pai mata pessoas por conta da Família. E o seu principal martelo.

Para Cross, foi como se todos os mistérios da sua vida tivessem sido dissipados pelo sopro de algum feiticeiro. Tornava-se tudo muito claro. A repulsa da mãe pelo pai, o respeito que os amigos e os membros da Família Clericuzio mostravam a Pippi, os misteriosos desaparecimentos do pai durante semanas seguidas, a arma que usava sempre, as piadas que não conseguia entender. Recordou o julgamento por assassínio, banido das suas recordações de infância de uma maneira curiosa, na noite em que o pai lhe pegara na mão.

Então, invadiu-o uma súbita onda de afecto pelo pai, a sensação de que tinha de protegê-lo fosse como fosse, agora que ele estava tão nu.

Acima de tudo, porém, Cross sentia uma fúria enorme por Dante se ter atrevido a dizer-lhe aquela verdade.

- Não - disse -, não sei disso. E tu também não sabes disso. Ninguém sabe. - E esteve quase a acrescentar: "E tu bem podes ir-te lixar, anão de merda!", mas, em vez disso, sorriu a Dante e perguntou: - Onde diabo foste tu arranjar esse raio desse chapéu?

Virginio Ballazzo estava a organizar a caça aos ovos de Páscoa com o à vontade de um palhaço nato. Reuniu as crianças à sua volta, bonitas flores com roupas de

festa, pequenos rostos como pétalas, peles frescas e suaves como casca de ovo, chapéus enfeitados de fitas, faces rosadas de excitação.

Deu a cada uma um cesto de palha e um beijo na testa e gritou-lhes: "Vão!" As crianças debandaram.

O próprio Virginio Ballazzo era um espectáculo digno de ser visto, com o seu fato cortado em Londres, os sapatos vindos de Itália, a camisa feita em França, o cabelo cortado por um qualquer Miguel Angelo de Manhattan. A vida fora boa para Virginio e abençoara-o com uma filha quase tão encantadora como as crianças.

Lucille, a quem todos chamavam Ceil, tinha dezoito anos e naquele dia fazia de assistente do pai. Enquanto distribuía os cestos, os homens que se encontravam no relvado assobiavam para si mesmos admirando a sua beleza.

Vestia uns calções e uma blusa branca aberta. A pele era morena, com a tonalidade rica das natas batidas. Trazia os cabelos, negros e compridos, enrolados em volta da cabeça como uma coroa. Parecia uma rainha da Primavera criada por uma saúde soberba, juventude e a genuína felicidade que um espírito alegre pode proporcionar.

Pelo canto do olho, viu Cross e Dante a discutirem, e apercebeu-se de que, por um instante, Cross sofrera um golpe devastador que o fez arrepanhar os cantos da boca.

Restava-lhe um cesto no braço, e aproximou-se do lugar onde Cross e Dante se encontravam.

- Qual de vocês quer ir caçar ovos? -perguntou, com um sorriso radiante de bom humor. Estendeu o cesto.

Ficaram os dois a olhar para ela em muda admiração. A luz do fim da manhã transformava a sua pele em ouro, os olhos dela dançavam de prazer.

A blusa branca moldava-lhe o contorno dos seios de uma forma que era simultaneamente convidativa e virginal, as suas coxas redondas eram brancas como leite.

Nesse instante, uma das rapariguinhas pôs-se a gritar. Todos olharam para ela. A

criança descobrira um ovo enorme, tão grande como uma bola de bowlingz berrantemente pintado de azuis e vermelhos. Estivera a tentar metê-lo no cesto, com o bonito chapelinho branco todo de banda, os olhos muito abertos de espanto e determinação. Mas o ovo partira-se e uma pequena ave voara do seu interior, e fora isso o que provocara o seu grito.

Petie atravessou o relvado a correr e pegou-lhe ao colo, para a consolar.

Era uma das suas partidas habituais, e a multidão riu.

A menina endireitou cuidadosamente o chapéu, disse, numa voz aguda de indignação, "Pregaste-me uma partida", e deu um estalo na cara de Petie. Os risos da multidão redobraram quando ela se afastou a correr de Petie, que continuava a pedir-lhe desculpa. Voltou a levantá-la nos braços e ofereceu-lhe um ovo de Páscoa de joalharia, pendente de uma corrente de ouro. A rapariguinha aceitou-o e deu-lhe um beijo.

Ceil pegou na mão de Cross e levou-o para o courtàe ténis, que ficava a cerca de cem metros da mansão. Sentaram-se no pequeno abrigo com três paredes cujo lado aberto apontava na direcção contrária à área dos festejos, de modo que poderiam ter alguma intimidade.

Dante ficou a vê-los afastarem-se com uma sensação de humilhação.

Tinha perfeita consciência de que Cross era mais atraente do que ele, e sentia-se preterido. No entanto, orgulhava-se de ter um primo tão bem parecido.

Para sua surpresa, deu por si de cesto na mão, de modo que acabou por encolher os ombros e juntar-se à caça aos ovos.

Escondidos no abrigo, Ceil tomou o rosto de Cross entre as mãos e beijou-o nos lábios. Foram beijos ternos, quase fugidios. Mas quando ele tentou meter-lhe as mãos por baixo da blusa, ela afastou-lhas. Tinha um sorriso radiante no rosto.

- Queria beijar-te desde que tínhamos dez anos - disse. - E hoje era a ocasião perfeita.

Cross sentiu-se excitado pelos beijos dela, mas limitou-se a perguntar: Porquê?

Porque tu és tão bonito e tão perfeito. Nada pode estar mal num dia como o de

hoje. - Enfiou uma mão na dele. - Não achas que temos umas famílias maravilhosas? - disse. Então, subitamente, perguntou: -

Por que foi que ficaste com o teu pai?

Foi assim que as coisas aconteceram - respondeu Cross.

E estavas a discutir com o Dante? é um tipo tão esquisito!

O Dante é bom rapaz - disse Cross. - Estávamos só a brincar.

Ele é um brincalhão, como o meu tio Petie.

O Dante é demasiado bruto - declarou Ceil, e voltou a beijar Cross.

Apertou-lhe as mãos com força. - O meu pai está a ganhar muito dinheiro.

Vai comprar uma casa no Kentucky, tem um Rolls Royce de 1920. Já tem três carros antigos e vai comprar cavalos no Kentucky. Porque não vais lá a casa amanhã ver os carros? Sempre gostaste dos cozinhados da minha mãe.

Tenho de voltar paraVegas amanhã - disse Cross. - Agora trabalho no Xanadu.

Ceil puxou-lhe pela mão.

Detesto Las Vegas - declarou. - Acho que é uma cidade nojenta.

Eu acho que é óptima - respondeu ele, sorrindo. - Como é que a detestas, se nunca lá estiveste?

- Porque as pessoas vão lá deitar fora o dinheiro que lhes custa a ganhar

- disse Ceil, cheia de indignação juvenil. - Graças a Deus, o meu pai não joga. E todas aquelas descaradas daquelas coristas!

Cross riu-se.

- Disso não sei. Limito-me a dirigir o campo de golfe. Nunca entro no casino.

Ceil sabia que ele estava a brincar com ela, mas perguntou: Se eu te convidar para me ires visitar quando for para a universidade, tu vais?

Claro - respondeu Cross.

Naquele jogo, ele era de longe o mais experiente. E sentiu-se enternecido pela inocência dela, por aquele dar de mãos, pela sua ignorância de quem era o pai e de quais eram os verdadeiros objectivos da Família.

Compreendeu que aquilo era uma experiência nova para ela, provocada pela beleza do dia, pela celebração da explosão de feminilidade no seu corpo, e sentiu-se tocado pela casta doçura dos seus beijos.

- É melhor voltarmos para a festa - disse, e regressaram de mãos dadas à área do piquenique. O pai dela, Virginio, foi o primeiro a avistá-los e esfregou um dedo contra o outro, dizendo "Juízo! Juízo!" com um ar feliz.

Depois abraçou-os a ambos. Foi um dia que Cross sempre recordaria pela sua inocência, com as crianças castamente vestidas de branco para anunciar a ressurreição, e porque finalmente compreendera quem era o pai.

Quando Pippi e Cross regressaram a Las Vegas, as coisas tornaram-se diferentes entre os dois. Pippi sabia obviamente que o seu segredo fora revelado e passou a tratar Cross com mais afecto. Cross, pelo seu lado, ficou surpreendido ao verificar que os seus sentimentos relativamente ao pai não tinham mudado, que continuava a amá-lo. Não conseguia imaginar a vida sem o pai, sem a Família Clericuzio, sem Gronevelt e sem o Xanadu Hotel.

Aquela era a sua vida, e não se sentia infeliz por isso. Mas começou a crescer nele uma impaciência. Havia outro passo que tinha de ser dado.

Carol Cino/Star Water Press.

Livro III

Claudia De Lena

Athena Aquitane.

Capítulo IV

A caminho da casa de Athena em Mailbu, Claudia ia pensando no que poderia dizer-lhe para a convencer a voltar ao trabalho.

Aquilo era tão importante para ela como para os estúdios. Messalina era o seu primeiro argumento verdadeiramente original; os seus outros trabalhos tinham sido adaptações de romances, reconversões ou alterações de outros guiões, ou colaborações.

Por outro lado, era coprodutora de Messalina, o que lhe dava um poder que nunca antes tivera. Além de uma fatia maior dos lucros. Desta vez ia ganhar dinheiro a sério. E depois poderia dar o passo seguinte: produtora-argumentista. Era possivelmente a única pessoa a oeste do Mississipi que não queria ser realizadora; esse trabalho exigia uma crueldade nas relações humanas que ela não era capaz de tolerar.

O relacionamento de Claudia com Athena era de verdadeira intimidade, não a amizade profissional de companheiros de trabalho na mesma indústria.

Athena havia de saber quanto aquele filme significava para a sua carreira.

Athena era inteligente. O que verdadeiramente intrigava Claudia era aquele medo de Boz Skannet. Athena nunca tivera medo de nada nem de ninguém.

Bom, pelo menos uma coisa havia de conseguir. Havia de descobrir exactamente porque tinha Athena tanto medo, e então poderia ajudar. E, sem a mínima dúvida, tinha de salvar Athena de arruinar a sua própria carreira. Ao fim e ao cabo, quem sabia mais do que ela a respeito das complexidades e armadilhas do negócio do cinema?

Claudia De Lena sonhava com uma vida de escritora em Nova Iorque.

Não se deixou desencorajar quando, com dezoito anos, o seu primeiro romance foi recusado por vinte editoras. Em vez disso, resolveu mudar-se para Los Angeles e tentar a sorte como argumentista.

Porque era inteligente, e cheia de vivacidade, e talentosa, depressa fez muitos amigos em Los Angeles. Inscreveu-se num curso de argumentistas conheceu um rapaz que era filho de um famoso cirurgião plástico. Tornaram-se amantes, e ele estava perfeitamente enfeitiçado pelo corpo e pela inteligência dela. Foi ele quem alterou a situação de "camaradas e parceiros de cama" para "relação séria". Uma noite levou-a a casa, para jantar e conhecer a família. O pai, o cirurgião plástico, ficou encantado. Depois do jantar, pôs as mãos em torno da cara dela.

- E uma injustiça que uma rapariga como tu não seja tão bonita como deveria - disse. - Não te ofendas, é uma infelicidade perfeitamente natural.

E é o meu trabalho. Posso resolver isso, se me deixares.

Claudia não ficou ofendida, mas ficou indignada.

Por que diabo haveria eu de ser bonita? - perguntou, com um sorriso. -

Que bem é que isso me faria? Em todo o caso, sou suficientemente bonita para o seu filho.

Claro que és! - apressou-se o cirurgião a concordar. - E quando eu acabar de tratar de ti, serás demasiado bonita para o meu filho. Es uma rapariga meiga e inteligente, mas a beleza é poder. Queres realmente passar o resto da tua vida a ver os homens juntarem-se como carneiros em volta de mulheres bonitas que não têm um décimo da tua inteligência? E será justo seres posta de parte só porque tens o nariz demasiado grosso e um queixo que parece o de um rufião da Máfia?- Deu-lhe uma palmadinha carinhosa na cara e acrescentou:- Não vai ser preciso muito. Tens uns belos olhos e uma boca bonita. E o teu corpo é suficientemente bom para uma estrela de cinema.

Claudia afastou-se dele. Sabia que era parecida com o pai; aquele comentário a respeito do rufião da Máfia tinha-lhe tocado num nervo.

Não tem importância - disse. - De qualquer maneira, não posso pagar-lhe.

Outra coisa - continuou o cirurgião. - Conheço o negócio do cinema. Já

prolonguei as carreiras de muitas estrelas, homens e mulheres.

Quando chegar a altura de propores um filme a um estúdio, o teu aspecto vai desempenhar um papel importante. Isto pode parecer-te injusto, eu sei que tens talento. Mas o mundo do cinema é assim. Encara isto como uma medida de carácter profissional, sem nada a ver com essa história macho-fêmea. Embora no fim o seja, evidentemente. - Viu que ela continuava hesitante. - Faço-o de graça - acrescentou. - Faço-o por ti e pelo meu filho. Embora desconfie que quando fores tão bonita quanto julgo que serás, ele perca a namorada.

Universidade da Califórnia, em Los Angeles.

Claudia sempre soubera que não era bonita, e naquele momento a recordação de o pai ter preferido Cross voltou-lhe ao espírito. Se fosse bonita, teria o seu destino sido diferente? Pela primeira vez, olhou bem para o cirurgião. Era um homem interessante, com uns olhos meigos que pareciam compreender o que ela sentia. Riu-se.

- Muito bem! Transforme-me na Cinderela.

O cirurgião não precisou de fazer tanto. Adelgaçou-lhe o nariz, arredondou-lhe o queixo, alisou-lhe a pele. Quando Claudia reapareceu no mundo, era uma mulher interessante, de ar altivo, com um nariz perfeito, uma presença que se impunha, talvez não exactamente bonita, mas de alguma maneira ainda mais atraente.

Em termos profissionais, os resultados foram mágicos. A despeito da sua juventude, conseguiu uma entrevista pessoal com Melo Stuart, que se tornou seu agente. Conseguiu-lhe pequenas reformulações em guiões e convidou-a para festas nas quais conheceu produtores, realizadores e estrelas. Todos ficavam encantados com ela. Num espaço de cinco anos, apesar de muito nova, passou a ser classificada como argumentista de Classe A para filmes de Classe A. Na sua vida pessoal, os efeitos não foram menos espectaculares. O cirurgião tivera razão. O filho não foi capaz de enfrentar a concorrência. Claudia teve uma série de conquistas sexuais - algumas foram autênticas rendições - que faria o orgulho de qualquer estrela de cinema.

Adorava o mundo do cinema. Adorava trabalhar com outros argumentistas, adorava discutir com os produtores, lisonjear os realizadores: mostrar aos primeiros como era possível poupar dinheiro fazendo o argumento de uma determinada maneira, convencer os segundos de que um determinado argumento

podia ser tratado a um nível artístico mais elevado.

Tinha uma admiração enorme pelas actrizes e os actores, pela maneira como eles se sintonizavam com as suas palavras, fazendo-as soar melhores e mais comoventes. Adorava a magia das filmagens, que a maior parte das pessoas achava uma maçada, gostava da camaradagem da equipa de trabalho e não tinha problemas com "fornicar abaixo da linha". Entusiasmava-se com todo o processo de estrear um filme e vê-lo transformar-se num êxito ou num fracasso. Acreditava que o cinema era uma grande forma de arte, e quando a chamavam para reescrever um argumento, via-se a si mesma como alguém cuja função era melhorar e não procurava fazer alterações só para ficar com o mérito. Com vinte e cinco anos de idade, tinha uma reputação enorme e inúmeras amizades entre as estrelas, sendo a mais íntima precisamente com Athena Aquitane.

Uma das coisas que mais a surpreendia era a sua efervescente sexualidade. Ir para a cama com um homem de quem gostasse era tão natural depois como qualquer gesto de amizade. Nunca o fazia para conseguir vantagens, era demasiado talentosa para isso; pelo contrário, por vezes dizia, na brincadeira, que as estrelas iam para a cama com ela para conseguirem o seu próximo argumento.

A sua primeira aventura fora com o cirurgião, que se revelara muito mais encantador e competente do que o filho. Talvez encantado com o seu próprio trabalho, ele propusera-lhe instalá-la num apartamento com um

"subsídio" semanal, não só pelo sexo, mas também pelo prazer da sua companhia. Ela recusara sem se ofender, dizendo:

Pensei que não tinha de pagar nada.

Já pagaste mais do que o suficiente - respondeu ele. - Em todo o caso, espero que possamos encontrar-nos de vez em quando.

Claro - prometeu Claudia.

O que achava de extraordinário em si mesma era o facto de conseguir fazer amor com tantos géneros diferentes de homens, das mais variadas idades, tipos e aspectos. E gostar deles todos. Era como uma aspirante a gour-met, disposta a explorar todo o género de pratos exóticos. Fazia de mentora junto dos actores e argumentistas em início de carreira, mas não era um papel que lhe agradasse. O

que queria era aprender. E achava os homens mais velhos muito mais interessantes.

Em certa ocasião memorável, passou uma noite com o grande Eli Marrion em pessoa. Foi uma noite agradável, ainda que não inteiramente bem sucedida.Conheceram-se na festa da LoddStone Sudios, e Marrion sentiu-se intrigado com ela porque Claudia não se mostrou intimidada na sua presença e fez alguns comentários contundentemente depreciativos a propósito da última grande produção dos estúdios. Além disso, ouvira-a repelir as investidas amorosas de Bobby Bantz com um comentário espirituoso que não dava lugar a ressentimentos.

Havia já alguns anos que Eli Marrion desistira do sexo. Dava mais trabalho do que prazer, desde que se tornara quase impotente. Quando convidou Claudia para ir com ele até ao bangalô que a LoddStone possuía em Beverly Hills, deduziu que ela aceitara por causa do seu poder. Não fazia a sexual. Como seria ir para a cama com um homem tão poderoso e tão velho?

Isto, só por si, não teria sido suficiente, mas Claudia achara Marrion atraente a despeito da sua idade. Aquela cara de gorila conseguia, com efeito, tornar-se bonita quando ele sorria, como, por exemplo, ao dizer-lhe que todos o tratavam por Eli, incluindo os netos. A inteligência e o encanto natural dele intrigavam-na por causa das histórias que ouvira a respeito da sua natureza implacável. Havia de ser interessante.

No quarto do apartamento térreo do bangalô do Beverly Hills Hotel, verificou, divertida, que ele era tímido. Claudia, que rejeitava qualquer espécie de timidez, ajudou-o a despir-se e, enquanto ele dobrava as roupas e as colocava nas costas de uma cadeira estofada, desembaraçou-se do vestido, abraçou-o e meteu-se com ele debaixo dos lençóis. Marrion tentou brincar:

- Diz-se que quando o rei Salomão estava a morrer, lhe metiam virgens na cama, para o aquecerem.

- Bom, nesse caso não vou ser grande ajuda - respondeu Claudia.

Beijou-o e acariciou-o. Os lábios dele eram agradavelmente quentes.

A pele tinha uma secura e uma maciez cerosa que não repeliam ao tacto.

Claudia ficara espantada ao descobri-lo tão magro quando o despira, e por um instante pensara naquilo que um fato de três mil dólares podia fazer por um homem. Mas até aquela magreza, aliada à grande cabeça, lhe pareceu enternecedora. Não sentiu qualquer espécie de repulsa. Ao cabo de dez minutos de carícias e beijos (o grande Eli Marrion beijava com a inocência de um rapazinho), ambos compreenderam que ele estava agora definitivamente impotente. "Esta é a última vez que estou na cama com uma mulher", pensou Marrion. Suspirou, descontraiu-se e aninhou-se nos braços dela.

- Muito bem, Eli - começou Claudia -, vou agora dizer-lhe em pormenor por que razão o seu filme é uma trampa do ponto de vista financeiro e do ponto de vista artístico. - E então, continuando a acariciá-lo ternamente, fez-lhe uma análise demolidora do argumento, do realizador e dos actores.

- Não é só um mau filme - prosseguiu -, é um filme que não se consegue ver.

Porque não tem uma história, de modo que tudo o que lhes resta é um raio de um realizador a mostrar uma colecção de slides a respeito da quilo que ele pensa ser uma história. E os actores limitam-se a andar por ali, porque sabem que tudo aquilo é uma trampa.

Marrion escutou-a com um sorriso benevolente. Sentia-se muito confortável. Compreendia que uma parte essencial da sua vida tinha terminado, liquidada pela aproximação da morte. O facto de nunca mais voltar a fazer amor com uma mulher, ou sequer tentar, não era humilhante.

Sabia que Claudia não falaria a respeito daquela noite, e mesmo que falasse, que importância teria? Continuava a ter todo o seu poder. Continuava a poder modificar as vidas de milhares de pessoas, enquanto permanecesse vivo. E agora estava interessado na análise que ela fazia do filme.

- Não compreendes - disse. - Posso fazer com que um filme exista, mas não posso executar esse filme. Tens toda a razão, nunca mais volto a contratar esse realizador. Não é o Talento que perde o dinheiro, sou eu.

Mas o Talento tem de aceitar a responsabilidade. A minha pergunta é esta: com este filme irá ganhar dinheiro? Se se torna uma obra de arte, é apenas por um feliz acaso.

Enquanto falavam, Marrion levantou-se da cama e começou a vestir-se. Claudia

detestava quando os homens se vestiam: tornava-se tão mais difícil falar com eles! Marrion, para ela, era infinitamente mais amoroso nu, por estranho que parecesse; as pernas esguias, o corpo esquelético, a grande cabeça, tudo fazia nascer nela um sentimento de terna piedade.

Curiosamente, o pénis dele, flácido, era maior do que o da maior parte dos homens na mesma situação. Seria que o pénis crescia à medida que se tornava mais inútil?

Apercebeu-se de como era cansativo para Marrion abotoar a camisa e pôr os botões-de-punho. Saltou da cama para o ajudar.

Marrion estudou a nudez dela. Tinha um corpo melhor do que muitas das estrelas que levara para a cama, mas não houve qualquer excitação mental, e as células do seu corpo não reagiram àquela beleza. E ele não sentiu pena nem tristeza.

Claudia ajudou-o a enfiar as calças, abotoou-lhe a camisa, pôs-lhe os botões-de-punho. Endireitou-lhe a gravata castanha e penteou-lhe os cabelos com os dedos. Ele vestiu o casaco e ali ficou, com todo o seu poder visível recuperado. Ela beijou-o e disse:

- Foi agradável.

Marrion estava a estudá-la como se ela fosse uma qualquer espécie de adversário. Então exibiu o famoso sorriso que apagava a fealdade das suas feições. Aceitou o facto de que ela era verdadeiramente inocente, que tinha um bom coração, e acreditou que tudo isso se devia à sua juventude. Era uma pena que o mundo em que vivia houvesse forçosamente de transformá-la.

- Bom, pelo menos posso alimentar-te - disse, e ligou para o serviço de quartos.

Claudia estava esfomeada. Devorou uma sopa, um prato de pato com legumes e uma enorme taça de morangos com natas. Marrion comeu pouco, mas ajudou-a a esvaziar a garrafa de vinho. Conversaram a respeito de filmes e de livros, e Claudia ficou a saber, para sua surpresa, que Marrion era muito melhor leitor do que ela.

Teria adorado ser escritor - disse Marrion. - Gosto muito de escrever, os livros dão-me tanto prazer. Mas, sabes, raramente conheci um escritor de quem

pudesse gostar pessoalmente, embora adorasse os livros deles.

O Ernest Vail, por exemplo. Escreve uns livros muito belos, mas é um chato do inferno na vida real. Como é isso possível?

Porque os escritores não são os livros que escrevem - respondeu Claudia.- Os livros são distilações do melhor que há neles. Um escritor é como a tonelada de rochas que é preciso esmagar para obter um pequeno diamante, se é isso que se faz para conseguir um diamante.

- Conheces o Ernest Vail? - perguntou Marrion. Claudia apercebeu-se de que ele fizera a pergunta sem qualquer malícia. Com certeza estava ao corrente do caso dela com Vail. - Ora bem, gosto imenso do que ele escreve, mas pessoalmente não consigo suportá-lo. E agora arranjou esta guerra com os estúdios que é completamente de loucos.

Claudia deu-lhe uma palmadinha na mão, uma familiaridade permissível agora que ele a vira nua.

- Todos os Talentos têm uma guerra qualquer com os estúdios -

disse. - Não é nada pessoal. E, além disso, vocês não são nenhuns amores quando se trata de negócios. Eu posso muito bem ser a única escritora em toda a cidade que gosta de si. - Riram-se ambos.

Antes de se separarem, Marrion disse a Claudia:

- Sempre que tiveres um problema, por favor, telefona-me.

Era uma maneira de dar a entender que não desejava manter aquele relacionamento pessoal.

Claudia compreendeu.

- Nunca me aproveitarei dessa oferta - respondeu. - Mas se tiver algum problema com um argumento, pode telefonar-me a mim. O conselho é grátis, mas terá de pagar o meu preço se for obrigada a reescrever.

Queria com isto dizer-lhe que, profissionalmente, ele precisaria mais dela do que ela dele. O que não era, evidentemente, verdade, mas Claudia deixou bem claro

que tinha fé no seu próprio talento. Separaram-se como amigos.

O tráfego estava lento na Pacific Coast Highway. Claudia olhou para a esquerda, para ver o refulgente oceano, e espantou-se, como sempre, ao verificar como havia pouca gente na praia. Como aquilo era diferente de Long Island, onde vivera quando era mais nova. Via as asas-deltas deslizarem no céu, logo acima dos cabos de alta-tensão, e mergulharem para a praia. A sua direita avistou uma multidão reunida à volta de um carro-de-som e de um conjunto de câmaras. Alguém estava a rodar um filme. Como ela adorava a Pacific Coast Highway. E como Ernest Vail a tinha detestado. Dizia que viajar por aquele estrada era como meter-se num barco para o inferno...

Claudia De Lena conhecera Vail quando fora contratada para trabalhar no guião do romance dele, que ia ser adaptado ao cinema. Sempre adorara os livros dele, a graciosidade das frases, o modo como se encadeavam umas nas outras como notas de música. Ele compreendia a vida e as tragédias de carácter. Tinha uma capacidade inventiva que nunca deixava de deliciá-la, tal como os contos de fadas tinham encantado a sua infância.

Por isso ficara entusiasmada ao conhecê-lo. Mas a realidade de Ernest Vail era uma coisa completamente diferente.

Vail andava na altura pelos cinquenta e poucos anos. A sua presença física não tinha nada da graça da prosa que escrevia. Era baixo e pesado, e tinha uma careca que não se dava ao trabalho de disfarçar. Podia compreender e amar as personagens dos seus livros, mas nada sabia das subtilezas da vida quotidiana. Talvez isso fizesse parte do seu encanto, aquela inocência infantil.

Foi só depois de o conhecer melhor que Claudia se apercebeu de que por baixo daquela inocência havia uma inteligência excêntrica que até podia ser agradável. Vail era espirituoso da mesma maneira inconsciente que uma criança é espirituosa, e tinha o egotismo frágil de uma criança.

Ernest Vail parecia o homem mais feliz do mundo naquele pequeno-almoço no Polo Lounge. Os seus romances tinham-lhe conquistado uma sólida reputação junto da crítica e algum dinheiro, ainda que não muito.

Então o seu último livro aparecera nas montras e tornara-se um enorme best-seller e ia ser adaptado ao cinema pela LoddStone Studios. Vail escrevera o guião, e agora Bobby Bantz e Skippy Deere estavam a dizer-lhe que era

estupendo. E, para grande espanto de Claudia, Vail estava a engolir o elogio como qualquer aspirante a estrela destinada ao divã do realizador. Que diabo pensaria Vail que ela, Claudia, estava a fazer naquela reunião? O que mais a irritava era o facto de aqueles serem os mesmos Bantz e Deere que, no dia anterior, lhe tinham dito a ela que o guião era um "Monte de Merda". Não que quisessem ser ofensivos, ou sequer pejorativos. Um "Monte de Merda"

era muito simplesmente uma coisa que não resultava.

Claudia não se importou com o facto de Vail não ser bonito. Ao fim e ao cabo, também ela fora feia antes de ter desabrochado para a beleza sob a faca do cirurgião. Até achou alguma graça à credulidade e ao entusiasmo dele.

- Ernest, chamámos a Claudia para o ajudar - disse Bantz. - Ela é uma grande técnica, do melhor que há, e vai fazer disto um filme a sério.

Cheira-me que temos aqui um grande êxito. E não esqueça... você recebe dez por cento do líquido.

Claudia viu Vail engolir o anzol. O pobre filho da mãe nem sequer sabia que dez por cento do líquido eram dez por cento de coisa nenhuma.

Vail pareceu ficar genuinamente agradecido pela ajuda.

Claro que posso aprender muito com ela - disse. - Escrever guiões é muito mais divertido do que escrever livros, mas para mim é novidade.

Ernest, você tem um jeito natural - disse tranquilizadoramente Skippy Deere. - Pode vir a ter muito trabalho por estes lados. E é bem capaz de ficar rico com este filme, sobretudo se for um êxito, e sobretudo se ganhar um Oscar.

Claudia estudou os homens. Dois vigaristas e um pato: um trio bastante comum em Hollywood. Mas o certo é que também ela não fora muito mais esperta. Não era verdade que Skippy Deere a tinha lixado, literal e figurativamente? Em todo o caso, não podia deixar de admirar Deere.

Parecia tão absolutamente sincero.

Claudia sabia que o projecto estava já com grandes problemas e que o incomparável Benny Sly começara a trabalhar nas costas dela para transformar o

herói intelectual de Vail num produto defranchising, fazendo dele uma mistura de James Bond, Sherlock Holmes e Casanova. Nada ficaria do livro de Vail, além dos ossos nus.

Foi levada por este sentimento de pena que Claudia aceitou jantar com Vail nessa mesma noite, para planearem como iriam trabalhar juntos no guião. Um dos truques básicos da colaboração é evitar quaisquer envolvimentos românticos, e Claudia tratou disso apresentando-se nas sessões de trabalho o menos atraente possível. O romance constituía sempre um factor de distracção quando estava a escrever.

Para seu grande espanto, os dois meses que passaram a trabalhar juntos conduziram a uma amizade duradoura. Quando foram ambos despedidos do projecto no mesmo dia, foram juntos para Vegas. Claudia sempre gostara de jogar, e Vail tinha o mesmo vício. Em Vegas, apresentou-o ao irmão, Cross, e ficou muito surpreendida quando os dois homens simpatizaram imediatamente um com o outro. Tanto quanto ela visse, não havia absolutamente qualquer base para aquela amizade. Ernest era um intelectual sem o mínimo interesse por desportos ou pelo golfe. Cross não lia um livro havia anos. Interrogou Ernest a este respeito.

- Ele é um ouvinte e eu sou um falador - foi a resposta. Que deixou Claudia convencida de que não era aquela a verdadeira explicação.

Perguntou a Cross: embora fosse seu irmão, praticamente não o conhecia. Cross ponderou a pergunta por alguns instantes, e finalmente disse:

- Não é preciso andar de olho nele; não há nada que ele queira.

E mal Cross o disse, Claudia soube que era verdade. Para ela, foi uma revelação surpreendente. Ernest Vail, para sua desgraça, era um homem que não tinha agendas escondidas.

O caso dela com Ernest Vail foi diferente. Apesar de ser um romancista de fama mundial, Vail não tinha qualquer peso em Hollywood. Além disso, não possuía quaisquer graças sociais; muito pelo contrário, inspirava antagonismo. Os seus artigos nas revistas abordavam questões sensíveis a nível nacional e eram sempre politicamente incorrectos, mas, ironicamente, isto irritava ambos os lados; escrevendo a propósito do feminismo, declarara que as mulheres seriam sempre subjugadas pelos homens até que se tornassem fisicamente iguais, e

aconselhara as feministas a organizarem grupos de treino paramilitar. Com relação aos problemas raciais, escreveu um ensaio sobre linguagem no qual insistiu que os negros deviam chamar a si mesmos "coloridos", uma vez que "negro" e "preto" eram palavras usadas numa infinidade de sentidos pejorativos - pensamentos negros, preto como o diabo, negro como um túmulo - e tinham sempre conotações negativas excepto quando utilizadas em frases como "um simples vestido preto".

Logo a seguir, porém, enfurecera ambos os lados ao defender que todas as raças mediterrânicas deviam ser classificadas como "coloridas". Incluindo Italianos, Espanhóis, Gregos, etc.

Quando escreveu a respeito das classes, afirmou que as pessoas muito ricas tinham forçosamente de ser cruéis e defensivas, e que os pobres tinham necessariamente de ser criminosos, uma vez que eram obrigados a combater leis escritas pelos ricos para protegerem o seu dinheiro. Escreveu que a assistência social mais não era do que um suborno indispensável para impedir que os pobres iniciassem uma revolução. Relativamente à religião, defendeu que devia ser receitada como um medicamento.

Infelizmente, nunca ninguém conseguiu perceber se ele estava a brincar ou a falar a sério. Nenhuma destas excentricidades aparecia nos seus romances, de modo que a leitura das suas obras não proporcionava quaisquer pistas.

No entanto, quando Claudia trabalhou com ele na adaptação do romance, estabeleceu-se entre ambos uma relação íntima. Vail era um aluno dedicado, tratava-a com a maior deferência, e ela, pelo seu lado, apreciava as piadas mais ou menos amargas que ele costumava dizer, a seriedade com que falava das condições sociais. O descaso com que tratava o dinheiro na prática e se preocupava tanto com ele em abstracto não podia deixar de a espantar.

Tal como a sua incapacidade de compreender como o mundo funcionava em termos de poder, especialmente Hollywood. Deram-se tão bem que ela lhe pediu para ler o romance que escrevera. Sentiu-se lisonjeada quando ele apareceu nos estúdios, no dia seguinte, com um monte de notas sobre a leitura que fizera.

O romance acabara finalmente por ser publicado aproveitando a embalagem do sucesso dela como argumentista e graças à pressão exercida em determinados círculos por Melo Stuart. Recebera algumas críticas moderadamente elogiosas e

outras bastante mais duras, apenas porque ela era argumentista. Mas Claudia continuava a adorar o seu livro. Não vendeu, nem ninguém se interessou por comprar os direitos para o cinema. Mas estava impresso. Claudia ofereceu um exemplar a Vail, com uma dedicatória:

"Ao maior romancista vivo da América." Não ajudou.

- És uma rapariga com sorte - disse-lhe Vail. - Não és uma romancista, és uma argumentista. Nunca serás uma romancista.

Então, sem malícia nem ironia, passou a meia hora seguinte a tentar dissecar o romance dela e a demonstrar-lhe que era um disparate, que não tinha estrutura, nem profundidade, nem densidade nas personagens, e que até o diálogo, o ponto forte dela, era horroroso, sem objectivo. Foi um assassínio brutal, mas executado com uma lógica tão implacável que Claudia teve de reconhecer a verdade.

Vail concluiu com aquilo que certamente julgou ser uma amabilidade:

- É um livro muito bom para uma rapariga de dezoito anos. Todos os erros que apontei podem ser corrigidos pela experiência, simplesmente crescendo. Mas há uma coisa que nunca conseguirás corrigir. Não tens linguagem.

Ao ouvir isto, ainda que esmagada, Claudia ofendeu-se. Alguns dos críticos tinham elogiado a qualidade lírica da sua escrita.

- Nisso estás enganado - protestou. - Tentei escrever frases perfeitas. E

aquilo que mais admiro nos teus livros é a poesia da linguagem.

Pela primeira vez, Vail sorriu.

- Obrigado - disse. - Mas eu não tento ser poético. A minha linguagem nasce das emoções das personagens. A tua linguagem, a tua poesia neste livro, é imposta. É completamente falsa.

Claudia desfez-se em lágrimas.

- Quem raio pensas tu que és? - disse. - Como és capaz de dizer uma coisa tão terrivelmente destrutiva? Como é que podes ser tão estuporadamente categórico?

Vail pareceu divertido.

Ouve, podes escrever livros publicáveis e mesmo assim morrer de fome. Mas para quê, quando és uma argumentista genial? Quanto a eu ser categórico, isto é a única coisa que sei, mas sei-o absolutamente. Ou então estou enganado.

Não, não estás enganado - respondeu Claudia. - Mas és um filho da puta sádico.

Vail olhou intensamente para ela.

- Es dotada - disse -. Tens um ouvido excepcional para o diálogo do cinema, és perita a construir uma linha de enredo. Compreendes verdadeiramente o cinema. Por que é que queres ser ferreiro em vez de mecânico de automóveis? Es uma pessoa do cinema, não és uma romancista.

Claudia fixou nele uns olhos muito abertos de espanto.

Nem sequer sabes a que ponto estás a ser insultuoso.

Claro que sei - declarou Vail. - Mas é para teu próprio bem.

- Não consigo acreditar que és a mesma pessoa que escreveu aqueles livros - disse ela, venenosamente. - Ninguém acreditaria que foste tu.

Vail lançou uma gargalhada, deliciado.

- É verdade. Não achas maravilhoso?

Durante toda a semana seguinte, ele mostrou-se extremamente formal enquanto trabalhavam no guião. Partia do princípio que a amizade entre ambos estava acabada. Finalmente. Claudia disse-lhe:

Ernest, não sejas tão rígido. Eu perdoo-te. Até acredito que tenhas razão. Mas porque tiveste de ser tão bruto? Até pensei que estavas a fazer uma daquelas jogadas de poder masculino. Tu sabes, humilhar-me e então levar-me para a cama. Mas sei que és demasiado parvo para isso. Pelo amor de Deus, dá um pouco de açúcar com os teus remédios!

Só tenho uma coisa a meu favor - respondeu ele, encolhendo os ombros. - Se não sou honesto a respeito destas coisas, então não sou nada.

Além disso, fui bruto porque gosto verdadeiramente de ti. Tu nem sequer sabes a que ponto és uma raridade.

- Por causa do meu talento, da minha inteligência ou da minha beleza?

- perguntou Claudia, sorrindo.

Vail agitou uma mão, como que a afastar todas aquelas hipóteses.

- Não, não - disse. - Porque tu és abençoada, uma pessoa muito feliz. Nenhuma tragédia será jamais capaz de te derrubar. Isso é muito raro.

Claudia pensou um pouco naquilo.

Sabes - respondeu -, há qualquer coisa de levemente insultuoso no que acabas de dizer. Não significará isso que sou basicamente estúpida?

- Fez uma curta pausa. - As pessoas melancólicas são consideradas mais sensíveis.

Pois - retorquiu Vail. - Eu sou melancólico, de modo que sou mais sensível do que tu?

Riram-se ambos, e ela abraçou-o.

Obrigada por seres tão franco - disse.

Não te tornes demasiado confiante. Como a minha mãe costumava dizer, a vida é como uma caixa de granadas de mão, nunca se sabe qual delas pode mandar-nos pelos ares.

Claudia estava a rir quando perguntou:

- Pelo amor de Deus, tens sempre de pôr uma nota de tragédia em tudo o que dizes? Nunca serás um argumentista, e essa frase prova-o.

- Mas é mais verdadeira - afirmou Vail.

Antes que chegassem ao fim da sua colaboração no guião, Claudia arrastou-o para a cama. Gostava suficientemente dele para querer vê-lo despido de roupas, para que pudessem realmente falar, para que pudessem verdadeiramente trocar

confidências.

Como amante, Vail era muito mais entusiasta do que sabedor.

Mostrava-se também mais agradecido do que a maioria dos homens. E, o que era o melhor de tudo, gostava de conversar depois do sexo, a nudez não lhe inibia a queda para as prelecções nem a excentricidade dos pontos de vista. E Claudia adorava vê-lo nu. Sem roupas, Vail parecia ter a agilidade e a impetuosidade de um macaco, e era muito peludo: o peito coberto por um denso velo, grandes tufos de pelos nos ombros e nas costas. Além disso, era guloso como um macaco, deitando as mãos ao corpo dela como se fosse um fruto suspenso de uma árvore. O apetite dele divertiu Claudia. Deliciava-se com a inerente comédia de sexo. Dava-lhe vontade de rir pensar que aquele homem era famoso no mundo inteiro, que ela o vira na TV e o achara um pouco pomposo no modo como falava a respeito de literatura, do estado lastimável em que se encontrava o mundo, muito digno com aquele cachimbo que raramente fumava e parecendo muito professoral com o seu casaco de tweed com cotoveleiras de cabedal. Mas Vail era muito mais divertido na cama do que na TV; perdia a pose de estrela.

Nunca se falou entre eles de "verdadeiro amor", de uma "relação".

Claudia não tinha a mínima necessidade disso e Vail tinha apenas uma percepção literária do termo. Ambos aceitavam o facto de ele ser trinta anos mais velho e, além disso, nada de especial, a não ser pela sua fama. Nada tinham em comum excepto a literatura, que era, ambos concordavam, talvez a pior base possível para fundar um casamento.

Em todo o caso, ela adorava discutir com ele a respeito de cinema.

Ernest sustentava que o cinema não era arte, era uma regressão às imagens primitivas pintadas nas paredes de cavernas esquecidas. O filme não tinha linguagem, e uma vez que o progresso da espécie humana dependia da linguagem, era meramente uma arte regressiva, menor.

- Nesse caso - contrapunha Claudia -, a pintura não é uma arte, Bach e Beethoven não são arte, Miguel Angelo não é arte. Estás a dizer parvoíces.

E então apercebia-se de que ele estava só a espicaçá-la, que gostava de a provocar, se bem que, prudentemente, só depois de terem feito amor.

Quando acabaram por ser ambos despedidos do argumento, tinham-se tornado bons amigos. E, antes de regressar a Nova Iorque, Vail deu-lhe um pequeno anel em espiral com quatro pedras de cores diferentes. Não parecia caro, mas era uma antiguidade valiosa que ele gastara muito tempo a procurar. Desde então, Claudia passara a usá-lo sempre. No seu espírito, transformou-se numa espécie de talismã.

Quando ele partiu, porém, a relação sexual entre os dois terminou.

Quando e se ele regressasse a Los Angeles, ela estaria no meio de outro caso.

Vail reconhecia que o sexo entre eles fora mais uma questão de amizade do que de paixão.O presente de despedida dela foi uma instrução completa sobre como as coisas funcionavam em Hollywood. Explicou-lhe que o argumento em que ambos tinham trabalhado estava a ser reescrito pelo grande Benny Sly, o lendário "refazedor" de argumentos, que fora inclusivamente nomeado para um Oscar especial nessa nova categoria. E

que Benny Sly se especializara em transformar histórias que seriam fatalmente fracassos no circuito comercial em bombas de cem milhões de dólares. Com toda a certeza ia transformar o livro de Vail num filme que Vail havia de detestar, mas que sem a mínima dúvida faria montões de dinheiro.

- Não faz mal - disse Vail. - Tenho dez por cento do lucro líquido.

Ficarei rico.

Claudia olhou para ele exasperada.

- Líquido? - exclamou. - Também compras dinheiro da Confederação?

Nunca verás um centavo, por muito que o filme ganhe. A LoddStone tem um jeito especial para fazer desaparecer dinheiro. Ouve, eu já tive percentagens sobre o líquido de cinco filmes que fizeram um monte de massa

e nunca recebi um tostão. E tu também não vais receber.

Vail voltou a encolher os ombros. Parecia não se interessar, o que tornaria as suas acções nos anos seguintes ainda mais difíceis de entender.

O próximo caso amoroso de Claudia fê-la lembrar-se de Ernest dizer que a vida era como uma caixa de granadas de mão. Pela primeira vez, apesar da sua inteligência, apaixonou-se moderadamente por um homem totalmente inadequado. Um jovem realizador "genial". Depois disso apaixonou-se perdida e completamente por um homem por quem a maior parte das mulheres do mundo se teria apaixonado. E igualmente inadequado.

A explosão inicial de ego que o facto de ser capaz de atrair aqueles machos tão indiscutivelmente de primeira classe provocara nela não tardara a ser afogada pela maneira como eles a tratavam.

O realizador, um homem desagradável, tipo fuinha, poucos anos mais velho do que ela, fizera três filmes do género incorformista, que não só tinham sido um êxito junto da crítica como também tinham ganho bom dinheiro. Todos os estúdios tentaram apanhá-lo. A LoddStone deu-lhe um contrato para fazer três filmes e deu-lhe Claudia para reescrever o guião que ele se preparava para rodar.

Um dos elementos do génio do realizador era ter uma visão muito claro daquilo que queria. De início condescendera com Claudia por ela ser mulher e escritora, duas condições de inferioridade na estrutura de poder de Hollywood. Começaram imediatamente a discutir.

Ele pediu-lhe que escrevesse uma cena que ela sentia não se enquadrar na estrutura do enredo. Claudia reconheceu que a cena, em si mesma, seria espectacular, mas achou que a sua única função era permitir ao realizador mostrar as suas habilidades.

Não posso escrever essa cena - disse. - Não tem nada a ver com a história. E apenas acção e câmara.

E para isso mesmo que serve o cinema - respondeu o realizador, secamente. - Escreva a cena tal como a discutimos.

Não quero perder o seu tempo nem o meu - declarou Claudia.

- Escreva-a você com a merda da sua câmara.

O realizador nem sequer perdeu tempo a ficar zangado.

- Está despedida! - disse. - Fora do filme!- E bateu as palmas.

Skippy Deere e Bobby Bantz conseguiram, no entanto, reconciliá-los, o que só foi possível porque o realizador ficara intrigado pela teimosia dela. O filme foi um êxito, e Claudia teve de admitir que isso ficou a dever-se mais ao talento dele como realizador do que ao dela como escritora. Muito simplesmente, não fora capaz de captar a visão dele. Caíram na cama quase por acidente, mas aí o realizador revelou-se uma decepção. Recusou despir-se completamente e fez amor com a camisa vestida. Mas, mesmo assim, Claudia sonhava que haviam de fazer grandes filmes juntos. Uma das melhores duplas realizador-argumentista de todos os tempos. Estava perfeitamente disposta a ser o parceiro subordinado, a deixar o seu talento servir o génio dele. Criariam grande arte juntos e tornar-se-iam uma lenda. O

romance durou um mês, até que Claudia terminou o "borrão" do argumento de Messalina e lho mostrou. Ela leu-o e atirou-o para um lado.

- Um monte de tretas feministas com mamas e cus - sentenciou.

- És uma rapariga esperta, mas esse não é o filme que eu estou disposto

a gastar um ano da minha vida a fazer.

- Mas é apenas um primeiro esboço - protestou Claudia.

- Jesus, detesto as pessoas que tentam tirar proveito de uma relação pessoal para conseguirem fazer um filme - respondeu o realizador.

Nesse preciso instante, Claudia "desapaixonou-se" completamente dele.

Ficou furiosa.

Não preciso de ir para a cama contigo para fazer um filme - declarou.

Claro que não - disse o realizador. - És talentosa e tens fama de ser uma das melhores quecas na indústria do cinema.

Agora Claudia estava horrorizada. Nunca falava a respeito dos seus parceiros sexuais. E detestou o tom dele, como se fosse vergonhoso para as mulheres fazerem o mesmo que os homens faziam.

Tens talento - atirou-lhe, venenosamente -, mas um homem que fornica com a

camisa vestida tem uma reputação ainda pior. E eu, pelo menos, nunca levei ninguém para a cama prometendo-lhe um teste de câmara.

Foi aqui que acabou a relação entre ambos, e foi aqui que Claudia começou a pensar em Dita Tommey como realizadora. Decidiu que só uma mulher poderia fazer justiça ao seu argumento.

Ora, que se lixasse, pensou Claudia. O filho da mãe não gostava de se pôr nu e não gostava de conversar depois de fazer amor. Era na verdade um génio no que respeitava aos filmes, mas faltava-lhe linguagem. E, para génio, era um tipo sem ponta de interesse, excepto quando falava de cinema.

Claudia aproximava-se agora da grande curva da Pacific Coast Highway, que mostra o oceano como um grande espelho reflectindo as falésias à sua direita. Era o seu lugar preferido em todo o mundo, cheio de uma beleza natural que nunca deixava de a emocionar. Ficava a uns escassos dez minutos de Malibu Colony, onde Athena vivia. Claudia tentou dar forma ao seu pedido: para salvar o filme, para fazer Athena voltar. Lembrou-se que em diversas alturas das suas vidas tinham tido o mesmo amante, e sentiu uma onda de orgulho à ideia de que um homem que amasse Athena pudesse amá-la a ela.

O sol estava no auge do seu brilho, transformando, como um lapi-dador, as ondas do Pacífico em grandes diamantes. Claudia travou bruscamente. Teve a sensação que uma das asas-delta ia pousar mesmo à frente do carro. Suspensa do aparelho, uma jovem, com um seio a saltar-lhe da blusa, fez-lhe um gesto de adeus e continuou a mergulhar em direcção à praia. Porque é que autorizavam aquilo, porque é que a polícia não aparecia? Abanou a cabeça e pisou o acelerador. O tráfego estava a diminuir e a estrada fez uma curva, escondendo o oceano, que só voltaria aparecer meia milha mais adiante. Como o verdadeiro amor, pensou Claudia, sorrindo. Na sua vida, o verdadeiro amor reaparecia sempre.

Quando se apaixonou a sério, foi uma experiência simultaneamente educativa e dolorosa. E a culpa não foi verdadeiramente dela, pois o homem em questão era Steve Stallings, uma estrela Altamente Cotável e o ídolo de milhões de mulheres no mundo inteiro. Tinha uma espantosa beleza masculina, um encanto genuíno e uma enorme vivacidade alimentada por um prudente consumo de cocaína. Tinha, além disso, imenso talento como actor. Mas mais do que qualquer outra coisa, era um Don Juan. Fornicava todas as mulheres ao seu alcance, quer filmasse em

África, numa pequena cidade do Oeste americano, em Bombaim, em Singapura, em Tóquio, em Londres, em Roma ou em Paris. Fazia isto quase com o espírito do grande senhor que dá esmola aos pobres, como um acto de caridade cristã. Nunca sequer se punha a questão de uma relação, tal como um pedinte não espera ser convidado para as festas do seu benfeitor. Ficou tão encantado com Claudia que o caso durou vinte e sete dias.

Foram vinte e sete dias humilhantes para Cláudia, apesar do prazer. Steve Stallings era um amante irresistível, com a ajuda da cocaína. E sentia-se ainda mais à vontade nu do que Claudia. O facto de ter um corpo perfeitamente proporcionado ajudava, claro. Claudia surpreendera-o bastas vezes a examinar-se ao espelho, como uma mulher faria para ajeitar o chapéu.

Claudia sabia que era uma concubina menor. Quando marcavam encontros, ele telefonava sempre a dizer que ia chegar uma hora atrasado e depois acabava por aparecer seis horas mais tarde. Por vezes telefonava a cancelar pura e simplesmente. Ela não passava de uma solução de recurso para a noite. Além disso, quando faziam amor, ele insistia sempre que ela também tomasse cocaína, o que era agradável, mas lhe baralhava de tal modo o cérebro que ficava incapaz de trabalhar durante os dias seguintes, e quando teimava em escrever, não confiava naquilo que fazia. Compreendeu que estava a tornar-se aquilo que mais detestava no mundo: uma mulher cuja vida inteira dependia dos caprichos de um homem.

Sentia-se humilhada por não passar de uma quarta ou quinta escolha, mas não o culpava verdadeiramente a ele. Culpava-se a si mesma. Ao fim e ao cabo, naquele ponto da sua fama, Steve Stallings podia ter praticamente qualquer mulher na América, e escolhera-a a ela. Stallings acabaria por envelhecer e ficar menos irresistível, tornar-se-ia menos famoso e começaria a usar cada vez mais cocaína. Tinha de aproveitar enquanto estava no auge.

Claudia estava apaixonada e, por uma das poucas vezes em toda a sua vida, terrivelmente infeliz.

Por isso, quando, no vigésimo sétimo dia, Stallings telefonou a anunciar que ia chegar uma hora atrasado, ela disse-lhe:

- Não te incomodes, Steve. Vou deixar a tua casa de gueixas.

Houve uma pausa, e quando ele respondeu não pareceu surpreendido.

Continuamos amigos, espero - disse. - Gostei muito da tua com panhia.

Claro - disse Claudia, e desligou. Pela primeira vez, não queria

"continuar amiga" no final de um caso amoroso. O que realmente a irritava era a sua própria falta de inteligência. Era evidente que todo aquele com portamento da parte dele fora um truque para a fazer ir-se embora, e que ela demorara demasiado tempo a perceber a deixa. Era deprimente. Como pudera ser tão parva? Chorou, mas uma semana mais tarde descobriu que não sentia a mínima falta de estar apaixonada. Podia fazer o que quisesse com o seu próprio tempo e podia voltar a trabalhar. Era um prazer regressar à sua escrita com a cabeça limpa de cocaína e de amor verdadeiro.

Depois de o realizador-amante-genial ter rejeitado o seu guião, Claudia trabalhou furiosamente durante seis meses a reescrevê-lo.

Claudia De Lena escreveu o seu argumento original de Messalina como um espirituoso manifesto de propaganda feminista. Mas, ao cabo de cinco anos no negócio do cinema, sabia que qualquer mensagem tinha de ser disfarçada com ingredientes mais básicos, como ganância, sexo, assassínio e fé na humanidade. Sabia que tinha de escrever grandes papéis não só para Athena Aquitane, mas também para pelo menos três outras estrelas femininas em papéis secundários. Os bons papéis femininos eram tão raros que o argumento ia atrair estrelas de primeira grandeza. E depois, absolutamente essencial, havia o grande vilão - encantador, implacável, bem parecido e espirituoso. Neste ponto inspirou-se em recordações do pai.

Quisera inicialmente abordar uma mulher produtora independente com peso suficiente, mas os directores de estúdios com capacidade para dar luz verde a um filme eram quase todos homens. Gostariam do argumento, mas teriam medo de que tudo aquilo se transformasse numa peça de propaganda feminista demasiado descarada se tivesse mulheres na produção e na realização. Haviam de querer a mão pelo menos de um homem algures.

Claudia já decidira que Dita Tommey seria a realizadora.

Tommey ia com certeza aceitar, pois aquele era um filme de mega-orça-mento. Um tal filme, se tivesse êxito, colocá-la-ia na classe dos Cotáveis. E

mesmo que não tivesse, contribuiria para a sua reputação. Um filme caro que

falhasse era por vezes mais prestigioso para um realizador do que um filme barato que ganhasse dinheiro.

Outra razão era que Dita Tommey gostava exclusivamente de mulheres, e aquele filme dar-lhe-ia acesso a quatro mulheres famosas e bonitas.

Queria Tommey porque tinham trabalhado as duas num filme, alguns anos antes, e fora uma boa experiência. Dita era muito directa, muito esperta, muito talentosa. Além disso, não era um realizador do género "mata-argumentistas", dos que iam buscar amigos para os ajudar a reescrever o guião só para aparecerem no genérico. Nunca exigia a inclusão do seu nome entre os argumentistas a menos que tivesse contribuído com a sua justa parte, e não praticava agressivamente o assédio sexual, como muitos realizadores e estrelas. Se bem que a expressão "assédio sexual" não tivesse verdadeiramente cabimento no mundo do cinema, onde a venda de sexo, ou dos seus simulacros, fazia parte integrante do negócio.

Teve o cuidado de mandar o argumento a Skippy Deere numa sexta-feira, sabendo que ele só os lia cuidadosamente durante o fim-de-semana.

Mandou-lho porque, a despeito das suas traições, era o melhor produtor de Hollywood. E porque nunca era capaz de cortar definitivamente uma velha relação. Resultou. Recebeu uma chamada dele no domingo de manhã. Queria almoçar com ela nesse mesmo dia.

Atirou o computador para dentro do Mercedes e vestiu roupas de trabalho: uma camisa de ganga azul, de homem, uns blue jeans já bastante estafados e uns mocassins. Prendeu o cabelo com um lenço vermelho.

Meteu pela Ocean Avenue em Santa Monica. No Palisades Park, que separava a Ocean Avenue da Pacific Coast Highway, viu os "sem abrigo" de Santa Monica, homens e mulheres, a reunirem-se para o seu almoço de domingo. Trabalhadores sociais voluntários serviam-lhes de comer e de beber, todos os domingos, no ambiente puro e fresco do parque, nas pequenas mesas de madeira. Claudia seguia sempre aquele caminho para poder vê-los, para recordar a si mesma a existência daquele outro mundo onde as pessoas não tinham Mercedes nem piscinas e não faziam as suas compras em Rodeo Drive. Nos primeiros anos, oferecera-se muitas vezes para servir os desalojados no parque; agora limitava-se a mandar um cheque à igreja que os alimentava. Tornara-se demasiado duro

passar de um mundo para o outro, embotava o seu desejo de ser bem sucedida. Não conseguia impedir-se de observar os homens, tão pobremente vestidos, com as suas vidas em ruínas e alguns deles, no entanto, cheios de uma estranha dignidade. Viver assim sem esperança parecia-lhe uma coisa extraordinária, e, todavia, era apenas uma questão de dinheiro, o dinheiro que ela ganhava tão facilmente a escrever argumentos para o cinema. Aquilo que ganhava em seis meses era mais do que aqueles homens viam em toda a sua vida.

«««««Em casa de Skippy Deere, nas ravinas de Beverly Hills, foi guiada pela governanta até à piscina, com as suas berrantes cabinas às riscas azuis e amarelas. Deere estava sentado numa cadeira de praia almofadada. A seu lado, em cima de uma pequena mesa de mármore, havia um telefone e um monte de papéis. Tinha postos os óculos de ler de armação vermelha, que só usava em casa. Na mão direita segurava um copo alto de água de Evian gelada.

Levantou-se para a abraçar.

- Claudia - disse -, temos negócios a tratar, e depressa.

Ela estava a avaliar-lhe a voz. Geralmente, era capaz de adivinhar as reacções aos seus argumentos pelo tom das vozes. Havia o elogio cuidadosamente modulado, que significava um "não" definitivo. Depois havia a voz jovial, entusiasmada, que expressava uma admiração sem limites e era quase sempre seguida por pelo menos três razões pelas quais o argumento falar de dinheiro e de direitos de controlo. Isso significava "Sim".

- Isto pode ser um grande filme - disse a Claudia.- Muito, muito grande. Na realidade, o que não pode é ser pequeno. Eu sei o que estás a tentar fazer, és uma rapariga muito esperta, mas o que eu vou tentar vender aos estúdios é o sexo. Claro que, às actrizes, venderei a parte do feminismo.

Quanto ao actor principal, será fácil arranjá-lo se conseguires adoçá-lo um bocadinho, dar-lhe mais alguns momentos como boa pessoa. Sei muito bem que queres ser produtora-associada nesta coisa, mas eu é que mando. Podes dar as tuas opiniões, não sou um homem fechado à razão.

Quero ter uma palavra a dizer no que respeita ao realizador - decla rou Claudia.

Claro, tu, os estúdios e os actores - respondeu Deere, com uma gargalhada.

Não o vendo se não me deixarem aprovar o realizador - insistiu Claudia.

Está bem - concordou Deere. - Nesse caso começa por dizer aos estúdios que queres ser tu a realizar, depois desiste. Eles ficarão tão aliviados que te darão o direito de aprovação. - Fez uma curta pausa. - Em quem é que estás a pensar?

Dita Tommey.

Óptimo. Inteligente. As actrizes adoram-na. E os estúdios também.

Faz as coisas dentro do orçamento e não se serve dele em proveito próprio.

Mas eu e tu escolhemos o elenco antes de a metermos nisto.

A quem vais propô-lo? - perguntou Claudia.

À LoddStone. Eles alinham bastante bem comigo, de modo que não teremos de discutir muito a questão dos actores e do realizador.

Claudia, escreveste um argumento perfeito. Inteligente, emocionante, com uma

grande perspectiva sobre o feminismo nos tempos antigos, e isso hoje é um tema quente. E sexo. Justificas Messalina e todas as mulheres. Vou falar com o Melo e a Molly Flanders a respeito do teu contrato, e ela depois entende-se com os tipos da LoddStone.

Sacana! - exclamou Claudia. - Já tinhas falado com a LoddStone?

Ontem à noite - confirmou Deere, com um sorriso. - Levei-lhes o argumento e eles deram-me a luz verde, se conseguir pôr tudo a andar.

E escuta, Claudia, não me venhas com merdas. Sei que tens a Athena no bolso para esta coisa, e é por isso que estás a mostrar-te tão dura. - Fez uma pausa. - Foi o que eu disse à LoddStone. Agora, vamos ao trabalho.

Assim começara o grande projecto. Não podia deixá-lo ir agora por água abaixo.

Claudia estava a aproximar-se do semáforo onde teria de virar à esquerda e meter pela estrada particular que a conduziria a Malibu Colony.

Pela primeira vez, teve uma sensação de pânico. Athena era tão obstinada, como

todas as estrelas têm de ser, que nunca mudaria de ideias. Não importava; se Athena lhe dissesse que não, iria a Las Vegas pedir ajuda ao irmão. Cross nunca lhe falhara. Nem enquanto cresciam, nem quando ela fora viver com a mãe, nem quando a mãe morrera.

Claudia tinha uma recordação das grandes ocasiões festivas na mansão dos Clericuzio, em Long Island. Um cenário de um conto de fadas dos irmãos Grimm, uma mansão rodeada de altos muros, ela e Cross a brincarem entre as figueiras. Havia dois grupos de rapazes com idades compreendidas entre os oito e os doze anos. O grupo adversário era chefiado por Dante Clericuzio, neto do velho Don, que os vigiava de uma janela do primeiro andar, como um dragão.

Dante era um rapaz agressivo, que gostava de lutar, gostava de ser general, e o único que se atrevia a desafiar Cross para um combate físico.

Dante conseguira deitar Claudia ao chão e estava a bater-lhe, esforçando-se por submetê-la, quando Cross aparecera. Então Dante e Cross tinham lutado. O que na altura impressionara Claudia fora a confiança do irmão face à ferocidade de Dante. E Cross vencera com toda a facilidade.

Por isso Claudia não conseguia compreender a escolha da mãe. Como era preferível que não gostasse mais de Cross? Cross era muito mais merecedor do que ela. Provara-o ao escolher ficar com o pai. E Claudia nunca duvidara de que o que ele queria era ficar com a mãe e com ela.

Nos anos que se seguiram à separação, a família ainda manteve uma espécie de relação. Claudia acabou por saber, por conversas, pela linguagem corporal das pessoas à sua volta, que Cross conseguira atingir até um certo ponto a proeminência do pai. O afecto entre ela e o irmão tinha permanecido constante, embora fossem agora completamente diferentes.

Claudia compreendia que Cross fazia parte da Família Clericuzio, e ela não.

Dois anos depois de se ter mudado para Los Angeles, quando tinha vinte anos, a mãe, Nalene, adoecera com um cancro. Cross, que na altura trabalhava para Gronevelt no Xanadu depois de ter dado as suas provas com os Clericuzio, fora passar as duas últimas semanas com elas em Sacramento.

Contratara enfermeiras para estarem presentes vinte e quatro horas por dia, uma cozinheira e uma governanta. Estavam os três a viver juntos pela primeira vez

desde a separação da família. Nalene proibiu Pippi de ir visitá-la.

O cancro afectara a vista de Nalene, de modo que Claudia lia constantemente para ela, revistas, jornais e livros. Cross encarregava-se de fazer as compras. Por vezes tinha de ir a Las Vegas, para tratar de assuntos do hotel, mas regressava sempre antes do fim da tarde.

Durante a noite, Cross e Claudia faziam turnos para segurar na mão da mãe e confortá-la. E embora estivesse fortemente medicada, ela apertava-lhes continuamente as mãos. Por vezes tinha alucinações e pensava que os filhos eram novamente pequenos. Uma noite terrível começou a chorar e pediu perdão a Cross pelo que lhe tinha feito. Cross abraçou-a e jurou-lhe que tudo tinha resultado da melhor maneira.

Durante as longas noites, enquanto a mãe estava mergulhada no sono profundo provocado pelas drogas, Cross e Claudia contavam um ao outro os pormenores das suas vidas.

Cross explicou que tinha vendido a agência de cobranças e abandonado a Família Clericuzio, embora eles tivessem usado a sua influência para lhe conseguir o lugar no Xanadu Hotel. Fez uma levíssima alusão ao seu poder e disse a Claudia que seria sempre bem-vinda no Xanadu, com privilégios QCB - quarto, comida e bebida por conta da casa.

Claudia perguntou-lhe como é que podia fazer aquilo, e ele respondeu, não sem uma ponta de orgulho: "Sou eu quem faz as contas."

Claudia achou aquele orgulho cómico e um pouco triste.

Aparentemente, sentira a morte da mãe muito mais do que Cross, mas a experiência voltara a juntá-los. Recuperaram a intimidade dos tempos da infância. Claudia foi com alguma frequência a Vegas, nos anos seguintes, conheceu Gronevelt, e observou o relacionamento entre o velho e o irmão.

Durante esses anos, verificou que Cross tinha uma qualquer espécie de poder, mas que nunca relacionava esse poder com a Família Clericuzio. Uma vez que cortara todos os laços com os Clericuzio e deixara de ir aos funerais, casamentos e baptizados, não sabia que Cross continuava a fazer parte da estrutura social da Família. E Cross nunca falava esse respeito. Raramente via o pai, que não mostrava o mais pequeno interesse por ela.

A noite da Passagem de Ano era o grande acontecimento de Las Vegas, com gente de todo o mundo a confluir para a cidade, mas Cross tinha sempre uma suite para a irmã. Claudia não era grande jogadora, mas na véspera do Ano Novo deixava-se entusiasmar. Tinha levado consigo um jovem aspirante a actor e estava a tentar impressioná-lo. Perdera um pouco a cabeça e assinara vales no valor de cinquenta mil dólares. Cross apareceu na suite com os vales na mão, e havia uma expressão estranha no seu rosto. Claudia reconheceu-a mal ele falou. Era a cara do pai.

- Claudia - disse -, pensei que fosses mais esperta do que eu. Que raio é isto?

Claudia sentiu-se um pouco envergonhada. Cross aconselhara-a inúmeras vezes a nunca se meter em paradas altas. E a nunca aumentar as apostas quando estivesse a perder. E a nunca jogar mais de duas ou três horas por dia, porque o tempo que uma pessoa passava a jogar era a maior armadilha. E ela ignorara todos os seus avisos...

- Dá-me uma ou duas semanas, e eu pago isso -pediu.

Ficou surpreendida com reacção dele:

Mais depressa te matava do que te deixava pagar estes vales. - Com gestos lentos e deliberados, rasgou os papéis e guardou os pedaços no bolso.

- Ouve, convido-te para vires aqui porque gosto de te ver, não para ficar com o teu dinheiro. Mete isto na tua cabeça, não podes ganhar. Não tem nada a ver com sorte. Dois e dois são quatro.

Okay, okay - disse Claudia.

Não me importo de rasgar estes papéis, mas detesto que sejas estú pida - rematou ele, antes de sair.

Não voltaram a tocar no assunto, mas Claudia ficou a pensar. Cross teria realmente tanto poder? Gronevelt aprovaria o que ele fizera, ou chegaria sequer a saber o que se passara?

Depois disso tinha havido outros incidentes, mas o mais arrepiante envolvera uma mulher chamada Loretta Lang.

Loretta cantava e dançava, como primeira figura, no espectáculo de variedades do Xanadu. Tinha uma vivacidade e uma espécie de exuberância cheia de humor que encantou Claudia. Cross apresentou-as depois do espectáculo.

Loretta Lang era tão encantadora em pessoa como no palco. Mas Claudia notou que Cross não estava encantado, que na realidade parecia até um pouco irritado com a vivacidade dela.

Na visita seguinte, Claudia levou Melo Stuart para uma noite em Las Vegas, de modo que pudessem ambos assistir ao espectáculo do Xanadu.

Melo fora mais para fazer a vontade a Claudia, sem esperar grande coisa.

Observou apreciativamente e em seguida disse a Claudia:

- A rapariga tem boas possibilidades. Não a cantar ou a dançar, mas é uma cómica nata. Uma mulher com essa característica vale ouro.

Nos bastidores, quando lhe apresentaram Loretta, Melo fez a sua cara mais séria e disse:

- Loretta, gostei imenso de si. Adorei. Compreende? Pode ir ter comi go a Los Angeles na próxima semana? Vou arranjar-lhe um teste de câmara para mostrar a um amigo meu que trabalha no cinema. Mas antes disso terá de assinar um contrato com a minha agência. Sabe, tenho de trabalhar muito antes de começar a ganhar algum dinheiro. O negócio é assim, mas lembre-se, adorei.

Loretta lançou-lhe os braços ao pescoço. Não havia ali fingimento nem cálculo, notou Claudia. Marcou-se uma data e foram os três jantar juntos, para festejar, antes de Melo apanhar o primeiro avião da manhã de regresso a L. A.

Durante o jantar, Loretta confessou que já estava sob contrato com uma agência especializada em espectáculos para clubes nocturnos. Um contrato válido por mais três anos. Melo garantiu-lhe que tudo se podia arranjar.

Mas não podia. A agência a que Loretta estava ligada insistia em controlar-lhe a carreira durante os próximos três anos. Loretta, em pânico, surpreendeu Claudia pedindo-lhe que apelasse ao irmão.

Que diabo pode o Cross fazer?- espantou-se Claudia.

Ele tem imenso peso na cidade - respondeu Loretta. - Pode chegar a um acordo que não me corte as pernas. Por favor?

Quando Claudia subiu à suite do terraço do hotel e apresentou o problema a Cross, o irmão olhou para ela, irritado, e abanou a cabeça.

Que importância tem? - perguntou Claudia. - Só estou a pedir-te que dês uma palavrinha, mais nada.

És uma parva - respondeu Cross. - Já vi centenas de tipas como ela. Servem-se dos amigos como tu até onde podem e depois adeus boa viagem!

E depois? A Loretta tem talento a sério. Uma coisa destas poderia transformar-lhe a vida inteira para melhor.

Cross abanou novamente a cabeça.

Não me peças isso - disse.

Porque não? - estranhou Claudia. Estava habituada a pedir favores para outras pessoas, era uma coisa que fazia parte do negócio do cinema.

Porque se me meto nisso, tenho de ser bem sucedido - respondeu Cross.

- Não estou à espera que sejas bem sucedido. Só estou a pedir-te que faças o melhor que puderes. Pelo menos para eu poder dizer à Loretta que tentámos.

Cross riu-se.

- És realmente parva - disse. - Está bem, diz à Loretta e ao tipo da agência para estarem aqui amanhã de manhã. Às dez em ponto. E tu é melhor vires também.

Na reunião da manhã seguinte, Claudia viu pela primeira vez o agente de Loretta. Chamava-se Tolly Nevans e vestia ao estilo informal de Las Vegas, adequado à seriedade da ocasião. Ou seja, usava um blazer azul sobre uma camisa branca sem colarinho e calças de ganga.

Prazer em voltar a vê-lo, Cross - disse Nevans.

Já nos conhecíamos? - perguntou Cross. Nunca se ocupava pessoalmente dos

pormenores ligados ao espectáculo de variedades.

Há muito tempo - respondeu Nevans, suavemente. - Quando a Loretta apareceu pela primeira vez no Xanadu.

Claudia notou a diferença entre os agentes de L. A., que lidavam com os grandes nomes do cinema e aquele Tolly Nevans, que se movia no mundo mais insignificante dos artistas de variedades. Nevans estava um pouco mais nervoso, a sua presença física não era tão dominadora. Faltava-lhe a segurança total e inabalável de um Melo Stuart.

Loretta beijou Cross na face, mas não lhe disse nada. Naquele momento não mostrava sequer vestígios da sua habitual vivacidade. Sentou-se ao lado de Claudia, que sentiu a tensão em que ela estava.

Cross tinha-se vestido para jogar golfe, calças e camisola brancas, sapatos de ténis. Na cabeça tinha um barrete de baseball azul. Ofereceu bebidas, mas ninguém aceitou. Então, num tom extremamente tranquilo, disse:

Vamos lá resolver este assunto. Loretta?

O Tolly quer ficar com uma percentagem de tudo o que eu ganhar

- começou ela, numa voz que tremia. - Isso inclui qualquer trabalho para o cinema. Mas a agência de L. A., muito naturalmente, quer receber a sua percentagem completa sobre qualquer trabalho no cinema que me arranje. Não posso pagar duas percentagens. E depois o Tolly quer ter a última palavra a respeito de tudo o que eu faça. Os tipos de L. A. não aceitam uma coisas dessas, e eu também não.

Nevans encolheu os ombros.

Temos um contrato - disse. - Tudo o que pretendemos é que ela o cumpra.

Mas nesse caso o meu agente para o cinema não assina comigo -

protestou Loretta.

A mim parece-me muito simples - interveio Cross. - Tudo o que tens a fazer, Loretta, é rescindir o teu contrato com a agência do Nevans e indemnizá-los.

A Loretta é uma grande artista - declarou Nevans -, que nos dá muito dinheiro a ganhar. Sempre a promovemos, sempre acreditámos no talento dela. Investimos uma porção de massa. Não podemos largá-la agora que está a dar lucro.

- Loretta, paga-lhe e rescinde o contrato - insistiu Cross.

Loretta quase gemeu:

- Não posso pagar duas percentagens! É demasiado pesado!

Claudia tentou controlar o sorriso que lhe subiu aos lábios. Cross não.

Nevans parecia ofendido. Finalmente, Cross disse:

- Claudia, vai buscar os teus tacos de golfe. Quero fazer nove buracos

contigo. Encontramo-nos lá em baixo junto ao caixa, logo que tenha resolvido isto aqui.

Claudia estivera a perguntar a si mesma por que razão se teria Cross vestido para aquele encontro de uma maneira tão informal.

Como se não o levasse a sério. Ofendera-a a ela, e sabia que tinha ofendido Loretta. Mas tranquilizara Tolly. O homem não propusera qualquer espécie de compromisso. Por isso Claudia respondeu:

- Acho que vou ficar por aqui. Quero ver Salomão em acção.

Cross nunca seria capaz de se zangar com a irmã. Riu-se, e ela devolveu-lhe um sorriso. Então Cross voltou-se para Nevans.

Vejo que não está disposto a ceder. E acho que tem razão. Que tal uma percentagem do que ela ganhar no cinema durante um ano?

Mas terá de abrir mão do controlo, ou a coisa não funciona.

Não lhe dou nada disso! - irrompeu Loretta, furiosa.

Nem é o que eu quero - replicou Nevans. - A percentagem está muito bem, mas supõe que te arranjávamos um trabalho dos grandes e tu estavas presa num filme. Perdíamos um monte de dinheiro.

Cross suspirou e disse, quase com tristeza:

- Tolly, quero que liberte a rapariga desse contrato. éum pedido.

O nosso hotel faz muitos negócios consigo. Faça-me um favor.

Pela primeira vez, Nevans pareceu alarmado. Disse, num tom quase implorativo:

Gostava imenso de lhe fazer esse favor, Cross, mas tenho de falar com os meus sócios na agência. - Fez uma pausa. - Talvez consiga arranjar uma venda do contrato.

Não - respondeu Cross. - Estou a pedir um favor, não um negócio. E quero a sua resposta agora, de modo a poder saborear o meu jogo de golfe. - Calou-se por um instante. - Diga apenas sim ou não.

Claudia ficou chocada por esta súbita brusquidão. Cross não estava a ameaçar nem a intimidar ninguém, tanto quanto pudesse ver.

Na realidade, dava até a impressão de querer desistir de todo o assunto, como se tivesse perdido o interesse. Mas Claudia viu que Nevans estava abalado.

A resposta de Nevans foi surpreendente:

- Mas isso é injusto! - protestou. Lançou um olhar carregado de censura a Loretta, que baixou os olhos.

É apenas um pedido. - Cross puxou a pala do barrete de baseball para um lado.- Pode dizer que não. Depende de si.

Não, não - disse Nevans, apressadamente. - Só não sabia que fazia tanto empenho, que eram tão bons amigos.

De súbito, Claudia assistiu a uma transformação espantosa na atitude do irmão. Cross inclinou-se para a frente e deu a Tolly Nevans um meio abraço de afecto. Um sorriso aqueceu-lhe o rosto. O filho da mãe era bonito a valer, pensou. E então Cross disse, numa voz cheia de gratidão:

- Tolly, não vou esquecer isto. Ouça, tem carta branca aqui no Xanadu para qualquer novo talento que queira promover, com o nome em terceiro lugar no

cartaz, pelo menos. Vou até organizar um espectáculo especial com todos os artistas da sua agência, e nessa noite quero que você e os seus sócios jantem comigo aqui no hotel. Telefone-me sempre que quiser e eu dou ordens para que tenha entrada livre. Linha directa. Okay?

Claudia compreendeu duas coisas. Que Cross demonstrara deliberadamente o seu poder. E que tivera o cuidado de recompensar Nevans de alguma maneira, mas só depois de ele se ter submetido, e não antes. Tolly Nevans teria a sua noite especial, resplandeceria na companhia do poder, por essa noite.

Claudia compreendeu ainda que Cross a deixara assistir àquela exibição do seu poder para lhe mostrar que a amava, e que esse amor tinha uma força material. E pareceu-lhe notar no rosto perfeitamente desenhado do irmão, naquela beleza que invejava desde a infância, nos lábios sensuais, no nariz perfeito, nos olhos amendoados, um ligeiro endurecimento, como se estivessem a transformar-se no mármore das estátuas antigas.

Claudia saiu da Pacific Coast Highway e continuou até ao portão de Malibu Colony. Adorava aquele lugar, as casas mesmo junto à praia, com o oceano a brilhar diante delas, e, lá muito ao longe, voltou a ver reflectidas na superfície das águas as montanhas que lhes ficavam por trás. Estacionou o carro diante da casa de Athena.

Boz Skannet estava estendido na praia pública do lado sul da vedação que a separava de Malibu Colony. Era uma simples vedação de arame, que descia pela areia e se prolongava cerca de dez passos mar dentro. Mas tratava-se meramente de uma barreira formal. Quem se afastasse o suficiente podia com toda a facilidade contorná-la a nado.

Boz estava a reconhecer o terreno para o seu próximo ataque a Athena.

Sendo apenas uma viagem exploratória, fora de carro até à praia pública, com os calções de banho vestidos por baixo de uma T-shirt e umas calças.

No saco de praia, mais exactamente um saco de ténis, levava um frasco cheio de ácido envolto em toalhas.

Do ponto onde se encontrava podia olhar através da vedação para a casa de Athena. Podia ver os dois seguranças privados na praia. Estavam armados. Se as traseiras estavam protegidas, a parte da frente certamente também o estaria. Não

se importava de ferir os guardas, mas não queria parecer um louco a chacinar uma porção de gente. Isso reflectir-se-ia negativamente na sua justificada destruição de Athena.

Boz Skannet despiu as calças e a T-shirt e voltou a estender-se na toalha, ficando a olhar para o imenso lençol azul do Pacífico que se estendia para lá da areia. O calor do sol fê-lo ficar sonolento. Pensou em Athena.

Na universidade ouvira um professor que, durante uma conferência sobre os ensaios de Emerson, citara: "A beleza é a sua própria justificação."

Seria Emerson? Seria a beleza? O facto é que pensara em Athena.

É tão raro encontrar um ser humano tão belo na sua forma física e tão virtuoso nas outras partes da sua natureza. E por isso pensara em Thena.

Toda a gente lhe chamava Thena, nos tempos em que ela era apenas uma rapariga.

Ele amara-a tanto na sua juventude que vivera num sonho de felicidade em que ela o amava. Nunca pensara que a vida pudesse ser tão doce. E, pouco a pouco, tudo fora sendo desfeito.

Como se atrevia ela a ser tão perfeita? Como se atrevia ela a exigir tanto amor? Como se atrevia ela a fazer que tantas pessoas a amassem? Não saberia como isso podia ser perigoso?

E Boz interrogava-se a si mesmo. Porque fora que o seu próprio amor se transformara em ódio? Era muito simples, na verdade. Porque sabia que não poderia possuí-la até ao fim das suas vidas; que um dia teria inevitavelmente de a perder.

Nesse dia ela deitar-se-ia com outros homens, nesse dia ela desapareceria do seu paraíso. E não voltaria a pensar nele.

Sentiu o sol deixar de aquecer-lhe a cara e abriu os olhos. De pé junto dele estava um homem muito grande, muito bem vestido, segurando uma cadeira de praia desdobrável. Boz reconheceu-o. Era Jim Losey, o detective que o interrogara depois de ele ter lançado a água à cara de Thena.

Boz piscou os olhos para o ver melhor.

- Que coincidência, termos ambos vindo tomar banho à mesma praia.

Que raio é que você quer?

Losey desdobrou a cadeira e sentou-se nela.

- Foi a minha ex-mulher que me deu esta cadeira. Eu andava a prender e a interrogar tantos surfistas que ela achou que mais valia fazê-lo confortavelmente. - Olhou para Boz Skannet quase com bondade. - Só quero fazer-lhe algumas perguntas. Primeira, o que é que está a fazer tão perto da casa de Miss Aquitane? Está a violar a ordem restritiva do juiz.

- Estou numa praia pública, há uma vedação entre nós e eu estou de calções de banho. Tenho ar de quem está a assediá-la?

Losey tinha um sorriso de compreensão espalhado no rosto.

- Ouça, se eu fosse casado com um borracho daqueles, também não conseguia manter-me afastado. Que tal deixar-me dar uma vista de olhos ao seu saco de praia?

Boz pôs o saco debaixo da cabeça.

- Não - disse. - A menos que tenha um mandato. Losey dirigiu-lhe um sorriso amistoso.

- Não me obrigue a prendê-lo -pediu. - Ou a dar-lhe uma tareia do caraças e depois tirar-lhe o saco.

Esta espicaçou Boz. Pôs-se de pé, ofereceu o saco a Losey, mas logo a seguir afastou-o e desafiou.

- Tente vir buscá-lo.

Losey sobressaltou-se. Pelas suas contas, nunca encontrara ninguém mais duro do que ele próprio. Noutra situação, teria sacado do cassetete ou da arma e dado uma tareia monstra naquele desgraçado. Talvez fosse a areia por baixo dos pés que o fez hesitar, ou talvez fosse a total ausência de medo que Skannet mostrava.

Boz estava a sorrir.

- Vai ter de dar-me um tiro - disse. - Temos os dois o mesmo tama nho, mas eu sou mais forte. E se me der um tiro, não terá motivo justificável.

Losey admirou a perspicácia do homem. Numa luta a murro, o resultado poderia ser duvidoso, e ele não tinha realmente um motivo justificável para usar a arma.

- Está bem - acabou por dizer. Dobrou a cadeira e começou a afas tar-se. Então voltou-se e acrescentou, com uma nota de admiração: - Você é um tipo mesmo rijo. Ganhou. Mas não me dê um motivo justificável. Não medi a distância daqui até à casa, é bem possível que não esteja de facto a violar a ordem do juiz...

Boz lançou uma gargalhada.

- Não lhe vou dar motivo, descanse.

Ficou a ver Jim afastar-se pela praia, meter-se no carro e arrancar. Então enfiou a toalha dentro do saco e dirigiu-se ao seu próprio carro. Meteu o saco na bagageira, tirou a chave da ignição do porta-chaves e escondeu-a debaixo do banco da frente. Depois voltou à praia, entrou na água e contornou a nado a extremidade da vedação.

Capítulo V

Amena Aquitane chegara ao estrelato pela via tradicional, que o público raramente conhece. Passara longos anos a treinar: aulas de representação, aulas de dança e movimento, lições de voz, leitura intensiva de literatura dramática, tudo coisas necessárias para a arte de representar.

E, evidentemente, o trabalho de base. Fez a ronda dos agentes, aturou realizadores e produtores moderadamente libidinosos, suportou os assaltos sexuais mais dinossaurianos de chefes e directores de estúdios.

No primeiro ano ganhou a vida a fazer anúncios e um pouco como modelo, aparecendo escassamente vestida junto dos carros à venda nos salões automóveis. Mas isso foi só durante o primeiro ano. Por essa altura, os seus dotes como actriz começaram a dar frutos. Teve amantes que a cobriram de jóias e de dinheiro. Alguns deles propuseram-lhe casamento. Os seus casos amorosos foram todos breves e terminaram sem ressentimentos.

Nada disto fora doloroso ou humilhante para ela, nem mesmo quando o comprador de um Rolls-Royce partira do princípio que ela estava incluída no preço. Athena acalmara-lhe os ânimos com uma brincadeira, dizendo-lhe que estava enganado, que custava tanto como o carro. Gostava de homens, apreciava o sexo, mas só como meio para atingir objectivos mais sérios. Os homens não eram uma parte importante do seu mundo.

Representar era a Vida. O seu conhecimento secreto de si mesma era sério. Os perigos do mundo eram sérios. Mas representar vinha antes de tudo o mais. Não os pequenos papéis no cinema que lhe permitiam pagar as despesas, mas os grandes papéis nas grandes peças levadas à cena pelos grupos de teatro locais, e depois as peças no Mark Taper Fórum, que finalmente a cata-pultaram para os grandes papéis no cinema.

A sua verdadeira vida eram os papéis que representava, sentia-se mais viva quando dava corpo às suas personagens, trazia-as dentro de si enquanto vivia a sua existência normal de todos os dias. Os seus casos amorosos eram como diversões, como jogar golfe ou ténis, ou jantar fora com os amigos; partes de um sonho, sem consistência.

A vida real só acontecia na catedral do teatro: maquilhar-se, acrescentar uma mancha de cor à roupa, as feições a contorcerem-se ao sabor das emoções das frases da peça, e então, olhando para a profunda escuridão do público - Deus a mostrar finalmente o rosto - lutava pela sua vida. Chorava, apaixonava-se, gritava de angústia, pedia perdão pelos seus pecados secretos, e por vezes sentia a alegria redentora da felicidade encontrada.

Tinha fome de fama e de êxito para apagar o seu passado, para afogar as recordações de Boz Skannet, da filha que tinham tido, da traição que lhe fizera a sua própria beleza; o presente de uma fada-madrinha maliciosa e perversa.

Como qualquer artista, queria que o mundo a amasse. Sabia que era bela - como poderia deixar de saber, quando todo o seu universo lho dizia constantemente - mas sabia também que era inteligente. E por isso, desde o início, sempre acreditou em si mesma. Aquilo em que não podia realmente acreditar, ao princípio, era que possuía os ingredientes indispensáveis do verdadeiro génio: uma energia e uma concentração enormes. E curiosidade.

Representar e a música eram os verdadeiros amores de Athena, e para ser capaz

de se concentrar nestas coisas, usava a sua energia para se tornar perita em tudo o mais. Aprendeu a consertar um carro, tornou-se uma cozinheira soberba, uma excelente praticante de diversos desportos. Estudou a arte de fazer amor na literatura e na vida, sabendo como era importante na profissão que escolhera.

Tinha uma falha. Não suportava infligir dor a outro ser humano, e uma vez que nesta vida isso é impossível de evitar, era uma mulher infeliz. Tomava, no entanto, decisões duras que promoviam a sua ascensão no mundo. Usava o seu poder como Estrela Cotável, mostrava-se por vezes de uma frieza que era tão intensa quanto a sua beleza. Homens poderosos suplicavam-lhe que entrasse nos seus filmes, outros homens suplicavam-lhe que os deixasse entrar na sua cama. Influenciava, quando não impunha, a escolha do realizador e dos restantes actores. Podia cometer pequenos crimes sem ser castigada, ofender os costumes, desafiar quase todas as moralidades, e quem saberia dizer qual era a verdadeira Athena? Tinha a inescrutabilidade de todas as Estrelas Cotáveis, era uma gémea, não conseguia separar a sua verdadeira vida das vidas que vivia na tela.

Tudo isso e o mundo amava-a, mas não era o suficiente. Athena conhecia a sua fealdade interior. Havia uma pessoa que não a amava, e isso fazia-a sofrer. Faz parte da definição de uma actriz cair no desespero se receber cem críticas elogiosas e uma única adversa.

No final dos seus primeiros cinco anos em Los Angeles, Athena conseguiu o seu primeiro papel de estrela num filme e fez a sua grande conquista.

Como todos os actores de topo, Steve Stallings tinha direito de veto sobre a principal figura feminina em cada um dos seus filmes. Viu Athena numa peça no Mark Taper Fórum e reconheceu o seu talento. Mas, acima de tudo, ficou impressionado pela beleza dela; por isso a escolheu para contracenar com ele no seu próximo filme.

Athena ficou completamente surpreendida e lisonjeada. Sabia que aquela era a sua grande oportunidade, e, de início, não compreendeu por que razão tinha sido escolhida. Foi o seu agente, Melo Stuart, quem a esclareceu.

Estavam no gabinete de Melo, uma sala maravilhosamente decorada com bricabraque oriental, carpetes bordadas a fio de ouro e móveis pesados e confortáveis, tudo isto banhado numa luz artificial, uma vez que os cortinados estavam corridos para não deixar entrar o brilho ofuscante do sol. Melo, que

preferia tomar um chá à inglesa no seu gabinete a sair para almoçar, pegava nas minúsculas sanduíches e como que as atirava para dentro da boca enquanto falava. Só saía para almoçar com os seus clientes verdadeiramente famosos.

Merece esta oportunidade - disse a Athena. - É uma grande actriz.

Mas só por cá anda há uns poucos anos e, apesar da sua inteligência, está ainda um pouco verde. Por isso não se ofenda com o que vou dizer-lhe...

o que se passa é o seguinte. - Interrompeu-se por um instante. - Normal mente não explicaria isto; normalmente não seria necessário.

Mas como eu estou tão verde... - disse Athena, sorrindo.

Não exactamente verde - respondeu Melo. - Mas está tão comple tamente concentrada na sua arte que por vezes parece não se aperceber das complexidades sociais da indústria.

Athena parecia divertida.

- Diga-me então como consegui o papel.

- O agente do Stallings telefonou-me. Disse-me que ele a tinha visto na peça do Taper e ficara deslumbrado com a sua actuação. Quere-a absolu tamente neste filme. Depois telefonou-me o produtor, para negociar, e chegá mos a um acordo. Salário simples, duzentos mil, sem percentagem nos lucros... isso virá mais tarde na sua carreira... e sem compromissos para novos filmes. Para si, é uma proposta óptima.

Obrigada - disse Athena.

Não devia ter de dizer-lhe isto - continuou Melo. - O Steve tem o hábito de se apaixonar loucamente pelas suas parceiras nos filmes.

Sinceramente, mas é um apaixonado muito ardente.

Melo, não precisa de explicar tintim por tintim - interrompeu-o Athena.

Sinto que é minha obrigação - respondeu Melo.

Olhou para ela com ternura. Ele próprio, habitualmente tão impenetrável, se apaixonara por Athena, no princípio, mas uma vez que ela nunca se comportara de uma maneira que pudesse considerar-se sedutora, ele percebera a deixa e abstivera-se de revelar os seus sentimentos. Ela era, ao fim e ao cabo, um bem, uma propriedade valiosa que no futuro lhe renderia milhões.

Está a tentar dizer-me que é suposto eu saltar-lhe para o colo da primeira vez que estivermos sozinhos? - perguntou, secamente. - O meu grande talento não é suficiente?

De modo nenhum. E absolutamente. Uma grande actriz é uma grande actriz, em quaisquer circunstâncias. Mas sabe como é que uma pessoa se torna uma grande estrela no cinema? A dada altura, tem de conseguir um grande papel exactamente no momento certo. E este é um grande papel para si. Não pode dar-se ao luxo de o perder. E o que é que tem de tão difícil apaixonar-se por Steve Stallings? Um milhão de mulheres em todo o mundo amam-no, por que não a Athena? Deveria sentir-se lisonjeada.

Sinto-me lisonjeada - replicou ela, friamente. - Mas... e se eu o detestar?

Melo meteu outra sanduíche na boca.

- Detestá-lo porquê? é um homem encantador, juro-lhe. Mas, pelo menos, namorisque-o até terem filmado demasiadas cenas consigo para poderem corrê-la do filme.

- E se eu for tão boa que eles não queiram correr comigo? Melo suspirou.

Para dizer a verdade, o Steve não vai dar tempo para isso. Se não estiver apaixonada por ele passados três dias, está fora do filme.

Isso é assédio sexual - disse Athena, rindo.

Não pode haver assédio sexual na indústria do cinema. De uma maneira ou de outra, está a pôr o corpo à venda a partir do momento em que entra.

Estou a referir-me à parte em que tenho de apaixonar-me por ele

- explicou Athena. - Uma simples queca não lhe basta?

Quecas tem ele sempre e quando quiser - respondeu Melo. - Está apaixonado por si, de modo que quer amor em troca. Até ao fim das filmagens. - Suspirou. - Depois disso, acabar-se-á a paixão, porque estarão ambos demasiado ocupados a trabalhar. - Fez uma curta pausa. - Não vai ser insultuoso para a sua dignidade - continuou. - Uma estrela como o Steve mostra o seu interesse. A destinatária, neste caso a Athena, corresponde ou revela falta de interesse no interesse dele. Ele mandar-lhe-á flores no primeiro dia.

No segundo dia, depois do ensaio, convidá-la-á para jantar e estudar o guião.

Nada de forçado. Excepto, claro, que será excluída do filme se não for. Com o salário por inteiro, posso conseguir-lhe isso.

Melo, não acha que eu sou suficientemente boa actriz para vencer sem ter de vender o meu corpo? - perguntou Athena, com fingida censura.

Claro que é. E nova, apenas vinte e cinco anos. Pode esperar mais dois ou três, talvez até quatro ou cinco anos. Tenho uma fé absoluta no seu talento. Mas experimente. Toda a gente adora o Steve.

Correu exactamente como Melo tinha predito. Athena recebeu flores no primeiro dia. No segundo dia ensaiaram com toda a equipa. Era uma comédia dramática em que o riso conduzia às lágrimas, uma das coisas mais difíceis de conseguir. Athena ficou impressionada com a técnica de Stallings.

Steve lia a sua parte com uma voz monótona, sem fazer o mínimo esforço para impressionar, mas mesmo assim as frases saíam vivas, e nas variações ele escolhia invariavelmente a mais verdadeira. Representaram uma cena de doze maneiras diferentes e reagiram um ao outro, seguiram-se um ao outro como bailarinos. No fim, ele murmurou, "Óptimo, óptimo", e sorriu-lhe com uma admiração respeitosa que era puramente profissional.

No fim desse dia, Steve ligou finalmente o charme.

Penso que este pode ser um grande filme por sua causa - disse.

- Que tal juntarmo-nos esta noite e trabalharmos a sério o guião? -

Interrompeu-se por um instante e depois acrescentou, com um sorriso arrapazado perfeitamente encantador: - Fomos verdadeiramente bons juntos.

Obrigada - respondeu Athena. - Quando e onde?

No mesmo instante, o rosto de Steve expressou um horror delicado e brincalhão.

- Oh, não! - exclamou. - A escolha é sua.

Nesse momento, Athena decidiu aceitar o seu papel e representá-lo como uma verdadeira profissional. Ele era a super-estrela. Ela era a recém-chegada.

Mas todas as escolhas lhe cabiam a ele e o dever dela era escolher aquilo que ele queria. As palavras de Melo soaram-lhe nos ouvidos: "... esperar dois, três, quatro, cinco anos". Não podia esperar.

- Importar-se-ia de ir a minha casa? - sugeriu. - Farei um jantar simples, para podermos trabalhar enquanto comemos. - Fez uma pausa e acrescentou: - Às sete?

Porque era uma perfeccionista, Athena preparou-se física e mentalmente para a dupla sedução. O jantar seria ligeiro, de modo a não afectar o trabalho ou o desempenho sexual de qualquer deles. Embora raramente tocasse em álcool, comprou uma garrafa de vinho branco. A refeição seria uma demonstração do seu talento de cozinheira, mas prepará-la-ia enquanto estivessem a trabalhar.

Roupas. Compreendia que era suposto a sedução ser acidental, sem qualquer intenção prévia. Mas também não podia usá-las como um sinal para o repelir. Como actor, Steve estaria alerta para interpretar os mais pequenos indícios.

Vestiu uns jeans já desbotados, que lhe realçavam o desenho das nádegas e cujo azul desmaiado e manchado de branco tinha um ar juvenilmente convidativo. Sem cinto. Por cima, uma fina blusa de seda branca que, embora nada revelasse, sugeria a cor mais leitosa dos seios que cobria.

Enfeitou as orelhas com uns pequenos brincos redondos, de mola, verdes para condizer com os olhos. Continuava mesmo assim a ser um pouco severo de mais, a dar um pouco uma impressão de retraimento. Foi então que lhe ocorreu um rasgo de génio. Pintou as unhas dos pés de vermelho vivo e recebeu-o descalça.

Steve Stallings chegou com uma garrafa de bom vinho tinto, não excepcional, mas muito bom. Também ele se vestira para trabalhar. Calças largas, de

bombazina castanha, camisa de ganga azul, ténis brancos, os cabelos negros descuidadamente penteados. Debaixo do braço levava um exemplar do guião, com papéis amarelos a marcar várias páginas. A única coisa que o denunciava era um levíssimo aroma a água-de-colónia.

Comeram informalmente na mesa da cozinha. Ele elogiou-lhe os dotes culinários, e com razão. E, enquanto comiam, iam folheando os respectivos guiões, comparando notas, ensaiando diálogos.

Depois do jantar, passaram para a sala e representaram algumas cenas específicas, que tinham assinalado como mais problemáticas. Através de tudo isto, estavam ambos muito conscientes um do outro, e isso afectou-lhes o trabalho.

Athena notou que Steve representava o seu papel na perfeição. Foi profissional, respeitoso. Só os olhos traíam a sua genuína admiração pela beleza dela, o apreço pelo seu talento de actriz, pelo seu domínio do material.

Finalmente, perguntou-lhe se estava demasiado cansada para representar a cena de amor, crucial no argumento do filme.

Por essa altura, já o jantar tinha sido confortavelmente digerido. Por essa altura, já eram amigos íntimos, como as personagens no guião.

Representaram a cena de amor; Steve beijou-a levemente nos lábios, mas quase sem lhe tocar no corpo. Depois do primeiro e casto beijo, olhou-a no fundo dos olhos e, com um tom perfeito de emoção na voz, disse:

- Desejava fazer isto desde o primeiro instante em que te vi.

Athena sustentou-lhe o olhar. Então baixou os olhos, puxou-lhe suavemente a cabeça para baixo e beijou-o. Estava dado o sinal necessário.

Ficaram ambos surpreendidos com a genuína paixão com que ele correspondeu.

O que provava que era ela melhor actriz do que ele actor, pensou Athena.

Mas ele era experiente. Enquanto a despia, as suas mãos acariciaram-lhe a pele, explorou-a com os dedos, tocou-lhe com a língua na face interior da coxa, e o corpo dela respondeu. Não era assim tão terrível, pensou Athena, seguindo-o até

ao quarto. E depois, Steve era tão espantosamente bonito. O seu rosto clássico, cheio de paixão, tinha uma intensidade que não podia ser reproduzida em filme, que, em filme, teria parecido lasciva. Quando fazia amor na tela, era sempre muito mais espiritual.

Athena representava agora o papel de uma mulher dominada por uma louca paixão física. Estavam perfeitamente sincronizados e, num momento de explosão ofuscante, atingiram simultaneamente o clímax. Deitados de costas, exaustos, ambos perguntaram a si mesmos como teria a cena resultado se tivesse sido filmada, e decidiram que não fora suficientemente boa para um único take. Não revelara carácter, como deveria, nem contribuíra para o desenrolar da história. Faltara-lhe a emoção íntima e terna do verdadeiro amor, ou até da verdadeira luxúria. Teriam tido de repeti-la.

Steve Stallings apaixonou-se, mas isso era uma coisa que lhe acontecia constantemente. Athena, mau grado o facto de aquilo ter sido de certa maneira uma violação profissional, estava contente por as coisas terem corrido tão bem. Não havia ali nenhum lado negativo, a não ser, talvez, a questão do livre arbítrio. E podia dizer-se a respeito de qualquer vida que a supressão do livre arbítrio, judiciosamente exercida, era muitas vezes necessária para a sobrevivência humana.

Steve estava contente por agora, na rodagem do seu novo filme, tudo estar como devia ser. Tinha uma boa companheira de trabalho. A relação entre os dois ia ser agradável, não se veria obrigado a andar por aí à procura de sexo. Além disso, raramente tivera uma mulher tão dotada de talento e beleza como Athena, e ainda por cima boa na cama. E obviamente loucamente apaixonada por ele, o que, é claro, poderia vir a tornar-se um problema mais tarde.

O que aconteceu a seguir cimentou o amor que os unia. Saltaram ambos da cama e disseram: "Voltemos ao trabalho!" Pegaram cada um no seu guião e, ainda nus, puseram-se a aperfeiçoar as respectivas deixas.

Houve, no entanto, uma pequena nota desconcertante para Athena quando Steve vestiu as cuecas. Eram cor de salmão, e especialmente concebidas de modo a destacar o desenho firme das nádegas, essas nádegas que constituíam um motivo de êxtase para as suas fãs. Outro momento estranho foi quando anunciou, muito orgulhoso, que usara um preservativo fabricado especialmente para ele por uma empresa em que tinha investido algum dinheiro. Era praticamente impossível

notar que se estava a usar um.

Eram, além disso, cem por cento seguros. Perguntou a Athena que nome de marca lhe parecia melhor para os seus preservativos: Excalibur ou Rei Artur.

Pessoalmente, gostava mais de Rei Artur. Athena ponderou a questão por alguns momentos. Então perguntou, com fingida seriedade: Talvez um nome mais politicamente correcto?

Tens razão! - concordou Steve. - São tão caros de produzir que temos de vendê-los a ambos os sexos. A nossa frase-chave na publicidade vai ser "O Preservativo das Estrelas". Que te parece, como nome?

Preservativos Estrela!

o filme como o caso amoroso entre eles foram grandes sucessos. Athena subira com êxito o primeiro degrau da escada que conduzia ao es-trelato, e cada um dos filmes que fez durante os cinco anos seguintes consolidou essa vitória O caso amoroso, como é da natureza da maior parte dos casos amorosos, foi também um êxito, mas, naturalmente, de curta duração. Steve e Athena amavam-se um ao outro com a ajuda do guião, mas esse amor tinha o humor e o desprendimento que a fama dele e a ambição dela tornavam necessários.

Nenhum deles podia dar-se ao luxo de estar mais apaixonado do que o outro, e esta igualdade no amor significava a morte da paixão. Havia, por outro lado, a questão geográfica. O caso acabou quando acabaram as filmagens. Athena foi filmar para a índia, Steve foi filmar para Itália. Houve telefonemas e prendas e cartões trocados no Natal, chegaram inclusivamente a voar os dois até ao Havai para um fim-de-semana delicioso. Trabalharem juntos num filme era como serem Cavaleiros da Távola Redonda. Procurar fama e fortuna era demandar o Santo Graal. Tinham de fazê-lo cada um por si.

Tinham corrido boatos a respeito de um eventual casamento. O que era, evidentemente, uma impossibilidade. Athena apreciou o seu caso amoroso, mas nunca lhe perdeu de vista o lado cómico. Embora fizesse questão, como actriz profissional que era, de parecer mais apaixonada do que Steve, era-lhe quase impossível não rir às gargalhadas. Steve era tão sincero, tão perfeito no seu papel de amante ardente e sensível, que era quase como assistir a um dos seus filmes.

A beleza física dele podia ser apreciada, mas não constantemente admirada. O

uso permanente que ele fazia das drogas e da bebida era de tal maneira controlado que se tornava impossível condená-lo. Steve tratava a cocaína como se fosse um medicamento, o álcool tornava-o ainda mais encantador. O seu enorme êxito não fizera dele uma pessoa prepotente ou caprichosa.

Foi, por isso, uma enorme surpresa quando Steve lhe propôs casamento.

Athena recusou bem-humoradamente. Sabia que ele ia para a cama com tudo o que se mexesse, quando filmava no exterior, em Hollywood e até na clínica de reabilitação onde fazia curtas estadas sempre que o seu problema com a droga entrava em descontrolo. Não era um homem que quisesse ter como parte semipermanente da sua vida.

Steve aceitou bem a recusa. Fora uma fraqueza momentânea, resultante de um excesso de cocaína. Ficou quase aliviado.

Durante os cinco anos seguintes, enquanto a estrela de Athena continuava a sua ascensão até ao topo, a de Steve empalidecia. Continuava a ser um ídolo para os seus fãs, especialmente as mulheres, mas era infeliz ou pouco inteligente na escolha dos papéis que interpretava. As drogas e o álcool tornaram-no mais desleixado nos seus hábitos de trabalho. Através de Melo Stuart, Steve tinha pedido a Athena o principal papel masculino em Messalina. O sapato mudara de pé. Athena consentiu e deu-lhe o papel. Disse sim levada por um perverso sentimento de gratidão e porque ele era perfeito para a personagem, deixando todavia claro que não seria obrigado a dormir com ela.

Ao longo daqueles cinco anos, Athena tivera alguns casos amorosos de pouca monta. Um deles fora com um jovem produtor chamado Kevin Marrion, o único filho de Eli Marrion.

Kevin Marrion era, com a idade dela, um veterano do negócio do cinema. Produzira o seu grande filme com vinte e um anos, e fora um grande êxito. O que o convencera de que era um génio do cinema. Desde essa altura produzira três fracassos totais e agora só o pai lhe dava alguma credibilidade na indústria.

Kevin Marrion era extremamente bem parecido: ao fim e ao cabo, a mãe, a primeira mulher de Eli Marrion, fora uma das mulheres mais belas do cinema. Infelizmente, o filho tinha um tipo de beleza que deixava a câmara indiferente, de modo que falhou todos os seus testes para actor. Como artista sério, o seu futuro era como produtor.

Athena e Kevin conheceram-se quando ele lhe pediu para ser a estrela do seu próximo filme. Athena escutou-o cheia de espanto e de horror. Kevin falava com essa inocência especial das pessoas que se levam a sério.

- Este é o melhor argumento que já li - disse ele. - Devo dizer-lhe com toda a sinceridade que ajudei a escrevê-lo. Athena, você é absolutamente a única actriz que merece o papel. Podia ter qualquer actriz que quisesse, mas quero-a a si. - E olhou-a intensamente nos olhos, para melhor a convencer da sua sinceridade.

Athena estava fascinada pela maneira como ele defendia o argumento. Era a história de uma mulher sem casa que vivia nas ruas e se redimia ao encontrar uma criança abandonada num caixote de lixo, tornando-se então a líder dos sem-abrigo da América. Metade do filme consistia nela a empurrar o carrinho de supermercado em que transportava todos os seus bens. E, depois de ter sobrevivido ao álcool, às drogas, à fome, à violação e a uma tentativa do governo para lhe tirar a criança, chegava a concorrer à presidência dos Estados Unidos por uma lista independente. Não ganhava, porém - e isso era o grande toque de classe do argumento.

O fascínio de Athena era na verdade horror. Tratava-se de um argumento que lhe exigia que se tornasse uma mulher sem abrigo, desesperada, vestida de farrapos e movendo-se num ambiente de desolação. Visualmente, um desastre. O sentimentalismo era rançoso, o nível de inteligência da construção dramática roçava a idiotia. Era uma cretinice confusa e sem ponta por onde se lhe pegasse.

- Se aceitar o papel, morrerei feliz - afirmou Kevin.

E Athena pensou: "Sou eu que estou doida, ou este tipo é completamente estúpido?" Kevin era, no entanto, um produtor importante.

Obviamente sincero, e obviamente um homem que tinha poder para fazer as coisas acontecerem. Olhou em desespero para Melo Stuart, que lhe sorriu encora-jadoramente. Mas ela estava incapaz de falar.

Maravilhosa. Uma ideia maravilhosa - disse então Melo. - Clássico.

Ascensão e queda. Queda e ascensão. A verdadeira essência do drama.

Mas, Kevin, sabe como é importante para a Athena, depois do seu primeiro êxito, a escolha do próximo filme. Deixe-nos ler o argumento, e depois voltamos

a falar.

Com certeza- respondeu Kevin, entregando-lhes ambos os exemplares do argumento. - Tenho a certeza de que vão adorar.

Melo levou Athena a um pequeno restaurante tailandês em Melrose.

Encomendaram o almoço e passaram os olhos pelo guião.

Mais depressa me mato! - exclamou Athena. - Esse tipo é atrasado mental, ou quê?

Continua a não compreender o negócio do cinema - respondeu Melo. - O Kevin é inteligente. Apenas, está a querer fazer uma coisa para a qual não está equipado. Já vi pior.

Onde? Quando? - quis saber Athena.

Não me lembro, assim de repente. A Athena é já uma estrela suficientemente grande para dizer que não, mas não suficientemente grande para arranjar inimigos desnecessários.

O Eli Marrion é demasiado inteligente para apoiar o filho numa destas - contrapôs Athena. - Deve saber que este argumento é uma porcaria.

- Claro - admitiu Melo. - Até costuma dizer, na brincadeira, que tem um filho que faz filmes comerciais que são fracassos e uma filha que faz filmes sérios que perdem dinheiro. Mas o Eli tem de fazer os filhos felizes.

Nós não. Dizemos não a este filme. Mas há um problema. A LoddStone detém os direitos de um grande romance que tem um papel óptimo para si. Se disser que não ao Kevin, é capaz de não conseguir esse papel.

Athena encolheu os ombros.

Desta vez espero.

Porque não aceitar os dois papéis? Ponha como condição fazer primeiro o romance. Depois arranjaremos maneira de não fazer o filme do Kevin.

E isso não vai arranjar-me inimigos? - perguntou Athena, sorrindo.

O primeiro filme vai ser um grande êxito, de modo que não terá importância. Nessa altura já poderá dar-se ao luxo de fazer inimigos.

Tem a certeza que depois consigo livrar-me do filme do Kevin?

Se eu não a safar dessa, pode despedir-me - declarou Melo. Já tinha chegado a acordo com Eli Marrion, que não podia dizer directamente que não ao filho e arranjara aquele subterfúgio para escapar ao desastre. Eli queria que Athena e Melo ficassem como os vilões. E Melo pouco se importava.

Parte do trabalho de qualquer agente era ser o mau da fita.

Tudo resultou da melhor maneira. O primeiro papel, no filme feito a partir do romance, transformou Athena numa estrela de primeiríssima grandeza. Mas, infelizmente, as consequências fizeram-na decidir-se por um período de castidade absoluta.

Era previsível que, durante o simulacro que foi a pré-produção do filme de Kevin, que nunca chegaria a ser feito, ele se apaixonasse por ela. Kevin Marrion era um jovem relativamente inocente, para produtor, e perseguiu Athena com uma sinceridade e um ardor indisfarçados. A sinceridade e a consciência social eram, sem dúvida, os seus maiores encantos. Certa noite, num momento de fraqueza agravado pela sensação de culpa que lhe inspirava o facto de estar a traí-lo naquela questão do filme, Athena levou-o para a cama. Foi suficientemente agradável e Kevin insistiu em casamento.

Entretanto, Athena e Melo tinham convencido Claudia De Lena a reescrever o argumento. Claudia transformou-o numa farsa, e Kevin despediu-a.

Ficou tão furioso que se tornou aborrecido.

Para Athena, o caso entre os dois era conveniente. Encaixava lindamente no seu calendário de trabalho, além de que o entusiasmo de Kevin na cama não deixava de ser agradável. E a insistência dele em falar de casamento, mesmo sem acordo pré-nupcial, era lisonjeira, uma vez que um dia acabaria por herdar a LoddStone Studios.

Uma noite, porém, depois de ouvi-lo falar interminavelmente a respeito dos

filmes que iam fazer juntos, uma espécie de relâmpago atravessou o espírito de Athena: "Se sou obrigada a ouvir este tipo mais um minuto que seja, mato-me!" Como muitas pessoas bondosas que o desespero leva à crueldade, Athena foi até ao fim. Sabendo que de qualquer maneira havia de ficar cheia de remorsos, despejou tudo. Naquele momento, disse a Kevin que não só não casaria com ele, como nunca mais voltariam a ir para a cama juntos e, além disso, não aceitava entrar no filme.

Kevin ficou petrificado.

Temos um contrato - acabou por dizer -, e vamos exigir o seu cumprimento. Estás a trair-me de todas as maneiras.

Eu sei - respondeu Athena. - Fala com o Melo. - Sentia-se enojada consigo mesma. Claro que Kevin tinha razão, mas não deixou de achar curioso o facto de ele estar mais preocupado com o filme do que com o seu amor por ela.

Foi depois deste caso, com a sua carreira artística assegurada, que Athena perdeu o interesse pelos homens. Tinha coisas mais importantes para fazer, coisas em que o amor e os homens não tinham lugar.

Athena Aquitane e Claudia De Lena tornaram-se amigas unicamente porque Claudia era persistente quando queria conquistar a amizade das mulheres com quem simpatizava. Conhecera Athena quando estava a reescrever o argumento de um dos seus primeiros filmes, numa altura em que não era ainda uma grande estrela.

Athena insistira em ajudá-la com o argumento, e embora isto fosse regra geral uma situação assustadora para o escritor, acabou por revelar-se inteligente e uma grande ajuda. O seu instinto no que respeitava às personagens e à história estava invariavelmente certo e quase nunca era egoísta. Era suficientemente inteligente para saber que quanto mais fortes fossem as personagens à sua volta, mais teria de trabalhar no seu próprio papel.

Trabalhavam com muita frequência na casa de Athena em Malibu, e foi aí que descobriram que tinham muita coisa em comum. Ambas eram atletas: grandes nadadoras, excelentes praticantes de golfe e muito boas no courtde ténis. Juntas, derrotavam a maioria dos pares masculinos dos courts de Malibu Beach. Por isso, quando acabou a rodagem do filme, continuaram amigas.

Claudia contou a Athena tudo a respeito de si mesma. Athena contou a Claudia muito pouco. Era esse tipo de amizade. Claudia reconhecia o facto, mas não se importava. Contou a Athena o seu caso com Steve Stallings.

Athena riu deliciada, e as duas compararam notas. Sim, concordaram, Steve era divertido, e óptimo na cama. E tão talentoso! Era um actor maravilhosamente dotado e um homem verdadeiramente encantador.

- Era quase tão bonito como tu - disse Claudia, que não tinha problemas em admirar generosamente a beleza nos outros.

Athena deu a impressão de não ter ouvido. Era um hábito que tinha, quando alguém referia a sua beleza.

- Mas será melhor actor? - perguntou, maliciosamente.

- Oh, não, tu és muito melhor! - afirmou Claudia. E então, numa tentativa de levar Athena a revelar mais qualquer coisa sobre si mesma, acrescentou:- Mas ele é uma pessoa muito mais feliz do que tu.

A sério? Talvez. Mas um dia há-de ser muito mais infeliz do que eu alguma vez serei.

Sim - concordou Claudia -, a cocaína e a bebida hão-de dar cabo dele. Não vai envelhecer bem. Mas é inteligente, talvez se adapte.

Não quero tornar-me nunca no que ele vai ser - disse Athena. -

E não me tornarei.

És o meu herói! - exclamou Claudia. - Mas não vais conseguir vencer o processo de envelhecimento. Sei que não bebes e nem sequer fazes grandes farras, mas os teus segredos hão-de ser a tua morte.

Os meus segredos hão-de ser a minha salvação - disse Athena, com uma gargalhada. - Os meus segredos são tão banais que nem sequer merecem ser contados. Nós, as estrelas de cinema, precisamos de mistério.

Todos os sábados de manhã, quando não estavam a trabalhar, iam às compras juntas a Rodeo Drive. Claudia ficava sempre espantada pela maneira como

Athena conseguia disfarçar-se de modo a não ser reconhecida pelos fãs nem pelos empregados nas lojas. Usava uma cabeleira preta e roupas largas para esconder as formas do corpo. Maquilhava-se de modo a fazer o queixo parecer mais largo, os lábios mais cheios, mas o mais espantoso era que parecia capaz de alterar as feições para formar uma cara diferente. Também usava lentes de contacto, que lhe transformavam os olhos verdes e brilhantes num avelã mais discreto. E a voz dela adquiria um suave sotaque do Sul.

Quando comprava alguma coisa, debitava-a nos cartões de crédito de Claudia e pagava-lhe depois com um cheque enquanto almoçavam. Era maravilhoso poderem descontrair-se num restaurante como pessoas completa-mente vulgares; como Claudia dizia a brincar, nunca ninguém reconhecia uma argumentista.

Duas vezes por mês, Claudia passava o fim-de-semana inteiro na casa de Athena em Malibu Beach, a nadar e jogar ténis. Claudia dera a ler a Athena a versão revista de Messalina, e Athena pedira-lhe o papel principal. Como se não fosse uma grande estrela e não devesse ser Claudia a pedir-lhe a ela.

Por isso, quando Claudia chegou a Malibu para convencer Athena a voltar a trabalhar no filme, tinha algumas esperanças de sucesso. Ao fim e ao cabo, Athena não só arruinaria a sua própria carreira como prejudicaria a da amiga.

A primeira coisa que a abalou foi a apertada vigilância em torno da casa de Athena, além dos seguranças habituais à entrada de Malibu Colony.

Dois homens com o uniforme da Ocean Security Company guardavam o portão da casa propriamente dita. Outros dois patrulhavam o grande jardim que se estendia do outro lado. Quando a diminuta governante sul-americana a conduziu à grande sala voltada para o mar, viu mais dois homens na praia, lá fora. Todos eles estavam armados de bastões e pistolas.

Athena recebeu Claudia com um abraço apertado.

Vou ter saudades tuas - disse. - Para a semana já cá não estou.

Por que é que estás a ser tão louca? - perguntou Claudia. - Vais deixar que um filho da mãe qualquer, um cretino machista, arruine a tua vida. E a minha também. Não posso crer que sejas tão medrosa. Ouve, fico contigo esta noite, amanhã pedimos licenças de porte de arma e começamos a treinar. Dentro de dois dias somos atiradoras especiais.

Athena riu-se e deu-lhe outro abraço.

- Isso é o teu sangue mafioso a vir ao de cima - disse. Claudia contara-lhe a respeito dos Clericuzio e do pai.

Prepararam bebidas e sentaram-se em grandes cadeiras estofadas que lhes proporcionavam uma vista do oceano, que era como olhar para um retrato do mar em tons profundos de azul-esverdeado.

- Não vais conseguir fazer-me mudar de ideias e não estou a ser medrosa

- continuou Athena. - Vou contar-te o segredo que tanto queres saber, e depois tu podes contar aos estúdios, e talvez então todos compreendam.

Contou então a Claudia toda a história do seu casamento. Disse-lhe como Boz Skannet era sádico e cruel, e como a humilhava deliberadamente, e como ela fugira...

Com o seu espírito arguto, de contadora de histórias, Claudia sentiu que faltava qualquer coisa no relato de Athena, que ela estava a deixar propositadamente de fora alguns elementos importantes.

- O que foi que aconteceu à criança? - perguntou.

As feições de Athena como que se transformaram numa máscara de estrela de cinema.

- Não posso dizer-te mais nada a esse respeito neste momento. Na realidade, aquilo que te disse sobre ter tido uma filha é para ficar entre nós as duas.

É a única parte que não podes contar aos estúdios. Estou a confiar em ti.

Claudia soube que não podia, nem devia, insistir naquele ponto.

Mas porque é que abandonas o filme? - perguntou. - Estarás protegida.

Depois, poderás desaparecer.

Não. A LoddStone só me protegerá enquanto durarem as filmagens.

Seja como for, isso não importa. Conheço o Boz. Nada poderá detê-lo. Se ficar,

nunca chegarei a acabar o filme.

Nesse momento, ambas repararam num homem em calções de banho que, saindo da água, avançava para a casa. Os dois seguranças interceptaram-no. Um dos guardas fez soar um apito e os dois homens que vigiavam o jardim apareceram a correr. Numa situação de quatro para um, o homem em calções de banho pareceu recuar ligeiramente.

Athena estava de pé, claramente abalada.

- É o Boz - disse em voz baixa, dirigindo-se a Claudia. - Está a fazer isto para me assustar. Desta vez é só teatro. - Saiu para a varanda e olhou para os cinco homens. Claudia seguiu-a.

Boz Skannet fitou-as, com os olhos semicerrados, o rosto bronzeado pintado pelo sol. O seu corpo, coberto apenas pelos calções de banho, tinha um aspecto letal.

Sorriu e disse:

- Olá, Athena! Não me convidas para uma bebida? Athena dirigiu-lhe um sorriso luminoso.

Convidava, se tivesse veneno. Infringiste a ordem do tribunal...

Podia mandar-te prender.

Ná, não fazias uma coisa dessas! - afirmou Boz. - Somos demasiado chegados, temos demasiados segredos juntos.

Embora sorrisse, o seu rosto tinha uma expressão selvagem que recordou a Claudia os homens que apareciam nas festas dos Clerricuzio, em Quogue.

Contornou a vedação a nado, vindo da praia pública - disse um dos guardas. - Deve ter lá um carro. Ou, se quiser, podemos mandá-lo prender.

Não - respondeu Athena. - Levem-no até ao carro. E digam à agência que quero mais quatro guardas à volta da casa.

Boz continuava com o rosto levantado para a varanda, e o seu corpo parecia uma

grande estátua de bronze plantada na areia.

Até à vista, Athena - disse ele, antes de se afastar, rodeado pelos guardas.

O homem mete medo - murmurou Claudia. - Talvez tenhas razão.

Seria preciso um canhão para o deter.

Telefono-te antes de fugir! - disse Athena, num tom

propositadamente teatral. - Poderemos jantar juntas uma última vez.

Claudia estava quase a chorar. Boz assustara-a a sério, recordara-lhe o pai.

Vou a Las Vegas falar com o meu irmão Cross. Ele é esperto e conhece uma porção de gente. Tenho a certeza de que poderá ajudar. Não te vás embora antes de eu voltar.

Por que haveria ele de ajudar? - perguntou Athena. - E como?

Pertence à Máfia?

Claro que não - respondeu Claudia, indignadamente. - Vai ajudar porque é meu amigo. - Disse isto com uma nota de orgulho na voz.

- Eu sou a única pessoa de quem ele realmente gosta, exceptuando o meu pai.

Athena olhou para ela de sobrolho franzido.

Esse teu irmão parece-me um pouco nebuloso. E tu és muito ingénua, para alguém que trabalha no cinema. E, a propósito, porque é que vais para a cama com tantos homens? Não és uma actriz, e não acredito que sejas uma cabra.

Isso não é segredo nenhum - respondeu Claudia. - Porque é que os homens vão para a cama com tantas mulheres? - Abraçou Athena. -

Vou até Las Vegas. Não saias daqui antes de eu voltar.

Nessa noite, Athena sentou-se na varanda e ficou a olhar para o oceano, negro sob um céu sem lua. Reviu os seus planos e pensou em Claudia com ternura. Era realmente curioso o facto de ela não conseguir ver no irmão aquilo que ele na

verdade era. Mas essa era uma das coisas que o amor fazia às pessoas.

Quando Claudia se encontrou com Skippy Deere, algumas horas mais tarde, e lhe contou a história de Athena, ficaram ambos sentados em silêncio durante algum tempo. Finalmente, Deere disse:

Houve coisas que ela não te contou. Fui falar com esse Boz Skannet esta tarde e tentei comprá-lo. Recusou. E avisou-me de que se tentássemos alguma brincadeira, entregava aos jornais uma história capaz de nos arruinar. A respeito de como a Athena se desembaraçou da filha.

Isso não é verdade! - explodiu Claudia, subitamente furiosa. -

Qualquer pessoa que conheça a Athena sabe que ela não seria capaz de uma coisa dessas!

Claro! - apressou-se Deere a concordar. - Mas nós não conhecíamos a Athena quando ela tinha vinte anos.

Vai-te lixar tu também! Vou a Las Vegas falar com o meu irmão Cross, que tem mais miolos e mais tomates que vocês todos juntos. Ele há-de resolver isto!

- Não acredito que consiga assustar um tipo como o Boz Skannet

- disse Deere. - Acredita que tentámos. - Mas estava a ver em tudo aquilo uma nova possibilidade.

Sabia certas coisas a respeito de Cross. Cross andava à procura de uma maneira de entrar no negócio do cinema. Investira em seis dos filmes de Deere e, no cômputo geral, perdera dinheiro, o que provava que não era assim tão esperto. Dizia-se que tinha "ligações", que dispunha de alguma influência na Máfia. Isso não o tornava perigoso. Deere duvidava que Cross pudesse ajudá-los naquela questão do Boz Skannet. Mas um produtor estava sempre disposto a ouvir, um produtor era um homem especializado em jogar nas probabilidades, por muito remotas que parecessem. Além disso, podia sempre convencer Cross a investir noutro filme. Era sempre útil ter um sócio minoritário sem qualquer espécie de controlo sobre o filme e as finanças.

Depois de uma curta pausa, Skippy Deere voltou-se para Claudia e acrescentou:

- Vou contigo.

Claudia De Lena gostava de Skippy Deere apesar do facto de, certa vez, ele a ter enganado em meio milhão de dólares. Gostava de Deere pelos seus defeitos e pela diversidade da sua corrupção, e porque Skippy Deere era sempre boa companhia, tudo qualidades admiráveis num produtor.

Anos antes, tinham trabalhado juntos num filme e sido amigos. Já nessa altura, Deere era um dos mais bem sucedidos e pitorescos produtores de Hollywood. Certa vez, durante umas filmagens em estúdio, o actor principal gabara-se de ter ido para a cama com a mulher dele. Deere, que estava a ouvi-lo numa plataforma situada a uma altura de três andares, saltara e fora aterrar em cima da cabeça do actor, partindo-lhe uma clavícula, além de lhe esborrachar o nariz com um belo gancho da direita.

Claudia tinha outra recordação. Andavam os dois a passear por Rodeo Drive, e ela vira uma blusa numa montra. Era a blusa mais bonita que alguma vez vira. Branca, com umas riscas verdes quase invisíveis, tão maravilhosa que poderia ter sido pintada por Monet. A loja era uma daquelas que exigiam uma marcação antes de se poder sequer entrar, e o dono era um médico de grande fama. Nenhum problema. Skippy Deere era amigo pessoal do proprietário, e amigo de uma série de directores de estúdios, de dirigentes de grandes empresas, de líderes de países de todo o mundo ocidental.

Quando entraram na loja, o empregado anunciou que a blusa custava quinhentos dólares. Claudia cambaleou, levou as mãos ao peito.

- Quinhentos dólares por uma blusa? - preguntou. - Não me faça rir!

O empregado cambaleou por sua vez, siderado pelo descaramento de Claudia.

- O tecido é do melhor - disse. - Feita à mão... E as riscas são de um verde que não existe em nenhum outro tecido em parte alguma do mundo. O preço é muito razoável!

Deere estava a sorrir.

- Não a compres, Claudia - disse. - Sabes quanto é que te vai custar de cada vez que a mandares à lavanderia? Pelo menos trinta dólares!

De cada vez que a usares, trinta palhaços! E vais ter de tomar conta dela como se fosse uma criança. Nada de nódoas de comida, e absolutamente não podes fumar. Se lhe fazes um buraco, bang!, lá se vão quinhentos dólares!

Claudia sorriu ao empregado.

- Diga-me uma coisa - pediu - recebo algum brinde se comprar a blusa?

O empregado, um homem magnificamente vestido, tinha lágrimas nos olhos quando disse:

- Por favor... saia! Saíram da loja.

Desde quando é que um empregado pode pôr um cliente no olho da rua? - perguntou Claudia, a rir.

Estás em Rodeo Drive - respondeu Deere. -Já tiveste muita sorte só por conseguires entrar.

No dia seguinte, quando Claudia chegou aos estúdios, havia uma caixa embrulhada em papel de oferta em cima da sua secretária.

Continha uma dúzia das tais blusas, e uma nota de Skippy Deere: "Para usar exclusivamente nas cerimónias de atribuição dos Oscares."

Claudia sabia que tanto o empregado da loja como Skippy Deere eram ambos uns aldrabões cheios de prosápia. Algum tempo mais tarde viu as mesmas maravilhosas riscas no vestido de uma mulher e numa fita especial de ténis, de cem dólares.

E o filme em que ambos estavam a trabalhar era uma xaropada amorosa que tinha tantas possibilidades de ser nomeado para os Oscares como Deere de chegar a juiz do Supremo Tribunal. Mas ficou comovida.

E então chegara o dia em que o filme em que ambos tinham trabalhado atingira o número mágico de cem milhões de dólares de receita bruta, e Claudia pensara que estava rica. Skippy Deere convidara-a para jantar, para festejar. Skippy estava efervescente de satisfação.

- Hoje é o meu dia de sorte! - disse. - O filme passou a barreira dos cem milhões,

a secretária do Bobby Bantz fez-me uma mamada de gritos e a minha ex-mulher morreu num desastre de automóvel.

Estavam outros dois produtores a jantar com eles, e ambos quase saltaram das cadeiras ao ouvir isto. Claudia pensou que Deere estava a brincar. Mas Deere continuou, dirigindo-se aos dois colegas:

- Estou a ver os vossos olhos verdes de inveja! Poupo quinhentos mil por ano em pensão de alimentos e os meus dois filhos herdam os bens da mãe, tudo o que ela conseguiu arrancar-me, de modo que deixo de ser obrigado a sustentá-los.

Claudia sentiu-se subitamente deprimida. Deere voltou-se para ela.

- Estou a ser sincero. É o que qualquer homem pensaria, mas nunca se atreveria a dizer em voz alta.

Skippy Deere subira a pulso no mundo do cinema. Filho de um carpinteiro, trabalhara com o pai em casa de inúmeras estrelas de cinema.

Numa dessas situações que provavelmente só acontecem em Holywood, tornara-se amante de uma grande actriz já de meia idade, que lhe arranjara um lugar como aprendiz na empresa do agente com quem trabalhava, numa espécie de prelúdio para se ver livre dele.

Deere trabalhara duramente, aprendera a controlar a sua natureza fogosa. Acima de tudo, aprendera a bajular o Talento, a tratar com jovens realizadores em trajectória ascendente, a dar a volta às novas estrelas recém-chegadas ao firmamento do cinema, a tornar-se amigo de escritores e argumentistas. Troçava do seu próprio comportamento, citando um grande cardeal da Renascença que defendia a causa do papa Bórgia diante do rei de França. Quando o monarca lhe mostrara o rabo e defecara para expressar o seu desprezo pelo papa, o cardeal exclamara: "Oh, o traseiro de um anjo!", e correra a beijá-lo.

Deere dispunha, em todo o caso, das ferramentas indispensáveis.

Aprendeu a arte da negociação, que simplificara a esta simples regras: "Pedir tudo." Tornou-se literato, desenvolvendo uma aptidão especial para descobrir romances capazes de se transformarem em grandes filmes. Era capaz de detectar os bons actores. Estudou os pormenores da produção, as diferentes maneiras de roubar dinheiro do orçamento de um filme. Tornou-se um produtor bem

sucedido, um dos que eram capazes de pôr na tela cinquenta por cento do argumento e setenta por cento do orçamento.

Ajudara-o bastante o facto de gostar de ler e também de ser capaz de escrever. Não numa folha de papel completamente em branco, mas era hábil a cortar cenas e a rever diálogos, e conseguia até, por vezes, criar pequenas cenas de acção, que ocasionalmente ficavam bem no filme, embora raramente fossem relevantes para o desenrolar da história. Aquilo de que mais se orgulhava, o que mais contribuía para o êxito comercial dos seus filmes, era o facto de ser especialmente bom no que respeitava aos finais, que eram quase sempre triunfantes, a exaltação do bem sobre o mal - e quando isso não vinha a propósito, a doçura da derrota. A sua obra-prima fora o final de um filme que tinha a ver com a destruição de Nova Iorque por uma bomba atómica e em que todas as personagens acabavam por se tornarem melhores seres humanos, dedicados a amar o próximo, incluindo o indivíduo que fizera explodir a bomba. Na altura fora obrigado a contratar cinco escritores suplementares para conseguir a proeza.

Tudo isto ter-lhe-ia servido muito pouco como produtor se não fosse particularmente astuto em matéria de finanças. Era capaz de ir buscar investimentos à cabeça de um tinhoso. Os homens ricos gostavam da sua companhia, tal como as belas mulheres que trazia constantememte penduradas do braço. Estrelas e realizadores achavam graça à maneira sincera e descomplexada como ele apreciava as coisas boas da vida. Conseguia praticamente tudo o que queria da parte dos estúdios, e aprendera que era possível obter luz verde para qualquer filme desde que o suborno fosse suficientemente grande. As suas listas de cartões e prendas de Natal eram intermináveis, e incluíam estrelas, críticos dos jornais e revistas e até pessoas altamente colocadas na Polícia. Chamava a todos queridos amigos e, quando deixavam de lhe ser úteis, cortava-os da lista de prendas, mas nunca da de cartões.

Uma das chaves para ser produtor era possuir qualquer coisa. Podia ser um romance obscuro, mesmo um fracasso de vendas, mas qualquer coisa concreta de que pudesse falar com os dirigentes dos estúdios. Deere detinha os direitos de vários destes romances com opções por cinco anos, pagando quinhentos dólares por ano. Ou então comprava um argumento e trabalhava-o com o autor até o transformar em qualquer coisa que um dos estúdios quisesse comprar. Era trabalho delicado, uma vez que os escritores são sempre tão frágeis. "Frágil" era a sua palavra preferida para designar as pessoas que considerava idiotas.

Revelava-se particularmente útil no caso das estrelas do sexo feminino.

Uma das suas relações mais bem sucedidas fora com Claudia De Lena, e uma das mais agradáveis também. Tinha gostado verdadeiramente da garota e quisera ensinar-lhe como as coisas aconteciam. Tinham passado três meses juntos a trabalhar num argumento. Iam jantar juntos, jogavam golfe juntos (Deere ficara muito surpreendido quando Claudia o batera). Iam à pista de corridas de Santa Anita. Nadavam na piscina de Deere, com secretárias em fato de banho a anotar o que eles ditavam. Claudia chegara inclusivamente a levá-lo um fim-de-semana ao Xanadu, para lhe apresentar o irmão. Uma vez por outra, dormiam juntos.

O filme fora um grande êxito financeiro, e Claudia partira do princípio que o acordo particular que fizera ia render-lhe uma porção de dinheiro.

Tinha uma percentagem da percentagem de Skippy Deere, e sabia que ele estava sempre colocado "a montante", como costumava chamar aos resultados brutos. Mas o que Claudia ignorava era que Deere tinha duas percentagens, uma sobre o bruto, outra sobre o líquido. E que o negócio que fizera com ele se referia à percentagem sobre o líquido. O que, apesar de o filme ter facturado cem milhões de dólares, se resumiu a coisa nenhuma. Os métodos de contabilidade dos estúdios, a percentagem de Deere sobre o bruto e o custo do filme comeram facilmente o valor dos resultados líquidos.

Claudia processou-o, e Deere chegou a acordo por uma pequena soma para preservar a amizade entre ambos. Quando Claudia o acusou, ele respondeu-lhe:

- Isso não tem nada a ver com as nossas relações pessoais. E um assunto entre os nossos advogados.

Skippy Deere dizia frequentemente: "Em tempos fui humano; depois casei-me." Mais do que isso, apaixonara-se verdadeiramente pela mulher.

Apresentava como desculpa o facto de ser muito novo, naquela altura, e de já então o seu olho infalível ter visto nela todas as marcas de uma actriz de talento. Nisto estava certo, mas a mulher, Christi, não tinha aquela qualidade mágica que faz de uma actriz uma estrela. O melhor a que conseguia aspirar era ao terceiro papel feminino.

Deere, no entanto, amava-a sinceramente. Quando se tornara uma potência na indústria do cinema, fizera o possível e o impossível por transformar Christi

numa estrela. Reclamara o pagamento de favores feitos a outros produtores, a realizadores, a directores de estúdios, para lhe conseguir bons papéis. Em meia dúzia de filmes, Christi chegara a segunda figura. Mas, à medida que envelhecia, as ofertas de trabalho tornavam-se menos numerosas. Tiveram dois filhos, mas Christi sentia-se cada vez mais infeliz, e isto consumia uma boa parte do tempo que Skippy tinha de dedicar ao trabalho.

Skippy Deere, como a maior parte dos produtores, era um homem loucamente atarefado. Tinha de viajar por todo o mundo para vigiar os seus filmes, conseguir investimentos, desenvolver projectos. Entrando em contacto com tantas mulheres bonitas e gentis, e precisando de companhia, acabara por arranjar numerosas ligações românticas, que desfrutava com prazer, mas continuava a amar a mulher.

Certo dia, uma rapariga do Desenvolvimento de Projectos levara-lhe um argumento que, segundo ela, era perfeito para Christi, um papel de estrela à prova de fogo exactamente adequado ao seu tipo de talento. Era um filme sombrio, a história de uma mulher que assassinava o marido por amor de um jovem poeta e depois tinha de fugir ao desgosto dos filhos e às suspeitas

no fim, evidentemente, encontrava a redenção. Uma

história descaradamente inverosímil, mas talvez resultasse.

Skippy Deere tinha dois problemas: convencer um estúdio a fazer o filme e depois convencê-los a dar o papel a Christi.

Serviu-se de todos os seus recursos. Aceitou um acordo financeiro particular. Conseguiu convencer um grande actor a aceitar um papel que era na verdade de "corpo presente" e conseguiu que Dita Tommey fosse a realizadora. Correu tudo como num sonho. Christi desempenhou o principal papel na perfeição, Deere produziu o filme na perfeição - ou seja, noventa por cento do orçamento apareceu efectivamente na tela.

Durante todo esse tempo, Djeere nunca foi infiel à mulher, excepto durante a noite que passou em Londres para tratar da distribuição, e mesmo assim só cedeu porque a rapariga era tão magra que os aspectos logísticos do acto lhe despertaram a curiosidade.

Resultou. O filme foi um êxito comercial e Deere acabou por ganhar mais com o

seu acordo particular do que

provavelmente teria ganho num negócio normal, e Christi ganhou o Oscar para a melhor actriz.

E, tal como Deere disse mais tarde a Claudia, era ali que o filme devia ter terminado: Felizes Para Sempre. Agora, porém, a mulher descobrira uma nova auto-estima, agora tinha uma noção do seu verdadeiro valor. A prova foi que se transformou numa estrela-veículo, passou a receber argumentos entregues por mensageiro com papéis próprios para as grandes divas, as figuras mágicas do celulóide. Deere aconselhou-a a escolher qualquer coisa mais adequada para ela, uma vez que o filme seguinte seria crucial. Nunca se preocupara com o facto de ela lhe ser ou não fiel. Na realidade, concedia-lhe todo o direito de se divertir quando estava a filmar fora. Mas agora, nos poucos meses que se seguiram à atribuição do Oscar - adorada por toda a gente, convidada para todas as grandes festas, aparecendo nas colunas de todas as revistas da especialidade, cortejada por jovens actores que se esfarrapavam para conseguir um papel - Christi desabrochou numa espécie de rejuvenescida feminilidade. Começou a sair, abertamente, com actores quinze anos mais novos do que ela. As jornalistas das chamadas colunas sociais apontaram o facto; as mais feministas encorajaram-na entusiasticamente.

Skippy Deere aguentou tudo isto aparentemente muito bem.

Compreendia o que estava a passar-se. Ao fim e ao cabo, não ia ele também para a cama com raparigas? Porquê, então, recusar à mulher os mesmos prazeres? Por outro lado, porque haveria de continuar a esforçar-se daquela maneira para promover a carreira de Christi? Especialmente depois de ela ter tido o desplante de lhe pedir um papel para um dos seus jovens amantes? Deixou de procurar argumentos para ela, deixou de fazer campanha a favor dela junto de outros produtores, realizadores e directores de estúdios. E eles, sendo homens mais velhos, ofenderam-se por ele, numa atitude de solidariedade masculina, e deixaram de dar a Christi qualquer espécie de tratamento especial.

Christi fez mais dois filmes como actriz principal; foram ambos falhanços comerciais, porque ela estava mal escolhida para o papel. E foi assim que Christi gastou o crédito profissional que o Oscar lhe proporcionara.

Em três anos, estava de regresso às terceiras figuras.

Entretanto, tinha-se apaixonado por um jovem que aspirava a ser produtor, que era até muito parecido com o marido dela, mas que não dispunha de capital. Por isso Christi pediu o divórcio, conseguindo uma monumental pensão de alimentos de meio milhão de dólares anuais. Os advogados dela nunca chegaram a saber dos bens que Deere tinha na Europa, de modo que se separaram em termos amistosos. E agora, passados sete anos, ela morria num acidente de automóvel. Por essa altura, embora continuasse a fazer parte da lista de cartões de Natal de Deere, fora igualmente incluída na sua famosa lista "A Vida é Demasiado Curta", onde reunia os nomes daqueles cujos telefonemas não atendia.

Claudia tinha, pois, uma espécie de afecto perverso por Skippy Deere.

Pelo facto de ele se mostrar aos outros tal como era, por viver a vida tão descaradamente no seu próprio interesse, pela sua capacidade de olhar uma pessoa nos olhos e chamar-lhe amiga sem se preocupar com o facto de essa pessoa saber perfeitamente que ele nunca seria capaz de um gesto de amizade.

Por ele ser tão alegre, tão ardentemente hipócrita. E, além disso, Deere era um excelente persuasor. E era o único homem que conhecia capaz de medir forças com Cross em termos de astúcia. Apanharam o primeiro avião para Las Vegas.

Livro IV

Cross De Lena

Os Clericuzio Carol Gino/Star

Water Press

Capítulo VI

Quando Cross chegou aos vinte e um anos, Pippi De Lena estava impaciente por vê-lo seguir o seu próprio destino. O facto mais importante na vida de um homem, e nisto todos estavam de acordo, era que devia sustentar-se a si mesmo. Devia ganhar o seu pão, pôr um tecto por cima da sua cabeça e roupas nas suas costas, alimentar os filhos. Para o conseguir sem sofrimentos desnecessários, precisava de ter um certo poder neste mundo.

De onde se seguia, tão seguramente como a noite se segue ao dia, que Cross devia ocupar o seu lugar na Família Clericuzio. Para isso, teria inevitavelmente de prestar provas.

Cross tinha uma boa reputação na Família. A resposta que dera a Dante, quando este lhe dissera que Pippi era um martelo, era frequentemente citada pelo próprio Don Domenico, que saboreava as palavras quase com êxtase: "Eu não sei disso. Tu não sabes disso. Ninguém sabe disso. Onde diabo foste arranjar esse raio desse chapéu?" Que resposta, exclamava o Don, deliciado.

Um rapaz tão novo e já tão discreto, tão inteligente, fazia honra ao pai.

Temos de dar uma oportunidade a este moço. Tudo isto fora relatado a Pippi, pelo que este sabia que chegara a altura.

Começou a preparar Cross. Mandou-o fazer algumas cobranças difíceis, que exigiam o uso da força. Discutiu com ele a história antiga da Família e a maneira como as operações eram executadas. Sempre o mais simples possível, insistiu. Quando a coisa era mais complicada, havia que planear tudo ao mais pequeno pormenor. O simples era mesmo simples, e estava tudo dito. Isolava-se uma pequena área geográfica e apanhava-se o alvo dentro dessa área. Primeiro a

vigilância, depois o carro com o atirador, depois outros carros para cortar o caminho a eventuais perseguidores, e depois uma pessoa desaparecia durante algum tempo para não poder ser imediatamente interrogada. Isso era o simples. Quando era preciso caprichar, caprichava-se. Podia-se sonhar tudo o que se quisesse, desde que fosse solidamente planeado. Só se ia para o complicado quando era absolutamente necessário.

- Explicou inclusivamente a Cross o significado de algumas palavras de código. Uma "Comunhão" era quando o corpo da vítima desaparecia.

Complicado. Uma "Confirmação" era quando o corpo era encontrado.

Simples.

Depois fez-lhe um breve resumo sobre a Família. Falou a respeito da grande guerra contra os Santadio, que estabelecera definitivamente a sua predominância. Nada disse sobre o seu próprio papel nessa guerra e foi muito parco nos pormenores. Em contrapartida, elogiou Giorgio, Vincent e Petie.

Mas acima de tudo elogiou Don Domenico, pela sua grande clarividência.

Os Clericuzio tinham tecido muitas teias, mas a mais extensa de todas era o jogo. Dominavam todas as formas de jogo, em casinos ou ilegais, nos Estados Unidos. Dispunham de uma influência muito subtil nos casinos dos Américanos Nativos, tinham uma influência muito grande nas apostas desportivas, legais no Nevada, ilegais em todo o resto do país. A Família possuía fábricas de slot machines e tinha interesses na fabricação de dados e de cartas, no abastecimento de louças e de talheres, nas lavanderias que serviam os grandes hotéis-casinos. O jogo era a grande jóia do seu império, e estavam a levar a cabo uma campanha de relações públicas com o objectivo de tornar a sua prática legal em todos os estados da União. Sobretudo as apostas desportivas, que, conforme indicavam os estudos feitos, iriam gerar lucros colossais.

A legalização do jogo em todo o território dos Estados Unidos, imposta por uma lei federal, era agora o Santo Graal da Família Clericuzio. Não apenas os casinos e as lotarias, mas também a possibilidade de apostar nos desportos: baseball, basquetebol, futebol e todos os outros. Os desportos eram sagrados na América, e uma vez que o jogo fosse legalizado, essa sacralidade estender-se-lhe-ia também. Os lucros seriam enormes.

Giorgio, cuja empresa geria algumas das lotarias estaduais, dera à Família uma ideia dos números envolvidos. Um mínimo de dois biliões de dólares eram apostados na Super Bowl 6 em todos os Estados Unidos, a maior parte 6 É a Super-Taça do futebol americano, que opõe os vencedores de duas Ligas diferentes, os profissionais e os universitários.

ilegalmente. Em Las Vegas, só as apostas legais no desporto excediam os cinquenta milhões de dólares. A World Series 7, dependendo do número de jogos jogados, totalizava mais um bilião. O basquetebol era muito mais pequeno, mas as inúmeras finais representavam outro bilião, isto sem contar as apostas diárias durante a época.

Uma vez legalizado, tudo isto poderia ser facilmente duplicado ou triplicado através de lotarias especiais e de apostas combinadas, excepto no caso da Super Bowl, cujos resultados se multiplicariam por dez e poderia inclusivamente proporcionar uma receita líquida de um bilião de dólares num só dia. O total geral poderia atingir cem biliões de dólares, e a beleza de tudo aquilo era o facto de não haver produtividade envolvida, sendo as únicas despesas as resultantes do marketing e da administração.

E a Família Clericuzio possuía o know how, os apoios políticos e a força bruta que lhe permitiriam controlar uma grande parte deste mercado. Gior-gio apresentou mapas que mostravam os complicados prémios que era possível construir com base nas provas desportivas. O jogo seria um poderoso íman para atrair dinheiro dessa gigantesca mina de ouro que era o povo americano.

O jogo era, pois, uma actividade de baixo risco e com um enorme potencial de crescimento. Para conseguir a sua legalização, a Família não olharia a despesas e estava até disposta a correr riscos consideráveis.

Os Clericuzio ganhavam igualmente algum dinheiro com a droga, mas só ao nível mais elevado. O risco era demasiado grande. Controlavam o processamento na Europa, proporcionavam a protecção política e a intervenção judicial, e branqueavam o dinheiro. A posição da Família no que respeitava à droga era legalmente inatacável e extremamente lucrativa. O

dinheiro sujo passava por uma série de bancos europeus e alguns americanos.

A estrutura da lei era ultrapassada pelos flancos.

Apesar de tudo isto, porém, como Pippi teve o cuidado de fazer notar, havia alturas em que era preciso correr riscos, em que era preciso mostrar o punho de ferro. O que a Família fazia com extrema discrição e uma ferocidade mortífera. E era nessas alturas que um homem tinha de ganhar a boa vida que fazia, tinha verdadeiramente de ganhar o seu pão quotidiano.

7 Campeonato de baseball em que, atribuindo embora o título de "campeão mundial", participam apenas equipas americanas.

Pouco depois do seu vigésimo primeiro aniversário, Cross foi finalmente posto à prova.

Entre os "bens" do seu activo político a que a Família Clericuzio atribuía mais valor contava-se Walter Wawen, governador do Nevada. Wavven era um homem de cinquenta e poucos anos, alto e magro, que usava um chapéu de cowboy mas vestia sempre elegantes fatos feitos por medida. Bastante bem parecido, demonstrava, apesar de casado, um saudável apetite pelos membros do sexo feminino. Era igualmente um grande apreciador de boa comida e de boa bebida, gostava de apostar nas provas desportivas e jogava entusiasticamente no casino. Tinha, porém, demasiada consciência dos sentimentos do público para revelar estas facetas do seu carácter, ou arriscar envolver-se em ligações românticas. Confiava, pois, em Alfred Gronevelt e no Xanadu Hotel para lhe satisfazerem estes apetites, preservando ao mesmo tempo a sua imagem política e pessoal de homem temente a Deus e defensor irredutível dos antigos valores familiares.

Gronevelt reconhecera muito cedo os dotes especiais de Wavven e proporcionara-lhe a base financeira que lhe tinha permitido progredir na carreira política. Quando Wavven se tornara governador do Nevada e lhe apetecia um fim-de-semana descontraído, Gronevelt dava-lhe uma das suas disputadas villas.

As villas tinham sido a grande inspiração de Gronevelt... • Alfred Gronevelt chegara a Las Vegas cedo, quando a cidade era ainda basicamente uma povoação do Oeste onde os cowboys se juntavam para jogar, e pusera-se a estudar o jogo e os jogadores como um brilhante cientista poderia estudar um insecto importante em termos de evolução. O grande mistério que nunca seria resolvido era a razão por que homens muito ricos continuavam a perder tempo a jogar para ganharem um dinheiro de que não precisavam. Gronevelt decidiu que o faziam para esconder outros vícios, ou porque desejavam dominar a própria sorte, mas que acima de tudo era para demonstrarem uma qualquer espécie de superioridade em

relação aos seus semelhantes. Portanto, pensou, quando jogavam, deviam ser tratados como deuses. Jogariam então como os deuses jogavam, ou como os reis de França em Versalhes.

E assim Gronevelt gastou cem milhões de dólares para mandar construir sete luxuosas villas e um casino especial, que mais parecia uma caixa de jóias, nos terrenos do hotel (com a sua previsão habitual, comprara muito mais terreno do que o Xanadu necessitava). Aquelas villas eram pequenos palácios, cada uma delas com capacidade para alojar seis casais em seis apartamentos, e não simples suites, diferentes. A decoração era magnífica: carpetes tecidas à mão, pavimentos de mármore, torneiras de ouro nas casas de banho, ricas tapeçarias nas paredes; o pessoal das salas de jantar e das cozinhas era fornecido pelo hotel. Os mais modernos equipamentos audiovisuais transformavam as salas de estar em autênticas salas de espectáculos. Os bares destas villas estavam equipados com os melhores vinhos e bebidas, além de uma caixa de ilegalíssimos charutos havanos. Cada villa tinha a sua piscina exterior e jacuzzi interior. Tudo isto era oferecido gratuitamente ao jogador.

Na área de segurança especial onde se erguiam as villas situava-se igualmente o pequeno casino oval chamado a Pérola, onde os grandes jogadores podiam jogar longe das vistas da multidão e onde a aposta mínima no bacará era de mil dólares. Neste casino, até as fichas eram diferentes: a preta, de cem dólares, era o valor mais baixo; as de quinhentos dólares eram de um branco pálido, orladas a ouro; a azul com uma risca de ouro puro valia mil dólares, e a ficha de dez mil dólares, especialmente concebida, tinha um diamante verdadeiro incrustado no ouro de que era feita. No entanto, numa concessão às senhoras, a roleta aceitava trocar fichas de cem dólares em modestas fichas de cinco.

Era espantoso que homens e mulheres imensamente ricos caíssem neste logro. Pelas contas de Gronevelt, todos estes extravagantes privilégios QCB

custavam ao hotel cinquenta mil dólares semanais. Mas esse dinheiro era dedutível nos impostos. Além disso, os preços de todas aquelas coisas eram inflacionados no papel. Os números (Gronevelt mantinha uma contabilidade separada) mostravam que cada villa proporcionava em média um lucro de um milhão de dólares por semana. Os restaurantes de luxo que serviam as villas e alguns outros hóspedes importantes representavam também uma fonte de receita em termos de dedução nos impostos. Nas folhas de despesa, um jantar para quatro custava mais de mil dólares, os quais, uma vez que os hóspedes não

pagavam, eram lançados como custos do exercício e deduzidos nos impostos. Considerando que as refeições não custavam ao hotel mais de cem dólares, incluindo o pessoal, só aí havia um lucro.

E assim, para Gronevelt, as sete villas eram como sete coroas que ele atribuía exclusivamente aos jogadores que arriscavam ou perdiam mais de um milhão de dólares durante uma estada de dois ou três dias. Não importava se ganhavam ou perdiam. Tinham apenas de jogá-los. E tinham de ser rápidos a pagar as suas dívidas, pois caso contrário viam-se relegados para uma das suites do hotel, as quais, embora luxuosas, não se comparavam às villas.

Claro que havia mais qualquer coisa. Aquelas villas eram lugares para onde importantes figuras públicas podiam levar as suas amantes ou os seus namorados, onde podiam jogar anonimamente. E, por estranho que parecesse, havia titãs do mundo dos negócios e da indústria, homens que valiam centenas de milhões de dólares, que inclusivamente tinham esposas e amantes, e que se sentiam sozinhos, desejosos de uma companhia feminina livre de cuidados, de mulheres dotadas de uma compreensão excepcional.

Para estes homens, Gronevelt equipava as suas villas com o necessário.

O governador Walter Wavven era um desses homens. E era a única excepção que Gronevelt permitia à sua regra do milhão de dólares. Jogava modestamente, e mesmo assim com uma bolsa discretamente fornecida pelo próprio Gronevelt, e quando os seus vales excediam um certo valor, eram postos de parte para serem pagos por ganhos futuros.

Wawen ia para o Xanadu para se descontrair, jogar golfe no campo do hotel, beber e cortejar as beldades fornecidas por Gronevelt.

Gronevelt manteve este jogo durante muito tempo. Em vinte anos, nunca pediu um favor concreto, apenas o direito de apresentar os seus argumentos a favor de qualquer legislação que ajudasse o negócio dos casinos em Las Vegas. A maior parte das vezes, os seus pontos de vista prevaleciam; quando isso não acontecia, o governador dava-lhe uma explicação pormenorizada sobre as realidades políticas que o tinham impedido. Mas o governador prestava-lhe um valioso serviço apresentando-o a juizes influentes e a políticos que podiam ser manipulados à custa de dinheiro.

Gronevelt alimentava no mais fundo do seu coração a esperança de que, contra

todas as probabilidades, o governador Walter Wavven chegasse um dia a presidente dos Estados Unidos. Se isso acontecesse, as recompensas seriam enormes.

A Sorte, porém, compraz-se a desfazer os planos mais argutos, como Gronevelt sempre soubera. A mais insignificante das criaturas pode ser o agente causador da perda do mais poderoso dos homens. Neste caso particular, esse agente foi um rapaz de vinte e cinco anos que se apaixonou pela filha mais velha do governador, uma jovem de dezoito.

Wavven estava casado com uma mulher bonita e inteligente, que era mais aberta e mais liberal nos seus pontos de vista políticos do que o marido, embora trabalhassem bem em equipa. Tinham três filhos, e esta família era um importante trunfo político para o governador. Marcy, a mais velha, frequentava Berkeley, por sua própria escolha e da mãe, mas não do pai.

Livre da rigidez de uma casa onde a política impunha restrições inultrapassáveis, Marcy deixou-se fascinar pela liberdade daquele novo meio, pela orientação política moderadamente esquerdista da universidade, pela sua abertura a novos tipos de música, pelas visões de si mesma e da vida que as drogas lhe proporcionaram. Digna filha do pai, era franca no seu interesse sexual. Com essa inocência e o instinto natural para a justiça próprio dos jovens, as suas simpatias iam para os pobres, para a classe operária, para as minorias desfavorecidas. Também se apaixonou pela pureza da arte. Foi, pois, muito naturalmente que começou a dar-se com outros estudantes que eram músicos e poetas. E foi ainda mais naturalmente que, após meia dúzia de encontros ocasionais, se apaixonou por um colega que escrevia peças de teatro, tocava guitarra e era pobre.

Chamava-se Theo Tatoski e era perfeito para um romance de universidade. Era moreno, bonito, vinha de uma família de católicos que trabalhavam nas fábricas de automóveis de Detroit e, com um talento de poeta para a aliteração, jurava sempre que preferia montar mulheres a montar motores. Apesar disto, tinha vários empregos em part-time para pagar o alojamento e a comida. Levava-se a si mesmo muito a sério, defeito que era em parte compensado pelo facto de ter verdadeiro talento.

Marcy e Theo foram inseparáveis durante dois anos. Marcy levou-o a casa, para conhecer a família, e ficou encantada ao verificar que ele não se deixava impressionar pelo pai. Mais tarde, no quarto onde ambos dormiram na mansão

oficial, Theo informou-a de que o pai dela era um aldrabão típico.

Talvez tivesse detectado a condescendência com que fora tratado; o governador e a mulher tinham-se mostrado super-simpáticos, super-delicados, absolutamente decididos a receber condignamente o companheiro escolhido pela filha, embora intimamente deplorassem uma ligação tão inadequada. A mãe não estava preocupada, sabia que o encanto de Theo se desvaneceria quando Marcy crescesse. O pai estava bastante menos à vontade, mas tentou compensar isso dando mostras de uma afabilidade fora do comum, mesmo para um político. Ao fim e ao cabo, o governador era um campeão da classe operária, de acordo com a sua plataforma política, a mãe era uma liberal convicta. Um romance com Theo só poderia dar a Marcy uma perspectiva mais vasta da vida. Entretanto, Marcy e Theo viviam juntos, e planeavam casar quando acabassem os respectivos cursos. Theo escreveria e interpretaria as suas peças, Marcy seria a sua musa e professora de literatura.

Um arranjo estável. O jovem casal parecia não fazer um uso excessivo de drogas, a relação sexual entre os dois não tinha nada de especial. O

governador pensou, ainda que vagamente, que se as coisas chegassem ao pior, aquele casamento poderia ajudá-lo politicamente: seria uma indicação para o público de que, apesar das suas origens puramente WASP, da sua fortuna e da sua cultura, aceitava democraticamente um operário como genro.

E assim todos se ajustaram à situação. Os pais só gostariam que Theo não fosse tão chato.

Mas os jovens são perversos. Marcy, no seu último ano na universidade, apaixonou-se por um colega que era rico e socialmente muito mais aceitável para os pais. Mas continuava a querer conservar Theo como amigo. Achava excitante fazer malabarismos com dois amantes sem cometer o pecado técnico do adultério. Na sua inocência, isto fazia-a sentir-se única.

A surpresa foi Theo. Reagiu à situação não como um tolerante radical de Berkeley, mas como um conde polaco. A despeito da sua poesia, das suas pretensões boémias, da sua música, dos ensinamentos de professoras feministas, de toda a atmosfera de laxismo sexual de Berkeley, tornou-se violentamente ciumento.

Theo sempre fora caprichosamente excêntrico, era algo que fazia parte do seu

encanto juvenil. Em conversas, tomava com frequência a posição extremamente revolucionária de que mandar pelos ares cem pessoas inocentes era um pequeno preço a pagar por uma sociedade livre no futuro.

Marcy sabia, porém, que ele nunca seria capaz de fazer semelhante coisa.

Certa vez, ao regressarem ao apartamento depois de duas semanas de férias, tinham encontrado uma ninhada de ratos recém-nascidos instalada na cama deles. Theo limitara-se a pôr os bichos na rua, sem lhes fazer mal.

Marcy achara o gesto encantador.

Quando, porém, Theo soube que Marcy tinha outro amante, deu-lhe uma bofetada. Depois desfez-se em lágrimas e suplicou-lhe que lhe perdoasse. Ela perdoou. Continuava a achar excitante fazer amor com ele, ainda mais excitante agora que o facto de Theo saber que ela o traía lhe dava mais poder sobre ele. Mas ele tornou-se cada vez mais violento, estavam cons-tantemente a discutir, viverem juntos deixou de ter graça, e Marcy abandonou o apartamento.

O outro amante desapareceu. Marcy teve alguns outros casos. Mas ela e Theo continuaram amigos, e dormiam juntos de vez em quando. Marcy planeava ir para leste e fazer o mestrado numa universidade da Ivy League 8, Theo mudou-se para Los Angeles para escrever peças e aguardar uma oportunidade de trabalhar para o cinema. Um dos seus trabalhos, uma curta peça musical, ia ser levado à cena por um pequeno grupo teatral, que daria apenas três representações. Convidou Marcy para ir assistir.

Marcy foi de avião até Los Angeles para assistir à peça. Era tão má que metade do público abandonou a sala. Por isso Marcy resolveu passar a noite no apartamento de Theo, para o consolar. O que aconteceu nessa noite nunca ficou exactamente esclarecido. O que se provou foi que, às primeiras horas da manhã, Theo assassinou Marcy, dando-lhe uma facada em cada olho.

Depois cravara a faca no próprio estômago e chamara a polícia. A tempo de salvar a sua vida, mas não a de Marcy.

O julgamento na Califórnia foi, naturalmente, um grande acontecimento mediático. Uma filha do governador do Nevada morta à facada por um poeta operário que fora seu amante durante três anos e que ela abandonara.

A advogada de defesa foi Molly Flanders, especializada com êxito em crimes passionais, embora aquele acabasse por vir a ser o seu último caso criminal antes de se dedicar ao direito específico do mundo do espectáculo.

As suas tácticas foram clássicas. Várias testemunhas declararam que Marcy tivera pelo menos seis amantes, enquanto Theo acreditava que estavam para casar. A rica, socialmente proeminente e promíscua Marcy abandonara o seu sincero e apaixonado poeta-operário, que não aguentara o choque.

Flanders alegou "loucura momentânea" em defesa do seu cliente. A frase mais apreciada (escrita por Claudia De Lena a pedido de Molly) foi "Ele é para sempre não responsável por aquilo que fez." Uma frase que teria provocado em Don Clericuzio um ataque de fúria.

No seu depoimento, Theo mostrou-se adequadamente esmagado.

Os pais, católicos devotos, tinham convencido personalidades influentes do 8 Grupo de universidades americanas, entre as quais se conta Harvard, consideradas as melhores e mais prestigiosas do Leste dos Estados Unidos.

clero californiano a defenderam a sua causa, e estas pessoas testemunharam que o jovem tinha renunciado aos seus costumes hedonísticos e estava agora decidido a estudar para padre. Foi destacado o facto de Theo ter tentado suicidar-se e estava, portanto, arrependido, o que provava a sua loucura momentânea, como se as duas coisas andassem a par. Tudo isto embelezado pela retórica de Molly Flanders, que pintou o quadro da grande contribuição que Theo podia dar à sociedade se não fosse punido por um acto impensado provocado por uma mulher cujos costumes devassos lhe tinham desfeito o honesto coração de trabalhador. Uma rapariga rica e descuidada, agora infelizmente falecida.

Molly Flanders adorava os jurados californianos. Inteligentes, suficientemente instruídos para compreenderem as subtilezas do trauma psiquiátrico, expostos à cultura superior do teatro, do cinema, da música, da literatura, pulsavam de empatia. Quando Flanders acabou de os trabalhar, o resultado nem chegou a estar em dúvida. Theo foi considerado inocente por motivo de loucura momentânea. Foi imediatamente contratado para aparecer numa mini-série sobre a história da sua vida, não como primeiro actor, mas como uma personagem secundária que cantava canções que ele próprio compunha e serviam para ligar a história. Um final totalmente satisfatório para uma tragédia moderna.

O efeito no governador Wavven, pai da jovem assassinada, foi, porém, desastroso. Alfred Gronevelt viu o seu investimento de vinte anos ir pelo cano, pois o governador Wavven, na intimidade da sua villa, anunciou-lhe a sua intenção de não se recandidatar. Qual era a vantagem de conquistar poder se um qualquer monte de merda de um filho da puta podia matar-lhe a filha à facada, cortar-lhe quase a cabeça, e ficar-se a rir? Pior ainda, a sua adorada filha fora tratada pelos jornais e pela TV como uma cabra estúpida que não merecia outra coisa senão ser morta.

Há na vida tragédias impossíveis de curar, e para o governador aquela era uma delas. Passava agora o mais tempo possível no Xanadu, mas já não era o mesmo homem alegre e divertido de outros tempos. Perdeu o interesse pelas bailarinas do casino e pelo rolar dos dados. Limitava-se a beber e jogar golfe. O que punha a Gronevelt um problema muito delicado.

Sentia a mais profunda compreensão pelo problema do governador. Não é possível lidar com um homem durante vinte anos, mesmo com um objectivo egoísta, sem lhe ganhar algum afecto. Mas o facto era que o governador Walter Wavven, ao retirar-se da política, deixava de ser um investimento, perdia todo o seu potencial futuro. Passava a ser apenas um homem que se bastava a si mesmo à força de copos. Além disso, quando jogava, fazia-o distraidamente, e Gronevelt tinha em caixa duzentos mil dólares em vales assinados por ele. Chegara pois o momento de recusar ao governador o uso da villa. Dar-lhe-ia, certamente, a suite mais luxuosa do hotel, mas nem por isso deixaria de ser uma despromoção, e antes de chegar a esse extremo Gronevelt tinha de fazer um último esforço de reabilitação.

Certa manhã, conseguiu convencer Wawen a juntar-se-lhe para jogar golfe. Para completar os dois pares, recrutou Pippi De Lena e o filho, Cross.

Pippi tinha uma crueza que o governador sempre apreciara, e Cross era um jovem tão bem parecido e tão delicado que os mais velhos gostavam sempre da sua companhia. Terminado o jogo, reuniram-se na villa do governador para um almoço tardio.

Wawen perdera muito peso e parecia não ter o mínimo cuidado com o seu aspecto. Vestia um fato de treino manchado de suor e usava na cabeça um barrete de baseball com o logo do Xanadu. Não se barbeara. Sorria muito, não o seu sorriso de político, mas uma espécie de careta envergonhada.

Gronevelt reparou que tinha os dentes muito amarelos. Estava, além disso, extremamente embriagado.

Gronevelt decidiu dar o mergulho.

Walter - disse -, está a deixar mal a sua família, os seus amigos e todo o povo do Nevada. Não pode continuar assim.

Claro que posso! - replicou o governador. - Que se foda o povo do Nevada! Quem é que se rala?

Ralo-me eu. Preocupo-me consigo - afirmou Gronevelt. - Eu arranjo o dinheiro, e quero que concorra ao Senado nas próximas eleições.

Por que raio haveria de fazê-lo? Não significa nada nesta porra deste país! Sou o governador do grande estado do Nevada, e um sacana qualquer mata a minha filha e sai em liberdade! E eu tenho de aguentar. As pessoas dizem piadas a respeito da minha filha asassinada e rezam pelo assassino.

Sabe para que é que eu rezo? Para que uma bomba atómica dê cabo desta merda deste país, e sobretudo do estado da Califórnia.

Pippi e Cross permaneceram silenciosos durante todo este diálogo.

Estavam um pouco abalados pela intensidade dos sentimentos do governador. E

ambos compreendiam que Gronevelt tinha ali um propósito qualquer.

- Tem de pôr tudo isso para trás das costas - aconselhou Gronevelt.

- Não deixe que esta tragédia destrua a sua vida. - A untuosidade do seu tom teria irritado um santo.

O governador atirou o barrete de baseball para o outro lado da sala e foi ao bar servir-se de mais um whisky.

- Não consigo esquecer - disse. - Passo as noites acordado, a sonhar que estou a arrancar os olhos àquele cabrão. Quero pegar-lhe fogo, quero cortar-lhe os braços e as pernas. E quero que ele continue vivo, para poder voltar a fazer-lhe tudo outra vez! - Sorriu um sorriso de bêbado e quase caiu em cima deles.

Gronevelt, Pippi e Cross viram-lhe os dentes amarelados e sentiram o hálito pútrido da sua boca.

Subitamente, Wavven pareceu menos embriagado, a sua voz tornou-se mais calma, falou num tom quase coloquial.

- Viram como ele a esfaqueou? - perguntou. - Nos olhos. O juiz não deixou o júri ver as fotografias. Para não prejudicar o réu. Mas eu, o pai, pude ver as fotografias. E o pequeno Theo sai em liberdade, com um sorriso nos lábios. Esfaqueia a minha filha nos olhos mas levanta-se todas as manhãs e vê a luz do sol. Oh, gostava de poder matá-los a todos... o juiz, os jurados, os advogados, todos!

Voltou a encher o copo e pôs-se a passear furiosamente pela sala, murmurando uma espécie de discurso atabalhoado:

Não posso continuar a falar às pessoas a respeito de tretas em que já não acredito. Não enquanto esse filho da mãe viver. Sentou-se à minha mesa, eu e a minha mulher tratámo-lo como um ser humano, embora não tivéssemos gostado dele. Demos-lhe o benefício da dúvida. Nunca dêem a ninguém o benefício da dúvida. Recebemo-lo em nossa casa, demos-lhe uma cama para dormir com a nossa filha, e ele passou o tempo todo a rir-se de nós, a dizer para si mesmo: "Quero lá saber se és governador. Quero lá saber se tens dinheiro. Quero lá saber que sejam seres humanos decentes e civilizados. Hei-de matar a tua filha quando quiser, e não há nada que possas fazer quanto a isso. Hei-de deitar-te abaixo. Hei-de foder a tua filha, e depois hei-de matá-la, e depois hei-de mandar-te lixar e hei-de sair em liberdade." - Wavven cambaleou e Cross precipitou-se para o segurar. O

governador olhou para cima, para o alto tecto pintado como um mural, todo ele com anjos cor-de-rosa e santos envoltos em vestes brancas. - Quero-o morto! - gritou, no meio de uma explosão de lágrimas. - Quero-o morto!

Walter, isso há-de passar, dê tempo ao tempo - disse Gronevelt, docemente. - Candidate-se a senador. Tem os melhores anos da vida à sua frente, ainda pode fazer muita coisa.

Wawen libertou-se das mãos de Cross e respondeu a Gronevelt, com uma voz muito calma:

- Não compreende? Já não acredito em fazer seja o que for. Não posso dizer a ninguém aquilo que verdadeiramente sinto, nem sequer à minha mulher. O ódio que há em mim. E digo-lhe outra coisa. Os eleitores desprezam-me, vêem em mim um fraco. Um homem que deixa a filha ser assassinada e não tem poder para castigar o assassino. Estaria disposto a confiar o futuro do grande estado do Nevada a um homem assim?

- A voz tornou-se irónica. - O sacaninha era bem capaz de ser eleito mais facilmente do que eu. - Fez uma pausa. - Esqueça, Alfred, não vou candidatar-me a coisa nenhuma.

Gronevelt estava a estudá-lo cuidadosamente. Estava a apanhar qualquer coisa que escapava a Pippi e a Cross. Os grandes desgostos levavam muitas vezes à fraqueza, mas Gronevelt decidiu correr o risco.

- Walter -perguntou -, candidatar-se-á ao Senado se esse homem for punido? Voltará a ser o homem que era?

O governador pareceu não compreender. Os seus olhos desviaram-se momentaneamente para Pippi e Cross, e depois fixaram-se na cara de Gronevelt. Gronevelt pediu a Pippi e a Cross:

- Esperem por mim no escritório.

Pippi e Cross saíram rapidamente. Gronevelt e o governador Wawen ficaram sozinhos. Gronevelt disse, gravemente:

- Walter, você e eu vamos ter de ser muito directos pela primeira vez nas nossas vidas. Conhecemo-nos há vinte anos; alguma vez soube que eu tivesse sido indiscreto? Então responda-me. Não há o mínimo perigo. Voltará a candidatar-se se esse rapaz morrer?

O governador dirigiu-se ao bar e deitou mais whisky no copo. Mas não o bebeu. Sorriu.

- Candidato-me no dia seguinte a ter ido ao funeral do rapaz, para mostrar que lhe perdoei - disse. - Os meus eleitores vão adorar.

Gronevelt descontraiu-se. Estava feito. Ficou tão aliviado que permitiu a si mesmo o luxo de parecer mal-educado.

- Primeiro vá ao dentista - disse ao governador. - Precisa de mandar limpar esse raio desses dentes.

Pippi e Cross estavam à espera na suite do terraço. Gronevelt levou-os para a sala, onde ficariam, mais confortáveis, e contou-lhes o que fora dito.

O governador é seguro? -perguntou Pippi.

O governador não estava tão bêbado como quis dar a entender -

respondeu Gronevelt. - Transmitiu-nos a mensagem sem se comprometer verdadeiramente.

Sigo esta noite para Nova Iorque - declarou Pippi. - Uma coisa destas tem de ter o OK dos Clericuzio.

Diz-lhes que eu sou de opinião que o governador é homem para ir até ao fim - pediu Gronevelt. - Até ao topo. Seria um amigo sem preço.

Giorgio e o Don compreenderão isso - assegurou Pippi. - Só preciso de explicar o que se passa e conseguir o OK.

Gronevelt olhou para Cross e sorriu. Depois voltou-se para Pippi e disse, calmamente:

- Pippi, penso que chegou a altura de o Cross se juntar à Família.

Penso que devias levá-lo contigo.

Em vez disso, no entanto, Giorgio Clericuzio resolveu deslocar-se a Las Vegas para a reunião. Queria ser informado pelo próprio Gronevelt, e Gronevelt não viajava havia mais de dez anos.

Giorgio e os seus guarda-costas ficaram instalados numa das villas, embora não fosse um dos grandes jogadores. Gronevelt era um homem que sabia abrir excepções. Tinha recusado aquelas villas a políticos poderosos, a gigantes da finança, a algumas das estrelas mais famosas de Hollywood, a belas mulheres que tinham dormido com ele, a amigos pessoais. Até a Pippi De Lena. Mas deu uma villa a Giorgio Cleriucuzio, sabendo embora que Giorgio tinha gostos espartanos, que não apreciava verdadeiramente luxos extraordinários. Todos os

sinais de respeito contavam, iam-se somando, e uma falha, por mais pequena que fosse, poderia ser recordada um dia mais tarde...

Reuniram-se com Giorgio na villa. Gronevelt, Pippi e Giorgio...

Gronevelt expôs a situação:

- O governador pode ser um trunfo enorme para a Família. Se conseguir recompor-se, é capaz de chegar até ao topo. Primeiro senador, depois presidente. Se isso acontecer, terão excelentes probabilidades de ver as apostas desportivas legalizadas em todo o país. Isso significaria biliões de dólares para a Família, e esses biliões não seriam dinheiro sujo. Seriam dinheiro limpo. Digo que é uma coisa que temos de fazer.

Dinheiro limpo era muito mais valioso do que dinheiro sujo. Mas o grande trunfo de Giorgio era que nunca se deixava arrastar para decisões precipitadas.

O governador sabe que o senhor está connosco? - perguntou.

Não tem a certeza - respondeu Gronevelt.- Mas há-de ter ouvido rumores. E não é estúpido. Fiz algumas coisas para ele que ele sabe que não poderia ter feito se estivesse sozinho. E é esperto. Tudo o que disse foi que se candidataria se o miúdo morresse. Não me pediu para fazer fosse o que fosse. é um grande pantomineiro, não estava assim tão bêbado quando se veio abaixo. Acho que fez as suas contas muito bem feitas. Foi sincero, mas também estava a fingir. Não sabia como vingar-se, mas tinha uma ideia de que eu poderia fazer qualquer coisa. Está a sofrer, mas também está a manobrar. - Fez uma curta pausa. - Se lhe fizermos isto, candidatar-se-

á a senador, e será o nosso senador.

Giorgio pôs-se a andar de um lado para o outro, evitando as estátuas nos seus pedestais, evitando o jacuzzi fechado por uma cortina, cujo mármore parecia brilhar através do tecido.

- Prometeu-lhe alguma coisa sem o nosso OK? - perguntou a Gronevelt.

Respondeu Gronevelt. - Era uma questão de persuasão. Eu tinha de ser positivo, para lhe dar a sensação de que ainda tem poder, ainda pode fazer as coisas acontecerem, e levá-lo a gostar novamente dessa sensação.

Giorgio suspirou.

- Detesto esta parte do negócio - disse.

Pippi sorriu. Giorgio devia estar a brincar. Ajudara a eliminar a Família Santadio com uma ferocidade que fizera o velho Don sentir-se orgulhoso.

- Penso que precisamos da experiência do Pippi para esta coisa -

sugeriu Gronevelt. - E penso que é altura de o filho dele, Cross, entrar para a Família.

Giorgio olhou para Pippi.

Respondeu Pippi. - É tempo é um grande - Achas que ele está pronto?

- perguntou.

Até agora têm sido só facilidades de trabalhar para ganhar a vida.

Sim, mas será capaz de fazê-lo? - insistiu Giorgio.

- Eu falo com ele - prometeu Pippi. - Há-de fazer o que for preciso.

Giorgio voltou-se novamente para Gronevelt.

Bom, digamos que fazemos isto pelo governador, e se depois ele se esquece de nós? Corremos o risco, e tudo para nada. Temos aqui um homem que é governador do Nevada, a filha é assassinada e ele não faz nada. Não tem tomates.

Fez alguma coisa, veio ter comigo - respondeu Gronevelt. - Tem de compreender as pessoas como o governador. Foi precisa muita coragem para fazer o que ele fez.

Podemos então confiar nele? - perguntou Giorgio.

Vamos reservá-lo para as coisas realmente importantes - respondeu Gronevelt. - Há vinte anos que lido com ele. Garanto que cumprirá a sua parte se for tratado da maneira certa. Ele sabe como são as coisas, é muito esperto.

Pippi, tem de parecer um acidente - continuou Giorgio. - Esta coisa vai levantar uma porção de pó. Não queremos ver o governador sujeito a insinuações por parte dos seus inimigos nos jornais e na merda da TV.

Sim - corroborou Gronevelt -, é essencial que nada possa implicar o governador.

Talvez isto seja demasiado complicado para a estreia do Cross -

sugeriu Giorgio.

Não, é perfeito para ele - disse Pippi. E nenhum deles pôde objec tar. No campo, Pippi era o comandante. Provara a sua capacidade em inúmeras operações daquele tipo, especialmente durante a grande guerra contra os Santadio. Muitas vezes dissera aos Clericuzio: "Quem arrisca o couro sou eu. Se me lixar, quero que seja por minha culpa, e de mais ninguém."

Giorgio bateu as palmas.

-Okay, vamos para diante. Alfred, que tal uma partida de golfe amanhã de manhã? Amanhã à noite tenho assuntos a tratar em L. A. e no dia seguinte regresso ao Leste. Pippi, manda dizer de quem precisas do Enclave, para ajudar, e diz também se o Cross está dentro ou fora.

E com isto Pippi ficou a saber que Cross nunca seria admitido no seio da Família Clericuzio se recusasse aquela operação.

O golfe tornara-se a paixão dos Clericuzios da geração de Pippi, e o velho Don dizia maliciosamente que era um jogo bom para brugliones. Nessa tarde, Pippi e Cross encontraram-se no campo do Xanadu. Tinham dispensado os carros eléctricos. Pippi queria saborear o passeio pela solidão dos greens.

Logo a seguir ao nono buraco, havia um grupo de árvores e um banco.

Sentaram-se lá.

- Não vou viver eternamente - começou Pippi-, e tu tens de pensar em ganhar a vida. A agência de cobranças rende bons lucros, mas é difícil de gerir.

Tens de arranjar uma posição sólida dentro da Família Clericuzio.

Pippi tinha preparado o filho, mandara-o fazer algumas cobranças difíceis, que exigiam o uso da força, contara-lhe uma parte da história da Família. Cross sabia como as coisas eram. Pippi esperara pacientemente que aparecesse a situação perfeita, um alvo que não despertasse simpatias.

Compreendo - limitou-se Cross a dizer, calmamente O tal tipo que matou a filha do governador - continuou Pippi. - Um safado de merda que se ficou a rir. Não é justo.

Cross estava a achar graça à psicologia do pai.

E o governador é nosso amigo - disse.

Isso mesmo - anuiu Pippi. - Cross, podes recusar, não te esqueças disso. Mas quero que me ajudes num trabalho que tenho de fazer.

Cross deixou correr os olhos pelos vastos relvados, pelas bandeirolas que assinalavam os buracos, completamente imóveis no ar parado do deserto, pela cadeia de montanhas prateadas que se erguiam ao longe, pelo céu que reflectia as luzes de néon da Strip, invisível do sítio onde estavam. Sabia que a sua vida estava prestes a mudar e sentiu uma pontada de medo.

- Se não gostar, posso sempre ir trabalhar para o Gronevelt - disse.

Mas deixou a mão repousar por um instante no ombro do pai, para lhe dar a entender que estava a brincar.

Pippi sorriu-lhe.

- Este trabalho é para o Gronevelt. Viste-o com o governador. Pois bem, vamos fazer-lhe a vontade. O Gronevelt teve de conseguir o OK do Giorgio. E eu disse-lhe que tu me ajudarias.

Muito ao longe, num nos greens, Cross viu dois pares, dois homens e duas mulheres, tremeluzindo como desenhos animados sob a luz crua do deserto.

Tenho de prestar as minhas provas - disse. Sabia que tinha de aceitar ou passar a viver uma vida completamente diferente. E Cross adorava a vida que fazia, trabalhar com o pai, andar pelo Xanadu, os conselhos de Grone velt, as belas raparigas do corpo de baile, o dinheiro fácil, a sensação de poder. E uma vez que

o fizesse, nunca mais ficaria sujeito aos destinos dos homens vulgares.

Eu trato do planeamento - declarou Pippi. - Estarei contigo a todo o momento. Não há qualquer perigo. Mas tens de ser tu a disparar.

Cross levantou-se do banco. Via as bandeiras a esvoaçar por cima das sete villas, embora não houvesse vento no campo de golfe. Pela primeira vez na sua jovem vida, sentiu a dor de um mundo que tinha de perder.

- Estou contigo - disse.

Ao longo das três semanas seguintes, Pippi deu a Cross um curso intensivo. Explicou-lhe que estavam à espera do relatório da equipa que vigiava Theo. Ficariam assim a conhecer os seus hábitos, os seus movimentos, disporiam de fotografias recentes. Além disso, um grupo operacional de seis homens, vindos do Enclave, em Nova Iorque, ia deslocar-se para Los Angeles, onde Theo continuava a viver. Todo o plano da operação dependeria do relatório da equipa de vigilância. Depois fez-lhe uma conferência a respeito da filosofia inerente.

-Isto é um negócio - disse. - Tomas todas as precauções para evitar problemas. Qualquer um é capaz de liquidar uma pessoa. O truque é nunca ser apanhado. Esse é o grande pecado. E nunca penses nas pessoas envolvidas.

Quando o patrão da General Motors manda cinquenta mil tipos para o desemprego, é negócio. Não pode evitar dar-lhes cabo da vida, tem de fazê-lo.

Os cigarros matam milhares de pessoas, mas que se há-de fazer? As pessoas querem fumar, e não se pode proibir um negócio que rende biliões de dólares.

é o mesmo com as armas. Toda a gente tem uma arma, toda a gente mata toda a gente, mas é uma indústria de biliões de dólares, não se pode acabar com ela. Que se há-de fazer? As pessoas têm de ganhar a vida, isso vem à frente de tudo. Sempre. Quem não acreditar nisto vai viver na merda.

A Família Clericuzio era muito rigorosa, explicou Pippi a Cross.

- Tens de ter sempre o OK deles. Não podes andar para aí a matar pessoas só porque te cuspiram num sapato. A Família tem de estar do teu lado, pois eles podem garantir-te que não vais parar à prisão.

Cross escutou. Fez apenas uma pergunta:

- O Giorgio quer que pareça um acidente? Como é que conseguimos isso?

Pippi riu-se.

- Nunca deixes ninguém dizer-te como conduzir uma operação. Eles que se vão lixar. Eles dizem-me o que querem. E eu faço o que é melhor para mim. E o melhor é ser simples. Muito, muito simples. E quando tiveres de ir para o complicado, vai para o muito, muito complicado.

Quando chegaram os relatórios da vigilância, Pippi obrigou Cross a estudar todos os dados. Havia algumas fotografias de Theo, fotografias do carro em que se viam as chapas de matrícula. Um mapa do caminho que ele percorria de Brentwood a Oxnard para visitar uma namorada.

O tipo ainda consegue ter namoradas? -perguntou Cross ao pai.

Não conheces as mulheres - respondeu Pippi. - Se gostam de ti, até podes mijar no lava-louça. Se não gostam, podes fazer delas a rainha de Inglaterra, e mesmo assim continuam a cagar-te em cima.

Pippi foi a L. A. combinar as coisas com o grupo operacional.

Regressou dois dias mais tarde, e disse a Cross:

- Amanhã à noite.

No dia seguinte, antes de romper a manhã, para fugirem ao calor, foram de carro de Las Vegas até Los Angeles. Enquanto atravessavam o deserto, Pippi aconselhou Cross a descontrair-se. Cross estava hipnotizado pelo glorioso nascer do sol, que parecia derreter a areia do deserto e transformá-la num profundo rio de ouro que ia lamber o sopé das montanhas, lá muito ao longe.

Sentia-se ansioso. Queria despachar aquilo o mais depressa possível.

Chegaram à casa da Família na Pacific Palisades, onde os seis operacionais vindos do Enclave os aguardavam. No caminho de acesso estava um carro roubado a que haviam sido mudadas a cor e as chapas de matrícula. O grupo do Bronx trouxera igualmente as armas que seriam usadas.

Cross ficou surpreendido pelo luxo da casa. Tinha uma bela vista do oceano, do outro lado da estrada, uma piscina e um enorme solário. Tinha também seis quartos de dormir. Os homens pareciam conhecer Pippi bastante bem. Mas não foram apresentados a Cross, nem ele a eles.

Tinham onze horas para matar até ao começo da operação, à meia-noite.

Os outros homens, ignorando o enorme televisor, iniciaram um jogo de cartas no solário, todos de calção de banho. Pippi sorriu a Cross e disse:

- Merda, esqueci-me da piscina.

- não faz mal - respondeu Cross. - Podemos tomar banho de cuecas.

Efectivamente, a casa ficava bem escondida, protegida por grandes árvores e uma sebe circundante.

- Até podemos ir nus - corroborou Pippi. - Ninguém pode ver-nos a não ser dos helicópteros, e esses devem estar a espreitar as miúdas a bronzearem-se nos jardins das suas casas em Malibu.

Entretiveram-se ambos a nadar e a apanhar sol durante algumas horas, após o que comeram uma refeição preparada por um dos seis homens. O

almoço foi bife, cozinhado na grelha do solário, e uma salada de agrião e alface. Os outros beberam vinho tinto, mas Cross ficou-se por uma cola.

Reparou que todos eles comiam e bebiam moderadamente.

Terminado o almoço, Pippi e Cross foram fazer um reconhecimento no carro roubado. Dirigiram-se ao restaurante-cafetaria situado à beira da Pacific Coast Highway, onde iriam encontrar Theo. Os relatórios da equipa de vigilância informavam que nas noites de quarta-feira, a caminho de Oxnard, Theo tinha o hábito de parar no Pacific Coast Highway Restaurant, por volta da meia-noite, para beber café e comer presunto com ovos, demorando-se cerca de uma hora. Nessa noite, uma equipa de vigilância composta por dois homens segui-lo-ia e comunicaria pelo telefone quando ele se pusesse a caminho.

De regresso à casa, Pippi reviu toda a operação com os seis homens, que disporiam de três carros. Um deles precederia o carro roubado onde Pippi e

Cross viajariam, outro protegeria a retaguarda e o terceiro estaria no parque de estacionamento do restaurante preparado para qualquer emergência.

Cross e Pippi sentaram-se no solário, à espera do telefonema. Havia cinco carros no caminho de acesso à casa, todos eles pretos, brilhando ao luar como escaravelhos. Os seis homens do Enclave continuaram o seu jogo de cartas. Finalmente, às onze e meia, o telefone tocou: Theo acabava de sair de Brentwood a caminho do restaurante. Os seis homens meteram-se em três dos carros e foram ocupar os respectivos postos. Pippi e Cross instalaram-se no carro roubado e aguardaram mais quinze minutos antes de arrancarem por sua vez. Cross levava no bolso do casaco uma pequena pistola .22 que, embora não tivesse silenciador, pouco mais barulho faria ao disparar do que uma rolha de champagne; em contrapartida, a arma de Pippi, uma Glock, soaria como um tiro de canhão. Desde aquela única vez que fora preso por assassínio, Pippi recusava-se intransigentemente a usar silenciador.

Pippi conduziu. A operação tinha sido planeada ao mais pequeno pormenor. Nenhum dos membros do grupo operacional entraria no restaurante. A polícia haveria de interrogar os empregados a respeito de todos os clientes. A equipa de vigilância informara-os sobre o que Theo vestia, que carro conduzia e qual a matrícula. O facto de o carro de Theo ser um Ford barato, vermelho vivo, facilmente identificável numa zona onde os Mercedes e os Porsche eram comuns, constituía uma circunstância afortunada para eles.

Quando Pippi e Cross chegaram ao parque de estacionamento do restaurante, verificaram que o carro de Theo já lá se encontrava. Pippi estacionou ao lado, depois desligou as luzes e a ignição e ficaram ambos sentados no escuro. Do outro lado da Pacific Coast Highway viam o oceano a brilhar, sulcado por faixas de ouro que eram o reflexo da luz da lua.

Viram um dos carros da equipa parado na extremidade oposta do parque.

Sabiam que os outros dois se encontravam nas respectivas posições junto à estrada, à espera para os escoltarem de regresso à casa, prontos a impedir a passagem a quaisquer perseguidores ou interceptar quaisquer problemas que surgissem à frente.

Cross consultou o relógio. Era meia-noite e meia. Teriam de esperar mais um quarto de hora. Subitamente, Pippi tocou-lhe num ombro.

- O tipo adiantou-se - disse. - Vai!

Cross viu a figura que saía do restaurante, iluminada pelo clarão das luzes da porta. Foi surpreendido pelo aspecto juvenil do indivíduo, magro e baixo, com um emaranhado de cabelos negros a encimar uma cara estreita e pálida. Theo parecia demasiado frágil para ser um assassino.

Então, aconteceu o inesperado. Em vez de se dirigir ao carro, Theo atravessou a Pacific Coast Highway, esquivando-se ao tráfego. Do outro lado, desceu à praia até à beira da água, desafiando as ondas. Ficou ali a olhar para o oceano e para a lua amarela que se punha no horizonte tão distante.

Depois fez meia volta e regressou ao parque de estacionamento. Deixara as ondas chegarem-lhe aos pés, e tinha salpicos de água salgada nas botas.

Cross saiu lentamente do carro. Theo estava quase em cima dele. Cross esperou que ele passasse e sorriu-lhe delicadamente para o deixar entrar no carro. Quando Theo se instalou atrás do volante, Cross empunhou a arma.

Theo, que se preparava para meter a chave na ignição, com a janela do carro aberta, ergueu os olhos ao aperceber-se da sombra. No momento em que Cross disparou, estavam a olhar directamente um para o outro. Theo pareceu petrificar-se quando a bala o atingiu na cara, que se transformou imediatamente numa máscara de sangue, com os olhos muito abertos. Cross abriu a porta e disparou mais dois tiros para a cabeça de Theo. Salpicos de sangue saltaram-lhe para a cara. Depois atirou um saco com drogas para dentro do carro de Theo e fechou a porta. Pippi ligara o motor do seu carro no instante em que Cross disparara. Abriu a porta do lado do passageiro e Cross saltou para dentro. De acordo com o plano, não largara a pistola, o que daria a ideia de uma execução planeada, em vez de um negócio de droga que dera para o torto.

Pippi saiu do parque de estacionamento e o carro de cobertura colocou-se imediatamente atrás deles. Os dois carros da frente ocuparam os seus lugares, e cinco minutos mais tarde estavam de regresso à casa. Dez minutos depois, Pippi e Cross rolavam a caminho de Las Vegas. O grupo operacional desembaraçar-se-ia do carro roubado e da arma.

Quando passaram pelo restaurante, não viram quaisquer sinais de actividade policial. Obviamente, o corpo de Theo ainda não fora descoberto. Pippi ligou o rádio do carro e ouviu as notícias. Nada.

- Perfeito - disse. - Quando se planeia como deve ser, sai sempre perfeito.

Chegaram a Las vegas quando o sol começava a nascer, transformando o deserto num soturno mar vermelho. Cross nunca esqueceria aquela viagem através do deserto, através da escuridão, através do luar, uma viagem que parecia nunca mais acabar. E então o sol a nascer e depois, um pouco mais tarde, as luzes de néon da Strip de Las Vegas a brilharem como um farol a prometer segurança, o despertar de um pesadelo. Em Vegas nunca estava escuro.

Quase nesse preciso instante, o corpo de Theo era descoberto, com a cara fantasmagoricamente branca na madrugada pálida. As notícias centraram-se no facto de o morto ter na sua posse cocaína no valor de meio milhão de dólares. Tratara-se obviamente de um negócio de droga que correra mal. O governador estava seguro.

Cross observou muita coisa em todo este acontecimento. Que a droga que deixara no carro de Theo não custara mais de dez mil dólares, embora as autoridades situassem o seu valor em meio milhão. Que o governador foi elogiado pelo facto de ter enviado as suas condolências à família de Theo.

Que, uma semana mais tarde, os meios de comunicação tinham deixado completamente de falar do assunto.

Pippi e Cross foram chamados a Quogue para uma audiência com Giorgio. Giorgio felicitou-os a ambos pela maneira eficaz e inteligente como tinham conduzido a operação, não fazendo qualquer referência ao facto de ter ficado combinado que a execução deveria ter parecido um acidente. E Cross teve consciência, durante esta visita, que os Clericuzio o tratavam com o respeito devido ao martelo da Família. A primeira prova deste respeito foi o facto de passar a ser-lhe atribuída uma percentagem das receitas do jogo, legal e ilegal, em Las Vegas. Ficava entendido que ele era a partir daquele momento um membro da Família Clericuzio, chamado a prestar serviços em ocasiões especiais, com bónus calculados com base nos riscos do projecto.

Também Gronevelt teve a sua recompensa. Depois de ter sido eleito senador, Walter Wavven passou um fim-de-semana de retiro no Xanadu.

Gronevelt deu-lhe uma villa e foi felicitá-lo pela sua vitória.

O senador Wawen recuperara a antiga forma. Jogava e ganhava, fazia pequenos

jantares íntimos com as bailarinas do Xanadu. Parecia completamente recuperado. Fez uma única referência à crise por que passara. Dirigindo-se a Gronevelt, disse:

- Alfred, no que me respeita, tem um cheque em branco.

Gronevelt respondeu, com um sorriso:

- Nenhum homem pode dar-se ao luxo de andar com cheques em branco na carteira, mas obrigado.

Não queria cheques que pagassem toda a dívida do senador. Queria uma longa e continuada amizade, uma amizade que nunca acabasse.

Nos cinco anos que se seguiram, Cross tornou-se um perito no jogo e em todos os aspectos envolvidos na gestão de um casino-hotel. Fazia as vezes de assessor de Gronevelt, embora a sua função primária continuasse a ser trabalhar com o pai, não apenas na direcção da agência de cobranças, que tinha agora a garantia de vir um dia a herdar, mas também como martelo número dois da Família Clericuzio.

Com vinte e cinco anos de idade, Cross era conhecido pelos membros da Família como o Pequeno martelo. Ele próprio achava curioso o facto de encarar tão friamente aquele trabalho. Os seus alvos nunca eram pessoas que conhecesse. Eram montes de carne envoltos por uma fina e frágil película de pele. O esqueleto por baixo dessa carne dava-lhes os contornos dos animais selvagens que costumava caçar com o pai quando era rapaz. Temia o risco, mas só cerebralmente; não sentia qualquer espécie de ansiedade física.

Havia, no entanto, momentos... Como, por exemplo, quando acordava de manhã com um vago terror, como se tivesse tido algum pesadelo terrível. E

havia ocasiões em que se sentia deprimido, em que evocava recordações da irmã e da mãe, pequenas cenas da sua infância e de algumas visitas depois de a família se ter separado.

Lembrava-se da face da mãe, da sua carne tão quente, da sua pele acetinada, tão porosa que imaginava poder ouvir o sangue a correr por baixo dela, contido e seguro. Mas, nos seus sonhos, a pele desfazia-se como cinza, e o sangue jorrava pelas aberturas obscenas em cataratas escarlates.

O que desencadeava outras recordações. Quando a mãe o beijava com lábios frios, abraçando-o apenas por curtos instantes de delicadeza. Nunca lhe segurava na mão como segurava na de Claudia. Quando ia visitá-la e saía de casa dela ofegante, com o peito a arder como se se tivesse magoado.

Nunca sentia a perda dela no presente, só sentia a perda dela no passado.

Quando pensava na irmã, Claudia, não sentia esta perda. O passado de ambos juntos existia e ela continuava a fazer parte da sua vida, embora não o suficiente. Lembrava-se de como costumavam lutar no Inverno.

Conservavam as mãos enfiadas nos bolsos dos casacões e atacavam-se um ao outro. Um duelo inofensivo. Tudo era como devia ser, pensava Cross, excepto que por vezes tinha saudades da mãe e da irmã. No entanto, estava feliz com o pai e com a Família Clericuzio.

E foi assim que, com vinte e cinco anos, Cross se viu envolvido na sua última operação como martelo da Família. O alvo, dessa vez, era alguém que ele conhecera toda a sua vida...

Uma ampla investigação do FBI eliminara muitos dos barões titulares, alguns deles verdadeiros brugliones, através de todo o país, e entre eles contava-se Virginio Ballazzo, que entretanto se tornara o chefe da maior Família da Costa Leste.

Virginio Ballazo era um barão da Família Clericuzio havia mais de vinte anos e sempre cumprira lealmente a sua obrigação de "molhar o bico" aos seus mentores. Em troca, os Clericuzio tinham-no tornado rico: na altura da sua queda, Ballazzo valia cinquenta milhões de dólares. Ele e a família viviam em grande estilo. E, no entanto, o imprevisível aconteceu. Virginio Ballazzo, a despeito da sua dívida de gratidão, traiu aqueles que o tinham elevado tão alto. Violou a lei da omertà, o código que proibia dar qualquer informação às autoridades.

Uma das acusações contra ele era de assassínio, mas não foi tanto o medo de ir para a prisão que fez dele um traidor; ao fim e ao cabo, em Nova Iorque não se aplicava a pena de morte. E por muito longa que fosse a sua sentença, se chegasse sequer a ser condenado, os Clericuzio pô-lo-iam cá fora em dez anos, e garantiriam que mesmo esses dez anos seriam passados com todo o conforto. Ele conhecia o esquema. No julgamento, haveria testemunhas que cometeriam

perjúrio a seu favor, alguns dos jurados seriam tentados por subornos. Mesmo depois de ter cumprido alguns anos, os advogados prepariam um novo caso, apresentando novas provas, mostrando a sua inocência. Havia um caso famoso em que os Clericuzio tinham feito exactamente isso depois de um dos seus clientes ter cumprido cinco anos. O

homem fora libertado e o estado pagara-lhe mais de um milhão de dólares a título de indemnização por prisão "injustificada".

Não, Ballazzo não receava a prisão. O que o fez dele um traidor foi o facto de o governo federal ameaçar confiscar todos os seus bens ao abrigo das leis RICO aprovadas pelo Congresso para combater o crime organizado. Ballazzo não suportava a ideia de que ele e os filhos podiam perder a sua mansão em New Jersey, o condomínio de luxo na Florida, a quinta de criação de cavalos no Kentucky, que já produzira três participantes no Ken-tucky Derby. Porque as infames leis RICO permitiam ao governo confiscar os bens de qualquer pessoa presa sob uma acusação de conspiração criminosa. Os títulos e acções, os carros antigos podiam desaparecer. O

próprio Don Clericuzio ficara indignado, mas o seu único comentário fora: "Os ricos hão-de lamentar esta coisa; chegará o dia em que terão de prender Wall Street em peso ao abrigo desta lei."

Não fora por sorte, mas por clarividência, que, nos últimos anos, os Clericuzio tinham retirado a confiança que sempre haviam depositado no seu velho amigo Ballazzo. Tornara-se demasiado exibicionista para o gosto da Família. O New York Times publicara um artigo sobre a sua colecção de carros antigos, mostrando Virginio Ballazzo ao volante de um Rolls-Royce de 1937, com um jovial boné de pala na cabeça. Virginio Ballazzo aparecera na TV, numa reportagem sobre o Kentucky Derby, passeando a cavalo de pingalim na mão, falando a respeito da beleza do desporto dos reis. Nessa peça era identificado como um rico importador de tapetes. Tudo isto fora demasiado para os Clericuzio, que começaram a desconfiar dele.

Quando Virginio Ballazzo iniciou conversações com o Procurador Geral dos Estados Unidos, foi o seu próprio advogado quem informou a Família. O

Don, que estava semi-retirado, reassumiu imediatamente o poder que confiara ao seu filho Giorgio. Aquela era uma situação que exigia uma mão siciliana.

Foi convocada uma conferência da Família. Estiveram presentes Don Clericuzio, os seus três filhos - Giorgio, Vincent e Petie - e Pippi De Lena. Era verdade que Ballazzo poderia causar estragos na estrutura da Família, mas só os níveis mais baixos sofreriam danos sérios. O traidor podia fornecer informações valiosas, mas nenhumas provas legais. Giorgio sugeriu que, se as coisas se pusessem realmente más, poderiam sempre mudar o seu quartel-general para um país estrangeiro, mas o Don afastou irritadamente esta possibilidade. Onde poderiam eles viver senão na América? A América tornara-os ricos, a América era o país mais poderoso do mundo e protegia os seus ricos. Don Domenico citava frequentemente a frase "é preferível deixar que cem culpados vão em liberdade do que condenar um único inocente", e acrescentava: "Que maravilhoso país!" O mal era que toda a gente se tornava mole por causa da boa vida. Na Sicília, nunca Ballazzo ousaria tornar-se um traidor, nunca sonharia sequer violar a lei da omertà. Os seus próprios filhos o teriam morto!

- Estou demasiado velho para viver num país estrangeiro. - declarou o Don. - Não serei expulso de minha casa por um traidor.

Não passando em si mesmo de um pequeno problema, Virginio Ballazzo era um sintoma, uma infecção. Havia muitos mais como ele, que não obedeciam às velhas leis que eram a base da força de todos eles. Havia um bruglione da Família na Luisiana, outro em Chicago e outro ainda em Tampa que exibiam a sua riqueza, que ostentavam o seu poder diante de toda a gente. E depois, estes cafoni, quando eram apanhados, procuravam escapar ao castigo que eles próprios tinham atraído com a sua imprudência.

Violando a lei da omertà. Traindo os companheiros. Esta podridão tinha de ser erradicada. Era a posição do Don. Agora, no entanto, ouviria o que os outros tinham para dizer; ao fim e ao cabo, estava velho, talvez houvesse outras soluções.

Giorgio fez um resumo da situação. Ballazzo estava a negociar com os advogados do governo. Estaria disposto a ir para a prisão se as autoridades prometessem não invocar as leis RICO, se a mulher e os filhos pudessem conservar a sua fortuna. E, evidentemente, estava a negociar a hipótese de não ser preso; para isso, teria de testemunhar em tribunal contra as pessoas que traíra. Ele e a mulher seriam colocados sob a alçada de um Programa de Protecção de Testemunhas e viveriam o resto dos seus dias sob falsas identidades, depois de se terem submetido a um pouco de cirurgia plástica. E

os filhos viveriam o resto das suas vidas num respeitável conforto. Era essa a proposta.

Ballazzo, fossem quais fossem os seus defeitos, era um pai extremoso, nisso todos estavam de acordo. Tinha três filhos, que criara com todos os cuidados. Um dos rapazes estava a licenciar-se na Harvard School of Business, a rapariga, Ceil, tinha uma elegante loja de cosméticos na Quinta Avenida, e o outro rapaz fazia trabalho de computadores no programa espacial. Todos eles mereciam a boa sorte que tinham. Eram verdadeiros americanos e viviam o sonho americano.

Assim sendo - disse o velho Don -, vamos enviar ao Ballazzo uma mensagem que ele perceba. Pode dar informações sobre quem quiser. Pode mandá-los a todos para a prisão ou para o fundo do mar. Mas se diz uma só palavra contra os Clericuzio, os filhos estão condenados.

As ameaças parecem já não meter medo a ninguém - comentou Pippi De Lena.

Esta ameaça irá directamente da minha parte - respondeu Don Domenico. - Ele acreditará. Não lhe prometam nada para ele mesmo. Ele compreende.

Nunca conseguiremos chegar perto dele, depois de entrar para o Programa de Protecção - disse então Vincent.

O Don não respondeu. Em vez disso, voltou-se para Pippi De Lena e perguntou:

- E tu, meu martelo, que dizes tu a isto? Pippi De Lena encolheu os ombros.

Depois de ele testemunhar, depois de eles o esconderem no Programa de Protecção, claro que podemos. Mas o caso vai fazer barulho, vai haver montes de publicidade. Será que vale a pena? Altera alguma coisa?

A publicidade, o barulho - respondeu o Don - é precisamente o que faz que valha a pena. Enviaremos ao mundo a nossa mensagem. Digo-te mais, quando for feito, deverá ser uma bella figura.

Podíamos deixar os acontecimentos seguirem o seu curso -interveio Giorgio. - Diga o Ballazzo o que disser, não pode prejudicar-nos.

Pai, a sua resposta é uma resposta de curto prazo.

Don Clericuzio ponderou estas palavras.

O que dizes é verdade. Mas, haverá uma resposta a longo prazo, seja para o que for? A vida é cheia de dúvidas, de respostas a curto prazo.

E tu duvidas que o castigo impeça outros de fazerem o mesmo? Pode impedir, e pode não impedir. Alguns, certamente impedirá. O próprio Deus não foi capaz de criar um mundo sem castigo. Falarei pessoalmente com o advogado do Ballazzo. Ele compreender-me-á. Transmitirá a mensagem. E o Ballazzo acreditará. - Fez uma curta pausa, e então suspirou. - Depois do julgamento, quem se encarregará do serviço?

E a mulher? - perguntou Giorgio.

Uma boa mulher - respondeu o Don. - Mas tornou-se demasiado americana. Não podemos deixar que uma viúva tresloucada ande por aí a gritar a sua dor e os seus segredos.

Petie falou então pela primeira vez.

E os filhos dele? - perguntou. Petie era o verdadeiro assassino.

Não, a menos que seja necessário. Não somos monstros - disse Don Clericuzio. - E o Ballazzo nunca falou aos filhos dos seus negócios.

Queria que o mundo inteiro acreditasse que era apenas um criador de cavalos. Ele que monte os cavalos dele no fundo do oceano. - Ficaram todos silenciosos. Então o Don acrescentou, tristemente:- Deixem os meninos em paz. Ao fim e ao cabo, vivemos num país onde os filhos não vingam os pais.

No dia seguinte, o advogado de Virginio Ballazzo transmitiu-lhe a mensagem do Don. Em todas aquelas mensagens, a linguagem era sempre floreada. Ao falar com o advogado, Don Domenico expressara a esperança de que o seu velho amigo Virginio Ballazzo só tivesse as melhores recordações dos clérigos, que velariam sempre pelos interesses do seu infortunado companheiro. O Don disse ao advogado que Virginio Ballazzo não precisava de temer pela sorte dos filhos nos lugares onde o perigo espreitava, mesmo na Quinta Avenida, pois ele, Don Clericuzio, garantia pessoalmente a sua segurança. Ele, o Don, sabia como Virginio Ballazzo amava os filhos; a prisão, a cadeira eléctrica, os demónios do inferno, nada disso conseguiria amedrontar o seu velho amigo, só a ideia de que

pudesse acontecer algum mal aos filhos.

- Diga-lhe - disse o Don ao advogado - que eu, pessoalmente, eu, Don Domenico Clericuzio, garanto que nenhum infortúnio os atingirá.

O advogado transmitiu esta mensagem palavra por palavra ao seu cliente, que respondeu da seguinte maneira:

- Diga ao meu amigo, ao meu querido amigo, que cresceu junto do meu pai na Sicília, que recebo as suas garantias com a maior gratidão. Diga-lhe que só guardo as melhores recordações de todos os Clericuzio, tão pro fundas que não sou sequer capaz de falar delas. E que lhe beijo a mão.

Então Ballazzo cantou "Trá lá lá" ao seu advogado, e acrescentou: Acho que é melhor revermos com muito cuidado o nosso

testemunho. Não queremos de modo algum envolver o meu bom amigo...

Também acho - respondeu o advogado, tal como mais tarde comunicou ao Don.

Tudo aconteceu como estava previsto. Virginio Ballazzo violou a omertà e testemunhou, mandando para a prisão uma porção de gente sem importância e implicando inclusivamente um adjunto do Mayor de Nova Iorque. Mas nem uma palavra a respeito dos Clericuzio. Depois disto, os Ballazzo, marido e mulher, desapareceram nas profundezas do Programa de Protecção de Testemunhas.

Os jornais e a TV rejubilaram. A poderosa Máfia fora desmantelada.

Houve centenas de fotografias, de imagens directas na TV mostrando os bandidos a serem arrastados, de algemas nos pulsos, para a prisão. Virginio Ballazzo ocupou as duas páginas centrais do Daily News: A QUEDA DE UM

PADRINHO DA MAFIA. Mostrava-o com os seus carros antigos, os seus cavalos, o seu impressionante guarda-roupa londrino. Foi uma orgia.

Quando o Don confiou a Pippi De Lena a missão de descobrir o casal Ballazzo e castigá-los, disse:

- Fá-lo de maneira que a morte deles tenha tanta publicidade como a que tiveram agora. Não queremos que esqueçam o nosso Virginio.

O martelo da Família demoraria, porém, mais de um ano a cumprir a sua missão.

Cross conservava de Virginio Ballazzo a recordação simpática de um homem jovial e generoso. Ele e Pippi tinham jantado em casa do casal, pois a Signora Ballazzo tinha fama de ser uma excelente cozinheira italiana, particularmente devido ao seu macaroni e couve-flor com alho e ervas-de-cheiro, um prato de que Cross ainda se lembrava. Brincara com os filhos dos Ballazzo quando era criança e chegara até a apaixonar-se pela filha deles, Ceil, quando eram adolescentes. Ela escrevera-lhe da universidade, depois daquele domingo mágico, mas ele nunca respondera. Agora, sozinho com Pippi, declarou:

- Não quero fazer esta operação.

O pai olhou para ele e sorriu tristemente.

- Cross - disse -, por vezes acontece, tens de habituar-te. De outro modo não sobreviverás.

Cross abanou a cabeça.

- Não sou capaz. Pippi suspirou.

- OK. Eu digo-lhes que quero utilizar-te para o planeamento. Vou convencê-los a confiarem a operação ao Dante.

Pippi organizou a busca. A Família Clericuzio, à custa de subornos gigantescos, penetrou no segredo do Programa de Protecção de Testemunhas.

Os Ballazzo sentiam-se seguros nas suas novas identidades, com certidões de nascimento falsas, novos números da segurança social, novas certidões de casamento, e com a cirurgia plástica que lhes alterara os rostos de modo a fazê-los parecer dez anos mais novos. No entanto, a estrutura dos seus corpos, os seus gestos, as suas vozes, tornavam-nos mais facilmente identificáveis do que julgavam.

Os velhos hábitos custam a morrer. Numa noite de sábado, Virginio Ballazzo e a mulher foram de carro até uma pequena povoação do Dakota do Sul, próxima da cidade onde viviam, para jogarem numa baiuca local. Na viagem de regresso a casa, Pippi De Lena e Dante Clericuzio, com uma equipa de seis outros homens, interceptaram-nos. Dante, fugindo ao que que ficara planeado, não resistiu à

tentação de se dar a conhecer antes de apertar o gatilho da caçadeira.

Não foi feita qualquer tentativa para esconder os corpos. Não foram levados quaisquer valores. A acção foi entendida por todos como um acto de retaliação e enviou uma mensagem ao mundo. Houve uma torrente de fúria por parte dos jornais e da televisão, as autoridades prometeram que seria feita justiça. Na realidade, o furor foi suficientemente grande para fazer parecer que todo o império dos Clericuzio estava em perigo.

Pippi foi obrigado a esconder-se na Sicília durante dois anos. Dante tornou-se o martelo número um da Família. Cross foi nomeado bruglione do império Ocidental dos Clericuzio. Não tinha a têmpera necessária para ser um verdadeiro martelo.

Antes de desaparecer na Sicília por dois anos, Pippi teve um último jantar de despedida com Don Domenico e o seu filho Giorgio.

Devo pedir desculpa pelo meu filho - disse Pippi. - O Cross é jovem, e os jovens são sentimentais. Ele era muito amigo dos Ballazzo.

Todos nós éramos amigos do Virgínio - respondeu o Don. - Nunca houve um homem de quem eu gostasse mais.

Então porque é que o matámos? - perguntou Giorgio. - Não com pensou, nem de longe, os problemas que nos tem causado.

Don Domenico olhou duramente para o filho:

Não se pode viver uma vida sem ordem. Quem tem o poder, tem a obrigação de o usar para impor uma justiça rigorosa. O Virginio Ballazzo cometeu um grande crime. O Pippi compreende isto, não é verdade, Pippi?

Claro que sim, Don Domenico - assegurou Pippi. - Mas o se nhor e eu somos da velha escola. Os nossos filhos não compreendem. - Fez uma pausa. - Queria agradecer-lhe por ter feito o Cross bruglione do Oeste enquanto eu estiver fora. Não há-de desapontá-lo.

Eu sei - disse o Don. - Tenho tanta confiança nele como tenho em ti. É inteligente, e os escrúpulos dele são os da juventude. O tempo há-de endurecer-lhe o coração.

Estavam a comer uma refeição preparada e servida por uma das mulheres cujos maridos trabalhavam no Enclave. Ela tinha-se esquecido da taça de queijo parmesão ralado do Don, e Pippi foi à cozinha buscar o raspador e trouxe a taça ao Don. Raspou cuidadosamente o queijo para dentro da taça e ficou a ver o Don mergulhar a sua grande colher de prata no monte amarelado, levá-la à boca e em seguida beber um pequeno trago do seu copo de forte vinho caseiro. Ali estava um homem "com estômago", pensou Pippi. Com mais de oitenta anos, e ainda era capaz de ordenar a morte de um prevaricador, e também de comer aquele queijo e beber aquele vinho.

Perguntou, despreocupadamente:

A Rose Marie está em casa? Gostaria de despedir-me dela.

Está com um daqueles malditos ataques - respondeu Giorgio. -

Trancou-se no quarto, graças a Deus, pois de contrário não teríamos podi do jantar em paz.

Ah - disse Pippi. - Sempre pensei que melhorasse com o tempo.

Ela pensa demasiado - afirmou Don Domenico. - E ama dema siado o filho. Recusa-se a compreender. O mundo é o que é, e as pessoas são o que são.

- Pippi, como é que classificas o Dante depois desta operação com os Ballazzo? - perguntou suavemente Giorgio. - Mostrou-se nervoso?

Pippi encolheu os ombros e permaneceu silencioso. O Don fez um pequeno resmungo e olhou atentamente para ele.

- Podes ser franco - disse. - O Giorgio é tio dele e eu sou o avô.

Pertencemos todos ao mesmo sangue e é-nos permitido julgarmo-nos uns aos outros.

Pippi parou de comer e olhou directamente para Giorgio e para o Don.

Disse, quase com pena:

- O Dante tem uma boca sangrenta.

No mundo deles, a frase designava um homem que ia mais além da selvajaria, que roçava a bestialidade na execução de um trabalho que tinha de ser feito. Era algo estritamente proibido na Família Clericuzio.

Giorgio recostou-se na cadeira e exclamou:

- Jesus Cristo!

O Don dirigiu-lhe um olhar reprovador, por causa da blasfémia, e acenou com a mão a Pippi, indicando-lhe que continuasse. Não parecia surpreendido.

Foi um bom aluno - prosseguiu Pippi. - Tem o temperamento e a força física necessários. E muito rápido, e inteligente. Mas tem demasiado prazer no trabalho que faz. Demorou demasiado tempo com os Ballazzo.

Falou

com eles durante dez minutos antes de matar a mulher. Depois esperou mais cinco minutos antes de matar o Virginio. Não gosto dessas coisas, mas, pior do que isso, nunca se sabe quando podem tornar-se perigosas; cada minuto conta. Noutros trabalhos foi desnecessariamente cruel, um regresso aos velhos tempos, quando se pensava que era uma boa ideia pendurar um homem num gancho de talho. Não quero entrar em pormenores.

E tudo porque esse sacana do meu sobrinho é baixo! - disse Gior gio, furiosamente. - É um estupor de um anão! E depois, usa aqueles malditos chapéus. Onde raio é que ele vai arranjá-los?

Aos mesmos lugares onde os pretos vão buscar os deles - respondeu o Don, bem humorado. - Na Sicília, quando eu lá vivi, toda a gente usava chapéus esquisitos. Sabe-se lá porquê. E quem se preocupa com isso?

Deixem-se de disparates. Também eu usei chapéus esquisitos. Talvez seja hereditário. É a mãe que lhe mete todo o género de parvoíces na cabeça, desde que ele era miúdo. Devia ter casado outra vez. As viúvas são como aranhas. Tecem demasiadas teias.

Mas ele é bom no seu trabalho - disse Giorgio, com intensidade.

- Melhor do que o Cross alguma vez será - respondeu Pippi, diploma ticamente. -

Mas, por vezes, penso que é maluco, como a mãe. - Fez uma pausa.- Âs vezes, até me assusta.

O Don tinha a boca cheia de queijo e de vinho.

- Giorgio - disse -, fala com o teu sobrinho, repara essa falha. Pode vir a tornar-se perigosa para todos nós na Família, um dia. Mas não lhe dês a entender que a coisa parte de mim. Ele é demasiado novo e eu sou demasiado velho. Não poderia influenciá-lo.

Pippi e Giorgio sabiam que isto era uma mentira, mas também sabiam que se o velho queria esconder o seu jogo, era porque tinha razões para isso.

Nesse momento, ouviram passos no piso de cima e depois alguém a descer a escada. Rose Marie entrou na sala de jantar.

Os três homens aperceberam-se, com consternação, que estava a sofrer um dos seus ataques. Tinha os cabelos completamente em desordem, uma maquilhagem bizarra e as roupas amachucadas. E, o que era ainda pior, tinha a boca aberta, mas não saíam dela quaisquer palavras. Utilizava o corpo e o agitar das mãos para substituir a fala. Os seus gestos eram impressionantemente vívidos, melhores do que palavras. Odiava-os, queria vê-los a todos mortos, queria que as almas deles ardessem no inferno para todo o sempre. Queria que a comida os sufocasse, que o vinho os cegasse, que os pénis deles caíssem quando estivessem na cama com as mulheres. Depois pegou no prato de Pippi e no prato de Giorgio e atirou-os ao chão.

Tudo isto era permitido, mas da primeira vez, anos antes, quando ela tivera o primeiro ataque, fizera o mesmo com o prato do Don, e ele ordenara que a agarrassem e a trancassem no quarto, e depois mandou-a por três meses para uma clínica especial. Mesmo assim, Don Domenico cobriu rapidamente com a tampa a sua taça de queijo; ela cuspia muito. Então, subitamente, acabou; Rose Marie ficou muito quieta. Disse, dirigindo-se a Pippi:

- Quis vir dizer-te adeus. Espero que morras na Sicília.

Pippi sentiu uma enorme pena dela. Levantou-se e abraçou-a. Ela não resistiu. Ele beijou-a na face e disse:

- Prefiro morrer na Sicília a voltar para casa e encontrar-te assim.

Ela libertou-se do abraço e correu escadas acima.

- Muito comovente - comentou Giorgio, num tom quase de troça.

- Mas não és tu que tens de a aturar todos os meses. - Soltou uma pequena gargalhada ao dizer isto, mas todos sabiam que Rose Marie tinha há muito passado a menopausa e tinha os seus ataques mais de uma vez por mês.

O Don parecia o menos afectado pelo ataque da filha.

- Ou melhora, ou morre - declarou. - Senão, mando-a embora. -

Depois continuou, dirigindo-se a Pippi: - Eu mando-te dizer quando puderes regressar da Sicília. Aproveita o que puderes, estamos todos a ficar mais velhos. Mas mantém-te atento a novos homens que possamos recrutar para o Enclave. Isso é importante. Temos de ter homens que possamos ter a certeza de que não vão trair-nos, que tenham a omertà nos ossos, não como os malandros nascidos neste país, que querem andar à boa vida sem terem de pagar por isso.

No dia seguinte, com Pippi a caminho da Sicília, Dante foi chamado à mansão de Quogue para passar o fim-de-semana. No primeiro dia, Giorgio deixou-o passar o tempo todo com Rose Marie. Era tocante ver a dedicação deles um pelo outro. Dante tornava-se uma pessoa completamente diferente quando estava com a mãe. Nunca usava um dos seus estranhos chapéus, acompanhava-a em longos passeios pelos jardins, levava-a a jantar fora. Servia-a como um qualquer cortesão francês do século dezoito serviria a sua dama. Quando ela se punha a chorar histericamente, ele embalava-a nos braços, e Rose Marie nunca tinha um dos seus ataques.

Falavam constantemente um com o outro, num tom de voz baixo e confidencial.

Ao jantar, Dante ajudou Rose Marie a pôr a mesa, a ralar o queijo do Don, fez-lhe companhia na cozinha. Ela preparou-lhe o seu prato favorito, penne 9 com brócolos seguido de borrego assado recheado com bacon e alho.

Giorgio nunca deixava de se espantar com a relação que existia entre o Don e Dante. Dante mostrava-se solícito, servia o prato do avô, limpava cuidadosa e ostensivamente a grande colher de prata que ele costumava usar para comer o parmesão ralado. E brincava com o velho.

9 Espécie de massa que se corta diagonalmente nas extremidades para lhe dar a forma de um bico de pena.

- Avô - disse-lhe -, se tivesses dentes novos, não precisávamos de ralar este queijo. Os dentistas de agora fazem maravilhas, são capazes de nos implantar aço nos queixos. Um milagre.

O Don respondeu no mesmo tom de brincadeira:

- Quero que os meus dentes morram comigo. E já estou demasiado velho para milagres. Por que haveria Deus de desperdiçar um milagre numa múmia como eu?

Rose Marie arranjara-se para o filho, e os vestígios da sua antiga beleza ainda se notavam. Parecia feliz por ver o pai e o filho darem-se tão bem.

Tinha perdido o seu constante ar de ansiedade.

Também Giorgio estava contente. Contente por a irmã parecer feliz.

Quando estava com o filho, não lhe arrasava os nervos, como de costume, e cozinhava ainda melhor. Não olhava para ele com aqueles seus olhos acusadores, e nunca tinha um dos seus ataques.

Depois de o Don e Rose Marie terem ido deitar-se, Giorgio levou Dante para o escritório. Era uma divisão onde não havia telefones nem aparelhos de televisão, nem quaisquer linhas de comunicação com o resto da casa. E tinha uma porta muito grossa. Estava agora mobilado com dois sofás de couro preto e alguns cadeiras com assentos e espaldares estofados, também de couro preto. Continuava a conter um móvel-bar equipado com um pequeno frigorífico e uma prateleira cheia de copos. Era uma sala sem janelas, como uma pequena cave.

O rosto de Dante, demasiado alerta e interessado para um homem tão novo, deixava sempre Giorgio pouco à vontade. Os olhos tinham um brilho de astúcia e Giorgio não gostava que fosse tão baixo.

Giorgio preparou bebidas para ambos e acendeu um charuto havano.

Graças a Deus não usas esses teus chapéus esquisitos quando estás com a tua mãe - disse. - Ao fim e ao cabo, porque é que os usas?

Gosto deles - respondeu Dante. - E para que o tio, e o tio Petie, e o tio Vincent reparem em mim. - Interrompeu-se por um instante e então acrescentou, com um sorriso malicioso. - Fazem-me parecer mais alto.

Era verdade, pensou Giorgio, aqueles chapéus faziam-no parecer mais atraente. Enquadravam-lhe a cara de furão de um modo que a beneficiava; as feições de Dante pareciam estranhamente descoordenadas quando vistas sem o chapéu.

Não devias usá-los em serviço - disse Giorgio. - Tornam a identificação demasiado fácil.

Os mortos não falam. Mato sempre toda a gente que me vê num serviço.

Sobrinho, deixa-te de parvoíces - irritou-se Giorgio. - Não é inteligente. E um risco. A Família não gosta de correr riscos. Agora, outra coisa. Diz-se por aí que tens uma boca sangrenta.

Pela primeira vez, Dante reagiu com fúria. Subitamente, a sua expressão tornou-se mortífera. O avô sabe disto? - perguntou. - Essa conversa vem da parte dele?

O Don não sabe nada a este respeito - mentiu Giorgio. Era um mentiroso muito hábil. - E eu nada lhe direi. Tu és o seu favorito, uma coisa destas ia entristecê-lo. Mas estou a dizer-te, acabaram-se os chapéus em serviço, e vê se manténs essa boca limpa. Agora és o martelo número um da Família e tens demasiado prazer no teu trabalho. Isso é perigoso e contra as regras da Família.

Dante pareceu nem o ouvir. Estava pensativo, agora, e o sorriso reapareceu-lhe nos lábios.

O Pippi deve ter-lhe contado - disse, afavelmente.

Sim - a resposta de Giorgio foi seca. - E o Pippi é o melhor. Pusemos-te com ele para que pudesses aprender a maneira correcta de fazer as coisas. E

sabes porque é que ele é o melhor? Porque tem bom coração. Nunca é por prazer.

Dante não se conteve. Teve um ataque de riso. Rebolou-se no sofá, e depois no chão. Giorgio ficou a olhar para ele de sobrolho franzido, a pensar que era tão louco como a mãe. Finalmente, Dante pôs-se de pé, bebeu um pequeno trago da

bebida e disse, cheio de bom humor.

Agora está a dizer que eu não tenho bom coração.

Exactamente - respondeu Giorgio. - És meu sobrinho, mas sei muito bem o que tu és. Mataste dois homens por uma questão pessoal qual quer, sem o consentimento da Família. O Don recusou-se a tomar medidas contra ti, nem sequer te admoestou. Depois mataste uma corista com quem andavas a dormir há mais de um ano. Porque te zangaste com ela. Deste-lhe uma Comunhão, para que o corpo não fosse encontrado pela polícia.

E não foi. Pensas que és um puto muito esperto, mas a Família juntou as provas e soube que eras tu o culpado, embora nunca tivesses sido condenado num tribunal.

Dante permaneceu calado, não por medo, mas por cálculo. Finalmente, perguntou:

O Don sabe dessa trampa toda?

Sim. Mas mesmo assim continuas a ser o seu favorito. Disse-nos que deixássemos passar, que ainda és novo. Que hás-de aprender. Não quero falar-lhe sequer dessa história da boca sangrenta, ele está demasiado velho.

És neto dele, a tua mãe é filha dele. Só serviria para lhe destroçar o coração.

Dante riu-se outra vez.

O Don tem coração, Pippi De Lena tem coração, o Cross tem um coração de galinha, a minha mãe tem um coração desfeito. Mas eu não tenho coração? E o tio, tem coração?

Claro - respondeu Giorgio. - Continuo a aturar-te.

Nesse caso, sou eu o único que não tem uma porra de um coração?

Eu amo a minha mãe e o meu avô e eles odeiam-se ambos um ao outro.

O meu avô gosta cada vez menos de mim à medida que vou crescendo. O

Tio, o Vinnie e o Petie nem sequer gostam de mim, apesar de termos o mesmo sangue. Pensa que eu não sei estas coisas? Mas eu continuo a amá-los a todos, embora me ponham abaixo desse merdas desse Pippi De Lena.

Ou pensam que eu também não tenho miolos?

Giorgio foi apanhado de surpresa por esta explosão. E foi também alertado pela verdade que continha.

- Estás enganado a respeito do Don, ele continua a gostar tanto de ti como sempre gostou. E o mesmo se passa com o Petie, com o Vinnie e comigo. Alguma vez deixámos de tratar-te com o respeito devido à família?

É verdade que o Don se mostra um pouco distante, mas o homem está muito velho. Quanto a mim, estou a dizer-te estas coisas para teu próprio bem. O teu trabalho é muito arriscado, tens de ter cuidado. Não podes misturar-lhe emoções pessoais. Isso seria um desastre.- O tio Vinnie e o tio Petie sabem disto? - perguntou Dante.

Não - respondeu Giorgio, o que era outra mentira. Também Vincent falara com ele a respeito do sobrinho. Petie não, mas Petie era um assassino nato. Mesmo assim, nem sequer ele gostava muito da companhia de Dante.

Mais alguma queixa a respeito da maneira como faço o meu trabalho?

Não, e não leves isto tão a peito. Estou a aconselhar-te como teu tio. Mas também falo da minha posição nesta Família. Não voltas a fazer seja a quem for uma Comunhão ou uma Confirmação sem o OK da Família.

Está entendido?

Ok - respondeu Dante. - Mas continuo a ser o martelo número um, certo?

Até que o Pippi volte das suas feriazinhas. Depende do teu trabalho.

Vou passar a gostar menos do meu trabalho, se é isso que querem

- declarou Dante. - OK? - E deu uma afectuosa palmadinha no ombro de Giorgio.

Óptimo. Amanhã, leva a tua mãe a jantar fora. Faz-lhe companhia.

O teu avô vai ficar contente.

Claro. vi - O Vincent tem um dos seus restaurantes em East Hampton. Podes levar lá a tua mãe.

- Ela está a ficar pior? - perguntou Dante inesperadamente.

Giorgio encolheu os ombros.

- Não consegue esquecer o passado. Agarra-se a histórias que devia esquecer. O Don bem lhe diz "O mundo é o que é e as pessoas são o que são", a sua velha frase. Mas ela não consegue aceitar isso. - Abraçou Dante afectuosamente, e disse. - Vamos esquecer que tivemos esta conversa. Detesto fazer estas coisas. -

Como se não tivesse recebido ordens específicas do Don para o fazer.

Depois de Dante ter partido, na segunda-feira de manhã, Giorgio relatou ao pai toda a conversa. Don Domenico

suspirou.

- Que garoto amoroso ele era. Que terá acontecido?

Giorgio tinha uma grande virtude. Quando queria, dizia o que pensava, mesmo ao pai, ao grande Don.

- Fala demasiado com a mãe - disse. - E tem mau sangue.

Depois disto, ficaram ambos silenciosos.

E quando o Pippi voltar, o que é que fazemos com o seu neto? -

perguntou Giorgio.

Apesar de tudo, penso que o Pippi deve reformar-se - respondeu Don Domenico. - O Dante tem direito à sua oportunidade de ser o primeiro. Ao fim e ao cabo, é um Clericuzio. O Pippi será conselheiro do filho, o bruglione do Oeste. Se necessário, poderá sempre ajudar o Dante.

Não há ninguém mais competente do que ele nessas matérias. Como provou com os Santadio. Mas deve acabar os seus anos em paz.

O martelo Emeritus - murmurou Giorgio sarcasticamente, mas o Don fingiu não perceber a piada.

Franziu o sobrolho e voltou-se para o filho.

- Em breve terás as minhas responsabilidades. Nunca esqueças que a nossa missão é conseguir que os Clericuzio se juntem um dia à sociedade, que a família nunca deve morrer. Por muito difíceis que sejam as escolhas a fazer.

E as coisas ficaram assim. Mas passar-se-iam dois anos antes que Pippi regressasse da Sicília, depois de o assassínio dos Ballazzo se ter perdido na bruma burocrática. Uma bruma fabricada pelos Clericuzio.

Livro V

Las Vegas.

Hollywood.

Capítulo VII

Cross De Lena recebeu a irmã e Skippy Deere na suite do terraço do Xanadu Hotel. Deere ficava sempre impressionado pelas diferenças entre os dois irmãos. Claudia, não exactamente bonita e no entanto tão agradável, e Cross, tão convencionalmente atraente e com um corpo esbelto mas atlético, Claudia, tão naturalmente amigável, e Cross, tão rigidamente afável e distante. Havia uma diferença entre amigável e afável, pensou Deere. Uma estava nos genes, a outra era aprendida.

Claudia e Skippy Deere instalaram-se no sofá, enquanto Cross se sentava diante deles. Claudia explicou o que se passava com Boz Skannet e depois, inclinando-se para a frente, disse:

- Ouve, Cross, por favor. Isto não é apenas uma questão de negócios. A Athena é a minha amiga mais íntima. E é verdadeiramente uma das melhores pessoas que conheço. Ajudou-me quando eu precisava de ajuda. E este é o favor mais importante que alguma vez te pedi. Ajuda a Athena a sair desta embrulhada, e nunca mais volto a pedir-te seja o que for. - Voltou-se então para Skippy Deere e acrescentou. - Conta tu ao Cross a parte do dinheiro.

Deere tomava sempre a ofensiva antes de pedir um favor.

- Já há mais de dez anos que venho ao teu hotel - disse, dirigindo-

-se a Cross. - Por que é que nunca me deram uma villa?

Cross riu-se.

Têm estado sempre ocupadas.

Põe alguém na rua.

Certo. Quando receber um relatório de lucros de um dos teus filmes e quando te vir fazer uma aposta de dez mil dólares no bacará.

Eu sou irmã dele e nunca tive direito a uma villa- interveio Claudia. -

Deixa-te de fitas, Skippy, e explica-lhe o problema do dinheiro.

Quando Deere acabou, Cross, lendo as notas que tomara num bloco, disse: deixa-me ver se percebi isto bem. Tu e os estúdios perdem cinquenta milhões em notas, mais os duzentos milhões em lucros projectados, se essa tal Athena não voltar ao trabalho. E ela não quer voltar ao trabalho porque tem medo de um ex-marido chamado Boz Skannet. Vocês podem tentar comprá-lo, mas mesmo assim ela recusa-se a voltar às filmagens porque não acredita que alguém consiga impedi-lo de fazer o que quiser. é tudo?

Sim - assentiu Deere. - Prometemos-lhe que estaria melhor protegida que o presidente dos Estados Unidos enquanto durarem as filmagens.

Estamos a vigiar o tal Skannet vinte e quatro horas por dia. Temos guardas à volta dela vinte e quatro horas por dia. Mas nem mesmo assim ela volta ao trabalho.

Não estou a ver qual é o problema - disse Cross.

Esse tipo vem de uma família do Texas politicamente poderosa -

explicou Deere. - E é duro a valer. Tentei que os nossos rapazes da segurança lhe dessem um apertão...

Qual é a vossa agência de segurança? - perguntou Cross A Pacific Ocean Security.

Porque é que estão a falar comigo?

- Porque a tua irmã disse que poderias ajudar - disse Deere. -

A ideia não foi minha.

Cross voltou-se para a irmã.

- Claudia, o que foi que te levou a pensar que eu poderia ajudar?

Claudia fez uma careta, pouco à vontade.

Já te vi resolver problemas no passado, Cross. És muito persuasivo, e pareces desencantar sempre uma solução. - Sorriu o seu sorriso inocente.

- Além disso, és o meu irmão mais velho. Tenho fé em ti.

As tretas do costume! - disse Cross, com um suspiro, mas Deere detectou facilmente o tom de afecto subjacente a este protesto.

Ficaram os três sentados em silêncio durante algum tempo. Finalmente, Deere disse:

- Cross, viemos até cá sem grandes esperanças. Mas se andas à procura de novos investimentos, vou ter aí um projecto que é muito, muito bom.

Cross olhou para Claudia, depois para Deere, e disse pensativamente: Skippy, quero conhecer essa Athena, e depois talvez possa resolver o vosso problema.

Óptimo! - exclamou Claudia. - Podemos ir todos amanhã, de avião. - E abraçou o irmão.

OK - concordou Deere. Já estava a tentar arranjar uma maneira de levar Cross a suportar uma parte dos seus próprios prejuízos naquela história do filme.

No dia seguinte, voaram para Los Angeles. Claudia convencera Athena a recebê-los, e depois fora a vez de Deere pegar no telefone. Aquela conversa persuadiu-o de que Athena nunca regressaria às filmagens. Isto enfureceu-o, mas no avião entreteve-se a imaginar um esquema para levar Cross a dar-lhe uma das suas estuporadas villas quando voltasse a visitar Las Vegas.

A Malibu Colony, onde Athena vivia, era uma secção de praia situada cerca de quarenta minutos a norte de Beverly Hills e de Hollywood.

Compreendia mais de uma centena de casas, cada uma das quais valia entre três e seis milhões de dólares, mas que, vistas do exterior, tinham um aspecto bastante vulgar e modesto. As casas eram protegidas por um muro e algumas delas tinham portões de entrada pesadamente ornamentados.

O único acesso à urbanização propriamente dita fazia-se por uma estrada particular guardada por seguranças instalados numa ampla cabana de troncos e que controlavam a barreira de báscula. O pessoal da segurança confirmava todos os visitantes através do telefone ou graças a uma lista. Os residentes tinham nos carros autocolantes especiais, que eram mudados todas as semanas. Cross classificou o esquema como uma barreira de segurança

"para chatear", mas que não funcionava a sério.

Já os homens da Pacific Ocean Security que vigiavam a casa de Athena eram outra história. Estavam uniformizados, armados, e pareciam encontrar-se em perfeita forma física.

Entraram na propriedade de Athena pelo caminho paralelo à praia.

Tinha a sua própria segurança adicional, controlada pela secretária de Athena, que lhes deu passagem premindo um botão no interior de uma pequena casa de hóspedes situada perto.

Havia dois outros homens com uniformes da Pacific Ocean, e um terceiro à porta da casa. Passada a casa de hóspedes, atravessaram um comprido jardim cheio de flores e limoeiros, que perfumavam o ar salgado.

Chegaram finalmente diante da casa principal, de onde se avistava a magnificência do Pacífico.

Uma pequena empregada sul-americana abriu-lhes a porta e conduziu-os, através da enorme cozinha, até uma sala que o espectáculo do oceano, entrando pelas largas janelas, parecia encher. Uma sala mobilada com móveis de bambu, mesas de vidro e grandes cadeirões de um verde profundo. A empregada atravessou-a e abriu as portas de vidro que davam acesso a um terraço sobranceiro ao oceano, um terraço largo e comprido que tinha mesas, cadeiras e uma bicicleta de exercício que parecia brilhar como prata.

Para lá de tudo isto estendia-se o oceano, verde-azulado, subindo para o céu.

Quando Cross De Lena viu Athena naquele terraço, sentiu um choque de medo. Ela era muito mais maravilhosa do que no cinema, um fenómeno extremamente raro. Nunca a película conseguiria captar a cor da sua pele a profundidade dos seus olhos ou a sua tonalidade de verde. O

corpo dimovia-se como se movem os grandes atletas, com uma graça física que parecia isenta de esforço. Os cabelos dourados, cortados muito curtos de uma maneira que teria parecido feia em qualquer outra mulher, coroavam a sua beleza. Vestia um fato-de-treino azul pálido que deveria disfarçar-lhe as for mas do corpo, mas não disfarçava. As pernas eram compridas em relação ao tronco, estava descalça, mas não tinha as unhas dos pés pintadas.

Foi no entanto a expressão de inteligência na cara dela, o focar da atenção, que mais o impressionaram.

Athena recebeu Skippy Deere com o habitual beijo na face, abraçou calorosamente Claudia e apertou a mão a Cross. Os olhos dela reflectiam as águas do oceano que se estendia para lá das suas costas.

- A Claudia fala muito a seu respeito - disse, dirigindo-se a Cross

- O seu belo e misterioso irmão que é capaz de fazer a Terra parar, quando quer. - Riu-se, um riso perfeitamente natural, não o riso de uma mulher assustada.

Cross sentiu-se invadido por uma maravilhosa delícia, não havia outra palavra. A voz era um pouco rouca, baixa, um instrumento musical fascinante O oceano enquadrava-a, os ossos do rosto finamente cinzelados, os lábios sem pintura, generosos e da cor do vinho, a inteligência que irradiava dela Um dos curtos sermões de Gronevelt atravessou-lhe o espírito como um relâmpago: O dinheiro pode pôr-te a salvo de tudo neste mundo, excepto de uma mulher bonita.

Cross conhecera muitas mulheres bonitas em Las Vegas, tantas como em Los Angeles e em Hollywood. Mas em Vegas a beleza era simplesment beleza, com apenas um pequeno toque de talento; muitas daquelas beldades tinham falhado em Hollywood. Em Hollywood, a beleza estava casada con o talento, e, menos frequentemente, com a verdadeira arte. Ambas as cidades atraíam beleza de todos os pontos do mundo. E depois havia as actrizes que se tornavam Estrelas Cotáveis.

Estas eram as mulheres que, além do seu encanto e beleza, tinham uma certa inocência infantil, e coragem, e uma curiosidade pela profissão que podia ser elevada à condição de forma de arte e lhes dava uma certa digni dade. Embora a beleza fosse um lugar-comum em ambas as cidades, em Hollywood nasciam deusas que recebiam a adoração do mundo. Athena Aquitan era uma dessas raras deusas.

A Claudia disse-me de si que é a mulher mais bela do mundo -

disse Cross calmamente, dirigindo-se a Athena.

Sim? E que disse ela a respeito do meu cérebro? - perguntou Athena Inclinou-se sobre a balaustrada do terraço e dobrou uma perna, numa espécie de exercício de ginástica. O que noutra mulher teria sido afectação, pareceu nela perfeitamente natural. Durante toda a conversa, continuou a fazer exercícios, dobrando o corpo para trás e para a frente, esticando uma perna por cima da balaustrada, acompanhando com gestos dos braços algumas das suas palavras.

Nunca adivinharias que somos parentes, eh, Thena? - disse Claudia.

Nunca! - corroborou Skippy Deere. Athena, porém, olhou para eles e declarou: Vocês os dois são até muito parecidos. E Cross soube que ela estava a falar a sério.

Agora já sabes por que é que gosto tanto dela - disse Claudia.

Athena interrompeu os seus movimentos por um instante e dirigiu-se a Cross:

- Dizem que pode ajudar-me. Não estou a ver como.

Cross tentou não olhar embasbacado para ela, tentou não ver o ouro flamejante dos cabelos de Athena contra o verde profundo do mar.

Sou bom a convencer as pessoas - respondeu. - Se é verdade que a única coisa que a impede de voltar ao trabalho é o seu marido, talvez eu consiga persuadi-lo a chegar a um acordo.

Não acredito que o Boz cumpra os seus acordos - contrapôs Athena. -

Os estúdios já tentaram esse caminho.

Deere começou a protestar, naquilo que para ele era uma voz contida:

- Athena, não tem realmente nada com que se preocupar, juro-lhe.

Por qualquer razão, porém, as palavras soaram pouco convincentes até aos seus próprios ouvidos. Observou-os a todos cuidadosamente. Sabia como Athena era

capaz de dominar um homem, as actrizes eram as pessoas mais encantadoras do mundo, quando queriam. Mas não detectou qualquer mudança em Cross.

- O Skippy recusa-se a admitir que eu possa abandonar o cinema -

disse Athena. - É tão importante para ele.

- E para si não? - perguntou ele, furiosamente. Athena dirigiu-lhe um longo e frio olhar.

Foi, em tempos. Mas eu conheço o Boz. Tenho de desaparecer, tenho de começar uma vida nova. - Lançou-lhes um sorriso malicioso. - Consigo safar-me em qualquer lugar.

Posso fazer um acordo com o seu marido - afirmou Cross. -

E posso garantir que ele o respeite.

Athena - insistiu Deere, num tom cheio de confiança -, há centenas de casos como este, de assédio às grandes estrelas por lunáticos.

Temos procedimentos à prova de fogo. Não há verdadeiramente o mínimo perigo.

Athena continuou a fazer os seus exercícios, erguendo uma perna acima da cabeça.

Vocês não conhecem o Boz - declarou. - Eu conheço.

E ele a única razão que a impede de voltar ao trabalho? - perguntou Cross.

Sim - respondeu Athena. - Há-de perseguir-me sem descanso.

Vocês podem proteger-me até eu acabar o filme, mas, e depois?

Nunca deixei de conseguir chegar a um acordo - disse Cross. -

Dar-lhe-ei aquilo que ele quiser.

Athena parou de fazer os seus exercícios. Pela primeira vez, olhou Cross directamente nos olhos.

Nunca acreditarei em nenhum acordo que o Boz faça - declarou.

E voltou-lhe as costas, como que a encerrar o assunto.

Lamento tê-la feito perder o seu tempo - disse Cross.

Não perdi o meu tempo - replicou ela, alegremente. - Fiz os meus exercícios. - Voltou a olhá-lo directamente nos olhos. - Agradeço-lhe o interesse. só que estou a tentar parecer destemida, como num dos meus filmes.

Na realidade, estou morta de medo. - Então, recuperando rapidamente a compostura, disse:- A Claudia e o Skippy estão sempre a falar a respeito das suas famosas villas. Se eu for a Las Vegas, dá-me uma para me esconder?

O rosto dela estava sério, mas os olhos pareciam dançar. Estava a fazer uma demonstração do seu poder em benefício de Claudia e de Skippy.

Esperava evidentemente que ele dissesse que sim, quanto mais não fosse por cortesia.

Cross sorriu-lhe.

- As villas estão habitualmente ocupadas - respondeu. Fez uma curta pausa e, com uma expressão tão séria que espantou os outros, acrescentou:-Mas, se for a Las Vegas, posso garantir-lhe que ninguém lhe fará mal.

Athena falou directamente para ele:

Ninguém é capaz de deter o Boz. Ele não se importa de ser apanhado.

Seja o que for que fizer, fá-lo-á em público, para que todos vejam.

Mas porquê? - perguntou Claudia, impacientemente.

Porque em tempos me amou - respondeu Athena, com uma pequena gargalhada. - E porque a minha vida resultou melhor do que a dele.

- Olhou-os a todos por um instante. - Não é uma pena que duas pessoas que se amam possam chegar a odiar-se?

A conversa foi interrompida neste ponto pela empregada sul-americana, que

entrou no terraço escoltando um homem.

O homem era alto, atraente, e elegantemente vestido num estilo cosmopolita: fato Armani, camisa Turnbull Asser, gravata Gucci e sapatos Bally. Murmurou imediatamente as suas desculpas:

- A sua empregada não me disse que estava ocupada, Miss Aquitane.

Julgo que ficou assustada com o meu crachá. - Mostrou a carteira com o distintivo. - Vim só pedir algumas informações sobre o incidente de há dias. Posso esperar. Ou posso voltar noutra ocasião.

As palavras eram corteses, mas a sua expressão era ousada. Olhou para os outros dois homens e cumprimentou:

Skippy Deere parecia furioso.

- Não podes falar com ela sem a presença de um advogado - disse.

- Sabes isso muito bem, Jim!

O detective estendeu a mão a Claudia e a Cross e apresentou-se:

- Jim Losey.

Ambos sabiam quem ele era. O mais famoso detective de Los Angeles, cujas proezas tinham servido de base a uma mini-série. Aparecera igualmente no cinema, em pequenos papéis, e fazia parte das listas de cartões e de presentes natalícios de Deere. Skippy sentiu-se, talvez por isso, encorajado a dizer:

- Jim, dá-me uma apitadela, mais tarde, e eu trato de arranjar-te um encontro como deve ser com Miss Aquitane.

Losey sorriu-lhe amavelmente e respondeu:

- Claro, Skippy.

Athena, no entanto, interveio:

- Posso não continuar cá por muito tempo - disse. - Por que não perguntar-me agora? Não me importo.

Losey pareceria um tipo suave se não fosse a expressão constantemente vigilante dos seus olhos, a sensação que o seu corpo transmitia de estar sempre alerta e que lhe ficara dos seus muitos anos de luta contra o crime.

A frente deles? - perguntou. O corpo de Athena já não estava em movimento, e ela tinha como que apagado todo o seu encanto quando respondeu tranquilamente:

Confio mais nestas pessoas do que na polícia.

Losey não pareceu irritado pela resposta. Já devia estar habituado.

Só queria perguntar-lhe por que razão retirou a queixa contra o seu marido. Ele ameaçou-a de alguma maneira?

Oh, não! - respondeu Athena, ironicamente. - Limitou-se a atirar-me água à cara diante de um bilião de pessoas e a gritar "ácido"! No dia seguinte estava na rua.

- disse Losey, erguendo os braços num gesto de defesa. - Só pensei que talvez pudesse ajudar.

- Jim, telefona-me mais tarde - voltou a pedir Deere.

Isto fez soar uma campainha de alarme na cabeça de Cross. Olhou pensativamente para Deere, evitando olhar para Losey. E Losey evitou olhar para ele.

- Assim farei - assentiu o detective. Viu então a bolsa de Athena em cima de uma cadeira e pegou-lhe. - Vi esta bolsa em Rodeo Drive -

disse. - Dois mil dólares. - Olhou directamente para Athena e perguntou, com uma delicadeza carregada de desprezo:- Talvez possa explicar-me: o que é que leva uma pessoa a pagar tanto dinheiro por uma coisa destas?

O rosto de Athena ficou como de pedra. Afastou-se da balaustrada.

- Essa pergunta é insultuosa - disse. - Saia daqui.

Losey fez-lhe uma pequena vénia e retirou-se. Estava a sorrir. Tinha causado a impressão que pretendia.

Sempre és humana, ao fim e ao cabo! - exclamou Claudia. Tinha passado um braço pelos ombros de Athena. - Por que foi que ficaste tão furiosa?

Não estava furiosa - respondeu Athena. - Estava a transmitir-lhe uma mensagem.

Depois de saírem, os três visitantes dirigiram-se ao Nate and Al's em Beverly Hill. Deere insistira com Cross que aquele era o único lugar a oeste das Rochosas onde se podia encontrar pastrami 10

e carne salgada

comestíveis, além de cachorros-quentes como os de Coney Island.

Enquanto comiam, Deere disse, pensativamente:

A Athena não vai voltar ao trabalho.

Isso sempre eu soube - concordou Claudia. - O que não com preendo é por que ficou tão furiosa com aquele detective.

Deere riu-se e voltou-se para Cross.

E tu, percebeste? -perguntou.

Não - respondeu Cross.

Uma das grandes lendas de Hollywood é a ideia de que qualquer pessoa pode ir para a cama com uma estrela. Ora bem, no que respeita às estrelas do sexo masculino, é verdade, e é por isso que há sempre montes de raparigas à volta dos locais de filmagem e perto do Beverly Wilshire Hotel.

No que respeita às mulheres, já não é tanto assim... Um tipo que trabalhe em casa delas, um jardineiro, um carpinteiro, pode ter sorte, às vezes a elas dá-lhes para aí, sabe-se lá porquê, aconteceu-me a mim. Os duplos safam-se bastante bem, e outros tipos da equipa podem tirar a rifa premiada, de vez em quando. Mas isso é fornicar abaixo da linha, e é prejudicial para as carreiras delas. A menos, claro, que se trate de uma Super-Estrela. Nós, os velhadas, os manda-chuva, não gostamos disso. Raios, será que o dinheiro e o poder já não significam nada?- Sorriu-lhes. - Vejam o caso desse Jim Losey. E um tipo matulão, todo bem parecido. Mata-maus a sério, é irresistivelmente atraente para

as pessoas que vivem no mundo do faz-de-conta. Ele sabe-o. E serve-se disso. Por isso não anda a cheirar as saias das estrelas, intimida-as. Foi por isso que disse aquela laracha. Na realidade, foi para isso que foi a casa da Athena. Foi uma desculpa para a conhecer e achou que podia tentar a sua sorte. Aquela pergunta insultuosa era uma 10 Carne fumada e fortemente condimentada, uma especialidade culinária de origem húngara

declaração de que queria levá-la para a cama. A Athena mandou-o para o diabo.

Porquê, é assim uma espécie de Virgem Maria? - perguntou Cross.

Para estrela de cinema, sim - respondeu Deere. Cross mudou abruptamente de assunto:

Achas que ela está a querer dar uma golpada nos estúdios, a tentar conseguir mais dinheiro?

A Athena nunca faria uma coisa dessas! - protestou Claudia. -

É absolutamente honesta.

Tem algumas contas que esteja a ajustar? - insistiu Cross.

Tu não compreendes este negócio - respondeu Deere. - Em primeiro lugar, os estúdios deixar-se-iam tranquilamente levar no golpe. As estrelas estão constantemente a fazê-lo. Em segundo lugar, se tem contas a ajustar, são as que toda a gente conhece. E um pouco chalada. - Fez uma curta pausa antes de continuar:- Detesta o Bantz e também não se pode dizer que seja louca por mim. Há anos que andamos ambos a ver se conseguimos levá-la para a cama, até agora sem resultado.

É uma pena não poderes ajudar - interveio Claudia, dirigindo-se a Cross. Mas ele não lhe respondeu.

Durante todo o percurso de Malibu até ali Cross viera a pensar furiosamente. Que aquela era a oportunidade de que estava à espera. Seria perigoso, mas, se conseguisse, poderia finalmente cortar os laços que o prendiam aos Clericuzio.

Skippy - disse -, tenho uma proposta para te fazer a ti e aos estúdios.

Compro o filme tal como está. Dou-lhes o dinheiro que investiram, ponho o que falta para completar o filme e deixo os estúdios distribuírem-no.

Tens cem milhões de dólares? - perguntaram Skippy Deere e Claudia em uníssono, completamente estupefactos.

Conheço pessoas que têm - respondeu Cross.

Não vais conseguir convencer a Athena a voltar, e sem a Athena, não há filme - disse Deere.

Já disse que sou um grande persuasor. Consegues arranjar-me uma reunião com o Eli Marrion? Claro - respondeu Deere. - Mas só se eu continuar a ser o produtor do filme.

A reunião não foi assim tão fácil de conseguir. A LoddStone Studios, ou seja, Eli Marrion e Bobby Bantz, tinham de ser convencidos de que Cross De Lena não era apenas mais um fala-barato e um aldrabão, de que tinha o dinheiro e as credenciais. Era, sem dúvida, proprietário de metade do Xanadu Hotel, mas não tinha bens financeiros pessoais registados que indicassem que podia levar para a frente o negócio que propunha. Deere estava disposto a responder por ele, mas o argumento definitivo foi quando Cross apresentou uma carta de crédito no valor de cinquenta milhões de dólares.

A conselho da irmã, Cross De Lena contratou Molly Flanders para funcionar como sua advogada naquele negócio.

Molly Flanders recebeu Cross no seu gabinete sombrio. Cross estava muito alerta, sabia certas coisas a respeito dela. No mundo em que vivera toda a sua vida, nunca encontrara uma mulher que detivesse qualquer espécie de poder, e Claudia dissera-lhe que Molly Flanders era uma das pessoas mais poderosas de Hollywood. Os directores de estúdios atendiam os seus telefonemas, agentes-monstros, como Melo Stuart, procuravam a sua ajuda para os negócios mais importantes. Estrelas como Athena Aquitane usavam-na nas suas querelas com os estúdios. Flanders suspendera uma vez a produção da mini-série com mais audiência de toda a TV só porque o cheque do seu cliente, que desempenhava o principal papel, se atrasara no correio.

Cross achou-a muito mais atraente do que esperara. Era uma mulher grande, mas bem proporcionada e muitíssimo bem vestida. Aquele corpo tinha, porém, a cara

de uma bruxa loura, com um nariz aquilino, uma boca generosa e uns duros olhos castanhos, que pareciam permanentemente semicerrados numa expressão de intensa e inteligente combatividade. Usava o cabelo entrançado e enrolado à volta da cabeça.

Molly Flanders, a despeito de toda a sua dureza, era sensível a homens atraentes e gostou de Cross assim que o viu. Ficou surpreendida, pois esperara que o irmão de Claudia fosse mais rude. Mas mais do que a beleza, viu uma força que Claudia não possuía. Cross tinha o ar alerta de alguém para quem o mundo não contém surpresas. Tudo isto não bastou, no entanto, para a convencer de que queria aceitá-lo como cliente. Tinha ouvido rumores a respeito de certas ligações, não gostava do mundo de Las Vegas e tinha dúvidas quanto à determinação dele em levar até ao fim um jogo tão gigantesco.

- Mr. De Lena - disse Molly -, deixe-me deixar desde já uma coisa bem clara. Represento Athena Aquitane como advogada, não como agente.

Expliquei-lhe as consequências que terá de sofrer se persistir na sua actual linha de conduta. E estou convencida de que persistirá. Ora bem, se fizer o seu negócio com os estúdios e a Athena continuar a recusar-se a voltar ao trabalho, representá-la-ei como advogada caso tente alguma acção legal contra ela.

Cross olhou intensamente para ela. Não dispunha de quaisquer referências que lhe permitissem perceber uma mulher como Molly Flanders.

Tinha de pôr a maior parte das suas cartas na mesa.

Assinarei uma declaração prometendo não processar Miss Aquitane se comprar o filme - propôs. - E tenho aqui um cheque de duzentos mil dólares, se aceitar o meu caso. E apenas uma entrada. Poderá debitar-me mais.

Deixe ver se compreendi bem - disse Molly. - Está disposto a pagar aos estúdios cinquenta milhões de dólares. Já. Põe o dinheiro para acabar o filme, ou seja, no mínimo, mais cinquenta milhões. Aposta, portanto, cem milhões de dólares em como a Athena volta ao trabalho.

Além disso, aposta em que o filme será um êxito. Pode ser um fracasso. E

um risco monstruoso.

Cross sabia ser encantador, quando queria. Mas sentiu que o encanto não o ajudaria com aquela mulher.

Conforme julguei compreender, com as vendas para o estrangeiro e os direitos para vídeo e TV, o filme não pode perder dinheiro, mesmo que seja um fracasso - disse. - O único verdadeiro problema é convencer Miss Aquitane a voltar ao trabalho. E, nessa parte, talvez a senhora possa ajudar-me.

Não, não posso - respondeu Molly. - Não quero enganá-lo. Já tentei e não consegui. Toda a gente tentou e não conseguiu. E o Eli Marrion não brinca. Liquida o filme, suporta os prejuízos e em seguida tenta arruinar a Athena. Só que eu não vou deixar.

Cross ficou intrigado.

E como poderá impedi-lo?

O Marrion vai ter de alinhar comigo. é um homem esperto. Combatê-lo-ei nos tribunais, transformarei cada negócio que a LoddStone queira fazer num autêntico inferno. A Athena nunca mais voltará a trabalhar, mas não permitirei que a deixem sem nada.

Se aceitar representar-me, poderá salvar a carreira da sua cliente - afirmou Cross. Tirou um sobrescrito do bolso interior do casaco e entregou-lho.

Ela abriu-o, estudou-o, e então pegou no telefone e fez um par de telefonemas que lhe deram a certeza de que o cheque era bom. Olhou para Cross e sorriu-lhe.

Não estou a insultá-lo - disse. - Faço o mesmo aos maiores produtores de filmes desta cidade.

Como o Skippy Deere? -perguntou Cross, com uma pequena gargalhada. - Investi em seis dos filmes dele, quatro dos quais foram êxitos, e ainda não ganhei um centavo.

Porque não me tinha a representá-lo - declarou Molly. - Agora, antes que eu concorde, vai ter de dizer-me como tenciona convencer a Athena a voltar ao trabalho. - Fez uma pausa. - Ouvi certos rumores a seu respeito.

Como eu ouvi a seu respeito - replicou Cross. - Lembro-me de aqui há alguns

anos, quando ainda era advogada criminal, ter safado um garoto qualquer de uma acusação de assassínio. Ele matou a namorada e a senhora alegou loucura momentânea. Menos de um ano mais tarde o patife andava de novo à solta. - Fez uma pausa, deixando deliberadamente transparecer a sua irritação. - Na altura não se preocupou com a fama dele.

Molly fitou-o friamente.

- Não respondeu à minha pergunta.

Cross decidiu que uma mentira devia ser acompanhada por um pouco de encanto.

-Molly... Posso chamar-lhe Molly? - Ela assentiu com a cabeça e Cross continuou: - Sabe que dirijo um hotel em Las Vegas. Uma coisa aprendi. O

dinheiro é mágico, com dinheiro consegue-se vencer qualquer espécie de medo. Por isso vou oferecer à Athena cinquenta por cento de todo o dinheiro que ganhar com o filme. Se conduzir bem este negócio e tivermos sorte, isso pode significar trinta milhões para ela. - Interrompeu-se por alguns instantes e perguntou, veementemente:- Ora vamos, Molly, não estaria disposta a correr alguns riscos por trinta milhões?

Molly abanou a cabeça.

A Athena não se interessa verdadeiramente por dinheiro.

A única coisa que me espanta é porque é que os estúdios não lhe propõem o mesmo negócio.

Pela primeira vez naquela conversa, Molly sorriu-lhe.

- Bem se vê que não sabe como funcionam os estúdios - disse.

- Porque têm medo que todas as estrelas tentem o mesmo golpe, se abrirem

o precedente. Mas continuemos. A LoddStone vai aceitar a sua proposta, penso, porque vão ganhar uma grande porção de dinheiro só com a distribuição do filme. Vão insistir nisso. Vão, também, exigir uma percentagem dos lucros. Mas volto a dizer-lhe, a Athena não aceitará a sua proposta.

- Fez uma pausa e acrescentou, com um pequeno sorriso de provocação:

- Pensei que os donos de Las Vegas nunca jogassem.

Cross devolveu-lhe o sorriso. -" Toda a gente joga. Eu faço-o, quando as percentagens são favoráveis. E, além disso, estou a planear vender o hotel e entrar para o negócio do cinema. - Fez uma pausa e deixou-a perscrutá-lo, para que pudesse ver o seu desejo de fazer parte desse mundo. - Acho que é mais interessante.

Estou a ver - disse Molly. - Não se trata, então, de um capricho passageiro?

E um pé metido na porta - respondeu Cross. - Depois de conseguir isso, vou continuar a precisar da sua ajuda.

A frase fez Molly sorrir.

- Vou representá-lo - disse. - Mas quanto a fazermos outros negócios, vejamos primeiro se perde estes cem milhões.

Pegou no telefone e falou durante algum tempo. Quando desligou, voltou-se para Cross:

- Temos a nossa reunião com os homens da direcção de negócios da LoddStone, para lhes expormos o assunto. E você tem três dias para reconsiderar.

Cross estava impressionado.

Foi rápido - disse.

Por eles, não por mim - respondeu Molly. - Cada dia que o filme está parado custa-lhes uma fortuna.

Bem sei que não preciso de dizer isto - disse Cross -, mas a oferta que tenciono fazer a Miss Aquitane é confidencial, é para ficar entre nós os dois.

Não, não precisava dizê-lo - replicou Molly.

Apertaram as mãos e, depois de Cross sair, Molly lembrou-se de uma coisa. Por que razão mencionara Cross De Lena aquele caso antigo em que livrara o rapaz,

aquela sua famosa vitória? Porquê especificamente aquele caso? Tinha livrado da prisão montes de assassinos.

Três dias mais tarde, Cross De Lena e Molly Flanders encontraram-se no gabinete dela, antes de se dirigirem à LoddStone, para darem uma vista de olhos aos documentos financeiros que Cross levava para a reunião. Feito isto, foram no Mercedes 300 SL de Molly até aos estúdios.

Depois de terem passado o portão, Molly disse a Cross:

- Olhe bem para o parque de estacionamento. Dou-lhe um dólar por cada carro americano que lá encontrar.

Passaram por um mar de elegantes carros de todas as cores, Mercedes, Aston Martin, BMW, Rolls-Royce. Cross viu um Cadillac e apontou-o.

Algum desgraçado de um argumentista de Nova Iorque - comentou Molly, jocosamente.

A LoddStone Studios cobria uma área imensa pela qual estavam espalhados pequenos edifícios que alojavam companhias produtoras independentes. O edifício principal tinha apenas dez andares e parecia pertencer ao cenário de um filme antigo. A Studios conservara o ar dos anos 20, quando começara, fazendo apenas as reparações necessárias. Cross lembrou-se do Enclave do Bronx.

Os gabinetes no edifício da Administração eram pequenos e superlotados, excepto no décimo andar, onde Eli Marrion e Bobby Bantz tinham as suas suites de executivos. Entre as duas suites havia uma enorme sala de reuniões, com um bar e respectivo barman numa das extremidades, e uma minúscula cozinha contígua ao bar. Os assentos à volta da mesa de reuniões eram luxuosas cadeiras de braços forradas a vermelho. Cartazes emoldurados de filmes da LoddStone decoravam as paredes.

A espera deles estavam Eli Marrion, Bobby Bantz, Skippy Deere, o principal conselheiro jurídico da empresa e dois outros advogados. Molly entregou ao conselheiro jurídico a papelada financeira e os três advogados sentaram-se para a lerem em conjunto. O barman serviu a cada um a bebida que tinha escolhido e eclipsou-se. Skippy Deere fez as apresentações.

Eli Marrion, como sempre, insistiu com Cross para que o tratasse pelo primeiro

nome. Depois contou-lhes uma das suas histórias favoritas, que muitas vezes usava para desarmar os adversários numa negociação. O avô tinha começado a empresa no começo dos anos 20. Quisera chamar à firma Lode Stone Studios 11 , mas conservava ainda um forte sotaque germânico que confundira os advogados. Era na altura uma empresa de dez mil dólares e, quando o erro fora descoberto, parecera não valer a pena corrigi-lo. Por isso havia agora uma empresa de sete biliões de dólares com um nome que não fazia sentido. Mas, tal como Marrion apontou - nunca dizia uma graça sem dela tirar uma conclusão séria - a palavra impressa não tinha importância. Era a imagem visual do magneto a atrair luz vinda de todos os pontos do universo que tornava tão forte o logo da empresa.

Molly apresentou então a proposta. Cross pagaria à LoddStone os cinquenta milhões já gastos, dar-lhes-ia os direitos de distribuição, conservaria Skippy Deere como produtor. Por outro lado, poria o dinheiro necessário para concluir o filme. Além disso, a LoddStone receberia cinco por cento dos lucros.

Todos eles escutaram atentamente. Bobby Bantz disse:

- A percentagem é ridícula, vamos querer mais. E como é que sabemos que vocês e a Athena não estão de conluio nesta história? Que isto não é uma golpada?

11 Lode stone, ou loadstone, significa íman. LoddStone, a cortuptela resultante, é apenas um nome, não significa coisa alguma.

Cross ficou espantado pela reacção de Molly. Sem saber muito bem porquê, esperara que as negociações decorressem de uma forma mais civilizada do que aquilo a que estava habituado no mundo de Las Vegas.

Molly, no entanto, estava quase a gritar, com o seu rosto de bruxa flamejando de fúria.

Vá-se lixar, Bobby! Tem o estupor da lata de nos acusar de conspiração? O vosso seguro não lhes dá cobertura neste caso, reúnem-se connosco para se safarem da alhada e aproveitam para nos insultar! Se não pede desculpa imediatamente, pego em Mr. De Lena e estamos daqui para fora antes que consiga dizer merda!

Molly, Bobby, então! - interveio Skippy Deere. - Estamos a tentar salvar um

filme. Pelo menos, discutamos isto até ao fim...

Eli Marrion observara toda a cena com um pequeno sorriso, mas não dissera palavra. Só falaria para dar o sim ou o não.

- Penso que é uma pergunta razoável - insistiu Bobby Bantz. - O que é que este tipo pode oferecer à Athena para a convencer a voltar que nós não possamos?

Cross permaneceu sentado e em silêncio, a sorrir. Molly dissera-lhe que a deixasse responder sempre que possível.

- Mr. De Lena tem obviamente qualquer coisa de especial para oferecer

- disse. - Porque haveria ele de lhes dizer o que é? Ofereçam-lhe dez milhões pela informação e eu aconselhá-lo-ei. Por dez milhões, seria barato.

Até Bobby Bantz riu ao ouvir esta.

Eles pensam que o Cross não arriscaria tanto dinheiro a menos que tivesse uma coisa segura - explicou Skippy Deere. - Isso deixa-os um pouco desconfiados.

Skippy - disse Molly -, já te vi pagar um milhão por romances que nunca transformaste em filme. Em que é que isto é diferente?

Porque o Skippy arranja sempre maneira de conseguir que sejam os estúdios a entrar com o milhão - interveio Bobby Bantz.

Todos riram. Cross começava a ter dúvidas a respeito daquela reunião.

Estava a perder a paciência. Além disso, sabia que não devia dar a ideia de estar demasiado ansioso, de modo que não faria mal se mostrasse um pouco de irritação. Disse, numa voz baixa:

- Estou nisto por um palpite. Se é demasiado complicado, talvez seja melhor esquecer o assunto.

Estamos aqui a falar de uma grande porção de dinheiro - replicou Bantz, zangado. - Este filme pode render meio bilião a nível mundial.

Se conseguirem convencer a Athena a voltar ao trabalho - disparou-lhe Molly,

instantaneamente. - Posso dizer-lhes que estive com ela esta manhã. Até já cortou o cabelo, para mostrar que está a sério.

Isso resolve-se com uma peruca. Raios partam as actrizes! - enfureceu-se Bantz. Estava agora a olhar fixamente para Cross, a tentar ler-lhe a expressão do rosto. Depois de pensar por uns instantes, perguntou: - Se a Athena não voltar e você perder os cinquenta milhões e não puder acabar o filme, quem fica com a metragem já feita?

Eu - respondeu Cross.

Aha! - exclamou Bantz. - Nesse caso distribui-o tal como está.

Talvez soft-porno, não?

É uma possibilidade - disse Cross.

Molly voltou-se para ele e abanou a cabeça, a avisá-lo de que devia permanecer calado.

Se aceitarem a nossa proposta - disse, dirigindo-se a Bantz -, tudo, desde o estrangeiro, o vídeo, a TV e a participação nos lucros pode ser negociado. Só há uma condição inegociável. O negócio tem de permanecer secreto. Mr. De Lena deseja aparecer apenas como coprodutor.

Por mim não há problema - declarou Skippy Deere. - Mas, no que respeita a dinheiro, o acordo que fiz com os estúdios mantém-se.

Pela primeira vez, Marrion interveio.

- Isso é à parte - disse, significando não. - Cross, dá à sua advogada plenos poderes nesta negociação? - Sim.

Quero que isto fico bem claro - continuou Marrion. - Estávamos dispostos a liquidar o filme e suportar o prejuízo. Estamos convencidos de que a Athena não vai voltar. Não queremos dar-lhe a ideia de que ela poderá voltar. Se fizer este negócio e nos pagar cinquenta milhões, não poderemos ser considerados responsáveis. Terá de processar a Athena, e ela não tem esse tipo de dinheiro.

Nunca a processarei - declarou Cross. - Se isso acontecesse, perdoar-lhe-ia a

dívida.

Não tem de responder perante os seus financiadores? espantou-se Bantz.

Cross encolheu os ombros.

- Isso é corrupção - disse Marrion. - Não pode consentir que a sua atitude pessoal traia os financiadores que confiam em si. Só porque são ricos.

- Nunca achei que fosse boa ideia trair pessoas ricas - replicou Cross, mantendo uma expressão muito séria.

- Isto é um truque qualquer! - exclamou Bantz, exasperado.

Transformando o rosto numa máscara de benigna autoconfiança, Cross disse:

- Tenho passado toda a minha vida a convencer pessoas. No meu hotel, em Las Vegas, tenho de convencer homens muito espertos a arriscarem o seu dinheiro contra todas as probabilidades. E faço isso tornando-os felizes.

Isso significa que lhes dou aquilo que eles verdadeiramente querem. Farei o mesmo com Miss Aquitane.

Bantz detestava toda aquela ideia. Tinha a certeza de que a LoddStone estava ser aldrabada. Disse, frontalmente:

Se descobrirmos que a Athena já tinha aceitado trabalhar consigo, processá-los-emos. Não respeitaremos este acordo.

Quero estar no negócio do cinema por muito tempo - respondeu Cross. - Quero trabalhar com a LoddStone Studios. Há dinheiro que chegue para todos.

Eli Marrion estivera a estudar Cross durante toda a reunião, tentando chegar a uma conclusão a respeito dele. O homem era muito discreto, não tinha nada de fala-barato ou de aldrabão profissional. A Pacific Ocean Security não conseguira estabelecer qualquer ligação entre ele e Athena, não era provável que se tratasse de uma conspiração. Havia que tomar uma decisão, mas não era na realidade uma decisão tão difícil como as pessoas presentes na sala queriam fazer parecer. Marrion estava agora tão cansado que sentia as roupas pesarem-lhe no corpo esquelético. Queria acabar com aquilo.

- Talvez a Athena tenha pirado, talvez esteja pura e simplesmente louca -

disse Skippy Deere. - Nesse caso, podemos safar-nos com o seguro.

- Está mais sã de espírito do que qualquer dos presentes nesta sala -

declarou Molly Flanders. - Mais depressa alguém vos dá a vocês todos como loucos do que a ela.

Bobby Bantz olhou directamente para a cara de Cross.

Está disposto a assinar uma declaração em como não existe, neste momento, qualquer acordo entre si e a Athena?

Sim - respondeu Cross, deixando transparecer toda a antipatia que Bantz lhe inspirava.

Marrion, ao observar isto, sentiu-se satisfeito. Pelo menos essa parte da reunião estava a correr conforme o previsto. Bantz estava agora definitivamente confirmado como o mau da fita. Era espantoso como as pessoas o detestavam quase por instinto, e a culpa não era verdadeiramente dele. Era apenas o papel que lhe fora distribuído, embora tivesse de reconhecer que lhe assentava como uma luva.

Queremos vinte por cento dos lucros do filme - declarou Bantz.

- Distribuímos no país e no estrangeiro. E seremos sócios em qualquer sequela.

Bobby - exclamou Deere, desesperado -, no fim do filme estão todos mortos, não pode haver sequelas!

Ok - respondeu Bantz. - Direitos sobre qualquer prequela.

Prequelas, sequelas, tretas! - interveio Molly Flanders. - Podem ficar com elas. Mas não recebem mais do que dez por cento dos lucros. Vão ganhar uma fortuna com a distribuição. E não correm qualquer risco. E pegar ou largar.

Eli Marrion já não conseguia aguentar mais. Levantou-se, pôs-se muito direito, e disse, num tom de voz comedido:

- Doze por cento. Negócio fechado. - Fez uma pausa e então, olhando directamente para Cross, acrescentou: - Não é tanto pelo dinheiro. Mas este pode ser um grande filme, e não gostaria de ter de deitá-lo para o lixo.

Além disso, estou cheio de curiosidade de ver o que acontece. - Voltou-se para Molly. - Então, sim ou não?

Molly Flanders, sem olhar sequer para Cross à espera de um sinal, respondeu:

- Sim.

Mais tarde, Eli Marrion e Bobby Bantz sentaram-se sozinhos na sala de reuniões. Estavam ambos calados. Tinham aprendido ao longo dos anos que há coisas que não devem ser ditas em voz alta. Finalmente, Marrion disse: Há aqui uma questão moral.

Assinámos o compromisso de manter o negócio secreto, Eli -

respondeu Bobby Bantz. - Mas, se achas que devemos, posso fazer um telefonema.

Marrion suspirou.

Perdíamos o filme. Este Cross é a nossa única esperança. Além disso, se ele viesse a saber que a fuga partira de ti, podia haver algum perigo.

Seja ele o que for, não se atreverá a tocar na LoddStone - declarou Bantz. - O que me preocupa é deixá-lo meter o pé na porta.

Marrion bebericou do copo que tinha na mão e acendeu um charuto, sentindo como o fumo seco e com um leve cheiro a madeira lhe provocava um formigueiro no corpo.

Eli Marrion estava agora verdadeiramente cansado. Estava demasiado velho para se preocupar com eventuais futuros desastres a longo prazo. O

grande desastre universal estava muito mais próximo.

- Não faças nenhum telefonema - disse -. Temos de respeitar o acordo. Além disso, pode ser que esteja a entrar na segunda meninice, mas quero ver o que é

que o mágico tira do chapéu.

Skippy Deere, depois da reunião, foi para casa, pegou no telefone e convocou Jim Losey para um encontro. Durante esse encontro, obrigou Jim a jurar segredo e contou-lhe tudo o que se passara.

- Acho que devias mandar vigiar o Cross - disse. - Talvez descubras alguma coisa interessante.

Só lhe disse isto, porém, depois de ter convencido Jim Losey a assinar um contrato para desempenhar um pequeno papel numa nova mini-série a respeito dos assassinos psicopatas de Santa Monica.

Quanto a Cross De Lena, regressou a Las Vegas e, na suite do terraço do Xanadu, ponderou o novo rumo que a sua vida tomava. Por que razão decidira correr o risco? A mais importante era que os ganhos podiam ser enormes: não apenas o dinheiro, mas uma nova forma de vida. O que ele questionava, no entanto, era o motivo subjacente, a visão de Athena Aquitane emoldurada pelo verde-azulado do mar, o seu corpo em constante movimento, a ideia de que um dia ela poderia vir a conhecê-lo e a amá-lo, não para sempre, mas apenas por um momento. Que costumava Gronevelt dizer? "As mulheres nunca são tão perigosas para um homem como depois de terem sido salvas. Tem cuidado. Foge das donzelas em perigo!"

Afastou tudo isto do espírito. Contemplando do alto a Strip de Las Vegas, a parede de luzes coloridas, as multidões que se moviam no meio dessa luz, formigas carregando fardos de dinheiro que iam enterrar nalgum grande ninho, analisou, pela primeira vez, todo o problema de uma forma fria e neutral.

Se Athena Aquitane era assim tão angelical, como era então que exigia, de facto se não por palavras, como preço para voltar ao trabalho que alguém lhe matasse o marido? Com certeza toda a gente devia ter compreendido isso. A oferta da LoddStone de a proteger enquanto completasse o filme era desvalorizada pelo facto de, nesse caso, ela estar a trabalhar para a sua própria morte. Uma vez terminadas as filmagens e mal ela ficasse sozinha, Boz Skannet apanhá-la-ia.

Eli Marrion, Bobby Bantz, Skippy Deere, todos eles sabiam qual era o problema e conheciam a resposta. Mas nenhum se atreveria a dizê-la em voz alta. Para pessoas como eles, o risco era demasiado grande. Tinham subido tão alto, viviam tão bem, que tinham demasiado a perder. Para eles, o risco não compensava o

ganho. Podiam aceitar os prejuízos do filme, para eles era apenas um pequeno contratempo. O que não podiam aceitar era a queda do mais alto nível da sociedade para o mais baixo. Esse risco era mortal.

Além disso, era obrigado a reconhecê-lo, tinham tomado uma decisão inteligente. Não eram peritos naquela área, estavam sujeitos a cometer erros.

Mais valia tratar os cinquenta milhões de dólares como uma quebra de alguns pontos nas suas acções em Wall Street.

Havia agora, portanto, dois problemas principais. Primeiro, a execução de Boz Skannet, de tal maneira que não pudesse prejudicar fosse como fosse o filme ou Athena. O problema número dois, e muito mais complicado, era conseguir a aprovação do pai, Pippi De Lena, e da Família Clericuzio.

Porque Cross sabia que nada daquilo permaneceria em segredo por muito tempo.

Capítulo VIII

Pipi De Lena argumentou em defesa da vida de Big Tim por muitas razões diferentes. Primeira, Tim contribuía anualmente com entre meio e um milhão de dólares para os cofres do Xanadu. Segunda, tinha um afecto perverso pelo homem, pelo seu gosto pela vida, pelas suas trampolinices incrivelmente descaradas.

Tim Snedden, conhecido como "The Rustler", era o dono de uma cadeia de centros comerciais que se estendia pela região Norte do estado da Califórnia. Era igualmente grande jogador e frequentador assíduo de Las Vegas, onde habitualmente se instalava no Xanadu. "The Rustler" apostava em grande, cinquenta mil no futebol e por vezes dez mil no basquetebol.

Convencido de que estava a ser esperto, perdia as apostas pequenas mas ganhava invariavelmente as grandes. Cross apercebera-se imediatamente disto.

Big Tim era de facto grande, quase um metro e noventa e cinco de altura e cento e sessenta quilos de peso. Dotado de um apetite a condizer com o físico, comia tudo o que estivesse à vista. Gabava-se de ter mandado fazer um bypass parcial ao estômago, de modo que a comida lhe atravessava directamente o organismo, sem o engordar. Afirmava orgulhosamente que descobrira uma maneira de ludibriar a própria natureza.

Porque "The Rustler" era um artista da vigarice nato, e fora assim que ganhara a sua alcunha 12. No Xanadu, alimentava os amigos à borla ao abrigo 12 A palavra "rustler" significa concretamente "ladrão de gado", designação que aparentemente tem ainda, na América actual, algumas conotações pitoresco-românticas. As traduções possíveis no presente contexto ("aldrabão", "trapaças", etc.) dos seus privilégios de jogador, e provocava o caos absoluto no serviço de quartos. Tentava pagar as callgirlsc as compras que fazia nas lojas do hotel pelo mesmo sistema. E então, quando perdia e a caixa ficava cheia de vales assinados por ele, adiava o pagamento até à próxima visita, em vez de os liquidar no prazo de um mês, como era obrigação de qualquer cavalheiro jogador.

Embora tivesse sempre muita sorte com as suas apostas no desporto,

"The Rustler" era muito menos feliz quando jogava no casino. Era habilidoso, conhecia as probabilidades e apostava correctamente, mas deixava-se arrastar pela sua exuberância natural, perdendo geralmente o que ganhava com o desporto e algum mais. Não foi, pois, por uma questão de dinheiro, mas por razões estratégicas a longo prazo, que os Clericuzio se interessaram por ele.

Uma vez que o objectivo último da Família era a legalização das apostas desportivas em todo o território dos Estados Unidos, qualquer escândalo que envolvesse jogo e desporto prejudicava esse objectivo. Foi pois ordenada uma investigação à vida e costumes de Big Tim "the Rustler" Sned-den. Os resultados revelaram-se de tal modo alarmantes que Cross e Pippi De Lena foram chamados à mansão de Quogue para uma conferência. Era a primeira operação de Pippi depois do seu regresso da Sicília.

Pippi e Cross apanharam juntos o avião para leste. Cross receava que os Clericuzio estivessem já informados a respeito da sua incursão no mundo do cinema e que o pai se zangasse por não ter sido consultado. Porque Pippi, com cinquenta e sete anos, apesar de reformado, continuava a ser o Consi-glieri do filho, o bruglione.

Por tudo isto, durante o voo, Cross pôs o pai ao corrente da questão do filme, reafirmando que continuava a prezar muito os seus conselhos, mas que não quisera colocá-lo numa posição falsa perante os Clericuzio.

Expressou também o seu receio de que aquela chamada a Quogue se relacionasse com o facto de o Don estar a par dos seus planos em Hollywood.

Pippi ouviu-o sem dizer uma palavra. No fim, suspirou com um ar de pena.

são todas muito mais pejorativas, em português, e não descrevem a personagem.

Pareceu preferível, por isso, manter o termo inglês.

- Estás ainda muito verde - disse. - Isto não tem nada a ver com o negócio do filme. O Don nunca mostraria o seu jogo tão depressa. Esperaria, a ver o que acontecia. Aparentemente, é o Giorgio quem dirige agora as coisas; é o que o Vincent, o Petie e o Dante pensam. Mas estão enganados. O velho é mais esperto do que nós todos juntos. E não te preocupes com ele, é sempre justo nestas coisas. É com o Giorgio e com o Dante que tens de preocupar-te.

Interrompeu-se por instantes, como se tivesse relutância em falar da Família, mesmo com Cross.

- Já reparaste que os filhos do Giorgio, do Vincent e do Petie não sabem nada a respeito dos negócios da Família? O Don e o Giorgio planearam que os miúdos hão-de viver de uma forma estritamente legal. O Don tinha os mesmos planos para o Dante, mas esse é demasiado esperto, percebeu tudo, e quis entrar no jogo. O Don não pôde impedi-lo. Pensa em todos nós... o Giorgio, o Vincent e o Petie, tu, eu e o Dante... como a retaguarda, combatendo para que o clã Clericuzio possa pôr-se a salvo. São esses os planos do Don. É essa a sua força, o que o torna grande. Por isso talvez até fique contente por tu tentares escapar. Era o que tinha esperanças que o Dante fizesse. Porque é disso que se trata, não é?

Acho que sim - respondeu Cross. Nem sequer ao pai confessaria a sua terrível fraqueza. Que estava a fazer aquilo pelo amor de uma mulher.

Joga sempre no longo prazo, como o Gronevelt - aconselhou Pippi.

- Quando chegar a altura, fala directamente com o Don e faz as coisas de maneira que a Família possa molhar o bico no negócio. Mas tem cuidado com o Giorgio e o Dante. O Vincent e o Petie hão-de estar-se nas tintas.

Porquê o Giorgio e o Dante?

Porque o Giorgio é um sacana ganancioso. E o Dante porque sempre teve ciúmes de ti, por seres meu filho. Além disso, o estupor é maluco.

Cross ficou espantado. Era a primeira vez que ouvia o pai criticar qualquer dos Clericuzio.

E por que é que o Vincent e o Petie não se vão importar?

Porque o Vincent tem os seus restaurantes e o Petie tem o seu negócio de construção e o Enclave do Bronx. O Vincent quer gozar a velhice e o Petie gosta da acção. E ambos gostam de ti e respeitam-me a mim.

Trabalhámos juntos, quando éramos novos.

Pai, não estás zangado comigo por não ter pedido a tua opinião? -

perguntou Cross.

Pippi dirigiu-lhe um olhar sardónico.

Não me venhas com tretas - disse. - Sabias que eu desaprovaria, e que o Don desaprovaria. Muito bem, quando é que vais matar esse tal Skannet?

Ainda não sei. É complicado, tem de ser uma Confirmação, para que a Athena saiba e deixe de se preocupar com ele. Poderá então voltar às filmagens.

Deixa-me fazer os planos. E se essa gaja, a Athena, mesmo assim não volta ao trabalho? Perdes cinquenta milhões.

Há-de voltar - assegurou Cross. - Ela e a Claudia são amigas íntimas, e a Claudia diz que volta.

A minha querida filha - disse Pippi, ironicamente. - Continua a não querer ver-me?

Penso que sim. Mas podes sempre aparecer no hotel quando ela lá estiver.

Não. Se essa tal Athena não voltar ao trabalho depois de tu teres feito o serviço, arranjo-lhe uma Comunhão, por muito grande estrela que ela seja.

Não, não! - protestou Cross. - Devias ver a Claudia. Está muito mais bonita, agora.

Isso é bom. Tinha um carão mais feio quando era miúda! Igual a mim.

Por que foi que não fizeste as pazes com ela?

Não me deixou ir ao funeral da minha ex-mulher e não gosta de mim. Fazer as pazes para quê? Quando eu morrer, quero que a impeças de assistir ao meu funeral. Ela que se lixe. - Pippi fez uma pausa antes de acrescentar: - Era uma miúda tesa.

Havias de vê-la agora. • Lembra-te. Não digas nada ao Don. Esta reunião é a respeito de outra coisa qualquer.

Como é que podes ter a certeza?

- Porque ele teria falado comigo primeiro, a ver se eu te denunciava.

E, como se veio a ver, Pippi tinha razão.

Na mansão, Giorgio, Don Domenico, Vincent, Petie e Dante esperavam-nos no jardim, junto às grandes figueiras. Como era costume, almoçaram todos juntos antes de tratarem de negócios.

Giorgio expôs a situação. Uma investigação revelara que Rustler Snedden andava a "combinar" certos jogos do campeonato universitário no Médio Oeste. Que possivelmente tinha também o dedo metido no futebol e no basquetebol profissionais. O seu modo de agir era subornar as autoridades e determinados jogadores, uma história complicada e muito perigosa. Se a coisa se soubesse, provocaria a nível nacional um escândalo de tal ordem que constituiria um golpe quase fatal nos esforços da Família para legalizar as apostas no desporto em todos os Estados Unidos. E acabaria fatalmente por saber-se, mais tarde ou mais cedo.

A polícia dedica mais tempo e esforços a quaisquer manobras que envolvam o desporto do que a um assassino psicopata - disse Giorgio. -

Porquê, não sei. Que raio de diferença lhes faz quem ganha ou quem perde? É

um crime que não prejudica ninguém a não ser os corretores de apostas; e esses os polícias odeiam-nos de qualquer maneira. Se esse tal Rustler arranjasse os jogos do Notre Dame de maneira que eles ganhassem sempre, era o país inteiro que ficava feliz.

Por que é que estamos sequer a falar disto? - perguntou Pippi impacientemente. - é mandar alguém dizer-lhe para estar quieto. Já tentámos isso - respondeu Vincent. - Este tipo é um caso especial. Não sabe o que é o medo. Foi avisado, mas continua a fazer o mesmo Chamam-lhe Big Tim -

interveio Petie -, e chamam-lhe The Rustler, e ele gosta desse tipo de merdas. Nunca paga as suas contas, até engana o IRS 13, anda sempre em guerra com as autoridades da Califórnia por que se recusa a pagar os impostos sobre as vendas das lojas que tem nos centros comerciais. Que diabo, até engana a mulher e os filhos no pagamento da pensão de alimentos. E ladrão do fundo do coração. Não se pode ser razoável com um tipo assim.

13 Trata-se aqui do Internal Revenue Service, ou seja, o Fisco nos Estados Unidos, e não do nosso Imposto sobre Rendimentos, mas o efeito, no fundo, é o mesmo.

Cross - disse Giorgio -, tu conhece-lo pessoalmente, de Las Vegas.

Qual é a tua opinião?

Cross pensou uns instantes antes de responder.

- Demora muito a pagar os vales. Mas acaba sempre por pagar. É um jogador esperto, não um batoteiro. É um desses tipos de quem é difícil gostar, mas é muito rico, de modo que tem muitos amigos que costuma levar a Vegas. Na realidade, mesmo aldrabando alguns jogos e ganhando algum do nosso dinheiro, representa uma grande vantagem para nós. Deixem-no em paz.

Ao dizer isto, viu que Dante sorria, como se soubesse qualquer coisa que ele ignorava.

- Não podemos deixá-lo em paz - disse Giorgio. - Porque esse Big Tim, esse Rustler, é completamente louco. Anda a preparar um esquema qualquer para aldrabar o jogo da Super Bowl.

Don Domenico falou pela primeira vez, e dirigiu-se directamente a Cross:

- Diz-me, sobrinho, isso é possível?

A pergunta era um elogio. Significava que o Don o reconhecia como perito na

matéria.

- Não - respondeu Cross. - Não é possível trabalhar os árbitros, porque ninguém sabe quem eles serão. Não é possível trabalhar os jogadores, porque os mais importantes ganham demasiado dinheiro. Além disso, não é possível aldrabar um jogo, seja em que desporto for, de uma maneira cem por cento segura. Quem trabalha nessa área, tem de conseguir combinar cinquenta ou cem jogos. Desse modo, se perder três ou quatro, não fará grande mal. Portanto, a menos que se tenha a mão metida num monte deles, os possíveis ganhos não compensam o risco.

Bravo - aplaudiu o Don. - Porque é então que este homem, que é rico, quer fazer uma coisa tão arriscada?

Quer ser famoso - explicou Cross. - Para aldrabar a Super Bowl, teria de fazer qualquer coisa tão arriscada que não poderia deixar de ser descoberta. Qualquer coisa de tão louco que não consigo sequer imaginar o que possa ser. E o Rustler está convencido que é capaz de se safar de qualquer sarilho em que se meta.

Nunca conheci um homem assim - disse o Don.

Só se criam na América - troçou Giorgio.

Mas nesse caso é muito perigoso para aquilo que queremos fazer -

continuou o Don. - Pelo que me dizes, é um homem que não dará ouvidos à razão. O que não nos deixa alternativa.

Um momento! - exclamou Cross. - O homem representa pelo menos meio milhão de dólares de lucro para o casino todos os anos.

É uma questão de princípio - declarou Vincent. - Os corretores pagam-nos dinheiro para os protegermos.

Deixem-me falar com ele - pediu Cross. - Talvez me dê ouvidos.

Nada disto tem grande importância. Ele não tem possibilidades de aldrabar a Super Bowl. Não justifica uma acção da nossa parte.

Nesse momento captou o olhar do pai e compreendeu que, por qualquer razão,

não era adequado da sua parte aduzir aqueles argumentos.

- O homem é perigoso - disse o Don, com uma determinação final.

- Não fales com ele, sobrinho. Ele não sabe quem tu és na realidade. Para quê dar-lhe essa vantagem? O homem é perigoso porque é estúpido, e é estúpido da mesma maneira que um animal é estúpido, quer comer tudo o que vê. E depois, quando for apanhado, há-de querer fazer o maior estrago que puder. Implicará toda a gente, com razão ou sem ela. - Fez uma pausa e olhou para Dante. - Neto, penso que deves ser tu a fazer o serviço. Mas deixa o Pippi tratar do planeamento neste caso. Ele conhece o território.

Dante assentiu.

Pippi sabia que pisava terreno perigoso. Se acontecesse alguma coisa a Dante, seria ele o responsável. E houve outra coisa que ficou perfeitamente clara para ele. O Don e Giorgio tinham decidido que Dante se tornaria um dia o chefe da Família Clericuzio. Mas, por enquanto, ainda não confiavam no seu discernimento.

Em Las Vegas, Dante instalou-se numa suite do Xanadu. Big Tim "the Rustler" só era esperado na semana seguinte, de modo que Pippi e Cross aproveitaram esse tempo para porem Dante ao corrente dos factos.

- O Rustler é um jogador de alto voo - explicou Cross -, mas não suficientemente alto para ter direito a uma villa. Não está na mesma classe que os árabes e os asiáticos. Os seus privilégios QCB são enormes, e ele faz questão de obter de borla tudo o que puder. Põe os almoços dos amigos nas contas do restaurante, encomenda os vinhos mais caros, tenta inclusivamente meter na conta as coisas que compra nas lojas do hotel. Nós não autorizamos isso nem sequer aos tipos das villas. E um artista da reclamação, de modo que os croupiers têm de estar sempre de olho nele.

Reclama que fez uma aposta mesmo antes de aparecer um número na mesa de dados. No bacará tenta apostar depois de a primeira carta ter sido mostrada. No vinte-e-um afirma que queria chegar a dezoito quando a próxima carta é um três. Demora sempre muito tempo a pagar os seus vales.

Mas dá-nos meio milhão por ano, mesmo descontando o que rouba aos corretores. O tipo é engraçado. Chega a levantar fichas para os amigos e a pô-las

nos vales dele, para nos levar a pensar que joga mais do que na realidade joga. Mas perde a cabeça quando a sorte lhe dá para o torto. No ano passado perdeu dois milhões e nós organizámos-lhe uma festa e oferecemos-lhe um Cadillac. Fartou-se de protestar por não ter sido um Mercedes. Dante estava indignado.

Levanta fichas e dinheiro da caixa e depois não os joga?

Claro - respondeu Cross. - Há montes de tipos que fazem o mesmo.

Não nos importamos. Gostamos de passar por parvos. É uma coisa que lhes dá confiança nas mesas. Conseguiram levar-nos à certa mais uma vez.

Por que é que lhe chamam Rustler?

Porque ele tira coisas e não as paga. Quando tem raparigas, morde-

-as como se quisesse arrancar-lhes um pedaço de carne. E safa-se sempre com estas pantomimas. E um grande artista da trafulhice.

Mal posso esperar para conhecê-lo - disse Dante, sonhadoramente.

Nunca conseguiu convencer o Gronevelt a dar-lhe uma villa -

continuou Cross. - Por isso eu também não lhe dou.

Dante olhou duramente para ele.

Porque foi que eu não recebi uma villa!- perguntou.

Porque isso custaria ao hotel entre cem mil e um milhão de dólares por noite.

Mas o Giorgio tem direito a uma villa - protestou Dante.

Está bem, eu falo com o Giorgio a esse respeito - prometeu Cross.

Ambos sabiam como Giorgio iria reagir a semelhante exigência.

Então bem posso esperar - resmungou Dante.

Quando casares - prometeu Cross -, dou-te uma villa para a tua lua-de-mel.

O meu plano operacional baseia-se no carácter do homem - interveio Pippi. - Cross, tu vais ter de cooperar só aqui em Vegas, para preparar o tipo. Tens de conceder ao Dante um crédito ilimitado na caixa e depois fazer desaparecer os vales. No que respeita à coordenação dos tempos, em L. A. está tudo pronto. Tens de assegurar-te de que o tipo vem para cá e não cancela a reserva. Para isso, vais organizar-lhe uma festa para lhe ofereceres um Rolls-Royce. Depois, quando ele chegar, apresenta-lo ao Dante e a mim. Feito isso, ficas de fora.

Demorou mais de uma hora a explicar o plano em pormenor. No fim, Dante disse, admirativamente:

- O Giorgio sempre disse que eras o melhor. Fiquei um bocado lixado quando o Don te pôs acima de mim nesta coisa, mas agora vejo que tinha razão. , Pippi aceitou a lisonja com uma expressão de pedra.

- Lembra-te que isto é uma Comunhão, não uma Confirmação -

disse a Dante. - Tem de dar a ideia que o homem se sumiu de livre vontade.

Com o cadastro que tem e todos aqueles processos judiciais contra ele vai parecer bastante plausível. Dante, não uses um dos teus estuporado!

chapéus nesta operação. As pessoas têm uma memória curiosa. E não esqueças que o Don disse que queria que o tipo explicasse como tencionava fazer a aldrabice, mas que isso não era absolutamente necessário.

Ele é o chefe quando desaparecer, acaba-se a tramóia. Portanto, não faças disparates.

- Sinto-me azarento sem o meu chapéu - declarou Dante, friamente Pippi encolheu os ombros.

Outra coisa, não tentes fazer batota com o teu crédito ilimitado Foi o próprio Don quem o disse, não quer que o hotel perca uma fortuna.

nesta operação. Já têm de entrar com o Rolls.

Não te preocupes - respondeu Dante. - O meu trabalho é o meu prazer. - Fez uma curta pausa e acrescentou, com um sorriso malicioso: -

Espero que desta vez me dês uma boa nota.

Esta saída surpreendeu Cross. Era evidente que havia alguma hostilidade entre eles. E também ficou surpreendido pelo facto de Dante tentar intimidar Pippi De Lena. Isso podia ser desastroso, por muito netodico que ele fosse.

Pippi, no entanto, pareceu não ter dado por isso.

- Es um Clericuzio - disse. - Quem sou eu para te dar notas? -

Deu uma palmada num ombro de Dante. - Temos um trabalho para fazer juntos. Esforcemo-nos por torná-lo divertido.

Quando Rustler Snedden chegou, Dante estudou-o. Era grande e gordo mas a gordura era rija, agarrava-se-lhe aos ossos e não balançava. Vestia uma camisa de sarja azul, com dois grandes bolsos no peito, fechados por botões brancos. Num destes bolsos enfiou as fichas pretas de cem dólares, no outro as brancas e douradas de quinhentos. As vermelhas de cinco dólares e as verdes de vinte e cinco, meteu-as nos bolsos das amplas calças de lona branca. Calçava sandálias castanhas.

Big Tim "the Rustler" jogava sobretudo dados, o jogo que oferecia melhores percentagens. Cross e Dante sabiam que ele já tinha apostado dez mil em dois jogos de basquetebol universitário e outros cinco mil numa corrida de cavalos em Santa Anita, por intermédio de um dos corretores ilegais da cidade. O Rustler não era homem para pagar impostos. E não parecia nada preocupado com as suas apostas. Estava a divertir-se à grande a jogar dados.

Era ele o maioral da mesa, dizendo aos outros jogadores como apostar, gritando-lhes bem humoradamente que não fossem medricas. Estava a apostar pretas, com montes deles a cobrir todos os números, jogando forte. Quando os dados lhe chegavam às mãos, lançava-os com força, de modo que ressaltavam na parede oposta da mesa e voltavam a ficar ao seu alcance.

Tentava então apanhá-los, mas o croupier, sempre alerta, tapava-os com a pá do taco e retinha-os até que os outros jogadores tivessem tempo de fazer as suas apostas.

Dante ocupou o seu lugar na mesa de dados e apostou com Big Tim para ganhar. Depois fez todas as ruinosas apostas secundárias que, a menos que tivesse uma

sorte espantosa, fariam dele um perdedor seguro. Apostou no quatro e no dez. Apostou nos pares num lançamento e nos ases e no onze num lançamento, com probabilidades de trinta e de quinze para um. Pediu um vale de vinte mil dólares e, depois de o ter assinado, espalhou as fichas pretas por toda a mesa. Pediu outro vale. Por esta altura, já tinha conseguido atrair a atenção de Big Tim, que lhe gritou:

- Eh, você do chapéu! Veja se aprende a jogar este jogo!

Dante acenou-lhe alegremente e continuou a apostar à toa. Quando Big Tim conseguiu o sete, Dante pegou nos dados e pediu um vale de cinquenta mil dólares. Espalhou fichas pretas por toda a mesa, na esperança de ter sorte.

Não teve. Entretanto, Big Tim começara a observá-lo com um interesse que já era mais do que casual.

Big Tim "the Rustler" comeu na cafetaria, que era também o restaurante que servia os vulgares pratos americanos. Raramente frequentava o luxuoso restaurante francês, ou o restaurante italiano, ou o autêntico English Royal Pub do hotel. Cinco amigos juntaram-se-lhe para o jantar, e Big Tim mandou vir cartões de loto para todos, para que pudessem ir vigiando o painel dos números enquanto comiam. Cross e Dante sentaram-se numa mesa de canto.

Os cabelos curtos e louros faziam Big Tim "the Rustler" parecer um jovial burguês alemão de um quadro de Brueghel. Encomendou uma grande variedade de pratos, o equivalente a três jantares, mas, justiça lhe seja feita, comeu quase tudo, além do que foi depenicando dos pratos dos companheiros.

É verdadeiramente uma pena - comentou Dante. - Nunca conheci um tipo que gozasse tanto a vida.

É uma maneira de fazer inimigos - respondeu Cross -, sobretudo quando se goza a vida à custa dos outros.

Viram Big Tim assinar a conta, que não teria de pagar, e mandar un dos companheiros deixar uma gorjeta em dinheiro. Depois de o grupo ter saído, Cross e Dante beberam descontraidamente um café. Cross adoravva aquela sala imensa com as suas paredes de vidro que deixavam ver a noit iluminada lá fora por lâmpadas cor-de-rosa, matizada pelos reflexos esverdeados da relva e das árvores que se filtravam para o interior, amenizando a luz demasiado intensa dos

lustres. "

Lembro-me de uma noite, para aí há três anos - disse Cross a Dantt

- O Rustler teve uma sorte danada na mesa de dados, acho que deve ter ganho mais de cem mil. Eram cerca de três da manhã. Quando o chefe da mesa se afastou para levar as fichas à caixa, o Big Tim saltou para cima dela e mijou-a toda.

E tu que fizeste?

Mandei os seguranças levarem-no para o quarto e debitei-lhe cinco mil por ter mijado em cima da mesa. Que ele nunca pagou. "

Eu tinha-lhe arrancado o coração! - exaltou-se Dante.

- Se um homem te dá meio milhão por ano, não o deixas mijar em cima de uma mesa? Mas, para dizer a verdade, nunca lho perdoei. Para st franco, se tivesse feito aquilo no casino das villas, quem sabe?

No dia seguinte, Cross almoçou com Big Tim, para lhe falar da festa que se preparava e da oferta do Rolls-Royce. Pippi juntou-se-lhes e foi apresentado. Big Tim estava sempre pronto a pedir mais.

Agradeço o Rolls-Royce - disse -, mas quando é que me dão um das villas?

Sim, bem a merece - admitiu Cross. - Da próxima vez que vier a Vegas, dou-lhe uma villa. Está prometido, nem que tenha de correr com alguém a pontapé.

Big Tim voltou-se para Pippi.

O seu filho é muito mais simpático do que aquele velho canastra do Gronevelt.

O Alfredo andava um pouco esquisito nos últimos anos - concordou Pippi. - Eu era talvez o seu melhor amigo, e nunca tive direito a uma villa.

- Bom, ele que se lixe! - declarou Big Tim. - Agora que é o filho quem manda no hotel, pode ter uma villa sempre que quiser.

- Nunca! - disse Cross. - Ele não joga! - E riram-se os três.

Big Tim, porém, já estava noutra.

Anda por aí um tipo baixinho e esquisito, que usa um chapéu estranho à brava e é o pior jogador de dados que vi em toda a minha vida -

disse. - Vi o malandro assinar quase duzentos mil em vales em menos de uma hora. O que é que pode dizer-me a respeito dele? Sabe que estou sempre à procura de investidores.

Não posso dizer-lhe seja o que for a respeito dos meus jogadores

- respondeu Cross. - Ou gostava que eu desse informações a seu respeito?

Posso dizer-lhe que teria direito a uma villa sempre que quisesse, mas nunca quis. Não gosta de dar nas vistas.

Apresente-mo - pediu Big Tim. - Se fizermos negócio, dou-lhe uma parte.

Não - recusou Cross. - Mas o meu pai conhece-o.

Por acaso, faziam-me jeito umas massas - disse Pippi.

- Óptimo! - exclamou Big Tim. - Fale-lhe de mim. Pippi abriu a torneira do encanto:

- Vocês os dois fariam uma grande equipa. Este tipo tem montes de dinheiro, mas falta-lhe o seu faro para os grandes negócios. Sei que é um homem justo, Tini, dê-me aquilo que achar que eu mereço.

Big Tim sorriu amplamente ao ouvir isto. Pippi era mais um pato para depenar.

- Estupendo! - disse. - Esta noite vou estar na mesa de dados. Leve-o até lá.

Quando as apresentações foram feitas junto à mesa de dados, Big Tim

"the Rustler" surpreendeu tanto Pippi como Dante, arrancando o chapéu renascentista da cabeça do segundo e substituindo-o pelo boné dos Dodger que ele próprio usava. O resultado foi hilariante. O barrete renascentista na cabeça de Big Tim fazia-o parecer um dos anões de Branca de Neve.

- Para ver se a sua sorte muda - disse Big Tim. Riram-se os três, mas Pippi não

gostou do brilho malévolo que viu nos olhos de Dante. Além disso, estava furioso com Dante por este ter ignorado as suas instruções e insistido em usar o barrete. Tinha introduzido Dante como Steve Sharpe e enchera os ouvidos de Big Tim com histórias a respeito de Steve ser o dono de um império da droga na Costa Leste e precisar de "lavar" muitos milhões. Além disso, Steve era um jogador inveterado que apostara um milhão na Super Bowl e perdera sem sequer pestanejar. E os vales dele na caixa do casino valiam ouro. Nunca deixara de pagá-los religiosamente.

Big Tim passou um braço enorme pelos ombros de Dante e sugeriu:

- Stevie, precisamos de falar. Vamos comer qualquer coisa à cafetaria.

Instalaram-se numa mesa afastada. Dante pediu café, mas Big Tim mandou vir todo um sortido de sobremesas: gelado de morango, mil-folhas e tarte de banana, além de um prato com biscoitos variados.

Feito isto, lançou-se num discurso de venda que durou uma hora. Tinha um pequeno centro comercial de que queria desembaraçar-se, um bom fazedor de dinheiro a longo prazo, e podia arranjar as coisas de maneira que o pagamento fosse feito quase todo por baixo da mesa. Havia uma fábrica de enlatados de carne e camiões cheios de produtos frescos que podiam ser comprados com dinheiro "clandestino" e depois revendidos com lucro por dinheiro "lavado". Tinha um "pé" na indústria cinematográfica, de modo que podia ajudar a financiar filmes que seguiam directamente para o circuito vídeo ou para as salas porno.

- Um grande negócio! - asseverou. - Dá para um tipo conhecer as estrelas, comer algumas delas e ao mesmo tempo lavar o dinheiro.

Dante apreciou a representação. Tudo o que Big Tim dizia era com tal confiança e brio que a vítima só podia ficar a sonhar com futuras riquezas.

Fez perguntas que traíam o seu interesse, mas que deixavam transparecer um certo retraimento. ;

- Dê-me o seu cartão - pediu. - Depois telefono-lhe, ou peço ao Pippi que lhe ligue a combinar um jantar para podermos discutir isto tudo antes de tomar uma decisão.

Big Tim entregou-lhe um cartão.

- Quanto mais cedo melhor - declarou. - Tenho um negócio absolutamente seguro em que quero que entre. Mas vamos ter de andar depressa. - Fez uma pausa antes de acrescentar: - Tem a ver com o desporto.

Desta vez Dante mostrou um entusiasmo que não tinha mostrado antes.

Jesus, esse sempre foi o meu sonho! Adoro desportos. Está a falar de comprar uma equipa de baseball da primeira divisão?

Nada de tão grande - disse Big Tim apressadamente. - Mas suficientemente grande.

Então quando é que nos encontramos? - perguntou Dante.

Amanhã o hotel oferece-me uma festa e um Rolls - anunciou Big Tim, orgulhosamente. - Por ser um dos principais trouxas que eles cá têm.

Regresso a L. A. no dia seguinte. Que tal nessa noite?

Dante fingiu pensar um pouco no assunto.

Okay - disse. - O Pippi vai para L. A. comigo e eu peço-lhe que lhe dê uma apitadela a marcar a coisa.

- Óptimo! - exclamou Big Tim. A excessiva cautela do homem intrigava-o um pouco, mas não estava nos seus hábitos estragar um negócio com perguntas desnecessárias. - E esta noite vou ensiná-lo a jogar dados de maneira a ter algumas hipóteses de ganhar. Dante fez um ar meio envergonhado.

Eu sei quais são as probabilidades, mas gosto de arriscar dinheiro.

E depois, a coisa sabe-se e isso dá-me uma chance com as coristas.

Nesse caso, não há esperança para si - sentenciou Big Tim. - De qualquer maneira, nós os dois vamos ganhar dinheiro juntos.

A festa em honra de Big Tim "the Rustler" teve lugar no dia seguinte, no grande salão de baile do Xanadu, que era frequentemente usado para ocasiões especiais:

a festa de Ano Novo, jantares de Natal, casamentos de grandes jogadores, apresentações de galardões e donativos especiais, festas da Super Bowl ou da World Series e até convenções políticas.

Era uma sala enorme, de tecto muito alto, com balões a flutuarem por todo o lado e duas imensas mesas-bufetes que a dividiam ao meio. Os bufetes tinham a forma de grandes glaciares, e, incrustados no gelo, havia frutos de todas as cores. Melões abertos para mostrarem a sua polpa amarelo-dourada, grandes uvas vermelhas cheias de sumo, espinhosos ananases, kiwis e kumquats 14, nectarinas e líchias, e uma enorme melancia. Baldes cheios de doze tipos diferentes de gelados tinham sido enterrados como submarinos.

Depois havia os pratos quentes: dois lombos de vaca com o tamanho de um búfalo, um gigantesco peru, um suculento presunto orlado de gordura.

Depois havia uma travessa com diferentes tipos de massas, salpicadas de verde com pesto e avermelhadas pelo molho de tomate. E depois havia uma terrina vermelha, grande como um caixote de lixo, com asas de prata, dentro da qual fervilhava um guisado de "javali", que era na realidade uma mistura de porco, vaca e vitela. Seguiam-se pães de todos os tamanhos e feitios, polvilhados de farinha. Outro bloco de gelo continha as sobremesas, bombas-de-creme, sonhos recheados com natas batidas, um conjunto de bolos de vários andares decorados com réplicas do Xanadu Hotel.

14 Fruto citrino originário da China.

Big Tim "the Rustler" já estava a semear a destruição nas mesas antes de o primeiro convidado ter chegado.

Bem no meio do salão, em cima de uma rampa isolada por cordões, estava o Rolls-Royce. Leitoso, branco, luxurioso, com verdadeira elegância e um certo génio na concepção, oferecia um contraste gritante com o mundo pretensioso de Las Vegas. Uma das paredes de vidro do salão fora substituída por pesados cortinados dourados para permitir a sua entrada e saída. Mais afastado, num canto do salão, estava um Cadillac vermelho, que seria sorteado como prémio aos detentores de convites numerados: grandes jogadores convidados para a festa e directores dos casinos dos maiores hotéis.

Esta fora uma das melhores ideias de Gronevelt. Aquelas festas aumentavam de forma significativa a receita do hotel.

A festa foi um enorme êxito, pois Big Tim era a exuberância em pessoa. Acompanhado por duas empregadas de mesa, destruiu quase sozinho uma mesa-bufete. Encheu três pratos e fez uma tal exibição de gula que quase tornava desnecessária a missão de Dante. Cross fez o discurso de apresentação em nome do hotel. Em seguida, Big Tim fez o seu discurso de aceitação.

- Quero agradecer ao Xanadu Hotel por este maravilhoso presente.

Este carro de duzentos mil dólares é agora meu completamente grátis. É a minha recompensa por vir ao Xanadu há mais de dez anos, durante os quais eles me trataram como um príncipe e me esvaziaram a carteira. Calculo que se me dessem cinquenta Rolls ficaríamos mais ou menos quites, mas que diabo, só consigo conduzir um carro de cada vez!

Neste ponto foi interrompido por aplausos e gritos. Cross fez uma careta. Ficava sempre embaraçado por estes rituais, que denunciavam a falsidade da simpatia do hotel. Big Tim passou os braços pelas costas das duas raparigas que o flanqueavam, e apertou-lhes amigavelmente os seios.

Esperou, como um cómico experiente, que os aplausos esmorecessem.

- A sério, estou mesmo muito agradecido - disse. - Este é um dos dias mais felizes da minha vida. Juntamente com o do meu divórcio. Só uma coisa. Quem é que vai dar-me dinheiro para a gasolina para levar este carro até L. A.? O Xanadu voltou a deixar-me completamente limpo. Big Tim sabia quando parar. Enquanto os aplausos e os gritos recomeçavam, subiu a rampa e instalou-se no carro. Os cortinados dourados que tinham substituído a parede abriram-se e Big Tim fez o Rolls rolar para o exterior.

A festa chegou rapidamente ao fim depois de o Cadillac ter sido ganho por um dos grandes jogadores. Os festejos tinham durado quatro horas e toda a gente estava desejosa de voltar para as mesas de jogo.

Nessa noite, o fantasma de Gronevelt teria ficado exultante com os resultados da festa. A receita foi quase o dobro da média. O nível de acasalamentos não pôde ser confirmado, mas o cheiro a sémen parecia espalhar-se pelos corredores. As lindíssimas call girls que tinham sido chamadas para a festa de Big Tim depressa estabeleceram relações de grande intimidade com alguns jogadores menos dedicados, que lhes deram fichas pretas para jogarem.

Gronevelt muitas vezes fizera notar a Cross que os homens e mulheres que jogam têm padrões sexuais diferentes. E que era importante para o proprietário de um casino conhecê-los.

Em primeiro lugar, Gronevelt proclamava a primazia das coxas, como delicadamente dizia. Um par de coxas podia vencer tudo e mais alguma coisa. Era até capaz de conseguir que um jogador inveterado se emendasse.

Muitos dos homens mais importantes do mundo tinham sido hóspedes do seu hotel. Cientistas galardoados com o Prémio Nobel, bilionários, grandes pregadores religiosos, eminentes figuras literárias. Um Prémio Nobel de Química, talvez o melhor cérebro do mundo, tinha-se divertido com todas as coristas do corpo de baile durante os seis dias da sua estada. Não jogava muito, mas era uma honra para o hotel. Tivera o próprio Gronevelt de dar prendas às raparigas, pois o grande cientista nem sequer se lembrara de semelhante coisa. Segundo elas, era o melhor amante do mundo, ávido, ardente, hábil, nada de truques, com uma das pilas mais bonitas que alguma vez tinham visto. E, o que era ainda melhor, divertido, nunca as aborrecendo com conversas sérias. Fosse pelo que fosse, isto deixara Gronevelt contente. O facto de um homem tão inteligente ser capaz de contentar o sexo oposto. Ao contrário de Ernest Vail, um grande escritor mas uma espécie de garoto de meia idade, com uma erecção perpétua e sem conversa para a acompanhar. Depois havia o senador Wawen, um possível futuro presidente dos Estados Unidos, que tratava o sexo como se fosse uma partida de golfe. Para não falar do reitor de Yale, o cardeal de Chicago, o líder da Comissão Nacional de Direitos Cívicos e os cartolas do Partido Republicano. Todos eles reduzidos ao estado de crianças por um par de coxas.

As únicas possíveis excepções eram os maricas e os drogados, mas, bem vistas as coisas, esses também não eram tipicamente jogadores.

Gronevelt notara que os homens pediam os serviços de uma prostituta antes de começarem a jogar. As mulheres, em contrapartida, preferiam o sexo depois de terem jogado. Uma vez que o hotel tinha de atender às necessidades sexuais de todos os seus clientes e não havia prostitutos, apenas gigolôs, utilizava os serviços de jovens barmen e croupiers para satisfazer as senhoras. Do que Gronevelt tirara uma conclusão: os homens precisam de sexo para poderem enfrentar a batalha cheios de confiança; as mulheres precisam de sexo para suavizar o desgosto de terem perdido ou como parte da sua recompensa por terem ganho.

É certo que Big Tim pediu uma prostituta uma hora antes da festa e mais tarde foi para a cama com as suas duas empregadas de mesa, às primeiras horas da manhã e depois de ter perdido uma grande soma. As raparigas não eram prostitutas, tinham-se mostrado relutantes. Big Tim resolveu o problema ao seu jeito muito especial. Juntou dez mil dólares em fichas pretas e disse-lhes que eram delas se passassem a noite com ele. Isto acompanhado da sua habitual e vaga promessa de mais se lhe proporcionassem uma noite verdadeiramente agradável. Adorou o modo como elas estudavam o monte de fichas antes de aceitarem. O mais engraçado é que as duas o embebedaram de tal maneira que ele adormeceu, empanturrado de comida e bebida, antes de chegar ao fim dos preliminares. Adormeceu entre as duas, com o seu corpo enorme a empurrá-las para fora da cama e ambas as raparigas a agarrarem-se-lhe desesperadamente aos braços até que por fim caíram no chão e adormeceram por sua vez.

Nessa noite, bastante tarde, Cross recebeu um telefonema de Claudia.

A Athena desapareceu - disse ela. - Os estúdios estão frenéticos e eu estou preocupada. Excepto que, desde que a conheço, a Athena desaparece pelo menos um fim-de-semana por mês. Mas desta vez achei que devias saber. É melhor fazeres qualquer coisa antes que ela desapareça para sempre.

Não há problema - tranquilizou-a Cross. Mas não lhe disse que tinha os seus próprios homens a vigiar Boz Skannet.

O telefonema, porém, fê-lo recordar Athena. O rosto mágico, que parecia reflectir todas as suas emoções; as pernas compridas e maravilhosas. E

a inteligência que lhe brilhava nos olhos, a vibração de um qualquer instrumento invisível no seu ser interior.

Pegou no telefone e ligou para uma consta chamada Tiffany, com quem de vez em quando saía.

Tiffany era a primeira-figura do corpo de baile do grande espectáculo de cabaret do Xanadu. Isto dava-lhe direito a um pagamento extra e a certos privilégios por manter a disciplina e impedir as habituais discussões e até lutas físicas em que as raparigas se envolviam. Bela como uma estátua, só falhara os seus testes para o cinema por ser pura e simplesmente demasiado grande para o celulóide. Enquanto no palco a sua beleza era imponente, em filme parecia enorme.

Quando chegou, ficou surpreendida pela rapidez e urgência com que Cross fez amor. Agarrou-a, arrancou-lhe as roupas e em seguida pareceu querer devorar-lhe o corpo com beijos. Penetrou-a rapidamente e chegou rapidamente ao orgasmo. Isto era tão diferente do seu estilo habitual que ela disse, quase com pena:

Desta vez deve ser amor verdadeiro.

Claro que é - respondeu Cross, e começou novamente a fazer amor com ela.

Não me refiro a mim, tonto! Quem é a felizarda?

Cross ficou aborrecido por ser tão transparente. Mas nem mesmo isso bastou para travar o seu apetite pela carne que tinha ao lado. Não se fartava dos seios suculentos, da língua sedosa, o monte aveludado entre as coxas dela, tudo irradiando um calor irresistível. Quando, finalmente, horas mais tarde, aquela febre de luxúria lhe passou, não conseguiu deixar de pensar em Athena.

Tiffany pegou no telefone e encomendou uma ceia para os dois. -

Tenho pena da pobre rapariga, quando finalmente lhe puseres as mãos -

comentou.

Depois de ela sair, Cross sentiu-se livre. Era uma fraqueza estar tão apaixonado, mas o desejo satisfeito dava-lhe confiança. Às três da manhã, fez a sua última ronda pelo casino.

Na cafetaria, viu Dante acompanhado por três mulheres bonitas e animadas. Embora uma delas fosse Loretta Lang, a cantora cujo contrato ajudara a quebrar, não a reconheceu. Dante chamou-o com um gesto da mão, mas ele recusou abanando a cabeça. De regresso à suite do terraço, tomou dois comprimidos para dormir antes de se deitar, mas mesmo assim sonhou com Athena.

As três mulheres que faziam companhia a Dante eram figuras conhecidas em Hollywood, esposas de Estrelas Cotáveis e estrelas menores por direito próprio. Tinham estado presentes na festa de Big Tim, não por convite, mas servindo-se dos seus encantos para conseguirem entrada.

A mais velha era Julia Deleree, casada com uma das mais famosas Estrelas

Cotáveis da indústria. Tinham dois filhos, e a família aparecia frequentemente nas revistas como o raro exemplo do casal perfeito, sem problemas e perfeitamente felizes no seu casamento.

A segunda era Joan Ward. Era ainda muito atraente, apesar dos seus quase cinquenta anos. Interpretava segundos papéis, em geral na personagem da mulher inteligente, da sofredora mãe de um filho condenado ou da esposa abandonada, cuja tragédia conduz a um novo e feliz casamento. Ou como ardente defensora dos pontos de vista femininos. Estava casada com um director de estúdio que lhe pagava as contas dos cartões de crédito sem se queixar, por muito extravagantes que fossem, e cuja única exigência era que ela servisse de anfitriã nas inúmeras festas mundano-profissionais que oferecia. Não tinha filhos.

A terceira estrela era Loretta, que entretanto se transformara numa das primeiras figuras mais procuradas para todo o tipo de comédias mais ou menos nonsense. Também ela casara bem, com um Actor Cotável especializado em filmes de acção, que passava a maior parte do ano a filmar no estrangeiro.

As três tinham-se tornado amigas entrando nos mesmos filmes, fazendo compras em Rodeo Drive e almoçando no Polo Lounge do Beverly Hills Hotel, onde comparavam notas relativamente aos maridos e aos respectivos cartões de crédito. Quanto aos cartões, não tinham queixas. Era como ter uma pá para cavar numa mina de ouro, e os maridos nunca discutiam as contas a pagar.

Julia queixava-se de que o marido não passava tempo suficiente com os filhos. Joan, cujo marido era aclamado como um grande descobridor de novas estrelas, queixava-se de não ter filhos. Loretta queixava-se por o marido não interpretar papéis mais sérios. Mas chegou um dia em que Loretta, com a sua habitual vivacidade, disse:

- Deixemo-nos de tretas. Todas nós somos felizes e bem casadas com homens muito importantes. O que realmente detestamos é o facto de os nossos maridos nos mandarem às compras em Rodeo Drive para se sentirem menos culpados por andarem a dormir com outras mulheres.

Riram-se as três. Era tão verdade...

Eu amo o meu marido - afirmou Julia -, mas há um mês que ele está a filmar no Tahiti. E sei que não vai masturbar-se para a praia. Mas a mim não me apetece

passar um mês no Tahiti, de modo que ele ou anda a fornicar a actriz principal, ou uma representante qualquer do talento local.

O que continuaria a fazer mesmo que tu lá estivesses - declarou Loretta.

O meu - disse Joan, pensativamente - , embora tenha tanto esperma como um estupor de uma formiga, tem uma pila que parece uma mangueira. Por que será que a maior parte das estrelas que ele descobre são

mulheres? Deve testá-las vendo que porção de pila conseguem engolir.

Por esta altura, já estavam as três bastante animadas. Por qualquer razão, tinham-se convencido de que o vinho não tem calorias.

- Não podemos culpar os nossos maridos - sentenciou Loretta, pragmaticamente. - As mulheres mais bonitas do mundo andam atrás deles.

A verdade é que não têm alternativa. Mas porque havemos nós de sofrer?

Que se lixem os cartões de crédito, vamos mas é divertir-nos!

E daí tinham nascido as sacrossantas noites de paródia "só mulheres"

que as reuniam uma vez por mês. Quando os maridos estavam fora, o que acontecia com muita frequência, metiam-se em aventuras mais altas e prolongavam a farra até ao dia seguinte.

Uma vez que eram reconhecíveis para a maioria dos americanos, tinham de se disfarçar. O que se revelou extraordinariamente fácil. Usavam perucas para alterar o tipo e a cor dos cabelos. Serviam-se da maquilhagem para engrossar ou adelgaçar os lábios. Vestiam-se ao estilo das mulheres da classe média. Tornavam-se menos belas, o que não tinha a mínima importância, uma vez que, como a maior parte das actrizes, sabiam ser extraordinariamente encantadoras. E deliciavam-se com aquele fingimento. Adoravam ouvir diferentes tipos de homens abrirem-lhes o coração na esperança de conseguirem ir para a cama com elas, frequentemente com êxito. Era como um sopro de vida real, com personagens ainda misteriosas, não condenadas a seguir um guião escrito. E havia surpresas deliciosas. Ofertas sinceras de casamento e de amor verdadeiro; homens que partilhavam com elas as suas dores por pensarem que nunca mais voltariam a vê-las. A admiração que recebiam não por serem quem eram, mas

pelos seus encantos inatos. E

adoravam criar novas identidades para si mesmas. Às vezes eram operadoras de computadores em férias, outras enfermeiras de folga, ou técnicas dentárias, ou assistentes sociais. Aperfeiçoavam os respectivos papéis informando-se a respeito das suas novas profissões. Por vezes fingiam ser secretárias no escritório de um grande advogado de L. A. ligado ao mundo dos espectáculos e divulgavam escândalos que envolviam os próprios maridos e outros actores conhecidos. Divertiam-se imenso, mas sempre fora de Los Angeles. A cidade era demasiado perigosa, corriam o risco de encontrar amigos que as reconheceriam facilmente, apesar dos disfarces. Descobriram que ir para São Francisco era também arriscado. Alguns homossexuais pareciam adivinhar-lhes as verdadeiras identidades com um simples olhar. O local favorito das três era Las Vegas.

Dante encontrara-as no Xanadu Club Lounge, onde os jogadores fatigados faziam um intervalo ouvindo um conjunto, um humorista e uma jovem cançonetista. Loretta actuara ali em tempos, no princípio da sua carreira. Não se dançava. O hotel queria que os seus clientes regressassem às mesas de jogo logo que tivessem descansado.

Dante foi atraído pela vivacidade delas, pelo seu encanto natural. Elas sentiram-se atraídas porque o tinham observado a jogar e a perder uma grande porção de dinheiro graças ao seu crédito ilimitado. Depois das bebidas, ele levou-as para a roleta e deu a cada uma mil dólares em fichas.

Elas ficaram encantadas com o chapéu dele e com a extravagante cortesia com que os croupiers e os chefes de mesa o tratavam. E com o seu encanto malicioso, apimentado por um toque de humor malévolo. Dante era espirituoso de uma maneira vulgar e por vezes arrepiante. E as extravagâncias do seu modo de jogar excitavam-nas. Claro que elas próprias eram ricas, ganhavam grandes quantidades de dinheiro, mas ali tratava-se de notas, e isso tinha uma magia muito própria. é certo que já tinham gasto dezenas de milhares de dólares em Rodeo Drive num único dia, mas recebendo em troca artigos de luxo. Quando Dante assinava um vale de cem mil dólares, ficavam maravilhadas, embora os maridos lhes tivessem oferecido carros que custavam mais do que isso. Mas Dante deitava dinheiro fora às mãos cheias.

Nem sempre dormiam com os homens que encontravam, mas quando se reuniram as três na casa de banho das senhoras conferenciaram para decidir qual

delas ficaria com Dante. Julia pediu-lhes que a deixassem ser ela, afirmando ter um desejo irresistível de fazer chichi no chapéu dele. As outras cederam.

Joan tivera a esperança de embolsar cinco ou dez mil. Não que lhe fizessem verdadeiramente falta, mas tratava-se de notas, de dinheiro a sério. Loretta não ficara tão encantada com Dante como as outras. A sua vida nos cabarets de Las Vegas imunizara-a em parte contra homens como ele. Eram todos demasiado cheios de surpresas, a maior parte delas desagradáveis.

Estavam instaladas numa suite com três quartos no Xanadu. Ficavam sempre juntas nestas saídas, em parte por razões de segurança, em parte para poderem conversar a respeito da suas aventuras. Tinham instituído como regra nunca passarem a noite inteira com os homens que "engatassem".

Foi pois Julia quem ficou com Dante, que não teve voto na matéria, embora tivesse preferido Loretta. Mas insistiu com Julia em que fossem para a sua suite, que ficava exactamente por baixo da delas.

- Depois acompanho-te à tua suite - disse, friamente. - Não vamos demorar mais de uma hora. Amanhã tenho de me levantar cedo.

Foi então que Julia compreendeu que ele as tomava por prostitutas amadoras.

Vem à minha suite - pediu. - Eu depois acompanho-te à tua.

Tens as tuas duas amigas lá em cima - disse Dante. - Como é que sei que não vão cair-me em cima para me sodomizarem? Afinal, sou um tipo pequenino.

Esta saída divertiu suficientemente Julia para a decidir a acompanhá-lo. Não tinha reparado na expressão zombeteira do sorriso dele. Pelo caminho, disse-lhe, em tom de brincadeira:

Quero fazer chichi no teu chapéu.

Se for bom para ti, vai ser bom para mim - respondeu-lhe Dante, com uma cara absolutamente séria.

Uma vez na suite, houve muito pouca conversa. Julia atirou a bolsa para cima do sofá e puxou para baixo as alças do vestido, de modo a expor os seios, que eram a parte melhor do seu corpo. Dante, porém, parecia ser a excepção: um homem

que não se interessava por mamas.

Levou-a para o quarto e arrancou-lhe o vestido e a roupa interior.

Quando ficou nua, despiu-se ele também. Julia reparou que tinha um pénis curto, grosso e não circuncidado.

- Vais ter de usar um preservativo - disse.

Dante atirou-a para cima da cama. Julia era uma mulher robusta, mas ele pegou nela e atirou-a aparentemente sem esforço. Depois montou-a.

- Insisto em que uses um preservativo. Estou a falar a sério.

No momento seguinte, uma luz ofuscante pareceu explodir-lhe na cabeça. Apercebeu-se de que ele lhe batera com tanta força que quase perdera os sentidos. Tentou libertar-se, mas, para um homem tão pequeno, ele era incrivelmente forte. Sentiu mais duas bofetadas que lhe deixaram a cara a arder e lhe fizeram doer os dentes. Depois sentiu-o penetrá-la. As investidas dele duraram apenas alguns segundos, após o que se deixou cair em cima dela.

Ficaram assim imóveis por alguns instantes, e então ele começou a virá-la. Julia viu que mantinha a erecção e percebeu que pretendia penetrá-la analmente. Murmurou-lhe ao ouvido:

- Adoro isso, querido, mas deixa-me ir buscar um pouco de vaselina à minha bolsa.

Ele deixou-a deslizar para fora da cama e dirigir-se à sala de entrada.

Depois seguiu-a até à porta do quarto. Continuavam ambos nus, e Dante continuava com uma erecção.

Julia procurou dentro da bolsa e então, com um floreado dramático, mostrou uma diminuta pistola prateada. Era um adereço de um dos filmes em que participara e sempre tivera fantasias quanto a usá-la numa situação da vida real. Apontou-a a Dante, adoptando a posição semi-agachada que lhe tinham ensinado no filme, e anunciou:

- Vou vestir-me e sair. Se tentares impedir-me, disparo.

Para sua surpresa, Dante, completamente nu, lançou uma gargalhada bem humorada. Mas Julia notou, com satisfação, que ele perdera imediatamente a erecção.

Estava a delirar com a situação. Imaginava-se lá em cima, com Joan e Loretta, e como as três ririam à custa de tudo aquilo. Tentou reunir coragem suficiente para lhe pedir o chapéu, para poder urinar nele.

Nesse instante, porém, Dante surpreendeu-a. Tinha começado a avançar para ela, devagar. Sorrindo amavelmente, disse-lhe:

- E um calibre tão pequeno que não conseguirá deter-me, a menos que tenhas sorte e me acertes na cabeça. Nunca uses uma arma pequena.

Podes meter-me três balas no corpo e depois eu estrangulo-te. Além disso, está a pegar nessa arma da maneira errada, não precisas de te agachar, ela não dá coice. Além disso, o mais certo é nem sequer me acertares, essas porcarias são muito pouco certeiras. Portanto, atira isso fora e vamos conversar. Depois podes ir-te embora.

Continuou a avançar para ela, de modo que Julia atirou a pistola para cima do sofá. Dante pegou-lhe, examinou-a e abanou a cabeça:

- Uma arma de brincar? - disse. - É a maneira mais segura de ser morto. - Continuou a abanar a cabeça, numa reprovação quase afectuosa. -

Muito bem, se fosses uma pega a sério, isto seria uma arma a sério.

Portanto, quem és tu?

Empurrou Julia para o sofá e imobilizou-a com uma perna, espetando-lhe o pé entre as coxas. Depois abriu a bolsa dela e espalhou o conteúdo em cima da pequena mesa de café. Procurou dentro dos compartimentos e tirou a carteira com os cartões de crédito e a carta de condução. Estudou-os atentamente e então sorriu, de pura delícia.

Tira essa peruca - ordenou. Depois pegou na pequena toalha que cobria a mesa e limpou-lhe a maquilhagem.

Jesus Cristo, és a Julia Deleree! - exclamou Dante. - Estive a foder uma estrela

de cinema! - Deu outra gargalhada deliciada. - Podes mijar no meu chapéu sempre que quiseres.

Estava a enfiar-lhe os dedos dos pés entre as coxas. Estendeu uma mão e levantou-a.

- Não tenhas medo - disse.

Beijou-a, e então fê-la voltar-se empurrou-a de modo a ficar dobrada sobre as costas do sofá, com os seios pendentes e as nádegas levantadas para ele.

- Prometeste que me deixavas ir - protestou Julia, a choramingar.

Dante estava a beijar-lhe as nádegas, a explorá-la com os dedos. Então penetrou-a selvaticamente e ela gritou de dor. Quando acabou, deu-lhe uma palmadinha afectuosa no traseiro.

- Podes vestir-te - disse. - Desculpa ter faltado à minha palavra, mas não podia perder a oportunidade de dizer aos meus amigos que comi o magnífico cu de Julia Deleree!

Cross deixara instruções na recepção para que o acordassem cedo. Ia ter um dia muito ocupado. Tinha de retirar todos os vales assinados por Dante da caixa do casino e tratar da papelada necessária para os fazer desaparecer.

Tinha de pegar nos livros de registo dos chefes de mesa e mandá-los corrigir.

Depois tinha de tomar medidas para que os documentos do Rolls de Big Tim fossem anulados. Giorgio fizera as coisas de maneira que a transferência de propriedade só fosse efectiva passados trinta dias. Era puro Giorgio no seu melhor.

No meio de tudo isto, foi interrompido por um telefonema de Loretta Lang. Estava no hotel e precisava de falar com ele urgentemente. Pensando que talvez fosse alguma coisa relacionada com Claudia, Cross ordenou à segurança que a levasse à penthouse.

Loretta beijou-o em ambas as faces e depois contou-lhe tudo o que se passara entre Julia e Dante. Disse que o homem se apresentara com o nome de Steve Sharpe e perdera cem mil dólares na mesa de dados. Tinham ficado

impressionadas, e Julia decidira ir para a cama com ele. As três tinham ido ao Xa-nadu apenas para se divertirem um pouco e passarem uma noite a jogar. Agora estavam aterrorizadas com a possibilidade de Steve provocar um escândalo.

Cross assentiu com a cabeça, compreensivamente. Estava a pensar. Que estupidez da parte de Dante fazer uma coisa daquelas antes de uma operação tão importante, e ainda por cima o filho da mãe andava a distribuir fichas pretas às tipas que engatava.

- Conheço o homem, claro - disse calmamente a Loretta. - Quem são as outras duas que estão contigo?

Loretta sabia que era melhor não brincar com Cross. Disse-lhe os dois nomes. Cross sorriu.

Fazem isto com muita frequência?

Temos de nos divertir um pouco - respondeu Loretta. Cross dirigiu-

-lhe um sorriso de compreensão.

OK - disse. - A tua amiga foi ao quarto dele. Despiu-se. Agora quer pôr-se aos berros porque foi violada? Como é que é?

Não, não! - respondeu Loretta, apressadamente. - Tudo o que queremos é que ele fique calado. Se fala, pode ser um desastre total para as nossas carreiras.

Não falará - prometeu Cross. - É um tipo esquisito. Não gosta de dar nas vistas. Mas aceita o meu conselho, não tornem a envolver-se com ele. Vocês deviam ter mais cuidado.

Loretta ficou irritada com este último comentário. As três mulheres tinham decidido não desistir das suas surtidas. Não iam deixar-se assustar por um precalço. Na verdade, não acontecera nada de verdadeiramente terrível.

Como é que sabes que ele não falará? - perguntou. Cross olhou gravemente para ela.

Vou pedir-lhe que me faça esse favor - disse.

Quando ela saiu, Cross pediu o arquivo da câmara oculta, que mostrava todos os hóspedes no momento em que se registavam na recepção. Estudou as fotografias. Agora que sabia, era fácil penetrar os disfarces das duas mulheres que acompanhavam Loretta. Fora estúpido da parte de Dante não ter pedido essa informação.

Pippi subiu à penthouse para almoçar com o filho antes de seguir para Los Angeles, onde ia verificar os aspectos logísticos da operação Big Tim.

Cross repetiu-lhe a história que Loretta lhe tinha contado.

Pippi abanou a cabeça.

- O grande filho da mãe podia ter arruinado toda a operação alterando o calendário que combinámos. E continua a usar aquele estupor daquele chapéu, depois de eu lhe ter dito para não o fazer.

Tem muito cuidado nesta operação - aconselhou Cross. - Mantém o Dante debaixo de olho.

Fui eu que a planeei, ele não consegue lixá-la - respondeu Pippi.

- E quando me encontrar com ele em L. A., esta noite, dou-lhe outra ensaboadela.

Cross contou-lhe como Giorgio tinha preparado os papéis de tal maneira que Big Tim só poderia tomar legalmente posse do carro dentro de um mês, de modo que, quando ele morresse, o hotel recuperaria o Rolls.

- Típico do Giorgio - disse Pippi. - O Don havia de deixar que os filhos herdassem o carro.

Big Tim "the Rustler" Snedden deixou Las Vegas dois dias mais tarde, deixando sessenta mil dólares em vales na caixa do Xanadu. Apanhou o último avião da tarde para Los Angeles, dirigiu-se ao seu escritório, trabalhou durante algumas horas e em seguida foi de carro até Santa Monica, para jantar com a ex-mulher e os dois filhos. Levava os bolsos atafulhados de maços de notas de cinco dólares, que deu aos garotos juntamente com uma caixa de cartão cheia até meio de dólares de prata. Entregou à mulher o cheque da pensão de alimentos, sem o qual não seria autorizado a ver os filhos. Tentou trabalhá-la com falinhas doces,

depois de os miúdos se terem ido deitar, mas ela recusou-se a ir para a cama com ele, o que no fundo até nem lhe apetecia, depois de Las Vegas.

O dia seguinte foi verdadeiramente atarefado para Big Tim. Dois agentes do IRS tentaram convencê-lo com ameaças a pagar alguns impostos atrasados que estavam em contencioso. Big Tim disse-lhes que ia a tribunal e pô-los na rua. Depois teve de visitar um armazém de produtos enlatados e um outro de medicamentos de venda livre, tudo comprado a um preço baixíssimo porque os prazos de validade estavam a expirar. Aqueles prazos de validade teriam de ser alterados. Ao almoço, encontrou-se com o vice-presidente de uma cadeia de supermercados, que estava disposto a comprar os produtos em causa.

Durante a refeição entregou ao vice-presidente um sobrescrito que continha dez mil dólares.

Depois do almoço recebeu a visita surpresa de dois agentes do FBI que queriam fazer-lhe perguntas a respeito do seu relacionamento com um congressista que andava a ser investigado. Big Tim disse-lhes que se fossem lixar.

Big Tim "the Rustler" nunca soubera o que fosse o medo. Talvez por ser tão grande, ou por lhe faltar um pedaço do cérebro. Porque não só desconhecia o medo físico, como também ignorava o medo mental.

Tomara a ofensiva, não apenas contra os homens, mas contra a própria Natureza. Quando os médicos lhe disseram que a comida havia de matá-lo e que tinha de seguir uma dieta séria, optara em vez disso por fazer um bypass ao estômago, uma operação relativamente arriscada. E funcionara perfeitamente. Agora comia tudo o que queria sem efeitos perniciosos aparentes. Construíra o seu império financeiro da mesma maneira. Fazia contratos que se recusava a cumprir quando deixavam de dar lucro, traía sócios e amigos. Toda a gente o processava, mas todos tinham de chegar a acordo por menos do que teriam recebido nos termos do negócio original. Era uma vida de êxito para alguém que não tomava quaisquer precauções relativamente ao futuro. Pensava sempre que no fim havia de ganhar. Podia sempre deixar falir as empresas e troçar das animosidades pessoais. Com as mulheres era ainda mais impiedoso. Prometia-lhes centros comerciais inteiros, apartamentos, bou-tiques. No fim, acabavam por se contentar com uma pequena jóia no Natal, um cheque pelos anos. Somas significativas, mas não as promessas originais. Big Tim não queria relacionamentos. Tudo o que queria era ter a certeza que poderia levar uma

mulher para a cama sempre que lhe apetecesse.

Big Tim adorava toda esta excitação, era o que tornava a vida interessante. Houvera o caso de um corretor de apostas independente, de L. A., a quem ele ficara a dever setenta mil dólares de uma aposta num jogo de futebol. O homem apontara-lhe uma pistola à cabeça. Big Tim dissera-lhe:

"Vai-te foder!", e em seguida oferecera-lhe dez mil dólares para liquidar a dívida. O corretor aceitara.

A sua fortuna, a sua saúde de ferro, o seu tamanho imponente, a sua incapacidade de sentir culpa faziam que Big Tim fosse bem sucedido em tudo o que tocasse. A sua convicção de que toda a humanidade podia ser corrompida dava-lhe um certo ar de inocência, que era útil não só com as mulheres, mas também nos tribunais. E o seu gosto pela vida dava-lhe um certo encanto. Era um batoteiro que deixava os adversários espreitarem-lhe as cartas.

Por isso Big Tim não se preocupou sequer com o aspecto misterioso da combinação que Pippi De Lena fizera para essa noite. O homem era um fura-vidas, como ele, e havia maneiras de lidar com os fura-vidas. Grandes promessas e pequenas recompensas.

Quanto a Steve Sharpe, Big Tim farejava ali uma grande oportunidade, uma golpada para durar anos. O homenzinho perdera pelo menos meio milhão num único dia, nas mesas que tinha observado. O que significava que dispunha de uma enorme linha de crédito no casino e devia estar em posição de ganhar uma grande quantidade de dinheiro sujo. Seria perfeito para a golpada da Super Bowl. Não só podia entrar com o dinheiro para apostar, como tinha a confiança dos corretores. Ao fim e ao cabo, aqueles tipos não aceitavam apostas gigantescas de qualquer um.

Então, Big Tim pôs-se a sonhar com a sua próxima visita a Las Vegas.

Finalmente, ia ter uma villa. Perguntou a si mesmo quem devia levar como convidados. Negócios ou prazer? Futuras vítimas ou talvez só mulheres?

Finalmente, eram horas de ir jantar com Pippi e Steve Sharpe. Telefonou à mulher e aos filhos, para tagarelar um pouco, e pôs-se a caminho.

O jantar estava combinado para um pequeno restaurante especializado em peixe

na zona das docas de L. A. Não havia serviço de arrumador, de modo que Big Tim deixou o carro num parque de estacionamento.

No restaurante, foi recebido por um minúsculo maitre, que lhe lançou um olhar e o conduziu a uma mesa onde Pippi De Lena já o aguardava.

Big Tim, que era um perito do abraccio, tomou Pippi nos braços.

- Onde está o Steve? Anda a reinar comigo? Não tenho tempo para esse género de tretas.

Pippi pôs a funcionar todo o seu charme. Deu uma palmada no ombro de Big Tim.

- Então e eu? Não conto para nada? Sente-se e saboreie o melhor jantar de peixe de toda a sua vida. Encontramo-nos com o Steve mais tarde.

Quando o maitre se aproximou para tomar nota da encomenda, Pippi disse-lhe:

- Queremos o melhor de tudo e o máximo de tudo. Aqui este meu amigo é um campeão a comer, se ele se levanta desta mesa com fome, tenho uma conversa com o Vincent.

O maitre sorriu confiantemente; conhecia a qualidade da sua cozinha.

Aquele restaurante fazia parte do império de Vincent Clericuzio. Quando a polícia tentasse seguir os passos de Big Tim, esbarraria ali com uma parede de pedra.

Comeram sucessivamente amêijoas, mexilhões, gambas e depois lagostas: três para Big Tim e uma para Pippi, que ficou despachado muito antes do companheiro.

Esse tipo é meu amigo - disse Pippi, enquanto Big Tim comia -

e posso dizer-lhe agora que é um dos grandes da droga. Se isso o assusta, mais vale dizer-me já.

Assusta-me tanto como esta lagosta! - respondeu Big Tim, agitando uma pata meio comida do animal diante da cara de Pippi. - Que mais?

Tem sempre necessidade de branquear dinheiro sujo - continuou Pippi. - O negócio terá de incluir esse aspecto.

Big Tim estava a saborear a comida, sentindo todos os aromas do mar a invadirem-lhe as narinas.

Óptimo, já sabia disso! Mas onde raios se meteu ele?

Está no iate. Não quer que ninguém os veja juntos. Também é no seu interesse. O Steve é um tipo muito cauteloso.

- Quero lá saber de quem me vê com ele! O que quero é ver-me a mim com ele!

Finalmente, tinha acabado. A sobremesa foi fruta, com um café expresso. Pippi descascou-lhe habilmente uma pêra. Tim pediu mais um café.

- Para me manter acordado - explicou. - Aquela terceira lagosta quase deu cabo de mim.

Não foi apresentada qualquer conta. Pippi deixou uma nota de vinte dólares em cima da mesa e os dois homens saíram do restaurante, enquanto o maítre aplaudia silenciosamente o desempenho de Big Tim à mesa.

Pippi guiou o companheiro até um pequeno carro alugado, no qual Big Tim se acomodou com muita dificuldade.

Céus, não tinham dinheiro para um carro maior? -protestou.

É muito perto - respondeu Pippi, conciliadoramente. E foi, de facto, uma viagem de apenas cinco minutos. Por essa altura a escuridão era completa, exceptuando as luzes de um pequeno iate ancorado ao cais.

A prancha de acesso estava no seu lugar, guardada por um homem quase tão grande como Tim. Havia outro homem no convés mais afastado. Pippi e Big Tim subiram a prancha e entraram no iate. Nesse momento Dante apareceu no convés e avançou para lhes apertar a mão. Usava o seu chapéu renascentista, que defendeu bem humoradamente quando Big Tim tentou apoderar-se dele.

Dante conduziu-os para uma cabine situada abaixo do convés e decorada como uma sala de jantar. Sentaram-se à volta da mesa, em confortáveis cadeiras

aparafusadas ao chão.

Em cima da mesa havia diversas garrafas com bebidas, um balde de gelo e uma bandeja com copos. Pippi serviu brandy para os três.

Nesse instante os motores foram ligados e o iate começou a mover-se.

Aonde raios vamos nós? - quis saber Big Tim.

Só dar uma volta para apanhar um pouco de ar fresco - respondeu Dante, suavemente. - Quando estivermos no mar alto, podemos ir para o convés.

Big Tim não era assim tão confiante, mas tinha fé em si mesmo, em que podia fazer frente a qualquer coisa que lhe acontecesse no futuro. Aceitou a explicação.

Tim - disse Dante -, segundo bem entendi, quer entrar em negócios comigo.

Não, você é que quer entrar em negócios comigo! - respondeu Big Tim, com espalhafatoso bom humor. - O espectáculo é meu. Você fica com o seu dinheiro lavado sem ter de pagar mais por isso. E ainda ganha uma porção dele extra. Tenho um centro comercial que estou a construir nos arredores de Fresno e posso ceder-lhe uma parte por cinco ou dez milhões. Tenho sempre montes de outros negócios.

Isso parece bom - comentou Pippi De Lena. Big Tim lançou-lhe um olhar gelado.

Qual é o seu papel nesta história? Já andava para perguntar.

- É meu sócio - explicou Dante. - O meu conselheiro. Eu tenho o dinheiro, mas ele tem os miolos. - Fez uma pausa e acrescentou, sinceramente. - Disse-me muito bem de si, Tim, é por isso que estamos a falar.

O iate navegava agora muito depressa; os copos tilintavam na bandeja.

Big Tim debatia consigo mesmo se devia ou não meter aquele tipo no golpe da Super Bowl. Então teve um dos seus palpites, e eles nunca lhe saíam errados. Recostou-se na cadeira, bebericou o brandy e lançou aos dois homens um olhar sério e interrogativo, um olhar que usava muitas vezes e que tinha até ensaiado.

O olhar de um homem prestes a dar a sua confiança. No tom confidencial com que um velho amigo anunciaria "Ouçam, rapazes, vou contar-lhes um segredo", disse:

Mas primeiro, vamos ou não fazer negócio? Quer uma parte do centro comercial?

Quero - respondeu Dante. - Os nossos advogados podem entrar em contacto amanhã e eu avanço já algum dinheiro, como sinal de boa fé.

Big Tim despejou o copo de brandy e inclinou-se para a frente.

- Posso "manobrar" a Super Bowl - declarou. Com um floreado dramático, indicou a Pippi que voltasse a encher-lhe o copo. Ficou deliciado com a expressão de assombro dos outros dois. - Pensam que é só conversa, não é?

Dante tirou o seu chapéu renascentista e olhou pensativamente para ele.

Acho que está a mijar no meu chapéu - disse, com um sorriso de reminiscência. - Muita gente tenta. Mas o Pippi é que é o perito nessa matéria.

Pippi?

Não pode ser feito - declarou Pippi. - Faltam oito meses para a Super Bowl e ainda nem sequer se sabe quem vai entrar.

Então vão-se lixar! - exclamou Big Tim. - Se não querem entrar numa coisa segura, por mim tudo bem. Mas estou a dizer-lhes que posso fazê-lo. Se não querem, muito bem, vamos tratar do centro. Mande o barco voltar para trás e parem de desperdiçar a porra do meu tempo!

Não seja tão peludo - pediu Pippi. - Explique-nos como é que a coisa funciona.

Big Tim despejou de um trago o copo de brandy e respondeu, num tom de pena.

- Não posso fazer isso. Mas dou-lhes uma garantia. Vocês apostam dez milhões e dividimos os lucros. Se alguma coisa correr mal, devolvo-

-lhes os dez milhões. Então, é justo ou não é?

Dante e Pippi trocaram sorrisos divertidos. Dante baixou a cabeça, e o chapéu renascentista fê-lo parecer um esquilo manhoso.

Devolve-me o dinheiro em notas? - perguntou.

Não exactamente. Compenso-o com outro negócio. Tiro dez milhões ao preço.

Suborna os jogadores? - perguntou Dante.

Não pode - declarou Pippi- - Esses ganham demasiado dinheiro.

Tem de ser os árbitros.

Big Tim estava entusiasmadíssimo.

Não posso dizer-lhes, mas é à prova de fogo. E que interessa o dinheiro? Pensem na glória. Será a maior golpada da história do desporto.

Sim, hão-de aplaudir-nos muito na prisão - atirou-lhe Dante.

E aí que está a beleza de eu não lhes dizer nada - declarou Big Tim.

- Eu vou para a prisão, vocês não. E os meus advogados são demasiado bons, e eu tenho demasiados conhecimentos.

Pela primeira vez, Dante afastou-se do guião estabelecido por Pippi.

Perguntou:

Já estamos suficientemente ao largo?

Sim - respondeu Pippi. - Mas acho que se conversarmos um pouco mais, aqui o Big Tim nos conta tudo.

Que se lixe o Tim - declarou Dante, com um sorriso amável. -

Ouviste esta, Big Tim? Quero saber como funciona o truque, e nada de tretas.

- O tom dele foi tão cheio de desprezo que o rosto de Big Tim ficou vermelho.

Seu pedaço de merda! - exclamou. - Pensas que és mais duro que o FBI, e o IRS,

e o mais lixado dos agiotas da Costa Oeste? Vou é cagar no teu chapéu!

Dante inclinou-se para trás na cadeira e bateu na parede da cabina.

Segundos mais tarde, dois homens grandes e de ar duro apareceram à porta e ficaram à espera. Em resposta, Big Tim pôs-se de pé e varreu a mesa com um gesto do braço. As garrafas, o balde de gelo e a bandeja com copos caíram estrepitosamente no chão.

- Não, Tim, ouça! - gritou Pippi. Queria poupar ao homem sofrimentos desnecessários. Além disso, também não queria ser ele a disparar, isso não fazia parte do plano. Mas Big Tim já saltava para a porta, pronto a dar batalha.

Então, subitamente, Dante deslizou por entre os braços de Big Tim, como que a aninhar-se contra o seu corpo enorme. Quando se separaram, Big Tim caiu de joelhos. Oferecia um espectáculo assustador. Metade da camisa fora cortada e no lugar onde estivera o seu peludo mamilo direito havia agora apenas uma grande mancha escarlate de onde o sangue jorrava aos borbotões.

Na mão de Dante estava a faca que tinha usado, com a larga lâmina vermelha de sangue até ao cabo.

Sentem-no na cadeira - ordenou Dante aos guardas, e depois pegou na toalha da mesa para estancar a sangria. Big Tim ficara meio inconsciente com o choque.

Podias ter esperado - disse Pippi.

Não - respondeu Dante. - Ele é um tipo duro. Vejamos até que ponto.

Vou preparar as coisas no convés - anunciou Pippi. Não queria assistir. Nunca torturara ninguém. Não havia na verdade segredos suficientemente importantes para justificarem esse tipo de coisa. Quando se matava um homem, limitávamo-nos a afastá-lo deste mundo, para que não pudesse prejudicar-nos.

No convés, viu que dois dos seus homens tinham já as coisas preparadas.

A gaiola de aço estava pronta e presa ao gancho da grua, com as barras móveis fechadas. O convés tinha sido coberto por uma folha de plástico.

Aspirou o ar que cheirava a sal, contemplou o oceano, púrpura e quase imóvel

sob o manto da noite. O iate começou a abrandar, até que se deteve completamente.

Pippi ficou a olhar para a água durante uns bons quinze minutos antes que os homens que tinham ficado de guarda à porta aparecessem transportando o corpo de Big Tim. O espectáculo era tão terrível que Pippi desviou os olhos.

Os quatro homens meteram o corpo de Big Tim na gaiola e desceram-na até à água. Um deles ajustou as barras de modo que as criaturas das profundezas pudessem entrar e devorar o cadáver. Então o gancho foi solto e a gaiola mergulhou para o fundo do mar.

Antes que o sol nascesse, restaria apenas o esqueleto de Big Tim "the Rustler", nadando eternamente na sua gaiola no fundo do oceano.

Dante apareceu no convés. Tomara obviamente um duche e mudara de roupa. Por baixo do chapéu renascentista, os seus cabelos estavam húmidos e brilhantes. Não havia vestígios de sangue.

Então já lhe deram a Comunhão - disse. - Podiam ter esperado por mim.

Ele falou? -perguntou Pippi.

Oh, claro! - respondeu Dante. - A ideia era até muito simples.

Só que desconfio que o tipo não passou de um aldrabão até ao fim.

No dia seguinte, Pippi voou para Leste para fazer ao Don e a Giorgio um relatório completo.

O homem era louco - disse. - Tinha subornado o dono da empresa que fornece as refeições e as bebidas às equipas que participam na Super Bowl. Iam usar drogas de modo a fazer que a equipa contra a qual queriam apostar fosse ficando cada vez mais fraca à medida que o jogo decorresse.

Os treinadores e os jogadores haviam de dar por isso, mesmo que o público não desse, e o FBI também. Tinha razão, tio, o escândalo arruinaria o nosso programa, talvez para sempre.

O tipo era idiota? -perguntou Giorgio.

Penso que queria tornar-se famoso. Rico não era o suficiente.

E os outros envolvidos no esquema? - inquiriu o Don.

Quando virem que o Big Tim não aparece, vão ficar quietos - assegurou Pippi.

Concordo - disse Giorgio.

- Muito bem - assentiu o Don. - E o meu neto, portou-se bem?

Parecia uma pergunta casual, mas Pippi conhecia o Don suficientemente bem para saber que aquilo era um assunto muito sério. Respondeu o mais cautelosamente que pôde, mas com um certo objectivo.

Disse-lhe para não usar um dos seus chapéus nesta operação em Vegas e em L. A. Não me ligou nenhuma. Depois, não seguiu o plano que tinha ficado combinado. Podíamos ter conseguido a informação com um pouco mais de conversa, mas ele queria sangue. Cortou o desgraçado aos bocados. Cortou-lhe a pica, e os tomates, e os peitos. Não era necessário.

Ele gosta de fazer estas coisas, e isso é muito perigoso para a Família.

Alguém tem de falar a sério com ele.

Vai ter de ser o pai - disse Giorgio ao Don. - Ele não liga ao que eu lhe digo.

Don Domenico ponderou longamente.

- E novo, há-de passar-lhe.

Pippi percebeu que o Don não faria coisa alguma. Falou-lhes então da indiscrição de Dante com a estrela de cinema na noite anterior à operação.

Viu que o Don tinha como que um sobressalto e Giorgio fazia uma careta de desagrado. Seguiu-se um longo silêncio. Pippi perguntou a si mesmo se não teria ido demasiado longe.

Finalmente, o Don abanou a cabeça e disse:

- Pippi, planeaste tudo bem, como sempre, mas podes ficar descansado. Nunca mais terás de voltar a trabalhar com o Dante. Mas tens de compreender, ele é o

único filho da minha filha. Eu e o Giorgio temos de arranjar-nos o melhor que pudermos com ele. A idade há-de dar-lhe juízo.

Cross De Lena sentou-se na varanda da sua suite no terraço do Xanadu Hotel e analisou os riscos da linha de acção que se propunha seguir. Daquele ponto elevado, podia ver toda a extensão da Strip, a linha ininterrupta de luxuosos casinos-hotéis de ambos os lados, as multidões que se acotovelavam na rua. Via os jogadores no campo de golfe do Xanadu, tentando supersticiosamente conseguir um "hole in one" 15 que lhes garantisse a vitória nas mesas de jogo horas mais tarde.

Primeiro perigo: naquela operação Boz Skannet, ia desencadear uma acção crucial sem o consentimento prévio da Família Clericuzio. Era ele, é certo, o barão administrativo do Distrito Ocidental, que incluía o Nevada e a região Sul da Califórnia. Era verdade que os Barões operavam independentemente em muitas áreas e não se encontravam estritamente sob o controlo dos Clericuzio, desde que deixassem a Família molhar o bico com uma percentagem dos lucros. Mas havia regras estritas. Nenhum barão, ou bruglione, podia embarcar 15 Mais uma expressão do golfe que significa enfiar a bola de um buraco no seguinte com uma única tacada.

numa operação daquela envergadura sem a aprovação dos Clericuzio. Por uma simples razão. Se o barão o fizesse e se metesse em sarilhos, não teria direito a qualquer espécie de indulgência por parte do Ministério Público, não haveria qualquer intervenção judicial. Além disso, não receberia qualquer apoio contra um eventual adversário ou rival que surgisse no seu território, e o seu dinheiro não seria lavado e posto de lado para quando fosse velho.

Cross sabia que devia falar com o Don e com Giorgio para lhes pedir umOK.

Aquela operação podia ser tremendamente delicada. E ele estava a arriscar parte da sua quota de 51% no Xanadu, que lhe fora deixada por Gronevelt, para levar a cabo o negócio do filme. Era, sem dúvida, dinheiro seu, mas era dinheiro aliado aos interesses ocultos que os Clericuzio tinham no hotel. E era dinheiro que os Clericuzio o tinham ajudado a ganhar. Uma das manias, curiosa mas de certa maneira muito humana, dos Clericuzio era manifestarem um interesse de proprietário nas fortunas dos seus subordinados. Iam ficar ofendidos por ele investir aquele dinheiro sem lhes pedir conselho. Este hábito, embora não tivesse qualquer base legal, assemelhava-se à cortesia medieval: nenhum barão podia

vender o seu castelo sem o consentimento do rei.

E o volume de dinheiro envolvido era também um factor. Cross herdara a percentagem de Gronevelt, e o Xanadu valia um bilião de dólares.

Mas ele estava a arriscar cinquenta milhões, e ia investir outros cinquenta, perfazendo um total de cem milhões. O risco financeiro era enorme. E os Clericuzio eram notoriamente prudentes e conservadores, como na realidade tinham de ser para sobreviverem no mundo em que se moviam.

Cross lembrou-se de outra coisa. Muito tempo antes, quando as Famílias Clericuzio e Santadio mantinham ainda boas relações, tinham conseguido pôr um pé na indústria do cinema. Mas a coisa não correra muito bem. Quando o império dos Santadio fora esmagado, Don Clericuzio ordenara a cessação de todas as tentativas de infiltrar essa área. "Essa gente é demasiado esperta", dissera o Don. "E não têm medo, porque os lucros são muito altos. Teríamos de matá-los a todos, e depois não saberíamos dirigir o negócio. É mais complicado do que a droga."

Não, decidiu Cross. Se pedisse autorização, recusar-lha-iam. E nesse caso ser-lhe-ia impossível ir para a frente. Quando acabasse, poderia penitenciar-se, poderia deixar os Clericuzio afogarem o bico nos lucros; o êxito desculpava com frequência os pecados mais impudentes. E se falhasse, então o mais certo seria estar liquidado, de qualquer maneira, com aprovação ou sem ela. O que suscitava uma última dúvida.

Por que razão queria fazer aquilo? Recordou a frase de Gronevelt: "Tem cuidado com as donzelas em perigo." Bom, já encontrara donzelas em perigo noutras alturas e sempre as deixara à mercê dos seus dragões. Vegas estava cheia de donzelas em perigo.

Porém, ele sabia. Ansiava pela beleza de Athena Aquitane. Não apenas a perfeição do seu rosto, dos seus olhos, dos seus cabelos, das suas pernas, dos seus seios. Ansiava por ver a expressão de inteligência e ternura nos olhos dela, nos próprios ossos do rosto, na curva delicada dos lábios. Sentia que se pudesse conhecê-la, estar na presença dela, o mundo inteiro ganharia uma luz diferente, o sol um novo calor. Viu o oceano atrás dela, rolando em ondas verdes coroadas de espuma, como um halo em torno da sua cabeça. E o pensamento insinuou-se-lhe no espírito: Athena era a mulher que a mãe tinha sonhado ser.

Espantado, sentiu-se invadido por um desejo irresistível de a ver, de estar com ela, de lhe ouvir a voz, de a ver mover-se. E então pensou: Oh, merda, é então por isso que quero fazer esta coisa?

Aceitou isso e ficou contente por conhecer finalmente a verdadeira razão das suas acções. Tornava-o mais resoluto e permitia-lhe focar melhor as ideias.

No momento presente, o principal problema era operacional. Esquece Athena.

Esquece os Clericuzio. Havia o difícil problema de Boz Skannet, um problema que tinha de ser resolvido rapidamente.

Cross sabia que se colocara a si mesmo numa posição demasiado exposta, o que era outra complicação. Beneficiar publicamente se acontecesse alguma coisa a Skannet seria perigoso.

Chegou finalmente a uma conclusão quanto às três pessoas de que precisava para a operação planeada. A primeira era Andrew Pollard, proprietário da Pacific Ocean Security e que já estava envolvido em toda aquela trapalhada. A segunda era Lia Vazi, o vigilante da cabana de caça dos Clericuzio nas montanhas do Nevada. O terceiro homem era Leonard Sossa, um falsificador reformado que a Família mantinha sob avença para quando fosse necessário. Todos os três estavam sob a sua jurisdição, como bruglione do Oeste.

Dois dias mais tarde, Andrew Pollard recebia um telefonema de Cross De Lena.

Ouvi dizer que anda a trabalhar demasiado - disse-lhe Cross. -

Que tal umas pequenas férias em Vegas? Com direito a privilégios QCB.

Traga a sua mulher. E se se sentir aborrecido, apareça no meu escritório para uma conversa.

Obrigado - respondeu Pollard. - De momento estou ocupadíssimo, mas que tal para a semana?

Claro - anuiu Cross. - Só que nessa altura não estarei na cidade, de modo que não poderei vê-lo.

Sendo assim, vou amanhã.

Óptimo - disse Cross, e desligou.

Pollard recostou-se na cadeira, pensativo. O convite fora uma ordem.

Ia ter de andar com muito cuidado.

Leonard Sossa saboreava a vida como só um homem salvo de uma terrível sentença de morte pode saboreá-la. Saboreava cada nascer do sol e saboreava cada ocaso. Saboreava o crescer da erva e saboreava as vacas que a comiam. Saboreava a visão de mulheres bonitas, de jovens confiantes e de crianças inteligentes. Saboreava uma fatia de pão, um copo de vinho, um pedaço de queijo.

Vinte anos antes, o FBI tinha-o prendido por falsificar notas de cem dólares para a agora extinta Família Santadio. Os cúmplices tinham chegado a acordo com as autoridades admitindo uma culpa menor, tinham-no traído, e ele convencera-se de que a flor da sua vida ia murchar e morrer entre as quatro paredes de uma cela. Falsificar dinheiro era um crime muito mais perigoso do que violar, matar ou incendiar. O falsificador de dinheiro atacava a própria engrenagem do governo. Os outros criminosos eram apenas carniceiros que arrancavam um pedaço à carcaça desse gigantesco animal que era a amorfa e dispensável cadeia humana. Não esperara misericórdia, e nenhuma lhe fora oferecida. Leonard Sossa fora condenado a vinte anos.

Cumpriu apenas um. Um colega de prisão, maravilhado pela habilidade de Sossa, pelo seu génio com a tinta, o lápis e a caneta, recrutou-o para a Família Clericuzio.

Subitamente, tinha um novo advogado. Subitamente, tinha no exterior um médico que nunca vira. Subitamente, houve um pedido de clemência com base no facto de a sua capacidade mental se ter deteriorado ao nível da de uma criança, pelo que já não constituía uma ameaça para a sociedade.

Subitamente, Leonard Sossa era um homem livre e um empregado da Família Clericuzio.

A Família tinha necessidade de um falsificador de primeira água. Não para falsificar dinheiro, pois sabiam que isso era, para as autoridades, um crime imperdoável. Precisavam de um falsificador para tarefas muito mais importantes. Nas montanhas de papelada com que Giorgio tinha de lidar, fazendo

malabarismos com empresas nacionais e internacionais, assinando documentos legais com o nome de pessoas que não existiam, depositando e levantando grandes somas, era necessária uma grande variedade de assinaturas e de imitações de assinaturas. Depois, à medida que o tempo foi passando, outros usos foram sendo descobertos para as capacidades de Leonard.

O Xanadu Hotel recorria a elas com grande proveito. Quando um dos grandes jogadores morria e deixava dívidas na caixa, Sossa era chamado para assinar mais um milhão de dólares em vales. Como é evidente, os herdeiros do falecido não pagavam estes vales. O que permitia que todo esse valor fosse classificado como prejuízos do exercício e deduzido dos impostos. Isto acontecia muito mais frequentemente do que seria natural. O prazer parecia envolver uma alta taxa de mortalidade. Fazia-se o mesmo com os jogadores que se recusavam a pagar as suas dívidas ou tentavam pagar alguns cênti-mos por cada dólar.

Por tudo isto, Leonard Sossa recebia cem mil dólares anuais, estando proibido de fazer qualquer outra espécie de trabalho, muito especialmente falsificar notas. Isto enquadrava-se na política geral da Família. Os Clericuzio tinham uma regra que proibia todos os seus dependentes de se envolverem em casos de falsificação ou rapto. Estes eram os crimes que levavam as autoridades federais a atacar com uma força esmagadora. Os ganhos pura e simplesmente não compensavam os riscos.

Assim, durante vinte anos. Leonard Sossa gozou a vida de um artista na sua pequena casa aninhada em Topanga Canyon, não muito longe de Malibu. Tinha um pequeno jardim, uma cabra, um gato e um cão. Durante o dia pintava, à noite bebia. Havia um fornecimento inesgotável de belas jovens que viviam no Canyon e eram espíritos livres e colegas de arte.

Sossa nunca saía do Canyon a não ser para fazer compras em Santa Monica ou quando era chamado pela Família, o que acontecia em geral duas vezes por mês e sempre por um período de poucos dias. Executava o que lhe mandavam e nunca fazia perguntas. Era um bom e valioso soldado da Família Clericuzio.

Por isso, quando um carro foi buscá-lo e o motorista lhe disse que levasse as suas ferramentas e roupa para alguns dias, Sossa soltou o cão, o gato e a cabra no Canyon e fechou a porta de casa à chave. Os animais saberiam cuidar de si mesmos; ao fim e ao cabo, não era o mesmo que crianças. Não que não gostasse deles, mas os animais tinham uma vida curta, sobretudo no Canyon, e estava

habituado a perdê-los. O ano passado na prisão fizera de Leonard Sossa um realista, e a sua inesperada libertação fizera dele um optimista.

Lia Vazzi, o vigilante da cabana de caça dos Clericuzio nas montanhas Sierra Nevada, chegara aos Estados Unidos quando tinha apenas trinta anos de idade e era o homem mais procurado de Itália. Nos dez anos que entretanto tinham decorrido, aprendera a falar inglês com apenas um ligeiro sotaque e sabia ler e escrever razoavelmente nessa língua. Na Sicília, nascera no seio de uma das Famílias mais poderosas e instruídas da ilha.

Quinze anos antes, Lia Vazzi era o chefe da Máfia em Palermo, um Homem Qualificado da mais alta condição. Mas fora demasiado longe.

O governo de Roma acabava de nomear um juiz de instrução e dotara-o de poderes extraordinários para acabar com a Máfia na Sicília. O juiz de instrução chegara a Palermo com a mulher e os filhos, protegido por forças do exército e uma horda de polícias. Fez um discurso incendiário, prometendo não mostrar qualquer espécie de misericórdia para com os criminosos que havia séculos dominavam a bela ilha da Sicília. Era tempo de a lei prevalecer, de serem os representantes eleitos do povo de Itália a decidir o futuro da Sicília, e não um bando de assassinos ignorantes com as suas vergonhosas sociedades secretas. Vazzi considerou este discurso um insulto pessoal.

O juiz de instrução, fortemente guardado dia e noite, começou a ouvir testemunhas e a passar mandatos de captura. O seu tribunal era uma fortaleza, a casa onde vivia estava cercada e defendida por forças do exército. Aparentemente, era impossível atingi-lo. Mas, passados três meses, Vazzi descobriu o itinerário que o juiz seguia, e que fora mantido secreto para evitar ataques de surpresa.

O juiz deslocara-se às principais povoações da Sicília para reunir provas e passar mandatos de captura. Ia agora regressar a Palermo, onde seria condecorado pelas suas heróicas tentativas de livrar a Sicília dessa praga que era a Máfia. Lia Vazzi e os seus homens minaram uma pequena ponte por onde o cortejo teria de passar. O juiz e os seus guarda-costas ficaram reduzidos a pedaços tão pequenos que os seus corpos tiveram de ser retirados da água com peneiras. O governo de Roma replicou com uma caçada maciça aos responsáveis, e Vazzi teve de passar à clandestinidade. Embora não houvesse provas, sabia que se caísse em poder das autoridades mais lhe valeria morrer. Ora, todos os anos os Clericuzio enviavam

Pippi De Lena à Sicília com a missão de recrutar homens para o Enclave do Bronx e soldados para a Família. Um dos dogmas da fé do Don era que só os Sicilianos, com a sua tradição multi-secular de omertà, davam garantias sólidas de que não se tornariam traidores. Os rapazes nascidos na América eram demasiado moles, demasiado cheios de vaidade, podiam facilmente ser levados a trair pelos procuradores mais agressivos, que estavam a mandar tantos brugliones para a prisão.

Como filosofia, a omertà era muito simples. Falar à polícia do que quer que fosse que pudesse prejudicar a Máfia era um pecado mortal. Se um clã rival da Máfia matasse o pai de um homem diante dos seus próprios olhos, esse homem estava proibido de informar a polícia. Se a própria pessoa fossa ferida a tiro e estivesse a morrer, estava proibida de informar a polícia. Se lhe roubassem a mula, a cabra ou as jóias, estava proibida de queixar-se à polícia. As autoridades eram o Grande Satã, para o qual um verdadeiro siciliano nunca podia voltar-se. A Máfia e a Família eram os vingadores.

Dez anos antes, Pippi De Lena levara o filho, Cross, na sua viagem anual à Sicília, como parte da sua instrução. Na realidade, tratava-se mais de escolher do que de recrutar, pois havia centenas de homens cujo maior sonho era ir para a América.

Deslocaram-se a uma pequena povoação a oitenta quilómetros de Palermo, numa região de aldeias de casas de pedra decoradas com as brilhantes flores da Sicília, onde foram acolhidos em casa do presidente da Câmara.

O presidente da Câmara era um homem baixo com uma barriga redonda, uma barriga tão figurativa como ritual, pois a expressão "um homem com barriga" designava, em dialecto siciliano, um chefe da Máfia.

A casa tinha um agradável jardim, com figueiras, oliveiras e limoeiros, e foi aí que Pippi conduziu as suas entrevistas. O jardim parecia-se estranhamente com o dos Clericuzio, em Quogue, excepto pelas flores de cores berrantes e os limoeiros. O presidente da Câmara era obviamente um homem que apreciava a beleza, pois estava casado com uma bonita mulher e tinha três filhas encantadoras que, embora ainda adolescentes, eram mulheres já feitas.

Cross notou, no entanto, que o pai era, na Sicília, um homem diferente. Esquecida toda a sua descuidada galanteria, mostrava-se sobriamente respeitoso

no seu trato com as mulheres. Mais tarde nessa mesma noite, no quarto que ambos partilhavam, disse ao filho:

- Tens de ter muito cuidado com os sicilianos. Desconfiam dos homens que se interessam por mulheres. Se fores para a cama com a filha de um deles, nunca sairás daqui vivo.

Durante os dias que se seguiram, os homens fizeram fila para serem entrevistados e avaliados por Pippi. Havia critérios definidos. Não podiam ter mais de trinta e cinco anos nem menos de vinte. Se fossem casados, não podiam ter mais do que um filho. Finalmente, tinham de ver avalizados pelo presidente da Câmara. Pippi explicou a Cross a razão destas exigências.

Se os homens fossem demasiado novos, poderiam deixar-se influenciar excessivamente pela cultura americana. Se fossem demasiado velhos, poderiam não conseguir adaptar-se à América. Se tivessem mais do que um filho, teriam tendência para se mostrarem demasiado cautelosos relativamente aos riscos que os seus deveres lhes exigiriam.

Alguns dos homens que apareceram estavam tão seriamente comprometidos aos olhos da lei que tinham de sair da Sicília. Outros procuravam simplesmente uma vida melhor na América, custasse o que custasse. Alguns eram demasiado espertos para confiar na sorte e queriam desesperadamente ser soldados dos Clericuzio, e esses eram os melhores.

No final dessa semana, Pippi tinha a sua quota de vinte homens e entregou a lista ao presidente da Câmara, que teria de aprová-los e em seguida tratar do necessário para a sua emigração. O presidente cortou um dos nomes da lista.

Pensei que seria perfeito para nós -disse Pippi. - Cometi algum erro?

Não, não - respondeu o presidente da Câmara. - Foi tão hábil como sempre.

Pippi ficou intrigado. Todos os recrutas seriam muito bem tratados.

Os solteiros receberiam apartamentos, os casados com uma filho uma pequena casa. Todos eles teriam empregos fixos. Todos eles viveriam no Enclave do Bronx. E depois alguns seriam escolhidos para soldados da Família Clericuzio e teriam uma bela vida com um futuro brilhante. O homem cujo nome fora riscado pelo presidente devia estar muito mal visto. Mas nesse caso, por que razão foram

autorizados a ir à entrevista? Pippi sentiu que havia ali alguma jogada siciliana.

O presidente observava-o com um sorriso astuto, parecendo estar a ler-lhe na mente e a gostar do que lia.

- E demasiado siciliano para que eu consiga enganá-lo - disse. -

O nome que risquei é o do homem com quem a minha filha tenciona casar.

Quero mantê-lo aqui mais um ano, para fazer feliz a minha filha, e depois é todo seu. Não podia recusar-lhe a entrevista. A outra razão é porque tenho um homem que penso que deve levar no lugar dele. Far-me-á o favor de vê-lo?

Claro - respondeu Pippi.

Não quero influenciá-lo, mas trata-se de um caso especial e este homem tem de partir imediatamente.

Sabe que tenho de ter muito cuidado - disse Pippi. - Os Cleri-cuzio são exigentes.

Será no seu interesse - assegurou o presidente. - Mas é um pouco perigoso.

Explicou então o caso de Lia Vazzi. O assassínio do juiz aparecera nos cabeçalhos dos jornais de todo o mundo, de modo que Pippi e Cross estavam familiarizados com o assunto.

Se eles não têm provas, por que motivo é a situação tão desesperada para o Vazzi? - perguntou Cross.

Meu rapaz, estamos na Sicília - respondeu o presidente. - Os polícias também são sicilianos. O juiz era siciliano. Toda a gente sabe que foi o Lia. Esqueça essa história das provas. Se cair nas mãos deles, é um homem morto.

Consegue fazê-lo sair do país e chegar à América? - inquiriu Pippi.

Sim. A dificuldade vai ser mantê-lo escondido na América.

- Parece dar mais chatices do que vale - comentou Pippi.

O presidente encolheu os ombros.

E meu amigo, confesso. Mas esqueça isso - fez uma pausa e sorriu benevolentemente, para se certificar de que Pippi não esquecia. - É tam bém um perfeito Homem Qualificado. É um perito com explosivos, e isso é sempre uma coisa muito complicada. Conhece a corda, uma habilidade antiga e muito útil. A faca e a pistola, evidentemente. Mas, mais importante que tudo isto, é inteligente, um homem completo. E firme. Como uma rocha.

Nunca fala. Escuta e tem um dom para desatar línguas. Agora diga-me, faz-

-lhe ou não jeito um homem assim?

Uma resposta às minhas preces - respondeu Pippi, delicadamente.

- Mas, mais uma vez, por que tem um homem desses de fugir?

Porque, a somar a todas as suas outras virtudes, é prudente. Não quer desafiar a sorte. Aqui os seus dias estão contados.

E poderá um Homem Qualificado contentar-se em ser um simples soldado na América?

O presidente da Câmara inclinou a cabeça num gesto de sentida comiseração.

- É um cristão - declarou. - Tem a humildade que Cristo sempre nos ensinou.

- Tenho de conhecer esse homem - disse Pippi -, quanto mais não seja pelo prazer da experiência. Mas não posso garantir nada.

O presidente fez um amplo e expansivo gesto com os braços.

- Claro que ele lhe convém - assentiu. - Mas há outra coisa que devo dizer-lhe. Ele proibiu-me terminantemente de lhe mentir a este respeito.

- Pela primeira vez o presidente não pareceu tão confiante. - Tem mulher e três filhos, e terão de ir todos com ele.

Nesse momento Pippi soube que a resposta seria não.

Ah! - disse. - Isso torna as coisas mais difíceis. Quando é que posso falar com ele?

Estará aqui no jardim depois de escurecer. Não haverá perigo, já tratei de tudo.

Lia Vazzi era um homem pequeno mas com essa rijeza seca e nodosa que muitos sicilianos herdaram dos seus remotos antepassados árabes. Tinha uma cara atraente, aquilina, uma máscara morena e digna, e falava um pouco de inglês.

Sentaram-se à volta da mesa no jardim do presidente da Câmara, com uma garrafa de vinho tinto caseiro, um prato de azeitonas das árvores circundantes, e pão, estaladiço e cozido nessa mesma noite, redondo, ainda quente, além de uma perna deprosciuttox 16 cravejada de grãos de pimenta preta, como diamantes negros. Lia Vazzi comeu e bebeu, e não disse palavra.

- Recebi as mais altas recomendações - começou Pippi, respeitosamente. - Mas estou preocupado. Poderá um homem com a sua educação e as suas qualificações ser feliz na América ao serviço de outro homem?

Lia olhou para Cross, e em seguida dirigiu-se a Pippi: Tem um filho. O que seria capaz de fazer para o salvar? Quero ver a minha mulher e os meus filhos a salvo, e para isso farei o meu dever.

Haverá algum perigo para nós - continuou Pippi. - Compreende que tenho de pensar nas vantagens que justifiquem o risco.

Lia encolheu os ombros.

Não posso ser juiz em causa própria - respondeu. Parecia ter-se resignado a não ser escolhido.

Se fosse sozinho, seria mais fácil - disse Pippi.

Não. A minha família viverá junta ou morrerá junta. - Fez uma pausa. - Se os deixar aqui, Roma tornará as coisas muito difíceis para eles.

Mais depressa me entregaria.

O problema é como escondê-lo a si e à sua família.

Vazzi voltou a encolher os ombros. A América é muito grande - disse.

Ofereceu o prato de azeitonas a Cross e perguntou, quase ironicamente: - O seu

pai alguma vez o abandonaria?

16 Espécie de presunto italiano que se serve geralmente em fatias muito finas.

Não - respondeu Cross. - É antiquado, como o senhor. - Disse isto gravemente, mas no seu rosto havia a sombra de um sorriso. Depois acrescentou:- Ouvi dizer que também é agricultor.

- Azeitonas - confirmou Vazzi. - Tenho o meu próprio lagar. Cross olhou para o pai.

- Que tal a cabana de caça nas Sierras? Podia tomar conta dela, com a família, e ganhar o seu sustento. E isolada. A família dele pode ajudar. -

Voltou-se para Lia. - Importava-se de viver nos bosques? - "Bosques"

significava tudo o que não fosse urbano. Lia encolheu os ombros.

Foi a força pessoal de Lia Vazzi que acabou por decidir Pippi De Lena.

Vazzi não era um homem grande, mas o seu corpo tinha uma dignidade eléctrica. O efeito era arrepiante, um homem que não temia a morte, nem o Céu nem o Inferno.

- É uma boa ideia - disse Pippi. - Uma camuflagem perfeita. E podemos chamá-lo para trabalhos especiais e dar-lhe a ganhar algum dinheiro extra. Esses trabalhos serão o seu risco.

Puderam ver como os músculos do rosto de Lia se descontraíam ao perceber que tinha sido escolhido. A voz tremeu-lhe ligeiramente quando falou.

- Quero agradecer-lhe por salvar a minha mulher e os meus filhos -

disse. E estava a olhar directamente para Cross.

Desde então, Lia Vazzi mais do que merecera a misericórdia que lhe fora concedida. De soldado, ascendera a chefe de todas as equipas operacionais de Cross. Supervisionava os seis homens que o ajudavam a cuidar da cabana de caça, em cujos terrenos tinha a sua própria casa. Prosperara, adquirira a cidadania americana, os filhos frequentavam a universidade. Tudo isto ele

conquistara com sua coragem e bom senso, e, acima de tudo, com sua lealdade. Por isso, quando recebeu a mensagem de Cross De Lena a chamá-lo a Las Vegas, foi com boa vontade que fez a mala, se meteu no seu novo Buick e iniciou a longa viagem até Vegas e ao Xanadu Hotel.

Andrew Pollard foi o primeiro a chegar a Las Vegas. Saiu de Los Angeles no voo do meio-dia, descontraiu-se à beira de uma das enormes piscinas do Xanadu, jogou distraidamente dados durante um par de horas, e finalmente foi conduzido à suite de Cross De Lena, no terraço do hotel.

Depois de terem apertado as mãos, Cross disse:

- Não vou demorá-lo muito. Pode regressar esta mesma noite. O que preciso é de toda a informação que tiver a respeito desse tal Skannet.

Pollard pô-lo rapidamente ao corrente de tudo o que tinha acontecido e informou-o de que Skannet estava presentemente instalado no Bever-ly Hills Hotel. Contou-lhe a conversa que tivera com Bantz.

Os tipos estão-se verdadeiramente nas tintas para ela, o que querem é ver o filme acabado - explicou a Cross. - Além disso, os estúdios não levam a sério pessoas como o Skannet. Tenho na minha empresa uma secção de vinte homens que se encarregam exclusivamente dos chatos e molestadores. Constituem um problema muito real para as estrelas.

E a polícia -perguntou Cross. - Não há nada que possam fazer?

Não. Só depois do mal feito.

E você, Andrew? Tem algum pessoal muito bom a trabalhar para si.

Tenho de ser cuidadoso. Arrisco-me a perder a empresa se fizer jogo duro. Sabe como são os tribunais. Porque hei-de arriscar o pescoço?

Esse Boz Skannet, que género de homem é?

Não se assusta. Para dizer a verdade, assusta-me a mim. E um desses tipos genuinamente duros, que não querem saber das consequências.

A família tem dinheiro e poder político, de modo que ele pensa que pode fazer o

que quiser. E gosta mesmo de se meter em sarilhos, sabe, há tipos assim. Se vai envolver-se nisto, vai ter de ser a sério.

Tudo o que faço é a sério - afirmou Cross. - Tem o Skannet sob vigilância, de momento?

Claro. O homem é definitivamente capaz de fazer seja o que for.

Retire os seus homens. Não quero ninguém a vigiá-lo.

Compreendido?

OK, se é isso que quer - anuiu Pollard. Fez uma curta pausa antes de acrescentar: - Tenha cuidado com o Jim Losey. Ele anda de olho no Skannet. Conhece o Losey?

Já nos encontrámos - admitiu Cross. - Quero que faça uma coisa.

Empreste-me o seu CL da Pacific Ocean Security por algumas horas. Devolver--lho-ei a tempo de apanhar o voo da meia-noite para L. A. Pollard estava preocupado. | - Sabe que farei qualquer coisa por si, Cross, mas tenha cuidado, este é um caso muito delicado. Construí aqui uma vida muito boa e não quero vê-la ir pelo cano abaixo. Sei que devo tudo à Família Clericuzio, e estou-lhes eternamente grato, e sou sempre pago. Mas este assunto é muito complicado.

Cross sorriu-lhe tranquilizadoramente.

- O Andrew é demasiado valioso para nós. Outra coisa, se o Skannet telefonar para verificar a identidade de homens pertencentes à sua agência, limite-se a confirmar.

Ao ouvir isto, o coração de Pollard afundou-se-lhe no peito. Ia haver sarilhos a sério.

- Agora conte-me tudo o que puder a respeito dele - continuou Cross.

E, ao ver que Pollard hesitava, acrescentou: - Vou fazer uma coisa por si.

Mais tarde.

Pollard pensou por um instante.

- O Skannet afirma conhecer um grande segredo que a Athena tudo faria para impedir que fosse descoberto. Foi por isso que retirou a queixa contra ele. Um segredo terrível, e o Skannet adora esse segredo. Cross, não sei como nem por que razão está envolvido, mas talvez conhecer esse segredo possa resolver o seu problema.

Pela primeira vez, Cross olhou para ele sem afabilidade, e Pollard soube como Cross conseguira a sua reputação. O olhar foi frio, como que a julgar, um julgamento que podia resultar em morte.

Sabe porque é que estou interessado - disse Cross. - O Bantz deve ter-lhe contado a história. Contratou-o para obter informações a meu respeito. Sabe alguma coisa sobre esse grande segredo, ou os estúdios sabem?

Não. Ninguém sabe. Cross, estou a fazer o melhor que posso por si, sabe disso, não sabe?

Sei - respondeu Cross, subitamente gentil. - Deixe-me tornar as coisas mais fáceis para si. Os tipos da LoddStone estão doidos por saber como é que eu tenciono convencer a Athena Aquitane a regressar ao trabalho.

Eu digo-lhe. Vou oferecer-lhe metade dos lucros do filme. E não tenho objecções a que os informe disto. Pode marcar pontos, talvez até lhe paguem um bónus. - Estendeu a mão para a secretária, pegou num saco de couro e entregou-o a Pollard. - Cinco mil em fichas pretas. Tenho sempre medo, quando o chamo aqui em negócios, que perca dinheiro seu no casino.

Não precisava ter-se preocupado. Andrew Pollard trocava sempre as fichas por dinheiro na caixa do casino.

Leonard Sossa acabava de se instalar numa suite para executivos do Xanadu quando lhe levaram o cartão de identificação de Pollard. Com o seu próprio equipamento, falsificou cuidadosamente quatro conjuntos de CIs da Pacific Ocean Security, completos, com as respectivas carteiras. Não passariam numa inspecção feita por Pollard, mas isso não era necessário, Pollard nunca veria aqueles CIs. Quando Sossa acabou o trabalho, várias horas mais tarde, dois homens levaram-no de carro até à cabana de caça na Sier-ra Nevada, onde o instalaram num bangalô escondido nos bosques.

Sentado à porta do bangalô, nessa tarde, Sossa ficou a observar um veado e um urso que passaram perto. Chegada a noite, limpou as suas ferramentas *' e aguardou. Não sabia onde estava nem o que ia ter de fazer, e não queria saber. Ganhava cem mil dólares por ano e vivia a vida de um homem livre.

Matou o tempo esboçando o urso e o veado que vira em cem folhas de papel, de tal maneira que, fazendo passar as folhas muito rapidamente, dava a impressão de que o veado perseguia o urso. Lia Vazzi foi recebido de uma maneira completamente diferente. Cross abraçou-o, convidou-o para jantar na sua suite. Durante os anos que Vazzi passara na América, Cross fora muitas vezes o seu chefe operacional. Vazzi, apesar da sua própria força de carácter, nunca tentara usurpar a autoridade, e Cross, em contrapartida, tratava-o com o respeito devido a um igual.

Ao longo dos anos, Cross passara vários fins-de-semana na cabana de caça, e os dois tinham caçado juntos. Vazzi falava-lhe da Sicília e de como era diferente viver na América. Cross, por sua vez, convidara-o a ele e à família para irem a Vegas, ofereceu-lhe privilégios QCB no Xanadu e um crédito de cinco mil dólares no casino, que Lia nunca foi convidado a pagar.

Durante o jantar, falaram de generalidades. Vazzi continuava a maravilhar-se com a sua vida na América. O filho mais velho estava a licenciar-se na Universidade da Califórnia e nada sabia da vida secreta do pai. Era uma coisa que o preocupava.

Por vezes penso que não tem uma gota do meu sangue - disse. -

Acredita em tudo o que os professores lhe dizem. Acredita que as mulheres são iguais aos homens, acredita que devia ser dada terra aos camponeses pobres. Pertence à equipa de natação da universidade. Em toda a minha vida na Sicília, e a Sicília é uma ilha, nunca vi um siciliano nadar.

Excepto os pescadores quando o barco se virava - observou Cross, com uma gargalhada.

Nem mesmo assim. Afogavam-se sempre.

Quando acabaram de comer, falaram de negócios. Vazzi nunca gostara verdadeiramente da comida do hotel, mas adorava o brandy e os charutos havanos. Todos os anos, pelo Natal, Cross mandava-lhe seis garrafas de bom

brandy e uma caixa de charutos.

- Tenho uma coisa muito difícil que preciso que faças - disse Cross.

- Uma coisa que tem de ser feita com muita inteligência.

- Isso é sempre difícil - respondeu Vazzi.

- Tem de ser na cabana de caça. Vamos levar lá uma certa pessoa. Quero que essa pessoa escreva umas cartas, quero que me dê uma informação.

Fez uma pausa para sorrir ao gesto depreciativo de Vazzi, que muitas vezes comentava, ao ver os filmes americanos em que o herói ou o vilão se recusavam a revelar informações: "Até chinês eu os punha a falar."

A dificuldade - continuou Cross -, é que não pode haver marcas no corpo, nem podemos usar drogas. Além disso, o tipo é muito teimoso.

Só as mulheres são capazes de fazer um homem falar com beijos -

declarou Vazzi amavelmente, saboreando o seu charuto. - Cheira-me que vais estar pessoalmente envolvido nesta história.

Não pode ser de outra maneira. Usaremos os teus homens, mas primeiro a cabana tem de ficar livre de mulheres e crianças.

Vazzi agitou o charuto.

Irão à Disneylândia, essa bênção tanto na alegria como na tristeza.

Mandamo-las sempre para lá.

A Disneylândia? - espantou-se Cross, com uma gargalhada.

Nunca lá fui. Espero ir para lá, quando morrer. Vai ser uma Comunhão ou uma Confirmação?

Confirmação.

Começaram então a discutir os pormenores. Cross explicou a operação a Vazzi e por que razão e quando tinha de ser feita.

Que achas? -perguntou, finalmente.

És mais siciliano do que o meu filho, e nasceste aqui na América.

O que é que acontece se ele teimar em não te dar aquilo que queres?

Então a culpa será minha. E dele. E então teremos de pagar. Nisso, a América e a Sicília são iguais.

É verdade - disse Vazzi. - Como na China, e na Rússia, e em África.

Como o Don costuma dizer, nesse caso podemos ir todos nadar para o fundo do oceano.

Capítulo IX

Eli Marrion, Bobby Bantz, Skippy Deere e Melo Stuart reuniram-se de emergência em casa de Marrion. Andrew Pollard revelara a Bantz o plano secreto de Cross De Lena para fazer Athena regressar ao trabalho. Esta informação fora corroborada pelo detective Jim Losey, que recusara divulgar a sua fonte.

Isto é um assalto! - protestou Bantz. - Melo, tu és o agente dela, és responsável por ela e por todos os teus clientes. Quer isto dizer que quando estivermos a meio de um grande filme as tuas estrelas se vão recusar a trabalhar a menos que lhes ofereçamos metade dos lucros?

Só se vocês forem suficientemente loucos para pagar - respondeu Stuart. - Deixem esse tal De Lena tentar. Não vai durar muito tempo no ramo.

Melo - interveio Marrion -, está a falar de estratégia, nós estamos a falar de agora, deste preciso minuto. Se a Athena volta ao trabalho, então você e a sua cliente estão a roubar-nos, exactamente como se fossem assaltantes de bancos. Vai permitir uma coisa dessas?

Estavam todos espantados. Era raro Marrion ir tão rapidamente ao cerne da questão, pelo menos desde quando era muito mais novo. Stuart ficou alarmado.

A Athena não sabe nada disto - afirmou. - Se soubesse, ter-me-ia dito.

Achas que aceitaria a proposta, se soubesse? - perguntou Deere.

Eu aconselhá-la-ia a aceitar e então, numa outra carta, a dividir a sua metade com os estúdios Bantz interveio, secamente:

- Nesse caso, todos os seus protestos de medo seriam mentira. Tretas, em suma. E, Melo, tu és é parvo. Pensas que nos contentaríamos com metade do que a Athena recebesse do De Lena? Esse dinheiro pertence-nos a nós. E ela pode ficar rica com o De Lena, mas será o fim da sua carreira no cinema. Nenhum estúdio voltará a contratá-la.

- No estrangeiro - disse Skippy. - Um estúdio estrangeiro correria o risco.

Marrion pegou no telefone e estendeu-o a Stuart.

Assim não chegamos a parte nenhuma. Ligue para a Athena. Diga-

-lhe o que o Cross De Lena se prepara para lhe oferecer e pergunte-lhe se vai aceitar.

Ela desapareceu no fim-de-semana - disse Deere.

-Já voltou - informou Stuart. - Desaparece muitas vezes nos fins-de-semana. - Premiu os botões do telefone.

A conversa foi curta. Stuart desligou e sorriu.

Diz que não lhe foi feita qualquer proposta desse tipo. E que nenhuma proposta desse tipo a faria voltar ao trabalho. Está-se nas tintas para a carreira. - Fez uma pausa e acrescentou, admirativamente. - Gostava de conhecer esse tal Skannet. Qualquer homem capaz de assustar assim uma actriz, a ponto de ela se estar nas tintas para a carreira, tem de ter alguma coisa de bom.

Está resolvido, então - disse Marrion. - Safamo-nos sem prejuízos de uma situação desesperada. Mas é uma pena. A Athena era uma grande estrela!

Andrew Pollard tinha as suas instruções. A primeira fora informar Bantz sobre as intenções de Cross De Lena relativamente a Athena. A segunda era retirar a equipa que vigiava Skannet. A terceira era visitar o mesmo Skannet para lhe apresentar uma proposta.

Skannet estava de camisola interior quando abriu a Pollard a porta da sua suite no Beverly Hills Hotel, e cheirava a água-de-colónia.

- Estava a acabar de fazer a barba - explicou. - A casa de banho deste hotel tem mais perfumes que uma casa de putas.

- Não devia estar na cidade - disse Pollard, em tom de acusação.

Skannet deu-lhe uma palmada nas costas.

Eu sei. Vou-me embora amanhã. Tinha umas coisitas a resolver. - O

sorriso malévolo que acompanhou estas palavras, o torso maciço do homem, teriam assustado Pollard noutras condições, mas agora que Cross estava envolvido, suscitavam unicamente pena. Em todo o caso, teria de andar com cuidado.

A Athena não está surpreendida por você não se ter ido embora -

disse. - Acha que a gente da LoddStonne não o compreende, mas ela sim.

Por isso gostaria de se encontrar consigo pessoalmente. Pensa que os dois sozinhos talvez consigam chegar a um acordo.

Quando viu a súbita expressão de alegria que iluminou o rosto de Skannet soube que Cross tivera razão. Aquele tipo ainda estava apaixonado, ia engolir a história.

Boz Skannet mostrou-se repentinamente desconfiado.

- Isso não parece coisa da Athena. Ela não suporta sequer olhar para mim, e não posso dizer que a censure. - Riu-se. - Tem demasiada necessidade daquela carinha bonita que Deus lhe deu.

A Athena quer fazer-lhe uma proposta séria. Uma renda vitalícia.

Uma percentagem do que ela ganhar enquanto viver, se quiser. Mas quer falar-lhe pessoalmente e em segredo. E quer ainda outra coisa.

Eu sei o que ela quer - interrompeu-o Skannet. Tinha uma expressão curiosa no

rosto. Pollard já vira aquela expressão nas caras de violadores dolorosamente arrependidos.

Às sete - continuou Pollard. - Dois dos meus homens virão buscá-

-lo e acompanhá-lo-ão ao local de encontro. Ficarão com ela, para lhe servirem de guarda-costas. Dois dos meus melhores homens, armados. Para que não se ponha com ideias.

Skannet sorriu.

Não se preocupe comigo - disse.

Pois - respondeu Pollard, e saiu.

Quando a porta se fechou, Skannet ergueu vitoriosamente o braço direito. Ia voltar a ver Athena, e só com dois cretinos de dois detectives particulares a protegê-la. E teria provas de que fora ela a pedir o encontro, não estaria a infringir a ordem do tribunal.

Durante o resto do dia, sonhou com aquele encontro. Era realmente uma surpresa, e, pensando bem naquilo, soube que Athena ia tentar servir-se do corpo para o convencer a chegar a um acordo. Deitou-se na cama, imaginando como seria voltar a estar com ela. A imagem do corpo de Athena era muito nítida. A pele branca, o ventre suavemente arredondado, os seios com os bicos rosados, os olhos tão verdes que eram uma outra espécie de luz, a boca quente e delicada, o hálito dela, os cabelos flamejantes como um sol que ganhasse tons esfumados de bronze sob um céu de fim de tarde. Por um momento, a velha paixão avassalou-o, o mesmo amor que tivera pela inteligência dela, pela bravura de um carácter que ele soubera quebrar, transformar em medo. E então, pela primeira vez desde que tinha dezasseis anos, começou a acariciar-se a si mesmo. O seu espírito formou imagens muito nítidas de Athena a incitá-lo a continuar, até que atingiu o clímax. Por um fugaz instante, amou-a e foi feliz.

E então tudo mudou. Teve uma sensação de vergonha, de humilhação.

Voltou a odiá-la. Subitamente, convenceu-se que aquilo era uma qualquer espécie de armadilha. Que sabia ele, verdadeiramente, a respeito daquele Pollard? Skannet vestiu-se apressadamente e examinou o cartão que Pollard lhe entregara. A agência ficava a uns escassos vinte e cinco minutos do hotel.

Desceu até à portaria, e um dos empregados foi buscar-lhe o carro.

Quando entrou no edifício da Ocean Pacifi Security, ficou surpreendido pelo tamanho e opulência do local. Um segurança armado escoltou-o até ao gabinete de Pollard. Skannet notou que as paredes estavam decoradas com galardões do Departamento de Polícia de L. A., a Associação de Ajuda aos Desalojados e outras organizações, incluindo os Escoteiros.

Havia inclusivamente um qualquer galardão cinematográfico.

Andrew Pollard estava a olhar para ele com surpresa e alguma preocupação. Skannet tranquilizou-o. v?"

- Só queria dizer-lhe que irei ao encontro no meu carro. Os seus homens poderão ir comigo e dar-me indicações.

Pollard encolheu os ombros. Já não tinha nada a ver com aquilo.

Fizera tudo o que lhe tinham dito para fazer.

- Óptimo - disse. - Mas podia ter-me telefonado. Skannet sorriu-lhe.

Pois podia, mas queria dar uma vista de olhos aos seus escritórios.

Além disso, queria telefonar à Athena e certificar-me de que não há aqui falcatrua. Pensei que podia ser você a ligar. Ela é capaz de não atender a minha chamada.

OK- respondeu Pollard, tranquilamente. Pegou no telefone. Não fazia a mínima ideia do que estava a passar-se e, no fundo do coração, espera va que Boz Skannet abortasse o encontro e que ele próprio pudesse deixar de estar envolvido naquilo que Cross planeava fazer, fosse lá o que fosse.

Também sabia que Athena não falaria directamente com ele.

Marcou o número e perguntou por Athena. Ligou o altifalante, para que Skannet pudesse ouvir o telefonema. A secretária de Athena disse-lhe que Miss Aquitane não estava em casa e só era esperada no dia seguinte.

Pousou o auscultador e olhou para Skannet, erguendo uma sobrancelha.

Boz parecia contente.

E estava. Não se enganara. Athena estava a planear usar o corpo para chegar a um acordo. Estava a planear passar a noite com ele. A pele avermelhada do rosto de Skannet ganhou um tom de bronze com a onda de sangue que lhe subiu ao cérebro ao recordar quando ela era jovem, quando o amava e ele a amava.

As sete da tarde, quando Lia Vazzi chegou ao hotel com um dos seus soldados, Skannet estava à espera e pronto para seguir imediatamente.

Vestia elegantemente, num estilo juvenil: jeans, camisa de ganga de um azul desbotado e casaco de desporto branco. Escanhoara-se cuidadosamente e tinha os cabelos louros penteados para trás. A pele avermelhada parecia um pouco mais pálida, uma palidez que de algum modo lhe suavizava o rosto. Lia Vazzi e o seu soldado exibiram os falsos CIs da Pacific Ocean Security.

Boz Skannet não ficou impressionado pelos homens. Dois baixotes, um deles com um ligeiro sotaque que talvez fosse mexicano. Não constituiriam problema. Aquelas agências de detectives privados eram mesmo uma merda. Que espécie de protecção era aquela para Athena?

Disseram-me que prefere levar o seu carro - disse-lhe Vazzi. -

Eu vou consigo e o meu colega segue-nos no nosso carro. Parece-lhe bem?

OK - respondeu Skannet.

Quando saíram do elevador e entraram no vestíbulo do hotel, foram detidos por Jim Losey. O detective estivera à espera sentado num sofá, junto à lareira, e interceptara-os levado por um puro palpite. Fora até ali para manter um olho em Skannet, para o que desse e viesse. Mostrou o crachá aos três homens.

Skannet olhou para o distintivo e perguntou:

Que raio é que você quer?

Quem são estes dois homens que estão consigo?

Não tem porra nenhuma a ver com isso - replicou Skannet. Vazzi e o companheiro permaneceram silenciosos, enquanto Losey lhes estuda va os

rostos.

- Gostaria de lhe dar uma palavrinha em particular - disse Losey.

Skannet empurrou-o para um lado e Losey agarrou-lhe um braço. Eram ambos homens corpulentos. Skannet estava frenético por sair dali. Gritou a Losey, num tom furioso:

- As queixas foram retiradas, não sou obrigado a falar consigo! E se não tira as mãos de cima de mim, corro-o daqui para fora a pontapé!

Losey deixou cair a mão. Não estava de modo algum intimidado, mas o seu cérebro trabalhava a todo o vapor. Os dois homens que acompanhavam Skannet pareciam-lhe estranhos, havia ali qualquer coisa. Deu um passo para o lado, mas seguiu-os até ao arco diante da entrada do hotel, onde os carros eram entregues aos hóspedes. Viu Skannet entrar no seu próprio carro com Lia Vazzi. Entretanto, o outro homem tinha desaparecido. Losey reparou nisso e ficou à espera de ver um segundo carro sair do parque de estacionamento, mas isso não aconteceu.

Era inútil tentar segui-los, e nada ganharia lançando um alerta relacionado com o carro de Skannet. Debateu consigo mesmo a hipótese de relatar o incidente a Skippy Deere, e decidiu não o fazer. Uma coisa era certa, se Skannet voltasse a sair da linha, havia de arrepender-se dos insultos daquele dia.

Foi uma longa viagem, com Skannet a queixar-se constantemente, a fazer perguntas e inclusivamente a ameaçar voltar para trás. Mas Lia Vazzi tranquilizava-o. Skannet já sabia que o local do encontro era uma cabana de caça que Athena possuía na Sierra Nevada, e as instruções eram para passarem lá a noite. Athena insistira em que ninguém deveria saber daquele encontro, afirmando que saberia resolver o assunto a contento de todos.

Skannet não fazia ideia do que isso significava. Que poderia ela fazer para dissolver o ódio que crescera durante os últimos dez anos? Seria tão estúpida ao ponto de pensar que uma noite de amor e um monte de notas bastariam para o amolecer? Julgaria que era assim tão simples? Sempre admirara a inteligência dela, mas talvez se tivesse tornado numa dessas arrogantes estrelas de Hollywood, convencidas que podiam comprar tudo com o corpo e com dinheiro. E, no entanto, a ideia da beleza dela perseguia-o. Finalmente, depois de todos aqueles anos, ela sorrir-lhe-ia, encantá-lo-ia, subjugá-lo-ia.

Acontecesse o que acontecesse, teria aquela noite.

Lia Vazzi não estava preocupado com as ameaças de Boz Skannet de fazer meia volta. Sabia que havia três carros na estrada atrás deles, a servír-lhes de escolta, e tinha as suas intruções. Como último recurso, poderia pura e simplesmente matar Skannet. Mas as intruções tinham sido claras num ponto: Boz Skannet não deveria sofrer qualquer ferida além daquela que lhe provocasse a morte.

Atravessaram o portão aberto, e Skannet ficou surpreendido com o tamanho da cabana de caça. Parecia mais um pequeno hotel. Saiu do carro e distendeu os braços e as pernas. Havia cinco ou seis carros estacionados junto à casa, circunstância que o fez hesitar momentaneamente.

Lia Vazzi acompanhou-o até à porta, que abriu. Nesse instante, Skannet ouviu o ruído de mais carros no caminho de acesso. Voltou-se, pensando que Athena tinha chegado. O que viu foi três carros deterem-se e dois homens saírem de cada um deles. Então Lia atravessou com ele a porta principal da cabana e entraram os dois na sala de estar, com a sua grande lareira. Ali, sentado no sofá e à espera, estava um homem que Skannet nunca tinha visto. Esse homem era Cross De Lena.

O que aconteceu a seguir foi muito rápido. Skannet perguntou, furiosamente: "Onde está a Athena?", dois homens agarraram-lhe os braços, outros dois apontaram-lhe pistolas à cabeça e o aparentemente inofensivo Lia Vazzi rasteirou-o e fê-lo estender-se ao comprido no chão.

- Pode morrer neste instante se não fizer exactamente o que lhe disserem - ameaçou .... - Não resista. Fique quieto.

Um outro homem algemou-lhe os tornozelos e depois puseram-no de pé, em frente de Cross. Skannet ficou surpreendido com a sensação de impotência que se apoderou dele quando os homens lhe largaram os braços. O facto de ter os pés presos parecia neutralizar toda a sua força física.

Estendeu um braço, para ao menos esmurrar o pequeno filho da mãe, mas Vazzi limitou-se a recuar um passo, e embora Skannet desse um pequeno salto, não conseguia pôr força nos braços.

Vazzi observou-o com tranquilo desprezo.

- Sabemos que é um homem violento - disse. - Mas agora chegou a altura de usar os miolos. Aqui, a força não lhe serve de nada.

Skannet deu a impressão de seguir este conselho. Estava a pensar furiosamente. Se quisessem matá-lo, já poderiam tê-lo feito. Aquilo era uma processo de intimidação para o forçar a concordar com qualquer coisa. Pois muito bem, concordaria. E então passaria a tomar precauções no futuro. Uma coisa era certa. Athena não estava envolvida naquela operação. Ignorou Vazzi e voltou-se para o homem sentado no sofá.

Quem raio é você? -perguntou.

Há umas coisas que quero que faça antes de ser autorizado a voltar para casa - disse Cross, sem lhe responder.

E se eu não fizer, torturam-me, não é verdade? - Skannet riu-se.

Começava a pensar que aquilo era uma cena de uma porcaria de um filme estúpido que os estúdios estavam a usar para o intimidar.

Não - disse Cross simplesmente. - Nada de tortura. Ninguém lhe tocará. Quero que se sente àquela mesa e escreva quatro cartas. Uma dirigida à LoddStone, prometendo nunca se aproximar das instalações deles.

Outra dirigida a Athena Aquitane, pedindo desculpa pelo que se passou e jurando nunca mais voltar a aproximar-se dela. Outra dirigida às autoridades policiais, admitindo ter comprado ácido para ser usado num segundo ataque contra a sua mulher, e outra dirigida a mim revelando qual o segredo que conhece a respeito da sua mulher. Simples.

Skannet tentou desajeitadamente saltar na direcção de Cross, mas foi empurrado por um dos homens, indo cair desamparado no sofá oposto.

- Não lhe toquem! - ordenou Cross, secamente. Skannet serviu-se dos braços para voltar a pôr-se de pé.

Cross apontou para a mesa, sobre a qual havia um monte de folhas de papel.

- Onde está a Athena? - perguntou Skannet.

- Não está aqui - respondeu Cross. - Todos lá para fora, excepto o Lia.

Os homens saíram.

- Vá sentar-se à mesa - ordenou Cross a Skannet. Skannet obedeceu.

- Quero falar consigo muito seriamente - disse-lhe Cross. - Deixe de querer mostrar como é um tipo duro. Quero que ouça. Não tente nenhu ma loucura. Tem as mãos livres, e isso pode dar-lhe uma ilusão de poder.

Tudo o que quero é que escreva essas cartas, e depois pode ir.

Vá-se foder! - atirou-lhe Skannet, numa voz carregada de desprezo.

Cross voltou-se para Vazzi e disse:

Não vale a pena perder mais tempo. Mata-o.

Cross mantivera a voz perfeitamente calma, e no entanto havia algo de terrível na sua indiferença. Naquele instante, Skannet sentiu um medo que não experimentava desde a infância. Compreendeu pela primeira vez o significado da presença de todos aqueles homens, de todas as forças reunidas contra ele. Lia não tinha ainda feito um gesto.

- OK, eu escrevo - disse Skannet. Pegou numa folha de papel e começou a escrever.

Astutamente, escreveu as cartas com a mão esquerda; como alguns bons atletas, era capaz de se servir quase com igual perícia de ambas as mãos.

Cross foi pôr-se atrás dele e ficou a observar. Skannet, envergonhado com a sua súbita cobardia, fincou os pés no chão. Confiante na sua coordenação física, passou a caneta para a mão direita e levantou-se para atacar Cross, na esperança de o atingir num olho. Pareceu explodir ao entrar em acção, com o braço a descrever um amplo arco para cima, o tronco a elevar-se impulsionado pelas pernas, e ficou espantado com a facilidade com que Cross se colocou fora do seu alcance. Mesmo assim, Skannet tentou mover-se com os pés algemados.

Cross olhou-o tranquilamente e disse:

- Toda a gente tem direito a tentar uma vez. Já fez a sua tentativa.

Agora pouse a caneta e dê-me essas folhas de papel.

Skannet obedeceu. Cross estudou os papéis e observou: Não me contou o segredo.

Nunca o porei numa folha de papel - disse Skannet. - Mande embora esse tipo - fez um gesto indicando Vazzi - e eu digo-lho.

Cross entregou as folhas de papel a Lia e pediu: , - Trata disto. E

Vazzi saiu da sala.

- OK - disse então Cross a Skannet. - Vamos lá ouvir o grande segredo.

Quando Vazzi saiu da cabana, cobriu a correr os cem metros que a sepa ravam do bangalô onde Leonard Sossa estava instalado. Sossa esperava-o.

Olhou para as duas folhas de papel e disse irritadamente: \ Isto foi escrito por um canhoto. Não sou capaz de imitar canhotos. O Cross sabe disso.

Estuda isso melhor - aconselhou Vazzi. - Ele tentou espetar o Cross com a mão direita. Sossa voltou a examinar as páginas.

- Tens razão - disse. - Este tipo não é verdadeiramente canhoto.

Esteve a gozar com vocês.

Vazzi pegou nas folhas, voltou à cabana e entrou na sala. Pela cara de Cross, soube que alguma coisa tinha corrido mal. Cross parecia desnorteado, e Skannet estava estendido no sofá, com as pernas algemadas estendidas por cima do braço, sorrindo para o tecto com um ar feliz.

- Estas cartas não servem - explicou Vazzi. - Ele escreveu-as com a mão esquerda e o analista diz que não é canhoto.

Cross voltou-se para Skannet e disse:

- Acho que você é demasiado duro para mim. Não consigo assustá-

-lo, não consigo obrigá-lo a fazer o que quero, desisto.

Skannet levantou-se do sofá e afirmou, malevolamente: Mas o que eu lhe disse é verdade. Toda a gente se apaixona pela Athena, mas ninguém a conhece como eu.

Você não a conhece - respondeu Cross, num tom calmo. - E não me conhece a mim. - Aproximou-se da porta, abriu-a e fez um gesto. Qua tro homens entraram na sala. Depois voltou-se para Lia. - Sabes o que é que eu quero. Se ele não mo der, liquida-o. - E saiu.

Lia Vazzi soltou um audível suspiro de alívio. Admirava Cross, fora gostosamente seu subordinado durante todos aqueles anos, mas Cross era demasiado paciente. Era verdade que todos os grandes Dons da Sicília primavam pela paciência, mas sabiam quando parar. Vazzi suspeitava de que havia em Cross De Lena uma falta de dureza muito americana que o impediria de alcançar a verdadeira grandeza.

Voltou-se para Skannet e disse, numa voz sedosa:

- Agora vamos começar nós os dois. - Dirigindo-se aos quatro ho mens, ordenou:-Agarrem-lhe os braços, mas com cuidado. Não o magoem.

Os quatro homens saltaram para Skannet. Um deles tirou do bolso um par de algemas, e em poucos instantes Skannet estava reduzido à impotência.

Vazzi obrigou-o a ajoelhar-se no chão, e os outros imobilizaram-no.

- Acabou-se a comédia - continuou Vazzi. O seu corpo seco e nodoso parecia descontraído, o seu tom era coloquial. - Agora vai escrever aque las cartas com a mão direita. Ou pode recusar.

Um dos homens pegou num enorme revólver e numa caixa de munições e entregou-os a Lia. Vazzi carregou a arma, mostrando a Skannet cada uma das balas. Depois aproximou-se da janela e disparou para a floresta até que a arma ficou vazia. Voltou então para junto de Skannet, colocou uma bala no tambor, fê-lo girar e encostou o cano da arma por baixo do nariz do homem ajoelhado.

- Eu não sei onde está aquela bala - disse. - Você também não. Se continuar a recusar-se a escrever, puxo o gatilho. Então, sim ou não?

Skannet olhou Lia nos olhos e não respondeu. Lia puxou o gatilho.

Ouviu-se apenas o clique do percussor a bater numa câmara vazia. Lia assentiu aprovadoramente com a cabeça.

- Estava a torcer por si - disse.

Olhou para o tambor e meteu uma bala na primeira câmara.

Aproximou-se da janela e disparou. A explosão pareceu sacudir a sala. Lia regressou à mesa, tirou outra bala, carregou a arma e fez girar o tambor.

Vamos tentar outra vez - disse. Encostou o revólver ao queixo de Skannet. Mas desta vez Skannet estremeceu.

Voltem a chamar o vosso chefe - pediu. - Tenho mais coisas que posso dizer-lhe.

Não - disse Lia -, já acabámos com essas parvoíces. Então, sim ou não?

Skannet olhou para os olhos de Lia e o que viu neles não foi uma ameaça, mas pena.

- Está bem - disse. - Eu escrevo. Foi imediatamente posto de pé e sentado à mesa. Lia instalou-se no sofá, enquanto Skannet escrevia. Quando ele acabou, pegou nos papéis e voltou ao bangalô de Sossa.

Isto serve? - perguntou.

Perfeitamemnte - respondeu Sossa.

Vazzi regressou à cabana e falou com Cross. Depois dirigiu-se à sala de estar e disse a Skannet:

- Acabou-se. Levo-o de volta a L. A. logo que esteja pronto.

Junto à porta do carro, antes de partir, Cross disse-lhe: Sabes o que tens de fazer. Espera até de manhã. Por essa altura já estarei de regresso a Vegas.

Não te preocupes - respondeu Vazzi. - Estava a ver que o tipo nunca mais escrevia. Que animal! - Via que Cross estava preocupado. -

O que foi que ele te disse quando eu saí da sala? - peguntou. - Alguma coisa que eu deva saber? Devia tê-lo morto imediatamente - disse Cross, com uma amargura selvagem que Vazzi nunca lhe tinha visto. - Nunca devia ter arriscado. Detesto ser tão estuporadamente esperto.

- Ah! Bom, agora está feito.

Vazzi ficou a ver o carro de Cross atravessar o portão. Por uma das poucas vezes naqueles dez anos, teve saudades da Sicília. Na Sicília os homens nunca ficavam tão afectados pelos segredos das mulheres. E na Sicília nunca teria sido possível toda aquela trapalhada. Há muito que Skannet estaria a nadar no fundo do oceano.

Quando o dia nasceu, uma carrinha fechada deteve-se à porta da cabana.

Lia Nz.tl\ recebeu das mãos de Leonard Sossa as notas de suicídio que este falsificara e meteu-o no carro que o levaria de volta a Topanga Canyon.

Depois limpou o bangalô, queimou as cartas que Skannet tinha escrito, apagando todos os vestígios de ocupação. Leonard Sossa nunca chegara a ver Skannet ou Cross durante o tempo que ali estivera.

Lia Vazzi preparou-se então para a execução de Boz Skannet.

A operação envolvia seis homens. Skannet, vendado e amordaçado, estava já no interior da carrinha. Dois dos homens ficaram com ele. Skannet estava completamente indefeso, algemado de pés e mãos. Um terceiro homem sentou-se ao volante da carrinha e um quarto ocupou o lugar a seu lado. O quinto conduziu o carro de Skannet. Lia Vazzi e o sexto homem meteram-se noutro carro e arrancaram á frente.

Lia Vazzi viu o erguer-se lentamente da sombra das montanhas. A caravana percorreu quase noventa quilómetros e então meteu por um caminho que se internava nos bosques.

Finalmente, detiveram-se. Vazzi deu indicações precisas sobre como o carro de Skannet devia ficar estacionado. Depois mandou tirar Skannet da carrinha. Skannet não ofereceu resistência, parecia resignado à sua sorte.

Bom, finalmente percebeu tudo, pensou Vazzi.

Vazzi tirou a corda do carro. Mediu cuidadosamente o comprimento e amarrou uma ponta ao grosso ramo de uma árvore próxima. Dois dos homens mantinham Skannet direito, para que ele pudesse passar-lhe o laço pelo pescoço. Vazzi pegou nas duas notas que Sossa falsificara e enfiou-as no bolso do casaco de Skannet.

Foram necessários quatro homens para içar Skannet para o tejadilho da carrinha, e então Vazzi apontou uma mão fechada na direcção do condutor.

A carrinha saltou em frente e Skannet voou do tejadilho e ficou suspenso no ar. O som do pescoço a partir-se ressoou pela floresta. Vazzi examinou o corpo e retirou as algemas. Um dos outros homens tirou a venda e a mordaça. Havia umas pequenas escoriações à volta da boca, mas um par de dias pendurado na floresta e deixariam de ser significativas. Examinou os braços e as pernas, à procura de marcas. Mais uma vez, havia algumas, mas não seriam conclusivas. Estava satisfeito. Não sabia se aquilo ia resultar, mas tudo o que Cross mandara fazer fora feito.

Dois dias mais tarde, alertado por um telefonema anónimo, o xerife do condado encontrou o corpo de Skannet. Teve de afugentar um urso castanho mais curioso que estava a dar patadas na corda para fazer o corpo balançar, e quando o médico legista chegou com os seus assistentes, verificaram que a pele do cadáver, já em putrefacção, tinha sido roída pelos insectos.

Livro VI

Uma Morte à Hollywood.

Capítulo X

Dez traseiros femininos nus ergueram-se em uníssono para o olho pes-tanejante da câmara. Embora o filme continuasse ainda no limbo, Dita Tommey testava actrizes no set de Messalina, em busca de um par de nádegas que pudessem dobrar as de Athena Aquitane.

Porque Athena recusava-se a fazer nus, os seja, a expor totalmente os seios ou as nádegas, uma modéstia surpreendente numa estrela, mas não fatal. Dita teria apenas de substituir os seios e o rabo dela pelos de uma das actrizes que estava a testar.

Claro que lhes dera para ensaiar cenas completas, com diálogo. Nunca as humilharia fazendo-as posar como se o objectivo fosse apenas pornográfico. Mas o factor determinante seria a cena de sexo final, quando, rebolando-se numa cama, ergueriam os traseiros nus para as lentes da câmara. o coreógrafo das cenas de sexo estava precisamente a definir as reviravoltas e as contorsões com o actor principal, Steve Stallings.

Bobby Bantz e Skippy Deere, ao lado de Dita Tommey, acompanhavam os testes. As únicas outras pessoas presentes no vieram os membros indispensáveis da equipa técnica. Tommey não se importava que Deere observasse, mas que diabo estava Bantz ali a fazer? Considerara por instantes a hipótese de lhe proibir a entrada no set, mas depois pensara que se o filme fosse abandonado ficaria numa posição muito fraca. Poderia vir a ter necessidade da boa vontade dele.

- De que é exactamente que estamos à procura? - preguntou Bantz, num tom de irritado fastio.

O coreógrafo das cenas de sexo, um jovem chamado Willis, que era também o director da Los Angeles Ballet Company, respondeu alegremente: Do traseiro mais bonito do mundo. Mas também com bons músculos. Não queremos flacidez, e não queremos uma racha que se abra.

Certo - resmungou Bantz. - Nada de rabos flácidos.

E as mamas? - perguntou Deere.

Não podem saltitar - respondeu o coreógrafo.

Amanhã fazemos testes para as mamas - interveio Dita Tommey.

- Nenhuma mulher tem umas nádegas e uns seios perfeitos, excepto talvez a Athena, e ela recusa-se a mostrá-los.

- Tu lá sabes, Dita - comentou Bantz, maliciosamente. Tommey esqueceu imediatamente a fragilidade da sua posição.

Bobby, és um perfeito cara de cu, mas não é disso que andamos à procura. Como ela não quis ir para a cama contigo, deduzes que é lésbica.

Está bem, está bem - disse Bantz. - Tenho mais de cem telefonemas a que preciso de responder.

Também eu - declarou Deere.

Vocês são incríveis, francamente! - protestou Tommey.

Dita, tem um pouco de compreensão - pediu Deere. - Que diver timentos é que nós temos, eu e o Bobby? Andamos demasiado ocupados para jogar golfe. Ver filmes é trabalho. Não temos tempo para ir ao teatro ou à ópera. Conseguimos no máximo arrancar uma hora por dia para nos distrairmos, depois de passarmos algum tempo com a família. O que é que se pode fazer com uma hora por dia? Fornicar. De todos os divertimentos, é o menos intensivo em termos de trabalho.

Uau! Skippy, olha para aquilo! - interrompeu-o Bantz. - É o traseiro mais bonito que vi em toda a minha vida.

Deere assentiu vigorosamente, cheio de admiração.

- O Bobby tem razão. Dita, aquela é que é. Contrata-a.

Tommey abanou a cabeça, incrédula:

Vocês são mesmo uns parvalhões! - protestou. - A rapariga é negra.

Contrata-a da mesma maneira! - insistiu Deere, exuberante de alegria.

Sim - apoiou Bantz. - Uma escrava etíope da Messalina. Mas por que raio está ela a fazer o teste?

Dita Tommey observou-os com curiosidade. Ali estavam dois dos homens mais duros do negócio do cinema, com mais de uma centena de telefonemas a que tinham de responder, e pareciam um par de adolescentes à procura do primeiro orgasmo. Explicou pacientemente:

Quando anunciamos que vamos fazer testes, não podemos especificar que só nos interessam traseiros brancos.

Quero conhecer aquela rapariga - declarou Bantz.

E eu também - acrescentou Deere.

A conversa foi interrompida pela entrada de Melo Stuart no set. Sorria triunfantemente.

Vamos voltar todos ao trabalho - anunciou. - A Athena regressa ao filme. O marido, o Boz Skannet, enforcou-se. Boz Skannet, fora do filme!- E, ao dizer isto, bateu as palmas, como a equipa técnica costumava fazer quando um actor terminava a sua participação num filme. Skippy e Bobby imitaram-no. Dita Tommey ficou a olhar para os três, indignada.

O Eli quer falar com vocês os dois, já - continuou Melo. - Você não, Dita. - Sorriu, como que a desculpar-se. - é apenas uma reunião de negócios, nada de decisões criativas. Os três homens abandonaram o set.

Depois de eles partirem, Dita Tommey convocou para a sua roulote a dona do traseiro que tanto entusiasmara Deere e Bantz. Era muito bonita, verdadeiramente negra e não apenas morena, e tinha uma vivacidade impudente que Dita identificou como natural, não fabricada.

Vou dar-lhe o papel de escrava etíope da imperatriz Messalina -

disse-lhe. - Vai ter uma frase para dizer, mas sobretudo vai ter de mostrar o traseiro. Infelizmente, precisamos de um traseiro branco para dobrar o de Miss Aquitane, e o seu é demasiado negro, caso contrário ainda podia vir a ser a

estrela do filme. - Dirigiu à rapariga um sorriso amistoso. - Falene Fant. É um bom nome artístico.

Se acha - respondeu a rapariga. - Obrigada. Tanto pelos elogios como pelo trabalho.

Só mais uma coisa - continuou Dita. - O nosso produtor, Skippy Deere, acha que você tem o traseiro mais bonito do mundo. Essa é tam bém a opinião de Mr. Bantz, presidente e director de produção dos estúdios.

Hão-de falar consigo.

E a si, o que é que lhe parece? - perguntou Falene Fant, com um sorriso malicioso.

Dita Tommey encolheu os ombros.

- Não me interesso tanto por traseiros como os homens. Mas acho que é muito bonita e uma boa actriz. Suficientemente boa para, em minha opinião, ter direito a mais do que uma única frase neste filme. E se for a minha casa esta noite, podemos conversar a respeito da sua carreira.

Ofereço-lhe de jantar.

Nessa noite, depois de Dita Tommey e Falene Fant terem passado duas horas na cama, Dita fez o jantar e falaram a respeito da carreira de Falene.

Foi agradável - disse Dita -, mas acho que daqui em diante deveremos ser apenas amigas e manter segredo sobre esta noite.

Certo - concordou Falene. - Mas toda a gente sabe que és fufa.

Será por causa do meu traseiro preto? - perguntou, com um sorriso.

Dita ignorou a palavra fufa. Tinha sido uma impudência deliberada para se vingar da aparente rejeição.

É um traseiro magnífico, preto, branco, verde ou amarelo - respondeu Dita. - Mas tens verdadeiro talento. Se eu continuar a fazer-te aparecer nos meus filmes, nunca te darão crédito por esse talento. E eu só faço um filme de dois em dois

anos. Precisas de trabalhar mais do que isso. A maior parte dos realizadores são homens, e quando escolhem alguém como tu, estão sempre à espera de uma queca. Se pensarem que és lésbica, podem não te escolher.

Quem é que precisa de realizadores, quando eu tenho um produtor e um presidente de estúdio? - perguntou Falene alegremente.

Precisas tu. Os outros tipos podem ajudar-te a meter o pé na porta, mas o realizador pode deixar-te abaixo na sala de montagem. Ou pode filmar-te de maneira que pareças e fales como uma atrasada mental.

Falene abanou pesarosamente a cabeça.

- Tenho de ir para a cama como o Bobby Bantz, com o SkippyDeere, e já fui para a cama contigo. Será isto absolutamente necessário? - E abriu muito os olhos, com uma expressão de inocência.

Dita gostou verdadeiramente dela naquele momento. Ali estava uma rapariga que não tentava fingir-se indignada.

Gostei muito desta noite - disse. - Tocaste exactamente na nota certa.

Bom, nunca percebi porque é que as pessoas fazem tanto espalhafato por causa do sexo. - A mim não me custa nada. Não ando na droga, não bebo por aí além. Com alguma coisa tenho de me divertir.

Óptimo. Agora, quanto ao Deere e ao Bantz. O Deere é melhor, e vou dizer-te porquê. O Deere está apaixonado por si mesmo e gosta de mulheres.

Há-de fazer qualquer coisa por ti, a sério. Há-de arranjar-te um bom papel, é suficientemente esperto para ver que tens talento. Já o Bantz, não gosta de ninguém excepto do Eli Marrion. Além disso, não tem gosto, não tem olho para o talento. O Bantz faz-te assinar um contrato com os estúdios e depois deixa-te apodrecer. Faz o mesmo com a mulher, para a manter calada. A desgraçada trabalha para ganhar o seu dinheiro, mas nunca consegue um papel decente. O Skippy Deere, se gostar de ti, ajudar-te-á na tua carreira.

- Isso parece-me um bocado calculista - observou Falene.

Dita deu-lhe uma palmadinha num braço.

Não me venhas com tretas. Posso ser lésbica, mas também sou mulher.

E conheço os actores. Homens ou mulheres, farão seja o que for para subir a escada. Aqui joga-se forte. Queres ter um emprego das nove às cinco em Oklahoma, ou queres ser uma estrela de cinema e viver em Malibu?

Vi na tua ficha que tens vinte e três anos. Com quantos já foste para a cama?

Contando contigo? Talvez uns cinquenta. Mas todos por prazer -

acrescentou, fingindo estar a justificar-se.

Nesse caso, mais uns quantos não vão traumatizar-te. E, quem sabe, pode ser que gostes.

Sabes, nunca o faria se não tivesse tanta certeza de que hei-de ser uma estrela.

Claro. Nenhuma de nós o faria. Falene riu-se.

E tu? - perguntou.

Não tive por onde escolher. Subi à custa de puro e esmagador talento.

Coitadinha - disse Falene.

Na LoddStone Studios, Bobby Bantz, Skippy Deere e Melo Stuart estavam reunidos com Eli Marrion no gabinete deste último.

- O grande estupor! - exclamou Bobby Bantz, indignado. - Prega um susto de morte a toda a gente e depois suicida-se!

Marrion dirigiu-se a Stuart:

Melo, a sua cliente vai voltar ao trabalho, suponho.

Claro - respondeu Melo.

Não tem mais exigências, não precisa de nenhum incitamento extra? -

perguntou Marrion, com uma voz tranquila e letal. Pela primeira vez, Melo Suart apercebeu-se de que Marrion estava furioso.

Não - respondeu Melo. - Pode começar a trabalhar amanhã.

Óptimo - disse Deere. - Ainda conseguimos concluir o filme dentro do orçamento.

Quero que se calem todos e me ouçam - disse Eli Marrion. E esta rudeza, tão invulgar nele, fê-los calarem-se.

Marrion falou no tom agradável e calmo que lhe era habitual, mas a raiva transparecia clara em cada uma das suas palavras.

- Skippy, que nos interessa a nós se o filme fica ou não dentro do orçamento? Já não é nosso. Entrámos em pânico, cometemos um erro estúpido.

Todos nós somos culpados. O filme não nos pertence, pertence a um intruso.

Skippy Deere tentou interrompê-lo.

A LoddStone vai fazer uma fortuna com a distribuição. E recebem uma percentagem dos lucros. Continua a ser um excelente negócio.

Mas esse De Lena ganha mais dinheiro do que nós - interveio Bantz.

- Isso não é justo.

A questão é que o De Lena não fez nada para resolver o assunto -

declarou Eli Marrion. - Com certeza os estúdios têm alguma base legal para recuperar o filme.

Isso mesmo! - corroborou Bantz. - O gajo que se lixe! Vamos para tribunal.

- Ameaçamo-lo com o tribunal e depois chegamos a um acordo -

disse Marrion. - Devolvemos-lhe os cinquenta milhões e damos-lhe dez por cento do bruto ajustado.

Deere lançou uma gargalhada.

Eli, a Molly Flanders nunca o deixará aceitar esse acordo.

Negociaremos directamente com o De Lena - respondeu Marrion.

- Acho que sou capaz de o convencer. - Fez uma pausa. - Telefonei-lhe assim que soube da notícia. Virá juntar-se-nos muito em breve. Sabem que ele tem um certo passado, e este suicídio foi demasiado conveniente. Não acredito que esteja interessado na publicidade de uma acção em tribunal.

Na sua suite no terraço do Xanadu Hotel, Cross De Lena leu nos jornais a notícia da morte de Boz Skannet. Correra tudo na perfeição. Era um caso nítido de suicídio, as duas notas de despedida encontradas no corpo eram uma prova definitiva. Não havia a mínima possibilidade de os peritos detectarem a falsificação: Boz Skannet não legara ao mundo um grande corpo de correspondência e Leonard Sossa era demasiado bom. As algemas nas pernas e nos braços de Skannet, propositadamente largas, não tinham deixado marcas. Lia Vazzi era um perito.

O primeiro telefonema que Cross recebeu foi o que esperava. Giorgio Clericuzio chamava-o à mansão da Família, em Quogue. Cross nunca duvidara que os Clericuzio descobririam rapidamente o que tinha feito.

O segundo telefonema foi de Eli Marrion, a pedir-lhe que fosse vê-lo a Los Angeles, e sem a companhia da sua advogada. Cross disse que assim faria. Mas, antes de sair de Las Vegas, telefonou a Molly Flanders e falou-lhe do telefonema de Marrion.

- Esses viscosos filhos da mãe! - exclamou ela. - Vou buscá-lo ao aeroporto e vamos juntos. Nunca diga sequer bom-dia ao dono de um estúdio sem ter o seu advogado consigo.

Quando os dois entraram no edifício da LoddStone e no gabinete de Marrion, souberam logo que havia sarilho. Os quatro homens que os esperavam arvoravam as expressões sérias e truculentas de quem está disposto a optar pela violência.

Decidi trazer a minha advogada - disse Cross a Marrion. - Espero que não se importe.

Como quiser - respondeu Marrion. - Só pretendia poupar-lhe um possível embaraço.

Isto vai ser bom a valer - disse Molly Flanders, com uma expressão dura e zangada. - Querem recuperar o filme, mas o nosso contrato é de ferro.

Tem toda a razão - anuiu Eli Marrion. - Mas vamos apelar para o sentido de justiça do seu cliente. Ele não fez nada para resolver o problema, ao passo que a LoddStone investiu quantidades consideráveis de tempo, dinheiro e criatividade, sem os quais este filme não teria sido possível.

O Cross recupera o dinheiro que nos pagou. Recebe dez por cento dos lucros brutos ajustados, e seremos generosos na determinação dessas correcções.

Não correrá qualquer risco.

Ele já sobreviveu ao risco - ripostou Molly. - A vossa proposta é insultuosa.

Nesse caso teremos de ir para tribunal - disse Marrion. - Cross, tenho a certeza de que isso lhe desagrada tanto como a mim. - Sorriu a Cross.

Era o tipo de sorriso que fazia o seu rosto de gorila parecer angelical.

Molly estava furiosa.

- Eli, vocês vão a tribunal vinte vezes por ano prestar declarações porque

passam a vida a fazer truques destes. - Voltou-se para Cross e declarou: -

Vamos embora.

Cross sabia, porém, que um longo caso em tribunal era algo que não se podia permitir. O facto de ele ter comprado o filme e de pouco depois Skannet se ter muito convenientemente suicidado seria examinado à lupa.

Esmiuçar-lhe-iam o passado, pintá-lo-iam com cores tais que se tornaria uma figura pública, e isso era uma coisa que o velho Don nunca toleraria. Não tinha a mínima dúvida de que Eli Marrion sabia tudo isto.

- Fiquemos mais um pouco - disse a Molly. Depois voltou-se para Marrion, Bantz, Skippy Deere e Melo Stuart. - Se um jogador vai ao meu hotel, faz uma aposta arriscada e ganha, eu pago-lhe tudo o que ganhar.

Não lhe pago o que arriscou. E isso é o que os senhores estão a querer fazer.

Por que não reconsideram o assunto?

- O nosso negócio não é o jogo - disse Bantz, num tom de desprezo.

Melo Stuart interveio apaziguadoramente, dirigindo-se a Cross:

- Ganha pelo menos dez milhões com o seu investimento. Não se pode dizer que não seja justo.

- E sem ter de fazer fosse o que fosse! - acrescentou Bantz.

Só Skippy Deere parecia estar do lado dele.

- Cross, tu mereces mais. Mas o que eles oferecem é melhor do que uma luta em tribunal, com o risco de perder. Deixa passar esta e voltaremos a fazer negócio, sem a LoddStone. Prometo-te um tratamento justo.

Cross sabia que era importante não parecer ameaçador. Sorriu, resignado.

- Talvez tenhas razão - disse. - Quero ficar no negócio do cinema em boas relações com toda a gente, e um lucro de dez milhões não é um mau começo. Molly, encarregue-se dos papéis. Agora tenho de ir apanhar um avião, de modo que se me dão licença...

Saiu da sala, seguido por Molly.

Podemos ganhar em tribunal - disse-lhe Molly.

Não quero ir a tribunal - respondeu Cross. - Faça o acordo.

Molly estudou-o cuidadosamente, e depois disse:

Está bem, mas vou conseguir-lhe mais do que dez por cento.

Quando Cross chegou à mansão de Quogue, no dia seguinte, Don Dome-nico Clericuzio, os seus filhos Giorgio, Vincent e Petie, e o neto, Dante, estavam à espera dele. Almoçaram no jardim, debaixo do caramanchão, um almoço de presuntos e queijos italianos, uma enorme tijela de madeira cheia de salada e compridas fatias de estaladiço pão italiano. Havia também a taça de queijo

ralado e a colher de prata do Don. Enquanto comiam, Don Dome-nico disse, como que casualmente:

- Croccifixio, ouvimos dizer que te meteste no negócio do cinema.

- Fez uma pausa para beber um golo de vinho e comer uma colher de parmesão ralado.

- E verdade - respondeu Cross.

É verdade que arriscaste algumas das tuas acções no Xanadu Hotel para financiar um filme? - quis saber Giorgio.

O que está dentro dos meus direitos - respondeu Cross. - Ao fim e ao cabo, sou o vosso bruglione no Oeste. - Riu-se.

Bruglione é a palavra exacta - comentou Dante.

O Don lançou ao neto um olhar de reprovação. Depois, voltando-se novamente para Cross, disse:

Envolveste-te num assunto muito sério sem consultar a Família. Não procuraste a nossa sabedoria. Mais importante do que tudo isto, levaste a cabo uma acção violenta que pode ter repercussões graves. Nestes casos, o costume é claro, tens de ter o nosso consentimento ou ficar por tua conta e sofrer as consequências.

E utilizaste recursos da Família - acrescentou Giorgio, secamente.

- A cabana de caça na Sierra. Usaste o Lia Vazzi, o Leonard Sossa e o Pollard, com a sua agência de segurança. E certo que são a tua gente no Oeste, mas são também recursos da Família. Felizmente, tudo correu bem, mas se não tivesse corrido? Estaríamos todos em perigo.

- Ele sabe tudo isso - interrompeu-o Don Domenico,

impacientemente. - A questão é, porquê? Sobrinho, há uns anos pediste para não participar nesse trabalho necessário que alguns homens têm de fazer. Concedi-te o que pedias, apesar de seres tão valioso para nós. Agora fazes esse mesmo trabalho para teu próprio proveito. Não parece coisa do querido sobrinho que eu sempre conheci.

Cross soube então que o Don queria apoiá-lo. Não podia dizer a verdade, que se deixara seduzir pela beleza de Athena; isso não seria uma explicação razoável, seria até insultuosa. E possivelmente fatal. Que poderia ser mais indesculpável do que permitir que a atracção por uma mulher desconhecida se sobrepusesse à lealdade que devia à Família? Falou com todo o cuidado:

- Vi uma oportunidade para ganhar muito dinheiro. Vi uma oportunidade de pôr o pé num novo negócio. Para mim e para a Família. Um negócio que pode ser usado para transformar dinheiro sujo em dinheiro limpo.

Mas tinha de agir rapidamente. Com certeza não era minha intenção manter isto em segredo, e a prova é que usei recursos da Família, o que não poderiam deixar de saber. Quis vir ter convosco com o trabalho feito.

O Don estava a sorrir-lhe; perguntou, gentilmente:

- E o trabalho, está feito?

Cross adivinhou imediatamente que o Don sabia tudo.

Sim, mas há um outro problema - disse, e explicou o novo acordo que fizera com Marrion. Para sua surpresa, Don Domenico pôs-se a rir às gargalhadas.

Fizeste exactamente o que devias - declarou o Don. - Um processo no tribunal poderia ser um desastre. Deixa-os gozar a sua vitória. Foi uma coisa boa termo-nos sempre mantido afastados desse negócio. - Fez uma pausa antes de acrescentar: -Pelo menos, ganhaste os teus dez milhões. É uma bonita soma.

Não - disse Cross -, cinco para mim e cinco para a Família, isso nem se discute. Mas acho que não devemos deixar-nos desencorajar tão facilmente. Tenho alguns planos, mas preciso da ajuda da Família.

Nesse caso temos de discutir outro tipo de participação - interveio Giorgio. Giorgio era como Bantz, pensou Cross, queria sempre mais.

O Dom interrompeu-o, impaciente:

Primeiro há que apanhar o coelho, depois dividimo-lo. Tens a bênção da Família. Mas uma coisa. Discussão total de qualquer acção drástica que tenha de ser tomada. Compreendes-me, sobrinho?

Sim - respondeu Cross.

Saiu de Quogue com uma sensação de alívio. O Don mostrara o seu afecto.

Don Domenico Clericuzio, com os seus oitenta e tantos anos, continuava a governar um império. Um mundo que criara com grande esforço e a grande custo e que, por isso mesmo, sentia ter ganho.

Com uma idade venerável, numa altura em que a maior parte dos homens vivem obcecados pela recordação dos pecados inevitavelmente cometidos, pela saudade dos sonhos perdidos e até por dúvidas quanto à justeza das suas acções e princípios, o Don continuava tão inabalavelmente convencido da sua virtude como quando tinha catorze anos.

Don Clericuzio era estrito nas suas crenças e estrito nos seus julgamentos. Deus tinha criado um mundo perigoso, e a Humanidade tornara-o ainda mais arriscado. O mundo de Deus era uma prisão onde o homem tinha de ganhar o seu pão de cada dia, onde o seu próximo era uma fera, carnívora e sem piedade. Don Clericuzio orgulhava-se de ter sabido defender aqueles que amava ao longo das respectivas viagens através da vida.

Orgulhava-se de, com a sua idade avançada, continuar a ter a força de vontade para decretar a pena de morte contra os seus inimigos. Sem dúvida que lhes perdoava. Não era acaso um bom cristão que mantinha uma capela em sua própria casa? Mas perdoava aos seus inimigos como Deus perdoa a todos os homens, condenando-os mesmo assim à extinção inevitável.

No mundo que criara, Don Clericuzio era venerado. A família, os milhares que viviam no Enclave do Bronx, os brugliones que governavam territórios e lhe confiavam o seu dinheiro, vinham pedir a sua intercessão quando entravam em conflito com a sociedade formal. Sabiam que o Don era justo. Que em alturas de necessidade, de doença ou de problemas podiam procurá-lo, e ele daria remédio aos seus infortúnios. Por isso o amavam.

O Don sabia que o amor, por muito profundo que seja, não é um sentimento em que se possa confiar. O amor não garante a gratidão, não garante a obediência, não proporciona harmonia neste mundo tão difícil.

Ninguém compreendia isto melhor que Don Clericuzio. Para inspirar verdadeiro amor, um homem tinha igualmente de ser temido. O amor só por si era

desprezível, era nada se não incluísse também confiança e obediência. De que lhe serviria um amor que não reconhecesse a sua autoridade?

Porque era responsável pelas vidas de todos, era ele quem estava na raiz da boa fortuna de todos, e por isso não podia fraquejar nos seus deveres, Tinha de ser estrito nos seus julgamentos. Se um homem o traía, se um homem punha em causa a integridade do seu mundo, esse homem devia ser punido e impedido de agir, mesmo que isso significasse uma sentença de morte. Não podia haver desculpas, nem circunstâncias atenuantes, nem pedidos de misericórdia. O que tinha de ser feito tinha de ser feito. O seu filho Giorgio chamara-lhe uma vez arcaico. Ele aceitava que não podia sequei ser de outra maneira.

Agora tinha muitas coisas a ponderar. Tinha planeado bem durante aqueles últimos vinte e cinco anos, desde a guerra contra os Santadio. Fon clarividente, astuto, brutal quando necessário, e misericordioso quando pode sê-lo sem perigo. E agora a Família Clericuzio estava no auge do seu poder aparentemente a salvo de qualquer ataque. Em breve desapareceria na trama legal da sociedade e tornar-se-ia invulnerável.

Don Domenico não sobrevivera tanto tempo, porém, sendo cegamente optmista. Era capaz de detectar uma erva daninha antes que ela mostrasse a cabeça acima do chão. O grande perigo agora era interno, a ascensão de Dante, o facto de ele ter chegado à idade adulta de uma maneira que não era inteiramente satisfatória para o Don.

Depois havia o caso de Cross, enriquecido pela herança de Gronevelt, que se atrevera a fazer uma jogada de grande vulto sem a supervisão da Família.

Aquele jovem começara de uma forma brilhante, a caminho de se tornar um Homem Qualificado, como o pai, Pippi. Então, no caso de Virginio Ballazzo, pusera-se com esquisitices. Depois de ter sido desobrigado pela Família dos deveres operacionais, por causa da sensibilidade do seu coração, voltara ao campo por razões de proveito próprio e matara o tal homem, Skannet. Sem autorização do Don. Mas Don Clericuzio desculpava-lhe estas acções, desculpava-lhe o seu estranho sentimentalismo. Cross estava a tentar escapar ao mundo em que vivia para entrar noutro. Embora aquelas acções fossem ou pudessem ser sementes de traição, Don Clericuzio compreendia.

No entanto, Pippi e Cross combinados constituiriam uma ameaça para a Família.

Além disso, o Don não ignorava o ódio de Dante pelos De Lena.

Pippi era demasiado esperto para não o ter descoberto também, e Pippi era um homem perigoso. Seria preciso mantê-lo debaixo de olho, apesar da sua mais que provada lealdade.

Esta indulgência do Don nascia da sua amizade por Cross e do seu amor por Pippi, o seu velho e fiel soldado, o filho da sua irmã. Ao fim e ao cabo, corria-lhes nas veias sangue dos Clericuzio. O perigo que verdadeiramente o preocupava era o representado por Dante.

Don Clericuzio sempre fora para Dante um avô terno e compreensivo.

Os dois tinham sido muito chegados até que o rapaz fizera dez anos e um certo desencanto começara a instalar-se. O Don detectava no carácter do neto certas características que o preocupavam.

Dante, aos dez anos de idade, era uma criança exuberante, maliciosamente divertida. Era um bom atleta, com uma excelente coordenação física. Adorava falar, sobretudo com o avô, e tinha longas e sigilosas conversas com a mãe, Rose Marie. Mas então, a partir dos dez anos, tornara-se malévolo e brutal. Lutava com outros rapazes da sua idade usando uma violência inapropriada. Provocava desapiedadamente as raparigas, com uma obscenidade inocente que era chocante, apesar de divertida. Torturava pequenos animais - o que não era particularmente significativo no caso de rapazinhos muito novos, como o Don bem sabia -, mas certa vez tentara afogar um garoto mais pequeno na piscina da escola. E, finalmente, tornara-se desobediente, inclusive ao próprio avô.

Não que o Don julgasse com demasiada severidade estas coisas. Ao fim e ao cabo, as crianças eram animais, tinham de aprender a ser civilizadas à custa de muita paciência e palmadas no rabo. Havia crianças como Dante que ao crescerem se tornavam autênticos santos. O que perturbava o Don era a sua loquacidade, as suas longas conversas com a mãe, e, acima de tudo as suas desobediências ao próprio avô. Talvez o que também perturbasse o Don, que tinha um temor respeitoso pelos caprichos da Natureza, fosse o facto de, aos quinze anos, Dante ter parado de crescer. Continuou a medir um metro e cinquenta e sete centímetros de altura. Os médicos consultados concordaram que poderia crescer talvez mais seis ou sete centímetros, mas nunca chegaria ao metro e oitenta habitual dos Clericuzio. O Don via na baixa estatura de Dante

um sinal de perigo, como nos gémeos: afirmava que embora o nascimento fosse um milagre sagrado, ter gémeos era ir demasiado longe. Houvera o caso de um soldado, no Enclave do Bronx, cuja mulher dera à luz trigémeos. O Don horrorizado, comprara-lhes uma mercearia em Portland, Oregon; uma vida boa, mas solitária. Don Domenico tinha igualmente superstições relativa mente aos canhotos e aos gagos. Dissessem as pessoas o que dissessem, aquilo não podiam ser bons sinais. E Dante era naturalmente canhoto.

Nem mesmo tudo isto, porém, teria sido o suficiente para fazer o Don desconfiar do neto, ou diminuir o seu afecto por ele; qualquer pessoa de seu próprio sangue estava naturalmente isenta. Mas quanto mais Dante crescia, mais se distanciava dos sonhos que o Don acalentara para o seu futuro Dante abandonara a escola com dezasseis anos e começara imediata mente a meter o nariz nos assuntos da Família. Trabalhara para Vincen num dos seus restaurantes. Era um empregado de mesa muito apreciado < ganhava excelentes gorjetas graças à sua habilidade e esperteza. Cansado disto, fora trabalhar durante dois meses para o escritório de Giorgio en Wall Street, mas detestara o trabalho e não mostrara a mais pequena aptidão para os números, mau grado os esforços de Giorgio para lhe ensinar as complexidades da riqueza no papel. Finalmente, assentara na empresa de construção de Petie, e adorava trabalhar com os soldados do Enclave. Orgulhava-se do seu corpo, que se tornava cada vez mais musculoso. Mas com tudo isto adquirira de certa maneira algumas características dos três tios facto que o Don notara com orgulho. Tinha a franqueza directa de Vincent, a frieza de Giorgio e a ferocidade de Petie. Algures ao longo deste percurso, estabelecera a sua própria personalidade, aquilo que verdadeira mente era: matreiro, astuto, tortuoso, mas com um sentido de humor que podia ser muito divertido. E

fora por essa altura que começara a usar o seus chapéus renascentistas.

Os chapéus - ninguém sabia onde ele ia arranjá-los - eram feitos de um material colorido e iridiscente; alguns eram redondos, outros rectangulares, e balouçavam-lhe na cabeça como se flutuassem à tona de água. Pareciam torná-lo mais alto, mais atraente, mais simpático. Em parte porque eram apalhaçados e desarmantes, em parte porque equilibravam os seus dois perfis. Os chapéus ficavam-lhe bem. Escondiam-lhe o cabelo, muito negro e grosso, como o de todos os Clericuzio.

Um dia, no escritório, onde a fotografia de Silvio continuava a ocupar o lugar de honra, Dante perguntara ao avô:

Como foi que ele morreu?

Um acidente - respondera o Don, sem mais explicações.

Era o seu filho preferido, não era? - insistira Dante.

O Don sobressaltara-se ao ouvir a pergunta. Dante ainda tinha apenas quinze anos.

Porque haveria isso de ser verdade? - perguntara por sua vez.

Porque está morto - respondera Dante com um sorriso malicioso, e o Don demorara alguns instantes a aperceber-se de que aquele miúdo ousara dizer semelhante graça.

Don Domenico sabia que Dante lhe revistava o escritório quando ele estava a jantar. Isto não o perturbava, as crianças eram sempre curiosas a respeito dos velhos e o Don nunca escrevia em papéis fosse o que fosse que pudesse divulgar qualquer informação. Don Clericuzio tinha num canto do cérebro um grande quadro negro onde apontava tudo o que precisava de saber, incluindo os totais de todos os pecados e virtudes daqueles que lhe eram mais queridos.

No entanto, quanto mais aumentava a sua desconfiança em relação ao neto, mais afecto lhe mostrava, dando-lhe a entender que seria um dia um dos herdeiros do império da Família. E as censuras e admoestações ficavam a cargo dos tios do rapaz, sobretudo Giorgio.

Finalmente, o Don acabara por desistir da sua esperança de que Dante viesse alguma vez a integrar-se na sociedade legal e, relutantemente, autorizara que começasse a ser treinado como futuro martelo.

Don Domenico ouviu a filha, Rose Marie, chamá-lo para jantar na cozinha, onde comiam quando estavam só os dois. Desceu, sentou-se à mesa diante da grande e colorida tijela de massa "cabelos de anjo" com tomate e manjericão apanhados na horta da casa. Rose Marie colocou diante dele a taça de prata com o parmesão ralado; o queijo era intensamente amarelo, o que provava a sua doce frescura. Depois foi sentar-se em frente dele. Estava alegre e bem disposta, e o Don ficou encantado por vê-la de tão bom humor.

Naquela noite não teria nenhum dos seus terríveis ataques. Estava como

costumava ser antes da guerra contra os Santadio.

Que tragédia, essa guerra! Um dos poucos erros que alguma vez cometera, um erro que lhe provara que uma vitória nem sempre é uma vitória Mas quem teria pensado que Rose Marie iria ficar viúva para sempre?

os apaixonados acabam sempre por voltar a amar, era uma das convicções de Don. Naquele instante, Don Domenico sentiu um enorme afecto pela filha Ela compensava os pequenos pecadilhos de Dante. Rose Marie inclinou -se por cima da mesa e fez-lhe uma terna festa na cabeça grisalha.

O Don encheu a colher de queijo ralado e sentiu a sua agradável consistência contra as gengivas. Bebeu um golo de vinho e ficou a ver Rose Mari cortar a perna de borrego. Ela serviu-lhe três batatas assadas, tostadas e brilhantes de gordura. O espírito perturbado do Don clarificou-se. Quem era melhor do que ele?

Estava tão bem disposto que deixou Rose Marie convencê-lo a ver um pouco de televisão com ela na sala de estar pela segunda vez nessa semana Depois de assistir a quatro horas repletas de horrores, disse à filha:

- Será possível viver num mundo assim, onde cada um faz aquilo que quer? Ninguém é castigado por Deus nem pelos homens e ninguém tem de ganhar a vida? Haverá realmente mulheres assim, que seguem cada um dos seus caprichos? E homens tão loucos e fracos, que sucumbem aos mais pequenos desejos, aos mais pequenos sonhos de felicidade? Onde estão os honestos pais de família que trabalham para ganhar o pão de cada dia, que procuram a melhor maneira de proteger os filhos contra os ataques da sorte e de um mundo cruel? Onde estão as pessoas que compreendem que un pedaço de queijo, um copo de vinho, o calor de uma casa no fim de um dia de trabalho são recompensa suficiente? Onde estão as pessoas que anseiam por uma misteriosa felicidade? Que confusão fazem das suas vidas, que tragédias fabricam a partir de nada. - O Don acariciou a cabeça da filha e fez um gesto de desdém na direcção do televisor. Disse:- Eles que vão todos nadar para o fundo do oceano. - E rematou com uma última sentença de sabedoria:

- Toda a gente é responsável por tudo o que faz.

Nessa noite, sozinho no seu quarto, Don Clericuzio saiu para a varanda Todas as casas à volta da mansão estavam brilhantemente iluminadas, ouvi; o bater das

bolas de ténis no courte via os jogadores à luz dos projectores Não havia crianças a brincar no exterior a uma hora tão tardia. Viu os guardas junto ao portão em volta da casa.

Ponderava que medidas poderia tomar para evitar tragédias futuras O

amor pela filha e pelo neto invadiram-no como uma onda, era o que fazia valer a pena chegar a velho. Teria muito simplesmente de protegê-los o me lhor que pudesse. Então irritou-se consigo mesmo. Porque seria que estava constantemente a prever calamidades? Resolvera todos os problemas da sua vida, e havia de resolver aquele.

No entanto, a sua cabeça continuava cheia de um turbilhão de planos.

Pensou no senador Wavven. Durante anos, dera àquele homem milhões de dólares para conseguir que fossem aprovadas leis que legalizassem o jogo. Mas o senador era escorregadio. Era uma pena Gronevelt ter morrido; Cross e Giorgio não tinham a habilidade necessária para lidar com ele. Talvez o seu sonho de um império de jogo nunca viesse a concretizar-se.

Então pensou no seu amigo David Redfellow, agora a viver tão confortavelmente em Roma. Talvez fosse tempo de o chamar de volta à Família. Estava muito bem para Cross mostrar-se tão compreensivo para com os seus sócios em Hollywood. Ao fim e ao cabo, era muito novo. Ainda não sabia que um só sinal de fraqueza podia ser fatal. Decidiu que ia mandar regressar David Redfellow de Roma, para fazer qualquer coisa em relação ao negócio do cinema.

Capítulo XI

Uma semana depois da morte de Boz Skannet, Cross recebeu, através de Claudia, um convite de Athena Aquitane para jantar na sua casa em Malibu.

Apanhou o avião de Las Vegas para Los Angeles, alugou um carro e chegou diante do portão guardado de Malibu Colony quando o sol começava a mergulhar lentamente no oceano. Já não havia qualquer segurança especial, embora a secretária continuasse a ocupar o seu posto na casa de hóspedes e a abrir o portão. Cross atravessou o jardim até à casa sobre a praia. A mesma empregada sul-americana conduziu-o à sala verde-mar, que parecia escapar por pouco ao espraiar das ondas do Pacífico.

Athena esperava-o, e era ainda mais bela do que ele se lembrava.

Vestia blusa e calças verdes, e parecia confundir-se e fazer parte da névoa que pairava sobre o oceano, estendido como um pano de fundo atrás dela. Cross não conseguia afastar os olhos. Athena recebeu-o com um aperto de mão, e não com o beijo em cada face habitual em Hollywood. Tinha bebidas preparadas e entregou-lhe uma. Água de Evian com lima. Sentaram-se nas grandes cadeiras verdes estofadas, de frente para o mar. O sol poente espalhava pela sala moedas douradas de luz.

Cross estava tão consciente da beleza dela que teve de baixar a cabeça para conseguir deixar de a contemplar. O elmo dourado do cabelo, a pele leitosa, a maneira como o corpo alongado se estirava na cadeira. Algumas das moedas de ouro caíram-lhe nos olhos verdes, como sombras fugidias. Cross sentiu um desejo urgente de lhe tocar, de estar perto dela, de a ter como coisa sua.

Athena parecia inconsciente das emoções que despertava. Provou a bebida e disse:

- Quero agradecer-lhe por me ter mantido no mundo do cinema.

O som da voz dela enfeitiçou Cross ainda mais. Não era lascivo nem convidativo. Mas tinha um tom tão aveludado, uma confiança tão absoluta, e ao mesmo tempo tanta doçura, que tudo o que ele queria era que ela continuasse a falar. Jesus Cristo, pensou, que diabo estava a acontecer-lhe?

Envergonhava-se do poder que ela exercia sobre todo o seu ser. Ainda de cabeça baixa, murmurou:

Pensei que poderia fazê-la voltar ao trabalho apelando para a sua ganância.

A ganância não é uma das minhas fraquezas - disse Athena. Desviou então os olhos do oceano, para poder fixar directamente os dele. -

A Claudia disse-me que a LoddStone renegou o acordo depois de o meu marido se ter suicidado. Que teve de devolver-lhes o filme e aceitar uma percentagem.

Cross manteve uma expressão impassível. Esforçava-se por banir do rosto o reflexo de tudo o que sentia por ela.

Acho que não sou um grande homem de negócios - respondeu.

Queria dar-lhe a impressão de que era inepto.

Foi a Molly Flanders quem redigiu o seu contrato. E ela é a melhor.

Podia ter aguentado.

Cross encolheu os ombros.

Uma questão de política. Quero entrar para o negócio do cinema numa base permanente e não me interessa fazer inimigos tão poderosos como a LoddStone Studios.

Eu podia ajudá-lo. Podia recusar-me a voltar ao filme.

A possibilidade de ela estar disposta a fazer aquilo por ele emocionou-o.

Ponderou a oferta. A LoddStone poderia continuar a querer ir para tribunal.

Além disso, não suportava a ideia de deixar que Athena o colocasse numa posição de devedor. E então ocorreu-lhe que embora Athena fosse muito bela, isso não significava que não fosse também muito esperta.

- Porque faria uma coisa dessas? - perguntou.

Athena levantou-se da sua cadeira e aproximou-se das portas do terraço. As praias eram sombras cinzentas, o sol tinha desaparecido, e o oceano parecia reflectir as montanhas que se erguiam para lá da casa e da Pacific Coast Highway. Deixou o olhar alongar-se pela superfície do mar, que adquirira um tom azul de chumbo, agitada por pequenas ondas. Não voltou a cabeça para ele quando respondeu:

- Porque faria uma coisa dessas? Simplesmente porque conhecia o Boz Skannet melhor do que ninguém. E não quero saber se deixou duas ou cem notas de suicídio; sei que nunca se mataria.

Cross encolheu os ombros.

Morto é morto - disse.

Isso é verdade - admitiu Athena. Voltou-se para o enfrentar, olhou directamente para ele. - O Cross compra o filme e logo a seguir o Boz, muito convenientemente, suicida-se. Você é o meu candidato a assassino. -

Mesmo sério, o rosto dela pareceu tão belo a Cross que a voz dele, quando falou, não soou tão firme quanto teria desejado.

- E os estúdios? O Marrion é um dos homens mais poderosos do país.

E o Bantz? E o Skippy Deere?

Athena abanou a cabeça.

Compreenderam o que eu estava a pedir-lhes. Tal como o Cross.

Mas não o fizeram, venderam-lhe o filme a si. Não se importavam que eu fosse morta uma vez acabado o filme. Mas o Cross importou-se. E eu soube que me ajudaria mesmo quando me disse que não podia. Quando ouvi dizer que tinha comprado o filme, soube exactamente o que ia fazer, mas tenho de admitir que nunca pensei que pudesse ser tão esperto. - Subitamente, aproximou-se dele, e Cross levantou-se da cadeira. Athena pegou-lhe nas mãos. Cross sentiu o cheiro do corpo, do hálito dela.

Foi a única coisa má que fiz em toda a minha vida - continuou Athena. - Levar alguém a cometer um assassínio. Foi terrível. Teria sido uma pessoa muito melhor se o tivesse feito eu própria. Mas não podia.

Porque é que tinha a certeza que eu faria qualquer coisa?

A Claudia falou-me muito de si. Compreendi imediatamente quem o Cross era, mas ela é tão ingénua que ainda não percebeu. Pensa que o irmão é apenas um tipo duro com muita influência.

Cross ficou instantaneamente muito alerta. Athena estava a tentar levá-lo a admitir a sua culpa. Uma coisa que ele nunca faria nem mesmo diante de um padre, ou do próprio Deus.

- E a maneira como olhou para mim - continuou ela. - Muitos homens têm olhado para mim dessa maneira. Não estou a ser vaidosa, sei que sou bonita, as pessoas dizem-mo desde quando eu era criança.

Sempre soube que tinha poder, mas nunca compreendi verdadeiramente esse poder. Não gosto realmente dele, mas uso-o. É aquilo a que as pessoas chamam "amor".

Cross largou-lhe as mãos.

- Porque tinha tanto medo do seu marido? Porque ele podia arruinar a sua carreira?

Por um momento, houve um clarão de ira nos olhos dela.

Não foi por causa da minha carreira - disse -, e não foi por medo, embora soubesse que ele me mataria. Tinha uma razão melhor. - Fez uma pausa, e então declarou:- Posso obrigá-los a devolverem-lhe o filme. Posso recusar-me a continuar a trabalhar?

Não.

Athena sorriu e disse, com uma expressão alegremente animada:

- Ou então podemos ir os dois para a cama. Acho-o muito atraente e estou certa de que ambos gostaríamos da experiência.

A primeira reacção dele foi de irritação, por ela pensar que podia comprá-lo. Por estar a representar um papel, usando a sua habilidade de mulher, como um homem poderia usar a sua força física. Mas o que realmente o incomodou foi o facto de ter detectado uma levíssima nota de troça na voz dela. Troça da galanteria dele, e o querer transformar o seu amor numa simples cópula. Como se estivesse a dizer-lhe que o amor dele por ela era tão falso como o amor dela por ele.

Respondeu, friamente:

- Tive uma longa conversa com o Boz, tentando chegar a um acordo.

Ele disse-me que costumava levá-la para a cama cinco vezes por dia, quando estavam casados.

Ficou satisfeito ao ver que ela parecia ter-se sobressaltado.

- Nunca as contei, mas eram muitas. Eu tinha dezoito anos e estava verdadeiramente apaixonada por ele. Não é estranho que agora quisesse vê-

-lo morto?- Franziu a testa e perguntou, displicentemente:- De que mais falaram?

Cross olhou-a com uma expressão sombria.

- O Boz revelou-me o terrível segredo que existe entre os dois. Disse-

-me que a Athena lhe tinha confessado que, ao fugir, enterrara a sua filha no deserto.

O rosto de Athena tornou-se uma máscara, os seus olhos ficaram baços.

Pela primeira vez naquela noite, Cross sentiu que não era possível ela estar a representar. As suas faces tinham adquirido uma palidez que nenhuma actriz conseguiria simular.

Acredita verdadeiramente que eu assassinei a minha filha? - perguntou, num murmúrio.

O Boz afirmou que foi o que lhe disse.

Disse-lhe isso, de facto. Agora, pergunto-lhe outra vez. Acredita verdadeiramente que eu assassinei a minha filha?

Não há nada tão terrível como condenar uma mulher bonita. Cross sabia que se respondesse com a verdade, perdê-la-ia para sempre. De súbito, rodeou-a suavemente com os braços.

- É demasiado bela. Ninguém assim tão bela seria capaz de uma coisa dessas. - A eterna veneração do homem pela beleza contra todas as provas.

- Não - afirmou. - Não acredito que o tenha feito.

Ela afastou-se um pouco.

Apesar de eu ser responsável pelo que aconteceu ao Boz?

Não é responsável. Ele suicidou-se.

Athena estava a olhar intensamente para ele. Cross pegou-lhe nas mãos.

- Acredita que eu matei o Boz? - perguntou por sua vez.

E então Athena sorriu, uma actriz que acabava finalmente de descobrir como representar uma cena.

- Não mais do que o Cross acredita que eu matei a minha filha.

Sorriram ambos. Tinham-se declarado inocentes um ao outro. Ela pegou-lhe na mão e disse:

- Agora vou preparar-lhe um jantar, e depois vamos os dois para a cama.

- E levou-o para a cozinha.

Quantas vezes terá ela representado esta cena, pensou Cross, ciumen-tamente. A bela rainha entregue às tarefas do lar, como qualquer vulgar dona de casa. Ficou a vê-la cozinhar. Não usava avental e era extraordinariamente profissional. Conversou com ele enquanto cortava os vegetais, preparava a frigideira e punha a mesa. Deu-lhe uma garrafa de vinho para abrir, segurando-lhe na mão e roçando o corpo pelo dele. Viu-o olhá-la com admiração quando tudo ficou pronto em meia hora.

- Interpretei uma mulher chefe de cozinha num dos meus primeiros filmes - explicou -, de modo que fui para uma escola de culinária aprender como se fazia. E um dos críticos escreveu: "Quando Athena Aquitane representar tão bem como cozinha, será uma estrela."

Comeram junto à janela da cozinha, para poderem ver o mar. O

jantar estava delicioso: pequenos quadrados de carne cobertos de vegetais, e uma salada verde. Havia um prato de queijos e fatias de pão quente, roliças como pombos. Terminaram com um café expresso e uma leve tarte de limão.

Devia ter sido cozinheira - disse Cross. - O meu irmão Vincent não teria a mínima dúvida em contratá-la para um dos seus restaurantes.

Oh, eu podia ter sido o que quisesse! - respondeu ela, com fingida presunção.

Durante o jantar, ela tocara-lhe uma ou outra vez, ao de leve, de uma maneira que era sexual, como se procurasse algum espírito na carne dele.

Mas

Cross, a cada toque, ansiava por sentir o corpo dela contra o seu. No final da refeição, já nem era capaz de saborear o que estava a comer. Finalmente acabaram e Athena pegou-lhe na mão e guiou-o para fora da cozinha, subindo

os dois lanços de escada até ao quarto. Fê-lo graciosamente, quase timidamente, quase corando, como se fosse uma noiva virginal e ansiosa. Cross estava maravilhado com a habilidade dela como actriz.

O quarto ficava mesmo no topo da casa e tinha uma pequena varanda sobranceira à praia. Era uma divisão muito ampla, com as paredes cobertas de quadros estranhos, berrantes, que pareciam iluminá-la.

Ficaram na varanda a ver as luzes do quarto reflectirem-se na areia com um fantasmagórico brilho amarelo. As outras casas de Malibu estendiam-se pela orla da praia, como caixinhas de luz. Pequenas aves, como numa espécie de jogo, desciam velozmente quase até à água entre cada onda, sem nunca se molharem.

Athena pousou uma mão no ombro de Cross, e com a outra puxou-lhe a cabeça para baixo, de modo que os seus lábios se encontrassem. Beijaram-se longamente, bafejados pelo ar morno que soprava do mar. Depois ela levou-o para o interior do quarto.

Despiu-se rapidamente, desembaraçando-se da blusa e das calças verdes. O seu corpo branco brilhava na escuridão dissipada pelo luar. Era tão bela como ele a tinha imaginado. Os seios altos, com mamilos como morangos, pareciam algodão doce. As pernas compridas, a curva das ancas, os cabelos louros do púbis, a sua imobilidade absoluta, delineada por uma auréola quase invisível de bruma marítima.

Cross estendeu as mãos para aquele corpo, e a carne dela era como veludo, os lábios dela estavam cheios do aroma das flores. A simples alegria de lhe tocar era tão doce que ele não conseguia fazer mais nada. Athena começou a despi-lo. Fê-lo suavemente, passando as mãos pelo corpo dele como ele passara as suas pelo dela. Então, beijando-o, puxou-o docemente para a cama.

Cross fez amor com uma paixão que nunca conhecera e nem sequer sonhara que existisse. Estava tão ansioso que Athena teve de bater-lhe na cara para o acalmar. Não conseguia largar o corpo dela, mesmo depois de ambos terem atingido o clímax. Ficaram deitados, entrelaçados um no outro, até que começaram novamente. Ela foi ainda mais ardente do que da primeira vez, como se aquilo fosse uma espécie de concurso, uma espécie de confissão.

Finalmente, deslizaram ambos para o sono.

Cross acordou quando o sol despontava por detrás das montanhas a oriente. Pela primeira vez em toda a sua vida, tinha uma dor de cabeça. Nu, saiu para a varanda e sentou-se numa das cadeiras de verga. Ficou a ver o mar, que o sol nascente iluminava ao iniciar a sua subida pelo céu.

Ela era uma mulher perigosa. O assassínio da própria filha, cujos ossos estavam agora cheios de areia do deserto. E era demasiado hábil na cama.

Podia significar o fim dele. Naquele instante, decidiu que nunca mais voltaria a vê-la.

Então sentiu os braços da Athena em volta do pescoço e voltou a cabeça para a beijar. Athena vestia um felpudo roupão branco e tinha os cabelos seguros por ganchos que brilhavam como jóias numa coroa.

- Toma um duche e eu preparo-te o pequeno-almoço antes de ires -

disse.

Guiou-o até à casa de banho dupla - dois lavatórios, dois balcões de mármore, duas banheiras e dois duches. Estava equipada com artigos de higiene para homem: máquina e espuma de barbear, loções, escovas e pentes.

Quando Cross acabou e voltou à varanda, Athena colocou em cima da mesa uma bandeja com croissants, café e sumo de laranja.

Posso fazer-te bacon com ovos - ofereceu.

Não, isto chega perfeitamente.

Quando é que volto a ver-te? -perguntou ela.

Tenho montes de coisas que fazer em Vegas - respondeu Cross.

- Telefono-te para a semana.

Athena olhou-o atentamente, como se estivesse a avaliá-lo.

Isso significa adeus, não é? Gostei muito da noite passada.

Cross encolheu os ombros.

Não fizeste mais que a tua obrigação - disse.

Ela dirigiu-lhe um sorriso bem humorado e respondeu:

- E com uma espantosa boa vontade, não te pareceu? Não me fiz rogada.

Cross riu-se.

- Não - admitiu.

Ela parecia ler-lhe a mente. Na noite anterior haviam mentido um ao outro, naquela manhã as mentiras não tinham poder. Ela parecia saber que a sua beleza era demasiada para que ele pudesse confiar. Que ele se sentia em perigo junto dela, com os seus pecados confessados. Parecia mergulhada em profundos pensamentos, e comeu em silêncio. Finalmente, disse-lhe:

- Sei que tens muito que fazer, mas há uma coisa que quero mostrar-

-te. Podes dispensar-me esta manhã e apanhar o avião da tarde para Vegas?

É importante. Quero levar-te a um sítio.

Cross não conseguiu resistir à tentação de passar mais algumas horas com ela, e disse que sim.

Foram no carro dela, um Mercedes SL 300, seguindo em direcção ao sul pela estrada de San Diego. Pouco antes de chegarem à cidade, porém, Athena virou à esquerda, por uma estreita estrada que atravessava as montanhas.

Um quarto de hora depois chegaram a um complexo cercado por um muro eriçado de arame farpado. Havia seis edifícios de tijolos vermelhos separados

por relvados e ligados uns aos outros por caminhos pintados de azul celeste. Num dos relvados, um grupo de cerca de vinte crianças brincavam com uma bola. Ao lado, outras dez lançavam papagaios de papel.

Três ou quatro adultos vigiavam-nas, mas a cena tinha algo de estranho.

Quando a bola voava pelos ares, dava a impressão que a maior parte das crianças fugia dela, enquanto no outro relvado os papagaios se erguiam cada vez mais alto no céu, e nunca voltavam.

- Que lugar é este? - perguntou Cross. Athena olhou para ele, suplicantemente.

- Vem só comigo, por favor - pediu. - Depois poderás fazer todas as perguntas que quiseres.

Avançou até ao portão de entrada e mostrou um crachá dourado ao segurança. Depois de entrar, continuou até ao maior dos edifícios e estacionou o carro.

Lá dentro, na recepção, perguntou qualquer coisa em voz baixa à empregada sentada atrás do balcão. Cross deixou-se ficar para trás, mas mesmo assim ouviu a resposta.

Hoje estava mal disposta, de modo que lhe demos um abraço no quarto.

Que raio significa isso? - espantou-se Cross.

Athena, porém, não respondeu. Pegou-lhe numa mão e guiou-o ao longo de um corredor de azulejos comprido e brilhante até um edifício contíguo e a uma espécie de dormitório.

Uma enfermeira sentada à entrada perguntou-lhes quem eram. Depois de lhe ter respondido, Athena voltou a pegar na mão de Cross e levou-o por um outro corredor para o qual davam numerosas portas. Finalmente, abriu uma delas.

Estavam num bonito quarto, amplo e cheio de luz. Havia os mesmos estranhos e sombrios quadros que Cross já vira em casa de Athena, mas aqui estavam espalhados pelo chão. Na parede, uma pequena prateleira continha uma fila de bonecas vestidas com engomados trajes Amish. No chão havia igualmente vários fragmentos de desenhos e pinturas.

Havia uma pequena cama coberta por uma manta felpuda cor-de-rosa e almofadas brancas com rosas vermelhas bordadas. Mas não havia qualquer criança deitada na cama.

Athena avançou até uma grande caixa aberta em cima, com as paredes interiores e o fundo protegidos por um espesso acolchoado azul claro, e quando Cross espreitou para dentro viu a criança lá estendida, aparentemente indiferente à presença deles. Estava a girar um manipulo situado no topo da caixa, e Cross viu como forçava as paredes acolchoadas a aproximarem-se uma da outra, quase a esmagando.

Era uma garotinha de dez anos, uma réplica minúscula de Athena, mas sem emoção, completamente desprovida de expressão, e os seus olhos verdes pareciam tão cegos como os de uma boneca de porcelana. No entanto, de cada vez que girava o manipulo para fazer os painéis acolchoados apertarem-lhe o corpo, o seu rosto refulgia com uma serenidade absoluta. Não dera o mais pequeno sinal de os ter visto.

Athena aproximou-se da cabeceira da caixa de madeira e fez girar o manipulo de modo a poder retirar a criança lá de dentro. Parecia não pesar quase nada.

Athena pegou-lhe ao colo como se fosse um bebé e inclinou a cabeça para lhe beijar a face, mas ela encolheu-se e afastou a cara.

- É a Mamã - disse Athena -. Não me dás um beijo?

O tom da voz dela destroçou o coração de Cross. Era uma súplica abjecta, mas agora a criança debatia-se violentamente nos seus braços.

Finalmente, Athena pousou-a no chão com todo o cuidado. A garota pôs-se de joelhos e pegou imediatamente numa caixa de tubos de tinta e numa grande folha de cartão. Completamente absorta, começou a pintar.

Cross ficou a ver como Athena recorria a todos os seus dotes de actriz para tentar estabelecer contacto com a filha. Primeiro ajoelhou-se junto dela e foi a amorosa companheira de brincadeiras, ajudando-a pintar, mas a menina não lhe prestou atenção.

Então Athena sentou-se e tentou ser a mãe cheia de confiança a contar à filha o que acontecia pelo mundo, mas a criança continuou a ignorá-la. Em seguida,

Athena transformou-se no adulto solícito, a elogiar as pinturas da criança. A tudo isto, a menina respondeu continuando a voltar-lhe as costas.

Athena pegou num dos pincéis e tentou ajudar, mas quando a menina se apercebeu disto, arrancou-lhe o pincel da mão. Nem uma única vez pronunciou uma palavra.

Finalmente, Athena desistiu.

- Volto amanhã, querida - disse. - Levo-te a dar um passeio e trago-

-te mais uma caixa de tintas. Estás a ver - continuou, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces - estás a ficar sem vermelhos. - Tentou dar à criança um beijo de despedida, mas foi mantida à distância por duas pequenas e bonitas mãos.

Finalmente, Athena levantou-se e saiu do quarto, seguida por Cross.

Entregou-lhe as chaves do carro, para que ele pudesse conduzir de volta a Malibu, e durante toda a viagem escondeu a cara nas mãos e chorou. Cross estava tão estarrecido que não conseguia dizer uma palavra.

Quando desceram do carro, Athena parecia ter recuperado o controlo de si mesma. Puxou Cross para dentro de casa e voltou-se para o enfrentar.

- Aquela criança é o bebé que eu disse ao Boz que tinha enterrado no deserto. Agora acreditas em mim? - E, pela primeira vez, Cross acreditou verdadeiramente que ela podia amá-lo.

Athena levou-o para a cozinha e fez café. Sentaram-se junto à janela, a olhar para o mar. Enquanto bebiam o café, Athena começou a falar. Falava em tom de conversa, sem qualquer emoção na voz ou no rosto.

- Quando fugi do Boz, deixei a minha filha em casa de uns primos afastados, que viviam em San Diego. Ela parecia uma criança normal. Nessa altura não sabia que era autista, e talvez não fosse. Deixei-a lá porque estava decidida a ser uma actriz de sucesso. Tinha de ganhar dinheiro para nós as duas. Tinha a certeza de ter talento, e Deus sabe que toda a gente me dizia como era bonita. Sempre pensei que quando fosse famosa poderia ir buscar a minha filha.

"Por isso trabalhava em Los Angeles e ia vê-la a San Diego sempre que podia. Então comecei a ter êxito e deixei de ir vê-la tão frequentemente, talvez uma vez por mês. Finalmente, quando estava pronta para a trazer para casa, fui à festa do seu terceiro aniversário carregada com todo o género de presentes, mas a Bethany parecia ter-se escapado para um outro mundo.

Estava completamente vazia. Não conseguia chegar-lhe. Entrei em pânico.

Pensei que talvez tivesse um tumor no cérebro. Lembrei-me de quando o Boz a tinha deixado cair no chão, pensei que talvez o cérebro dela tivesse ficado afectado e só então começasse a notar-se. Durante meses andei com ela nos médicos, foi submetida a uma porção de testes, levei-a a especialistas que verificaram tudo. Então alguém, já não me lembro se foi o médico em Boston ou o psiquiatra no Texas Children's Hospital, disse-me que ela era autista. Eu nem sequer sabia o que isso significava, pensava que era uma espécie de atraso mental. Não, disse-me o médico. Significava que ela vivia noutro mundo, que não tinha consciência da existência das outras pessoas, não tinha interesse nelas, era incapaz de sentir fosse o que fosse por alguma coisa ou alguém. Foi quando a trouxe para aquela clínica, para estar mais perto de mim, que descobrimos que era capaz de reagir àquela máquina-de-abraços que viste. Parecia ajudar alguma coisa, e por isso tive de deixá-la lá.

Cross escutava em silêncio; Athena continuou:

- Ser autista significava que nunca poderia amar-me. Mas os médicos disseram-me que alguns autistas são pessoas de talento, mesmo geniais.

E eu penso que a Bethany é um génio. Não só a pintar. Há mais qualquer coisa. Os médicos dizem que ao cabo de muitos anos de treino intenso alguns autistas conseguem aprender a interessarem-se por algumas coisas, e depois por algumas pessoas. Alguns conseguem até viver uma vida quase normal.

Por enquanto, a Bethany não suporta ouvir música ou qualquer ruído. Mas ao princípio não suportava sequer que eu lhe tocasse, e agora aprendeu a tolerar-me, de maneira que acho que está melhor do que já esteve.

"Continua a rejeitar-me, mas menos violentamente. Fizemos alguns progressos. Antigamente pensava que isto era o meu castigo por tê-la abandonado porque queria ter êxito na vida. Mas os especialistas dizem que por vezes, embora pareça ser uma doença hereditária, também pode ser adquirida, mas não sabem o

que é que verdadeiramente a provoca. Disseram-me que não tinha nada a ver com o facto de o Boz a ter deixado cair no chão ou eu tê-la abandonado, mas não sei se acredito muito nisso. Estão sempre a dizer-me que não somos responsáveis, que é um dos mistérios da vida, talvez estivesse preestabelecido. Insistem em que nada poderia ter evitado que acontecesse e nada poderá alguma vez alterar o que aconteceu. Mas, mais uma vez, há qualquer coisa dentro de mim que se recusa a acreditar nisso.

"Mesmo quando soube pela primeira vez do estado dela, pensava nisso constantemente. Tive de tomar algumas decisões difíceis. Sabia que seria impotente para a ajudar se não ganhasse muito dinheiro. Por isso internei-a na clínica e ia visitá-la pelo menos um fim-de-semana por mês, e por vezes durante a semana. Finalmente, fiquei rica, era famosa, e nada do que antes fora importante importava agora. Tudo o que queria era estar junto da minha filha. Mesmo que nada disto tivesse acontecido, ia deixar o cinema depois deste filme, de qualquer maneira.

Porquê? -perguntou Cross.-O que é que ias fazer?

Há uma clínica especial em França onde trabalha um médico muito famoso. Era para lá que ia depois do filme. Então o Boz apareceu, e eu sabia que ele ia matar-me e então a Bethany ficaria sozinha. Foi por isso que, de certa maneira, arranjei maneira de o mandar matar. Ela só me tem a mim.

E, bem, suportarei esse pecado. - Athena interrompeu-se e sorriu a Cross.

- É pior do que as telenovelas, não é?

Cross olhou para o mar. Refulgia com um brilho azul oleoso à luz do sol. Recordou a garotinha com o seu rosto vazio como uma máscara, que nunca se abriria para o mundo.

- O que era aquela caixa onde ela estava? Athena riu-se.

É o que me dá esperança - disse. - Triste, não é? É uma caixa-de-

-abraços. Muitas crianças autistas servem-se dela quando estão deprimidas.

É como um abraço dado por uma pessoa, mas não têm de contactar ou relacionar-se com outro ser humano. - Inspirou fundo e afirmou:- Cross, um dia

vou tomar o lugar daquela máquina. E o único objectivo da minha vida.

A minha vida não faz sentido a não ser por isso. Não achas engraçado? Os estúdios dizem-me que recebo milhares de cartas de pessoas que me amam.

Quando apareço em público, as pessoas querem tocar-me. Os homens estão constantemente a dizer-me que me amam. Toda a gente menos a Bethany, e ela é a única que eu quero.

Ajudar-te-ei em tudo o que puder.

Então telefona-me para a semana. Passemos tanto tempo juntos quanto pudermos, até acabarem as filmagens.

Telefono-te - prometeu Cross. - Não posso provar a minha inocência, mas amo-te mais do que tudo na vida.

E estás verdadeiramente inocente? - perguntou ela.

Sim - respondeu Cross. Agora que a sabia inocente, não suportava a ideia de ela o julgar culpado.

Cross pensou em Bethany, no seu rosto vazio tão artisticamente perfeito, nos seus olhos como espelhos; o raro ser humano totalmente isento de pecado.

Quanto a Athena, estivera a julgá-lo. De todas as pessoas que conhecia, Cross fora a única que vira Bethany depois de a criança ter sido declarada autista. Fora um teste.

Um dos grandes choques da sua vida acontecera-lhe quando descobrira que, apesar de ser tão bela, apesar de ser tão talentosa (e, pensou, troçando de si mesma, tão boa, tão gentil, tão generosa), os seus amigos mais chegados, homens que a amavam, parentes que a adoravam, tinham um secreto prazer nos seus infortúnios.

Fora quando Boz lhe deixara um olho negro, e embora toda a gente lhe chamasse um "estuporado filho da mãe", ela notara em todos eles um fugidio lampejo de satisfação. Ao princípio pensara que era imaginação sua, que era demasiado sensível. Mas quando Boz voltara a fazer-lhe o mesmo, detectara outra vez aquelas expressões. E ficara terrivelmente magoada.

Porque dessa vez compreendera perfeitamente.

Claro que todos a amavam, não duvidava disso. Mas parecia que ninguém conseguia resistir a uma pequena ponta de malícia. A grandeza, seja sob que forma for, suscita a inveja.

Uma das razões por que gostava tanto de Claudia era o facto de ela nunca a ter traído com aquela expressão.

Era por isso que mantinha Bethany tão afastada da sua vida do dia a dia. Detestava a ideia de ver nas caras de pessoas que amava aquele lampejo de satisfação, de ser castigada por ser tão bela.

Embora conhecesse o poder da sua beleza e o usasse, desprezava-o.

Ansiava pelo dia em que rugas fundas lhe sulcariam o rosto perfeito, mostrando cada uma delas um caminho que escolhera, uma jornada a que sobrevivera, em que o seu corpo se tornaria mais cheio, mais macio e mais amplo para proporcionar conforto àqueles que abraçasse, em que os seus olhos se tornariam mais líquidos de piedade por todos os sofrimentos de que fora testemunha e todas as lágrimas que nunca derramara. Aparecer-lhe-iam rugas nos cantos da boca de tanto rir de si mesma, e da própria vida. Como seria livre quando já não tivesse de recear as consequências da sua beleza física e em vez disso se regozijasse pela sua perda, à medida que fosse sendo substituída por uma serenidade mais duradoura.

Por isso vigiara atentamente Cross De Lena enquanto estivera com Bethany, notara o seu ligeiro recuo inicial, mas depois mais nada. Sabia que ele estava perdidamente apaixonado por ela, e não lhe vira no rosto a tal expressão de satisfação ao saber da sua infelicidade com Bethany.

Capítulo XII

Claudia estava decidida a descontar o vale sexual que Eli Marrion lhe passara: ia envergonhá-lo, a ponto de dar a Ernest Vail os pontos percentuais que ele exigia sobre o seu romance. As hipóteses não eram muitas, mas Claudia estava disposta a comprometer os seus princípios. Bobby Bantz era implacável quando se tratava de percentagens dos resultados brutos, mas Eli Marrion era imprevisível e tinha um fraquinho por ela. Além disso, um costume geralmente respeitado no mundo do cinema determinava que qualquer relação sexual, por muito breve que fosse,

exigia a concessão de alguma cortesia material.

A ameaça de Vail de se suicidar fora o disparador daquela reunião. Se a cumprisse, os direitos dos seus romances passariam para a ex-mulher e os filhos, e Molly Flanders seria uma negociadora feroz. Ninguém acreditava na ameaça, nem sequer Claudia, mas Bobby Bantz e Eli Marrion, partindo do seu conhecimento daquilo que seriam capazes de fazer por dinheiro, não podiam deixar de se preocupar.

Quando Claudia, Ernest e Molly chegaram à LoddStone, encontraram apenas Bobby na suite do último andar. Parecia pouco à vontade, embora procurasse disfarçá-lo acolhendo-os efusivamente, sobretudo a Vail.

- O nosso Tesouro Nacional - exclamou, e abraçou Ernest com respeitoso afecto.

Molly ficou imediatamente alerta.

- Onde está o Eli? -perguntou. - Ele é o único que pode tomar uma decisão final neste assunto.

A voz de Bantz era tranquilizadora:

O Eli está no hospital, no Cedar Sinai, nada de grave, apenas um checkup. Isto é confidencial. As acções da LoddStone sobem e descem ao ritmo da saúde dele.

Ele tem mais de oitenta anos - disse Claudia, secamente. - Com essa idade, tudo é grave.

- Não, não - garantiu Bantz. - Trabalhamos todos os dias no hospital.

Está até mais fino do que é costume. Portanto, digam-me o que pretendem e eu conto-lhe a vossa história quando for visitá-lo.

Não - recusou Molly, secamente. Ernest Vail, no entanto, interveio: Vá lá, falemos com o Bobby.

Expuseram o caso. Bantz achou engraçadíssimo, mas não riu alto: Já ouvi de tudo nesta cidade - disse -, mas isto é uma beleza Falei com os nossos advogados e eles dizem que a morte do Ernest não afecta os nossos direitos. é uma questão legal complicada.

Então fale com a sua gente das RP - sugeriu Claudia. - Se o Ernest faz o que diz e a história vem a público, a LoddStone vai ficar muito ma vista. O Eli não vai gostar disso. Ele tem mais sentido moral.

Do que eu? -perguntou Bobby Bantz delicadamente. Mas estav; furioso. Porque seria que as pessoas não compreendiam que Eli Marriom aprovaria tudo o que ele fizesse? Voltou-se para Ernest e perguntou: -

Como é que está a pensar liquidar-se? Pistola, faca, janela?

Vail sorriu-lhe. - Hara-kiri em cima da sua secretária, Bobby. -

Riram-se todos.

Não estamos a chegar a parte nenhuma - disse Molly. - Porque é que não vamos todos ao hospital visitar o Eli?

Não vou ter com um homem que está numa cama de hospital para discutir com ele a respeito de dinheiro! - declarou Vail.

Olharam todos para ele, com simpatia. Claro que, em termos convencionais, uma coisa daquelas podia parecer insensibilidade. Mas havia homens que nos seus leitos de doentes planeavam assassínios, revoluções, fraudes, traições. Uma cama de hospital não era um verdadeiro santuário. E

sabiam que o protesto de Vail era basicamente uma convenção romântica.

- Mantenha essa boca calada, Ernest, se quer continuar a ser meu cliente - disse-lhe Molly, friamente. - O Eli tem lixado centenas de pessoas da sua cama no hospital. Bobby, façamos um acordo razoável. A Lodd Stone tem uma mina de ouro com as continuações. Podem dar-se ao luxo de conceder ao Ernest alguns pontos sobre o bruto, como uma forma de seguro.

Bantz estava horrorizado, foi como se lhe cravassem uma faca em brasa nas entranhas.

Pontos sobre o bruto? - exclamou, incrédulo. - Nunca!

OK - disse Molly. - E que tal cinco por cento sobre o líquido?

Sem despesas de publicidade e sem descontos das percentagens sobre o bruto pagas às estrelas.

- Isso é quase o mesmo que sobre o bruto - respondeu Bantz, depreciativamente. - E todos nós sabemos que o Ernest não se suicida. Isso é demasiado estúpido e ele é demasiado inteligente.

O que queria verdadeiramente dizer era que ele não tinha coragem para o fazer.

- Para quê arriscar? - insistiu Molly. - Estive a ver os números. Vocês têm planeadas pelo menos três continuações. O que significa no mínimo meio bilião, incluindo o estrangeiro, mas sem contar com o vídeo e a TV.

E só Deus sabe quanto é que vocês, ladrões de um raio, ganham com o vídeo. Assim sendo, porque não dar ao Ernest alguns pontos, uns míseros vinte milhões. Não hesitariam em dar isso a qualquer estrela meio-estúpida.

Bantz ponderou a proposta. Resolveu então recorrer ao charme.

- Ernest - disse -, como romancista, é um Tesouro Nacional. Ninguém o respeita mais do que eu. E o Eli leu todos os seus livros. Gosta imenso de si.

Por isso queremos chegar a um acordo.

Claudia ficou embaraçada ao ver como Ernest engolia obviamente aquelas tretas, ainda que, para lhe fazer justiça, tivesse tido um ligeiro sobressalto ao ouvir-se chamar "Tesouro Nacional".

- Seja específico - disse, e nessa altura Claudia orgulhou-se dele.

Bantz dirigiu-se a Molly:

- Que tal um contrato de cinco anos a dez mil por semana para escrever guiões originais e fazer um pouco de adaptação. E, claro, no que respeita aos originais tudo o que queremos é o direito de ser os primeiros a ver.

E por cada adaptação recebe cinquenta mil extra por semana. Em cinco anos pode ganhar mais de dez milhões.

- Duplique isso - respondeu Molly - e podemos falar. Neste ponto, Vail pareceu

perder a sua paciência quase angélica.

- Nenhum de vocês me está a levar a sério - declarou. - Sou capaz de fazer contas simples. Bobby, a sua proposta não vale mais que dois e meio. Nunca me comprará um guião original, e eu nunca escreverei um.

Nunca me pedirá adaptações. E se fizerem seis continuações? Nesse caso ganham um bilião. - Vail começou a rir, genuinamente divertido. - Dois milhões e meio de dólares não me resolvem o problema.

- De que raio está você a rir? - perguntou Bantz. Vail estava quase histérico.

- Nunca em toda a minha vida sonhei ter sequer um milhão, e agora dois milhões e meio não me resolvem o problema.

Claudia conhecia o sentido de humor de Ernest.

Por que é que não te resolvem o problema? - inquiriu.

Porque continuarei a estar vivo. A minha família precisa dos pontos.

Confiaram em mim e eu traí-os.

Deveriam ter-se sentido tocados, incluindo Bantz. Só que Vail soava tão falso, tão satisfeito consigo mesmo.

- Vamos falar com o Eli - propôs Molly Flanders.

Vail perdeu completamente a cabeça e saiu da sala, gritando:

- Não posso tratar com vocês! Recuso-me a pedinchar a um homem estendido numa cama de hospital!

Depois de ele sair, Bobby Bantz perguntou:

E vocês as duas estão dispostas a defender este tipo?

Por que não? - replicou Molly. - Uma vez defendi um tipo que tinha esfaqueado a mãe e os três filhos. O Ernest não é pior do que ele.

E a sua desculpa, qual é? -quis saber Bantz, voltando-se para Claudia.

Nós, os escritores, temos de nos ajudar uns aos outros - respondeu ela, secamente. Riram-se todos.

Acho que é tudo, então - disse Bobby. - Fiz o melhor que podia, não é verdade?

Bobby, por que é que não lhe dá um ou dois pontos? Seria mais do que justo - insistiu Claudia.

Porque, ao longo dos anos, ele tem lixado milhares de escritores, actores e realizadores. E uma questão de princípio - explicou Molly.

Exacto - admitiu Bantz. - E eles, quando podem, lixam-nos a nós. O negócio é assim.

O Eli está bem? - perguntou Molly, com fingido interesse. - Nada de grave?

Está óptimo. Não venda as suas acções.

Nesse caso pode receber-nos - atacou Molly.

Seja como for, quero ir vê-lo - acrescentou Claudia. - Gosto sinceramente do Eli. Foi ele quem me deu a minha primeira oportunidade.

Bantz encolheu os ombros. Molly disse:

Vai morder-se todo se o Ernest se mata. Essas continuações valem mais do que eu disse. Estava a tentar tornar as coisas mais fáceis para si.

Aquele palerma não se mata - replicou Bantz, num tom carregado de desprezo. - Não tem tomates para isso.

De Tesouro Nacional passou a palerma! - observou Claudia, pensativamente.

O homem é reconhecidamente um tanto doido - disse Molly. -

E capaz de bater a bota por puro descuido.

Anda metido em drogas? - perguntou Bantz, preocupado.

Não - respondeu Claudia -, mas o Ernest é um poço de surpresas. E

um verdadeiro excêntrico que nem sequer sabe que é excêntrico.

Bantz pensou naquilo por alguns instantes. Os argumentos delas tinham um certo mérito. E, além disso, nunca gostara de fazer inimigos desnecessariamente. Não queria que MoUy Flanders guardassem qualquer ressentimento contra ele. A mulher era um perfeito terror.

- Deixem-me telefonar ao Eli - propôs. - Se ele disser que está bem, levo-as ao hospital. - Tinha a certeza de que Marrion ia recusar.

No entanto, para sua enorme surpresa, Eli Marrion respondeu: - Claro que sim, podem vir todos ver-me.

Dirigiram-se ao hospital na limusina de Bantz, que era um carro grande mas de modo algum luxuoso. Estava equipada com um fax, um computador e um telefone celular. Um guarda-costas fornecido pela Pacific Ocean Security ocupava o lugar ao lado do motorista. Um outro carro da segurança, com dois homens a bordo, seguia-os a curta distância.

Os vidros castanhos das janelas da limusina apresentavam a cidade no tom creme como dos velhos filmes de cowboys. A medida que avançavam para o centro, os edifícios tornavam-se mais altos, como se estivessem a entrar numa profunda floresta de pedra. Claudia ficava sempre admirada pela maneira como, no curto espaço de dez minutos, era possível passar de uma pequena cidade verde e ligeiramente bucólica para uma grande metrópole de vidro e betão armado.

No Cedar Sinai, os corredores do hospital pareciam tão grandes como as salas de um aeroporto, mas os tectos eram opressivamente baixos, como numa bizarra perspectiva de câmara de um filme impressionista alemão.

Foram recebidas por uma coordenadora do hospital, uma mulher atraente que envergava um conjunto saia-casaco severo mas nitidamente alta-costura e que fez lembrar a Claudia as "anfitriãs" dos hotéis de Las Vegas.

A coordenadora conduziu-os a um elevador especial que subia directamente até às suites do último andar.

Estas suites tinham grandes portas escuras de carvalho entalhado que chegavam do chão ao tecto, com brilhantes maçanetas metálicas, e que se abriam como

portões, dando acesso a um conjunto formado por um quarto de hospital, uma sala maior, equipada com uma mesa de jantar e cadeiras, um sofá e cadeirões de braços, e uma espécie de gabinete onde tinha sido instalada uma secretária com um computador e um fax. Havia ainda uma pequena cozinha e uma casa de banho para as visitas, além da do doente. o tecto era muito alto e a ausência de paredes entre a cozinha, a sala de estar e o "escritório" dava a todo o conjunto o aspecto do cenário de um filme.

Eli Marrion estava estendido numa austera cama de hospital, apoiado por grandes almofadas brancas. Lia um guião com uma capa cor de laranja.

Na mesa junto à cama havia diversas pastas com orçamentos de filmes em curso de produção. Uma secretária jovem e bonita, sentada do outro lado, tomava notas. Marrion gostava sempre de ter mulheres bonitas à sua volta. Bobby Bantz beijou-o na face e disse: , - Eli, estás com óptimo aspecto.

Molly e Claudia beijaram-no também. Claudia insistira em levar flores, e pousou-as em cima da cama. Tais familiaridades eram desculpáveis porque o grande Eli Marrion estava doente.

Claudia observava todos os pormenores, como se estivesse a fazer pesquisa para um argumento. Os filmes passados em ambiente hospitalar eram êxitos financeiros praticamente garantidos.

Na realidade, Eli Marrion não estava "com óptimo aspecto". Tinha os lábios orlados por linhas azuladas que pareciam traçadas a tinta, e ofegava pesadamente sempre que falava. Duas pontas verdes saíam-lhe do nariz, ligadas a um fino tubo de plástico que ia terminar numa borbulhante garrafa de água presa à parede e por sua vez sem dúvida ligada a um reservatório de oxigénio ali escondido.

Marrion notou o olhar dela: Oxigénio - disse.

É apenas temporário - apressou-se Bobby Bantz a explicar. - Para lhe facilitar a respiração.

Molly Flanders ignorou-o.

- Eli - disse -, expliquei a situação ao Bobby, e ele precisa do seu OK.

Marrion parecia de bom humor.

Molly - respondeu -, sempre foi o advogado mais duro desta cidade. Vai perseguir-me até no meu leito de morte?

Eli - interveio Claudia -, o Bobby disse-nos que estava bem. E nós queríamos realmente vê-lo.

Estava tão obviamente envergonhada que Marrion ergueu uma mão, num gesto de aceitação e bênção.

- Compreendo todos os argumentos - disse Marrion. Acenou com a mão a despedir a secretária, que saiu silenciosamente do qurto. A enfermeira particular, uma mulher atraente e de ar duro, estava a ler um livro sentada à mesa de jantar. Marrion fez-lhe sinal para sair. Ela olhou para ele, abanou a cabeça e continuou a ler. Marrion riu, com um som sibilante. - É a Priscilla, a melhor enfermeira da Califórnia - explicou. -

É especializada em cuidados intensivos, e é por isso que é tão dura. O

meu médico contratou-a especialmente para este caso. Ela é que manda.

Priscilla cumprimentou-os com um gesto de cabeça e voltou ao seu livro.

Estou disposta a limitar os pontos dele a um máximo de vinte milhões

- continuou Molly. - Será uma espécie de seguro. Para quê correr riscos? E porquê ser tão injusto?

Não é injusto! - protestou Bantz, iradamente. - Ele assinou um contrato.

Vá-se lixar, Bobby - respondeu-lhe Molly. Marrion ignorou-os.

Claudia, o que é que te parece?

Claudia tinha a cabeça cheia de pensamentos. Marrion estava obviamente muito mais doente do que alguém parecia disposto a admitir. E

era uma crueldade sem nome pressionar aquele velho que tinha de fazer um esforço tão grande só para falar. Esteve tentada a anunciar que se ia embora, mas

então pensou que Eli nunca os teria deixado ir até ali se não tivesse algum propósito muito seu.

O Ernest é um homem que faz coisas surpreendentes - disse. -

Está decidido a defender os interesses da família. Mas, Eli, ele é um escritor, e o Eli sempre gostou dos escritores. Encare isto como uma contribuição para a arte. Que diabo, ofereceu vinte milhões ao Metropolitan Museum.

Por que não fazer o mesmo pelo Ernest?

E ter todos os agentes à perna? - perguntou Bantz.

Eli Marrion inspirou profundamente, e as pontas verdes pareceram enterrar-se-lhe ainda mais no nariz.

- Molly, Claudia, isto vai ter de ficar um segredo só entre nós - disse.

- Vou dar ao Ernest Vail dois pontos de percentagem sobre a margem bruta, até ao máximo de vinte milhões. E dou-lhe um milhão à cabeça.

Chega para as satisfazer?

Molly pensou rapidamente. Dois por cento de todos os filmes renderiam pelo menos quinze milhões, mas talvez mais. Não conseguiria melhor, e estava até espantada por Marrion ter ido tão longe. Se se pusesse a regatear, ele era muito capaz de retirar a oferta.

- E óptimo, Eli, obrigada. - Inclinou-se para o beijar na face. -

Amanhã mando um memorando para o seu escritório. E, Eli, espero sinceramente que se ponha bom.

Claudia não foi capaz de conter a sua emoção. Tomou uma mão de Eli entre as suas. Reparou nos pontos castanhos que salpicavam a pele daquela mão gelada pela aproximação da morte.

- Salvou a vida ao Ernest - disse.

Nesse instante, a filha de Marrion entrou no quarto com os dois filhos pequenos.

A enfermeira, Priscilla, levantou-se da cadeira como um gato que tivesse cheirado ratos e avançou para as crianças, erguendo uma barreira entre elas e a cama. A filha já se divorciara duas vezes e não se dava bem com o pai, mas tinha uma companhia produtora nos terrenos da LoddStone porque Eli Marrion gostava muito dos netos.

Claudia e Molly despediram-se. Foram até ao gabinete de Molly e telefonaram a Ernest para lhes dar as boas notícias. Ele insistiu em levá-las a jantar, para festejar.

A filha de Marrion e os dois filhos não se demoraram muito. O tempo suficiente, mesmo assim, para convencer o pai a prometer comprar-lhe um romance muito caro para o seu próximo filme.

Bobby Bantz e Eli Marrion ficaram sozinhos.

- Hoje deu-te para a fraqueza - comentou Bobby.

Marrion sentiu o cansaço do seu corpo, o ar que lhe entrava à força nos pulmões. Com Bobby podia descontrair-se, nunca precisava de representar. Tinham passado por muita coisa juntos, usado o seu poder juntos, vencido guerras, viajado e manobrado de um extremo ao outro do mundo. Sabiam ler na mente um do outro.

O romance que vou comprar para a minha filha, dará um filme?

- perguntou.

De pequeno orçamento - respondeu Bantz. - A tua filha faz filmes

"sérios", entre aspas.

Marrion esboçou um gesto de cansaço.

Porque é que temos sempre de pagar pelas boas intenções dos outros?

Dá-lhe um argumentista decente, mas nada de estrelas. Ela fica feliz e nós não perdemos tanto dinheiro.

Vais mesmo dar ao Vail uma percentagem do bruto? Os nossos advogados dizem

que podemos ganhar em tribunal, se ele morrer.

Marion estava a sorrir.

- Se eu me puser bom. Senão, será contigo. Serás tu a mandar.

Bantz ficou espantado por este sentimentalismo.

Eli, vais pôr-te bom, claro que sim. - E estava a ser absolutamente sincero. Não tinha o mínimo desejo de suceder a Eli Marrion, na realidade, temia esse dia que teria inevitavelmente de chegar. Era capaz de fazer fosse o que fosse, desde que Marrion aprovasse.

Vais ter de ser tu a decidir, Bobby - insistiu Eli. - A verdade é que não me vou safar. Os médicos dizem que preciso de fazer um transplante do coração, e eu decidi não o fazer. Posso viver talvez mais seis meses, talvez um ano, talvez muito menos, com este miserável coração que tenho. Além disso, sou demasiado velho para ter direito a um transplante.

Bantz estava petrificado.

- Não podem fazer um bypassi - perguntou. Quando Marrion abanou a cabeça, Bantz continuou: - Não sejas ridículo, claro que te vão fazer um transplante. Construíste metade deste hospital, têm de te dar um coração.

Ainda tens mais uns bons dez anos pela frente. - Fez uma pausa. - Estás cansado, Eli, falamos a respeito disto amanhã.

Marrion, porém, tinha adormecido. Bantz saiu para ir falar com os médicos e dizer-lhes que iniciassem as diligências necessárias para encontrar um coração novo para Eli Marrion.

Ernest Vail, Molly Flanders e Claudia De Lena festejaram a vitória com um jantar no La Dolce Vita, em Santa Monica. Era o restaurante preferido de Claudia. Tinha recordações de si mesma, quando menina, a ir lá com o pai e ser tratada como uma rainha. Tinha recordações das garrafas de vinho branco e de vinho tinto empilhadas junto de todas as janelas, atrás dos bancos, em todos os espaços vagos. Os clientes podiam estender um braço e tirar uma garrafa, como se colhessem um cacho de uvas.

Ernest Vail estava de bom humor, e Claudia voltou a perguntar a si mesma como seria possível alguém julgá-lo capaz de se suicidar. Estava esfusiante de alegria por a sua ameaça ter resultado. E o excelente vinho tinto pusera-os a todos num estado de espírito exuberante, ligeiramente fanfarrão.

Estavam muito satisfeitos consigo mesmos. A própria comida, robustamente italiana, alimentava esta energia.

O que temos agora de pensar - disse Vail -, é se dois pontos são o suficiente ou se devemos exigir três.

Não se torne ganancioso - aconselhou Molly. - O negócio está feito.

Vail beijou-lhe a mão, ao estilo estrela de cinema, e declarou:

- Molly, é um verdadeiro génio. Um génio implacável, é certo. Como foram vocês capazes de intimidar um desgraçado doente numa cama de hospital?

Molly molhou um pedaço de pão no molho de tomate.

Ernest - disse -, nunca há-de compreender esta cidade. Não há piedade para quem está bêbado, ou se mete nas drogas, ou está apaixonado, ou falido. Porque é que estar doente havia de constituir excepção?

O Skippy Deere disse-me uma vez - interveio Claudia -, que quando se está a comprar, se deve levar a pessoa a um restaurante chinês, mas quando se está a vender, deve-se ir a um restaurante italiano. Isto faz algum sentido?

Ele é um produtor - respondeu Molly. - Deve ter lido isso em qualquer lado. Não significa coisa nenhuma fora de um contexto.

Vail estava a comer com o prazer de um criminoso salvo da forca.

Encomendara três tipos diferentes de massas só para si, mas dera uma pequena porção de qualquer delas a Molly e a Claudia e pedira-lhes a sua opinião. - A melhor comida italiana do mundo fora de Roma -

sentenciou.

- A respeito disso do Skippy, faz um certo sentido, em termos de cinema. A

comida chinesa é barata, faz baixar o preço. A comida italiana é capaz de pôr uma pessoa a dormir e torná-la menos atenta.

Gosto de ambas. Não é agradável saber que o Skippy está sempre a engendrar qualquer coisa?

Vail pedia sempre três sobremesas. Não que as comesse todas, mas gostava de saborerar muitas coisas diferentes durante um único jantar.

Nele não parecia excêntrico. Nem sequer a maneira como se vestia, como se as roupas se destinassem apenas a proteger a pele contra o vento ou o sol, ou a maneira descuidada como se barbeava, deixando uma patilha mais comprida do que a outra. Nem mesmo a ameaça de se suicidar parecia ilógica ou estranha. Nem a sua franqueza absoluta e infantil, que por vezes magoava os outros. Claudia não estranhava a excentricidade.

Hollywood estava cheia de excêntricos.

Sabes uma coisa, Ernest, o teu lugar é em Hollywood. És suficiente mente excêntrico - disse.

Não sou excêntrico - protestou Vail. - Não sou assim tão sofisticado.

Não chamas excêntrico a quereres matar-te por causa de uma questão de dinheiro? - perguntou Claudia.

Isso era uma resposta extremamente fria e pensada à nossa cultura

- afirmou Vail. - Estava farto de ser um Zé Ninguém.

- Como podes dizer uma coisa dessas? - exclamou ela,

impacientemente. - Escreveste dez livros, ganhaste o Pulitzer. És internacionalmente famoso.

Vail despachara as suas três variedades de massas e estava a olhar para a entrada, três finas fatias de vitela cobertas com rodelas de limão. Pegou no garfo e na faca.

Tudo isso é conversa - declarou. - Não tenho dinheiro. Levei cinquenta e cinco

anos a aprender que se uma pessoa não tem dinheiro, está lixada.

Pois eu acho que não é excêntrico, é doido - disse Molly. - E pare de choramingar por não ser rico. Também não é pobre. Ou não estaríamos aqui. Não o vejo a sofrer muito pela sua arte.

Vail pousou o garfo e a faca e deu uma palmadinha no braço de Molly.

- Tem razão - admitiu. - Tudo o que disse é verdade. Eu gozo a vida momento a momento. É o arco da vida que me atira abaixo. -

Despejou o copo de vinho e continuou, no tom de quem se limita a verificar um facto: - Nunca mais voltarei a escrever. Escrever romances é um beco sem saída, como ser ferreiro. Agora é tudo cinema e TV.

Isso é um disparate! - protestou Claudia. - As pessoas hão-de ler sempre.

O que o Ernest é é preguiçoso - espicaçou-o Molly. - Qualquer desculpa lhe serve para não escrever. Essa era a verdadeira razão por que queria matar-se.

Riram-se todos. Ernest serviu-as da vitela que tinha no prato, e depois das sobremesas extra. As únicas alturas em que se mostrava cortês era ao jantar; parecia ter prazer em dar de comer aos outros.

Tudo isso é verdade - disse. - Mas um romancista não consegue ganhar a vida a menos que escreva romances simples. E mesmo isso é um beco sem saída. Um romance nunca pode ser tão simples como um filme.

Por que é que estás sempre a desfazer no cinema? -perguntou Claudia, irritada. - Já te vi chorar em bons filmes. Um bom filme é uma obra de arte.

Vail estava imensamente divertido. Ao fim e ao cabo, ganhara a sua guerra com os estúdios, conseguira os seus pontos.

- Claudia, concordo sinceramente contigo. O cinema é arte. Estou a queixar-me por inveja. O cinema está a tornar os romances irrelevantes. Qual é a vantagem de escrever uma passagem lírica a respeito da Natureza, descrever o mundo ao rubro, um magnífico pôr do sol, uma cordilheira de montanhas cobertas de neve, as majestosas ondas de um grande oceano? - Vail estava a declamar, agitando os braços. - O que é que se pode escrever a respeito da paixão e da beleza de uma

mulher? Para que serve tudo isso, se uma pessoa pode vê-lo na tela do cinema, em Technicolor? Oh, essas maravilhosas mulheres de lábios vermelhos e cheios, de olhos mágicos, quando se pode vê-las de rabo e mamas à mostra! Tudo muito melhor do que na vida real, quem quer saber da prosa? E quem é que vai escrever a respeito das espantosas proezas de heróis que matam inimigos às centenas, que vencem todos os desafios e todas as tentações, quando se pode ter tudo em gotas de sangue diante dos nossos olhos, rostos torturados e agonizantes em grande plano na tela. Os actores e as câmaras fazem o trabalho todo, sem intervenção do cérebro. O Sly Stallone a fazer de Aquiles na Ilíada. A única coisa que o cinema não consegue fazer é entrar na mente das personagens, não consegue duplicar o processo mental, a complexidade da vida. - Interrompeu-se por um instante, e depois continuou pensativamente: - Mas sabem o que é o pior de tudo? É que eu sou um elitista. Queria ser artista para ser qualquer coisa especial. É por isso que detesto o facto de o cinema ser uma arte tão democrática. Qualquer pessoa pode fazer um filme. Tens razão, Claudia, vi filmes que me comoveram até às lágrimas, e sei de certeza absoluta que as pessoas que os fizeram são completamente estúpidas, insensíveis, incultas e sem um átomo de moralidade. O argumentista é iletrado, o realizador um egomaníaco, o produtor um carniceiro da moralidade e os actores dão murros numa parede ou num espelho para mostrarem aos espectadores que estão zangados. Mas o cinema funciona. Como é isso possível? Porque um filme utiliza escultura, pintura, música, corpos humanos e tecnologia para se fazer a si mesmo, enquanto o romancista tem apenas uma enfiada de palavras, letras impressas a preto numa folha de papel branco. E, para dizer a verdade, isso nem sequer é assim tão terrível. É o progresso. É a nova grande arte. Uma arte democrática. É só comprar a câmara certa e juntar-se com alguns amigos.

- Sorriu às duas mulheres. - Não é maravilhoso? Uma arte que não exige qualquer espécie de verdadeiro talento? Que democracia, que terapia, fazer o seu próprio filme. Há-de substituir o sexo. Eu vou ver o teu filme e tu vens ver o meu. É uma arte que vai transformar o mundo, e para melhor. Claudia, regozija-te por estares numa forma de arte que é o futuro!

- Ernest, você não passa de um parvalhão presunçoso! - atirou-lhe Molly. - A Claudia bateu-se por si, defendeu-o. Eu tenho sido mais paciente consigo do que com qualquer dos assassinos que defendi. E você convida-nos para jantar para nos insultar.

Vail pareceu ficar genuinamente espantado.

- Não estou a insultar ninguém - protestou. - Estou apenas a definir.

Estou-lhes agradecido e amo-as a ambas. - Fez uma pausa e então acrescentou, humildemente: - Não estou a dizer que sou melhor do que vocês.

Claudia rompeu à gargalhada.

Ernest, és mesmo parvo! - disse.

Só na vida real - respondeu ele, afavelmente. - Podemos falar um pouco de negócios? Molly, se eu morresse e a minha família recuperasse os direitos, a LoddStone pagava cinco por cento?

Pelo menos cinco - respondeu Molly. - Como é, agora vai matar-se por causa de uns pontos extra? Estou completamente baralhada.

Claudia estava a olhar para ele, perturbada. Desconfiava daquele bom humor.

Ernest, ainda te sentes infeliz? Conseguimos-te um belo negócio.

Fiquei tão entusiasmada!

Claudia - disse Vail, num tom cheio de amizade -, não fazes a mínima ideia de como é o mundo real. O que te torna perfeita para escrever argumentos. Que raio de diferença faz se eu estou ou não feliz? O homem mais feliz que alguma vez viveu vai passar por momentos terríveis na sua vida. Tragédias terríveis. Agora olha para mim. Consegui uma grande vitória, já não tenho de me suicidar. Estou a saborear esta refeição, estou a saborear a companhia de duas mulheres bonitas e inteligentes e compreensivas. E estou muito contente por a minha mulher e os meus filhos poderem ter segurança económica.

Então de que raio se queixa? - exaltou-se Molly. - Por que é que está a estragar um momento agradável?

Porque não consigo escrever -respondeu Vail. - O que nem é uma grande tragédia. Deixou de ser importante, mas é a única coisa que sei fazer. - Enquanto dizia isto, acabava as três sobremesas com tanto entusiasmo que as duas mulheres não conseguiram conter as gargalhadas.

Vail sorriu-lhes. - Não há dúvida de que levaram à certa o velho Eli - disse.

Estás a levar o bloqueio do escritor demasiado a sério - sugeriu Claudia. - Toma um pouco de speed.

Os argumentistas não sofrem do bloqueio do escritor porque não escrevem - respondeu Vail. - Eu não escrevo porque não tenho nada para dizer. Falemos agora de coisas mais interessantes. Molly, nunca consegui compreender como é que posso ter dez por cento dos lucros de um filme que rendeu cem milhões de dólares e custou apenas 15 milhões a fazer, e mesmo assim não ver um chavo. Aqui está um mistério que gostaria de ver esclarecido antes de morrer.

O pedido devolveu a Molly o bom humor que quase perdera; adorava ensinar a lei. Tirou um bloco de notas da bolsa e escreveu uma série de números.

- É absolutamente legal - disse. - Os estúdios estão a cingir-se ao contrato, um contrato que o Ernest nunca devia ter assinado, para começar.

Veja, consideremos os cem milhões de receita bruta. Os cinemas, os exibi-dores, ficam com metade, de modo que os estúdios já só recebem cinquenta milhões, que são as chamadas rendas.

"OK. Os estúdios abatem os quinze milhões de dólares que o filme custou. Já só restam trinta e cinco milhões. Mas nos termos do seu contrato, e da maior parte dos contratos que se fazem, os estúdios retiram trinta por cento das rendas para custos de distribuição. São mais quinze milhões para o bolso deles. E estamos reduzidos a vinte milhões. Então deduzem o custo das cópias, os custos da publicidade, o que chega facilmente a outros cinco. Vamos em quinze milhões. E agora temos a verdadeira beleza. Por contrato, os estúdios debitam vinte e cinco por cento do orçamento para despesas gerais, contas de telefone, electricidade, utilização do estúdio de som, etc. O que nos deixa com onze milhões. Óptimo, dirá. Venha a minha parte dos onze milhões. Mas a Estrela Cotável recebe pelo menos cinco por cento das rendas, o realizador e o produtor outros cinco. O que representa mais cinco milhões.

E temos seis milhões. Vai, finalmente, receber qualquer coisa. Não tão depressa! A seguir rectificam todos os custos da distribuição, debitam cinquem mil por entregar as cópias no mercado inglês, outros cinquenta mil para França ou a Alemanha. E, finalmente, debitam os juros dos quinze milhõis que pediram emprestados para fazer o filme. E aí perco-me. Mas os últimos seis milhões desaparecem. é o que acontece a quem não me tem a mim como advogada. Eu

redijo contratos que garantem verdadeiramemte uma fatia mina de ouro. Nunca o bruto, no caso de um escritor, mas uma definição muito boa do líquido. Compreende agora? Vail estava a rir.

Não exactamente. E o dinheiro da TV e do vídeo?

Da TV receberá qualquer coisa. Ninguém sabe quanto é que eles ganham com o vídeo.

E o acordo que tenho agora com o Marrion é estritamente sobre bruto? Podem voltar a lixar-me?

Não da maneira como eu vou escrever o contrato. Vai ser estritamente sobre o bruto.

Nesse caso deixarei de ter motivos para me queixar - disse Vai lamentosamente. - Deixarei de ter desculpa para não escrever.

És realmente um excêntrico - comentou Claudia.

Não, não. Sou apenas um falhado. Os excêntricos fazem coisas esquisitas para desviar a atenção dos outros daquilo que fazem ou são envergonhados. E por isso que as pessoas do cinema são tão excêntricas.

Quem teria pensado que morrer pudesse ser tão agradável, que uma pessoa pudesse estar tão em paz, tão livre de medos. Que, sobretudo, tivesse resolvido a única, a grande incógnita comum.

Eli Marrion, nas longas noites dos doentes, inspirou oxigénio do tub ligado à parede e reflectiu sobre o que fora a sua vida. A enfermeira particular, Priscilla, a fazer um duplo turno, lia à luz de um pequeno candeeiro no outro lado do quarto. Marrion via como os olhos dela se erguiam e baixavam rapidamente, como se estivesse a verificar o seu estado entre cada linha que lia.

Marrion pensou em como aquela cena era diferente daquilo que seria num filme. Num filme, a atmosfera estaria carregada de tensão, porque pairava entre a vida e a morte. A enfermeira estaria inclinada sobre a sua cama; haveria médicos a entrar e a sair. Haveria, com toda a certeza, muito barulho, muita agitação. E ali estava ele num quarto totalmente silencioso, a respirar facilmente através do seu tubo de plástico, e a enfermeira a ler.

Sabia que o último piso do hospital continha apenas aquelas grande suites destinadas às pessoas muito importantes. Políticos poderosos, bilionárias

estrelas que eram os mitos evanescentes do mundo do

espectáculo. Todos eles reis por direito próprio e agora, ali na noite, naquele hospital, vassalos da morte. Jaziam nas suas camas, impotentes e sozinhos, confortados por mercenários, com todo o seu poder desfeito em pó. Com tubos enfiados no corpo, a saírem-lhes das narinas, à espera que a faca do cirurgião lhes limpasse os detritos dos corações avariados ou, como ele próprio, lhe inserissem no peito um coração completamente remodelado. Perguntou a si mesmo se estariam tão resignados como ele.

E porquê esta resignação? Porque dissera ele aos médicos que não queria um transplante, que preferia viver apenas o pouco tempo que o seu coração esgotado lhe concedesse? Pensou que, graças a Deus, ainda era capaz de tomar decisões inteligentes, despidas de sentimentalismos.

A situação era muito clara, como quando negociava a feitura de um filme: calcular o custo, a percentagem de rendimento, o valor dos direitos subsidiários, os possíveis problemas com as estrelas, realizadores e despesas excedentárias.

Número um: tinha oitenta anos, e uns oitenta anos não muito robustos. Um transplante do coração deixá-lo-ia incapaz de trabalhar durante um ano, no mínimo. Com toda a certeza, nunca mais voltaria a dirigir a Lodd-Stone Studios. Com toda a certeza, a maior parte do seu poder sobre este mundo desapareceria.

Número dois: a vida sem poder era intolerável. Ao fim e ao cabo, o que podia um velho como ele fazer, mesmo com um coração novo? Não poderia praticar desportos, nem correr atrás das mulheres, nem ter prazer na comida e na bebida. Não, o poder era o único prazer dos velhos, e porque haveria isso de ser assim tão mau? Acaso não se mostrara misericordioso para com Ernest Vail, contra todos os seus princípios, contra os preconceitos de uma vida inteira? Acaso não dissera aos médicos que não queria privar uma criança ou um homem novo da possibilidade de ter uma vida nova recebendo um coração novo? Não seria isto usar o poder o melhor possível?

Passara, porém, uma longa vida a lidar com a hipocrisia, e reconhecia-a agora em si mesmo. Recusara o coração novo porque não era um bom negócio; fora uma decisão básica. Concedera a Ernest Vail os pontos que ele pedia porque

desejava o afecto de Claudia e o respeito de Molly Flanders; fora um sentimentalismo. Seria assim tão mau querer deixar atrás de si uma imagem de bondade?

Estava satisfeito com a vida que tinha vivido. Abrira caminho à força da pobreza até à riqueza, vencera tudo e todos. Saboreara todos os prazeres da vida humana, amara belas mulheres, morara em casas luxuosas, vestira as sedas mais finas. E ajudara a criar arte. Ganhara um poder enorme e uma fortuna imensa. E tentara fazer algum bem pelos seus semelhantes. Contribuíra com dezenas de milhões de dólares precisamente para aquele hospital. Mas, acima de tudo, gostara de lutar contra outros homens. E que tinha isso de tão terrível? De que outra maneira podia uma pessoa conseguir o poder para fazer o bem? Naquele preciso instante arrependia-se do seu último gesto de misericórdia para com Ernest Vail. Um homem não podia pura e simplesmente oferecer os despojos da luta ao seu semelhante, especialmente sob ameaça. Mas Bobby encarregar-se-ia disso. Bobby encarregar-se-ia de tudo.

Bobby faria constar entre os meios de comunicação a sua recusa de um transplante de coração para que um homem mais novo pudesse recebê-lo.

Bobby recuperaria todos os pontos do bruto que existiam, Bobby desembaraçar-se-ia da produtora da filha, que só dava prejuízo. Bobby arcaria com as culpas.

Muito ao longe, ouviu uma pequena campainha, e depois o rumorejar do fax a transmitir os valores das receitas de bilheteira apurados em Nova Iorque. O ruído intermitente da máquina, como um refrão para o coração que lhe falhava no peito.

Agora a verdade. Saciara-se do que a vida tinha de melhor. No fim, não fora o corpo que verdadeiramente o traíra, mas o espírito.

Agora a verdade. Estava decepcionado com os seres humanos. Vira demasiadas traições, demasiadas fraquezas abjectas, demasiada ganância por dinheiro e por fama. Falsidade entre amantes, maridos e mulheres, pais, filhos, mães, filhas. Graças a Deus pelos filmes que tinha feito e que tinham dado esperança às pessoas, e graças a Deus pelos netos, e graças a Deus por não ter de vê-los crescer e assumirem a condição humana.

O fax calou o seu rumorejar, e Marrion pôde ouvir o bater hesitante do seu próprio coração. A luz da aurora invadiu o quarto. Viu a enfermeira apagar o

candeeiro e fechar o livro. Era tão solitário morrer tendo apenas aquela estranha no quarto, quando era estimado por tantas pessoas poderosas. A enfermeira abriu-lhe as pálpebras e encostou-lhe o estetoscópio ao peito. As grandes portas da suite abriram-se como os enormes portões de um templo antigo e ele ouviu o tilintar dos pratos nas bandejas do pequeno-almoço...

Então o quarto encheu-se de luzes brilhantes. Sentiu punhos a baterem-lhe no peito e perguntou a si mesmo por que estariam a fazer-lhe aquilo.

Formou-se-lhe uma nuvem no cérebro, enchendo-o de névoa. Através dessa névoa, ouvia vozes a gritar. Uma frase de um filme penetrou-lhe no cérebro faminto de oxigénio: "éassim que os deuses morrem?"

Sentiu os choques eléctricos, as pancadas, a incisão que lhe fizeram no peito para poderem massajar-lhe o coração com as mãos nuas.

Hollywood inteira chorá-lo-ia, mas ninguém como a enfermeira de vigília, Priscilla. Fizera um duplo turno porque tinha de sustentar dois filhos pequenos e desagradava-lhe que Marrion tivesse morrido durante o seu turno. Orgulhava-se da sua reputação de ser uma das melhores enfermeiras da Califórnia. Odiava a morte. Mas o livro que estivera a ler entusiasmara-a e estivera a planear o que havia de dizer a Marrion para o convencer a passá-lo para o cinema. Não queria ser eternamente enfermeira, escrevia argumentos nas horas vagas. Agora tinha perdido toda a esperança. Aquele último piso do hospital, com as suas grandes suites, recebia os homens mais importantes de Hollywood, e ela guardá-los-ia contra a morte para todo o sempre.

Tudo isto aconteceu apenas na mente de Marrion antes de morrer, uma mente saturada de imagens dos milhares de filmes que tinha visto.

Na realidade, a enfermeira aproximara-se da cama quinze minutos depois de ele ter morrido, tão sossegadamente morrera. Debateu durante talvez trinta segundos a hipótese de lançar um alerta para tentar trazê-lo de novo à vida. Era uma veterana da morte, e mais misericordiosa. Para quê tentar reanimá-lo para a tortura de reclamar a vida? Foi até à janela e ficou a ver o sol nascer e os pombos a pavonearem-se pomposamente pelas cornijas de pedra. Priscilla era o poder derradeiro a decidir a sorte de Marrion... e o seu mais misericordioso juiz.

Capítulo XIII

O senador Wavven tinha excelentes notícias, que iam custar aos Clericuzio cinco milhões de dólares. Era o que dizia o correio enviado por Giorgio. Isto exigia uma montanha de papelada. Cross tinha de tirar cinco milhões da caixa do casino e deixar um longo rasto de papéis para justificar o respectivo desaparecimento.

Havia igualmente uma mensagem de Claudia e de Vail. Estavam no hotel, instalados na mesma suite. Queriam falar com ele logo que fosse possível. Era urgente.

Também Lia Vazzzi tinha telefonado. Pedia para falar pessoalmente com Cross, o mais depressa possível. Não precisava de dizer que era urgente; fosse qual fosse o assunto, tinha de ser urgente, ou não teria telefonado, e já estava a caminho.

Cross começou a tratar da papelada para transferir os cinco milhões de dólares para o senador Wavven. O primeiro problema era o volume das notas propriamente ditas, demasiado para uma mala ou um saco de viagem, mesmo que grande. Telefonou para uma das lojas do hotel, onde se lembrava de ter visto um antigo baú chinês que tinha o tamanho adequado. Era verde escuro, decorado com dragões vermelhos e falsas pedras preciosas, e tinha um forte mecanismo de fecho.

Gronevelt ensinara-o a preparar a falsa pista de papéis que legitimavam o dinheiro retirado do casino. Era um trabalho demorado e fastidioso, que envolvia transferências para diferentes contas bancárias, pagamentos a diversos fornecedores de comidas e bebidas, projectos especiais de formação de pessoal, campanhas promocionais e uma série de jogadores que não existiam como devedores.

Cross dedicou uma hora a este trabalho. O senador Wawen só era esperado no dia seguinte, um sábado, e os cinco milhões de dólares teriam de lhe ser entregues antes de ele partir, na manhã de segunda-feira. Finalmente, a concentração começou a falhar-lhe e teve de fazer uma pausa.

Ligou para a suite de Claudia e de Vail. Foi Claudia quem atendeu o telefone.

Estou com grandes problemas com o Ernest - disse. - Precisamos de falar contigo.

OK. Entretenham-se os dois a jogar um pouco, e eu encontro-me com vocês

junto da mesa de dados dentro de uma hora. - Fez uma pausa.

- Depois podemos ir jantar e tu contas-me os teus problemas.

Não podemos jogar. O Ernest já ultrapassou o seu limite de crédito e tu não me dás mais crédito além de uns miseráveis dez mil.

Cross suspirou. Aquilo significava que Ernest Vail devia ao casino cem mil dólares que valiam tanto como papel higiénico.

- Dá-me uma hora e depois subam os dois à minha suite. Jantamos aqui.

Cross tinha de fazer outro telefonema, para Giorgio, confirmando o pagamento ao senador; não que o correio não fosse de confiança, mas tratava-se de um procedimento de rotina. Utilizaram um código verbal preestabelecido.

O nome era um número arbitrário pré-combinado, o dinheiro designado por um conjunto arbitrário de letras igualmente pré-combinadas.

Cross tentou continuar a tratar da papelada. Mas o seu espírito pôs-se uma vez mais a divagar. Por cinco milhões, o senador Wawen tinha de ter coisas muito importantes a comunicar. Para fazer a longa viagem até Las Vegas, Lia tinha de ter algum problema grave.

A campainha da porta soou. Um homem da segurança escoltara Claudia e Ernest Vail até à suite do terraço. Cross recebeu Claudia com um abraço particularmente caloroso, pois não queria que a irmã pensasse que estava zangado com ela por ter perdido no casino.

Na sala de estar da suite, entregou-lhes a ementa do serviço de quartos e fez ele próprio a encomenda. Claudia sentou-se rigidamente no sofá; Vail deixou-se cair a seu lado, com um ar desinteressado.

- Cross - disse Claudia -, o Ernest está num estado miserável. Temos de fazer qualquer coisa por ele.

Cross pensou que Vail não estava assim com tão mau aspecto. Parecia até muito descontraído, com os olhos semicerrados e um sorriso satisfeito nos lábios. Isso irritou-o.

Certo, a primeira coisa que vou fazer é cortar-lhe o crédito nesta cidade. Será uma medida de poupança; ele é o jogador mais incompetente que vi em toda a minha vida.

Não é por causa do jogo - esclareceu Claudia. E contou-lhe toda a história a respeito de Marrion ter prometido dar a Vail dois pontos percentuais sobre as receitas brutas das continuações do filme, e depois morrer.

E então? - perguntou Cross.

Agora o Bobby Bantz recusa-se a cumprir a promessa. Desde que se tornou presidente da LoddStone Studios, o poder subiu-lhe à cabeça.

Esforça-se ao máximo para ser como o Marrion, mas falta-lhe a inteligência e o carisma. Por isso o Ernest está outra vez numa fria.

E que diabo é que tu achas que eu posso fazer?

És sócio da LoddStone no Messalina. Deves ter alguma influência junto deles. Quero que peças ao Bobby Bantz para cumprir a promessa que o Marrion fez.

Era em momentos como aquele que Cross desesperava de Claudia.

Bantz nunca cederia, isso fazia parte do seu carácter e do seu papel.

- Não - disse -, já te expliquei isso uma vez. Não posso tomar posições a menos que saiba que a resposta vai ser sim. E aqui não há a mínima hipótese.

Claudia franziu a testa.

- Nunca percebi isso. - Fez uma pausa. - O Vail está falar a sério, vai matar-se para que a família possa recuperar os direitos.

Ao ouvir isto, Vail pareceu despertar.

- Claudia, minha parva, não sabes nada do teu irmão? - perguntou. -

Se ele pedir alguma coisa a alguém e essa pessoa recusar, não tem outro remédio senão matá-la. - E dirigiu a Cross um grande sorriso.

Cross ficou furioso por Vail ousar dizer semelhante coisa diante de Claudia.

Felizmente, nesse momento chegou o pessoal do serviço de quartos com o jantar, servido na mesa da sala de estar. Cross controlou-se enquanto comiam, mas não pôde impedir-se de dizer, com um sorriso gelado:

- Ernest, segundo entendi, resolves todos os teus problemas batendo a bota. Talvez eu possa ajudar. Vou mudar-te para o décimo andar, e então podes saltar da janela.

Claudia não achou graça.

- Isto não é brincadeira! - protestou. - O Ernest é um dos meus melhores amigos. E tu és o meu irmão que está sempre a dizer que me ama e que fará tudo por mim. - Tinha os olhos cheios de lágrimas.

Cross levantou-se e foi abraçá-la.

- Claudia, não há nada que eu possa fazer. Não sou mágico.

Ernest Vail estava a saborear o jantar. Nenhum homem pareceria menos disposto a suicidar-se.

- Es demasiado modesto, Cross - afirmou. - Ouve, não tenho coragem para saltar da janela. Tenho demasiada imaginação, morreria de mil mortes durante a queda só de pensar como ia ficar espalhado por todo o lado. E até era capaz de cair em cima de um desgraçado qualquer sem culpa nenhuma.

Sou demasiado cobarde para cortar os pulsos, não suporto ver sangue e tenho um medo de morte de armas, e facas, e carros. Não quero acabar transformado num vegetal, sem ter conseguido nada. Não quero ver o estupor do Bobby Bantz a rir-se de mim e a ficar com o meu dinheiro. Há uma coisa que podes fazer: contrata alguém para me matar. Só não quero que me digas quando.

Cross começou a rir. Fez uma festa tranquilizadora na cabeça de Claudia e voltou ao seu lugar.

- Pensas que isto é uma porra de um filme? -perguntou, dirigindo-se a Ernest. - Pensas que matar alguém é uma espécie de piada?

Levantou-se da mesa e dirigiu-se à secretária. Abriu uma gaveta e tirou dela uma bolsa cheia de fichas pretas. Atirou a bolsa a Ernest e acrescentou:

- Aqui tens dez mil. Faz uma última tentativa nas mesas, quem sabe, talvez tenhas sorte. Mas pára de me insultar diante da minha irmã!

Vail estava animadíssimo.

- Anda, Claudia - disse. - O teu irmão não vai ajudar. - Enfiou as fichas no bolso das calças. Parecia ansioso por começar a jogar.

Claudia ficara como que absorta. Estava a somar tudo na sua cabeça e recusava-se a encontrar o total. Olhou para o rosto sereno do irmão. Não podia ser o que Vail disera que era. Beijou-o na face e disse: Desculpa, mas estou preocupada com o Ernest.

Ele vai ficar bem - respondeu Cross. - Gosta demasiado de jogar para se matar. E além disso é um génio, não é?

Claudia riu-se. - É o que ele passa a vida a dizer, e eu acredito. E é um cobarde de todo o tamanho - disse, mas estendeu uma mão para tocar afectuosamente na de Vail.

Por que diabo é que o aturas? Porque é que partilhas uma suite com ele?

Porque sou a melhor e única amiga que lhe resta - respondeu Claudia, irritada. - E adoro os livros dele.

Depois de Claudia e Vail se retirarem, Cross passou o resto da noite a completar o plano para transferir os cinco milhões para o senador Wawen.

Quando acabou, chamou o gerente do casino, um membro importante da Família Clericuzio, e mandou-o levar o dinheiro para a suite do terraço.

O dinheiro foi levado, em dois grandes sacos, pelo gerente e por dois homens da segurança que pertenciam igualmente à Família. Ajudaram Cross a arrumar as notas no baú chinês. Depois de os três homens terem saído, Cross tirou a grande colcha da cama e embrulhou o baú nela. Em seguida ligou para o serviço de quartos e pediu dois pequenos-almoços. Minutos mais tarde, a segurança ligou a dizer que Lia Vazzi estava à espera para ser recebido. Cross mandou-o subir.

Abraçou Lia quando este entrou. Ficava sempre encantado por vê-lo.

Boas notícias ou más notícias? - perguntou, depois de o serviço de quartos ter entregue os pequenos-almoços.

Más - respondeu Lia. - É o tal detective que nos interceptou no vestíbulo do Beverly Hills Hotel, quando fui buscar o Boz Skannet. O Jim Losey. Apareceu na cabana de caça a fazer-me perguntas sobre a minha relação com o Skannet. Corri com ele. A pior parte é como ele soube quem eu era e onde encontrar-me. Não consto de qualquer ficheiro da polícia, nunca me meti em sarilhos. Isso significa que há um informador.

Cross sobressaltou-se. Os traidores eram raros na Família Clericuzio, e eram sempre implacavelmente eliminados.

- Vou falar pessoalmente com o Don a este respeito -prometeu. -

E tu? Queres fazer umas férias no Brasil até descobrirmos o que se passa?

Lia tinha comido muito pouco. Serviu-se do brandy e dos charutos que Cross lhe oferecera.

- Ainda não estou nervoso, pelo menos por enquanto. Só quero a tua autorização para me proteger contra este homem.

Cross ficou alarmado.

- Lia, não podes fazer uma coisa dessas - disse. - É muito perigoso matar um polícia neste país. Não estamos na Sicília. Vou ter de dizer-te uma coisa que não devias saber. Esse Jim Losey consta da folha de pagamentos dos Clericuzio. Dinheiro gordo. Penso que está só a fazer ondas

para receber um bónus.

- Óptimo - respondeu Vazzi. - Mas o facto permanece. Deve haver um informador.

Eu trato disso. Não te preocupes com o Losey. Lia aspirou o fumo do charuto.

Ele é perigoso, Cross. Tem cuidado.

Terei. Mas nada de medidas precipitadas da tua parte, OK?

Claro - respondeu Lia. Pareceu descontrair-se. - O que é aquilo debaixo da colcha? - perguntou, despreocupadamente.

Um pequeno presente para um homem muito importante. - respondeu Cross. - Queres passar a noite no hotel?

Não. Vou regressar à cabana, e depois dizes-me o que se passar, quando tiveres tempo. Mas eu aconselhá-los-ia a livrarem-se do Losey. Já.

Vou falar com o Don - prometeu Cross uma vez mais.

O senador Wawen, com o seu séquito de três ajudantes dos sexo masculino, chegou ao Xanadu Hotel às três da tarde. Como de costume, viajara numa limusina vulgar e sem qualquer espécie de escolta. Às cinco, chamou Cross à sua villa.

Cross mandou dois homens da segurança colocarem o baú envolto na colcha na parte de trás de um carrinho de golfe motorizado. Um dos guardas conduziu e Cross sentou-se no lugar do passageiro, mantendo um olho no baú, que ocupava o espaço de carga habitualmente destinado aos sacos com os tacos e às garrafas de água gelada. Era uma curta viagem de cinco minutos desde o Xanadu até à área isolada onde se erguiam as sete villas.

Cross adorava sempre vê-las, a sensação de poder que transmitiam.

Pequenos palácios de Versalhes, cada um deles com a sua piscina octogonal brilhando como uma esmeralda, e no centro a praça com o casino privativo dos ocupantes das villas, em forma de pérola.

Transportou pessoalmente o baú para o interior da villa. Um dos ajudantes do senador escoltou-o até à sala de jantar, onde Wawen e os outros dois ajudantes saboreavam um sumptuoso sortido de comidas frias e jarros de limonada gelada. O senador deixara de beber álcool.

Warren Wawen continuava tão bem parecido e afável como sempre.

Subira muito alto nos meios políticos da nação, era o presidente de diversas comissões importantes e um candidato com muitas possibilidades às próximas eleições presidenciais. Pôs-se de pé para receber Cross.

Cross pousou o baú no chão e retirou a colcha.

- Um pequeno presente do hotel, senador - disse. - Espero que tenha uma estada agradável.

O senador agarrou com as duas mãos a que Cross lhe estendia. Tinha umas mãos muito macias.

Um presente encantador - declarou. - Obrigado, Cross. Podemos trocar umas palavrinhas a sós?

Com certeza - respondeu Cross, entregando-lhe a chave do baú.

Wawen enfiou-a no bolso das calças. Voltou-se para os ajudantes e pediu:-Por favor, levem o baú para o meu quarto e um de vocês fique com ele.

Agora deixem-me sozinho por alguns instantes com o meu amigo Cross.

Os três homens saíram e o senador começou a passear de um lado para o outro. Tinha o sobrolho franzido.

- Trago boas notícias, naturalmente - disse -, mas também algumas más.

Cross assentiu e comentou, bem humoradamente:

- É geralmente o que acontece. - Pensou que, por cinco milhões, as boas notícias tinham de ser muito melhores do que as más.

Wawen riu-se.

É, não é? Primeiro as boas notícias. E bem boas que elas são. Tenho dedicado os meus esforços, ao longo destes últimos anos, a fazer aprovar legislação que torne o jogo legal em todo o território dos Estados Unidos.

Incluindo a legalização das apostas desportivas. Penso que tenho finalmente os votos necessários no Senado e no Congresso. O dinheiro que está no baú servirá para decidir alguns votos decisivos. São cinco, não é verdade?

Cinco - confirmou Cross. - E dinheiro bem gasto. Agora, quais são as más notícias?

O senador abanou tristemente a cabeça.

Os seus amigos não vão gostar disto - disse. - Especialmente o Giorgio, que é tão impaciente. Mas é um tipo estupendo, verdadeiramente estupendo.

O meu primo favorito - afirmou Cross, friamente. De todos os Clericuzio, de quem menos gostava era de Giorgio. E era evidente que o senador pensava da mesma maneira.

Então, Wawen largou a bomba.

- O presidente disse-me que vetaria a lei.

Cross, que já começava a exultar com o êxito final do grande plano de Don Clericuzio - construir um império legítimo baseado no jogo legal -, ficou confuso. Que raio estava Wawen a dizer?

- E nós não temos votos suficientes para anular um veto - concluiu Wawen.

Unicamente para dar a si mesmo tempo de recuperar a compostura, Cross perguntou:

- Então os cinco milhões são para o presidente? O senador ficou horrorizado.

Oh, não, não! - exclamou. - Nem sequer pertencemos ao mesmo partido. E, além disso, o presidente será um homem muito rico quando se retirar para a vida privada. Todos os conselhos de administração de todas as grandes empresas vão querer apanhá-lo. Não tem necessidade de dinheiro de bolso. - Dirigiu a Cross um sorriso satisfeito. - As coisas funcionam de uma maneira diferente quando se é o presidente dos Estados Unidos.

Nesse caso, não chegamos a parte nenhuma, a menos que o presidente caia morto - disse Cross.

Exactamente - concordou Wawen. -E um presidente muito popular, devo dizer, embora pertençamos a partidos opostos. Vai com certeza ser reeleito. Temos de ser pacientes.

Temos então de aguentar cinco anos e depois esperar que venha um presidente que não vete?

- Não é exactamente assim - respondeu o senador, e aqui hesitou um pouco. - Tenho de ser franco consigo. Em cinco anos, a composição do Congresso pode mudar. Posso não ter os votos que tenho agora. - Fez nova pausa. - Há muitos factores.

Cross estava completamente desnorteado. Que raio queria Wawen realmente dizer? O senador levantou uma ponta do véu.

- Claro que se alguma coisa acontecesse ao presidente, o vice-presidente assinaria a lei. Assim sendo, por muito horrível que possa parecer, temos de esperar que o presidente tenha um ataque de coração, ou que o avião dele caia, ou que fique incapacitado por uma trombose. Pode acontecer.

Todos somos mortais.

Wawen estava a sorrir, e subitamente fez-se luz no cérebro de Cross.

Sentiu uma onda de fúria. Aquele filho da mãe estava a dar-lhe um recado para os Clericuzio: o senador fizera a sua parte, agora eles tinham de matar o presidente dos Estados Unidos para conseguir a aprovação da lei. E

era tão escorregadio e tão manhoso que não se implicara concretamente fosse de que maneira fosse. Cross tinha a certeza que o Don não aprovaria, e se aprovasse, ele recusar-se-ia a fazer parte da Família para sempre.

Wawen continuou, mantendo o seu sorriso afável:

- Parece bastante improvável, mas nunca se sabe. O destino pode intervir, e o vice-presidente é um grande amigo meu, apesar de estarmos em partidos diferentes. Sei de certeza absoluta que aprovaria a lei. Temos de esperar para ver.

Cross quase não conseguia acreditar no que o senador estava a dizer. O

senador Wawen era a personificação do virtuoso político americano, ainda que reconhecidamente com um fraco pelas mulheres e por um inocente jogo de golfe. O seu rosto era elegantemente atraente e a sua voz bem timbrada.

Apresentava-se a si mesmo como um dos homens mais amáveis do mundo. E, no entanto, estava a sugerir que a Família Clericuzio assassinasse o seu próprio presidente. Mas que peça, pensou Cross.

O senador depenicou um pouco de comida de cima da mesa.

- Só fico esta noite - anunciou. - Espero que tenha algumas pequenas no seu espectáculo que não se importem de jantar com um velhadas como eu.

De regresso à sua suite no terraço do hotel, Cross telefonou a Gior-gio e disse-lhe que estaria em Quogue no dia seguinte. Giorgio respondeu-lhe que o motorista da Família iria buscá-lo ao aeroporto. Não fez quaisquer perguntas.

Os Clericuzio nunca tratavam de negócios pelo telefone.

Quando Cross chegou à mansão de Quogue, ficou surpreendido ao encontrar o clã inteiro à sua espera. Reunidos no escritório sem janelas estavam não só o Don, mas também Pippi, os três filhos de Don Clericuzio e até Dante, que usava na cabeça um barrete renascentista azul celeste.

Não havia comida no escritório, o jantar seria servido mais tarde. Como sempre, o Don obrigou toda a gente a olhar para as fotografias de Silvio e do baptizado de Cross e de Dante, colocadas sobre a consola da lareira. "Que dia feliz!", dizia invariavelmente. Instalaram-se em cadeiras ou sofás. Gior-gio distribuiu bebidas, e o Don acendeu a sua retorcida cigarrilha italiana.

Cross fez um relatório pormenorizado: como tinha entregue os cinco milhões ao senador Wawen, e depois, palavra a palavra, a conversa que tivera com ele.

Seguiu-se um longo silêncio. Nenhum deles precisava da interpretação de Cross. Vincent e Petie eram os que pareciam mais preocupados. Agora que tinha a sua cadeia de restaurantes, Vincent sentia-se menos inclinado a correr riscos. Petie, embora fosse o chefe dos soldados do Bronx, tinha na gigantesca empresa de construções que dirigia a sua principal preocupação.

Detestavam a idéia de uma missão tão terrível naquela altura das suas vidas.

- Esse raio desse senador é doido! - exclamou Vincent. O Don perguntou, dirigindo-se a Cross:

- Tens a certeza de que era essa a mensagem que ele queria enviar-nos? Que deviamos assassinar o líder do nosso país, um dos seus colegas de governo?

- Não pertencem ao mesmo partido político, diz o senador - comentou Giorgio,

secamente.

Cross respondeu ao Don:

- O senador nunca se incriminaria. Limitou-se a apresentar os factos.

Penso que partiu do princípio que agiríamos com base nesse conhecimento.

Dante falou pela primeira vez. Estava excitado pela ideia, pela glória, pelo lucro:

- Podemos tornar legal todo o negócio do jogo. Isso valeria a pena. É

o maior de todos os prémios.

O Don voltou-se para Pippi.

E tu que pensas, meu martelloi - perguntou afectuosamente. Pippi estava claramente furioso.

Não pode ser feito e não deve ser feito.

- Primo Pippi - interveio Dante, num tom de provocação -, se não és capaz de o fazer, eu sou.

Pippi olhou para ele com desprezo.

- Tu és um carniceiro, não um planeador. Não eras capaz de planear uma coisa destas nem num milhão de anos. O risco é demasiado grande.

As reacções seriam demasiado violentas. E a execução é demasiado difícil.

Ninguém pode fazê-lo e escapar.

- Avô, dê-me o trabalho - pediu Dante, arrogantemente. - Eu trato disso.

O Don respondeu respeitosamente ao neto:

- Estou certo de que eras capaz de o fazer. E os lucros seriam enormes.

Mas o Pippi tem razão. Os resultados seriam demasiado arriscados para a nossa Família. Toda a gente tem direito a cometer um erro, mas nunca um erro fatal.

Mesmo que fôssemos bem sucedidos e conseguíssemos o nosso objectivo, o crime ficaria suspenso sobre as nossas cabeças para todo o sempre.

É um crime demasiado grande. Além disso, não se trata de uma situação que ameace a nossa existência, é apenas uma em que tentamos alcançar um objectivo. Um objectivo que pode ser alcançado com paciência. Entre tanto, estamos todos bem instalados na vida. Giorgio, tu tens o teu lugar em Wall Sreet, Vincent, tu tens os teus restaurantes, Petie, tu tens a tua empresa de construções. Cross, tu tens o teu hotel e, Pippi, tu e eu estamos velhos, podemos reformar-nos e viver os nossos últimos anos em sossego. E tu Dante, meu neto, tens de ser paciente, um dia terás o teu império do jogo, será essa a tua herança. E quando o tiveres, será sem a sombra de um crime terrível suspenso sobre a tua cabeça. Portanto... o senador que vá nadar para o fundo do oceano.

Todos os presentes na sala se descontraíram, desfeita a tensão; com excepção de Dante, estavam todos contentes com a decisão. E todos concordavam com a maldição do Don, que mandava o senador afogar-se. Por ter ousado colocá-los naquele perigoso dilema.

Só Dante parecia discordar. Voltou-se para Pippi:

- E preciso ter muita lata, chamar-me carniceiro. O que é que tu és, alguma Florence Nightingale?

Vincent e Petie riram-se. O Don abanou a cabeça,

desaprovadoramente.

- Outra coisa - disse Don Clericuzio. - Penso que, por enquanto, devemos manter as nossas relações com o senador. Não lhe levo a mal os cinco milhões extra, mas considero um insulto o facto de ele nos ter julgado capazes de assassinar o presidente do nosso país para favorecer um negócio.

Além disso, que mais terá ele na manga? Em que é que um tal acto poderia beneficiá-lo? Ele está a procurar manipular-nos. Cross, quando o senador for ao teu hotel, dá-lhe mais crédito. Certifica-te de que se diverte o mais possível. é um homem demasiado poderoso para ter como inimigo.

O assunto estava resolvido. Cross hesitava em trazer a lume outro problema delicado. Mas contou a história de Lia Vazzi e Jim Losey.

- Pode haver um informador no seio da Família - concluiu. O Don abanou decididamente a cabeça.

Um informador é impossível. O detective deve ter descoberto alguma coisa por acaso e agora quer um bónus para largar o assunto. Giorgio, encarrega-te disso.

Mais cinquenta mil - resmungou Giorgio, azedamente. - Cross, o caso é contigo, vais ter de pagá-los com dinheiro do teu hotel.

O Don voltou a acender a cigarrilha.

- Já agora que estamos todos juntos, há mais algum problema? -

perguntou. - Vincent, como vai o teu negócio dos restaurantes?

As feições de granito de Vincent suavizaram-se.

- Vou abrir mais três - anunciou. - Um em Philly 17, outro em Denver e outro em Nova Iorque. Pai, acredita que cobro dezasseis dólares por um prato de spaghetti Quando o faço em casa, calculo o custo em meio dólar por prato. Por muito que me esforce, não consigo mais do que isso.

Até incluo o preço do alho. E almôndegas, sou o único restaurante italiano de primeira classe que serve almôndegas, não sei porquê, mas pagam-me oito dólares por elas. E nem sequer são muito grandes. Custam-me vinte cêntimos.

Teria ido por ali fora, mas o Don interrompeu-o. Voltou-se para Giorgio e perguntou:

Giorgio, como é que vai Wall Street?

Tem altos e baixos - respondeu Giorgio, cautelosamente. - Mas as comissões que recebemos pela corretagem são tão boas como as dos agiotas que trabalham nas ruas, se soubermos fazer as coisas. E não corremos o risco de ter calotes ou de ir parar à prisão. Devíamos pôr de parte todos os outros negócios, excepto talvez o jogo.

O Don estava a saborear aqueles relatos: o êxito no mundo da legalidade era um objectivo caro ao seu coração. Disse: 17 Filadélfia.

- E tu, Petie, a tua empresa de construção? Ouvi dizer que há dias tiveste um pequeno problema...

Petie encolheu os ombros.

- Tenho mais trabalho do que consigo fazer. Anda toda a gente a construir qualquer coisa, e os contratos para a construção de estradas estão garantidos. Todos os meus soldados estão na folha de vencimentos e têm uma boa

vida. Mas, há uma semana, apareceu-me esse palhaço num dos meus maiores estaleiros. Trazia para aí uns cem pretos com ele, com todo o género de cartazes sobre os direitos cívicos. Levei-o para o meu gabinete, e de repente o tipo é todo doçuras. Tudo o que tenho a fazer é contratar dez por cento de pretos entre os trabalhadores de cada obra e pagar-lhe vinte mil por baixo da mesa.

Esta espantou Dante.

perguntou, com uma gargalhada: Estamos a ser sujeitos a extorsão?

- Nós, os Clericuzio?

Tentei pensar como o Pai - continuou Petie. - Porque não hão-de eles ter direito a ganhar a vida? Por isso dei ao homem os vinte mil e disse-lhe que punha cinco por cento de pretos a trabalhar.

Fizeste bem - disse o Don. - Evitaste que um pequeno problema se transformasse num grande problema. E quem são os Clericuzio para não pagarem a sua quota parte para o progresso dos outros povos e da própria civilização?

O que eu fazia era matar o filho da mãe do preto! - declarou Dante. -

Agora vai voltar a pedir mais.

E nós damos-lhe mais - afirmou o Don. - Desde que sejam razoáveis. - Voltou-se para Pippi e perguntou:- E tu, quais são os teus problemas?

Nenhuns - respondeu Pippi. - Excepto que a Família está agora praticamente parada e eu fiquei sem trabalho.

é a tua boa sorte - disse o Don. - Já trabalhaste o suficiente.

Escapaste a muitos perigos, portanto goza agora os teus últimos anos.

Dante não esperou que o interrogassem.

Eu estou no mesmo barco - protestou -, e sou demasiado novo para me reformar.

Joga golfe como os brugliones- respondeu-lhe Don Domenico secamente. - E não te preocupes, a vida arranja-nos sempre trabalho e problemas. Entretanto, tem paciência. Receio que a tua vez há-de chegar. E a minha também.

Capítulo XIV

Na manhã do funeral de Eli Marrion, Bobby Bantz estava a gritar com Skippy Deere.

- Isto é de loucos, é o grande mal do negócio do cinema! Como raios pudeste tu deixar que isto acontecesse? - Estava a agitar um monte de folhas de papel agrafadas diante da cara de Deere.

Deere olhou para as folhas. Eram as folhas de viagens para a rodagem de um filme em Itália.

- Sim, e então? - perguntou. Bantz estava furioso.

Toda a gente que entra no filme voou em primeira classe para Roma...

a equipa, os pequenos papéis, o raio das "participações especiais", os mensageiros, os estagiários. Há uma única excepção. Sabes quem é? O auditor da LoddStone Studios, que mandámos para controlar as despesas. Esse viajou em turística!

Sim, e então? - repetiu Deere.

A fúria de Bantz tornou-se mais fria e deliberada.

- E o orçamento do filme inclui a construção de uma escola para os filhos de todos os participantes. O orçamento inclui o aluguer de um iate durante duas semanas. Li o guião com todo o cuidado. Há doze actores e actrizes que têm talvez dois ou três minutos no filme. O iate está marcado para dois dias de filmagens. Agora explica-me como foi que autorizaste isto.

Skippy Deere estava a sorrir para ele.

Com certeza - respondeu. - O nosso realizador é o Lorenzo Tallufo.

Insiste em que toda a sua gente viaje em primeira classe. Os pequenos papéis e as "participações especiais" foram metidos no guião porque andam a fornicar uma ou outra das estrelas. O iate está alugado por duas semanas porque o Lorenzo quer dar um salto ao Festival de Cinema de Cannes.

Tu és o produtor, fala com o Lorenzo - exigiu Bantz.

- Eu não! O Lorenzo tem quatro filmes feitos que ultrapassaram os cem milhões de dólares, já ganhou dois Óscares. Até lhe beijo o rabo quando o ajudar a entrar para o iate. Fala tu com ele.

Não havia resposta para isto. Tecnicamente, na hierarquia da indústria, o director do estúdio era superior a toda a gente. O produtor era a pessoa que reunia todos os elementos e vigiava o orçamento e o desenvolvimento do argumento. Mas na realidade, quando começavam as filmagens, o realizador era o poder supremo. Especialmente se tinha um cadastro de êxitos atrás de si.

Bantz abanou a cabeça.

Não posso falar com ele, agora que não tenho o Eli para me apoiar.

O Lorenzo mandava-me dar uma curva e perdíamos o filme.

E teria toda a razão - declarou Deere. - Que diabo, o Lorenzo saca sempre cinco milhões de cada filme. Todos eles o fazem. Agora vê se te acalmas para podermos aparecer no funeral.

Bantz, no entanto, estava já a olhar para outra folha de despesas.

- No teu filme - disse -, há uma rubrica de quinhentos mil dólares para comida chinesa "pronto a levar". Ninguém, ninguém, nem sequer a minha mulher, é capaz de gastar quinhentos mil dólares em comida chinesa.

Em comida francesa, talvez. Mas chinesa? E "pronto a levar"?

Skippy Deere tinha de pensar rapidamente, Bobby apanhara-o numa curva.

- É um restaurante japonês, a comida é sushi. E a comida mais cara do mundo.

Bantz ficou subitamente calmo. As pessoas estavam sempre a queixar-se por causa do sushi. O director de um estúdio rival contara-lhe que tinha levado um investidor japonês a um restaurante especializado em sushi. "Mil dólares para duas pessoas, por meia dúzia de cabeças de peixe", dissera. Bantz ficara impressionado.

- OK - acabou por dizer. - Mas temos de cortar despesas. Vê se consegues arranjar mais estagiários para o teu próximo filme.

Os estagiários trabalhavam de borla.

O funeral de Eli Marrion em Hollywood foi ainda mais mediático do que o de qualquer Estrela Cotável. Marrion fora venerado por directores de estúdios, produtores e agentes, fora respeitado, e por vezes mesmo amado, por Estrelas Cotáveis, realizadores e até alguns argumentistas. A razão disto fora a sua grande civilidade e uma inteligência poderosa que resolvera muitos problemas no mundo do cinema. Gozara igualmente da reputação de ser um homem justo, dentro do razoável.

Nos seus últimos anos, tornara-se um asceta. Não abusava do poder, não exigia favores sexuais por parte das starlets. Além disso, a LoddStone fizera mais grandes filmes do que qualquer outro estúdio, e não havia nada mais precioso do que isso para as pessoas que faziam realmente cinema.

O presidente dos Estados Unidos enviou o seu chefe de gabinete para pronunciar um curto elogio. A França enviou o seu ministro da Cultura, embora este fosse um inimigo dos filmes de Hollywood. O Vaticano enviou um representante especial, um jovem cardeal tão atraente que recebeu diversos convites para fazer

"participações especiais". Um grupo de executivos japoneses apareceu como que por magia. Os maiores executivos da indústria cinematográfica da Holanda, da Alemanha, da Itália e da Suécia apresentaram-se para prestar uma última homenagem a Eli Marrion.

Começaram os elogios fúnebres. Primeiro um actor Estrela Cotável, depois uma actriz Estrela Cotável, depois um realizador Classe A; até um escritor, Benny Sly, rendeu tributo ao falecido. Seguiu-se o chefe de gabinete do presidente. Então, e só para que o espectáculo não parecesse demasiado pretensioso, dois dos maiores cómicos do cinema disseram algumas piadas a respeito do poder e da argúcia de Eli Marrion como homem de negócios.

Finalmente, falaram Bobby Bantz e os dois filhos de Marrion, Kevin e Dora.

Kevin Marrion descreveu o defunto como um pai extremoso, não só para com os seus próprios filhos, mas para com todos os que trabalhavam na LoddStone. Era um homem que defendia intransigentemente a causa da Arte no cinema. Uma causa que, garantiu Kevin aos presentes, ele próprio não deixaria de fazer sua.

A filha de Eli Marrion, Dora, fez o discurso mais poético, escrito por Benny Sly. Foi eloquente, espiritual, e referiu as virtudes e realizações do falecido com um humor respeitoso. "Amei o meu pai mais do que qualquer outro homem que tenha conhecido", disse Dora, "mas ainda bem que nunca tive de negociar com ele. Só tive de lidar com o Bobby Bantz, e com esse podia eu bem."

As pessoas riram-se, e então foi a vez de Bobby Bantz, que estava intimamente furioso com a piada de Dora. "Passei trinta anos a construir a LoddStone Studios ao lado de Eli Marrion. Ele era o homem mais inteligente, mais bondoso que jamais conheci. Sob a sua direcção, estes trinta anos de trabalho foram a época mais feliz da minha vida. E continuarei a servir o seu sonho. O Eli mostrou a confiança que depositava em mim deixando-me à cabeça dos estúdios durante os próximos cinco anos, e não desmerecerei essa confiança. Não posso ter sequer a esperança de igualar as suas realizações. O

Eli ofereceu sonhos a biliões de pessoas em todo o mundo. Partilhou a sua riqueza e o seu amor com a família e com todas as pessoas neste país.

Foi, sem a mínima dúvida, um íman."

Todos os presentes souberam que Bobby Bantz tinha escrito pessoalmente o seu

discurso, pois acabava de enviar uma mensagem importante a toda a indústria cinematográfica. A de que ia dirigir a LoddStone Stu-dios nos próximos cinco anos e que esperava de todos o mesmo respeito que tinham dado a Eli Marrion. Bobby Bantz já não era um Número Dois, era um Número Um.

Dois dias depois do funeral, Bantz chamou Deere ao seu gabinete e propôs-lhe a direcção de produção de LoddStone, o cargo que ele próprio até então ocupara, uma vez que ia passar para o lugar de Marrion, como presidente. A remuneração que oferecia era irresistível.

Deere receberia uma percentagem dos lucros de todos os filmes feitos pelos estúdios. Teria capacidade para dar luz verde a qualquer filme cujo orçamento fosse inferior a trinta milhões de dólares. Teria a possibilidade de integrar a sua própria produtora na LoddStone, como empresa independente, e nomear o director dessa empresa.

Skippy Deere ficou espantado com a opulência da oferta.

Analisou-a como um sinal de insegurança da parte de Bobby Bantz.

Bantz sabia que era fraco na área criativa e estava a contar com ele para o proteger desse lado.

Aceitou a oferta e nomeou Claudia De Lena para dirigir a sua empresa de produção. Não só porque ela era criativa, não só porque conhecia a fundo o negócio do cinema, mas também porque era demasiado honesta para o trair. Com ela, não teria de estar sempre a vigiar a retaguarda. Além disso, e não era pequena coisa naquele negócio de fazer filmes, apreciava a companhia dela, o seu bom humor. E havia muito que a questão do sexo ficara resolvida entre os dois.

Skippy Deere sentia um calor agradável no peito só de pensar em como todos eles iam ficar ricos. Porque Deere andava naquilo havia tempo suficiente para saber que até as Estrelas Cotáveis chegavam por vezes à velhice numa quase miséria. Deere era já um homem muito rico, mas em sua opinião havia dez níveis de riqueza, e ele estava ainda apenas no primeiro. Com certeza que podia viver luxuosamente até ao fim dos seus dias, mas não podia ter o seu jacto particular, não podia ter cinco casas e mantê-las. Não podia manter um harém. Não podia dar-se ao luxo de ser um jogador inveterado. Não podia dar-se ao luxo de outros cinco divórcios. Não podia dar-se ao luxo de ter cem criados. Não

podia sequer dar-se ao luxo de financiar os seus próprios filmes durante um período prolongado de tempo. E não podia dar-se ao luxo de possuir uma dispendiosa colecção de arte, um Monet ou um Picasso dos mais conhecidos, como Eli tivera. Mas, agora, havia um dia de subir daquele primeiro nível de riqueza até talvez ao quinto. Para isso teria de trabalhar duramente e de ser muito esperto, e, sobretudo, de estudar Bobby Bantz com muita atenção.

Bantz delineou os seus planos, marcados por uma ousadia que surpreendeu Deere. Estava obviamente decidido a ocupar o seu lugar no mundo do poder.

Para começar, ia fazer um acordo com Melo Stuart nos termos do qual Melo daria à LoddStone acesso preferencial a todos os talentos da sua agência.

Posso tratar disso - ofereceu-se Deere. - Deixar-lhe-ei bem claro que darei luz verde aos seus projectos preferidos.

Estou particularmente interessado em ter a Athena Aquitane no nosso próximo filme - disse Bobby Bantz.

Aha! pensou Deere. Agora que controlava a LoddStone, Bantz alimentava a esperança de conseguir levar Athena para a cama. Claro que ele próprio, como director de produção, também teria direito a tentar a sua chance.

Vou dizer à Claudia que comece desde já a trabalhar num projecto para ela.

Óptimo. Agora não esqueças que eu sempre soube o que o Eli queria fazer mas não podia, por ser tão piegas. Vamos ver-nos livres das produtoras do Kevin e da Dora. Só servem para perder dinheiro e, além disso, não as quero nos nossos terrenos.

Nessa vais ter de andar com cuidado. Eles têm uma porção de acções da companhia.

Bantz sorriu.

- Pois sim, mas o Eli deixou-me no controlo por cinco anos. De modo que vais tu fazer o papel de mau. Vais recusar-te a dar luz verde aos projectos deles. Calculo que dentro de um ou dois anos estejam tão fartos que se vão embora, e te culpem a ti. Era a técnica do Eli. Era sempre eu quem ficava com as culpas.

Acho que vais ter problemas em expulsá-los das instalações. Para eles é uma segunda casa, cresceram aqui.

Vou tentar - prometeu Bantz. - Outra coisa. Na noite em que morreu, o Eli prometeu ao Ernest Vail dois pontos percentuais sobre o bruto, com algum dinheiro à cabeça, de todos os filmes que fizemos baseados na merda do romance dele. O Eli fez essa promessa porque a Claudia e a Molly Flanders o foram chagar no seu leito de morte, o que foi um truque perfeitamente miserável, se queres saber a minha opinião. Já notifiquei a Molly por escrito de que não me sinto legal nem moralmente obrigado a cumprir essa promessa.

Deere ponderou a questão.

Ele nunca se suicidará, mas pode morrer de morte natural durante os próximos cinco anos. Devíamos garantir-nos contra essa possibilidade.

Não. Eu e o Eli consultámos os nossos advogados e eles dizem que os argumentos da Molly perderão em tribunal. Negociarei algum dinheiro, mas nunca pontos do bruto. Isso é sugar o nosso sangue.

E então, a Molly já respondeu?

Sim, as tretas habituais dos advogados. Disse-lhe que se fosse lixar.

Bantz pegou no telefone e ligou para o seu psicanalista. A mulher insistia com ele havia anos para que seguisse um tratamento qualquer que o tornasse mais simpático.

- Só quero confirmar a marcação para as quatro - disse Bantz ao telefone. - Sim, para a semana conversamos a respeito do seu guião.

Desligou e dirigiu a Deere um sorriso malicioso.

Deere sabia que Bantz tinha um encontro marcado com Falene Fant no Beverly Hotel Bungalow. E o psicanalista dava-lhe cobertura porque a LoddStone comprara os direitos de num guião original que ele escrevera a respeito de um psiquiatra que se transformava num serial killer. O mais engraçado era que Deere tinha lido o guião e estava convencido que a história dava para fazer um bom filme de baixo orçamento, ao passo que Bantz achava que era uma trampa. Deere ia fazer o filme e Bantz ia ficar convencido de que ele estava apenas a

fazer-lhe um favor.

Então conversaram os dois a respeito de como o tempo que passavam com Falene os fazia sentirem-se tão bem. Ambos concordavam que aquilo era uma infantilidade da parte de dois homens importantes como eles. Também estavam de acordo que o sexo com Falene era tão agradável por ela ser tão divertida, e por nunca lhes exigir nada. Claro que havia exigências implícitas, mas ela tinha talento e, quando chegasse o momento oportuno, ser-lhe-ia dada a sua oportunidade.

O que me preocupa - disse Bantz - é que, se ela chega a estrela, acaba-se-nos a paródia.

Pois é - concordou Deere. - É assim que o Talento reage. Mas, que diabo, nesse caso dá-nos a ganhar um monte de massa.

Passaram ao exame dos calendários de produção e distribuição.

Messalina estaria pronto dentro de dois meses e seria a "locomotiva" do estúdio para a época do Natal. Uma continuação do romance de Vail estava pronta e chegaria às salas dentro das próximas duas semanas. Estes dois filmes juntos podiam significar para a LoddStone uma receita bruta de um bilião de dólares, a nível mundial e incluindo os direitos de vídeo. Bantz receberia um bónus de vinte milhões, Deere provavelmente cinco milhões. Bobby seria aclamado como um génio no seu primeiro ano como sucessor de Marrion. Seria reconhecido como um verdadeiro executivo Número Um.

É uma pena termos de pagar ao Cross quinze por cento do bruto ajustado de Messalina- disse Deere, pensativamente. - Por que é que não nos limitamos a devolver-lhe o seu dinheiro com juros, e se ele não gostar que nos processe? Não me pareceu que estivesse muito interessado em ir para tribunal.

Não se diz por aí que ele é da Maria? - perguntou Bantz. E Deere pensou, este tipo é mesmo medricas.

Conheço o Cross - afirmou Deere. - Não é nenhum duro. A irmã, a Claudia, ter-me-ia avisado se ele fosse verdadeiramente perigoso. Quem me preocupa é a Molly Flanders. Vamos lixar dois clientes dela ao mesmo tempo.

OK - disse Bantz. - Céus, hoje fizemos um bom dia de

trabalho. Poupámos vinte milhões com o Ernest e talvez uns dez com o De Lena. Chega para pagar os nossos bónus. Vamos ser uns heróis.

Podes dizê-lo. - Deere consultou o relógio. - São quase quatro horas. Não ias encontrar-te com a Falene?

Nesse instante, a porta do gabinete de Bobby Bantz abriu-se de rompante e no umbral surgiu Molly Flanders. Vinha vestida para a luta: calças, casaco e blusa de seda branca. E sapatos rasos. O seu belo rosto estava vermelho de raiva. Tinha lágrimas nos olhos, e mesmo assim nunca parecera mais bonita. Quando falou, a sua voz soou carregada de malévola satisfação:

- Muito bem, seus sacanas. O Ernest Vail morreu. Tenho um mandato de suspensão do tribunal que os impede de distribuir a continuação do livro dele. Então, estão prontos para se sentarem à mesa e falar de negócios?

Ernest Vail sabia que o seu grande problema com o suicídio era como evitar a violência. Era demasiado cobarde para recorrer aos meios mais populares. As armas assustavam-no, as facas e os venenos eram excessivamente directos e não absolutamente seguros. Cabeça dentro do forno de gás, morte no carro por monóxido de carbono, eram igualmente métodos com uma grande margem de insegurança. Cortar os pulsos envolvia sangue. Não, queria morrer de uma morte agradável, rápida, certa, que deixasse intactos o seu corpo e a sua dignidade.

Ernest orgulhava-se de ter tomado uma decisão racional que beneficiava toda a gente excepto a LoddStone Studios. Era puramente uma questão de ganho financeiro pessoal e de satisfação do seu ego. Ia recuperar o controlo da sua própria vida; esta fê-lo rir. Outra prova de sanidade mental: ainda conservava o sentido de humor.

Meter-se a nado pelo mar dentro era demasiado "cinema", atirar-se para debaixo de um autocarro era demasiado doloroso e além disso de certa maneira desprestigiante, como se fosse um vadio qualquer sem ter onde cair morto. Uma ideia prendeu-lhe a atenção por alguns instantes. Havia um medicamento para dormir, já passado de moda, um supositório que era só enfiar no recto. Mas, mais uma vez, pareceu-lhe pouco digno, além de pouco seguro.

Ernest rejeitou todos estes métodos e procurou algo que lhe proporcionasse uma morte feliz e garantida. Achou este processo tão divertido que esteve quase tentado a pôr toda a ideia de parte. Tal como escrever borrões de notas de

suicídio. Queria usar toda a sua arte para não parecer autocomi-serativo, ou acusador. Acima de tudo, queria que o seu suicídio fosse visto como um gesto perfeitamente racional, e não como uma cobardia.

Começou pela nota para a primeira mulher, em quem pensava como tendo sido o seu único verdadeiro amor. Tentou tornar logo a primeira frase objectiva e prática:

"Entra em contacto com a Molly Flanders, a minha advogada, logo que receberes esta nota. Ela terá notícias importantes para ti. Agradeço-te e aos nossos filhos os anos de felicidade que me proporcionaram. Não quero que penses que o que fiz constitui qualquer espécie de censura para ti. Estávamos fartos um do outro quando nos separámos. Por favor, não penses que o meu gesto resulta de qualquer doença mental, ou de qualquer infelicidade. É

completamente racional, como a minha advogada te explicará. Diz aos meus filhos que os amo"

Ernest empurrou a nota para o lado. Ia ter de trabalhá-la. Escreveu notas à segunda e à terceira mulheres, notas que até a ele pareceram frias, informando-as de que lhes deixava uma pequena parte dos seus bens, agradecendo-lhes a felicidade que lhe tinham dado e assegurando-lhes que não eram de modo algum responsáveis pelo seu gesto. Definitivamente, não estava com uma disposição muito sentimental. Resolveu, por isso, escrever uma curta nota dirigida a Bobyy Bantz. Dizia apenas: "Vá-se foder."

Depois escreveu uma nota destinada a Molly Flanders: "Lixe-me esses malandros!" Isto fê-lo ficar um pouco mais bem disposto.

A Cross De Lena escreveu: "Finalmente, fiz o que devia." Sentira o desprezo dele pela sua indecisão.

Finalmente, o coração abriu-se-lhe quando escreveu a Claudia. "Deste-me os dias mais felizes da minha vida, e nem sequer estávamos apaixonados. Como é que explicas isto? E como é que tudo o que tu fizeste na tua vida saiu certo e tudo o que eu fiz na minha vida saiu errado? Até agora. Por favor, esquece tudo o que eu disse a respeito da tua escrita, como rebaixei o teu trabalho, é apenas a inveja de um velho romancista tão obsoleto como um ferreiro. E obrigado por teres lutado pela minha percentagem, ainda que no fim tenhas perdido.

Adoro-te por teres tentado."

Fez um monte com as notas, que tinha escrito em folhas de papel amarelo. Estavam péssimas, mas ele havia de reescrevê-las, e reescrever era sempre a chave.

Compor aquelas notas, porém, despertara-lhe o subconsciente.

Finalmente, tinha descoberto a maneira perfeita de se suicidar.

Kenneth Kaldone era o melhor dentista de Hollywood, tão famoso como qualquer Estrela Cotável naquele pequeno meio. Era extraordinariamente hábil na sua profissão, e era pitoresco e ousado na sua vida privada. Detestava a imagem que a literatura e o cinema davam dos dentistas, como extremamente burgueses, e fazia tudo o que podia para a desmentir.

Era encantador no aspecto e nos modos, o seu consultório era luxuoso e tinha uma estante com as cem melhores revistas que se publicavam na América e na Inglaterra. Uma outra estante, mais pequena, continha revistas em línguas estrangeiras, alemãs, italianas, francesas e até russas.

Algumas obras de arte moderna de grande qualidade decoravam as paredes da sala de espera, e quando se entrava no labirinto das salas de tratamento, os corredores estavam cheios de fotografias autografadas de alguns dos maiores nomes de Hollywood. Os seus doentes.

Estava sempre esfuziante de bom humor e tinha um ar vagamente efeminado, que era estranhamente enganador. Adorava mulheres, mas não compreendia que se pudesse ter qualquer espécie de compromisso com uma.

Considerava o sexo nem mais nem menos importante do que um bom jantar, um óptimo vinho, uma música maravilhosa.

A única coisa em que Kenneth acreditava era na arte da odontologia.

Aí, era um artista, mantinha-se a par dos mais pequenos progressos e desenvolvimentos técnicos. Recusava-se a fazer próteses removíveis para os seus clientes, insistia em implantes de aço aos quais podiam ser aparafusados dentes artificiais. Proferia conferências em congressos de odontologia, era uma tão grande autoridade que certa vez fora chamado para tratar os dentes de um

membro da família real do Mónaco.

Nenhum doente de Kenneth Kaldone se veria obrigado a meter os dentes num copo de água ao ir para a cama. Nenhum doente alguma vez sentiria amais pequena dor na sua sofisticadíssima cadeira de dentista. Kenneth era liberal no uso de drogas, e sobretudo no uso de "ar doce", uma mistura de óxido de azoto e oxigénio inalada através de uma máscara de borracha e que eliminava milagrosamente a dor e transportava o paciente para uma semiconsciência quase tão agradável como a provocada pelo ópio.

Ernest e Kenneth tinham-se tornado amigos quando da primeira visita de Vail a Hollywood, quase vinte anos antes. Ernest fora atacado por uma violentíssima dor de dentes durante um jantar em casa de um produtor que andava a namorá-lo por causa dos direitos de um dos seus livros. O

produtor telefonara para Kenneth à meia-noite, e Kenneth acorrera à festa, levara Ernest para o seu consultório e tratara o dente infectado. Depois fora deixá-lo no hotel onde estava hospedado, recomendando-lhe que voltasse ao consultório no dia seguinte.

Mais tarde, Ernest, em conversa com o produtor, comentara que ele devia ter uma influência enorme, para conseguir que um dentista fizesse uma visita domiciliária à meia-noite. O produtor dissera que não, que Kenneth Kaldone era assim mesmo. Um homem com uma dor de dentes era para ele como um homem prestes a afogar-se, tinha de ser salvo. Mas também, Kaldone tinha lido todos os livros de Ernest e adorava as suas obras.

No dia seguinte, ao visitar de novo Kaldone no consultório, Ernest mostrou-se efusivamente agradecido. Kenneth interrompeu-o erguendo uma mão, e disse:

Continuo em dívida para consigo pelo prazer que os seus livros me proporcionaram. Agora deixe-me falar-lhe a respeito dos implantes de aço.

- E lançou-se numa longa prelecção, argumentando que nunca era demasiado cedo para tratar da boca, que Ernest não tardaria a perder outros dentes e que os implantes de aço lhe poupariam a vergonha de ter de meter a dentadura dentro de um copo de água quando fosse para a cama.

Vou pensar nisso - respondeu Ernest.

Não - declarou Kenneth. - Não posso tratar um doente que discorda de mim no que respeita ao meu trabalho.

Ernest riu-se.

- Ainda bem que não é romancista - comentou. - Mas está bem.

Tornaram-se amigos. Vail telefonava-lhe para irem jantar sempre que ia a Hollywood e por vezes fazia uma viagem especial a L. A. só para ser tratado com

"ar doce". Kenneth falava inteligentemente a respeito dos seus livros, e sabia quase tanto de literatura como de odontologia.

Ernest adorava o "ar doce". Nunca sentia dor e tinha algumas das suas melhores ideias quando se encontrava no estado semiconsciente que o gás induzia. Ao longo dos anos que se seguiram, criou-se entre os dois uma amizade tão forte de que resultou Ernest ficar dotado de um conjunto de dentes novos com raízes de aço que haviam de o acompanhar até à cova.

O interesse de Ernest por Kenneth era, porém, sobretudo como personagem de um romance. Ernest sempre acreditara que existe em todos os seres humanos uma surpreendente perversidade. Kenneth revelara-lhe a sua, e era sexual, mas não no habitual estilo pornográfico.

Conversavam sempre um pouco antes de cada tratamento, antes de Ernest inalar o "ar doce". Kenneth confidenciou-lhe que a sua principal namorada, tinha igualmente relações sexuais com um cão, um enorme pastor-alemão.

Ernest, que começava a sucumbir ao "ar doce", arrancou a máscara da cara e disse sem pensar:

- Andas a fornicar com uma mulher que também fornica com um cão? E isso não te preocupa?

Referia-se, naturalmente, às complicações médicas e psicológicas.

Kenneth não compreendeu o que ele queria dizer.

- Por que haveria de preocupar-me? - espantou-se. - Um cão não é concorrência.

Ao princípio, Ernest pensou que ele estava a brincar. Então compreendeu que Kenneth falava a sério. Ernest voltou a colocar a máscara e mergulhou no mundo de sonhos do "ar doce", e o seu espírito, estimulado como sempre pelo gás, fez uma análise completa do seu dentista e amigo.

Kenneth era um homem que não tinha qualquer conceito do amor como exercício espiritual. O prazer estava acima de tudo, na mesma linha que a sua perícia para eliminar a dor. A carne tinha de ser controlada ao mesmo tempo que era satisfeita.

Jantaram juntos nessa noite, e Kenneth mais ou menos confirmou a análise de Ernest.

O sexo é melhor do que o azoto - disse. - Mas, tal como o azoto, é preciso misturar-lhe pelo menos trinta por cento de oxigénio. – Lançou a Ernest um olhar malicioso. - Ernest, já vi que gostas muito do "ar doce". Dou-te o máximo... setenta por cento... e tu tolerá-lo bem.

E perigoso? -perguntou Ernest.

- Nem por isso. A menos que fiques com a máscara posta durante dois ou três dias, e possivelmente nem mesmo assim. Claro que o óxido de azoto puro mata-te em quinze ou trinta minutos. Para te dizer a verdade, uma vez por mês dou uma pequena festa nocturna no meu consultório, tudo gente muito seleccionada. Todos doentes meus, de modo que os conheço bem.

Todos saudáveis. O azoto excita-os. Não sentes despertar os teus instintos sexuais quando estás com o gás?

Ernest riu-se.

Quando uma das tuas assistentes passa perto dá-me vontade de lhe apalpar o rabo.

Tenho a certeza de que ela não te levaria a mal - respondeu Kenneth, com um humor retorcido. - Por que é que não apareces lá no consultório amanhã à meia-noite? Divertimo-nos imenso. - Reparou na expressão escandalizada de Ernest e acrescentou:- O azoto não é como a cocaína.

A cocaína deixa certas mulheres indefesas. O azoto só as liberta. Aparece por lá

como se fosses a um cocktail. Não és obrigado a fazer nada.

Será permitida a entrada a cães?, pensou Ernest, maliciosamente.

Depois prometeu aparecer. Justificou-se a si mesmo pensando que se tratava unicamente de pesquisa para um romance.

Não se divertiu na festa, na qual não participou. A verdade era que o azoto o fazia sentir-se mais espiritual do que sexy, como se fosse uma droga sagrada destinada a ser usada exclusivamente para adorar um deus de misericórdia.

O modo como os outros convidados copularam foi tão animalesco que pela primeira vez compreendeu a atitude displicente de Kenneth relativamente à namorada e ao pastor-alemão. Tudo aquilo era vão vazio de intenção humana que se tornava aborrecido. Kenneth também não participou pessoalmente na orgia; estava demasiado ocupado a manipular os controlos do

"ar doce".

Agora, passados anos, Ernest sabia que tinha uma maneira de se matar.

Indolor e agradável. Não sofreria, não ficaria desfigurado, não teria medo.

Flutuaria deste mundo para o outro numa nuvem de pensamentos agradáveis. Como se costuma dizer, morreria feliz.

O problema residia agora em entrar no consultório de Kenneth durante a noite e descobrir como funcionavam os controlos...

Fez uma marcação para um checkup. Enquanto Kenneth estudava as radiografias, Ernest disse-lhe que estava a usar um dentista como personagem de um novo romance e pediu-lhe que lhe mostrasse como funcionavam os controlos do "ar doce".

Kenneth era pedagogo por natureza e ensinou-o a manipular os controlos dos tanques de óxido de azoto e de oxigénio, acentuando o aspecto das proporções de segurança entre os dois gases.

Mas não pode ser perigoso? - perguntou Ernest. - Supõe que estavas bêbado e te enganavas? Podias matar-me.

Não, está regulado automaticamente para te dar sempre pelo menos trinta por cento de oxigénio - explicou Kenneth.

Ernest hesitou um instante, esforçando-se por parecer embaraçado.

- Sabes, diverti-me muito naquela festa, aqui há anos. Agora tenho uma namorada muito bonita que está a fazer-se esquisita. Preciso de ajuda.

Emprestas-me a chave do consultório para eu poder trazê-la cá durante a noite? Talvez o azoto faça pender a balança a meu favor.

Kenneth estudou cuidadosamente as radiografias.

- A tua boca está óptima - disse. - Sou na verdade um grande dentista.

- - A chave? - insistiu Ernest.

- Uma namorada muito bonita? Diz-me quando, e eu venho cá ocupar-me dos controlos.

Não, é uma rapariga um bocado antiquada. Nunca faria nada contigo por perto. - Fez uma pausa. - É mesmo muito antiquada.

A sério? - perguntou Kenneth, olhando Ernest directamente nos olhos. Depois acrescentou:- E só um minuto. - E saiu do consultório.

Quando regressou, trazia uma chave na mão.

- Leva-a a uma loja de ferragens e manda fazer um duplicado - disse.

- Assegura-te de que ficam a saber quem tu és. Depois volta aqui e devolve-me a chave.

Ernest ficou surpreendido.

- Não queria dizer que fosse já.

Kenneth guardou as radiografias num arquivo e voltou-se para ele. Por uma das poucas vezes desde que Ernest o conhecia, a alegria desaparecera-lhe do rosto.

- Quando os polícias te encontrarem morto na minha cadeira, não quero ver-me

implicado seja de que maneira for. Não quero o meu estatuto profissional posto em causa, nem quero que os meus doentes me abandonem.

Os polícias vão encontrar o duplicado e seguir-lhe o rasto até à loja.

Deduzirão que me pregaste a partida. Presumo que vais deixar uma nota?

Ernest ficou espantado, e depois cheio de vergonha. Nunca pensara prejudicar Kenneth, que continuava a olhar para ele com um sorriso de censura a que se misturava uma ponta de tristeza. Ernest pegou na chave que ele lhe estendia e, num raro gesto de emoção, abraçou-o desajeitadamente.

Então compreendes - disse. - Estou a ser perfeitamente racional.

Claro que compreendo. Muitas vezes pensei no mesmo, para quando for velho ou se as coisas me correrem mal. - Sorriu alegremente e acrescentou: -

A morte não é concorrência. - Riram-se ambos.

Sabes realmente porquê? - perguntou Ernest.

Toda a gente em Hollywood sabe. O Skippy Deere estava numa festa e alguém lhe perguntou se ia realmente fazer o filme. E ele respondeu: "Vou continuar a tentar até que as galinhas tenham dentes ou o Ernest Vail se suicide."

E não achas que estou louco? Matando-me por causa de um dinheiro que não poderei gastar...

Porque não? - respondeu Kenneth. - Sempre é mais inteligente do que matares-te por amor. Mas os aspectos mecânicos não são assim tão simples. Tens de desligar este tubo, que fornece o oxigénio, para poderes fazer a mistura a mais de setenta por cento. Fá-lo numa sexta-feira à noite, depois de o pessoal da limpeza ter saído, para que só te descubram na segunda-feira. Há sempre a possibilidade de seres reanimado. Claro que se usares azoto puro ficas arrumado em meia hora. - Voltou a sorrir com alguma tristeza. - Todo o trabalho que tive com os teus dentes deitado a perder. Que pena. . . .

Dois dias mais tarde, no sábado de manhã, Ernest acordou cedo no seu quarto no Beverly Hills Hotel. O sol começava a nascer. Tomou um duche, barbeou-se, vestiu uma T-shirt, uns confortáveis jeans e um casaco de linho castanho claro. O

quarto era uma confusão de roupas e jornais espalhados, mas não faria sentido pôr-se agora a arrumá-lo.

O consultório de Kenneth ficava a meia hora do hotel, a pé, e Ernest saiu para a rua com uma sensação de libertação. Ninguém andava a pé em L.

A. Estava com fome, mas tinha medo de comer qualquer coisa porque isso poderia fazê-lo vomitar quando estivesse a inalar o azoto.

O consultório era no décimo quinto andar de um edifício com dezasseis. Havia apenas um porteiro no vestíbulo, e ninguém no elevador.

Ernest serviu-se da chave e entrou no consultório. Fechou a porta atrás de si e meteu a chave no bolso do casaco. As salas estavam fantasmagoricamente silenciosas, a gaiola de vidro da recepcionista reflectia os raios do sol matinal e o visor do computador estava agourentamente escuro e mudo.

Ernest abriu a porta que dava acesso à área de trabalho. Enquanto percorria o corredor, foi recebido pelas fotografias das Estrelas Cotáveis. Havia seis salas de tratamento, três de cada lado do corredor. Ao fundo ficava o gabinete e a sala de reuniões de Kenneth, onde tinham conversado tantas vezes, e, mesmo ao lado, a sala de tratamento de Kenneth, com a sua cadeira hidráulica especial onde ele recebia os clientes mais importantes.

A cadeira era luxuosa, estofada de couro preto. Na mesa móvel ao lado estava a máscara de "ar doce". A consola, com os tubos ligados aos depósitos de óxido de azoto e de oxigénio, escondidos na parede, tinha os dois manípulos de controlo no zero.

Ernest ajustou os controlos de modo a receber metade de azoto e metade de oxigénio. Depois sentou-se na cadeira e pôs a máscara.

Descontraiu-se. Ao fim e ao cabo, desta vez Kenneth não ia espetar-lhe agulhas nas gengivas. Todas as dores e desconforto lhe abandonaram o corpo, o seu cérebro vagueou de um extremo ao outro do mundo. Sentia-se maravilhosamente bem, era ridículo pensar em morte.

Idéias para futuros romances flutuaram-lhe pela cabeça, à mistura com uma nova percepção a respeito de muitas pessoas que conhecia, uma percepção isenta de malícia, que era o que ele mais adorava no azoto. Merda, esquecera-se de

reescrever as notas de suicídio, e compreendia agora que, a despeito das suas boas intenções e linguagem, elas eram essencialmente insultuosas.

Ernest estava agora na barquinha de um grande balão colorido.

Percorria, pairando, todo o mundo que tinha conhecido. Pensou em Eli Marrion, que tinha seguido o seu destino, conseguira um grande poder, fora olhado com respeito e admiração graças à implacável inteligência com que usara esse poder. E no entanto, quando o melhor livro de Ernest fora publicado e comprado para o cinema, o que lhe dera o Pulitzer, Eli aparecera na festa que os editores lhe tinham oferecido.

Eli estendera-lhe a mão e dissera: "E um grande escritor." A sua presença na festa fizera sensação nos círculos sociais de Hollywood. E o grande Eli Marrion dera-lhe a última e definitiva prova de respeito, concedera-lhe pontos sobre o bruto. Pouco importava que Bantz tivesse voltado a tirar-lhos depois de Eli ter morrido.

E o próprio Bantz não era um vilão. Aquela ânsia insaciável de lucro era o resultado da sua experiência num mundo especial. Para dizer a verdade, Skippy Deere era bem pior, porque Deere, com a sua inteligência, o seu charme e a sua energia, a sua tendência para a traição a um nível pessoal, era mais mortífero.

E ele próprio, por que estaria sempre a rebaixar os filmes de Hollywood, a troçar deles?, perguntou, introspectivamente. Era por inveja. O cinema tornara-se a mais venerada das formas de arte, e ele gostava de cinema, de bom cinema, pelo menos. Mas o que mais invejava era as relações que se estabeleciam durante a rodagem de um filme. O elenco, a equipa técnica, o realizador, as estrelas, e até os executivos, esses estúpidos ignorantes, como que se juntavam numa família unida, ainda que nem sempre afectuosa, pelo menos enquanto duravam as filmagens. Ofereciam presentes uns aos outros, beijavam-se e abraçavam, juravam devoção eterna. Devia ser um sentimento tão maravilhoso... Lembrava-se de, quando escrevera o seu primeiro argumento com Claudia, ter julgado que poderia vir a ser admitido nessa família.

Como seria isso possível, com a sua maneira de ser, o seu espírito verrinoso, a sua troça constante? Sob os efeitos do doce óxido de azoto, porém, nem a si mesmo era capaz de julgar severamente. Tinha o direito, tinha escrito grandes livros (Ernest era uma raridade entre os romancistas porque gostava

verdadeiramente dos seus livros) e merecera ser tratado com mais respeito.

Confortavelmente saturado de azoto, Ernest decidiu que não queria realmente morrer. O dinheiro não era assim tão importante, Bantz havia de ceder e Molly acabaria por encontrar uma maneira de resolver aquilo.

Então recordou todas as suas humilhações. Nenhuma das suas três mulheres o amara verdadeiramente. Ele sempre fora o suplicante, nunca soubera o que fosse um amor correspondido. Os seus livros tinham sido respeitados, mas nunca tinham suscitado esse tipo de adoração que torna um escritor rico. Alguns críticos tinham-no atacado, e ele fingira aceitar o facto com desportivismo. Era tolice irritar-se com os críticos, ao fim e ao cabo estavam apenas a fazer aquilo para que lhes pagavam. Mas os comentários tinham-no magoado. E todos os seus amigos homens, embora por vezes apreciassem a sua companhia, o seu humor mordaz e a sua franqueza, nunca eram muito íntimos, nem sequer Kenneth. Claudia era verdadeiramente sua amiga, mas sabia que Kenneth e Molly, no fundo, tinham pena dele.

Ernest estendeu um braço e desligou o ar doce. Em poucos minutos as idéias aclararam-se-lhe, e foi sentar-se no gabinete de Kenneth.

Voltou a mergulhar numa depressão profunda. Recostou-se na cadeira de Kenneth e ficou a ver o sol erguer-se acima de Beverly Hills.

Estava tão furioso por os estúdios o terem roubado que não era capaz de saborear coisa nenhuma. Odiava o nascer de cada novo dia, à noite deitava-se cedo, tomava dois comprimidos e tentava dormir o mais tempo possível... Ser humilhado por aquela gente, gente que desprezava!

E agora já nem sequer conseguia ler, um prazer que nunca antes o traíra.

E, evidentemente, não conseguia escrever. Aquela prosa elegante, tantas vezes elogiada, tornara-se falsa, enfatuada, pretensiosa. Escrevê-la já não lhe dava prazer.

Havia já muito tempo que acordava todas as manhãs receando o novo dia, demasiado cansado por tomar um duche e barbear-se. E

estava sem dinheiro. Ganhara milhões e perdera tudo ao jogo, com as mulheres, com a bebida. Ou esbanjara-o sem conta nem medida. O

dinheiro nunca fora importante para ele, até agora..

Nos últimos dois meses, não pudera mandar aos filhos nem às três ex-mulheres o dinheiro das pensões de alimentos. Ao contrário da maior parte dos homens, enviar aqueles cheques era uma coisa que o fazia feliz. Havia cinco anos que não publicava um livro, e a sua personalidade tornara-se cada vez menos agradável, até para ele próprio. Estava sempre a queixar-se da sua sorte. Era como um dente infectado na boca da sociedade. E esta própria imagem deprimiu-o ainda mais. Que espécie de metáfora reles era aquela para um escritor do seu talento? Uma onda de melancolia invadiu-o, deixando-o completamente impotente.

Levantou-se de um salto e voltou à sala de tratamento. Kenneth explicara-lhe o que tinha de fazer. Puxou o tubo com as duas tomadas, uma para o oxigénio, a outra para o óxido de azoto. Depois ligou apenas uma. A do azoto. Sentou-se na cadeira de dentista, estendeu um braço e girou o controlo. Nesse instante pensou que deveria haver uma maneira de conseguir pelo menos dez por cento de oxigénio, para que a morte não fosse tão segura. Pegou na máscara e pô-la na cara.

O azoto puro atingiu-lhe o corpo e ele experimentou um momento de êxtase, um desvanecer de todas as dores, uma satisfação total. O azoto inundou-lhe o cérebro e deixou-o limpo como um quadro negro no fim da aula. Houve um último momento de puro prazer antes de deixar de existir, e, nesse momento, Ernest acreditou que havia um Deus e um Paraíso.

Molly Flanders foi feroz com Bobby Bantz e Skippy Deere; se Eli Marrion estivesse vivo, teria tido mais cuidado.

- Vocês têm uma nova continuação do livro do Ernest pronta para sair.

o meu mandato de suspensão impede-os de o fazer. Os direitos pertencem agora aos herdeiros do Ernest. Claro que podem conseguir uma anulação do mandato e distribuir o filme, mas nesse caso eu processo-os. Se ganhar, os herdeiros do Ernest tornam-se proprietários do filme e da maior parte dos lucros que ele gerar. E com toda a certeza podemos impedi-los de continuar a fazer continuações com base nas personagens dos livros dele. Ora muito bem, podemos poupar a nós mesmos tudo isso e anos de chatices nos tribunais.

Vocês pagam cinco milhões à cabeça e dez por cento do bruto de todos os filmes. E quero uma relação certificada das receitas do vídeo doméstico.

Deere estava horrorizado, e Bantz furioso. Ernest Vail, um escritor, teria uma percentagem dos lucros maior do que qualquer outra pessoa, excepto uma Estrela Cotável, e isso era um ultraje inaceitável.

Bantz telefonou imediatamente a Melo Stuart e ao chefe do contencioso da LoddStone Studios. Meia hora mais tarde, estavam na sala de reuniões. Melo Stuart era necessário porque tinha interesses nas continuações e recebia uma comissão sobre a Estrela Cotável, o realizador e o argumentista, Benny Sly. Aquela era uma situação que podia exigir que ele cedesse alguns pontos.

Estudámos a situação quando Mr. Vail fez a sua primeira ameaça contra os estúdios - disse o chefe do contencioso.

Chama a suicidar-se uma ameaça contra os estúdios? - interrompeu-o Molly Flanders, furiosamente.

E uma chantagem - respondeu o chefe do Contencioso, com muita calma. - Estudámos aprofundadamente os aspectos legais da situação, que são muito complicados, mas mesmo assim avisei a administração de que podemos combater as suas exigências em tribunal e ganhar. Neste caso particular, os direitos à propriedade não revertem para os herdeiros.

O que é que pode garantir? - perguntou-lhe Molly. - Com noventa e cinco por cento de certeza?

- Nada. Em matéria de leis, nada tem essa percentagem de certeza.

Molly estava deliciada. Poderia reformar-se com os honorários que ia receber quando ganhasse aquele caso.

- Então vá-se lixar. Vemo-nos no tribunal.

Bantz e Deere estavam tão aterrorizados que nem conseguiam falar. Bantz desejou com todo o seu coração que Eli Marrion ainda estivesse vivo.

Foi Melo Stuart quem se levantou e segurou Molly com um abraço afectuoso e implorativo.

Eh! - exclamou. - Estamos aqui para negociar. Sê civilizada. -

Voltou a conduzir Molly para a cadeira, notando que havia lágrimas nos olhos dela. - Podemos chegar a um acordo, eu estou disposto a ceder alguns dos meus pontos.

Quer arriscar-se a perder tudo? - perguntou Molly tranquilamente, voltando-se para Bantz. - O seu advogado pode garantir-lhe que vai ganhar? Claro que não pode! O que é que você é, um homem de negócios ou um raio de um jogador degenerado? Para poupar uma merda de uns vinte a quarenta milhões, arrisca-se a perder um bilião?

Chegaram a acordo. Os herdeiros de Vail receberam quatro milhões à cabeça e oito por cento da receita bruta do filme que estava pronto a ser distribuído. Receberiam mais dois milhões e dez por cento do bruto ajustado de qualquer outra continuação. As três ex-mulheres e os filhos de Ernest Vail iam ficar ricos.

Antes de sair, Molly disparou-lhes uma frechada final:

- Se acham que isto foi duro, esperem até o Cross De Lena descobrir como o lixaram.

Molly saboreou a sua vitória. Lembrava-se de como certa noite, anos antes, levara Ernest Vail para casa depois de uma festa. Estava muito embriagada e muito sozinha, e Ernest era engraçado e inteligente, e ela pensara que talvez fosse divertido passar a noite com ele. Então, quando tinham chegado a casa dela, com a bebedeira já meio curada pela viagem, e o levara para o quarto, olhara à sua volta, desesperada. Ernest era tão insignificante, e tão obviamente tímido em matéria de sexo, e nem sequer era um homem bonito... Naquele momento, parecia ter perdido a língua.

No entanto, Molly era demasiado justa para o repelir naquelas circunstâncias. Por isso embebedara-se outra vez e fora para a cama com ele. E, para dizer a verdade, no escuro, não fora mau de todo. Ernest mostrara gostar tanto que ela se sentira lisonjeada e lhe levara o pequeno-almoço à cama.

Ele dirigira-lhe um grande sorriso, e dissera:

- Obrigado. E outra vez obrigado E Molly percebera que ele tinha compreendido tudo o que ela sentira na noite anterior e estava a agradecer-lhe não só por lhe ter levado o pequeno-almoço à cama, mas também por ter sido a sua benfeitora sexual. Molly sempre lamentara não ser melhor actriz, mas que diabo, era uma

advogada. E agora acabava de ter para com Ernest Vail um gesto de amor retribuído.

O Dottore David Redfellow recebeu a mensagem de Don Clericuzio quando se encontrava a meio de uma importante reunião em Roma. Estava a aconselhar o primeiro-ministro italiano sobre uma nova regulamentação bancária que pretendia impor sanções severas aos agentes corruptos da banca, e, naturalmente, pronunciava-se contra. Encerrou imediatamente os seus argumentos e voou para a América.

Durante os vinte e cinco anos do seu exílio em Itália, David Redfellow prosperara e modificara-se para além dos seus sonhos mais loucos.

De início, Don Clericuzio ajudara-o a comprar um pequeno banco em Roma.

Depois servira-se da fortuna que ganhara com as drogas e que depositara em bancos suíços para adquirir mais bancos e estações de televisão. Mas tinham sido os amigos de Don Clericuzio em Itália que o tinham guiado e ajudado a construir o seu império, a comprar os jornais, as revistas, as estações de TV, além da cadeia de bancos.

David Redfellow não estava, porém, menos contente com o que conseguira sozinho. Uma transformação completa e radical da sua própria pessoa. Adquirira a cidadania italiana, tinha uma mulher italiana, filhos italianos, e a típica amante italiana, tudo isto além de um doutoramento honoris causa (preço, dois milhões de dólares) por uma universidade italiana. Vestia fatos Armani, passava uma hora por semana no barbeiro, juntara um círculo de amigos (só homens) no bar que frequentava (e que tinha comprado), e entrara na política como conselheiro do governo e do primeiro-ministro.

Com tudo isto, uma vez por ano fazia a sua peregrinação a Quoge, a fim de satisfazer quaisquer desejos do seu mentor, Don Clericuzio. Por isso este chamamento inesperado o encheu de apreensão.

O jantar aguardava-o na mansão de Quogue quando chegou, e Rose Marie ultrapassara-se, porque David Redfellow falava sempre com grande entusiasmo dos restaurantes de Roma. Todo o clã Clericuzio se encontrava reunido em sua honra: o Don em pessoa; os seus filhos, Giorgio, Petie e Vincent; o neto, Dante, e Pippi e Cross De Lena.

Foi uma espécie de regresso do herói. David Redfellow, o garoto que se recusara a estudar, o traficante de droga, o mal vestido de brinco na orelha, a hiena que explorara todos os becos do sexo, transformara-se num pilar da sociedade. Orgulhavam-se dele. Mais, Don Clericuzio considerava-se em dívida para com ele. Porque fora Redfellow quem lhe ensinara uma grande lição em matéria de moralidade.

Em tempos passados, Don Clericuzio sofrera de um estranho sentimentalismo. Acreditara que, de um modo geral, as forças da lei não podiam ser corrompidas quando se tratava de drogas.

Em 1960, David Redfellow era um estudante de vinte anos quando começara a traficar droga, não tanto pelo lucro, mas simplesmente para que ele e os amigos pudessem dispor de um fornecimento seguro e barato.

Um negócio de amadores, apenas marijuana e cocaína. Num ano, esse negócio crescera de tal maneira que ele e os colegas eram donos de um avião particular que trazia o produto do México e da América do Sul. Muito naturalmente, não tardaram a ver-se em apuros com a lei, e fora então que David revelara pela primeira vez o seu génio. Os seis membros da sua sociedade ganhavam grandes quantidades de dinheiro, e David Redfellow pagava subornos tão exorbitantes que em pouco tempo tinha por sua conta uma enfiada de xerifes, delegados do ministério público, juizes e centenas de agentes da Polícia ao longo de toda a Costa Leste.

Costumava dizer que era muito simples. Bastava descobrir qual era o salário anual de uma pessoa e oferecer-lhe cinco vezes esse valor.

Fora então que o cartel dos colombianos aparecera em cena, mais selvagem do que quaisquer índios dos filmes do Velho Oeste, cortando não apenas escalpes mas cabeças inteiras. Quatro dos sócios de Redfellow tinham sido mortos, e Redfellow entrara em contacto com a Família Clericuzio e pedira-lhes protecção, oferecendo em troca cinquenta por cento dos seus lucros.

Petie Clericuzio e um grupo de soldados do Enclave do Bronx tornaram-se os seus guarda-costas, e este acordo durara até que o Don exilara Redfellow para Itália, em 1965. O negócio da droga tornara-se demasiado perigoso.

Agora, reunidos à mesa de jantar, felicitavam o Don pela sabedoria da sua decisão vinte e cinco anos antes. Dante e Cross ouviam a história de Redfellow

pela primeira vez. David Redfellow era um bom contador de histórias, e tecia a Petie os mais rasgados elogios.

Que lutador - disse. - Se não fosse ele, nunca eu teria vivido o suficiente para ir para Itália. - Voltou-se para Dante e Cross e acrescentou, dirigindo-se-lhes directamente. - Foi no dia em que vocês os dois foram baptizados. Lembro-me de que nenhum de vocês pestanejou sequer quando o padre quase os afogou em água-benta. Nunca sonhei que um dia viríamos a ter negócios juntos, como homens adultos.

Não vais ter negócios com eles - interrompeu secamente o Don

-, vais ter negócios comigo e com o Giorgio. Se precisares de ajuda, poderás recorrer ao Pippi De Lena. Resolvi ir para a frente com o assunto de que te falei. O Giorgio explica-te porquê.

Giorgio pôs David ao corrente dos últimos desenvolvimentos, contou-lhe que Eli Marrion tinha morrido e que Bobby Bantz, que ficara à frente da LoddStone, retirara a Cross a percentagem combinada sobre os lucros do filme, limitando-se a devolver-lhe com juros o dinheiro que ele tinha adiantado.

Redfellow achou graça à história.

- É um tipo esperto. Sabe que não podes ir para tribunal, de modo que te fica com o dinheiro. Bem jogado.

Dante estava a beber café, e olhou para Redfellow com desagrado. Rose Marie, sentada ao lado do filho, pousou a mão no braço dele.

- Acha engraçado? - perguntou Dante a Redfellow.

Redfellow estudou-o por um momento. O seu rosto tornou-se muito sério.

- Só porque, dadas as circunstâncias, sei que é um erro ser assim tão esperto.

O Don acompanhou esta troca de palavras, que pareceu diverti-lo. Em todo o caso, permitiu-se uma frivolidade, ocorrência rara que os filhos nunca deixavam de apreciar.

E então, neto - disse, dirigindo-se a Dante -, como terias tu resolvido o

problema?

Mandava-os nadar para o fundo do oceano - disse, e o Don sorriu-lhe.

E tu Croccifixio? Como resolverias tu a situação?

Limitava-me a aceitá-la - respondeu Cross. -Aprendia com ela.

Fui levado à certa porque nunca pensei que eles tivessem coragem para tanto.

Petie e Vincent? - perguntou o Don.

Ambos, porém, recusaram responder. Sabiam que jogo o pai estava a jogar.

- Não podes ignorar uma coisa destas - disse o Don, dirigíndo-se a Cross. - Serás conhecido como um pateta e nenhum homem do mundo te respeitará.

Cross estava a levar o Don a sério.

A casa do Eli Marrion ainda está cheia de quadros que valem uns vinte ou trinta milhões. Podíamos roubá-los e exigir um resgate.

Não - declarou o Don. - Isso denunciar-te-ia, revelaria o teu poder, e por mais delicadamente que o caso fosse tratado, poderia tornar-se perigoso. E demasiado complicado. David, e tu, que farias?

David aspirou pensativamente o fumo do seu charuto.

- Comprava a LoddStone - respondeu. - Fazia um negócio civilizado.

Com os nossos bancos e empresas de comunicação, o que há a fazer é comprar a LoddStone.

Cross nem queria acreditar no que estava a ouvir.

A LoddStone é a mais antiga e a mais rica produtora de filmes de todo o mundo. Mesmo que conseguisse arranjar os dez biliões necessários, eles não lha vendiam. É simplesmente impossível.

David, meu velho amigo - interveio Petie, em tom brincalhão -, consegues deitar as luvas a dez biliões? O homem cuja vida eu salvei?

o homem que disse que nunca poderia pagar-me?

Redfellow agitou uma mão.

Não compreendes como é que o dinheiro a sério funciona. E como bater claras. Pegas numa pequena quantidade e vais batendo com títulos, empréstimos e acções até conseguires uma grande espuma. O dinheiro não é o problema.

O problema é afastar Bantz do nosso caminho - disse Cross. -

É ele quem controla a LoddStone, e sejam quais forem os seus defeitos é leal aos desejos do Marrion. Nunca aceitaria vender os estúdios.

- Eu vou até lá e dou-lhe um beijo - sugeriu Petie.

Entretanto, o Don tinha tomado uma decisão. Voltou-se para Redfello.

Vai para a frente com o teu plano. Mas com todas as cautelas.

O Pippi e o Croccifixio estarão sob as tuas ordens.

Mais uma coisa - interveio Giorgio, dirigindo-se a Redfellow. -

Nos termos do testamento do Eli Marrion, o Bobby Bantz tem o controle total da LoddStone durante os próximos cinco anos. Mas o filho e a filha do Marrion detêm mais acções da empresa do que ele. Não podem despedi-lo, mas se a LoddStone for vendida, os novos proprietários terão de pagar-lhe.

Esse é o problema que temos de resolver.

David Redfellow sorriu e puxou uma fumaça do charuto.

É como nos velhos tempos. Don Clericuzio, a única ajuda de que preciso é a sua. Alguns dos bancos italianos poderão ter relutância em apostar numa aventura tão grande. Lembre-se, vamos ter de pagar muito acima do valor real da LoddStone.

Não te preocupes - respondeu o Don. - Tenho muito dinheiro nesses bancos.

Pippi De Lena acompanhara tudo isto com uma atenção cuidadosa. O

que o perturbava era a abertura daquela reunião. Por regra, só o Doi Giorgio e

David Redfellow deveriam ter estado presentes. Ele próprio e Cro: teriam recebido ordens, separadamente, para ajudarem Redfellow. Por que razão lhes fora permitido tomar conhecimento de todos aqueles segredos Ainda mais importante, por que razão teriam Dante, Petie e Vincent sido chamados a participar? Nada daquilo parecia coisa do Don Clericuzio que ele conhecia, e que mantinha sempre os seus planos o mais secretos possível Vincent e Rose Marie estavam a ajudar o pai a subir as escadas, para se ir deitar. O Don recusava-se teimosamente a deixar que fosse instalada uma cadeira elevatória no corrimão.

Mal eles desapareceram, Dante voltou-se para Giorgio e perguntou furioso:

- E quem fica com a LoddStone quando ela for nossa? O Cross?

David Redfellow interrompeu-o, friamente.

- Os estúdios serão meus. Serei eu a dirigi-los. O teu avô terá um interesse financeiro. Isto ficará documentado.

Giorgio assentiu com a cabeça.

- Dante - disse Cross, com uma gargalhada -, nenhum de nós é capaz de dirigir um estúdio de cinema. Não somos suficientemente duros.

Pippi estudou-os um a um. Era bom a detectar perigos. Por isso vivera tantos anos. Mas aquela era uma situação que não conseguia compreender.

Talvez o Don estivesse pura e simplesmente a ficar velho.

Petie levou Redfellow até ao aeroporto Kennedy, onde o seu jacto particular o esperava. Pippi e Cross tinham vindo de Vegas num vôo fretado.

Don Clericuzio proibira terminantemente a posse de um avião particular pelo Xanadu ou qualquer outra das suas empresas.

Cross conduziu o carro alugado até ao aeroporto. Pelo caminho, Pippi disse-lhe:

- Vou ficar mais algum tempo em Nova Iorque. Fico com o carro depois de te deixar no aeroporto.

Cross percebeu que o pai estava preocupado.

Não me portei muito bem, pois não? - disse.

Estiveste bem. Mas o Don tem razão. Não podes consentir que te lixem duas vezes, seja quem for.

Quando chegaram ao aeroporto, Cross apeou-se e Pippi ocupou o lugar do condutor. Apertaram as mãos através da janela aberta. Nesse instante, Pippi olhou para o bonito rosto do filho e sentiu-se invadido por uma enorme onda de afecto. Tentou sorrir enquanto dava uma leve palmada na cara de Cross e dizia:

- Tem cuidado.

Com quê? -perguntou Cross, com os olhos a perscrutarem os do pai.

Com tudo - respondeu Pippi. Então, sobressaltando Cross, acrescentou:

- Talvez eu devesse ter-te deixado ir com a tua mãe, mas fui egoísta. Precisava de ti a meu lado.

Cross ficou a ver o carro afastar-se e, pela primeira vez, apercebeu-se de como o pai se preocupava com ele, de como o pai o amava.

Capítulo XV

Para seu grande espanto, Pippi De Lena resolveu voltar a casar, não por amor, mas por uma questão de companhia. Tinha Cross, é certo, tinha os seus amigos no Xanadu, tinha a Família Clericuzio e um monte de parentes.

Tinha, é certo, três amantes, e comia com bom e sincero apetite; gostava de jogar golfe e continuava a adorar dançar. Mas, como o Don dizia, podia ir a dançar para a cova.

Por isso, no fim da casa dos cinqüenta, de excelente saúde, sanguíneo de temperamento, rico, semi-reformado, ansiava uma vida caseira e, talvez, um novo rancho de filhos. Porque não? A ideia agradava-lhe cada vez mais.

Surpreendentemente, desejava voltar a ser pai. Seria divertido criar uma filha; tinha adorado Claudia, quando ela era pequena, embora já não se falassem. Ela

fora uma miúda tão astuta e ao mesmo tempo tão franca, e fizera carreira no mundo como argumentista de cinema. E, quem sabe, talvez um dia fizessem as pazes. Em certos aspectos, Claudia era tão teimosa como ele, de modo que Pippi compreendia-a e admirava a maneira como ela se batia por aquilo em que acreditava.

Cross perdera a jogada que tentara no mundo do cinema, mas de um modo ou de outro o seu futuro estava assegurado. Continuava a ter o Xanadu, e o Don ajudá-lo-ia a recuperar do risco que correra com a sua nova aventura. Era um bom rapaz, mas era jovem, e os jovens gostam de correr riscos. A vida era isso mesmo.

Depois de deixar Cross no aeroporto, regressou a Nova Iorque para passar alguns dias com a sua amante na Costa Leste. Era uma morena bonita, secretária num gabinete de advogados e dotada de uma acutilância de espírito muito novaiorquina. Tinha, era verdade, uma língua afiada, adorava gastar dinheiro, seria uma esposa dispendiosa. Mas era demasiado velha, já passara os quarenta e cinco. E era demasiado independente, uma excelente qualidade numa amante, mas não para o tipo de casamento que Pippi iria exigir.

Foi um fim-de-semana agradável, embora ela tivesse passado quase metade do domingo a ler o Times. Comeram nos melhores restaurantes, foram dançar a nightclubs e fizeram amor no apartamento dela. Mas Pippi precisava de uma coisa mais pacata.

Voou para Chicago. A amante que lá tinha era o equivalente sexual daquela truculenta cidade. Bebia um tudo nada de mais, adorava festas, em que participava sempre com grande exuberância, era alegre, descuidada e divertida. Mas era um tanto preguiçosa, um tanto desmazelada, e Pippi gostava de uma casa bem arranjada. Por outro lado, era já demasiado velha para iniciar uma família, pelo menos uns quarenta anos. Mas que diabo. Estaria ele à altura de andar metido com uma miúda verdadeiramente nova? Depois de dois dias em Chicago, Pippi riscou-a da lista.

Com qualquer delas, teria tido problemas em instalar-se em Las Vegas. Eram ambas mulheres da grande cidade, e Vegas, Pippi bem o sabia, não passava na realidade de uma grande povoação de cowboys onde os casinos tinham substituído o gado. E nunca Pippi aceitaria viver em qualquer outro lado que não fosse Vegas, porque em Vegas a noite não existia. As luzes eléctricas baniam

todos os fantasmas, a cidade brilhava como um diamante cor-de-rosa na noite do deserto, e depois da aurora o sol queimava todos os espectros que tivessem escapado ao néon.

A sua melhor aposta era a amante de Los Angeles, e Pippi congratulava-se por ter sabido posicionar-se tão convenientemente, em termos de geografia. Não podia haver quaisquer confrontações acidentais, quaisquer debates mentais na escolha entre elas. Serviam um determinado propósito e não podiam interferir em qualquer caso amoroso passageiro que ele tivesse. Na realidade, em retrospectiva, estava satisfeito com a maneira como conduzira a sua vida. Ousada mas prudente, corajosa mas não louca, leal à Família e recompensado por essa lealdade. O seu único erro fora casar com uma mulher como Nalene, e mesmo assim, que outra mulher poderia ter-lhe dado tanta felicidade durante onze anos? E que homem podia gabar-se de ter cometido apenas um erro em toda a sua vida? Como o Don costumava dizer, não fazia mal cometer erros, desde que não fosse um erro fatal.

Resolveu seguir directamente para L. A., sem passar por Vegas.

Telefonou a avisar Michelle de que ia a caminho e declinou a oferta dela de ir buscá-lo ao aeroporto.

- Só quero que estejas pronta para mim quando eu aí chegar - disselhe. - Tenho tido saudades tuas. E tenho uma coisa importante para te dizer.

Michelle era suficientemente nova, trinta e dois anos, e mais terna, mais disponível, mais calma, talvez por ser nada e criada na Califórnia.

Era, além disso, boa na cama, não que as outras não fossem, claro, uma vez que isso constituía, para Pippi, uma condição primordial. Mas não tinha arestas vivas, não levantaria problemas. Era um pouco chanfrada, acreditava nessas tretas da New Age, e em ser capaz de conversar com os espíritos, e costumava falar a respeito das suas vidas passadas, mas também sabia ser muito divertida. Como muitas beldades californianas, sonhara ser actriz, mas a realidade encarregara-se de lhe arrancar essa ideia da cabeça. Agora estava totalmente envolvida no yoga e na forma física, e passava metade do tempo a correr e a frequentar o ginásio.

Além disso, estava sempre a felicitar Pippi pelo seu karma. Claro que nenhuma destas mulheres sabia da sua verdadeira vocação. Para elas, era apenas um

funcionário administrativo da associação hoteleira de Vegas.

Sim, com Michelle poderia ficar em Vegas, poderiam arranjar um apartamento em L. A., e quando lhes desse na gana podiam fazer os quarenta minutos de avião até L. A. e passar lá algumas semanas. E

talvez, para a manter entretida, lhe comprasse uma das lojas do Xanadu.

Era bem capaz de resultar. Mas, e se ela dissesse que não?

Uma recordação ocorreu-lhe ao espírito: Nalene a ler Goldylocks and The Three Bears18 , quando os miúdos eram pequenos. Ele, Pippi, era como Goldilocks. A mulher de Nova Iorque era demasiado dura, a mulher de Chicago era demasiado mole, e a mulher de L. A. estava na conta certa. A ideia fê-lo sorrir. Claro que, na vida real, não havia nada que estivesse exactamente "na conta certa".

18 Um conto para crianças americano que não faz parte da nossa "mitologia" infantil.

Poder-se-ia traduzir por "Caracóis dourados e os três ursos", mas isso não é importante, como não é importante conhecer a história, uma vez que o autor explica suficientemente a razão da referência.

Quando desembarcou em L. A., inspirou deliciado o doce ar da Califórnia, sem sequer reparar na poluição. Alugou um carro e dirigiu-se em primeiro lugar a Rodeo Drive. Gostava de surpreender as suas mulheres com pequenos presentes e adorava passear por aquela rua de lojas caríssimas onde se amontoavam os luxos do mundo. Comprou um vistoso relógio na loja da Gucci; uma bolsa na Fendi's, embora a achasse horrorosa; um lenço Hermes e dois ou três perfumes metidos em frascos que pareciam esculturas em miniatura. Quando comprou um conjunto de lingeriede alto preço, estava tão bem disposto que brincou com a vendedora, uma jovem loura, afirmando que era para ele próprio.

A rapariga olhou-o de alto a baixo e respondeu... - Claro...

De novo no carro, três mil dólares mais pobre, Pippi rumou a Santa Monica, levando as prendas num bonito saco da Gucci, em cima do banco ao seu lado. Fez uma paragem em Brentwood Mart, um dos seus locais favoritos. Adorava as lojas de comida à volta da praça quadrada cheia de pequenas mesas onde se podia tomar uma bebida fresca e comer. A refeição que lhe tinham servido no

avião fora horrível, e estava com fome.

Michelle nunca tinha no frigorífico nada que se comesse, pois estava sempre de dieta.

Numa das lojas comprou dois frangos assados, uma dúzia de costeletas grelhadas e quatro cachorros com todos os extras. Noutra, um pão de trigo e um de centeio. Num dos balcões de bebidas comprou um enorme copo de Coca Cola gelada e foi sentar-se a uma das mesas, para saborear um último momento de solidão. Comeu dois cachorros-quentes, metade de um dos frangos assados e algumas batatas fritas. Nunca provara nada tão bom. Deixou-se ficar sentado sob a luz dourada do fim da tarde da Califórnia, com a brisa suave e perfumada como que a limpar-lhe a cara. Não lhe apetecia ir-se embora, mas Michelle estava à espera. Havia de ter tomado banho e estaria toda cheirosa, talvez até ligeiramente embriagada, e arrastá-lo-ia imediatamente para a cama, sem sequer lhe dar tempo para lavar os dentes. Pippi ia pedi-la em casamento antes de começarem.

O saco de papel onde guardara a comida que sobrara estava decorado com uma treta qualquer a respeito dos alimentos; era um saco de papel intelectual, como convinha à clientela intelectual do lugar. Quando o pousou no carro, leu a primeira linha: "A fruta é o mais antigo dos produtos consumidos pelo homem. No Jardim do Paraíso...". Céus, pensou Pippi.

Seguiu para Santa Monica e parou o carro diante do apartamento de Michelle, numa fila de vivendas de dois andares em estilo espanhol. Quando se apeou, segurou automaticamente os dois sacos com a mão esquerda, deixando livre a direita. Por hábito, investigou a rua nos dois sentidos. Era encantadora, sem carros estacionados - as vivendas tinham estacionamento privativo e o ambiente geral, talvez devido ao estilo espanhol, era de uma serenidade ligeiramente religiosa. Havia canteiros de flores e relva e as árvores de folhagem densa formavam um dossel contra a luz do sol.

Pippi tinha de percorrer uma comprida álea limitada por vedações de madeira pintadas de verde que quase desapareciam sob um manto de roseiras. O

apartamento de Michelle ficava nas traseiras, uma relíquia da antiga Santa Monica, que era ainda bucólica. As casas eram de madeira, cada uma com a sua piscina rodeada de bancos pintados de branco.

Vindo da rua, na extremidade oposta da álea, Pippi ouviu o ruído do motor de

um carro parado. Isto alertou-o, pois estava sempre alerta. No mesmo instante, avistou um homem que se levantava de um dos bancos. Ficou tão surpreendido que exclamou:

- Que raio estás aqui a fazer?

O homem não estendeu a mão para o cumprimentar, e nesse instante tudo se tornou claro para Pippi. Sabia o que ia acontecer. O seu cérebro processava tanta informação que ficou incapaz de reagir. Viu a arma aparecer, tão pequena e inofensiva, viu a tensão no rosto do assassino.

Compreendeu pela primeira vez a expressão nos rostos dos homens que matara, o supremo espanto de descobrir que a vida tinha chegado ao fim. E

compreendeu que finalmente ia ter de pagar o preço da vida que tinha vivido.

Pensou mesmo, fugidiamente, que o assassino planeara aquilo mal, que ele tê-lo-ia feito de maneira diferente.

Tentou um último esforço, sabendo que não haveria misericórdia.

Deixou cair os sacos com as compras e saltou para a frente, ao mesmo tempo que sacava a sua própria arma. O homem avançou ao seu encontro e Pippi, exaltado, tentou agarrá-lo. Seis balas atingiram-lhe o corpo e atiraram-no para o meio de um canteiro de flores, junto a uma das vedações. Pippi cheirou-lhes a fragrância. Olhou para o homem que estava de pé a seu lado e disse:

- Filho da puta de Santadio.

Nesse instante, uma última bala despedaçou-lhe o crânio. Pippi De Lena tinha deixado de existir.

Capítulo XVI

muito cedo na manhã do dia em que Pippi De Lena ia morrer, Cross foi buscar Athena à casa dela em Malibu e seguiram ambos para San Diego, para visitar Bethany.

Bethany tinha sido preparada pelas enfermeiras, estava vestida para sair.

Cross apercebeu-se que ela era como um reflexo esbatido da mãe, e alta para a idade. Tinha a mesma ausência de expressão no rosto e nos olhos que já lhe vira da primeira vez, e o corpo era demasiado frouxo. As feições davam a sensação de estarem mal definidas, como se tivessem sido parcialmente dissolvidas, como um sabonete já usado. Continuava a vestir o avental de plástico vermelho que usava para proteger as roupas enquanto pintava.

Estivera a pintar na parede desde cedo nessa manhã. Não deu sinais de se ter apercebido da presença deles e recebeu o abraço e os beijos da mãe com um retraimento do corpo e do rosto.

Athena ignorou isto e abraçou-a ainda com mais força.

Tinham combinado um piquenique junto de um lago no meio de um bosque próximo, e Athena preparara uma cesta com a merenda.

Durante o curto trajecto, com Athena a conduzir, Bethany sentou-se entre os dois. Athena estava constantemente a pentear-lhe os cabelos para trás e a acariciar-lhe a cara, mas Bethany não desviava os olhos da estrada.

Cross pensava que, quando aquele dia terminasse, ele e Athena regressariam a Malibu e fariam amor. Imaginava-a nua, estendida na cama, e ele inclinado sobre ela.

Subitamente, Bethany falou, e dirigiu-se a ele. Nunca antes dera sequer a impressão de o ter visto. Voltou para ele os olhos verdes e inexpressivos e perguntou:

- Quem és tu?

Athena respondeu, e a sua voz foi perfeita, como se a pergunta de Bethany fosse a coisa mais natural do mundo:

- Chama-se Cross, e é o meu melhor amigo.

Bethany pareceu não tê-la ouvido e voltou a retirar-se para o seu mundo.

Athena estacionou o carro a poucos metros do brilhante lago aninhado entre as árvores, uma pequena jóia azul no meio de um grande pano verde. Cross tirou a cesta da merenda e Athena espalhou o seu conteúdo em cima da toalha vermelha

estendida sobre a erva, juntamente com guardanapos verdes e garfos e colheres. A toalha estava bordada com desenhos de instrumentos musicais que atraíram a atenção de Bethany. Havia sanduíches de diversas qualidades embrulhadas em película transparente. Havia tigelas de vidro com salada de batata e salada de frutas. Havia um prato de bolos a escorrerem creme. E uma travessa de frango assado. Athena preparara tudo aquilo com o cuidado de um profissional, pois Bethany adorava comer.

Cross voltou ao carro e tirou da mala uma caixa de garrafas de refrigerante. Havia copos no cesto e Cross encheu três. Athena ofereceu um copo a Bethany, mas ela afastou-lhe a mão com uma palmada.

Estava a olhar para Cross.

Cross devolveu-lhe o olhar. O rosto de Bethany estava tão rígido que bem poderia ser uma máscara em vez de carne, mas os seus olhos estavam alerta. Era como se tivesse ficado encurralada no fundo de uma caverna secreta, como se estivesse a sufocar mas não pudesse gritar por socorro, como se a sua pele estivesse coberta de bolhas e não suportasse que lhe tocassem.

Comeram, e Athena assumiu o papel de palradora inveterada, esforçando-se por fazer Bethany rir. Cross admirou a habilidade dela, fingindo-se deliberadamente irritante e aborrecida, como se o comportamento autista da filha fosse perfeitamente normal, tratando Bethany como uma companheira de conversa, apesar de a garota nunca lhe responder. Era um monólogo inspirado que ela criava para aliviar a sua própria dor.

Finalmente, chegou a altura da sobremesa. Athena desembrulhou um dos bolos de creme e ofereceu-o a Athena, que o recusou. Ofereceu-o então a Cross, que abanou a cabeça. Cross começava a sentir-se nervoso, pois, embora Bethany tivesse consumido uma grande quantidade de comida, era óbvio que estava a ficar muito zangada com a mãe. E sabia que Athena também se apercebia disso.

Athena comeu o bolo e exclamou entusiasticamente que era uma delícia. Desembrulhou outros dois e colocou-os diante de Bethany.

Habitualmente, a garota adorava doces. Bethany tirou-os de cima da toalha e pousou-os na erva. Em poucos minutos, ficaram cobertos de formigas.

Então Bethany pegou nos dois bolos e meteu um na boca. Estendeu o outro a

Cross. Sem hesitar um instante, Cross meteu-o na boca. Sentiu uma comichão no palato e nas gengivas. Bebeu rapidamente um golo de refrigerante para o ajudar a engolir. Bethany olhou para Athena.

Athena tinha a testa franzida, como uma actriz que planeasse uma cena difícil. Então riu-se, com uma gargalhada maravilhosamente contagiante, e bateu palmas.

- Eu bem lhes disse que eram deliciosos! - exclamou.

Desembrulhou outro bolo, mas Bethany recusou-o, e Cross também.

Athena atirou o bolo para a relva, pegou num guardanapo e limpou a boca de Bethany, e depois a de Cross. Parecia estar a divertir-se imenso.

Na viagem de regresso à clínica, falou a Cross com algumas das inflexões que usara com Bethany. Como se ele também fosse autista.

Bethany observou-a atentamente e então voltou-se e ficou a olhar para Cross.

Quando a deixaram na clínica, Bethany pegou numa mão de Cross por um instante.

- Es bonito - disse. Mas quando Cross tentou despedir-se com um beijo, desviou a cabeça. Depois afastou-se a correr.

No regresso a Malibu, Athena disse excitadamente:

Reagiu a ti. Isso é muito bom sinal!

Porque eu sou bonito - respondeu Cross, secamente.

Não. Porque és capaz de comer formigas. Eu sou pelo menos tão bonita como tu, e ela detesta-me... - Estava a sorrir alegremente, e, como sempre, a beleza dela fez Cross sentir-se tonto, e alarmou-o.

A Bethany pensa que tu és como ela - continuou Athena. - Pensa que és autista. Cross riu-se, saboreando a idéia.

E talvez tenha razão. Talvez devesses internar-me na clínica, junto dela.

Não - respondeu Athena, a sorrir. - Nesse caso não poderia ter o teu corpo sempre que quisesse. Além disso, vou levá-la comigo quando acabarmos o filme.

Quando chegaram à casa de Malibu, Cross entrou com ela. Tinham planeado passar a noite juntos. Entretanto, Cross tinha aprendido a conhecê-la: quanto mais animada se mostrava, mais perturbada estava.

- Se não te sentes bem, posso voltar para Vegas - disse.

Athena ficou triste. Cross perguntou a si mesmo como a amava mais: quando era naturalmente exuberante, quando se mostrava firme e séria, ou quando estava melancólica. O rosto de Athena transformava-se tão magicamente, na sua beleza, que os sentimentos dele se sintonizavam sempre com os dela.

- Tiveste um dia terrível e terás a tua recompensa - disse ela, meigamente. Havia uma nota de ironia na sua voz, mas Cross soube que troçava da sua própria beleza, que tinha consciência de que a sua magia era falsa.

Não tive nada um dia terrível - afirmou Cross. E era verdade. A alegria que sentira naquele dia, os três sozinhos junto ao lago na vasta floresta, lembrara-lhe a sua infância.

Gostas de bolos com formigas...- murmurou Athena, tristemente.

Não são nada más. A Bethany pode melhorar?

Não sei, mas continuarei a procurar até descobrir. Vem aí um fim-de-semana comprido, em que não vão precisar de mim para o filme. Vou a França com a Bethany. Há um grande médico em Paris, e vou levá-la lá para mais um exame.

E se ele disser que não há esperança? - perguntou Cross.

Talvez eu não acredite. Não importa. Amo-a. Hei-de tomar conta dela.

Para todo o sempre?

Sim - respondeu Athena. Subitamente bateu as mãos, com os olhos verdes a brilharem. - Entretanto, vamos divertir-nos um pouco. Vamos tratar de nós. Vamos lá para cima, tomamos um duche e metemo-nos na cama. Vamos fazer amor apaixonadamente, durante horas. Depois eu preparo uma ceia para os dois.

Para Cross, era como ser outra vez criança e acordar com um dia inteiro de prazer à sua frente, comer o pequeno-almoço preparado pela mãe, brincar com os amigos, ir à caça com o pai, e depois o jantar com a família, Claudia, Nalene e Pippi. E depois os jogos de cartas. Era o mesmo sentimento inocente. A sua espera estava fazer amor com Athena, ao crepúsculo, ficar na varanda a ver o sol desaparecer no oceano, o céu pintado de maravilhosos vermelhos e rosas, o toque da carne tépida dela e da sua pele sedosa. O rosto e os lábios de Athena para beijar. Sorriu, pegou-lhe numa mão e começou a subir as escadas.

O telefone do quarto tocou, e Athena correu à frente para atender.

Tapou o bocal com a mão e, numa voz assustada, disse:

- é para ti. Um homem chamado Giorgio. - Era a primeira vez que ele recebia um telefonema em casa dela.

Aquilo podia significar sarilhos, pensou Cross, e então fez uma coisa que nunca se julgara capaz de fazer. Abanou a cabeça. Athena falou para o aparelho:

Não está cá... Sim, eu digo-lhe para lhe telefonar se ele aparecer.

- Desligou o telefone e perguntou:- Quem é este Giorgio?

Um parente - respondeu Cross. Estava espantado com o que fizera, e com as razões por que o fizera: porque não queria desistir da sua noite com Athena. Aquilo era um crime muito sério. E então perguntou a si mesmo como soubera Giorgio onde encontrá-lo e o que lhe quereria. Devia ser alguma coisa importante, pensou, mas mesmo assim poderia esperar até de manhã. Mais do que tudo, ansiava desesperadamente pelas horas de amor com Athena.

Era o momento por que tinham esperado todo o dia, toda a semana; já estavam a despir-se um ao outro antes de tomarem duche juntos, mas ele não conseguiu resistir a abraçá-la, com os corpos de ambos ainda suados do piquenique. Então ela pegou-lhe na mão e levou-o para debaixo do chuveiro.

Secaram-se um ao outro com grandes toalhas cor de laranja e, embrulhados nelas, ficaram na varanda a ver o sol desaparecer lentamente para lá do horizonte. Depois foram para dentro e deitaram-se na cama.

Quando Cross fazia amor com ela, parecia que todas as células do seu corpo e do

seu cérebro explodiam e ele ficava mergulhado num sonho febril; era um fantasma cujos fragmentos estavam em êxtase, um fantasma que entrava na carne dela. Perdia todas as cautelas, a razão, nem sequer lhe observava o rosto para tentar descobrir se ela estava a fingir, se realmente o amava. Amaram-se por uma eternidade, até que adormeceram nos braços um do outro. Quando acordaram ainda estavam enlaçados, iluminados pela lua cuja luz parecia mais brilhante que a do sol. Athena beijou-o e perguntou: Gostaste verdadeiramente da Bethany?

Sim. Ela é parte de ti.

Achas que pode melhorar? Não achas que eu posso ajudá-la a melhorar?

Naquele momento Cross pensou que seria capaz de dar a vida para que aquela criança melhorasse. Sentiu a necessidade de se sacrificar pela mulher que amava, essa necessidade que muitos homens sentem, mas que até então sempre lhe fora estranha.

Podemos ambos ajudar - disse.

Não - respondeu Athena. - Tenho de fazer isto sozinha.

Adormeceram outra vez, e quando o telefone tocou o ar estava húmido e uma nova aurora despontava. Athena pegou no telefone, escutou e disse a Cross:

- É o guarda do portão. Diz que quatro homens num carro querem falar contigo.

Cross sentiu um choque de medo. Pegou no aparelho e disse ao guarda:

- Passe o telefone a um deles.

A voz que ouviu era a de Vincent.

Cross, o Petie está comigo. Temos notícias muito más.

OK, passa-me o guarda - pediu Cross. E depois, falando com o guarda: - Podem entrar.

Tinha esquecido completamente o telefonema de Giorgio. Isto é o que o amor nos faz, pensou, desdenhosamente. Não vivo mais um ano, se continuo assim.

Vestiu-se rapidamente e desceu as escadas a correr. O carro estava a parar diante da casa, e o sol, ainda meio escondido, parecia espreitar por cima do horizonte.

Vincent e Petie apearam-se da parte de trás de uma comprida limusina.

Cross viu o condutor e um outro homem no banco da frente. Vincent e Petie percorreram o longo caminho do jardim até à porta, que Cross lhes abriu.

Subitamente, Athena estava a seu lado, vestindo umas calças e uma camisola, sem mais nada por baixo. Petie e Vincent ficaram a olhar para ela.

Nunca parecera mais bonita.

Athena levou-os para a cozinha e começou a preparar café, e Cross apresentou-a aos primos.

Como foi que chegaram aqui? - perguntou. - Ontem à noite estavam em Nova Iorque.

O Giorgio fretou-nos um avião - explicou Petie.

Athena estava a estudá-los enquanto fazia o café. Nenhum dos dois mostrava qualquer espécie de emoção. Pareciam irmãos, eram ambos homens grandes, mas Vincent era pálido como granito, ao passo que o rosto mais magro de Petie tinha um tom avermelhado que podia ser conseqüência do sol ou da bebida.

Quais são então as más notícias? - perguntou Cross, à espera de ouvir dizer que o Don tinha morrido, que Rose Marie tinha enlouquecido de vez ou que Dante fizera qualquer coisa tão terrível que a Família estava em crise.

Temos de falar contigo a sós - declarou Vincent, com a sua habitual brusquidão.

Athena serviu-lhes o café.

Eu conto-te todas as minhas más notícias - disse, dirigindo-se a Cross -, tenho o direito de ouvir as tuas.

Eu vou lá para fora com eles - respondeu Cross.

Não sejas não estuporadamente condescendente - protestou Athena.

- Não te atrevas a sair!

Vincent e Petie reagiram. O rosto granítico de Vincent corou de embaraço, enquanto Petie dirigia a Athena um sorriso especulativo, como se ela fosse alguém que tivesse de ser vigiada. Cross, ao ver isto, riu-se e disse.

- OK, vamos lá saber.

Petie tentou suavizar o choque.

- Aconteceu uma coisa ao teu pai - começou. Vincent interrompeu-o selvaticamente:

- O Pippi foi atingido a tiro por um merdas de um assaltante, um puto drogado. Está morto. O puto também; um chui qualquer chamado Losey liquidou-o quando ia a fugir. Precisam de ti em L. A., para identificar o corpo e tratar da papelada. O velho quer que ele seja enterrado em Quogue. Cross ficou sem respiração. Cambaleou por um instante, como sacudido por uma rajada de vento, e sentiu Athena agarrar-lhe o braço com ambas as mãos.

Quando? - perguntou Cross.

Por volta das oito, ontem à noite - respondeu Petie. - O Giorgio telefonou-te.

Enquanto eu estava a fazer amor, pensou Cross, o meu pai jazia estendido na morgue. Sentiu um desprezo enorme pelo seu momento de fraqueza, uma vergonha insuportável.

- Tenho de ir - disse a Athena.

Ela olhou para o rosto desfigurado dele. Nunca o tinha visto assim.

- Lamento muito - murmurou. - Telefona-me.

No banco de trás da limusina, Cross ouviu os outros dois homens expressarem as suas condolências. Reconheceu-os como sendo soldados do Enclave do Bronx. Quando atravessaram o portão de Malibu Colony e depois na Pacific Coast Highway, detectou algo de especial nos movimentos do carro, e subitamente apercebeu-se de que estavam a viajar num veículo blindado.

Cinco dias mais tarde, Pippi De Lena foi a enterrar em Quogue. A propriedade do Don tinha o seu próprio cemitério privado, tal como a mansão tinha a sua capela, e Pippi foi sepultado ao lado de Silvio, para mostrar o respeito de Don Domenico.

Só estiveram presentes os Clericuzio e os soldados mais importantes do Enclave do Bronx. Lia Vazzi veio da cabana de caça nas Sierras, a pedido de Cross. Rose Marie não assistiu. Ao saber da morte de Pippi, tivera um dos seus ataques e fora levada para a clínica psiquiátrica.

Mas Claudia De Lena estava lá. Foi para consolar Cross e despedir-se do pai. O que não fora capaz de fazer enquanto Pippi vivera, sentia que tinha a obrigação de fazer agora que ele estava morto. Queria reclamar uma parte dele para si mesma, mostrar aos Clericuzio que Pippi era tanto pai dela como membro da família deles.

O relvado diante da mansão dos Clericuzio estava decorado com uma enorme coroa de flores, e havia mesas de bufete, e criados, e um barman junto de um bar improvisado, para servir os convidados. Era estritamente um dia de luto, e não foram discutidos quaisquer assuntos da Família.

Claudia chorou lágrimas amargas por todos os anos que fora obrigada a viver sem o pai, mas Cross recebeu as condolências com uma tranqüila dignidade e não deu quaisquer mostras de desgosto.

Na noite seguinte estava na varanda da sua suite no Xanadu a contemplar a orgia de luzes e cores da Strip. Mesmo àquela distância, conseguia ouvir os sons da música, o zumbido dos jogadores que enchiam as ruas em busca de um casino que lhes desse sorte. Mas havia silêncio suficiente para lhe permitir analisar o que acontecera durante aquele último mês. E para reflectir sobre a morte do pai.

Cross não acreditava por um momento sequer que Pippi De Lena pudesse ter sido morto por um qualquer vadio drogado. Era impossível um Homem Qualificado morrer dessa maneira.

Reviu todos os factos que lhe tinham contado. O pai fora morto por um jovem negro chamado Hugh Marlowe. Marlowe tinha vinte e três anos e cadastro como traficante de droga. Fora abatido, quando fugia do local do crime, pelo detective Jim Losey, que andava a segui-lo no âmbito de uma investigação. Marlowe empunhava uma arma e apontara-a a Losey, que em resposta o atingira

mortalmente, um tiro limpo em cheio na cana do nariz. Ao investigar, Losey descobrira o corpo de Pippi De Lena, e telefonara imediatamente a Dante Clericuzio. Antes mesmo de avisar a polícia. Por que haveria de fazer semelhante coisa, mesmo estando na folha de pagamentos da Família? Uma grande ironia - Pippi De Lena, o perfeito Homem Qualificado, o martelo Número Um dos Clericuzio durante mais de trinta anos, morto por um miserável traficante de droga!

Nesse caso, porém, porque resolvera o Don enviar Petie e Vincent para o transportarem num carro blindado e o guardara até ao funeral? Por que razão achara necessário tomar precauções tão elaboradas? Durante o funeral, Cross perguntara-lhe isso mesmo. Mas o Don limitara-se a dizer que era mais sensato estarem preparados até que todos os factos fossem conhecidos. Que ordenara uma investigação aprofundada e que parecia ser verdade o que se dizia. Um gatuno sem importância cometera um erro e as conseqüências tinham sido uma estúpida tragédia; mas na verdade, acrescentara Don Domenico, quase todas as tragédias são estúpidas.

Não era possível duvidar da dor de Don Clericuzio. Sempre tratara Pippi como um dos seus filhos, dera-lhe inclusivamente alguma preferência, e dissera a Cross:

- Ocuparás o lugar do teu pai na Família.

Agora, no entanto, contemplando Vegas da varanda da sua suite, Cross meditava sobre a questão central. O Don nunca acreditara em coincidências, e ali estava um caso cheio delas por todos os lados. O detective Jim Losey estava a soldo da Família e, dos milhares de detectives e polícias de Los Angeles, fora precisamente ele que se encontrava no local do crime. Quais eram as probabilidades de semelhante coisa acontecer? Mas deixando isso de parte.

Ainda mais importante, Don Domenico Clericuzio sabia perfeitamemnte que era impossível um vulgar ladrão de rua aproximar-se o suficiente de Pippi De Lena para o matar. E que assaltante disparava sete tiros antes de fugir? Nunca o Don acreditaria em tal coisa.

Portanto, a questão punha-se. Teriam os Cleriucuzio decidido que o melhor dos seus soldados se tornara um perigo para eles? Por que razão?

Teriam podido ignorar a lealdade e devoção dele, bem como a estima que lhe

tinham? Não, estavam inocentes. E a maior prova disto era o facto de o próprio Cross continuar vivo. O Don nunca o permitiria, se tivessem morto Pippi. Mas Cross sabia que devia estar em perigo.

Pensou no pai. Amara-o verdadeiramente, e Pippi ficara magoado por Claudia se ter recusado a falar com ele enquanto fora vivo, como tanto teria gostado. E no entanto, ela resolvera ir ao funeral. Porquê? Porque era irmã dele e queria estar a seu lado? Não podia ser só isso. Claudia continuara a guerra da mãe durante demasiado tempo, recusara quaisquer contactos com os Clericuzio. Teria finalmente recordado como o pai fora bom para os dois quando eram pequenos, antes de a família se desfazer?

Recordou aquele dia terrível em que decidira ficar com o pai porque compreendera de súbito o que ele verdadeiramente era, e soubera que mataria realmente a mulher se ela levasse ambos os filhos. Mas dera um passo em frente e pegara na mão do pai, não por amor, mas pelo medo que vira nos olhos de Claudia.

Cross sempre pensara que o pai era a sua protecção contra os perigos do mundo em que viviam, sempre o julgara invulnerável. Um homem que dava a morte, não que a recebia. Agora teria de defender-se sozinho dos seus inimigos, talvez até dos Clericuzio. Ao fim e ao cabo, era rico, dono de metade do Xanadu, quinhentos milhões de dólares, um homem que valia a pena matar.

E isto fê-lo pensar na vida que levava. Com que objectivo? Para envelhecer como o pai, correndo todos os riscos e acabar mesmo assim por ser morto? Certo, Pippi gozara a vida, o poder, o dinheiro, mas agora parecia a Cross ter sido uma vida vazia. O pai nunca conhecera a felicidade de amar uma mulher como Athena.

Tinha apenas vinte e oito anos, podia começar uma nova vida. Pensou em Athena e que no dia seguinte, pela primeira vez, a veria a trabalhar, observaria a sua vida de faz-de-conta e todas as máscaras que ela era capaz de usar. Como Pippi a teria adorado, ele que adorava todas as mulheres bonitas! Mas então recordou a mulher de Virginio Ballazzo. Pippi fora amigo dela, comera à sua mesa, abraçara-a, dançara com ela, jogara boccia com o marido, e depois planeara a morte de ambos.

Suspirou e levantou-se para regressar à suite. A aurora despontava, e a sua luz

como que enevoou o fulgor do néon, suspenso como um grande pano de cena por cima da Strip. Podia ver as bandeiras de todos os outros grandes casinos-hotéis, o Sands, o Caesars, o Flamingo, o Desert Inn, e o vulcão do Mirage. O Xanadu era o maior deles todos. Observou as bandeiras que ondulavam sobre as sete villas. Vivera num sonho, e agora esse sonho dissolvia-se. Gronevelt tinha morrido e o pai fora assassinado.

De novo no quarto, pegou no telefone e ligou para Lia Vazzi, a convidá-lo para tomar o pequeno-almoço com ele. Tinham viajado juntos de Quogue para Vegas. Depois encomendou o pequeno-almoço para ambos. Lembrou-se que Lia gostava de panquecas, que continuavam a parecer-lhe um prato exótico, mesmo depois de todos aqueles anos passados na América. O

segurança chegou com Vazzi ao mesmo tempo que o pequeno-almoço.

Comeram na cozinha da suite.

Então, o que é que achas? - perguntou Cross a Lia.

Acho que devemos matar esse detective, o Losey. Já to tinha dito aqui há tempos.

- Não acreditas então na história dele? Lia estava a cortar as panquecas em tiras.

E uma autêntica desgraça, essa história. Nunca um Homem Qualificado como o teu pai deixaria um malandro qualquer aproximar-se assim tanto dele.

O Don pensa que é verdade - disse Cross. - Investigou.

Lia estendeu a mão para a caixa de charutos e o copo de brandy que Cross preparara para ele.

Nunca contradirei Don Clericuzio - afirmou. - Mas deixa-me matar o Losey, só para jogar pelo seguro.

E se os Clericuzio estiverem por detrás dele? - perguntou Cross.

O Don é um homem de honra. Dos velhos tempos. Se tivesse morto o Pippi, tinha-te morto a ti. Ele conhece-te. Sabe que vingarás o teu pai, e é um homem prudente.

De qualquer maneira, ao lado de quem lutarias? De mim ou dos Clericuzio?

Não tenho por onde escolher. Era muito chegado ao teu pai e sou muito chegado a ti. Eles não me deixarão viver, se te liquidarem.

Pela primeira vez na sua vida, Cross fez companhia a Lia e bebeu brandy ao pequeno-almoço.

Talvez tenha sido apenas uma daquelas coisas estúpidas - disse.

Não. Foi o Losey.

Mas ele não tinha qualquer motivo. Seja como for, vamos ter de descobrir. Quero que reúnas uma equipa de seis homens, os que te forem mais leais, nenhum do Enclave do Bronx. Prepara-os e aguarda as minhas ordens.

Lia estava invulgarmente sério.

Desculpa - disse -, nunca discuti as tuas ordens. Mas, desta vez, peço-te que me consultes a respeito do plano geral.

Óptimo - respondeu Cross. - No próximo fim-de-semana tenciono ir a França por dois dias. Entretanto, descobre tudo o que puderes a respeito do Losey.

Vais com a tua noiva? -perguntou Lia, com um sorriso.

Cross achou graça à delicadeza.

Sim, e com a filha dela.

Aquela a que falta um quarto do cérebro? - A pergunta não era ofensiva. A expressão usava-se na Sicília para designar até as pessoas mais inteligentes que eram esquecidas.

Sim - respondeu Cross. - Há lá um médico que talvez possa ajudar.

Bravo! - exclamou Lia. - Desejo-te a maior sorte. Essa tua mulher, sabe alguma coisa a respeito dos assuntos da Família?

Deus o proíba! - disse Cross, e riram-se os dois. Cross perguntava a si mesmo como estaria Lia tão bem informado sobre a sua vida particular.

Capítulo XVII

Pela primeira vez, Cross ia ver Athena a trabalhar num filme, vê-la representar falsas emoções, ser outra pessoa.

Foi ter com Claudia ao escritório dela nas instalações da LoddStone.

Havia duas outras mulheres no gabinete, e Claudia apresentou-os:

- O meu irmão Cross, Dita Tommey, a realizadora, e Falene Fant, que hoje trabalha no filme.

Tommey lançou-lhe um olhar avaliador, pensando que ele era suficientemente bonito para trabalhar no cinema, excepto que não mostrava qualquer espécie de fogo, de paixão, na tela pareceria tão morto como uma pedra. Perdeu o interesse.

- Já estava de saída- disse, apertando-lhe a mão. - Lamento muito o que aconteceu ao seu pai. A propósito, é bem-vindo ao meu set. A Clau dia e a Athena respondem por si, apesar de ser um dos produtores.

Cross observou a outra mulher. Tinha uma pele cor de chocolate escuro, um rosto descaradamente insolente e um corpo magnífico, que as roupas realçavam. Falene era muito menos formal do que Tommey.

Não sabia que a Claudia tinha um irmão tão bonito... e ainda por cima rico, segundo ouvi dizer. Se alguma vez precisar de alguém para lhe fazer companhia ao jantar, telefone-me - disse ela.

Assim farei - respondeu Cross. O convite não o surpreendera.

Muitas das coristas e bailarinas do Xanadu tinham-se mostrado igualmente directas. Ali estava uma rapariga naturalmente insinuante, consciente da sua beleza e nada disposta a deixar escapar um homem que lhe agradasse por causa de regras sociais..

Estávamos a dar à Falene um pouco mais que fazer no filme - explicou Claudia. - A Dita acha que ela tem talento, e eu também. ; Falene dirigiu a Cross um sorriso rasgado.

- Pois, agora posso abanar o traseiro dez vezes em vez de seis. E digo à

Messalina: "Todas as mulheres de Roma te amam e têm esperança na tua vitória." - Interrompeu-se por um instante e acrescentou:- Ouvi dizer que é um dos produtores. Talvez consiga que eles me deixem abanar o traseiro vinte vezes.

Cross detectou qualquer coisa nela, qualquer coisa que estava a tentar esconder, a despeito da sua vivacidade.

- Sou apenas um dos homens do dinheiro - disse. - Toda a gente tem de abanar o traseiro, uma ou outra vez. - Sorriu e acrescentou, com uma encantadora simplicidade. - Em todo o caso, desejo-lhe sorte.

Falene inclinou-se para ele e beijou-o na face. Cross sentiu-lhe o peito fúmebre, pesado e erótico, e depois o abraço agradecido pela sua boa vontade

- Tenho de contar-lhe, a si e à Claudia, uma coisa que é segredo -

disse subitamente Falene. - Não quero meter-me em sarilhos, sobretudo agora.

Claudia, sentada diante do computador, franziu o sobrolho e não respondeu. Cross recuou um passo. Não gostava de surpresas.

Falene notou estas reacções. Quando voltou a falar, a sua voz vacilou um pouco.

- Lamento o que aconteceu ao vosso pai. Mas há uma coisa que tên de saber. O Marlowe, o tipo que supostamente o assaltou, era um miúdo que cresceu comigo e que eu conhecia muito bem. Supostamente, o detective Losey matou o Marlowe, que supostamente tinha morto o vosso pai.

eu sei que o Marlowe nunca teve uma arma. Tinha um medo de morte di armas. Traficava um pouco de droga e tocava clarinete. E era um cobarde muito querido. O Jim Losey e o parceiro, o Phil Sharkey, costumavam metê-lo no carro e dar uma volta com ele pela cidade, para que lhes apontasse os passadores. O Marlowe tinha tanto medo de ir parar à prisão que se tornou informador da polícia. E de repente é um assaltante e um assassino. Eu conhecia-o bem, era incapaz de fazer mal a uma mosca.

Claudia permaneceu silenciosa. Falene fez-lhe um aceno com a mão e dirigiu-se à porta, mas voltou para trás.

Lembrem-se - disse -, isto é um segredo entre nós.

Já está esquecido - respondeu Cross, com o mais tranqüilizador dos seus sorrisos. - E a sua história não vem mudar nada.

Tinha de desabafar com alguém. O Marlowe era tão bom rapaz -

disse Falene, e saiu.

O que é que achas? - perguntou Claudia. - Que raio de história foi aquela?

Cross encolheu os ombros.

- Os drogados são sempre cheios de surpresas. Precisava de dinheiro para a droga, fez um assalto e teve azar.

- Suponho que tens razão - concordou Claudia. - E a Falene é tão boa rapariga que acredita em tudo. Mas não deixa de ser uma ironia, o nosso pai morrer daquela maneira.

Cross olhou para ela com uma expressão impenetrável. , - Toda a gente tem azar uma vez na vida.

Passou o resto da tarde a assistir às filmagens. Uma das cenas mostrava o herói, desarmado, a derrotar três homens armados. Isto ofendeu-o, era ridículo. Um herói nunca devia deixar-se colocar numa situação daquelas.

Só provava que era demasiado estúpido para ser um herói. Depois viu Athena fazer uma cena de amor e outra em que tinha uma discussão. Ficou desapontado, ela parecia esforçar-se pouco, todos os outros actores sobressaíam mais. Cross era demasiado inexperiente para saber que aquilo que Athena fazia ficaria registado com muito mais força na película, que, para ela, a câmara operaria a sua magia.

E não descobriu a verdadeira Athena. As cenas eram filmadas em pequenas fracções, com longos intervalos pelo meio. Não via nenhuma da electricidade que haveria de perpassar pela tela. Athena parecia inclusivamente menos bela quando estava a representar diante da câmara.

Não falou a este respeito quando passou essa noite com ela na casa de Malibu. Depois de terem feito amor e quando estava a preparar uma ceia tardia, ela perguntou:

- Hoje não fui grande coisa, pois não? - Lançou-lhe um dos seus sorrisos felinos, que tinham sempre o condão de fazer uma onda de prazer percorrer-lhe o corpo. - Não quis mostrar-te os meus melhores truques.

Sabia que ias estar ali, a tentar perceber-me.

Cross riu-se. Ficava sempre encantado com a percepção que ela tinha da sua maneira de ser.

- Não, não foste grande coisa - admitiu. - Queres que vá contigo a Paris, na sexta-feira?

Athena ficou surpreendida. Cross soube-o pela expressão dos olhos. O rosto nunca se alterava, Athena exercia sobre as suas feições um controlo perfeito.

Seria uma grande ajuda - disse. - E podíamos ver Paris juntos.

Estamos de volta na segunda-feira?

Sim. Tenho de filmar na terça de manhã. Só faltam umas poucas semanas para acabar o filme.

E depois?

Depois retiro-me e trato da minha filha. Além disso, não quero continuar a manter em segredo a existência dela.

O médico em Paris é a última palavra?

Ninguém é a última palavra. Neste caso, não. Mas está muito perto.

Na sexta-feira à tarde voaram para Paris num avião fretado. Athena tinha-se disfarçado com uma peruca, e a maquilagem mascarava-lhe tão eficazmente a beleza que a fazia parecer quase feia. Vestia roupas largas, que lhe escondiam completamente as formas e lhe davam um ar de matrona.

Cross estava espantado. Ela até andava de uma maneira diferente.

No avião, Bethany ficou fascinada ao dar por si a olhar de cima para a Terra. Andava de um lado para o outro, espreitando pelas diferentes janelas. Parecia um

pouco assustada e a sua expressão habitualmente vazia tornara-se quase normal.

Seguiram do aeroporto para um pequeno hotel na Avenida Georges-Mandel. Tinham uma suíte com dois quartos, um para Cross e o outro para Athena e Bethany, separados por uma pequena saleta. Eram dez da manhã.

Athena tirou a peruca e a maquilagem. Não suportava ser feia em Paris.

Ao meio-dia, estavam os três no consultório do médico, um pequeno palacete rodeado por um jardim e fechado por um gradeamento de ferro. O

guarda do portão verificou-lhes as identidades e deixou-os entrar.

Foram recebidos à porta por uma enfermeira que os conduziu a uma vasta sala, pesadamente mobiliada. O médico aguardava-os.

O Dr. Ocell Gérard era um homem grande e pesado, elegantemente vestido com um fato de riscas castanhas, camisa branca e gravata de seda em tons de castanho, a condizer. Tinha uma cara redonda, a que fazia falta uma barba para disfarçar as bochechas pesadas. Os lábios grossos eram vermelho escuros. Apresentou-se a Cross e a Athena, mas ignorou a criança. Tanto Athena como Cross sentiram uma aversão imediata pelo homem. Não parecia um médico adequado à delicada profissão que exercia.

Havia uma mesa posta com chá e bolos. Uma empregada serviu-os.

Pouco depois juntaram-se-lhes duas enfermeiras, jovens e envergando uniformes estritamente profissionais, com toucas brancas e saias e blusas cor de marfim. As duas observaram atentamente Bethany enquanto durou a refeição.

O Dr. Gérard dirigiu-se a Athena:

- Madame, gostaria de agradecer-lhe a sua generosíssima contribuição para o nosso Instituto Médico para as Crianças Autistas.

Respeitei o seu pedido de absoluta confidencialidade, e é por isso que estou a proceder a este exame aqui, no meu centro particular. Agora diga-me exactamente o que espera de mim.

A voz, um baixo profundo e suave, era magnética. Atraiu a atenção de Bethany,

que olhou para ele, mas o médico ignorou-a.

Athena estava nervosa, não gostava do homem.

- Quero que o senhor doutor a examine. Quero que ela tenha uma vida normal, se possível, e estou pronta a sacrificar tudo para atingir esse objectivo. Quero que o senhor doutor a aceite no seu Instituto e estou disposta a vir viver para França e ajudar na educação dela.

Disse isto com uma tristeza e uma esperança comoventes, com um tal ar de abnegação que as duas enfermeiras ficaram a olhar para ela quase com adoração. Cross tinha consciência de que Athena estava a usar todos os seus dotes de actriz para convencer o médico a aceitar Bethany no Instituto. Viu-a estender uma mão e agarrar o braço de Bethany, num gesto de ternura.

Só que o Dr. Gérard não pareceu impressionado. Não olhou para Bethany, continuando a dirigir-se a Athena.

- Não se iluda - disse. - Nem todo o seu amor poderá ajudar esta criança. Examinei os registos e não tenho a mínima dúvida de que é genuinamente autista. Ela não pode retribuir-lhe o seu amor. Não vive no nosso mundo. Nem sequer vive no mundo dos animais. Vive numa outra estrela, completamente sozinha.

Fez uma curta pausa e prosseguiu:

- A culpa não é sua. Nem, estou convencido, do pai. Esta é uma dessas misteriosas complexidades da condição humana. Vamos fazer o seguinte.

Vou examiná-la cuidadosamente e fazer-lhe vários testes. Dir-lhe-ei então o que nós, no Instituto, podemos e não podemos fazer. Se eu não puder ajudá-la, terá de levá-la de regresso a casa. Se puder, deixá-la-á comigo em França durante cinco anos.

Falou em francês com uma das enfermeiras, que saiu da sala e regressou pouco depois com um grande livro contendo fotografias de quadros famosos. Entregou o livro a Bethany, mas era demasiado grande para o colo dela. O Dr. Gérard dirigiu-se-lhe pela primeira vez. Falou-lhe em francês. No mesmo instante, Bethany colocou o livro em cima da mesa e começou a folheá-lo. Pouco depois, estava completamente absorta nas imagens.

O médico parecia pouco à vontade.

Não pretendo ser ofensivo - disse -, mas isto é no interesse da criança. Sei que Mr. De Lena não é seu marido, mas poderá dar-se o caso de ser o pai da sua filha? Se assim é, gostaria de examiná-lo.

Só o conheci depois de a minha filha ter nascido - respondeu Athena.

Bem - disse o médico. Encolheu os ombros. - Essas coisas são sempre possíveis.

Cross riu-se.

- Talvez o doutor veja em mim alguns sintomas.

Os lábios grossos e vermelhos do Dr. Gérard franziram-se quando ele assentiu com a cabeça e sorriu amavelmente.

Tem de facto alguns sintomas. Todos temos. Quem sabe? Um centímetro para um lado ou para o outro, e todos nós poderíamos ser autistas Agora preciso de examinar aprofundadamente a criança e fazer alguns testes Vai demorar pelo menos quatro horas. Por que não vão os dois dar um passeio pela nossa adorável Paris? É a primeira vez que cá vem, Mr. De Lena: Sim - respondeu Cross.

Quero ficar com a minha filha - disse Athena.

Como desejar, Madame. - O Dr. Gérard voltou-se para Cross. -

Goze o seu passeio. Pessoalmente, detesto Paris. Se uma cidade pudesse ser autista, seria Paris.

Chamaram um táxi e Cross regressou ao hotel. Não tinha a mínima vontade de ver Paris sem Athena e precisava de descansar. Além disso, fora a Paris para aclarar a cabeça, para reflectir.

Pensou no que Falene lhe tinha dito. Lembrou-se de que Losey aparecera em Malibu sozinho, mas os detectives trabalhavam habitualmente aos pares. Antes de partir para Paris, pedira a Vazzi que investigasse esse aspecto.

Às quatro, Cross estava de novo na sala do médico. Esperavam-no.

Bethany continuava absorta no livro, Athena estava pálida, o único sinal físico que Cross sabia que não podia ser imitado. Enquanto estudava as fotos, Bethany ia-se servindo de um prato de bolos, e o médico tirou-lho do alcance, dizendo qualquer coisa em francês. Bethany não protestou. Uma das enfermeiras entrou e levou-a para a sala de recreio.

-Peço-lhe que me desculpe - disse o médico a Cross -, mas tenho de fazer-lhe algumas perguntas.

- O que quiser.

O Dr. Gérard levantou-se da sua cadeira e começou a passear pela sala.

- Vou dizer-lhe o que já disse a Madame. Não há milagres nestes casos, absolutamente nenhuns. Em alguns doentes, não muitos, pode, com um longo treino, haver grandes melhoras. E no caso de Mademoiselle, há certos limites. Vai ter de ficar no meu Instituto em Nice durante cinco anos, pelo menos. Nessa altura saberemos se é possível para ela fazer uma vida quase normal. Ou se terá de ficar internada até ao fim dos seus dias.

Athena começou a chorar. Levou aos olhos um pequeno lenço de seda azul, e Cross sentiu-lhe o perfume.

O médico olhou para ela, impassível.

- Madame concordou. Entrará para o Instituto como professora...

Bom. - Sentou-se directamente em frente de Cross. - Há alguns indícios muito bons. A criança possui um genuíno talento para a pintura. Alguns sentidos estão despertos, não retraídos. Interessou-se quando eu falei em francês, uma língua que não compreende, mas que intui. É um óptimo sinal.

Outro bom indício. A criança deu alguns sinais de sentir a sua falta, esta tarde, tem algum sentimento por outro ser humano, e isso pode ser ampliado. E altamente invulgar, mas pode ter uma explicação nada misteriosa.

Quando a interroguei a este respeito, respondeu-me que o senhor é bonito.

Agora, por favor, Mr. De Lena, não se ofenda. Faço esta pergunta exclusivamente por razões médicas, para ajudar a criança, e não para o acusar.

Estimulou sexualmente a menina de alguma maneira, talvez involuntariamente? Cross ficou tão surpreendido que lançou uma gargalhada.

- Não sabia que ela reagia a mim. E nunca lhe dei qualquer razão para reagir.

As faces de Athena estavam vermelhas de ira.

- Isto é ridículo! - exclamou. - Mr. De Lena nunca esteve sozinho com ela.

O médico não lhe deu atenção.

Aconteceu-lhe, em qualquer ocasião, fazer-lhe uma carícia? Não me refiro a apertar-lhe a mão, acariciar-lhe o cabelo ou mesmo dar-lhe um beijo na cara. A rapariga é núbil, teria respondido muito simplesmente por uma questão física. Não seria o senhor o primeiro homem tentado por uma tão grande inocência.

Talvez ela saiba do meu relacionamento com a mãe - sugeriu Cross.

Ela não quer saber da mãe... perdoe-me, Madame, mas isto é uma coisa que vai ter de aceitar... nem da beleza ou da fama da mãe. Para ela, pura e simplesmente não existem. É para o senhor que ela se volta. Pense.

Talvez uma ternura inocente, qualquer coisa que lhe passasse despercebida.

Cross olhou-o friamente nos olhos.

Se isso tivesse acontecido, dir-lho-ia. Se pudesse ajudá-la.

Sente ternura por esta criança? Cross pensou um instante.

Sim - respondeu.

O Dr. Gérard recostou-se na cadeira e esfregou as mãos.

Acredito em si - declarou. - E isso dá-me grandes esperanças. Se a criança responde a si, pode ser ajudada a responder a outras pessoas. Pode ser que um dia tolere a mãe, e isso será o suficiente para si, não é verdade, Madame?

Oh, Cross! - exclamou Athena. - Espero que não estejas zangado.

- Não tem importância, palavra - afirmou Cross. O Dr. Gérard olhou atentamente

para ele.

- Não está ofendido? - perguntou. - A maior parte dos homens ficariam extremamente perturbados. O pai de uma das minhas doentes chegou inclusivamente a bater-me. Mas o senhor não está zangado. Diga-me porquê.

Cross não podia explicar àquele homem, nem sequer a Athena, como o espectáculo de Bethany na sua máquina-de-abraços o tinha afectado. Como lhe recordara Tiffany e todas as outras raparigas com quem fizera amor que o tinham deixado a sentir-se vazio. Como o seu relacionamento com todos os Clericuzio e até com o pai lhe deixava uma sensação de isolamento e desespero. E, finalmente, como todas as vítimas que deixara para trás lhe pareciam as vítimas de um qualquer mundo fantasmagórico que só tornava real nos seus sonhos.

Olhou o médico directamente nos olhos.

- Talvez porque eu próprio também seja autista - disse. - Ou talvez porque tenho crimes bem piores a esconder.

O médico recostou-se para trás e disse, com uma voz satisfeita.

Ah! - Fez uma pausa e sorriu pela primeira vez. - Importa-se de passar por cá para eu lhe fazer alguns testes? - Riram-se ambos. - Muito bem, Madame - continuou, dirigindo-se a Athena-, segundo sei, regressa amanhã de manhã à América. Porque não deixar desde já a sua filha comigo? As minhas enfermeiras são excelentes, e posso garantir-lhe que a criança não sentirá a sua falta.

Mas sentirei eu a dela - respondeu Athena. - Posso ficar com ela esta noite e trazê-la cá amanhã de manhã? Temos um avião fretado, de modo que poderemos partir quando quisermos.

Com certeza. Traga-a amanhã de manhã. As minhas enfermeiras acompanhá-la-ão a Nice. Tem o número de telefone do Instituto e pode ligar para lá sempre que quiser.

Levantaram-se. Impetuosamente, Athena beijou o médico na face. E o médico corou. Não era insensível à beleza e à fama dela, não obstante seu ar de ogre.

Athena, Bethany e Cross passaram o resto do dia a passear pelas ruas de Paris. Athena comprou roupas novas para Bethany, um guarda-roupa completo.

Comprou-lhe tintas e pincéis e uma grande mala para guardar tudo aquilo. Mandaram entregar as compras no hotel.

Jantaram num restaurante dos Campos Elísios. Bethany comeu gulosamente, em especial os doces. Não dissera uma palavra durante todo o dia nem respondera a qualquer dos gestos de carinho da mãe.

Cross nunca vira uma demonstração de amor como a que Athena fizera a Bethany. A não ser quando, havia muitos anos, via a sua própria mãe Nalene, a escovar os cabelos de Claudia.

Durante o jantar, Athena segurou na mão de Bethany, limpou-lhe as migalhas da cara, explicou-lhe que dentro de um mês regressaria a França para ficar com ela no colégio durante os próximos cinco anos.

Bethany ignorou-a.

Athena parecia entusiasmada quando disse à filha que poderiam aprender francês juntas, ir aos museus juntas, ver todos os grandes quadros, e como Bethany poderia passar tanto tempo quanto quisesse com as suas próprias pinturas. Descreveu como viajariam por toda a Europa, como iriam a Espanha, a Itália, à Alemanha.

Então Bethany disse as suas primeiras palavras do dia:

- Quero a minha máquina.

Como sempre, Cross foi invadido por uma sensação de sacralidade.

Aquela maravilhosa criança era como uma cópia de um retrato pintado por um grande pintor, mas sem a alma do artista, como se Deus tivesse resolvido deixar o seu corpo vazio.

Já tinha escurecido quando regressaram a pé ao hotel. Bethany caminhava no meio, e eles levantavam as mãos a cada passada de modo a ergue-la no ar, e por uma vez ela consentiu, e parecia até tão deliciada com a brincadeira que passaram a entrada do hotel e continuaram a andar durante mais algum tempo.

Foi nesse instante que Cross experimentou o mesmo sentimento de felicidade que tivera no piquenique. E que consistia em nada mais do que estarem os três

juntos, de mãos dadas. O seu próprio sentimentalismo encheu-o de espanto e de horror.

Finalmente, voltaram ao hotel. Depois de ter ajudado Bethany a deitar-se, Athena entrou na pequena saleta da suite, onde Cross a esperava. Sentaram-se lado a lado no sofá cor de lavanda, de mãos dadas.

Amantes em Paris - disse Athena, sorrindo -, e nem sequer chegamos a dormir juntos numa cama francesa.

Estás preocupada por deixar a Bethany aqui? - perguntou Cross.

Não. Ela não sentirá a nossa falta.

Cinco anos é muito tempo. Estás disposta a sacrificar cinco anos da tua vida e a tua profissão?

Athena levantou-se do sofá e pôs-se a passear pela sala. Falou apaixonadamente:

- Orgulho-me de poder passar sem representar. Quando era miúda, sonhava ser uma grande heroína, Maria Antonieta a caminho da guilhotina, Joana d'Arc queimada na fogueira, Marie Curie a salvar a humanidade de alguma grande doença. E, claro, também com desistir de tudo pelo amor de um grande homem, e isso era o mais ridículo de tudo. Sonhava viver uma vida heróica e sabia que com toda a certeza iria para o Céu. Que seria pura de corpo e de espírito. Detestava a idéia de fazer qualquer coisa que me comprometesse, especialmente por dinheiro. Estava a decidida a nunca, fossem quais fossem as circunstâncias, fazer mal a outro ser humano. Toda a gente me amaria, incluindo eu própria. Sabia que era esperta, todos me diziam que era bonita, e eu provei ser não apenas competente, mas talentosa. "E que foi que fiz? Apaixonei-me por Boz Skannet. Dormi com homens, não por desejo, mas para promover a minha carreira. Dei vida a um ser humano que pode nunca vir a amar-me ou a quem quer que seja. Depois, muito astutamente, manobrei de maneira a conseguir a morte do meu marido. Muito pouco subtilmente perguntei quem estava disposto a matar aquele meu marido, que se tornara uma tão grande ameaça. - Apertou a mão de Cross. - E por isso agradeço-te.

- Não fizeste nenhuma dessas coisas - disse ele, para a tranquilizar.

- Era apenas o teu destino, como costumamos dizer na minha família.

Quanto ao Skannet, era uma pedra no teu sapato... outro ditado da minha família ..., portanto tinhas todo o direito de te livrares dele.

Athena beijou-o fugidiamente nos lábios.

Foi o que fiz. Meu cavaleiro andante. O único problema é que não te limitas a matar dragões.

Passados os cinco anos, se o médico disser que ela não pode melhorar, o que é que fazes?

Não quero saber do que alguém diga. Há sempre esperança. Ficarei junto dela o resto da minha vida.

E não sentirás a falta do teu trabalho?

Claro que sim, e sentirei a tua falta. Mas finalmente estarei a fazer o que acredito que devo fazer, e não apenas a ser uma heroína num filme.

- Athena parecia ter-se animado. Mas depois acrescentou, numa voz sem inflexões: - Quero que ela me ame. E só o que quero.

Despediram-se com um beijo e cada um foi para o seu quarto.

Na manhã seguinte, deixaram Bethany com o médico. Athena teve dificuldade em despedir-se da filha. Abraçou-a e chorou, mas Bethany não estava pelos ajustes. Afastou a mãe com as mãos, e preparou-se para repelir também Cross, mas ele não fez qualquer gesto para a abraçar.

Cross sentiu-se momentaneamente irritado com Athena por ela ser tão fraca no que respeitava à filha. O médico, observando isto, disse a Athena: Quando voltar, vai precisar de muito treino para lidar com esta criança.

Voltarei o mais depressa possível - prometeu Athena.

Não precisa de se apressar - respondeu o médico. - Ela vive num mundo onde o tempo não existe.

No avião de regresso a L. A., Cross e Athena combinaram que ele seguiria directamente para Vegas, em vez de acompanhá-la a Malibu.

Houvera apenas um momento terrível em toda a viagem. Durante meia hora, Athena deixara-se vencer pelo desgosto, chorando sem palavras, dobrada sobre si mesma. Depois disso conseguira acalmar-se.

Quando se separaram, Athena disse a Cross:

- Tenho pena de não termos chegado a fazer amor em Paris.

Mas Cross compreendeu que ela não estava a ser sincera. Que naquele momento lhe repugnava a simples ideia de fazer amor, que, tal como a filha, também ela estava separada do mundo.

Cross foi recebido no aeroporto por uma grande limusina conduzida por um dos soldados da cabana de caça. Lia Vazzi ocupava o banco traseiro, e subiu a divisória de vidro para que o condutor não pudesse ouvir o que dizia.

O detective Losey foi procurar-me outra vez - disse. - A próxima vez que o fizer, será a última.

Tem calma - pediu Cross.

Eu conheço os sinais, confia em mim. Outra coisa. Uma equipa do Enclave do Bronx mudou-se para Los Angeles, não sei por ordem de quem. Acho que vais precisar de guarda-costas.

Ainda não - disse Cross. - Tens os teus homens prontos?

Sim. Mas são homens que não actuarão directamente contra os Clericuzio.

Quando chegaram ao Xanadu, Cross encontrou à sua espera uma mensagem de Andrew Pollard, com um dossier completo a respeito de Jim Losey. Uma leitura interessante, e também uma informação que permitia uma acção imediata.

Levantou cem mil dólares da caixa do casino, tudo em notas de cem, e disse a Lia que iam a L. A. Lia seria o seu condutor e não queria levar mais ninguém. Mostrou-lhe a mensagem de Pollard. Voaram para L. A. no dia seguinte e alugaram um carro para a viagem até Santa Monica.

Phill Sharkey estava a cortar a relva diante da casa onde morava.

Cross apeou-se do carro, juntamente com Lia, e apresentou-se como um amigo de Pollard que precisava de algumas informações. Lia estudou atentamente o rosto de Sharkey. Depois regressou ao carro.

Phil Sharkey não era fisicamente tão imponente como Jim Losey, mas mesmo assim parecia bastante duro. Dava também a impressão de que os anos passados a trabalhar como polícia tinham consumido a sua fé no próximo.

Tinha essa desconfiança vigilante, essa seriedade de modos que os melhores polícias têm. Mas não era, claramente, um homem feliz.

Sharkey convidou Cross a entrar. O interior da casa, na realidade um bun-galow, era sombrio e degradado, tinha esse ar triste dos lares onde não há uma mulher nem crianças. A primeira coisa que Sharkey fez foi telefonar a PoUard para confirmar a identidade do seu visitante. Então, sem qualquer gesto preliminar de cortesia, sem oferecer uma cadeira ou uma bebida, rosnou:

- Pergunte.

Cross abriu a pasta que levava consigo e tirou dela um maço de notas de cem dólares.

- Aqui tem dez mil - disse. - Só por me deixar falar. Mas vai demorar um pouco. Que tal uma cerveja e um lugar para nos sentarmos?

O rosto de Sharkey rasgou-se num sorriso. Era curiosamente afável, o sorriso do "polícia bom" numa parelha, pensou Cross.

Sharkey meteu despreocupadamente o dinheiro no bolso das calças.

- Estou a gostar de si - declarou. - Sabe que o dinheiro é que fala, e não a conversa fiada.

Sentaram-se a uma pequena mesa no alpendre das traseiras, de onde se avistava a Ocean Avenue e, para lá dela, a praia, e beberam as cervejas directamente da garrafa. Sharkey deu uma palmada no bolso, como que a certificar-se de que o dinheiro continuava lá.

- Se ouvir as respostas certas - começou Cross -, há outros vinte mil para si logo a seguir. Depois, se mantiver a boca fechada a respeito da

minha visita, voltarei cá daqui a dois meses, com mais cinquenta mil.

Sharkey voltou a sorrir, mas desta vez havia uma ponta de malícia no seu sorriso.

- Daqui a dois meses deixa de ter importância que eu fale ou não, eh?

Exacto. Sharkey pôs-se sério.

Não vou dizer-lhe nada que possa implicar seja quem for.

Eh, nesse caso não sabe quem eu realmente sou - disse Cross. -

Talvez seja melhor telefonar outra vez ao Pollard.

Sei muito bem quem é - respondeu Sharkey, secamente. -Ojim Losey disse-me para o tratar sempre como deve ser. - E então arvorou o ar de ouvinte compreensivo que fazia parte da sua profissão.

Você e o Jim Losey foram parceiros durante os últimos dez anos e ganhavam os dois umas boas massas por fora. Então você reformou-se.

Gostaria de saber porquê.

E então o Jim que lhe interessa - comentou Sharkey. - Isso pode ser muito perigoso. Ele é o chui mais teso e mais esperto que alguma vez conheci.

E honesto? - perguntou Cross.

Éramos polícias, e em Los Angeles. Sabe o que é que isso significa?

Se fizéssemos o nosso verdadeiro trabalho e tratássemos da saúde aos hispânicos e aos pretos, podíamos ficar sem emprego. Os únicos que podíamos prender sem nos metermos em sarilhos eram os bimbos brancos com dinheiro. Ouça, eu não tenho preconceitos, mas por que raio havia de mandar os brancos para a prisão, se não podia mandar os outros? Não era justo.

Mas, segundo sei, o Jim tem o peito cheio de medalhas - observou Cross.

Sharkey encolheu os ombros.

- E impossível um polícia não ser um herói nesta cidade, desde que tenha

tomates. Muitos daqueles tipos não sabiam que podiam chegar a um acordo se conduzissem as coisas como deve ser. Outros eram pura e simplesmente assassinos. Por isso tínhamos de defender-nos, e ganhámos algumas medalhas. Pode crer, nunca fomos para a rua à procura de uma luta.

Cross duvidava de tudo o que Sharkey dizia. Jim Losey era um rufião nato, por mais elegantemente que se vestisse.

- Eram sócios em tudo? - perguntou. - Sabia tudo o que ele fazia?

Sharkey riu-se.

Com o Jim Losey? Ele sempre foi o patrão. Por vezes nem sequer sabia exactamente o que eu próprio estava a fazer. Não sabia quanto é que nos pagavam. O Jim tratava de tudo e depois dava-me o que dizia que era a minha parte. - Fez uma pausa. - Ele tem as suas próprias regras.

Então como é que ganhavam o dinheiro?

Estávamos nas folhas de pagamento de alguns dos grandes sindicatos do jogo. Às vezes recebíamos algum dos tipos da droga. Houve uma altura em que o Jim Losey não aceitava dinheiro da droga, mas depois percebeu que os chuis do mundo inteiro o faziam, e começámos a fazer o mesmo.

Alguma vez utilizaram um rapaz chamado Marlowe para lhes apontar os grandes passadores?

Claro. O Marlowe. Um puto porreiro, que tinha medo da própria sombra. Usávamo-lo muitas vezes.

Nesse caso, quando ouviu dizer que o Losey o tinha abatido quando ele ia a fugir depois de ter morto um homem, achou estranho? -perguntou Cross.

Raios, não! Os drogados são capazes de tudo. Mas têm aquelas cabeças tão lixadas que fazem sempre asneira. E o Jim, nessa situação, nunca avisa, como nos ensinaram. Atira logo.

E não lhe pareceu uma coincidência estranha? - insistiu Cross os caminhos dos dois terem-se cruzado daquela maneira?

Pela primeira vez, o rosto de Sharkey pareceu perder a sua dureza i ficar triste.

E esquisito - disse. - Toda a história é esquisita. Mas acho que tenho de lhe dar qualquer coisa. O Jim Losey era corajoso, as mulheres adoravam-no e os homens tinham uma grande consideração por ele. Eu era o parceiro dele e sentia o mesmo. Mas a verdade é que ele sempre foi um tipo esquisito.

Pode, portanto, ter sido uma jogada preparada.

Não, não. Tem de compreender. O trabalho obriga-nos a aceitar subornos. Mas não nos obriga a matar um homem. O Jim Losey nunca faria uma coisa dessas. Ninguém me convence disso.

Então porque foi que pediu a reforma depois do caso?- perguntou Cross.

Porque o Jim começava a pôr-me nervoso.

Encontrei o Jim em Malibu, há uns meses - disse Cross. - Estava sozinho. Era costume ele trabalhar sem o parceiro? Sharkey voltou a exibir o seu grande sorriso.

- Às vezes. Nessa ocasião de que fala, foi tentar a sorte com a actriz.

Ficaria surpreendido se soubesse quantas vezes ele marcava pontos com as grandes estrelas. Por vezes ia almoçar com certas pessoas, e não me queria por perto.

- Outra coisa - continuou Cross. - O Jim é racista? Odeia os negros?

Sharkey lançou-lhe um olhar de divertido espanto.

Claro que sim! Você é um desses liberais da treta, não é? Acha isso horrível? Só lhe digo, vá para a polícia e ande um ano nas ruas. Vai votar para os mandar a todos para o jardim zoológico.

Tenho uma última pergunta. Alguma vez o viu com um tipo baixinho, que usa um chapéu esquisito?

Um gajo italiano - disse Sharkey. - Uma vez almoçámos e o Jim disse-me que me pusesse a andar. O homem faz arrepios.

Cross meteu a mão na pasta e tirou mais dois maços de notas.

Aqui tem os vinte mil - disse. - E lembre-se, conserve a boca calada e ganha mais cinquenta mil. OK?

Eu sei quem você é - declarou Sharkey.

Claro que sabe. Disse ao Pollard para lhe dizer quem sou.

Sei quem você é mesmo - insistiu Sharkey com o seu sorriso contagioso. - é por isso que não lhe fico já com essa pasta. E é por isso que conservarei a boca fechada durante dois meses. Entre você e o Losey, não sei qual dos dois me mataria mais depressa.

Cross De Lena compreendeu que enfrentava problemas enormes. Sabia que Jim Losey estava a soldo da Família Clericuzio. Que recebia cinqüenta mil dólares por ano, a título de "salário", e bónus por trabalhos especiais, mas nenhum desses trabalhos incluía assassínio. Era o suficiente para Cross chegar a uma conclusão final. Dante e Losey tinham-lhe morto o pai. Era um julgamento fácil de fazer, não estando limitado pela obrigação legal de apresentar provas. E todo o seu treino com os Clericuzio o ajudava a chegar a um veredicto de culpados. Conhecia a competência e o carácter do pai.

Nenhum vulgar assaltante conseguiria chegar suficientemente perto dele.

E também conhecia a competência e o carácter de Dante, e o ódio que tinha a Pippi. , A grande questão era: teria Dante agido por sua própria conta, ou teria o Don ordenado aquela morte? Mas os Clericuzio não tinham qualquer razão, Pippi De Lena fora-lhes leal durante quarenta anos e um elemento importante na ascensão da Família. Fora o grande general na guerra contra os San-tadio. E Cross perguntou a si mesmo, não pela primeira vez, por que razão nunca ninguém lhe contara os pormenores dessa guerra, nem o pai, nem Gronevelt, nem Giorgio, ou Petie, ou Vincent.

Quanto mais pensava naquilo, mais Cross tinha a certeza de uma coisa: o Don não tivera nada a ver com a morte de Pippi. Don Domenico era um homem de negócios muito conservador. Recompensava os serviços leais, não os punia. Era extremamente justo, ao ponto de ser cruel. Mas o argumento principal era o seguinte: nunca deixaria Cross viver depois de ter mandado matar Pippi. Era essa a prova da sua inocência.

Don Domenico acreditava em Deus, por vezes acreditava no destino, mas não acreditava em coincidências. Rejeitaria imediatamente a coincidência de Jim Losey ter sido o polícia que matara o assaltante que matara Pippi. Havia com certeza de ter feito as suas investigações e descobrira a relação de Dante com Losey. E não só sabia que Dante era culpado, como também conhecia o motivo.

E Rose Marie, a mãe de Dante? Que saberia ela? Quando soubera da morte de Pippi, tivera o mais grave dos seus ataques, gritando coisas ininteligíveis, chorando sem parar, de modo que o Don a mandara para a clínica psiquiátrica de East Hampton, que tinha fundado muitos anos antes.

Rose Marie ficaria lá durante pelo menos um mês.

O Don sempre proibira visitas à filha na clínica, excepto a Dante, Giorgio, Vincent e Petie. Mas Cross costumava enviar-lhe flores e cestos de fruta. Por que diabo teria Rose Marie ficado tão perturbada? Saberia da culpa de Dante, conheceria os seus motivos? Nesse instante Cross lembrou-se de o Don ter dito que Dante seria o seu herdeiro. Uma perspectiva sinistra.

Resolveu ir visitar Rose Marie à clínica, a despeito da proibição do Don. Levaria flores, e frutas, e chocolates, e queijos, e afecto sincero, mas com o propósito de a levar a trair o filho.

Dois dias mais tarde, Cross entrava no vestíbulo da clínica psiquiátrica em East Hampton. Havia dois guardas à porta, e um deles acompanhou-o até ao balcão da recepção.

A mulher que o atendeu era de meia idade e estava elegantemente vestida. Quando Cross lhe comunicou o seu propósito, ela dirigiu-lhe um sorriso encantador e disse-lhe que teria de esperar meia hora, porque Rose Marie estava a ser submetida a um pequeno tratamento médico. Avisá-lo-ia logo que tivesse acabado.

Cross sentou-se na sala de espera, contígua ao vestíbulo, onde havia mesas e cadeirões confortáveis. Pegou num exemplar de uma revista de Hollywood. Ao lê-la, encontrou um artigo sobre Jim Losey, o herói detective de Los Angeles. A história relatava as suas muitas façanhas, culminando com a morte de Marlowe, o assaltante-assassino. Cross achou dois pontos especialmente divertidos. O facto de o pai ser referido como o proprietário de uma agência de serviços financeiros e a típica vítima indefesa de um criminoso brutal, e a frase que

rematava o artigo, afirmando que se houvesse mais polícias como Jim Losey, o crime nas ruas estaria sob controlo.

Uma enfermeira bateu-lhe num ombro. Tinha um aspecto

extraordinariamente vigoroso, mas disse-lhe com um sorriso amável:

- Eu levo-o lá acima.

Cross pegou na caixa de bombons e nas flores que tinha levado e seguiu-a.

Subiram um curto lanço de escadas e percorreram um corredor comprido para o qual davam várias portas. A enfermeira deteve-se diante da última e usou uma chave-mestra para a abrir. Fez sinal a Cross para entrar e fechou a porta atrás dele.

Rose Marie, vestindo um roupão cor-de-rosa, com os cabelos esmeradamente entrançados, estava a olhar para um pequeno televisor.

Quando viu Cross, levantou-se de um salto e lançou-se-lhe nos braços. Estava a chorar. Cross deu-lhes os chocolates e as flores.

Oh, vieste ver-me! - exclamou ela. - Pensava que me odiavas por causa do que fiz ao teu pai.

Não fez nada ao meu pai - disse ele, fazendo-a sentar-se no sofá e desligando o televisor. Ajoelhou-se junto dela. - Estava preocupado consigo.

Ela estendeu uma mão e acariciou-lhe os cabelos.

- Sempre foste tão bonito! - disse. - Detestava saber que eras filho do teu pai. Fiquei contente quando ele morreu. Mas sempre soube que haviam de acontecer coisas terríveis. Enchi o ar e a terra de veneno, para ele. Achas que o meu pai vai deixar passar?

O Don é um homem justo - disse Cross. - Nunca a responsabilizará a si.

Enganou-te, como enganou toda a gente - declarou Rose Marie. -

Nunca confies nele. Traiu a própria filha, traiu o neto e traiu o sobrinho, Pippi...

E agora há-de trair-te a ti.

A voz dela começara a subir de tom e Cross teve receio de que caísse num dos seus ataques.

Acalme-se, Tia Roe. - pediu Cross. - Diga-me só o que foi que a perturbou tanto que teve de voltar para aqui. - Olhou-a no fundo dos olhos e pensou como devia ter sido bonita quando era nova, na inocência que ainda havia no seu rosto.

Obriga-os a falarem-te da guerra contra os Santadio - murmurou Rose Marie. - Então compreenderás tudo. - Olhou para além de Cross e cobriu a cara com as mãos. Cross voltou-se. A porta abrira-se e Vincent e Petie estavam parados no umbral, imóveis e silenciosos. Rose Marie levan tou-se de um salto e correu para o quarto, cuja porta bateu com estrondo.

O rosto granítico de Vincent mostrava piedade e desespero.

- Jesus Cristo! - murmurou. Aproximou-se da porta do quarto e bateu. Depois disse:- Roe, abre a porta. Somos teus irmãos, não te faze mos mal...

- Que coincidência encontrarmo-nos aqui - observou Cross. -

Também eu vim visitar a Rose Marie.

Vincent nunca perdia tempo com conversa fiada.

- Não viemos visitá-la - disse. - O Don quer ver-te em Quogue. Cross avaliou a situação. Era óbvio que a recepcionista telefonara a alguém em Quogue. Tratava-se, evidentemente, de um procedimento preestabelecido.

E, não menos evidentemente, o Don não queria que ele falasse com Rose Marie. O facto de ter enviado Vincent e Petie significava que não se tratava de uma execução. Nunca exporia tão descuidadamente os dois filhos mais novos.

Teve a confirmação disto quando Vincent acrescentou:

Vou contigo no teu carro. O Petie segue-nos no dele. - Na Família, uma execução nunca era feita na base de um para um.

Não podemos deixar a Rose Marie neste estado - protestou Cross.

Claro que podemos - disse Petie. - A enfermeira já trata de a acalmar.

Cross tentou meter conversa durante a viagem.

- Não há dúvida que vocês chegaram lá bem depressa - disse.

Foi o Petie que veio a guiar - respondeu Vincent. - O tipo é louco

- Fez uma curta pausa e perguntou, num tom preocupado: - Cross, conheces as regras, por que raio foste visitá-la?

Eh! - protestou Cross. - A Rose Marie sempre foi uma das minhas tias preferidas.

O Don não achou graça - declarou Vincent. - Está muito chateado. Diz que nem parece coisa tua. Ele sabe.

Eu explico-lhe. Mas estava verdadeiramente preocupado com a tua irmã. Como está ela?

Vincent suspirou.

- Desta vez pode ser para durar. Sabes que ela tinha um fraquinho pelo teu velho, quando era nova. Quem poderia imaginar que a morte do Pippi ia perturbá-la tanto?

Cross detectou a nota de falsidade na voz de Vincent. Mas limitou-se a dizer:

O meu pai sempre gostou muito da Rose Marie.

Pois nestes últimos anos ela não gostava muito dele - respondeu Vincent. - Especialmente quando tinha um dos seus ataques. Havias de ouvir as coisas que dizia a respeito dele.

Estiveste na guerra dos Santadio - disse Cross, num tom despreocupado.

- Por que é que vocês nunca me falam a esse respeito?

Porque nunca falamos a respeito de operações. O meu pai ensinou-nos que não há nenhuma vantagem nisso. O que é preciso é ir em frente.

Já temos no presente problemas suficientes com que nos preocuparmos.

- O meu pai foi um grande herói, não é verdade? - insistiu Cross.

Vincent sorriu por um instante, e o seu rosto de pedra quase se suavizou.

O teu pai era um génio - disse. - Era capaz de planear uma operação como o Napoleão. Nunca nada corria mal quando ele fazia os planos.

Ou talvez uma ou duas vezes, por azar.

Foi então ele que planeou a guerra contra os Santadio?

Faz essas perguntas ao Don. Agora falemos doutras coisas.

OK - concordou Cross. - Também vou ser liquidado, como o meu pai?

Vincent, habitualmente calmo e impenetrável, reagiu com violência.

Agarrou o volante e obrigou Cross a estacionar na berma da estrada. A voz soou-lhe sufocada de emoção quando disse:

- Estás louco? Pensas que a Família Clericuzio seria capaz de fazer uma coisa dessas? O teu pai tinha nas veias sangue dos Clericuzio. Era o nosso melhor soldado, foi ele que nos salvou. O Don amava-o como um dos seus filhos! Jesus Cristo, por que é que perguntas uma coisa dessas?

Assustei-me quando vocês apareceram - respondeu Cross, mansamente.

Volta à estrada - disse Vincent, irritado. - O teu pai, eu Giorgio, e o Petie, combatemos juntos durante tempos muito difíceis. Nada poderia fazer-nos ir uns contra os outros. O Pippi teve azar, apanhou um estupor de um drogado.

Fizeram o resto da viagem em silêncio.

Na mansão, havia os dois guardas habituais junto ao portão, e um homem sentado no pórtico. Não se notava qualquer actividade especial.

Don Clericuzio, Giorgio e Petie esperavam no escritório. Em cima do bar havia uma caixa de charutos havanos e uma caneca cheia de cigarrilhas I italianas, negras e retorcidas.

Don Clericuzio sentava-se num dos grandes cadeirões de couro castanho. E

Cross foi cumprimentá-lo e ficou surpreendido ao ver que o Don se punha de pé, com uma agilidade que desmentia a sua idade, para o abraçar. Don Domenico apontou-lhe a grande mesa de café sobre a qual tinham sido dispostos vários pratos de queijos e carnes frias.

Cross sentiu que o Don não estava ainda pronto para falar. Fez uma sanduíche de queijo mozzarella e prosciutto. O prosciutto estava cortado em finas fatias de carne vermelha escura orlada de gordura branca e macia. O

mozzarella era uma bola branca tão fresca que ainda escorria leite. Estava atado numa das extremidades com um nó grosso, como o nó de uma corda. O

mais perto que o Don chegava em matéria de gabarolice era quando afirmava que nunca comia um mozzarella que tivesse mais de meia hora depois de feito.

Também Vincent e Petie estavam a servir-se da comida, enquanto Giorgio fazia as vezes de barman, servindo vinho ao Don e refrescos aos restantes.

o Don só comia mozzarella, deixando-o derreter-se-lhe na boca. Petie deu-lhe uma das suas cigarrilhas retorcidas e acendeu-lha. Que estômago magnífico o velho tinha, pensou Cross.

- Croccifixio - disse subitamente Don Clericuzio -, fosse o que fosse que querias perguntar à Rose Marie, vou eu dizer-to. E desconfiaste de que houve qualquer coisa pouco clara na morte do teu pai. Estás enganado.

Mandei investigar, aconteceu exactamente como foi dito. O Pippi teve azar. Era o homem mais prudente na sua profissão, mas estes estúpidos acidentes acontecem. Quero que tenhas a certeza disto. O teu pai era meu sobrinho e um Clericuzio, e um dos meus mais queridos amigos.

- Fale-me da guerra com os Santadio - pediu Cross.

Livro VII

A Guerra dos Santadio.

Capítulo XVIII

- E perigoso ser razoável com gente estúpida - começou Don Clericuzio, bebendo um pequeno golo do seu copo de vinho. Pôs a cigarrilha de lado. - Presta muita atenção. é uma longa história em que nem tudo

era o que parecia ser. Foi há trinta anos... - Fez um gesto na direcção dos três filhos e pediu: - Se me esquecer de alguma coisa importante, digam-me. -

Os filhos sorriram à ideia de que ele pudesse esquecer qualquer coisa importante.

A luminosidade no interior do escritório era uma suave bruma dourada onde pairava o fumo dos charutos, e até o cheiro da comida era tão intensamente aromático que parecia afectar a luz.

- Convenci-me disso depois da guerra contra os Santadio... - Fez nova pausa para beber mais um golo de vinho. - Houve um tempo em que os Santadio eram nossos iguais em poder. Mas os Santadio faziam demasiados inimigos, atraíam demasiado a atenção das autoridades e não tinham

sentido de justiça. Criaram um mundo sem quaisquer valores, e um mundo sem valores e sem sentido de justiça não pode continuar a existir.

"Propus-lhes muitos acordos, fiz concessões, queria viver num mundo de paz. Mas eles, porque eram fortes, tinham essa sensação de poder que as pessoas violentas costumam ter. Acreditavam que o poder é tudo. E assim acabou por haver guerra entre nós.

- Porque é que o Cross precisa de saber esta história? - interrompeu-o Giorgio. - Em que é que isso pode beneficiá-lo, ou beneficiar-nos a nós. Vincent tinha desviado os olhos de Cross, mas Petie estava a olhar fixamente para ele, com a cabeça um pouco inclinada para trás, a avaliá-lo.

Nenhum dos três parecia querer que o Don contasse a história.

- Porque o devemos ao Pippi e ao Croccifixio - respondeu o Don. E

então falou directamente para Cross. - Faz desta história o que quiseres, mas eu e os meus filhos estamos inocentes do crime de que somos suspeitos a teus olhos. O Pippi era como um filho para mim, e tu és como um neto. Ambos têm o mesmo sangue dos Clericuzio.

- Isto não serve para nada - insistiu Giorgio.

Don Clericuzio agitou impacientemente uma mão, e depois perguntou aos filhos:

É verdade, o que eu disse até agora? Acenaram os três, e Petie murmurou:

Devíamos tê-los liquidado logo no princípio.

Don Domenico encolheu os ombros e voltou-se para Cross.

- Os meus filhos eram jovens, o teu pai era jovem, nenhum deles tinha ainda chegado aos trinta - continuou. - Não queria desperdiçar as vidas deles numa grande guerra. Don Santadio, Deus tenha piedade da sua alma, tinha seis filhos, mas via-os mais como soldados do que como filhos. Jimmy Santadio era o mais velho e trabalhava com o nosso querido amigo Gronevelt, Deus o tenha também em descanso. Na época, os Santadio eram donos de metade do hotel. Jimmy era o melhor do grupo, o único que via que a paz era a melhor solução para todos nós. Mas o velho e os outros filhos queriam sangue.

"Ora, uma guerra sangrenta não servia os meus interesses. Queria tempo para recorrer à razão, para os convencer do bom senso das minhas propostas. Eu dava-lhes as drogas, e eles davam-me o jogo. Eu queria a posição deles no Xanadu, e em troca cedia-lhes o controlo de todas as drogas na América, um negócio sujo que exigia uma mão firme e violenta. Uma proposta muito sensata. As drogas davam muito mais dinheiro, e era um negócio que não envolvia estratégias a longo prazo. Um negócio sujo, com montes de trabalho operacional. Tudo isto contribuía para aumentar o poder dos Santadio. Eu queria que os Clericuzio controlassem todo o jogo, menos arriscado do que as drogas, menos lucrativo, mas, inteligentemente gerido, mais valioso a longo prazo. E isto contribuía para aumentar o poder dos Clericuzio. O meu objectivo final sempre foi ser um membro da sociedade, e o jogo podia tornar-se uma mina de ouro

legal sem nenhum dos riscos diários e o trabalho sujo das drogas. Nisto, o tempo veio a provar que eu tinha razão.

"Infelizmente, os Santadio queriam tudo. Tudo. Imagina como seria então, sobrinho, um tempo muito perigoso para todos nós. Nessa altura, o FBI já sabia que as Famílias existiam e cooperavam entre si. O governo, com os seus recursos e tecnologias, destruiu muitas Famílias. A muralha da omertà abria brechas.

"Os jovens nascidos na América colaboravam com as autoridades para salvarem a própria pele. Felizmente, criei o Enclave do Bronx e trouxe homens novos, da Sicília, para serem meus soldados.

"A única coisa que nunca fui capaz de compreender é como as mulheres conseguem arranjar tantos problemas. A minha filha, Rose Marie, tinha na altura dezoito anos. Como foi ela embeiçar-se pelo Jimmy Santadio? Dizia que eram como Romeu e Julieta. Quem eram Romeu e Julieta? Quem, em nome do Céu, eram essas pessoas? Italianos não, com toda a certeza. Quando soube disto, conformei-me. Reabri as negociações com a Família Santadio, reduzi as minhas exigências, para que as duas Famílias pudessem viver juntas. Na sua estupidez, eles viram nisto um sinal de fraqueza. E assim começou toda a tragédia que durou estes trinta anos.

Don Clericuzio calou-se. Giorgio serviu-se de um copo de vinho, uma fatia de pão e um pedaço de queijo cremoso. Depois foi colocar-se junto do pai.

Porquê hoje? - perguntou.

Porque aqui o meu sobrinho neto está preocupado com a maneira como o pai morreu e temos de dissipar quaisquer suspeitas que possa ter a nosso respeito - respondeu o Don.

Não tenho quaisquer suspeitas a seu respeito, Don Domenico -

assegurou Cross.

Toda a gente tem suspeitas a respeito de tudo - declarou o Don.

- É próprio da natureza humana. Mas deixa-me continuar. A Rose Marie era muito nova, não sabia nada das coisas do mundo. Ficou com o coração desfeito

quando, ao princípio, ambas as Famílias se opuseram ao casamento.

Mas ela não sabia realmente porquê. E por isso decidiu juntar toda a gente, estava convencida de que o amor conquistaria tudo, como mais tarde me confessou. Nesse tempo era muito afectuosa. E era a luz da minha vida.

A minha mulher morreu nova, e eu nunca voltei a casar porque não suportava a ideia de partilhá-la com uma desconhecida. Nunca lhe recusei nada, e tinha grandes esperanças para o seu futuro. Mas um casamento com um Santadio, isso não podia tolerar. Proibi-o. Nessa altura também eu era novo.

Pensava que os meus filhos obedeceriam às minhas ordens. Queria que ela fosse para a universidade, que casasse com alguém de um mundo diferente.

o Giorgio, o Vincent e o Petie tinham de apoiar-me nesta vida, precisava da ajuda deles. E tinha a esperança que também os filhos deles pudessem fugir para um mundo melhor. E o meu filho mais novo, Silvio. - O Don apontou para a fotografia na consola da lareira.

Cross nunca olhara verdadeiramente para aquela fotografia, ignorava a sua história. A foto era a de um jovem de vinte anos muito parecido com Rose Marie, só que mais bonito, com uns olhos mais cinzentos e mais inteligentes. Era uma foto que mostrava uma alma tão boa que Cross perguntou a si mesmo se não teria sido retocada.

A atmosfera na sala sem janelas estava a ficar mais acre com o fumo dos charutos. Giorgio acabava de acender um enorme havano.

Esperava do Silvio ainda mais que da Rose Marie - prosseguiu Don Clericuzio. - Tinha melhor coração do que a maior parte das pessoas.

Tinha entrado para a universidade com uma bolsa de estudo. No caso dele, todas as esperanças eram permitidas. Mas era demasiado ingénuo.

Não tinha experiência das ruas - interveio Vincent. - Nenhum de nós teria ido. Não daquela maneira, sem protecção.

Giorgio pegou no fio da história:

- A Rose Marie e o Jimmy Santadio tinham-se escondido num lugar chamado

Commack Motel. E a Rose Marie teve a ideia de que se o Jimmy e o Silvio conversassem, conseguiriam unir as duas Famílias.

Telefonou ao Silvio, e ele foi ao hotel sem dizer nada a ninguém.

Discutiram os três a estratégia a seguir. O Silvio chamava sempre "Roe" à Rose Marie. As suas últimas palavras foram: "Vai correr tudo bem, Roe.

O pai há-de dar-me ouvidos."

Silvio nunca chegaria, porém, a falar com o pai. Infelizmente, dois dos irmãos Santadio, Fonsa e ítalo, estavam de guarda a Jimmy.

Na sua paranóia de violência, os Santadio desconfiaram que Rose Marie queria conduzir Jimmy a uma cilada. Ou pelo menos atraí-lo a um casamento que diminuiria o poder deles dentro da sua própria Família. Além disso, Rose Marie ofendia-os com a sua coragem feroz e a sua determinação em casar com Jimmy. Chegara ao extremo de desafiar o próprio pai, o grande Don Clericuzio. Nada a faria parar.

Reconheceram Silvio quando ele saiu do motel, montaram-lhe uma emboscada na estrada e mataram-no a tiro. Depois tiraram-lhe a carteira e o relógio, para dar a entender que se tratara de um assalto.

Aquele acto de pura selvajaria foi bem típico da mentalidade dos Santadio.

Don Clericuzio não se deixou iludir nem por um instante. Mas depois Jimmy Santadio apareceu no velório, sozinho e desarmado. Pediu uma entrevista particular com o Don.

- Don Clericuzio - disse -, a minha dor é quase igual à sua. Coloco a minha vida nas suas mãos, se pensa que os Santadio são responsáveis.

Falei com o meu pai e ele nunca deu essa ordem. E autorizou-me a dizer que vai reconsiderar todas as suas propostas. Deu-me autorização para casar com a sua filha.

Rose Marie viera agarrar-se ao braço de Jimmy. E havia uma expressão tão dolorosa na cara dela que, por um momento, o coração do Don derreteu-se. O desgosto e o medo davam-lhe uma beleza trágica.

Os seus olhos assustados estavam escuros e brilhantes de lágrimas. Todo o seu rosto tinha uma expressão espantada, de incompreensão.

Desviou os olhos do pai e olhou para Jimmy Santadio com tanto amor que, por uma das poucas vezes em toda a sua vida, Dpn Clericuzio pensou em misericórdia. Como podia ele destroçar o coração de uma filha tão bonita?

- O Jimmy ficou horrorizado com a ideia que o pai pudesse pensar que a família dele teve alguma coisa a ver com a morte do Silvio - disse Rose Marie, dirigindo-se ao pai. - Eu sei que não tiveram. O Jimmy prometeu-me que a família dele chegaria a um acordo.

Don Clericuzio já condenara a Família Santadio pelo crime. Não precisava de quaisquer provas. Mas misericórdia era uma outra questão.

Acredito em ti e aceito-te - disse o Don, e sem dúvida acreditava na inocência de Jimmy, embora isso não fizesse qualquer diferença. -

Rose Marie, tens a minha autorização para casar, mas não nesta casa, e ninguém da família estará presente. E, Jimmy, diz ao teu pai que nos reuniremos para discutir os nossos assuntos depois do casamento.

Obrigado - respondeu Jimmy Santadio. - Compreendo. O casa mento será na nossa casa em Palm Springs. Dentro de um mês toda a minha família estará lá, e toda a sua família será convidada. Se decidirem não aparecer, a escolha será vossa.

O Don escandalizou-se.

- Tão cedo depois disto? - exclamou, apontando o caixão.

Foi então que Rose Marie se deixou cair nos braços do pai. Don Domenico sentiu o terror que a dominava.

Estou grávida - murmurou ela.

Ah! - disse o Don. E sorriu a Jimmy Santadio.

Vou dar-lhe o nome do Silvio - continuou Rose Marie, ainda num murmúrio. - Há-de ser igual ao Silvio.

O Don acariciou-lhe os cabelos negros e beijou-lhe a face.

- Óptimo - disse. - Óptimo. Mas nem mesmo assim eu assistirei ao casamento.

Rose Marie tinha recuperado a coragem. Levantou o rosto para o pai e beijou-o por sua vez. Depois disse:

- Pai, alguém tem de ir. Alguém tem de levar-me ao altar.

O Don voltou-se para Pippi, que estava a seu lado.

- O Pippi representará a Família no casamento. É meu sobrinho e gosta de dançar. Pippi, levarás a tua prima ao altar, e depois disso podem todos ir dançar para o fundo do oceano.

Pippi inclinou-se para beijar a face de Rose Marie.

- Lá estarei - prometeu. - E se o Jimmy não aparecer, fugimos os dois juntos.

Rose Marie ergueu agradecidamente os olhos e lançou-se-lhe nos braços.

Um mês mais tarde, Pippi De Lena estava num avião a caminho de Palm Springs, para assistir ao casamento. Esse mês fora passado com Don Clericuzio na mansão de Quogue, e em reuniões com Giorgio, Vincent e Petie.

O Don deixara muito claro que seria Pippi a chefiar a operação. Que as ordens de Pippi deveriam ser obedecidas como se partissem dele próprio, fossem elas quais fossem.

Só Vincent se atrevera a questionar o pai:

E se não foram os Santadio que mataram o Silvio?

Não importa - respondera o Don -, mas todo o caso cheira de longe à estupidez deles, e essa estupidez será perigosa para nós, no futuro.

Acabaríamos por ter de enfrentá-los mais cedo ou mais tarde. Mas é claro que são culpados. A má fé só por si já é crime. Se os Santadio estivessem inocentes, então teríamos de admitir que o próprio destino está contra nós.

Em qual destas coisas preferes acreditar?

Pela primeira vez na sua vida, Pippi notou que o Don estava perturbado. Passava longas horas na capela, na cave da mansão. Comia muito pouco e bebia mais vinho, o que nele era invulgar. E pôs a fotografia emoldurada de Silvio no seu quarto durante alguns dias. Um domingo, pediu ao padre que dizia a missa que o ouvisse em confissão.

No último dia, o Don teve uma reunião a sós com Pippi.

Pippi - disse Don Domenico -, esta é uma operação muito complicada.

Poderá surgir uma situação em que se ponha a questão de saber se o Jimmy Santadio deve ser poupado. Não deve. Mas ninguém pode saber que a ordem partiu de mim. É uma coisa que vai ter de cair sobre a tua cabeça.

Não sobre a minha, nem a do Giorgio, a do Vincent ou a do Petie. Estás disposto a arcar com essa culpa?

Sim - respondeu Pippi. - Não quer que a sua filha o odeie ou censure, ou aos irmãos.

Pode surgir uma situação em que a Rose Marie esteja em perigo.

- Sim - admitiu Pippi. O Don suspirou.

- Faz o que puderes para proteger os meus filhos - disse. - Terás de ser tu a tomar as decisões finais. Mas eu nunca dei a ordem para matar o Jimmy Santadio.

E se a Rose Marie descobrir que foi...? - perguntou Pippi. O Don olhou Pippi De Lena directamente nos olhos.

A Rose Marie é minha filha e irmã do Silvio. Nunca nos trairá.

A mansão dos Santadio tinha quarenta divisões distribuídas por apenas três pisos e fora construída em estilo espanhol, para se harmonizar com o deserto circundante. Estava separada da interminável extensão de areia por um muro de tijolos vermelhos. O complexo incluía, além da casa, uma enorme piscina, uma quadra de ténis e um campo de boccia.

Naquele dia festivo havia uma gigantesca grelha para assar carne, uma plataforma para a orquestra e uma pista de dança montada no relvado. Esta pista

estava rodeada de compridas mesas carregadas de comida. Estacionados junto dos maciços portões de bronze viam-se três grandes carrinhas de uma empresa fornecedora de banquetes.

Pippi De Lena chegou cedo na manhã de sábado, transportando numa mala as roupas que usaria no casamento. Deram-lhe um quarto no segundo piso, por cujas janelas entrava a jorros a luz dourada do deserto. Começou a desfazer a mala.

A cerimónia religiosa teria lugar em Palm Springs, que ficava a uma escassa meia hora de viagem, e começaria por volta do meio-dia.

Em seguida os convidados regressariam para o copo-de-água.

Pippi ouviu alguém bater à porta e Jimmy Santadio entrou no quarto. O seu rosto brilhava de felicidade e deu a Pippi um caloroso abraço. Não estava ainda vestido para o casamento, parecendo muito elegante com as suas calças brancas e a camisa de seda cinzenta prateada. Segurou a mão de Pippi entre as suas, para mostrar o seu afecto.

- Foi muito bom teres vindo - disse. - E a Roe está excitadíssima por seres tu a levá-la ao altar. Agora, antes que comece a confusão, o velho quer falar contigo.

Ainda a segurar-lhe a mão, desceu com Pippi ao primeiro piso e guiou-o, ao longo de um comprido corredor, até ao quarto de Don Santadio. Don Santadio estava deitado na cama, vestindo um pijama azul. Estava muito mais decrépito do que Don Clericuzio, mas tinha os mesmos olhos duros, a mesma maneira atenta de escutar; a cabeça dele era redonda como uma bola e completamente calva. Fez sinal a Pippi para se aproximar e estendeu-lhe os braços, para que pudesse abraçá-lo.

- É muito justo que tenhas sido tu a vir - disse o velho, numa voz rouca. Conto contigo para ajudares as nossas duas Famílias a abraçarem-se, como nós acabamos de fazer. Es a pomba da paz de que precisamos. Deus te abençoe, Deus te abençoe. - Deixou-se cair para trás e fechou os olhos. - Que feliz eu estou neste dia!

Estava uma enfermeira no quarto, uma mulher de meia idade, com um ar competente. Pediu-lhes em voz baixa que saíssem; o Don queria conservar as suas forças para poder mais tarde assistir aos festejos. Por um instante, Pippi

reconsiderou a sua missão. Era óbvio que Don Santadio não viveria muito mais tempo. Jimmy tornar-se-ia então o chefe da sua Família.

Talvez as coisas se pudessem compor. Mas Don Clericuzio nunca aceitaria a morte do filho, nunca poderia haver verdadeira paz entre as duas Famílias.

Fosse como fosse, o Don dera-lhe instruções precisas.

Entretanto, dois dos Santadio, Fonsa e ítalo, tinham revistado o quarto de Pippi em busca de armas ou de equipamento de transmissões. O carro alugado de Pippi fora igualmente examinado de uma ponta à outra.

Os Santadio tinham preparado com esmero e prodigalidade o casamento do seu príncipe. Havia grandes cestas de verga cheias de flores exóticas espalhadas por todo o lado. Havia pavilhões de várias cores onde o champagne corria como água. Havia um bobo, envergando um traje medieval, que fazia truques de magia para as crianças, e os altifalantes distribuídos pelo jardim enchiam o ar de música. Cada convidado recebia uma rifa para um prémio de vinte mil dólares, a ser sorteado mais tarde. Que poderia ser mais esplêndido?

Grandes tendas alegremente coloridas, montadas nos relvados esmeradamente tratados, protegiam os convidados contra o calor do deserto.

Tendas verdes sobre a pista de dança, tendas vermelhas sobre o estrado da orquestra. Tendas azuis sobre a quadra de ténis, onde tinham sido reunidos os presentes oferecidos aos noivos. Entre estes presentes contava-se um Mercedes prateado para a noiva e um pequeno avião particular para o noivo, oferta do próprio Don Santadio.

A cerimónia na igreja foi simples e breve, e os convidados regressaram a casa dos Santadio, onde encontraram a orquestra a tocar. Mesas carregadas de comida e três bares diferentes tinham sido instalados em duas vastas tendas, uma decorada com cenas de caçadores a perseguirem javalis, outra com grandes balões de vidro contendo bebidas tropicais exóticas.

Os noivos dançaram a primeira dança num solitário esplendor.

Dançaram à sombra da tenda, com o sol vermelho do deserto a espreitar pelos cantos e a dourar-lhes a felicidade quando passavam pelas manchas de luz.

Estavam tão evidentemente apaixonados que a multidão gritou e aplaudiu.

Nunca Rose Marie parecera tão bela, nem Jimmy Santadio tão jovem.

Quando a banda deixou de tocar, Jimmy foi buscar Pippi ao meio da multidão e apresentou-o aos mais de duzentos convidados.

- Este é o Pippi De Lena, que acompanhou a noiva ao altar, e representa a Família Clericuzio. Ê o meu mais querido amigo. Os seus amigos são meus amigos. Os seus inimigos são meus inimigos. - Ergueu o copo e acrescentou.

- Bebamos todos à sua saúde. E é dele a primeira dança com a noiva.

Enquanto Pippi e Rose Marie dançavam, ela murmurou-lhe ao ouvido: Vais juntar as duas Famílias, não vais, Pippi?

É canja - respondeu Pippi, e fê-la rodopiar.

Pippi foi o rei da festa, nunca se vira convidado mais animado e simpático. Dançou todas as músicas, mais leve e ágil do que os rapazes mais novos. Dançou com Jimmy, e depois com os outros irmãos, Fonsa, ítalo, Benedict, Gino e Louis. Dançou com as crianças e com as matronas. Dançou com o chefe da orquestra e cantou com a banda, truculentas canções em dialecto siciliano. Comeu e bebeu com um tal entusiasmo que o smoking se encheu de nódoas de molho de tomate, dos sumos de frutos dos cocktails de vinho. Lançou as bolas de boccia com tal ardor que durante uma hora foi o centro de todas as atenções.

Depois do jogo, Jimmy Santadio chamou-o à parte.

- Estou a contar contigo para fazer isto resultar - disse-lhe. - Se as nossas duas famílias se juntarem, nada poderá deter-nos. Tu e eu. - Era Jimmy Santadio no seu melhor.

Pippi fez apelo a toda a sua sinceridade para responder:

- Assim será. Assim será. - E perguntou a si mesmo se Jimmy Santadio seria realmente tão sincero como parecia. Mas agora já devia saber que alguém na sua família cometera o crime.

Jimmy pareceu adivinhar-lhe os pensamentos.

Juro-te, Pippi, não tive nada a ver com aquilo - disse. Pegou numa mão de Pippi. - Não tivemos nada ver com a morte do Silvio. Nada. Juro sobre a cabeça do meu pai.

Acredito - respondeu Pippi. - E apertou as mãos de Jimmy. Teve um momento de dúvida, mas já não fazia diferença. Já era demasiado tarde.

O sol vermelho do deserto deu lugar ao crepúsculo, e acenderam-se luzes por toda a propriedade dos Santadio. Foi o sinal para o início do jantar formal. Todos os irmão, Fonsa, ítalo, Gino, Benedict e Louis, brindaram aos noivos. À felicidade daquele casamento, às virtudes especiais de Jimmy, a Pippi De Lena, o seu novo e grande amigo.

Don Santadio estava demasiado doente para deixar o leito, mas enviou as suas mais sentidas felicitações, mencionando a propósito o avião que oferecera ao filho, o que provocou os aplausos da assistência. Depois a noiva cortou uma grande fatia do bolo e levou-a ao quarto do velho. Mas Don Santadio dormia, de modo que a confiaram à enfermeira, que prometeu dar-lhe um pouco quando ele acordasse.

Finalmente, por volta da meia-noite, a festa acabou. Jimmy e Rose Marie retiraram-se para o quarto, dizendo que partiam em lua-de-mel na manhã seguinte e precisavam de descansar. Ao que os convidados responderam com grandes gargalhadas e comentários mais ou menos picantes. Tudo muito alegre e bem humorado.

As centenas de carros abandonaram a propriedade e desapareceram no deserto. Os camiões dos fornecedores foram recarregados, o pessoal desmontou as tendas e juntou as mesas e cadeiras, desfez a plataforma da orquestra e a pista de dança e deu uma rápida volta pelos terrenos para se certificarem de que não ficava lixo. Finalmente, retiraram-se. Tratariam do resto no dia seguinte.

A pedido de Pippi, tinha sido combinado um encontro formal com os cinco irmãos Santadio, para depois de os convidados terem partido.

Trocariam presentes para comemorar a nova amizade entre as duas Famílias.

À meia-noite, reuniram-se na vasta sala de jantar da mansão dos Santadio. Pippi tinha uma mala cheia de relógios Rolex (genuínos, nada de imitações). Havia também um grande quimono japonês decorado com cenas de sexo orientais

pintadas à mão.

Vamos levá-lo já ao Jimmy! - gritou Fonsa.

Demasiado tarde - respondeu jocosamente ítalo. - O Jimmy e a Rose Marie já vão para aí no terceiro assalto.

Riram-se todos.

Lá fora, o luar banhava a propriedade com a sua luz fria e branca. As lanternas chinesas penduradas nos muros punham manchas vermelhas neste lívido esplendor.

Um grande camião, com a palavra CATERING 19 escrita em letras douradas de ambos os lados, deteve-se diante dos portões da propriedade dos Santadio.

Um dos dois guardas aproximou-se, e o condutor disse-lhe que tinham voltado atrás para recolher um gerador que ficara esquecido.

- A esta hora? - estranhou o guarda.

Enquanto ele falava, o ajudante do motorista apeou-se e dirigiu-se ao outro guarda. Ambos os vigilantes estavam pesados da comida e bebida que tinham ingerido durante a festa.

Num único movimento sincronizado, aconteceram duas coisas: o motorista empunhou uma pistola munida de silenciador que trazia entre as pernas e disparou três vezes directamente contra a cara do primeiro guarda.

O seu ajudante agarrou o segundo guarda pelo pescoço, puxou de uma grande faca e, com um gesto largo e rápido, cortou-lhe a garganta.

Os dois homens tombaram mortos no solo. Ouviu-se o suave zumbido de um motor eléctrico, a grande porta metálica do camião desceu rapidamente e vinte soldados dos Clericuzio saltaram para fora. Com os rostos cobertos por máscaras, vestidos de negro, armados com armas munidas de silenciador, chefiados por Giorgio, Petie e Vincent, espalharam-se pelo terreno. Um grupo especial cortou os fios telefónicos. Um outro tomou posições para controlar o exterior. Dez dos homens mascarados, com Giorgio, Petie e Vincent, entraram de rompante na sala de jantar.

Os irmãos Santadio erguiam os copos para brindarem a Pippi, que se afastou deles. Não foram pronunciadas quaisquer palavras. Os assaltantes 19 "Catering" designa o serviço profissional completo de banquetes para casamentos e outras festas. Em Portugal existem já algumas empresas que prestam este tipo de serviço, e o anglicismo parece estar a firmar-se entre nós. Por isso pareceu preferível não o traduzir.

abriram fogo e os cinco irmãos Santadio foram ceifados por uma saraivada de balas. Um dos homens mascarados, Petie, inclinou-se para eles e deu a cada um o golpe de misericórdia, uma bala por baixo do queixo. O chão estava juncado de copos partidos.

Outro dos mascarados, Giorgio, entregou a Pippi uma máscara e umas calças e uma camisola pretas. Pippi mudou rapidamente de roupa e atirou a que despira para dentro de um saco que um terceiro mascarado segurava.

Pippi, ainda desarmado, conduziu Giorgio, Petie e Vincent ao longo do comprido corredor até ao quarto de Don Santadio. Abriu a porta.

Don Santadio tinha finalmente acordado e estava a comer o bolo de noiva. Lançou um olhar aos quatro homens, fez o sinal da cruz e tapou a cara com uma almofada. O prato com o bolo escorregou para o chão.

A enfermeira estava a ler num canto do quarto. Petie saltou para ela como um grande gato, amordaçando-a e amarrando-a à cadeira com uma corda de nylon.

Foi Giorgio quem avançou para a cama. Estendeu suavemente uma mão e tirou a almofada de cima da cara de Don Santadio. Hesitou um instante e então disparou dois tiros, o primeiro num olho, o segundo, que fez saltar o topo da cabeça do velho, apoiando o cano da arma por baixo do queixo.

Reagruparam-se. Vincent armou finalmente Pippi: entregou-lhe uma comprida corda prateada.

Com Pippi a guiá-los, saíram do quarto, voltaram a percorrer o corredor e subiram ao terceiro piso, onde se situava o quarto dos noivos. O

corredor estava cheio de flores e de cestos com fruta.

Pippi fez pressão contra a porta do quarto. Estava trancada. Petie tirou uma das

luvas e pegou numa gazua, com a qual abriu facilmente a porta, que empurrou para trás.

Rose Marie e Jimmy estavam estendidos na cama. Tinham acabado de fazer amor e os seus corpos estavam quase líquidos de sensualidade libertada.

O négligée transparente de Rose Marie enrolara-se-lhe acima da cintura, e as alças caídas expunham os seios. Tinha a mão direita pousada nos cabelos de Jimmy e a esquerda no estômago dele. Jimmy estava completamente nu, mas levantou-se como impulsionado por uma mola ao ver os homens à porta e envolveu-se no lençol. Compreendeu tudo.

- Aqui não. Lá fora - disse, e avançou para eles.

Rose Marie, por uma fracção de segundo, pareceu incapaz de compreender. Quando Jimmy avançou para a porta, tentou agarrá-lo, mas ele esquivou-se-lhe. Saiu para o corredor, rodeado por Giorgio, Petie e Vincent. Então Rose Marie gritou:

- Pippi, Pippi, por favor, não! - Só quando os três mascarados se voltaram para olhar para ela se apercebeu de que eram os seus irmãos.

- Giorgio, Petie, Vincent! Não! Por favor!

Este foi para Pippi o momento mais difícil. Se Rose Marie falasse, a Família Clericuzio estava perdida. O seu dever era matá-la.

O Don não lhe dera instruções específicas a respeito daquilo, mas como poderia ele tolerar a morte da própria filha? E os irmãos dela, obedecer-lhe-iam? E como soubera Rose Marie quem eles eram? Tomou uma decisão. Fechou a porta e ficou no corredor com Jimmy e os outros três.

Naquele ponto, o Don fora explícito. Jimmy Santadio seria estrangulado. Era talvez um sinal de piedade, o facto de não lhe deixar perfurações no corpo que os seus parentes pudessem chorar. Ou talvez viesse de alguma antiga tradição não derramar o sangue de um ente querido sem por isso deixar de lhe dar a morte.

Subitamente, Jimmy Santadio deixou cair o lençol, ergueu as mãos e arrancou a máscara da cara de Pippi. Giorgio agarrou-lhe um braço, Petie o outro. Vincent ajoelhou-se no chão e prendeu-lhe as pernas. Pippi passou a corda pelo pescoço

de Jimmy e dobrou-o para baixo. Jimmy tinha um sorriso enviesado nos lábios, estranhamente cheio de piedade, enquanto olhava Pippi nos olhos: como se soubesse que seria vingado pelo destino ou por qualquer Deus misterioso.

Pippi apertou a corda, Petie ajudou a fazer pressão, e caíram os três no chão do corredor, onde o lençol branco recebeu o corpo de Jimmy Santadio, como um sudário. Dentro do quarto, Rose Marie começou a gritar...

O Don terminara a sua história. Acendeu outra cigarrilha e bebeu um pequeno golo de vinho.

Foi o Pippi que planeou toda a operação - disse Giorgio. - Safá-mo-nos sem problemas e os Santadio foram eliminados. Foi brilhante.

Resolveu tudo - acrescentou Vincent. - Nunca mais voltámos a ter problemas.

Don Clericuzio suspirou. !

- A decisão foi minha, e foi uma decisão errada. Mas como podíamos nós adivinhar que a Rose Marie ia enlouquecer? Estávamos numa crise, e aquela era a nossa oportunidade de desferir um golpe decisivo. Não esqueças que eu não tinha ainda sessenta anos, sobrevalorizava muito o meu poder e a minha inteligência. Pensei, na altura, que, com certeza, ia ser uma tragédia para a minha filha, mas que as viúvas não ficam eternamente de luto.

E eles tinham assassinado o meu filho Silvio. Como poderia eu perdoar uma coisa daquelas, filha ou não filha? Mas aprendi. Não é possível chegar a uma solução razoável com gente estúpida. Devia tê-los liquidado logo ao princípio.

Antes que os dois amantes se conhecessem. Teria salvo o meu filho e a minha filha.

Permaneceu um longo momento calado antes de continuar:

- Portanto, como vês, o Dante é filho do Jimmy Santadio. E tu, Cross, partilhaste um carrinho de bebé com ele quando eram os dois crianças, no vosso primeiro ano nesta casa. Durante todos estes anos tenho tentado compensar o Dante pela perda do pai. Tentei ajudar a minha filha a recuperar do seu desgosto. O Dante foi educado como um Clericuzio e, junta mente com os meus filhos, será meu herdeiro.

Cross tentou compreender o que estava a passar-se. Todo o seu corpo estremeceu de repulsa pelos Clericuzio e pelo mundo em que viviam. Pensou no pai, Pippi, a representar o papel de Satanás, a seduzir os Santadio, arrastando-os para a morte. Como podia um homem assim ser seu pai? Depois pensou em Rose Marie, a tia que tanto amava, a viver todos aqueles anos com o coração e o espírito destroçados, sabendo que o marido fora assassinado pelo pai e pelos irmãos. Que a sua própria família a tinha traído.

Conseguiu até pensar em Dante com alguma piedade, agora que a culpa dele estava estabelecida. E finalmente pensou no Don. Com toda a certeza Don Domenico não acreditava naquela história do assalto. Por que fingiria acreditar, um homem que nunca acreditara em coincidências? Qual era a mensagem?

Cross nunca conseguira compreender Giorgio. Acreditaria ele que se tratara de um simples assalto? Era evidente que Vincent e Petie acreditavam.

Mas agora compreendia a relação especial que existira entre o pai e o Don e os seus três filhos. Tinham estado juntos na chacina dos Santadio. E Pippi poupara a vida a Rose Marie.

E a Rose Marie nunca falou? - perguntou Cross.

Não - respondeu o Don, sardonicamente. - Fez melhor do que isso: enlouqueceu. - Havia uma levíssima nota de orgulho na sua voz. -

Mandei-a para a Sicília e trouxe-a de volta a tempo de o Dante nascer em solo americano. Quem sabe, um dia pode vir a ser presidente dos Estados Unidos. Tinha muitos sonhos para aquele rapaz, mas a mistura de sangue dos Clericuzio e dos Santadio foi demasiado para ele. E sabes o que é mais terrível? - acrescentou. - O teu pai, Pippi, cometeu um erro. Nunca devia ter poupado a Rose Marie, embora eu o tenha amado por isso. - Suspirou, bebeu um golo de vinho e, olhando Cross de frente nos olhos, disse: - Tem cuidado. O mundo é aquilo que é. E tu és aquilo que és.

No avião de regresso a Vegas, Cross ponderou toda aquela charada.

Porque lhe teria o Don finalmente contado a história da guerra contra os Santadio? Para o impedir de ir visitar Rose Marie e ouvir uma versão diferente? Ou fora para o avisar, para lhe dizer que não vingasse a morte do pai porque Dante estava envolvido? O Don era um mistério. Mas de uma coisa tinha Cross a

certeza. Se fora Dante que lhe matara o pai, então Dante teria de matá-lo também a ele. E, com toda a certeza, Don Clericuzio tinha perfeita consciência disso.

Capítulo XIX

Dante Clericuzio não precisava de ouvir esta história. A mãe, Rose Marie, murmurava-lha aos ouvidos desde que ele tinha dois anos: sempre que sofria um dos seus ataques, sempre que a assaltava o desgosto pela perda do marido e do irmão, sempre que o terror que sentia por Pippi e pelos irmãos a invadia.

Era só quando tinha os seus ataques mais graves que Rose Marie acusava o pai, Don Clericuzio, da morte do marido. O Don negava sempre ter dado a ordem, como negava que os filhos e Pippi tivessem levado a cabo a matança. Mas depois de ela o ter acusado duas vezes, despachara-a para a clínica durante um mês. Depois disso, ela gritava e chorava, mas nunca mais voltara a acusá-lo directamente.

Dante, porém, recordava os murmúrios dela. Quando era criança, amara o avô e acreditara na sua inocência. Mas manobrava contra os três tios, embora eles o tratassem sempre com ternura. Especialmente, sonhava vingar-se de Pippi, e embora aquilo fossem apenas fantasias, alimentava-as por amor da mãe.

Quando estava normal, Rose Marie tratava do velho Don Clericuzio com o maior carinho. Para com os três irmãos, tinha cuidados fraternais.

Com Pippi, mostrava-se distante. E porque naquele tempo tinha um rosto tão doce, era-lhe difícil expressar maldade de uma forma convincente. A estrutura dos ossos do rosto, a curva da boca, os olhos meigos de um castanho líquido desmentiam o ódio que lhe enchia o peito. Era com o filho, Dante, que mostrava a sua enorme necessidade de amar, um sentimento que já não era capaz de ter por qualquer outro homem. Cobria-o de prendas e de afecto. Tal como o avô e os tios, mas estes por razões menos puras, um amor enlameado de culpa. Quando Rose Marie estava normal, nunca contava a história ao filho.

Durante os seus ataques, porém, gritava insultos, pragas, até o seu rosto era capaz de se transformar numa feia máscara de fúria. Dante ficava sempre desnorteado. Quando tinha sete anos, uma dúvida insinuou-se-lhe no espírito.

- Como soubeste que era o Pippi? - perguntou à mãe.

Rose Marie riu-se malevolamente. Pareceu a Dante uma bruxa saída de um dos seus livros de histórias.

- Oh, eles julgavam-se muito espertos! - respondeu ela. -Julgavam que tinham planeado tudo muito bem, com as suas máscaras e as suas roupas pretas. Queres saber de que foi que se esqueceram? O Pippi continuava a calçar os seus sapatos de baile. E os teus tios agrupavam-se sempre de uma maneira especial. O Giorgio sempre à frente, o Vincent um pouco atrás, e o Petie sempre à direita. E a maneira como olharam para o Pippi a ver se ele dava a ordem para me matarem. Porque eu os tinha reconhecido. O

modo como cambalearam, como quase recuaram. Mas ter-me-iam morto, disso podes ter a certeza. Os meus próprios irmãos. - Começou então a chorar tão convulsivamente que Dante ficou assustado.

Mesmo com apenas sete anos, já tentava confortá-la.

- O tio Petie nunca te faria mal - disse. - E o Avô matava-os a todos se fizessem.

Não estava muito certo a respeito do tio Giorgio, ou mesmo do tio Vinnie. Mas, no seu coração de criança, era a Pippi que nunca poderia perdoar.

Quando tinha dez anos, Dante aprendera a estar atento aos ataques da mãe, de modo que, quando ela o chamava para lhe contar novamente a história dos Santadio, apressava-se a levá-la para a segurança do quarto, onde o avô e os tios não podiam ouvi-los.

Quando se fizera homem, era demasiado esperto para se deixar enganar por todos os disfarces da Família Clericuzio. Tinha um temperamento tão malicioso e irónico que fazia gala em mostrar ao avô e aos tios que sabia a verdade. E tinha perfeita consciência de que os tios não gostavam muito dele.

Dante fora designado para se juntar ao mundo legal, talvez para ocupar o lugar de Giorgio e aprender as complexidades da alta finança, mas não mostrara o mínimo interesse. Declarara até abertamente aos tios que não estava minimamente interessado nos aspectos "amaricados" dos negócios da Família. Giorgio ouvira-o fazer esta declaração com uma frieza que por momentos assustara o adolescente de dezasseis anos que Dante então era.

- Muito bem - respondera Giorgio, e houvera pena na sua voz, e alguma ira

também. - Será como queres.

Quando deixara o liceu no ano em que terminaria o curso, fora trabalhar para a empresa de Petie no Enclave do Bronx. Dante era um trabalhador esforçado e desenvolvera uma impressionante musculatura no duro trabalho nos estaleiros de construção. Petie juntara-o a grupos de soldados do Enclave do Bronx. Quando atingira a idade suficiente, o Don decretara que o rapaz passaria a ser um soldado sob a chefia de Petie.

O Don só tomara esta decisão depois de ter ouvido os relatórios de Giorgio a respeito do carácter de Dante e de tomar conhecimento de certas coisas que o neto fizera. Era acusado de violação por uma colega do liceu, e de atacar com uma faca um outro colega, um rapaz da sua idade. Dante pedira aos tios que não contassem ao avô, e eles tinham-lho prometido, mas, claro, tinham imediatamente posto o Don ao corrente. Estas acusações tinham sido resolvidas graças ao pagamento de grandes quantias antes de os casos terem chegado a tribunal.

E fora durante os anos de adolescência que os seus ciúmes de Cross De Lena tinham crescido. Cross transformara-se num jovem alto e extraordinariamente atraente, com uma cortesia natural. As mulheres da Família Clericuzio adoravam-no e faziam tudo por ele. As primas namoriscavam-no, coisa que nunca faziam com o neto do Don. Dante, com os seus chapéus renascentistas, o seu humor virulento e o seu corpo baixo e musculoso, assustava-as. E ele era demasiado esperto para não se aperceber de tudo isto.

Quando ia passar algum tempo à cabana de caça, nas Sierras, gostava mais de caçar com armadilhas do que com a arma. Quando se apaixonou por uma das primas, como era perfeitamente natural no clã Clericuzio, extremamente fechado, foi demasiado directo nas suas propostas. E

comportava-se de uma maneira demasiado familiar com as filhas dos soldados da Família que viviam no Enclave do Bronx. Finalmente, Giorgio, que tinha o papel de pai educador e castigador, apresentara-o à dona de um bordel de luxo em Nova Iorque, para o acalmar.

No entanto, a enorme curiosidade de Dante, a sua astúcia e esperteza, fizeram dele o único da sua geração de Clericuzios que sabia exactamente o que a Família fazia. Fora, por isso, finalmente decidido que ele receberia treino

operacional.

A medida que o tempo passava, Dante sentia-se cada vez mais distante da sua família. O Don mostrava-se tão seu amigo como sempre, e assegurava-lhe frequentemente que seria ele o herdeiro do império, mas deixara de partilhar os seus pensamentos com o neto, deixara de dar-lhe conselhos, as suas secretas pérolas de sabedoria. E não apoiava as suas sugestões e idéias em questões de estratégia.

Os tios, Giorgio, Vincent e Petie, não eram tão calorosos no seu afecto como quando ele era criança. Petie, era verdade, parecia-lhe mais um amigo, mas também fora Petie quem o treinara.

Dante era suficientemente esperto para pensar que talvez a culpa fosse sua, por ter revelado o seu conhecimento sobre a matança dos Santadio e do pai. Chegara a fazer a Petie perguntas a respeito de Jimmy Santadio, e o tio dissera-lhe como todos eles o tinham respeitado e lamentado a sua morte.

Nunca era dito abertamente, nunca era admitido, mas Don Clericuzio e os filhos sabiam que Dante conhecia a história verdadeira, que Rose Marie, nos seus ataques, revelara o segredo. Queriam compensá-lo, e por isso tratavam-no como um princepezinho.

O que mais formara o carácter de Dante fora, porém, a pena e o amor que tinha pela mãe. Durante os seus ataques, Rose Marie ateava nele o ódio por Pippi De Lena, isentando o pai e os irmãos.

Todas estas coisas ajudaram Don Clericuzio a tomar a decisão final, porque o Don conseguia ler na mente do neto tão facilmente como no seu livro de orações. O Don chegou à conclusão de que Dante nunca poderia participar na retirada final da Família para o seio da sociedade legal. O

sangue Santadio e (o Don era um homem justo) Clericuzio que lhe corriam nas veias constituíam uma mistura demasiado feroz. Dante juntar-se-ia, portanto, à sociedade de Vincent e Petie, de Giorgio e Pippi De Lena. Bater-se-iam juntos na batalha final.

E Dante provou ser um bom soldado, ainda que incontrolável. Tinha uma independência que violava todas as regras da Família, e numa ou outra ocasião chegara mesmo a desobedecer a ordens específicas. A sua ferocidade era útil

quando algum bruglione mais confuso ou algum soldado mais indisciplinado pisavam o risco e tinham de ser enviados para um mundo menos complicado. Dante não podia ser controlado por ninguém excepto pelo próprio Don, e, misteriosamente, o Don recusava-se a admoestá-lo pessoalmente.

Dante temia pelo futuro da mãe. Esse futuro dependia do Don, e à medida que os ataques de Rose Marie se tornavam mais freqüentes, Dante via o Don tornar-se mais impaciente. Especialmente quando Rose Marie dava o grande espectáculo e traçava um círculo no chão, com um pé, e então cuspia para o centro desse círculo, jurando aos gritos que não voltaria a entrar naquela casa. Era nessas ocasiões que o Don a mandava para a clínica por mais alguns dias.

Por isso Dante acalmava-a e mimava-a até que o ataque lhe passava e ela recuperava a sua doçura habitual. Mas havia sempre o medo de um dia não poder protegê-la. A menos que se tornasse tão poderoso como o próprio Don.

A única pessoa que Dante temia em todo o mundo era o velho Don. Era um sentimento que lhe vinha da sua experiência com o avô quando criança. E

nascia, também, da sensação que tinha de que os filhos de Don Clericuzio o receavam tanto como o amavam. O que lhe parecia espantoso. o Don já passara os oitenta anos, perdera toda a sua força física, raramente saía de casa, até a sua altura tinha diminuído. Temê-lo porquê?

Comia bem, era verdade, tinha uma presença imponente, o único estrago físico que o tempo conseguira causar-lhe fora amolecer-lhe os dentes, de modo que estava reduzido a uma dieta de massas, queijo ralado, legumes cozidos e sopas. As carnes tinham de ser moídas e disfarçadas com molho de tomate.

Fosse como fosse, o velho Don teria de morrer em breve, e isso traria mudanças de poder. E se Pippi se tornasse o braço direito de Giorgio? E se Pippi tomasse o poder pela força? Se isso acontecesse, Cross seria guindado aos mais altos lugares, especialmente agora que se tornara rico graças à herança de Gronevelt.

Havia, pois, razões práticas, afirmava Dante a si mesmo, não era apenas o seu ódio contra Pippi, que ousara criticá-lo junto da sua própria Família.

Dante fizera o seu contacto inicial com Jim Losey quando Giorgio decidira dar-lhe um certo poder e o mandara entregar ao detective o salário que a Família lhe pagava.

Claro que tinham sido tomadas precauções para proteger Dante, no caso de Losey se tornar traidor. Assinaram-se contratos que mostravam que Losey trabalhava, como consultor, para uma empresa de segurança pertencente à Família. O contrato continha uma cláusula de confidencialidade e estipulava que Losey receberia o seu salário em notas. Mas na contabilidade da agência de segurança, estes dinheiros apareciam como despesas, utilizando-se uma empresa-fantasma como recebedora.

Dante fez pagamentos especiais a Losey durante vários anos antes de iniciar um relacionamento mais íntimo. Não se deixava intimidar pela reputação do detective e avaliara-o correctamente como alguém que se encontrava numa altura da vida em que começava a pensar em juntar um bom pé-de-meia para o futuro. Losey tinha o dedo metido numa porção de negócios.

Protegia passadores de droga, recebia dinheiro dos Clericuzio para proteger os corretores de apostas, estava inclusivamente envolvido em manobras de extorsão para obrigar determinados grandes retalhistas a pagarem mais pela protecção que recebiam.

Dante recorreu a todo o seu encanto para causar boa impressão; tanto o seu sentido de humor, retorcido e brutal, como o seu desrespeito por todos os princípios da moral eram de molde a agradar a Losey. Dante reagiu particularmente bem às histórias que o detective contava a respeito da sua guerra contra os negros, que estavam a destruir a civilização ocidental.

Pessoalmente, não tinha quaisquer preconceitos raciais. Os negros não tinham

qualquer influência na sua vida, e se tivessem seriam implacavelmente eliminados.

Dante e Losey tinham um poderoso interesse comum. Eram ambos janotas preocupados com o respectivo aspecto, e ambos tinham o mesmo tipo de impulso sexual para dominar as mulheres. Não exactamente erótico, mas mais como uma expressão de poder. Ganharam o hábito de passar bastante tempo juntos quando Dante estava em Los Angeles. Jantavam os dois e faziam a ronda dos clubes nocturnos. Dante nunca se atrevera a levá-lo a Vegas e ao Xanadu; além disso, era algo que não servia os seus propósitos.

Dante adorava contar a Losey como começava por cortejar as mulheres, e como estas eram exigentes no exercício do poder que a sua beleza lhes conferia. E

como então ele aproveitava esta característica para as colocar numa situação em que não podiam fugir a conceder-lhe, ainda que a contragosto, os seus favores sexuais. Losey, um pouco desdenhoso do truque de Dante, explicava-lhe como dominava as mulheres logo desde o início com a sua extraordinária presença de macho, e depois as humilhava.

Ambos declaravam que nunca forçariam uma mulher que não correspondesse aos seus avanços a ter relações com eles. Ambos concordavam que Athena Aquitane seria uma espécie de primeiro prémio, se alguma vez lhes desse uma hipótese. Quando andavam os dois a deambular pelos clubes nocturnos de L. A. e "engatavam" mulheres, comparavam as respectivas experiências, e riam-se dessas estúpidas que julgavam poder chegar quase até ao extremo limite e depois recusar o acto final. Por vezes os protestos tornavam-se demasiado veementes, e era então que Losey lhes mostrava o crachá de polícia e ameaçava prendê-las por prostituição. Uma vez que muitas delas eram na realidade prostitutas amadoras, a ameaça resultava.

Passavam assim grandes noitadas de farra, orquestradas por Dante.

Losey, quando não estava a contar histórias de "pretos", esforçava-se por definir os vários tipos de prostitutas.

Havia, antes de mais nada, as pegas declaradas, as que estendiam uma mão para receber o dinheiro e agarravam a pica de um homem com a outra. E

depois havia as amadoras, que podiam gostar de um tipo e facilitar-lhe uma queda amistosa, e então, quando o homem se preparava para sair na manhã seguinte, lhe pediam um cheque para ajudar a pagar a renda.

E havia a prostituta amadora, que se apaixonava por um tipo, mas também amava outros homens, e estabelecia uma relação de longo prazo alimentada à custa de ofertas de jóias em todos os dias de festa, incluindo o Dia do Trabalhador. E havia ainda as amadoras puras, as secretárias que trabalhavam das nove às cinco, as hospedeiras de bordo, as empregadas de balcão nas lojas finas, que convidavam um tipo para ir tomar café ao apartamento delas depois de um jantar caro e então tentavam pô-lo a arrefecer no olho da rua sem sequer lhe fazerem um trabalho de mão. Estas eram as suas favoritas. o sexo com elas era excitante, cheio de dramas, lágrimas e pedidos abafados de calma e paciência, o que dava origem a um sexo que era melhor do que o amor.

Certa noite, depois de terem jantado no Le Chinois, um restaurante de Venice, Dante sugeriu um passeio junto à praia. Sentaram-se num banco e ficaram a ver quem passava, belas raparigas de patins, chulos de todas as cores que as perseguiam gritando piropos, as mulheres que vendiam T-shirts decoradas com frases que nenhum dos dois conseguia compreender. Hare Krishnas com as suas malgas, grupos de cantores barbudos com as suas guitarras, grupos familiares com as suas máquinas fotográficas, e, reflectindo-os a todos, o negro oceano, o Pacífico, em cujas praias arenosas casais isolados se escondiam debaixo de mantas convencidos que elas disfarçavam as suas fornicações.

Podia meter na choça toda a gente que aqui está e alegar causa provável

- disse Losey, com uma gargalhada. - Que sacana de zoo!

Incluindo essas garotas bonitas que andam de patins? - perguntou Dante.

A essas prendia-as por usarem os traseiros como armas perigosas.

Não se vêem por aí muitos pretos - comentou Dante.

Losey passeou o olhar pela praia, e quando falou foi com uma razoável imitação do sotaque sulista.

- Acho que tenho sido demasiado injusto para com os meus irmãos de cor. Como os liberais costumam dizer, é tudo por causa de terem sido escravos.

Dante ficou à espera do fim da piada.

Losey entrelaçou as mãos atrás da nuca e puxou o casaco para trás, de modo a mostrar o coldre com a arma e desmotivar quaisquer vadios que quisessem armar-se em espertos. Ninguém lhe prestou atenção, tinham-no identificado como chui a partir do momento em que pusera o pé no passeio.

- A escravatura - continuou. - Desmoralizante. Era uma vida demasiado fácil, e isso tornou-os excessivamente dependentes. A liberdade foi um golpe muito duro. Nas plantações tinham quem cuidasse deles, comiam três refeições por dia, não pagavam renda de casa, vestiam-nos e davam-

-lhes bons cuidados médicos, por serem bens valiosos. Nem sequer eram responsáveis pelos filhos. Imagina. Os donos das plantações comiam-lhes as

filhas e davam aos filhos que lhes faziam emprego para toda a vida.

Claro que trabalhavam, mas passavam a vida a cantar, de modo que não podiam trabalhar assim tanto como isso. Aposto que cinco brancos eram capazes de fazer o trabalho de cem pretos.

Dante achou graça. Estaria Losey a falar a sério? Não tinha importância, estava a expressar um ponto de vista emocional, não um ponto de vista racional, e o que dissera expressava o essencial da sua opinião.

Estavam a divertir-se, a noite estava óptima, o mundo que observavam dava-lhes uma reconfortante sensação de segurança. Aquelas pessoas nunca constituiriam um perigo para eles.

Subitamente, Dante anunciou:

- Tenho uma proposta verdadeiramente importante a fazer-te. Queres começar pelos ganhos ou pelos riscos?

Losey dirigiu-lhe um sorriso.

Primeiro os ganhos, sempre.

Duzentos mil em notas, à cabeça - disse Dante. - Um ano mais tarde, o lugar de chefe da segurança no Xanadu Hotel. Com um salário cinco vezes superior ao que tens agora. Despesas de representação. Carro grande, cama, comida, roupa lavada e todas as miúdas que conseguires comer. Tens o direito de investigar todas as coristas do hotel. Além dos bónus, como ganhas agora. E não terás de correr os riscos que corres agora.

Parece bom de mais para ser verdade. Mas alguém tem de apanhar um tiro, É esse o risco, certo?

Para mim - declarou Dante. - Sou eu que atiro.

Porque não eu? - perguntou Losey. - Tenho um crachá, para tornar a coisa legal.

Porque não viverias seis meses depois disso.

Então o que é que eu tenho de fazer? Cócegas no teu rabo com uma pena?

Dante explicou-lhe a operação. Losey assobiou para expressar a sua admiração pela temeridade e inteligência do plano.

Porquê o Pippi De Lena? - quis saber Losey.

Porque ele está a preparar-se para nos trair.

Losey parecia continuar a ter dúvidas. Seria a primeira vez que cometeria um crime de assassínio a sangue-frio. Dante resolveu dar-lhe mais alguma coisa extra.

Lembras-te do suicídio do Boz Skannet? - perguntou. - Foi o Cross que tratou disso, não pessoalmente, mas através de um tipo chamado Lia Vazzi.

Como é ele? - perguntou Losey. Quando Dante lhe descreveu Vazzi, percebeu que era o homem que acompanhava Skannet quando o interpelara no vestíbulo do hotel. - Onde é que posso encontrar esse Vazzi?

Dante hesitou um longo instante. Estava a fazer algo que violava a única verdadeira lei da Família. Do Don. Mas podia bastar para afastar Cross do seu caminho, e Cross seria alguém a temer depois da morte de Pippi.

- Nunca direi a ninguém de onde me veio a informação - prometeu Losey.

Dante tinha tomado uma decisão. Disse:

Vive numa cabana de caça que a minha família tem nas Sierras. Mas não faças nada antes de liquidarmos o Pippi.

Claro - respondeu Losey. Faria exactamente o que quisesse. - E

recebo os meus duzentos mil à cabeça, certo?

Certo.

Parece-me bem. Uma coisa, se os Clericuzio vierem atrás de mim, despejo o saco.

Não te preocupes - respondeu Dante, amavelmente. - Se ouvir falar disso, mato-te eu primeiro. Agora só falta estudar os pormenores.

Tudo correu como tinham planeado.

Quando Dante disparou seis balas contra o corpo de Pippi e quando Pippi murmurou, chamando-lhe "filho da puta de Santadio", Dante sentiu um júbilo como nunca tinha sentido.

Capítulo XX

Pela primeira vez, Lia Vazzi desobedeceu deliberadamente às ordens do seu chefe, Cross De Lena.

Era inevitável. O detective Losey fizera outra visita à cabana de caça e voltara a fazer perguntas a respeito da morte de Boz Skannet. Lia negara saber sequer quem era Skannet e afirmara encontrar-se por puro acaso no vestíbulo do hotel na altura em que Losey o vira. Losey dera-lhe uma palmada num ombro e depois batera-lhe levemente na cara.

- OK, meu estuporzinho - dissera. - Um destes dias apanho-te.

No seu íntimo, Lia assinara a sentença de morte de Losey. Acontecesse o que acontecesse, e sabia que o seu próprio futuro estava em perigo, Losey não escaparia à sua sorte. Mas ia ter de agir com muito cuidado. A Família Clericuzio tinha regras estritas. Era absolutamente proibido fazer mal a um agente da polícia.

Recordou-se de quando levara Cross ao encontro de Phil Sharkey, o antigo parceiro de Jim Losey. Nunca acreditara que Sharkey se conservasse calado, mesmo com a promessa de mais cinquenta mil dólares. Agora tinha a certeza de que Sharkey falara a Losey daquela conversa e provavelmente o vira a ele, Lia, à espera no carro. Se fosse esse o caso, ele e Cross corriam um perigo imediato. Essencialmente, discordava de Cross quanto àquele ponto: os chuis protegiam-se uns aos outros, exactamente como os mafiosos. Tinham a sua própria omertà.

Recrutou dois dos seus soldados para o acompanharem até Santa Monica, onde Sharkey vivia. Tinha a certeza de que lhe bastaria falar com ele para saber se o homem informara ou não Jim Losey a respeito da visita de Cross.

O jardim da casa de Sharkey estava deserto, o relvado vazio, à excepção do cortador de relva abandonado. Mas a porta da garagem estava aberta, e havia um carro lá dentro. Lia subiu o caminho de cimento e premiu o botão da campainha.

Não houve resposta. Continuou a tocar. Experimentou o puxador. A porta não estava fechada, havia que tomar uma decisão.

Devia entrar ou retirar-se imediatamente? Limpou as impressões digitais que deixara no puxador e no botão da campainha com a ponta da gravata.

Depois empurrou a porta, entrou no pequeno vestíbulo e gritou o nome de Sharkey. Não houve resposta.

Percorreu a casa. Os dois quartos de dormir estavam desertos: viu dentro dos armários e debaixo da cama. Revistou a sala, procurando debaixo do sofá e entre as almofadas. Depois foi à cozinha e ao pátio das traseiras em cima de cuja mesa havia um pacote de leite e um prato de papel com uma sanduíche de queijo meio comida.

Na cozinha havia uma porta com travessas oblíquas. Lia abriu-a e descobriu uma arrecadação que ficava apenas dois degraus mais abaixo, uma espécie de cave sem janelas.

Desceu os dois degraus e espreitou para trás de um monte de velhas bicicletas. Abriu um armário de grandes portas, onde estava pendurado um uniforme de polícia. No chão havia um par de sapatos pretos de sola grossa e, em cima dos sapatos, o boné do uniforme, com o seu galão dourado. E mais nada.

Aproximou-se do baú colocado num canto e levantou a tampa.

Era surpreendentemente leve. O interior estava cheio até acima de mantas cinzentas, cuidadosamente dobradas.

Voltou à cozinha, saiu para o pátio e ficou a olhar para o oceano.

Enterrar o corpo na areia era demasiado arriscado, de modo que pôs a idéia de parte. Talvez alguém tivesse levado o cadáver de Sharkey. Mas, para o assassino, o risco de ser visto teria sido demasiado grande. Além disso, Sharkey não seria um homem fácil de matar. Portanto, pensou, se estava morto, o seu corpo continuava dentro de casa. Regressou imediatamente à cave e começou a tirar as mantas do baú. E, como já esperava, no fundo encontrou primeiro a grande cabeça, e depois o corpo magro. Havia um buraco no lugar do olho direito de Sharkey, sobre o qual se tinha formado uma fina rodela de sangue, como uma moeda vermelha. A pele do rosto, que a morte tornara cerosa, estava salpicada de

pontos pretos. Lia, um Homem Qualificado, soube exactamente o que aquilo significava. Alguém em quem Sharkey confiava tivera a possibilidade de se aproximar o suficiente para o atingir à queima-roupa num olho: aqueles pontos negros eram marcas de pólvora.

Lia voltou a dobrar cuidadosamente as mantas, colocou-as em cima do corpo e abandonou a casa. Não deixara quaisquer impressões digitais, mas tinha consciência de que algumas fibras das mantas deviam ter aderido às suas roupas. E aos sapatos também. Ordenou aos seus soldados que o levassem ao aeroporto, e, enquanto esperava pelo avião que o transportaria a Las Vegas, comprou um novo conjunto de roupas, incluindo sapatos, numa das lojas. Em seguida adquiriu um saco de viagem, onde enfiou as roupas que tinha despido.

Em Vegas, instalou-se no Xanadu e deixou uma mensagem para Cross.

Depois tomou um longo duche e voltou a vestir as roupas que comprara.

Esperou que Cross o chamasse.

Quando isso aconteceu, disse-lhe que ia subir para falar com ele. Levou consigo o saco com as roupas que usara em L. A. e a primeira coisa que disse a Cross foi:

- Acabas de poupar cinqüenta mil.

Cross olhou para ele e sorriu. Lia, habitualmente discreto no vestir, comprara uma camisa florida, calças de ganga azul e um casaco leve, também azul. Parecia um dos batoteiros de baixa extracção que rondavam pelos casinos.

Lia contou-lhe o que acontecera com Sharkey. Tentou justificar as suas acções, mas Cross afastou as explicações com um gesto.

Estás metido nisto comigo, tens o direito de te protegeres. Mas o que é que isso significa?

E simples - respondeu Lia. - O Sharkey era a única pessoa que podia relacionar o Losey com o Dante. O Dante mandou o Losey liquidar o antigo parceiro.

- Como raio pôde o Sharkey ser tão estúpido? Lia encolheu os ombros.

Deve ter pensado que podia sacar algum ao Losey e mesmo assim ficar com os

teus cinqüenta mil. Sabia que o Losey havia de estar a jogar forte, por causa do dinheiro que lhe ofereceste. Ao fim e ao cabo, tinha sido detective durante vinte e cinco anos, era capaz de perceber estas coisas.

E nunca lhe passou pela cabeça que o Losey o matasse, o seu velho parceiro.

Não contou com o Dante.

Foi uma medida extrema - comentou Cross.

Nesta situação, não podem permitir um jogador extra. Devo dizer que estou surpreendido por o Dante se ter apercebido desse perigo. Deve ter convencido o Losey, que com certeza não queria matar o seu antigo parceiro. Todos nós temos os nossos sentimentalismos.

Portanto, agora o Dante controla o Losey - disse Cross. - Sempre pensei que o Losey fosse mais duro.

Estás a falar de dois animais de espécies diferentes. O Losey é temível, o Dante é louco.

Nesse caso, o Dante sabe que eu sei que foi ele.

O que quer dizer que tenho de agir rapidamente - afirmou Lia.

Cross assentiu.

Vai ter de ser uma Comunhão. Têm de desaparecer os dois.

Lia riu-se.

Pensas que isso vai enganar Don Clericuzio? - perguntou.

Se planearmos tudo bem, ninguém poderá acusar-nos - respondeu Cross.

Lia passou os três dias seguintes com Cross, a rever os planos.

Entretanto, queimou pessoalmente as suas antigas roupas no incinerador do hotel. Cross praticou fazendo uns solitários dezoito buracos no campo de golfe, com Lia a acompanhá-lo para conduzir o carrinho eléctrico. Lia não conseguia compreender a popularidade do golfe entre os membros das Famílias.

Para ele, era uma bizarra aberração. , Na noite do terceiro dia, estavam os dois sentados na varanda da suite de Cross. En cima da mesa havia uma caixa de charutos e uma garrafa de brandy. Observavam a multidão que enchia a Strip, lá em baixo.

- Por muito espertos que eles sejam, a minha morte tão cedo depois da do meu pai comprometeria o Dante junto do Don - disse Cross. -Acho que posso esperar.

Lia aspirou o fumo do charuto.

Não muito tempo. Agora já sabem que falaste com o Sharkey.

Temos de apanhá-los aos dois ao mesmo tempo. Lembra-te, terá de ser uma Comunhão. E preciso que os corpos nunca sejam encontrados.

Estás a pôr o carro à frente dos bois. A primeira coisa é assegurar-mo-nos de que podemos matá-los.

Cross suspirou.

Vai ser muito difícil. O Losey é um homem perigoso, e muito cauteloso. E o Dante é um lutador. Temos de isolá-los num lugar. Podemos fazê-lo em Los Angeles?

Não - respondeu Lia. - é o território do Losey. Aí é demasiado complicado. Terá de ser em Vegas.

E infringir as regras.

Se for uma Comunhão, ninguém saberá onde foram mortos. Ejá estamos a infringir as regras matando um polícia.

Acho que sei como atraí-los a Las Vegas ao mesmo tempo - disse Cross. E explicou o seu plano a Lia.

Vamos ter de usar mais isco - disse Lia. - Temos de ter a certeza de que o Losey e o Dante vêm quando os quisermos cá.

Cross bebeu um golo de brandy.

OK, que tal isto, como isco? - Explicou a Lia, que aprovou com a cabeça. - A morte deles será a nossa salvação. E enganará toda a gente.

Excepto Don Clericuzio - disse Lia. - E ele o único que temos de temer.

Livro VIII

Comunhão.

Capítulo XXI

Foi uma sorte Steve Stallings só ter morrido depois de a última cena de Messalina ter sido filmada. Caso contrário, teria custado ao estúdio milhões de dólares em repetições.

A última cena a ser filmada foi uma batalha que, na realidade, acontecia mais ou menos a meio do filme. A equipa estava instalada numa pequena cidade do deserto a oitenta quilómetros de Las Vegas, perto do

"acampamento" do exército persa que ia ser desbaratado pelo imperador Cláudio (Steve Stallings) acompanhado pela esposa, Messalina (Athena).

No final do dia, Steve Stallings retirou-se para a sua suíte no hotel da pequena povoação. Tinha a sua cocaína, o seu champagne e duas companheiras para passar a noite, e estava disposto a desancar toda a gente; estava, na verdade, muito chateado. Para começar, o seu papel no filme fora reduzido ao de uma figura secundária. Bem se apercebia de que estava a iniciar uma nova carreira, de segundo plano, a sorte inevitável das estrelas em fase de envelhecimento. Depois, Athena mostrara-se distante durante toda a filmagem, e ele esperara mais. Além disso - e isto era, ele próprio o sentia, um pouco infantil - durante a festa de encerramento e a tradicional projecção do filme "em bruto" não receberia o tratamento normalmente reservado às estrelas: não lhe fora oferecida uma das famosas villas do Xanadu.

Depois dos seus muitos anos no mundo do cinema, Steve Stallings conhecia bem o funcionamento da estrutura do poder. Nos tempos em que era uma Estrela Cotável, podia impor-se a toda a gente. Teoricamente, o director dos estúdios era o patrão, era ele quem dava a luz verde para um filme.

Um produtor poderoso, que levasse um valor para o estúdio, era também patrão; juntava os diversos elementos - as estrelas, o realizador, o argumento -, supervisionava o desenvolvimento da história e angariava fundos independentes de pessoas que apareciam no genérico como co-produtores, mas não tinham

qualquer poder. Durante esse período, era ele o patrão.

Quando as filmagens começavam, porém, o patrão era o realizador.

Desde que fosse um realizador Classe A, ou um ainda mais poderoso Realizador Cotável (ou seja, um capaz de garantir uma presença maciça de público durante as primeiras semanas de exibição e de atrair Estrelas Cotáveis para participarem no filme).

O realizador exercia um controlo completo sobre o filme. Tudo tinha de passar por ele. O guarda-roupa, a música, os cenários, a maneira como os actores representavam. Além disso, a Associação dos Realizadores era o sindicato mais poderoso da indústria do cinema. Nenhum realizador de nome aceitaria substituir outro que tivesse sido afastado.

Todas estas pessoas, no entanto, poderosas como eram, tinham de inclinar-se diante da Estrela Cotável. Um realizador que tivesse duas Estrelas Cotáveis no mesmo filme era como um homem montado em dois cavalos selvagens. Ficava com os tomates espalhados aos quatro ventos.

Steve Stallings tinha sido uma dessas estrelas, e sabia que já não era.

As filmagens daquele dia tinham sido fisicamente esgotantes e Steve Stallings precisava de se descontrair. Tomou um duche, comeu um grande bife, e quando as duas raparigas apareceram - garotas locais e nada más, por sinal -, ofereceu-lhes cocaína e champagne. Por uma vez, abandonou a prudência habitual: ao fim e ao cabo, a sua carreira estava a chegar ao fim e já não precisava verdadeiramente de ter cuidado. Abusou da cocaína.

As duas jovens usavam T-shirts que tinham estampada a frase STEVE STALLINGS ASS KISSERS 20, uma homenagem às nádegas de Steve, admiradas por fãs no mundo inteiro, tanto homens como mulheres.

Mostraram-se adequadamente maravilhadas, e foi só depois da cocaína que despiram as T-shirts e foram para a cama com ele, o que teve o condão de o animar um pouco. Aspirou mais uma dose de cocaína. As raparigas estavam a acariciá-lo, a despir-lhe a camisa e as calças. Stallings pôs-se a sonhar acordado enquanto as duas lhe mexiam, sentindo-se cada vez mais descontraído.

No dia seguinte, durante a festa de encerramento, ia rever todas as suas

conquistas. Tinha ido para a cama com Athena Aquitane, tinha ido para a 20 A frase traduz-se literalmente por "AQUELES (neste caso aquelas) QUE BEIJAM O RABO

A STEVE STALLINGS", mas a expressão "ass kisser" corresponde semanticamente a "lambe botas" ou, num sentido mais lato e menos pejorativo, "fã". Aqui é usada com ambos os significados. Daí a não tradução. E a nota.

cama com Claudia, que escrevera o argumento, tinha ido para a cama com Dita Tommey, muitos anos antes, quando ela não estava ainda plenamente convencida da sua verdadeira orientação sexual. Tinha ido para a cama com a mulher de Bobby Bantz e, embora essa já não contasse, uma vez que tinha morrido, também com a mulher de Skippy Deere. Tinha sempre uma sensação de virtuosa realização quando, num jantar, olhava à sua volta e via aquelas mulheres placidamente sentadas ao lado dos maridos. Conhecia-as intimamente a todas.

Houve uma distração. Uma das raparigas estava a enfiar-lhe um dedo no ânus, e isso era uma coisa que o incomodava sempre. Tinha hemorróidas.

Levantou-se da cama para ir aspirar mais uma dose de cocaína e beber um trago de champagne, mas o vinho caiu-lhe mal. Sentiu-se agoniado e desorientado. Não sabia muito bem onde estava.

Subitamente, teve consciência de uma grande fadiga: os joelhos dobraram-se-lhe, o copo caiu-lhe da mão. Estava tonto. Muito ao longe, ouviu uma das raparigas gritar e ficou furioso com ela por ter gritado; a última coisa que sentiu foi um relâmpago que lhe explodiu na cabeça.

O que aconteceu a seguir só podia ter acontecido em conseqüência de uma combinação de estupidez e malícia. Uma das raparigas gritara porque Steve Stallings tinha caído na cama por cima dela e ficara ali estendido, imóvel, de boca aberta e olhos fixos, tão evidentemente morto que ambas entraram em pânico e puseram-se aos berros. Os gritos atraíram o pessoal do hotel e algumas das pessoas que nesse momento estavam a jogar no minúsculo casino contíguo ao vestíbulo, que oferecia meia dúzia de slot-machines, uma mesa de dados e uma grande mesa redonda, para o poker. Toda esta gente seguiu os gritos e subiu ao primeiro piso.

Havia, à entrada do quarto de Stallings, cuja porta estava aberta, diversas pessoas a olharem embasbacadas para o corpo estendido em cima da cama. No

que deu a impressão de serem apenas uns poucos minutos, juntou-se ali uma autêntica multidão de gente vinda da rua, centenas de pessoas. Invadiram o quarto e começaram a tocar no corpo.

Ao princípio foram apenas tímidos toques cheios de reverência pelo homem que fizera mulheres de todos os cantos do mundo apaixonarem-se por ele. Então, algumas mulheres beijaram-no, outras tocaram-lhe nos testículos, no pénis, uma mulher tirou uma tesoura da bolsa e cortou-lhe uma grande madeixa de cabelos negros e brilhantes, expondo a penugem grisalha junto ao crânio.

O mal entrou em cena porque Skippy Deere tinha sido um dos primeiros a chegar e não se dera ao trabalho de chamar imediatamente a polícia. Ficou a ver a primeira vaga de mulheres aproximar-se do corpo de Steve Stallings. De onde estava assistiu a tudo. Stallings tinha a boca aberta, como se tivesse sido apanhado a cantar, e havia no seu rosto uma expressão de espanto.

A primeira mulher que chegou junto dele - Deere viu-a claramente -

fechou-lhe suavemente os olhos e a boca antes de lhe beijar a testa. Mas foi afastada pela vaga seguinte, que se revelou muito menos comedida. E

Deere sentiu a malícia dentro de si, os cornos que Stallings lhe pusera anos antes como que vibraram, e deixou a invasão continuar. Stallings costumava gabar-se de que nenhuma mulher conseguia resistir-lhe, e era indubitavelmente verdade. Mesmo morto, as mulheres acariciavam-lhe o corpo.

Só quando um pedaço de uma orelha de Steve Stallings desapareceu e o corpo, mortalmente pálido, foi voltado de lado para pôr à mostra as célebres nádegas, Deere chamou finalmente a polícia e assumiu o controlo da situação para resolver todos os problemas. Era o que os produtores faziam.

Era esse o seu forte.

Skippy Deere tomou todas as medidas necessárias para que o corpo fosse imediatamente autopsiado e em seguida enviado para Los Angeles, onde se celebrariam as exéquias três dias mais tarde.

A autópsia revelou que Steve Stallings morrera em consequência de um aneurisma cerebral que, ao explodir, lhe despejou na cabeça todo o sangue do corpo.

Deere descobriu as duas raparigas que tinham estado com ele e prometeu-lhes que não seriam acusadas de uso de estupefacientes e que seriam contratadas para desempenharem pequenos papéis num novo filme que ia produzir. Pagar-lhes-ia mil dólares por semana durante dois anos.

Havia, porém, uma cláusula nos termos da qual o contrato seria anulado se qualquer delas falasse fosse com quem fosse a respeito da morte de Stallings.

Telefonou então a Bobby Bantz, em Los Angeles, e explicou-lhe o que tinha feito. Telefonou também a Dita Tommey, para lhe dar a notícia e pedir-lhe que dissesse a todo o pessoal que participara no filme, abaixo e acima da linha, que eram, sem excepção, esperados em Las Vegas para a projecção e a festa de encerramento. Depois, mais abalado do que gostaria de admitir, tomou dois Halcions e foi dormir.

Capítulo XXII

A morte de Steve Stallings não afectou a projecção nem a festa de encerramento marcadas para Vegas. Skippy Deere não o permitiria. E a estrutura emocional da feitura de um filme era assim mesmo. Era verdade que Steve Stallings fora uma estrela, mas já deixara de ser uma Estrela Cotável.

Era verdade que amara muitas mulheres nos seus corpos, e milhões de outras apenas nos seus espíritos, mas o seu amor nunca fora mais do que prazer recíproco. Até as mulheres do filme, Athena, Claudia, Dita e as três outras estrelas em papéis secundários, ficaram muito menos desgostosas do que qualquer romântico teria podido imaginar. Todos estavam de acordo que Steve Stallings teria querido que o espectáculo continuasse, e nada o perturbaria mais do que saber que a festa de encerramento e a projecção privada tinham sido canceladas por causa da sua morte.

Na indústria do cinema, diz-se adeus à maior parte dos amantes no fim de um filme, tão delicadamente como nos bailes de outros tempos se agradecia ao par no fim de uma dança.

Skippy Deere afirmava que tinha sido ideia sua fazer a festa de encerramento no Xanadu e mostrar uma cópia muito "em bruto" do filme nessa mesma noite. Sabia que Athena ia partir para o estrangeiro nos próximos dias e queria ter a certeza que não seria necessário repetir qualquer cena em que ela entrasse.

Na realidade, porém, fora Cross quem sugerira a idéia de fazer a festa e a projecção no Xanadu. Pedira-o até como um favor.

- Será uma óptima publicidade para o Xanadu - dissera a Deere. - Em troca, ofereço a toda a gente que participou no filme, e a quem vocês convidarem, uma noite grátis: quarto, comida e bebida. Dou-te a ti e ao Bantz uma villa. Forneço a segurança, de modo que ninguém que vocês não queiram... como a imprensa... tenha acesso à sala de projecção. Há anos que andas a gritar por uma villa.

Deere ponderou a proposta.

- Só por uma questão de publicidade? - perguntou. Cross sorriu-lhe.

Além disso, vocês têm centenas de pessoas cheias de massa. O casino vai ficar com uma boa parte desse dinheiro. O Bantz não joga - disse Deere.

- Eu sim. Vais ficar com o meu dinheiro.

Dou-te cinqüenta mil de crédito. Se perderes, não insistiremos no pagamento.

Esta convenceu Deere.

OK. Mas a ideia tem de partir de mim. Caso contrário, não consigo vendê-la aos estúdios.

Claro - anuiu Cross. - Mas, Skippy, tu e eu fizemos muita coisa juntos. E eu saí sempre a perder. Desta vez é diferente. Desta vez tens de cumprir. - Sorriu a Deere. - Desta vez não podes desiludir-me.

Por uma das poucas vezes na sua vida, Deere sentiu uma pontada de apreensão, e nem sequer saberia dizer porquê. Cross não estava a ameaçá-lo.

O seu sorriso era afável, parecia estar apenas a expor um facto.

- Não te preocupes - respondeu. - Acabamos as filmagens dentro de três semanas. Faz os teus planos para essa altura.

Depois, Cross teve de se certificar de que Athena estaria presente na festa e na projecção.

- Preciso mesmo que venhas, por causa do hotel, e preciso de uma oportunidade para estar contigo.

Athena concordou. Faltava agora ter a certeza que Dante e Losey lá estariam também.

Convidou Dante a ir a Las Vegas para conversarem a respeito da LoddStone e dos planos de Losey para fazer um filme baseado na sua aventurosa vida policial. Toda a gente sabia que Dante e o detective se tinham tornado grandes amigos.

- Quero que digas uma palavrinha a meu favor ao Jim Losey - disse Cross a Dante. - Quero ser coprodutor do filme e estou disposto a financiar metade do orçamento.

Dante pareceu divertido.

- Estás mesmo interessado no negócio do cinema - observou. - Porquê?

Muita massa - respondeu Cross. - E miúdas. Dante riu-se.

Muita massa e miúdas já tu tens agora.

Classe - explicou Cross. - Muita massa e miúdas com classe.

- Porque é que não me convidas para essa festa? - perguntou Dante.

- E por que raio é que nunca me ofereceste uma villdi - Fala ao Losey, e tens as duas coisas - prometeu Cross. - Traz o Losey. Além disso, se estiveres interessado numa garota, arranjo-te a Tiffany. Já a viste no espectáculo.

Para Dante, Tiffany era a personificação máxima da pura luxúria, com os seus seios grandes e firmes, o seu rosto alongado de lábios cheios e boca larga, as suas pernas altas e perfeitas. Pela primeira vez, pareceu entusiasmado.

- A sério? - perguntou. - Ela tem o dobro da minha altura. Imagina!

Está combinado.

Era quase demasiado óbvio, mas Cross esperava que a proibição de qualquer

violência em Vegas, imposta por todas as Famílias, esbatesse uma eventual desconfiança por parte de Dante.

Então Cross acrescentou, como que por acaso:

- Até a Athena vai estar cá. E ela é a principal razão por que quero continuar no negócio do cinema.

Bobby Bantz, Melo Stuart e Claudia voaram até Vegas no jacto da Lodd-Stone. Athena e o resto do elenco chegaram do local das filmagens nas suas roulotes invididuais, tal como Dita Tommey. O senador Wavven representaria o estado do Nevada, juntamente com o governador que lhe sucedera e que fora escolhido para o lugar pelo próprio Wawen.

Dante e Losey teriam dois apartamentos numa das villas. Lia Vazzi e os seus homens ocupariam os restantes quatro.

O senador Wawen, o governador e os respectivos séquitos ficariam instalados noutra villa. Cross organizara-lhes um jantar privado, com algumas bailarinas escolhidas. Esperava que a presença deles ajudasse a cortar o ímpeto a qualquer investigação que viesse a ser feita sobre o que ia acontecer. Que usassem a sua influência política para abafar a publicidade e as diligências policiais.

Cross estava a violar todas as regras. Athena tinha uma villa, mas Claudia, Dita Tommey e Molly Flanders também tinham apartamentos nessa villa. Os dois apartamentos restantes albergavam uma equipa de quatro homens do grupo de Lia Vazzi, para guardar Athena.

A quarta villa foi atribuída a Bantz, Skippy Deere e respectivos acompanhantes. As três villas restantes foram ocupadas por vinte homens de Lia, que substituiriam os habituais membros da segurança. No entanto, nenhuma das equipas de Lia participaria na acção, nenhum dos homens estava ao corrente das verdadeiras intenções de Cross. Lia e ele próprio seriam os dois únicos executores.

Cross fechou o casino privativo das villas por dois dias. A maior parte do pessoal de Hollywood, por muito que ganhasse, não podia dar-se ao luxo de jogar ali. Os clientes super-ricos que já tinham feito reservas foram informados que as villas estavam a sofrer reparações e melhoramentos e não poderiam recebê-los.

No seu plano, Cross e Lia tinham decidido que o primeiro mataria Dante e o segundo se encarregaria de Losey. Se o Don decidisse que eles eram culpados e descobrisse que Lia matara Dante, era capaz de mandar liquidar toda a sua família. Ao passo que, se descobrisse a verdade, não estenderia a sua vingança a Claudia. Ao fim e ao cabo, ela tinha nas veias sangue dos Clericuzio.

Além disso, Lia tinha uma vendetta pessoal contra Jim Losey. Odiava todos os representantes do governo, e porque não misturar um pouco de prazer àquele perigoso negócio?

O verdadeiro problema era como isolar os dois homens e fazer desaparecer os corpos. Sempre fora uma regra de todas as Famílias da América que nenhuma execução podia ser levada a cabo em Las Vegas, isto para preservar a aceitação pública do jogo. O Don era um intransigente apoiante dessa regra.

Cross esperava que Dante e Losey não suspeitassem de uma armadilha.

Não sabiam que Lia descobrira o corpo de Sharkey e estava, por conseguinte, ao corrente dos seus intuitos. O outro problema era como prepararem-se para o ataque de Dante contra Cross. Foi então que Lia infiltrou um espião no campo de Dante.

Molly Flanders chegou mais cedo no dia da festa. Ela e Cross tinham negócios a tratar. Acompanhavam-na um juiz do Supremo Tribunal da Califórnia e o bispo da diocese católica de Los Angeles. Serviriam de testemunhas quando Cross assinasse o testamento que ela também preparara e levava consigo. Cross sabia que as suas probabilidades de continuar vivo eram poucas, e reflectira seriamente sobre a quem deixar a sua metade do Xanadu. Eram quinhentos milhões de dólares, uma quantia muitíssimo considerável.

O testamento deixava à mulher e aos filhos de Lia uma confortável pensão vitalícia. O resto era dividido entre Claudia e Athena, ficando a parte de Athena depositada num fundo que ela administraria em nome da filha, Bethany. Chocou-o um pouco descobrir que não havia no mundo mais ninguém de quem ele gostasse o suficiente para lhe legar o seu dinheiro.

Quando Molly, o juiz e o bispo chegaram à suite no terraço, o juiz felicitou-o pelo bom senso que revelava ao fazer o testamento ainda tão novo. O bispo avaliou calmamente o luxo da suite, como que a calcular o salário do pecado.

Eram ambos bons amigos de Molly, que em diversas ocasiões trabalhara pro bono^ para qualquer deles. Estava agora a valer-se desses favores a pedido expresso de Cross. Cross queria testemunhas que não pudessem ser subornadas nem intimidadas pelos Clericuzio.

Cross ofereceu-lhes bebidas, e procedeu-se à assinatura do testamento.

Os dois homens saíram; embora tivessem sido convidados, não quiseram manchar as suas reputações assistindo à festa de encerramento de um filme nesse inferno do jogo que era Las Vegas. Não eram, ao fim e ao cabo, funcionários eleitos do estado.

Cross e Molly ficaram sozinhos na suite. Molly entregou-lhe o original do testamento.

Ficou com uma cópia para si, não é verdade? - perguntou Cross.

Evidentemente - respondeu Molly. - Tenho de confessar que fiquei surpreendida quando me deu as suas instruções. Não fazia idéia que o Cross e a Athena fossem tão chegados. E além disso, ela já é bastante rica por direito próprio.

Pode vir a precisar de mais dinheiro do que tem.

Por causa da filha? Eu sei o que se passa. Sou a advogada particular da Athena. Tem razão, a Bethany pode vir a precisar desse dinheiro. Tinha uma idéia diferente a seu respeito.

Sim? - perguntou Cross. - E qual era?

Estava convencida que foi o Cross quem despachou o Boz Skannet -

respondeu Molly, tranquilamente. - Imaginava-o um mafioso sem piedade.

embro-me do pobre do garoto que safei de uma acusação de assassínio. E que o Cross se referiu a ele. E que ele foi supostamente morto num caso de droga.

- E agora vê como estava enganada - disse Cross, com um sorriso.

Molly olhou-o friamente.

E fiquei muito espantada quando deixou o Bobby Bantz lixar-lhe a sua parte dos lucros no Messalina.

Isso foi uma coisa sem importância - respondeu Cross, pensando no Don e em David Redfellow.

A Athena parte para França depois de amanhã. Vai lá ficar algum tempo. Vai com ela?

Não. Tenho aqui muito que fazer.

OK. Encontramo-nos na projecção do filme e na festa. Talvez fique com uma idéia da fortuna que o Bantz lhe roubou. Não tem importância -

afirmou Cross.

Probo no publico: a bem (ou a favor) do público. Ou seja, gratuitamente.

Sabe que a Dita pôs uma menção no começo do filme, a dizer:

"Dedicado a Steve Stallings"? O Bantz ficou chateado a valer.

Porquê? - perguntou Cross.

Porque o Steve levou para a cama todas as mulheres que ele não conseguiu levar - respondeu Molly. - Os homens são mesmo uma merda

- acrescentou. E saiu.

Cross foi sentar-se na varanda. A grande rua de Vegas, lá em baixo, estava apinhada de gente que entrava e saía dos hotéis-casinos que formavam uma linha ininterrupta de um e do outro lado. Os grandes anúncios de néon gritavam os seus nomes: Caesars, o Sands, o Mirage, o Alladin, o Desert Inn, o Stardust - púrpuras, vermelhos e verdes, um arco-íris que só terminava quando se erguia os olhos para o deserto e as montanhas que ficavam para além deles. O ofuscante sol do princípio da tarde não conseguia empanar-lhes o brilho.

O pessoal de Messalina não começaria a chegar antes das três, e então veria Athena pela última vez, se as coisas corressem mal. Pegou no telefone da varanda, ligou para a villa onde tinha instalado Lia Vazzi e pediu-lhe que fosse

ter com ele à suíte do terraço para poderem rever os planos mais uma vez.

As filmagens de Messalina terminaram ao meio-dia. Dita Tommey quisera que a última imagem fosse a do sol a iluminar a terrível carnificina do campo de batalha que Athena e Steve Stallings contemplavam do alto de uma duna. Usara um duplo no lugar de Stallings, disfarçando-lhe o rosto com uma sombra. Eram quase três da tarde quando o camião das câmaras, as grandes roulotes que serviam de casas durante os exteriores, as cozinhas móveis, as roulotes do guarda-roupa e os veículos que transportavam as armas do tempo de Cristo entraram em Vegas. Vieram muitos outros, porque Cross resolvera tratar aquela ocasião ao velho estilo de Vegas.

Convidara todos os que tinham trabalhado em Messalina, acima e abaixo da linha, oferecendo quarto, comida e bebida. A LoddStone Studios fornecera uma lista de mais de trezentos nomes. Era sem dúvida generoso, ia sem dúvida criar muitas boas vontades. Mas aquelas trezentas pessoas deixariam uma boa parte dos seus salários nas caixas do casino. Como Gronevelt costumava dizer: "Quando as pessoas se sentem felizes, quando querem comemorar, jogam."

A versão "em bruto" do filme Messalina, sem música nem efeitos especiais, seria projectada às dez da noite. Depois da projecção teria lugar a festa de encerramento. O enorme salão de baile de Xanadu, onde decorrera a festa oferecida a Big Tim, foi dividido em duas partes. Uma para a projecção do filme, a outra, maior, para o banquete e a orquestra.

Às quatro da tarde, estava toda a gente instalada no hotel e nas villas.

Ninguém queria faltar: tudo gratuito na convergência de dois mundos fascinantes, Hollywood e Las Vegas.

Os representantes da imprensa ficaram furiosos com as rigorosas medidas de segurança. Foi-lhes vedado o acesso à área das villas e ao salão de baile. Não era sequer possível fotografar os participantes daquele glamoroso acontecimento. Nem as estrelas do filme, a realizadora, o senador e o governador, o produtor ou o director do estúdio. Não podiam assistir à projecção do filme. Começaram a andar pelo casino, oferecendo subornos enormes aos membros menos importantes da equipa a troco dos cartões de identidade que davam acesso ao salão. Alguns foram bem sucedidos.

Quatro membros da equipa de filmagem, dois duplos mais cínicos e duas

mulheres da empresa que fornecia as refeições, venderam os seus CIs aos repórteres por mil dólares cada.

Dante Clericuzio e Jim Losey estavam a gozar o luxo da sua villa. Losey abanou a cabeça, num gesto de admiração.

Um gatuno podia viver um ano só do ouro que há na casa de banho!

- exclamou.

Não, não podia - respondeu Dante. - Estaria morto dentro de seis meses.

Estavam sentados na sala de estar do apartamento de Dante. Não tinham feito qualquer encomenda ao serviço de quartos porque o grande frigorífico da cozinha estava repleto de travessas de pequenas sanduíches e canapés de caviar, garrafas de cerveja importada e os melhores vinhos.

Estamos bem instalados, eh? - comentou Losey.

Podes dizê-lo. E quando acabarmos esta coisa, peço ao meu avô que me dê o hotel, e a partir daí ficamos bem instalados para o resto da vida.

O importante é trazê-lo aqui sozinho.

Eu trato disso, não te preocupes - assegurou Dante. - Se as coisas derem para o torto, levamo-lo no carro para o deserto.

Como é que tencionas atraí-lo até aqui? - perguntou Losey. - Essa é a parte mais importante.

Digo-lhe que o Giorgio veio em segredo e quer falar com ele. Depois faço o serviço e tu tratas da limpeza. Estás farto de ver locais de crimes, sabes o que eles vão procurar. - Fez uma pausa e acrescentou, sonhadoramente:-A melhor maneira é largá-lo no deserto. Pode ser que nunca o encontrem.

Sabes que ele deu uma tampa ao Giorgio na noite em que o Pippi morreu?

Não se atreverá a fazê-lo outra vez.

Mas se fizer? - objectou Losey. - Vou ficar aqui a noite toda à espera, feito parvo.

A villa da Athena é mesmo ao lado. Vais lá, bates à porta e pode ser que tenhas sorte.

Demasiado perigoso - disse Losey.

Podemos levá-la para o deserto com o Cross - sugeriu Dante, sorrindo.

És doido! - respondeu Losey. E, subitamente, apercebeu-se que ele estava a falar a sério.

Porque não? - insistiu Dante. - Porque não havemos de nos divertir um pouco? O deserto é suficientemente grande para esconder dois corpos.

Losey pensou no corpo de Athena, no seu rosto adorável, na sua voz, no seu ar majestoso. Oh, ele e Dante divertir-se-iam! Já era um assassino, pouca diferença lhe fazia ser também um violador. Marlowe, Pippi De Lena e o seu antigo parceiro, Phil Sharkey. Matara três homens e punha-se com escrúpulos por causa de uma violação. Estava a transformar-se num daqueles cretinos que passara a vida a mandar para a prisão. E por uma mulher que vendia o corpo ao mundo inteiro. Mas aquele malandro que tinha à sua frente, com o seu chapéu ridículo, era na verdade uma peça e tanto.

- Vou tentar - acabou por dizer. - Convido-a para uma bebida, e se ela entrar, é porque estava mesmo a pedi-las.

Dante parecia divertido pelo raciocínio de Losey.

- Toda a gente anda a pedi-las - disse. - Nós andamos a pedi-las.

Reviram os pormenores do plano, após o que Dante regressou ao seu próprio apartamento. Pôs um banho a correr. Queria experimentar os perfumes caros que havia na villa. Estendido na banheira cheia de água quente e perfumada, com os cabelos negros e grossos dos Clericuzio transformados num capacete branco e pesado, pôs-se a pensar na sua vida futura. Depois de ele e Losey terem largado o corpo de Cross no deserto, a quilómetros dali, começaria a parte mais difícil da operação. Teria de convencer o avô que estava inocente.

Se as coisas chegassem ao pior, confessaria também a morte de Pippi, e o avô perdoar-lhe-ia. O Don sempre lhe demonstrara um afecto especial.

Além disso, agora era ele o martelo da Família. Ia pedir o posto de bruglione do Oeste e a direcção do Xanadu Hotel. Giorgio opor-se-lhe-ia, mas Vincent e Petie manter-se-iam neutrais. Contentavam-se em viver das suas empresas legais. O velho não podia viver eternamente, e Giorgio era um manga de alpaca. Chegaria a altura em que o cabo de guerra se tornaria imperador. Nunca se retiraria para o mundo legal. Reconduziria a Família aos seus tempos de glória. Nunca abriria mão do poder sobre a vida e a morte.

Saiu da banheira e tomou um duche, para tirar o sabonete dos cabelos encordoados. Perfumou o corpo com as colónias contidas em frascos que pareciam jóias, esculpiu os cabelos com o gel aromático tirado de delicados tubos, lendo cuidadosamente as instruções. Depois foi à mala onde guardava os seus chapéus renascentistas e escolheu um incrustado de pedras preciosas e que tinha a forma de uma tarte, feito de fios dourados e purpúreos. Ali na mala, parecia ridículo, mas quando Dante o pôs na cabeça, ficou encantado. Fazia-o parecer um príncipe. Sobretudo a fiada de pedras preciosas cosidas na parte da frente. Seria assim que Athena o veria naquela noite, ou, falhando isso, Tiffany. Mas as duas poderiam esperar, se necessário.

Enquanto acabava de se vestir, Dante pensou no que a sua vida se tornaria. Viveria numa villa, tão luxuosa como qualquer palácio. Teria um fornecimento inesgotável de belas mulheres, um harém que se auto-sustentaria a dançar e a cantar nos espectáculos do Xanadu. Poderia experimentar em seis restaurantes diferentes a cozinha nacional de seis países diferentes. Poderia ordenar a morte de um inimigo, recompensar um amigo.

Estaria tão próximo de ser um imperador romano quanto os tempos modernos permitiam. Só Cross se atravessava no seu caminho.

Jim Losey, finalmente sozinho no seu apartamento, meditava sobre o rumo que a sua vida tomara. Fora, durante a primeira metade da sua carreira, um grande polícia, um verdadeiro cavaleiro a defender a sua sociedade. Tinha um ódio intenso por todos os criminosos, especialmente os negros. E então, pouco a pouco, fora mudando. Enfurecia-se com as acusações de brutalidade policial feitas pela imprensa. A mesmíssima sociedade que ele protegia contra a escumalha estava a atacá-lo. Os seus superiores, com os seus uniformes cheios de galões dourados, alinhavam com os políticos, que aldrabavam as pessoas. Todas aquelas tretas a respeito de não se dever odiar os pretos. Que mal havia nisso? Eram eles que cometiam a maior parte dos crimes. E não seria ele um

americano livre, com o direito de odiar quem bem quisesse? Os pretos eram as baratas que haviam de roer a civilização. Não queriam trabalhar, não queriam estudar. Queimar as pestanas não era com eles, a menos que se se tratasse de jogar basquete à luz da lua. Assaltavam cidadãos desarmados, obrigavam as mulheres a prostituírem-se e tinham um desrespeito intolerável pela lei e pelos seus agentes. A missão que lhe cabia era proteger os ricos contra a maldade dos pobres. E o seu desejo era tornar-se rico. Queria as roupas, os carros, as comidas, as bebidas e, acima de tudo, as mulheres que os ricos tinham. E isso era ser americano.

Começara com subornos para proteger o jogo, depois uma ou outra armadilha aos traficantes de drogas para os obrigar a pagar protecção. Orgulhava-se do seu estatuto de "polícia herói", dos elogios que recebia pela sua coragem, mas não havia recompensas monetárias. Continuava a ter de comprar roupas baratas, continuava a ter de ser muito cuidadoso com o dinheiro para fazer o ordenado esticar até ao fim do mês. E ele, que protegia os ricos contra os pobres, não recebia qualquer recompensa, era, na realidade, um dos pobres. A gota que fizera transbordar o copo fora, porém, o facto de sentir que, na estima do público, se situava mais abaixo que os criminosos. Alguns dos seus colegas, agentes da lei como ele, tinham sido acusados e mandados para a prisão por cumprirem o seu dever. Ou despedidos dos seus empregos. Os violadores, os gatunos, os assaltantes, aqueles que roubavam as pessoas em plena luz do dia, tinham mais direitos que os polícias.

Ao longo dos anos, Losey esforçara-se por se convencer a si mesmo da verdade desta história. A merda dos direitos Miranda, a merda da ACLU 21; pusessem os filhos da mãe dos advogados a fazer patrulha nas ruas durante seis meses, a ver se eles não plantavam logo uma árvore para enforcar os pretos.

Ao fim e ao cabo, se usava os truques, os espancamentos e as ameaças, era para obrigar um malandro qualquer a confessar os seus crimes e afastá-lo do convívio da sociedade. Mas Losey não conseguia convencer-se, era 21 Os direitos Miranda, como qualquer telespectador sabe, são os contidos no célebre:

"Tem o direito de permanecer calado... etc". ACLU é o acrónimo de Américan Civil Liberties Union (União Américana das Liberdades Cívicas) demasiado bom polícia para isso. Não conseguia convencer-se que estava certo ter-se tornado um assassino.

Esquecer tudo; ia ser rico. Ia atirar o crachá e os louvores que recebera à cara do governo e do público. Ia ser chefe da segurança do Xanadu Hotel, com um salário dez vezes superior, e, do seu paraíso no deserto, ia ter o prazer de ver Los Angeles cair sob o assalto dos criminosos que ele já não estaria lá para combater. Naquela noite assistiria à projecção do filme Messalina e à festa de encerramento. E talvez tivesse sorte com Athena. Aqui ficou perturbado e sentiu o corpo doer-lhe face à ideia de exercer esse domínio sexual. Durante a festa, tentaria vender a Skippy Deere a ideia de fazer um filme baseado na sua carreira, o maior herói do Departamento de Polícia de Los Angeles.

Dante tinha-lhe dito que Cross queria investir no filme, o que tinha muita graça. Porque havia ele de matar um tipo que estava disposto a investir no seu filme? A resposta era muito simples. Porque sabia que Dante o mataria se recuasse agora. E Losey, duro como era, sabia que não podia matar Dante.

Conhecia os Clericuzio demasiado bem.

Por uma fracção de segundo pensou em Marlowe, um bom preto, bom rapaz, sempre tão bem alegre e disposto a cooperar. Sempre gostara de Marlowe, e a morte dele era uma das coisas que lamentava.

Jim Losey tinha à sua frente horas de espera antes da projecção do filme e da festa. Podia ir jogar ao casino, mas o jogo era bom para totós. Decidiu contra. Tinha uma longa noite pela frente. Primeiro o filme, depois a festa, e então, às três da manhã, teria de ajudar D ante a matar Cross De Lena e enterrá-lo no deserto.

Às cinco da tarde, Bobby Bantz convidou os principais participantes de Messalina para bebidas na sua villa: Athena, Dita Tommey, Skippy Deere e, como um gesto de cortesia, Cross De Lena. Só Cross declinou, alegando a pressão dos seus deveres no hotel naquela noite especial.

Bantz tinha consigo a sua última "conquista", uma rapariga com um ar muito jovem e fresco chamada Johanna, descoberta por um caçador de talentos numa pequena cidade do Oregon. Oferecera-lhe um contrato de quinhentos dólares por semana durante dois anos. Bonita mas completamente desprovida de talento, a jovem tinha um aspecto tão virginal que a inocência era como mais um dos seus atractivos. E no entanto, com uma esperteza para além dos seus anos, recusara-se a ir para a cama com Bantz antes de ele lhe prometer que a levaria a Vegas para a

projecção de Messalina.

Skippy Deere, com um apartamento contíguo na villa de Bantz, resolvera instalar-se no espaço de Bobby, impedindo-o assim de levar Johanna para a cama, o que o deixou irritável. Skippy estava a vender-lhe a ideia de um filme pelo qual estava verdadeiramente louco. Estar louco por um filme fazia parte das funções normais de um produtor.

Tratava-se de Jim Losey, o maior herói do LAPD 22, um filho da mãe grande e atraente que talvez fosse até capaz de desempenhar ele próprio o papel principal, uma vez que seria a história da sua vida. Uma dessas grandes

"histórias da vida real" em que era possível inventar tudo o que se quisesse, por mais bizarro que fosse.

Tanto Deere como Bantz sabiam que a possibilidade de Losey desempenhar o primeiro papel era uma fantasia, inventada para levar Losey a vender a sua história mais barato, e também para excitar o interesse do público.

Skippy Deere delineou a história com grande entusiasmo. Ninguém era capaz de vender melhor do que ele uma propriedade inexistente. Num momento de pura exaltação, pegou no telefone e, antes que Bantz pudesse protestar, convidou o detective para o cocktail das cinco horas. Losey perguntou se podia levar alguém consigo, e Deere respondeu que sim, deduzindo que se tratava de uma namorada. Skippy Deere, como produtor de filmes que era, gostava de misturar mundos diferentes. Nunca se sabia que espécie de milagre podia resultar.

Cross De Lena e Lia Vazzi estavam na suite do terraço do Xanadu, a rever os pormenores do que iam fazer naquela noite.

Tenho todos os homens nos seus lugares - disse Vazzi. - Contro lo a área das villas. Nenhum deles sabe o que tu e eu vamos fazer, não participarão nisso. Mas soube que o Dante tem uma equipa do Enclave a abrir-te uma cova no deserto. Esta noite vamos ter de andar com muito cuidado.

O que me preocupa é o que vai passar-se depois desta noite - respondeu Cross. - Teremos de enfrentar Don Clericuzio. Achas que ele vai engolir a história?

- Sinceramente, não. Mas é a nossa única esperança. Cross encolheu os ombros.

22 Los Angeles Police Department.

Não tenho alternativa. O Dante matou o meu pai e agora vai ter de matar-me a mim. - Fez uma pausa e acrescentou:- Só espero que o Don não tenha estado ao lado dele desde o início. Se assim for, estamos condenados.

Podíamos abortar a operação e expor o assunto ao Don - disse Lia, cautelosamente. - Deixá-lo decidir e agir.

Não - objectou Cross. - Ele não pode decidir contra o neto.

Tens razão, evidentemente. Mesmo assim, o Don está a tornar-se mole. Deixou esses tipos de Hollywood aldrabarem-te, e isso é uma coisa que quando era mais novo nunca teria consentido. Não por causa do dinheiro, mas pelo desrespeito.

Cross deitou mais brandy no copo de Lia e acendeu-lhe o charuto. Não lhe falou de David Redfellow.

- Que tal achas o teu quarto? - perguntou, com um sorriso. Lia aspirou o fumo do charuto.

E um disparate. Tão bonito. Para quê? Que necessidade poderá alguém ter de viver assim? É demasiado. Rouba-nos a força. Desperta invejas.

Não é sensato insultar os pobres desta maneira. Porque não haverão eles de querer matar-nos? O meu pai era um homem rico, na Sicília, mas nunca viveu no luxo.

Não compreendes a América - afirmou Cross. - Qualquer homem pobre que veja o interior de uma daquelas villas fica até muito contente.

Porque no fundo do seu coração sabe que um dia há-de viver num sítio assim.

Nesse momento, soou a campainha do telefone privado da suite. Cross pegou no auscultador. O coração deu-lhe um pequeno salto no peito. Era Athena.

Podemos encontrar-nos antes da exibição do filme? - perguntou ela.

Só se vieres à minha suite - respondeu Cross. - Neste momento não posso sair daqui.

Que galante! - comentou Athena, friamente. - Nesse caso podemos encontrar-nos depois da festa. Eu saio cedo e tu podes ir ter à minha villa.

Não posso, palavra.

Regresso amanhã a L. A. - prosseguiu Athena. - Depois, no dia seguinte, parto para França. Não voltaremos a ver-nos a sós até que tu lá vás... se fores.

Cross olhou para Lia, que abanou a cabeça e franziu a testa.

Perguntou a Athena:

- Não podes vir cá agora? Por favor?

Teve de esperar um longo momento antes de ouvi-la dizer: Está bem. Dá-me uma hora.

Mando um carro com segurança buscar-te. Estarão à espera à porta da tua villa. - Desligou o telefone e voltou-se para Lia. - Temos de vigiá-la. O

Dante é suficientemente doido para fazer seja o que for.

A festa na villa de Bantz decorreu sob o signo da beleza.

Melo Stuart levou uma jovem actriz com muito nome no teatro, a quem ele e Skippy Deere planeavam oferecer o principal papel feminino na história de Jim Losey. Tinha uma beleza de tipo egípcio, feições bem pronunciadas e modos imperiosos. Bantz tinha a sua nova descoberta, Johanna - apelido ainda indefinido -, a virgem inocente. Athena, que nunca parecera tão radiosa, estava rodeada pelas suas amigas: Claudia, Dita Tommey e Molly Flanders. Apesar de Athena se mostrar invulgarmente reservada e silenciosa, Johanna e a actriz de teatro, Liza Wrongate, olhavam para ela quase com inveja. Ambas foram prestar a sua homenagem a Athena, a rainha que esperavam substituir.

Não convidou o meu irmão? - perguntou Claudia a Bobby Bantz.

Claro que convidei. Está demasiado ocupado.

Obrigada por ter dado à família do Ernest os pontos dele - acrescentou Claudia, com um sorriso.

A Molly roubou-me - respondeu ele. Sempre gostara de Claudia, talvez porque Eli Marrion tinha gostado, de modo que não se ofendeu com a ironia implícita no agradecimento. - Apontou-me um canhão à cabeça.

- Mas podia ter tornado as coisas mais difíceis. O Marrion teria aprovado.

Bantz ficou a olhar para ela com uma expressão vazia. Subitamente, sentiu os olhos encherem-se-lhe de lágrimas. Nunca conseguiria ser o homem que Marrion fora. E tinha saudades dele.

Entretanto, Skippy Deere encurralara Johanna e estava a falar-lhe do seu novo filme, que tinha um excelente pequeno papel de uma jovem inocente que era selvaticamente violada e morta por um traficante de droga.

- Você é perfeita para o papel. Não tem muita experiência, mas se eu conseguir convencer o Bobby, podemos fazer um teste. - Interrompeu-se por um instante e então acrescentou, num tom caloroso e confidencial: - Acho que devia mudar de nome. Johanna é demasiado insignificante para a sua carreira. - Dando com isto a entender que o estrelato estava ao virar da esquina.

Reparou que ela corava. Era verdadeiramente comovente a maneira como aquelas raparigas acreditavam na sua beleza, como desejavam ser estrelas com o mesmo ardor com que as jovens da Renascença desejavam ser santas. Quando o sorriso cínico de Ernest Vail lhe surgiu no espírito, pensou: Pois sim, ri à vontade. Continuava a ser um desejo espiritual. Em ambos os casos, conduzia mais frequentemente ao martírio do que à glória, mas isso fazia parte do negócio. E um dia ele havia de fazer um grande filme.

Previsivelmente, Johanna afastou-se para ir falar com Bantz. Deere foi juntar-se a Melo Stuart e à sua nova namorada, Liza. Embora ela fosse talentosa no palco, Deere tinha dúvidas quanto ao seu futuro no cinema. A câmara era demasiado cruel para o seu tipo de beleza. E a sua inteligência torná-la-ia inadequada para um grande número de papéis. Mas Melo insistia em que fosse ela a primeira figura feminina no filme sobre Losey, e havia ocasiões em que não se podia negar a Melo o que ele queria. Além disso, o primeiro papel feminino era uma treta, um papel de corpo presente.

Deere beijou Liza em ambas as faces.

- Vi-a em Nova Iorque - disse. - Uma interpretação maravilhosa.

- Fez uma curta pausa e acrescentou:- Espero que aceite o papel no meu novo filme. O Melo está convencido de que vai ser a sua grande oportunidade.

Liza dirigiu-lhe um sorriso gelado.

Terei de ler o guião - declarou, e Deere sentiu a vaga de ressentimento que sempre sentia. Estavam a oferecer-lhe a oportunidade da sua vida, e ela queria ver o estupor do guião. Reparou que Melo sorria, divertido.

Claro - respondeu. - Mas, acredite, nunca lhe enviaria um guião que não fosse digno do seu talento.

Melo, sempre mais homem de negócios do que amante apaixonado, acrescentou:

- Liza, podemos garantir-lhe o principal papel feminino num filme de Classe A. O guião não é um texto tão sagrado como no teatro. Pode sempre ser alterado para lhe agradar.

Liza concedeu-lhe um sorriso apenas ligeiramente mais caloroso.

- Também acredita nessa treta? - perguntou. - As peças de teatro são reescritas. Por que é que pensa que as experimentamos primeiro na província?

Antes que qualquer deles pudesse responder, Jim Losey e Dante Clericuzio entraram no apartamento. Deere apressou-se a ir recebê-los e apresentá-los aos outros convidados.

Losey e Dante formavam um par quase cómico. Losey, alto, atraente, elegantemente vestido - fato e gravata, apesar do calor escaldante de Vegas em Julho. E Dante a seu lado, com o corpo tremendamente musculado a saltar para fora de uma T-shirt e o chapéu renascentista incrustado de jóias a coroar-lhe os cabelos espessos, negros e curtos. E tão baixo. Todos os presentes na sala, peritos no mundo do faz-de-conta, souberam que aqueles dois não eram faz-de-conta, por muito bizarros que parecessem. Os seus rostos eram demasiado inexpressivos e frios, algo que não podia ser imitado com disfarces.

Losey dirigiu-se imediatamente a Athena e disse-lhe como estava ansioso por vê-la no filme. Tinha posto de parte o seu estilo intimidante e mostrava-se quase adulador. As mulheres sempre o tinham achado encantador, porque haveria Athena de ser uma excepção?

Dante serviu-se de uma bebida e sentou-se no sofá. Ninguém se aproximou dele excepto Claudia. Não se tinham visto mais de três vezes ao longo de todos aqueles anos, e tudo o que tinham em comum eram recordações de infância. Claudia beijou-o na face. Quando eram crianças, ele costumava atormentá-la, mas mesmo assim ela lembrava-se dele com uma certa ternura.

Dante estendeu os braços para a abraçar.

- Cugina, estás muito bonita. Se fosses assim quando eras miúda, não te tinha batido tanto.

Claudia tirou-lhe o chapéu renascentista da cabeça.

O Cross falou-me dos teus chapéus. Ficas engraçado com eles. - Pôs o chapéu na sua própria cabeça. - Nem sequer o papa tem um chapéu tão engraçado como este.

E ele tem uma porção de chapéus - respondeu Dante. - Quem diria que te tornarias uma pessoa tão importante no mundo do cinema?

E tu, o que fazes agora? - perguntou Claudia.

- Dirijo uma empresa de carnes. Fornecemos os hotéis. - Sorriu e perguntou: - Ouve, não me apresentas à vossa bela estrela?

Claudia levou-o até junto de Athena, ainda encurralada por Jim Losey, que insistia em dar largas ao seu encanto. Athena sorriu ao ver o chapéu de Dante, e Dante assumiu uma expressão desarmantemente cómica.

Losey continuou com a sua lisonja:

- Tenho a certeza que o filme vai ser óptimo - disse. - Depois da festa, talvez me deixe ser o seu guarda-costas no regresso até à villa, e possamos tomar uma bebida juntos. - Estava a representar o papel do

"polícia bom".

Athena era perita em recusar propostas. Sorriu-lhe docemente.

- Adoraria - afirmou -, mas só vou ficar meia hora na festa, e não quero que a

perca. Tenho de apanhar um avião amanhã cedo, e depois parto para França. Não me sobra tempo para nada, palavra.

Dante estava a admirá-la. Via perfeitamente que ela detestava Losey e tinha medo dele. Mas estava a dar-lhe a ideia de que talvez tivesse uma hipótese.

Posso voltar consigo a Los Angeles - ofereceu-se Losey. - A que horas é o seu voo?

E muito gentil - respondeu Athena. - Mas é um pequeno avião particular e os lugares estão já todos ocupados.

Momentos depois, a salvo na sua villa, Athena ligou para Cross e disselhe que ia a caminho.

A primeira coisa de que Athena se apercebeu foi da segurança. Havia guardas no elevador que dava acesso à suite do terraço do Xanadu. Havia uma chave especial para abrir a porta desse elevador. O próprio elevador tinha câmaras de vigilância no tecto, e abria-se para uma ante-sala onde se encontravam cinco homens. Um junto à porta do elevador, para a receber, outro sentado atrás de uma secretária sobre a qual havia um conjunto de monitores de televisão. Dois outros jogavam às cartas num canto da sala e o quinto, sentado num sofá, lia uma revista desportiva.

Todos olharam para ela com a expressão admirativa e ligeiramente espantada que tinha visto tantas vezes, como que a constatação de que a sua beleza era de uma qualidade muito especial. Mas havia muito que essa expressão deixara de lhe despertar a vaidade; agora só servia para a tornar consciente de uma espécie de perigo.

O homem sentado à secretária premiu um botão e abriu a porta da suite de Cross. Quando Athena entrou, a porta fechou-se silenciosamente atrás dela.

Encontrava-se na zona de escritório da suite. Cross pegou-lhe na mão e levou-a para as salas de habitação. Beijou-a ao de leve os lábios e guiou-a até ao quarto. Sem dizerem uma palavra, despiram-se e abraçaram-se, nus.

Para Cross, era um tal alívio sentir a carne quente dela, ver o seu rosto radioso, que suspirou.

- Gosto mais de olhar para ti do que de qualquer outra coisa deste mundo.

Em resposta, ela acariciou-o, puxou-lhe a cabeça para que ele a beijasse, empurrou-o para cima da cama. Sentiu que aquele era um homem que a amava verdadeiramente, que faria tudo o que ela exigisse, e ela, em troca, satisfaria todos os seus desejos. Pela primeira vez em muito, muito tempo, respondeu tanto física como mentalmente. Amava-o de verdade e gostava verdadeiramente de fazer amor com ele. E, no entanto, sempre soubera que ele era perigoso, inclusivamente para ela, de uma certa maneira.

Uma hora mais tarde vestiram-se e foram para a varanda.

Las Vegas estava banhada em luzes de néon. O sol do fim da tarde pintava as ruas e os hotéis vistosos com uma grande pincelada de ouro. Para além estendia-se o deserto, e depois as montanhas. Ali, na varanda, estavam os dois isolados no espaço e no tempo. As bandeiras das villas pendiam imóveis no ar parado.

Athena apertou com força a mão de Cross.

Vemo-nos na projecção e na festa? -perguntou.

Desculpa, não posso - disse ele. - Mas vemo-nos em França.

Já reparei que não é nada fácil falar contigo - comentou Athena.

- O elevador fechado à chave e os guardas.

é só durante os próximos dias. Há demasiados desconhecidos na cidade.

Conheci o teu primo, Dante. Ele e o tal detective parecem ser grandes amigos. Fazem um par encantador. O Losey estava muito interessado no meu bem-estar, e no meu calendário. Também o Dante se ofereceu para ajudar.

Parecem muito preocupados em fazer-me chegar a L. sã e salva.

Cross apertou-lhe a mão.

Chegarás, descansa - prometeu.

A Claudia disse-me que tu e o Dante são primos. Porque é que ele usa aqueles

chapéus esquisitos?

O Dante é bom rapaz.

Segundo a Claudia, vocês os dois são inimigos desde que eram pequenos.

É verdade - admitiu Cross, despreocupadamente. - Mas isso não quer dizer que ele seja má pessoa.

Ficaram silenciosos, vendo as ruas lá em baixo apinhadas de carros < de pessoas que procuravam os diversos hotéis para jantar e jogar. Sonhando com um prazer apimentado pelo risco.

Então esta é a última vez que nos vemos - murmurou Athena, apertando-lhe a mão, como para anular o significado do que acabava de dizer.

Vou ter contigo a França - prometeu Cross.

Quando?

Não sei. Se não aparecer, saberás que morri.

As coisas estão assim tão sérias? - perguntou ela.

Sim.

- E não podes dizer-me nada a esse respeito? Cross não respondeu imediatamente.

Tu não corres perigo - acabou por dizer. - E penso que eu também não.

Não posso dizer-te mais do que isto.

Esperarei - disse Athena. Beijou-o e saiu do quarto e da suite. Cross ficou a vê-la afastar-se e depois voltou à varanda para a ver sair do hotel.

Viu o carro com os homens da segurança levarem-na até à villa. Então pegou no telefone e ligou para Lia Vazzi. Pediu-lhe que reforçasse ainda mais a segurança em volta de Athena.

Às dez da noite, a parte do salão de baile do Xanadu que fora convertida em sala

de cinema estava cheia. Juntara-se uma pequena multidão para ver a versão "em bruto" do filme Messalina. Havia uma primeira fila de confortáveis cadeirões, com uma pequena central telefónica ao meio. Um desses lugares estava vazio, com uma coroa de flores ostentando o nome de Steve Stallings. Os outros tinham sido ocupados por Claudia, Dita Tom-mey, Bobby Bantz e a sua companheira, Johanna, Melo Stuart e Liza. Skip-py Deere apoderou-se imediatamente do telefone.

Athena foi a última a chegar, calorosamente acolhida pelos membros da equipa abaixo da linha e pelos duplos. O pessoal acima da linha, os restantes actores e os ocupantes dos cadeirões bateram palmas e beijaram-na na face quando ela se dirigiu ao seu lugar, no meio da fila. Então Skippy Deere pegou no telefone e disse ao projeccionista que começasse.

A frase "Dedicado a Steve Stallings" apareceu no meio de um fundo negro, e os assistentes aplaudiram de uma forma contida e respeitosa. Skippy Deere e Bobby Bantz tinham-se oposto à inserção, mas Dita Tommey contrariara-os, sabia Deus porquê, dissera Bantz. Mas, que diabo, era apenas a versão em bruto, e o sentimentalismo ficaria bem nas notícias.

Então, o filme começou a passar na tela...

Athena era fascinante, tinha ainda mais sexualidade no écran do que na vida real, e uma vivacidade de espírito que não constituía novidade para quem a conhecia bem. Claro que Claudia escrevera diálogos especialmente concebidos para dar destaque a esta qualidade. Não tinham sido poupadas despesas, e as cenas de sexo estavam tratadas com extremo bom gosto.

Ninguém duvidava que Messalina, depois de todos os seus problemas, ia ser um êxito estrondoso. E aquilo era sem a banda sonora final e os efeitos especiais. Dita Tommey estava em êxtase, era finalmente uma Realizadora Cotável. Melo Stuart fazia contas a quanto iria ter de pedir pelo próximo filme de Athena; Bantz, parecendo um pouco infeliz, estava a pensar exactamente no mesmo. Skippy contava o dinheiro que ia ganhar; poderia finalmente comprar o seu jacto particular.

Claudia estava mais excitada do que qualquer dos outros. A sua criação chegara à tela. O seu nome aparecia sozinho no genérico, e tratava-se de um argumento original. Graças a Molly Flanders, tinha pontos do bruto. Claro que houvera uma

pequena intervenção de Ben Sly, mas não o suficiente para justificar a inclusão do nome dele no genérico.

Tinham-se reunido todos em volta de Athena e de Dita Tommey, felicitando-as. Mas Molly estava de olho num dos duplos. Os duplos eram geralmente uns filhos da mãe de uns chanfrados, mas tinham corpos rijos e eram óptimos na cama.

A coroa de flores em memória de Steve Stallings fora atirada ao chão, e as pessoas espezinhavam-na. Molly reparou que Athena se afastava do grupo para pegar nela e voltar a pô-la no seu lugar. Athena captou o olhar de Molly e ambas encolheram os ombros. Athena esboçou um sorriso tímido, como que a dizer: É o cinema.

A multidão passou para o outro lado do salão de baile. Uma pequena orquestra tocava, mas toda a gente se precipitou para as mesas de bufete.

Alguns pares começaram a dançar. Molly aproximou-se do duplo, que olhava sombriamente à sua volta. Era naquelas festas que se sentiam mais vulneráveis.

Tinham a sensação de que ninguém apreciava o seu trabalho e ressentiam-se furiosamente por o gordalhão do actor principal poder derrubá-los a murro no écran, quando na vida real não teriam a mínima dificuldade em desfazer aqueles mariconços de merda. É mesmo à duplo, já está com uma erecção, pensou Molly, enquanto o conduzia para a pista de dança.

Athena ficou apenas uma hora na festa. Foi graciosa na maneira como recebeu as felicitações de toda a gente, e no entanto observou-se a si mesma a ser graciosa, e achou detestável. Dançou com alguns dos membros da equipa, e finalmente com um duplo cuja agressividade a decidiu a sair.

O Rolls do Xanadu aguardava-a, com um condutor armado e dois homens da segurança. Quando se apeou diante da villa que lhe fora atribuída, ficou espantada ao ver Losey sair da villa vizinha e aproximar-se dela.

- Foi extraordinária naquele filme esta noite - disse ele. - Nunca vi um corpo mais perfeito numa mulher. Especialmente aquele traseiro.

Athena teria ficado preocupada se não tivesse visto o condutor e os dois seguranças saírem do carro e tomarem posições. Fazia parte do seu treino no

teatro nunca bloquear o palco onde os actores se movimentam. Por isso notou que os três homens se tinham colocado de tal maneira que as suas linhas de fogo não pusessem em perigo qualquer dos colegas. Notou também que Losey os observava com um ligeiro desprezo.

- Não era o meu traseiro - disse. - Mas obrigada, de qualquer maneira. -

E sorriu-lhe.

Subitamente, Losey estava a pegar-lhe na mão.

- É a mulher mais bonita que vi em toda a minha vida! - exclamou.

- Por que é que não experimenta um homem a sério, em vez desses palhaços maricas dos actores?

Athena retirou a mão.

Eu faço parte do grupo dos actores. E não somos palhaços. Boa noite.

Posso entrar para uma bebida? - pediu Losey.

Lamento - respondeu Athena, e tocou a campainha da villa. A porta foi aberta por um mordomo que nunca tinha visto.

Losey deu um passo para entrar atrás dela, e então, para grande surpresa de Athena, o mordomo saiu e empurrou-a rapidamente para dentro da villa. Os três homens da segurança formaram uma barreira entre Losey e a porta.

Losey olhou para eles com desprezo.

- Que merda é esta? - perguntou.

O mordomo permanecia do lado de fora da porta. Respondeu:

- A segurança de Miss Aquitane. Faça o favor de se retirar.

Losey tirou do bolso a carteira com o crachá.

- Estão a ver quem eu sou - disse. - Parto as trombas aos três e depois meto-os na gaiola!

O mordomo examinou o crachá e disse:

- Você é de Los Angeles. Não tem jurisdição aqui. - Mostrou o seu próprio distintivo. - Eu sou do Condado de Las Vegas.

Athena Aquitane deixara-se ficar junto da porta. Ficou surpreendida ao descobrir que o seu novo mordomo era um detective, mas agora começava a compreender.

- Não façam escândalo por tão pouco - disse, e fechou a porta na cara de todos eles.

Os dois homens voltaram a guardar os respectivos distintivos. Losey olhou-os duramente, um a um.

- Vou lembrar-me de vocês - prometeu. Nenhum deles reagiu.

Losey deu meia volta. Tinha peixes mais importantes para fritar. Nas próximas duas horas, Dante Clericuzio levaria Cross De Lena à villa que ambos partilhavam.

Dante Clericuzio, com o chapéu renascentista empoleirado na cabeça, estava a divertir-se imenso na festa de encerramento. Usava o divertimento para se preparar para as acções sérias. Uma das raparigas da equipa atraíra-lhe a atenção, mas ela não lhe dera qualquer espécie de encorajamento porque estava de olho num dos duplos, que por sua vez lançara a Dante olhares ameaçadores. Felizmente para ti, pensou Dante, tenho assuntos sérios a tratar esta noite. Consultou o relógio. Talvez o bom do Jim tivesse conseguido safar-se com Athena. Tiffany não aparecera, apesar de ter-lhe sido prometida. Telefonou para Cross, utilizando o número particular através da telefonista.

Cross atendeu.

Preciso de falar contigo imediatamente - disse Dante. - Estou no salão de baile. A festa está óptima.

Então vem até cá - sugeriu Cross.

Não. São ordens. Não pelo telefone e não na tua suite. Vem tu aqui.

Seguiu-se uma longa pausa. Depois Cross disse:

Vou já.

Dante colocou-se de maneira a poder ver Cross atravessar o salão de baile.

Aparentemente, vinha sozinho. Dante deu uma palmadinha no chapéu e pensou na infância dos dois. Cross fora o único rapaz que o fizera sentir medo, e muitas vezes lutara com ele precisamente por causa desse medo.

Sempre invejara a beleza física do primo, e sobretudo a sua segurança. Era uma pena...

Logo que matara Pippi, Dante soubera que não podia permitir que Cross continuasse a viver. Agora, depois disto, ia ter de enfrentar o Don. Mas nunca duvidara de que o avô o amava, sempre lhe demonstrara o seu amor. Don Domenico poderia não gostar, mas nunca invocaria o seu terrível poder para castigar o neto.

Cross estava diante dele. Agora tinha de o levar até à villa onde Jim Losey aguardava. Seria simples. Mataria Cross e depois os dois levariam o corpo para o deserto e enterrá-lo-iam. Nada de complicado, como Pippi De Lena estava sempre a pregar. Já tinham um carro estacionado nas traseiras da villa, para o transporte.

- O que é que há? - perguntou-lhe Cross, secamente. Não parecia desconfiado, ou sequer particularmente alerta. - Bonito, esse teu chapéu novo - acrescentou, e sorriu. Dante sempre invejara aquele sorriso, como se o outro soubesse tudo o que ele estava a pensar.

Dante fez o seu jogo muito devagar, com muita cautela. Pegou num braço de Cross e levou-o para o exterior, para debaixo do enorme anúncio luminoso que custara ao Xanadu dez milhões de dólares. O cintilar das lâmpadas, azuis, vermelhas e púrpura banhou-lhes os rostos numa luz fria, esbranquiçada pelo luar.

- O Giorgio apareceu, está na minha villa- sussurrou Dante. - Segredo absoluto. E quer falar contigo imediatamente. Foi por isso que não pude dizer-te nada pelo telefone. - Ficou deliciado com a súbita preocupação que notou no rosto de Cross. - Disse-me para não te dizer nada, mas está muito chateado. Acho que descobriu qualquer coisa a respeito do teu velho.

Ao ouvir isto, Cross lançou-lhe um olhar sombrio, quase de desagrado.

Depois disse:

- OK, vamos lá.

E caminhou à frente de Dante, atravessando os terrenos do hotel em direcção às villas.

Os quatro guardas que vigiavam a entrada da zona das villas reconheceram-no e deixaram-nos entrar.

Dante abriu a porta com um floreado e tirou o chapéu renascentista.

- Depois de ti - disse, e sorriu maliciosamente, o que lhe emprestou ao rosto uma expressão de humor travesso.

Cross entrou.

Jim Losey estava cheio de uma raiva fria quando se afastou dos guardas de Athena e regressou à sua própria villa. Mesmo assim, havia uma parte do seu cérebro que avaliava a situação, que emitia um sinal de alarme. Porquê tantos guardas à volta de Athena? Mas, raios, ela era uma grande estrela, e aquela experiência com Boz Skannet devia tê-la assustado a valer.

Usou a sua própria chave para entrar na villa, aparentemente deserta.

Deviam estar todos na festa. Tinha mais de uma hora para se preparar para receber Cross. Foi buscar a mala e abriu-a. Lá estava a sua Glock, brilhante, cuidadosamente oleada e limpa. Abriu a outra mala, a que tinha um compartimento secreto, e tirou de lá o carregador com as balas. Enfiou-o na coronha da arma, colocou o coldre axilar e guardou a arma no coldre. Estava pronto. Reparou que não estava nervoso. Nunca ficava nervoso naquelas situações. Era precisamente isso o que fazia dele um bom polícia.

Saiu do quarto e procurou a cozinha. Muitos corredores tinha aquela villa. Tirou do frigorífico uma garrafa de cerveja importada e uma bandeja com canapés. Meteu um na boca. Caviar. Soltou um pequeno suspiro de prazer; nunca saboreara nada tão delicioso. Aquilo é que era vida. E era assim que ia viver o resto dos seus dias, o caviar, as bailarinas, talvez até, um dia, Athena. Só tinha de

fazer bem o seu trabalho naquela noite.

Pegou na garrafa e na bandeja e dirigiu-se à ampla sala de estar.

A primeira coisa que o surpreendeu foi verificar que o chão e os móveis estavam cobertos por folhas de plástico, que davam a toda a sala um fantasmagórico brilho esbranquiçado. E então viu o homem sentado num cadeirão envolto em plástico, a fumar um charuto e com um copo de brandy na mão. Era Lia Vazzi.

Que merda é esta?, pensou Losey. Pousou a garrafa e a bandeja na pequena mesa de café e disse, dirigindo-se a Lia.

- Tenho andado à tua procura.

Lia puxou uma fumaça do charuto e bebeu um golo de brandy.

- E agora encontraste-me - respondeu. Levantou-se. - Podes dar-me outra bofetada.

Losey era um homem demasiado experiente para não ficar alerta.

Estava a juntar as coisas. Ficara espantado ao saber que os outros apartamentos da villa estavam vagos. Parecera-lhe estranho. Desabotoou o casaco, como que por acaso, e sorriu a Lia. Desta vez vai ser mais do que uma bofetada, pensou. Ainda faltava uma hora para Dante aparecer com Cross, podia trabalhar um pouco enquanto esperava. Agora que estava armado, não tinha medo de um mano-a-mano com Lia.

Subitamente, a sala foi invadida por homens. Vieram da cozinha, do vestíbulo, da sala contígua, onde estavam o vídeo e a TV. Todos eles eram maiores do que Jim Losey. Só dois empunhavam armas.

Sabem que sou polícia? - perguntou-lhes Losey.

Todos nós sabemos - respondeu Lia, num tom tranquilizador.

Aproximou-se de Losey. No mesmo instante, os dois homens comprimiram os canos das suas armas contra as costas do detective.

Lia meteu-lhe a mão no casaco e tirou-lhe a Glock. Entregou-a a um dos seus

homens e em seguida deu uma ligeira palmada no peito de Losey.

- Muito bem - disse -, tinhas sempre tantas perguntas para fazer.

Aqui estou eu. Pergunta.

Losey ainda não começara a ter verdadeiramente medo. O que o preocupava era a possibilidade de Dante chegar com Cross. Não podia acreditar que um homem como ele, que tivera a boa sorte de sair vivo de tantas situações tão perigosas, pudesse finalmente ser derrotado.

Sei que liquidaste o tal Skannet - disse. - E hei-de apanhar-te por isso, mais cedo ou mais tarde.

Terá de ser mais cedo - respondeu Lia. - Não vai haver mais tarde.

Sim, tens razão, e agora podes morrer feliz.

Losey continuava a não acreditar que alguém se atrevesse a matar um agente da polícia a sangue frio. Claro que os traficantes de drogas respondiam aos tiros, e, claro, havia sempre um estupor de um preto capaz de rebentar com um homem só por ele ter mostrado o distintivo, ou mesmo um assaltante de bancos em fuga. Mas um tipo da Máfia nunca teria tomates para executar um polícia. O risco era demasiado grande.

Estendeu um braço para empurrar Lia, para assumir o controlo da situação. Mas, subitamente, um relâmpago de fogo atravessou-lhe o estômago, e as pernas vacilaram-lhe. Começou a cair de joelhos. Um objecto duro bateu-lhe na cabeça e ficou com a orelha a arder, e não conseguia ouvir.

Tombou de joelhos, e a alcatifa pareceu-lhe uma enorme almofada. Olhou para cima. Lia Vazzi estava a inclinar-se para ele, segurando nas mãos um pedaço de fino cordão de seda.

Lia Vazzi passara dois dias inteiros a coser os dois grandes sacos que teria de usar. Eram de lona castanha escura, fechados em cima por uma corda. Cada um deles podia conter um corpo grande. Completamente estanques, não deixariam escapar o sangue, e, depois de fechados, podiam ser postos às costas, como uma mochila. Losey nem sequer os vira, estendidos em cima do sofá. Os homens enfiaram o corpo num deles e Lia fechou-o, dando um nó na corda. Deixou-o de

pé, apoiado ao sofá. Ordenou aos seus homens que cercassem a villa, mas que não se mostrassem a menos que ele os chamasse explicitamente. Todos sabiam o que teriam de fazer mais tarde.

Cross e Dante fizeram o percurso desde o portão até à villa. O ar da noite pesava, devido ao calor sufocante que se fizera sentir durante todo o dia.

Estavam ambos a transpirar. Dante notou que Cross vestia umas calças, camisa aberta e casaco abotoado, que podia estar armado...

As sete villas, com as suas bandeiras verdes a ondularem debilmente, ofereciam um espectáculo magnífico, banhadas pelo luar do deserto.

Pareciam edifícios de uma outra era, com as suas varandas, as persianas verdes a proteger as janelas, as grandes portas decoradas com motivos dourados. Dante segurou Cross por um braço.

Olha para elas - disse. - Não são uma beleza? Ouvi dizer que andas a comer aquela boazona do filme. Quando estiveres farto, diz-me.

Claro - respondeu Cross, amavelmente. - Acho que ela gostou de ti e do teu chapéu.

Dante tirou o chapéu e afirmou, animadamente:

Toda a gente gosta dos meus chapéus. A sério que ela disse que tinha gostado de mim?

Ficou encantada contigo - respondeu Cross, secamente.

- Encantada - murmurou Dante. - Isso é que é classe. - Perguntou a si mesmo, por um instante, se Losey teria conseguido levar Athena até à villa deles, para a tal bebida. Seria o remate ideal para aquela noite. Esta va deliciado por ter conseguido distrair Cross; notara a ligeira nota de irri tação na voz do primo.

Estavam diante da porta da villa. Parecia não haver quaisquer guardas da segurança por perto. Dante premiu o botão da campainha, esperou e voltou a tocar. Não obtendo resposta, pegou na sua chave e abriu a porta.

Entraram na suite de Losey.

Talvez o Jim esteja com a Athena na cama, pensou Dante. O que era um raio de uma maneira de conduzir uma operação, mas ele teria feito a mesma coisa.

Levou Cross para a sala de estar e ficou surpreendido ao descobrir os móveis e as paredes cobertos por folhas de plástico transparente. Encostado ao sofá, de pé, estava um grande saco de lona castanha. Em cima do sofá havia outro saco igual, mas vazio. Tudo coberto de plástico.

- Céus, que raio é isto? - perguntou.

Voltou-se para enfrentar Cross. Cross empunhava uma arma extremamente pequena.

- Para o sangue não sujar a mobília - respondeu Cross. - Tenho a dizer-te que nunca achei graça aos teus chapéus, e nunca acreditei que um assaltante tivesse morto o meu pai.

Onde raios estará o Losey?, pensou Dante. Chamou-o em voz alta, ao mesmo tempo que pensava que uma arma de calibre tão pequeno nunca conseguiria detê-lo.

- Toda a tua vida foste um Santadio - disse Cross.

Dante pôs-se de lado, para oferecer um alvo mais pequeno, e saltou para Cross. A estratégia resultou, a bala atingiu-o no ombro. Teve uma fracção de segundo de alegria, pensou que ia vencer, e então a bala explodiu, arrancando-lhe metade do braço. E ele compreendeu que não havia esperança. Foi então que surpreendeu verdadeiramente Cross. Com o braço ileso, arrancou as folhas de plástico que cobriam o chão e enrolou-as numa bola. Com o sangue a jorrar-lhe do corpo, os braços cheios de folhas de plástico, tentou, cambaleante, afastar-se de Cross, e ergueu as folhas de plástico à sua frente, como um escudo prateado.

Cross avançou para ele. Muito deliberadamente, disparou através do plástico, e voltou a disparar. As balas explodiram, e o rosto de Dante ficou quase inteiramente coberto por pequenos pedaços de plástico tingidos de vermelho. Quando Cross disparou novamente, a coxa direita de Dante pareceu separar-se do resto do corpo. Dante caiu, e uma mancha escarlate começou a espalhar-se pela alcatifa branca. Cross ajoelhou-se junto dele, envolveu-lhe a cabeça numa folha de plástico e disparou mais uma vez. O

chapéu renascentista explodiu para cima, mas permaneceu agarrado à cabeça.

Cross viu que estava preso aos cabelos por uma espécie de ganchos. Só que agora repousava sobre um crânio aberto. Parecia flutuar.

Cross endireitou-se e guardou a arma no coldre que usava à cintura, junto aos rins. Nesse momento, Lia entrou na sala. Olharam um para o outro.

Está feito - disse Lia. - Lava-te na casa de banho e volta para o hotel. E vê-te livre dessas roupas. Eu fico com a arma e trato do resto.

E a alcatifa e os móveis? - perguntou Cross.

Eu trato disso. Lava-te e vai até à festa.

Quando Cross saiu, Lia Vazzi tirou um charuto da caixa pousada em cima da mesa de mármore e examinou-o, em busca de manchas de sangue.

Não havia nenhumas. Mas o sofá e a alcatifa estavam ensopados. Bom, já não se podia evitar.

Embrulhou o corpo de Dante em folhas de plástico e, com a ajuda dos seus homens, meteu-o no saco de lona vazio. Quando acabou, fechou-o e amarrou-o. Primeiro, carregaram o saco que continha o corpo de Losey para a garagem da villa e meteram-no na carrinha. Depois fizeram mais uma viagem para ir buscar Dante.

A carrinha fora modificada por Lia Vazzi. Tinha um duplo fundo, com um espaço entre ambos. Lia e os seus homens enfiaram os dois sacos com os corpos nesse espaço e voltaram a colocar o fundo falso.

Como Homem Qualificado que era, Lia estava preparado para todas as contingências. Na carrinha havia duas latas cheias de gasolina. Levou-as ele próprio para a villa e despejou-as no chão e em cima dos móveis.

Acendeu um rastilho que lhe daria cinco minutos para sair dali. Depois meteu-se na carrinha e iniciou a longa viagem até Los Angeles.

À frente e atrás dele iam outros carros com membros da sua equipa.

Uma hora mais tarde deteve a carrinha diante do iate que o aguardava.

Descarregou os dois sacos e levou-os para bordo. O iate afastou-se imediatamente do cais.

Já passava do meio-dia quando, em pleno mar alto, viu a gaiola de ferro contendo os dois corpos descer lentamente para o fundo do oceano. Dante Clericuzio e Jim Losey tinham feito a sua última Comunhão.

Molly Flanders desapareceu com o seu duplo, mas foram para o quarto que ele ocupava no hotel e não para a villa, porque Molly, apesar do seu afecto pelos menos poderosos deste mundo, tinha ainda vestígios do velho esnobismo de Hollywood, e não queria que se soubesse que andava a for-nicar abaixo da linha.

A festa de encerramento começou a esmorecer ao raiar da aurora.

Quando o sol, esplenderosamente vermelho, se mostrou acima do horizonte, uma fina coluna de fumo azulado ergueu-se como que ao seu encontro.

Cross tinha tomado um duche, mudado de roupa e ido até ao salão de baile. Estava sentado com Claudia, Bobby Bantz, Skippy Deere e Dita Tommey, a festejar o inevitável êxito de Messalina. Subitamente, ouviram-se gritos de alarme no exterior. O grupo de Hollywood correu para fora, e Cross seguiu-os.

Uma coluna de fogo erguia-se triunfantemente acima das luzes de néon da Strip. Depois abriu-se num grande cogumelo de nuvens rosadas que se enovelavam, tendo como pano de fundo o deserto e as montanhas.

- Oh, meu Deus! - exclamou Claudia. - É uma das tuas villas! Cross permaneceu silencioso. Viu a bandeira verde sobre a villa ser engolfada pelas chamas, ouviu as sereias dos carros de bombeiros que corriam pela Strip. Doze milhões de dólares desfaziam-se em fumo para esconder o sangue que ele derramara. Lia Vazzi era um Homem Qualificado que não olhava a despesas nem corria riscos.

Capítulo XXIII

Jim Losey estava oficialmente de licença, de modo que a sua ausência só foi notada cinco dias depois do incêndio no Xanadu. O

desaparecimento de Dante Clericuzio nunca chegou, evidentemente, ao

conhecimento das autoridades.

As investigações da polícia levaram à descoberta do corpo de Phil Sharkey. As suspeitas centraram-se em Losey, e assumiu-se que este fugira para escapar a ser interrogado.

Cross foi contactado por detectives de L. A., uma vez que Losey fora visto pela última vez no Xanadu. Mas nada havia que mostrasse qualquer espécie de ligação entre os dois homens. Cross explicou que apenas o vira por alguns instantes, na noite da festa.

Não era, no entanto, com a lei que Cross estava preocupado. Esperava notícias de Don Clericuzio.

Com toda a certeza os Clericuzio sabiam que Dante tinha desaparecido, com toda a certeza sabiam que estava no Xanadu quando fora visto pela última vez. Por que razão, nesse caso, não o tinham ainda contactado a pedir informações? Poderia toda aquela questão ter passado com tanta facilidade? Cross não acreditava nisso por um instante sequer.

Continuou a ocupar-se da gestão quotidiana do hotel, fazendo planos para reconstruir a villa que o incêndio consumira. Lia Vazzi tinha, sem a mínima dúvida, resolvido a questão das manchas de sangue.

Claudia foi visitá-lo. Estava rebentar de excitação. Cross mandou servir o jantar na sua suite, para poderem falar à vontade.

Não vais acreditar nisto - anunciou Claudia. - A tua irmã vai ser a nova presidente da LoddStone Studios.

Parabéns - disse Cross, abraçando-a. - Eu sempre disse que tu eras a mais dura de todos os Clericuzios.

Fui ao funeral do nosso pai por tua causa. Deixei isso bem claro a toda a gente - declarou Claudia, franzindo a testa.

Cross riu-se.

- Podes apostar que sim, e deixaste toda a gente danada excepto o Don, que disse: "Deixem-na fazer filmes, e que Deus a proteja."

Claudia encolheu os ombros.

Não quero saber deles. Mas deixa-me contar-te o que aconteceu, porque é tão estranho. Quando partimos de Vegas, no jacto do Bobby, parecia tudo perfeito. Mas quando aterrámos em L. A., foi o diabo. Havia detectives à espera para o prenderem. Adivinha porquê.

Por fazer uns filmes horrorosos - brincou Cross.

Não, escuta, isto é muito estranho. Lembras-te daquela rapariga, a Johanna, que o Bantz levou à festa? Lembras-te do ar dela? Pois bem, parece que tinha só quinze anos. Acusaram o Bobby de violação de menores e tráfico de escravas, por tê-la levado para outro estado. - Claudia tinha os olhos muito abertos de excitação. - Mas foi tudo uma armadilha. O

pai e a mãe da Johanna estavam no aeroporto, aos gritos porque a pobre filha tinha sido violada por um homem quarenta anos mais velho.

Não parecia nada ter quinze anos - comentou Cross. - A mim pareceu-me uma espertalhona de todo o tamanho.

Podia ter sido um escândalo terrível - continuou Claudia -, mas o bom e velho Skippy Deere resolveu a situação. Safou o Bantz, pelo menos de momento. Evitou que o levassem preso e evitou que a história chegasse aos jornais. De modo que, por agora, parece estar tudo bem.

Cross sorriu. Aparentemente, David Redfellow não perdera nenhuma das suas qualidades.

- Não tem graça nenhuma - disse Claudia, em tom de censura. - O

pobre do Bobby foi tramado. A rapariga jurou que ele a obrigara a ter relações sexuais em Vegas. O pai e a mãe juraram que não queriam saber do dinheiro, que só queriam impedir outros violadores de abusar de rapariguinhas inocentes. O estúdio inteiro ficou num pandemónio. A Dora e o Kevin

ficaram tão perturbados que começaram a falar em vender a LoddStone. Nessa altura o Skippy voltou a assumir o comando. Contratou a rapariga para interpretar o primeiro papel feminino num filme de pequeno orçamento, com um argumento escrito pelo pai. Por um monte de dinheiro. Depois pôs o Benny Sly a

reescrever a história de um dia para o outro, por outro monte de dinheiro. Nada mau, a propósito, o Benny é uma espécie de génio. Estava tudo combinado. E então o Promotor Público de Los Angeles insiste em levar o caso para a frente. O PP que a LoddStone tinha feito eleger, o PP

que o Eli Marrion tratava como se fosse um rei. O Skippy chegou a oferecer-lhe um lugar na LoddStone, na gestão de negócios, a um milhão de dólares por ano durante cinco anos, e ele recusou. Insistiu que Bobby Bantz fosse afastado da presidência do estúdio. Só depois chegaria a um acordo.

Ninguém percebe por que razão foi tão intransigente.

- Um funcionário público incorruptível - disse Cross, encolhendo os ombros. - Acontece.

Voltou a pensar em David Redfellow. Redfellow negaria violentamente a existência de semelhante animal. E Cross imaginou como David devia ter tratado daquele assunto. Provavelmente dissera ao PP: "Estou a suborná-lo para cumprir o seu dever." Quanto ao dinheiro, teria ido imediatamente até ao limite. Vinte, calculou Cross. Num negócio de dez biliões, que raio significavam vinte milhões? E sem qualquer risco para o PP. Estaria a agir estritamente de acordo com a lei. Era verdadeiramente elegante.

Claudia continuava a falar, muito depressa:

- Seja como for, o Bantz teve de se demitir. E a Dora e o Kevin tiveram muito prazer em vender a LoddStone. Um bilião de dólares para os bolsos deles, mais o compromisso de luz verde para cinco dos seus próprios filmes. E esse tipo italiano aparece nos estúdios, convoca uma reunião e anuncia que é ele o novo proprietário. E então, assim sem mais nada, nomeia-me presidente da LoddStone. O Skippy ficou furioso. Agora sou a patroa dele. Não é de loucos?

Cross limitou-se a olhar para ela, divertido. Depois sorriu.

Subitamente, Claudia recuou um passo e olhou para o irmão. E os olhos dela estavam mais escuros, mais atentos, mais inteligentes do que ele alguma vez os vira. Mas tinha nos lábios um sorriso bem humorado quando disse:

- Como os rapazes, Cross, não é verdade? Estou a funcionar exacta mente como os rapazes. E nem sequer tive de ir para a cama com ninguém...

Cross ficou surpreendido.

- Que se passa, Claudia? - perguntou. - Pensei que estavas feliz.

Claudia sorriu.

- E estou feliz. Não sou é parva. E uma vez que és meu irmão, e eu gosto muito de ti, quero que saibas que não me deixei enganar.

Aproximou-se e sentou-se no sofá ao lado dele.

- Menti quando disse que fui ao funeral do nosso pai só por tua causa.

Fui porque queria fazer parte de uma coisa em que ele participava, em que tu participavas. Fui porque não podia continuar a manter-me afastada. Mas odeio o que eles representam, Cross. O Don e todos os outros.

- Isso significa que não queres ser a presidente da LoddStone?

Claudia riu-se.

- Não, estou disposta a admitir que continuo a ser uma Clericuzio.

E quero fazer bons filmes, e ganhar muito dinheiro. O cinema é um grande igualizador, Cross. Posso fazer um bom filme a respeito de grandes mulheres...

Vamos ver o que acontece quando eu usar os talentos da Família para o bem em vez de para o mal. - Riram-se ambos.

Então Cross abraçou-a e beijou-a na face.

- Acho que é estupendo, palavra - disse.

E dizia aquilo tanto por ele próprio como por ela. Porque se Don Clericuzio fizera Claudia presidente da LoddStone, era porque não o relacionara a ele, Cross, com o desaparecimento de Dante. O esquema resultara.

Tinham acabado de jantar e estavam a conversar havia horas. Quando Claudia se levantou para sair, Cross pegou numa bolsa cheia de fichas pretas que tinha em cima da secretária.

- Tenta a tua sorte nas mesas, por conta da casa - disse.

Ela deu-lhe uma palmadinha na cara e respondeu:

- Só se tu prometeres não armares outra vez em irmão mais velho e falares comigo como se eu fosse uma criança. Da última vez a minha vontade foi bater-te. Cross voltou a abraçá-la. Era bom senti-la tão próxima.

Num momento de fraqueza, disse:

- Sabes, deixei-te um terço dos meus bens, no caso de me acontecer alguma coisa. E eu sou muito rico. De modo que podes sempre dizer à Lodd Stone que se vá lixar, se quiseres.

Os olhos de Claudia brilharam quando ela respondeu:

Cross, agradeço a tua preocupação, mas posso sempre dizer à Lodd Stone que se vá lixar, mesmo sem a tua herança...- Então, subitamente, pareceu preocupada. - O que é que se passa? Estás doente?

Não, não - disse Cross. - Só queria que soubesses.

Graças a Deus. - Agora que eu entrei, talvez tu possas sair. Podes afastar-te da Família. Podes ser livre.

Cross riu-se.

- Eu sou livre - afirmou. - Vou partir muito em breve. Vou viver com a Athena em França.

Na tarde do décimo dia, Gíorgio apareceu no Xanadu para falar com ele, e Cross teve uma sensação de aperto no estômago que, sabia-o, o levaria ao pânico se não a controlasse.

Giorgio deixou os seus guarda-costas à entrada da suite, com os seguranças do hotel. Mas Cross não teve ilusões, os seus próprios guarda-costas obedeceriam a qualquer ordem que Giorgio lhes desse. E não se sentiu tranquilizado pelo aspecto do primo. Giorgio parecia ter perdido peso, e estava muito pálido. Era a primeira vez que dava a impressão de não se controlar totalmente a si mesmo.

Cross recebeu-o efusivamente.

- Giorgio! - exclamou. - Que prazer inesperado. Deixa-me mandar preparar-te uma villa.

Giorgio dirigiu-lhe um sorriso cansado e disse:

Não conseguimos localizar o Dante. - Fez uma curta pausa. - Parece ter desaparecido do mapa, e a última vez que foi visto foi aqui, no Xanadu.

Jesus, isso é sério. Mas tu sabes como é o Dante, nem sempre é fácil controlá-lo.

Desta vez Giorgio não se deu ao trabalho de sorrir.

Estava com o Jim Losey, e o Losey também desapareceu.

Fazem um par esquisito - comentou Cross. - Tenho pensado nisso muitas vezes.

Eram amigos. O velho não gostava, mas era o Dante quem pagava ao tipo.

Ajudarei em tudo o que puder - ofereceu-se Cross. - Vou falar com o pessoal do hotel. Mas tu sabes que o Dante e o Losey não estavam oficialmente registados. Os ocupantes das villas nunca estão.

Podes tratar disso quando voltares - disse Giorgio. - O Don quer falar pessoalmente contigo. Até fretou um avião para te levar a Nova Iorque.

Cross ficou silencioso por um longo instante.

Vou fazer a mala - disse, finalmente. - Giorgio, isto é sério?

Giorgio olhou-o de frente nos olhos.

Não sei - respondeu.

No avião fretado, a caminho de Nova Iorque, Giorgio estudou um monte de documentos que trazia numa pasta. Cross não o interrompeu, embora aquilo fosse mau sinal. Fosse como fosse, Giorgio nunca lhe daria qualquer informação.

O avião era aguardado por três carros e seis soldados dos Clericuzio.

Giorgio meteu-se num dos carros e fez sinal a Cross para entrar num dos outros. Mais um mau sinal. A aurora despontava quando os três carros atravessaram os portões da mansão dos Clericuzio, em Quogue.

A porta da casa estava guardada por dois homens. Havia outros espalhados pelos terrenos, mas não se viam mulheres ou crianças.

- Onde diabo se meteu toda a gente? - perguntou Cross a Giorgio.

- Na Disneylândia? - Mas Giorgio ignorou a piada.

A primeira coisa que Cross viu na sala de estar da mansão foi um círculo de oito homens, e no meio desse círculo dois outros homens que conversavam amigavelmente. O coração deu-lhe um salto no peito. Eram Petie e Lia Vazzi. Vincent estava a observá-los, com uma expressão zangada.

Petie e Lia pareciam muito amigos. Mas Lia vestia apenas as calças e a camisa, sem casaco nem gravata, e Lia trajava sempre formalmente, de modo que aquilo significava que tinha sido revistado e desarmado. A verdade era que parecia um alegre rato rodeado por oito gatos sorridentes e ameaçadores. Cumprimentou Cross com um aceno de cabeça triste. Petie nem sequer olhou para ele. Mas quando Giorgio levou Cross para o escritório, afastou-se do grupo e seguiu-os, acompanhado por Vincent.

Don Clericuzio esperava-os. Sentado num amplo cadeirão, fumava uma das suas cigarrilhas retorcidas. Vincent aproximou-se dele e entregou-lhe um copo de vinho, que fora buscar ao bar. Ninguém ofereceu nada a Cross.

Petie ficou à porta, de pé. Giorgio sentou-se no sofá junto ao cadeirão do Don e fez sinal a Cross para que se sentasse a seu lado.

O rosto do Don, emaciado pela idade, não mostrava quaisquer traços de emoção. Cross beijou-o na face. O Don olhou para ele, e uma expressão como que de tristeza suavizou-lhe as feições.

- Então, Croccifixio - disse o Don -, foi tudo feito com muita esperteza. Mas agora tens de explicar as tuas razões. Sou o avô do Dante, a minha filha é mãe dele. Estes homens que aqui estão são seus tios. Tens de responder perante todos nós.

Cross tentou manter a compostura.

Não compreendo - disse.

O Dante - perguntou Giorgio, rispidamente. - Onde está ele?

Céus, como é que hei-de saber? - respondeu Cross, fingindo surpresa.

- Não me disse nada. Tanto quanto sei, pode estar no México, a divertir-se à grande.

Não estás a compreender - disse Giorgio. - Deixa-te de histórias.

Já foste julgado e considerado culpado. Onde foi que o largaste?

Junto ao bar, Vincent desviou a cara, como se não suportasse olhar para ele. Cross ouviu Petie aproximar-se do sofá, vindo da porta.

Onde estão as provas? - perguntou. - Quem diz que eu matei o Dante?

Digo eu. - Fora o Don quem falara. - Compreende: declarei-te culpado. Não há apelo para este veredicto. Trouxe-te aqui para ouvir o teu pedido de misericórdia, mas tens de justificar a morte do meu neto.

Ao ouvir aquela voz, o tom tranquilo, Cross soube que estava tudo acabado. Para ele e para Lia Vazzi. Mas Vazzi já o sabia. Via-se-lhe nos olhos. Vincent voltou-se para Cross. O seu rosto de pedra suavizou-se.

- Diz a verdade ao meu pai, Cross. É a tua única hipótese.

O Don assentiu. Disse:

- Croccifixio, o teu pai era mais do que meu sobrinho, do sangue dos Clericuzio, como tu és. O teu pai era um amigo de confiança. Por isso ouvirei as tuas razões.

Cross preparou-se.

- O Dante matou o meu pai. Julguei-o e declarei-o culpado, como o senhor, Don Domenico, me julgou a mim e me declarou culpado.

E matou-o por motivos de vingança e ambição. No fundo do coração, era um

Santadio.

O Don não respondeu. Cross prosseguiu:

Como podia eu deixar de vingar o meu pai? Como podia esquecer que o meu pai era o responsável pela minha vida? E tinha demasiado respeito pelos Clericuzio, como ele tinha, para suspeitar da vossa mão no crime. No entanto, penso que o senhor sabia que o Dante era culpado, e não fez nada para o castigar. Como poderia, nesse caso, vir junto de si pedir justiça?

As tuas provas! - exigiu Giorgio.

Um homem como Pippi De Lena nunca poderia ser apanhado de surpresa. E a presença do Jim Losey no local do crime é demasiada coincidência. Não há nesta sala um único homem que acredite em coincidências. Todos vocês sabem que o Dante era culpado. E, Don, o senhor contou-me a história dos Santadio. Quem sabe o que o Dante planeava depois de me ter morto, como seguramente sabia que tinha de fazer? A seguir, os tios. - Cross não se atreveu a referir o Don. - Contava com o seu afecto - acrescentou, dirigindo-se ao Don.

Don Domenico pousou a cigarrilha. O seu rosto permanecia inescrutável, velado por uma leve tristeza.

Foi Petie quem falou. Petie sempre fora o mais chegado a Dante.

- Onde largaste o corpo? - voltou a perguntar. E Cross não conseguiu responder-lhe, não conseguiu obrigar as palavras a saírem-lhe da boca.

Fez-se um longo silêncio. Finalmente, o Don ergueu a cabeça e falou:

- Os funerais são um desperdício no caso dos jovens - disse. - Que fizeram eles para os merecerem? De que maneiras inspiraram um grande respeito? Os jovens não têm compaixão, não sabem o que é a gratidão. E a minha filha já está louca, porque haveríamos nós de lhe aumentar o desgosto e perder todas as esperanças de recuperação? Dir-lhe-emos que o filho fugiu, e passar-se-ão anos antes que descubra a verdade.

Todos os presentes na sala se descontraíram visivelmente. Petie avançou e sentou-se no sofá ao lado de Cross. Vincent, atrás do bar, levou um copo de brandy aos lábios, no que poderia ter sido um gesto de saudação.

Mas, com justificação ou sem ela, cometeste um crime contra a Família - continuou o Don. - Tem de haver um castigo. Para ti, dinheiro.

Para o Lia Vazzi, a vida.

O Lia não teve nada a ver com o Dante - afirmou Cross. - Com o Losey, sim. Deixe-me resgatá-lo. Sou dono de metade do Xanadu.

Transferirei metade da minha propriedade para a Família, como pagamento por mim e pelo Vazzi.

Don Clericuzio pareceu ponderar a proposta.

- És leal - disse. Voltou-se para Giorgio, e depois para Vincent e Petie. - Se vocês os três concordarem, eu concordo.

Nenhum deles respondeu. O Don suspirou, como que com pena:

- Passarás para nosso nome metade dos teus interesses, mas terás de sair do nosso mundo. O Vazzi regressará à Sicília, com ou sem a família, como ele preferir. E o mais longe que posso ir. Tu e o Vazzi nunca mais voltarão a falar um com o outro. E ordeno aos meus filhos, na tua presença, que nunca vinguem a morte do sobrinho. Tens uma semana para tratar dos teus assuntos, para assinar os papéis necessários. - Então, a voz do Don adquiriu um tom menos duro. - Quero que saibas que eu não tinha conhecimento dos planos do Dante. Agora, vai em paz, e lembra-te que sempre amei o teu pai como se fosse meu filho.

Depois de Cross ter saído, Don Clericuzio ergueu-se do cadeirão e disse a Vincent:

- Para a cama.

Vincent ajudou-o a subir as escadas, porque o Don tinha agora uma certa fraqueza nas pernas. A idade começava finalmente a devastar-lhe o corpo.

Epílogo.

Nice, França Quogue.

No seu último dia em Vegas, Cross sentou-se na varanda na suite no terraço do

Xanadu e ficou a olhar para Strip, encharcada em sol. Os grandes hotéis - o Caesars Palace, o Flamingo, o Desert Inn, o Mirage e o Sands -

tinham os anúncios luminosos acesos, num desafio ao sol.

Don Clericuzio fora específico na sua sentença: Cross nunca mais poderia voltar a Las Vegas, a cidade onde o pai, Pippi, fora tão feliz, a cidade que Gronevelt construíra como o seu próprio Valhalla, mas onde ele nunca se sentira verdadeiramente bem. Apreciara, era verdade, os prazeres de Vegas, mas esses prazeres tinham sempre tido o sabor frio do aço.

As bandeiras verdes das sete villas pendiam molemente no ar parado do deserto, mas os farrapos chamuscados de uma delas encimavam um edifício calcinado, um esqueleto negro, o fantasma de Dante. Cross nunca tornaria a ver nada daquilo.

Amara o Xanadu, amara o pai, Gronevelt e Claudia. E no entanto, de certa maneira, traíra-os a todos. Gronevelt, não tendo sido fiel ao Xanadu; o pai, não tendo sido leal aos Clericuzio, e Claudia, porque ela acreditava na sua inocência. Agora estava livre de todos eles. Ia começar uma nova vida.

Que dizer do seu amor por Athena? Gronevelt avisara-o dos perigos do amor romântico; e o pai também, e até o velho Don. Era o erro fatal dos grandes homens que aspiravam a controlar os seus próprios mundos. Que o levara então a ignorar esses avisos? Porque estava a colocar o seu destino à mercê de uma mulher?

Muito simplesmente, porque a presença dela, o som da sua voz, a maneira como se movia, a sua alegria ou a sua tristeza, tudo o fazia feliz. O

mundo era deslumbrantemente agradável quando estava com ela. A comida era deliciosa, o calor do sol aquecia-lhe os ossos e sentia aquela fome pela carne dela que tornava a vida sagrada. E quando dormia com ela nunca tinha medo daqueles pesadelos que precediam a madrugada.

Tinham-se passado três semanas desde a última vez que vira Athena, mas falara com ela nessa mesma manhã. Telefonara-lhe para França a dizer-lhe que ia a caminho, e detectara a felicidade na voz dela, porque agora sabia que ele continuava vivo. Era possível que ela o amasse. E agora, em menos de vinte e quatro horas, ia vê-la.

Cross tinha fé que algum dia ela havia de amá-lo verdadeiramente, que o recompensaria pelo seu amor, que nunca o julgaria e que, como um anjo, o salvaria do Inferno.

Athena Aquitane era provavelmente a única mulher em França que se maquilhava e vestia para destruir a sua própria beleza. Não que tentasse parecer feia, não era masoquista, mas chegara a um ponto em que via na sua beleza física um perigo para o seu mundo interior. Detestava o poder que ela lhe conferia sobre as outras pessoas. Detestava a vaidade que continuava a desfear-lhe o espírito. Interferia com aquilo que ela sabia que ia ser o trabalho da sua vida.

No seu primeiro dia no Instituto para Crianças Autistas, em Nice, quisera parecer-se com aquelas crianças, mover-se como elas. Sentira-se invadida por uma necessidade de identificação. Nesse dia, relaxou os músculos faciais até conseguir imitar a serenidade vazia de alma dos pensionistas do Instituto, tentou caminhar da maneira um pouco arrastada e enviesada de algumas das crianças que tinham problemas motores.

O Dr. Gérard reparou nisto e disse-lhe, sardonicamente:

- Oh, muito bem, mas está a ir na direcção errada. - Depois pegou-lhe nas mãos e acrescentou, num tom mais gentil:- Não deve identificar-se com o infortúnio deles. Deve combatê-lo.

Athena sentiu-se censurada e envergonhada. Uma vez mais, a sua vaidade de actriz conduzira-a na direcção errada. Mas sentia-se em paz consigo mesma a cuidar daquelas crianças. Pouco lhes importava que o francês dela fosse imperfeito, de qualquer maneira não compreendiam o significado das suas palavras.

Nem sequer as duras realidades a desencorajavam. As crianças eram por vezes destrutivas, não reconheciam as regras da sociedade. Lutavam umas com as outras e com as enfermeiras, espalhavam as próprias fezes pelas paredes, urinavam onde bem lhes apetecia. Por vezes eram verdadeiramente assustadoras na sua ferocidade, na maneira como repeliam o mundo exterior.

As únicas ocasiões em que Athena se sentia impotente era à noite, no pequeno apartamento que alugara em Nice, onde estudava a literatura do Instituto. Eram relatórios sobre a evolução dos diversos casos, e eram assustadores. Depois

enfiava-se na cama e chorava. Ao contrário dos filmes que tinha vivido, aqueles relatórios tinham quase sempre finais infelizes.

Quando recebeu o telefonema de Cross, a dizer que ia a caminho, sentiu uma onda de felicidade e de esperança. Ele estava vivo, ele havia de ajudá-la. Depois foi assaltada por dúvidas. Consultou o Dr. Gérard.

O que acha que seria melhor? - perguntou.

Pode ser uma grande ajuda para a Bethany - respondeu o médico. -

Gostaria muito de ver como é que ela se relaciona com ele ao longo de um período de tempo. E pode ser muito bom para si. As mães não devem ser mártires por amor dos filhos.

Athena pensou nestas palavras enquanto se dirigia ao aeroporto de Nice para ir buscar Cross.

No aeroporto, Cross teve de fazer a pé o percurso entre o avião e o terminal. A temperatura estava amena e o ar perfumado, nada como o calor sufocante e a atmosfera sulfurosa de Las Vegas. À volta do átrio de recepção cresciam luxuriantes canteiros de flores vermelhas e púrpura.

Viu Athena à sua espera, e mais uma vez ficou espantado com a habilidade dela para mudar de aspecto. Não conseguia esconder completamente a sua beleza, mas conseguia disfarçá-la. Uns óculos de lentes coloridas e armação dourada transformavam-lhe os olhos de um verde brilhante em cinzento. As roupas que vestia faziam-na parecer mais forte e mais pesada. Os cabelos louros estavam escondidos sob um chapéu de ganga azul cuja larga aba quase lhe escondia um dos lados do rosto. Experimentou uma excitante sensação de posse ao pensar que era ele o único a saber como ela era realmente bonita.

Quando Cross se aproximou, Athena tirou os óculos e guardou-os no bolso da blusa. Ele sorriu ao notar este gesto de irreprimível coqueteria.

Menos de uma hora mais tarde, estavam na suite do Hotel Negresco, onde Napoleão dormira com Josefina. Ou pelo menos era o que afirmava a brochura publicitária que encontraram em cima da pequena mesa da saleta.

Um empregado do serviço de quartos bateu à porta e levou-lhes uma bandeja

com uma garrafa de vinho e um prato cheio de minúsculas sanduíches.

Deixou-a na mesa da varanda sobranceira ao Mediterrâneo.

Ao princípio, pareceram pouco à vontade um com o outro. Athena pegou-lhe na mão, como se quisesse ser ela a tomar a iniciativa, e o contacto da sua carne quente e macia fez subir em Cross uma onda de desejo.

Apercebeu-se, no entanto, que ela não estava ainda realmente pronta.

A suite estava ricamente mobilada, mais opulenta do que qualquer das villas do Xanadu. A cama tinha um dossel de seda vermelha escura, os cortinados a condizer eram salpicados de flores de lis douradas. As mesas e as cadeiras tinham uma elegância que nunca poderia ter existido no mundo de Vegas.

Athena levou Cross para a varanda, e quando o fez ele beijou-a levemente na face. Então ela não pôde conter-se mais, pegou no guardanapo húmido que estava enrolado em torno do gargalo da garrafa e limpou toda aquela maquilhagem que a desfigurava. O rosto dela cintilou com o brilho de minúsculas gotículas de água, a pele radiante e rosada. Pousou uma mão no ombro dele e beijou-o ternamente nos lábios.

Da varanda, viam as casas de pedra de Nice, tingidas de verdes e azuis já muito esbatidos de pinturas que tinham centenas de anos. Lá em baixo, os cidadãos de Nice deambulavam pela Promenade des Anglais, na praia pedregosa corpos jovens, quase nus, nadavam na água azul-esverdeada, enquanto grupos de crianças brincavam na areia. Ao longe, elegantes iates brancos patrulhavam o horizonte.

Cross e Athena tinham provado o seu primeiro golo de vinho quando ouviram aquela espécie de rugido surdo e abafado. Do paredão oriental, daquilo que parecia a boca de um canhão mas era na realidade a saída do cano de esgoto, uma grande golfada de líquido castanho saltou para as límpidas águas azuis do Mediterrâneo.

Athena desviou a cabeça.

Quanto tempo vais ficar? - perguntou a Cross.

Cinco anos, se me deixares.

Isso é uma loucura - respondeu ela, franzindo a testa. - O que é que podes fazer aqui?

Sou rico, talvez compre um pequeno hotel. ' O que foi que aconteceu ao Xanadu? Tive de vender a minha posição - Cross fez uma pequena pausa.

- Não vamos ter de preocupar-nos com questões de dinheiro.

Eu tenho dinheiro - afirmou Athena. - Tens de compreender. Vou ficar aqui cinco anos, e depois vou levá-la para casa. Não quero saber do que as pessoas dizem, nunca mais voltarei a interná-la numa instituição, vou tomar conta dela enquanto viver. E se alguma coisa lhe acontecer, a minha vida será com crianças como ela. Por isso, como vês, nunca poderemos ter uma vida juntos.

Cross compreendia-a perfeitamente. Demorou muito tempo a pensar a sua resposta.

A voz dele soou forte e decidida quando disse:

- Athena, a única coisa de que tenho realmente a certeza neste momento é do meu amor por ti e pela Bethany. Tens de acreditar nisto.

Não vai ser fácil, eu sei, mas faremos o melhor que pudermos. O que tu queres é ajudar a Bethany, não ser uma mártir. Para isso, temos de dar o salto final. Farei tudo o que puder para te ajudar. Escuta, seremos como jogadores no meu casino. As probabilidades estão contra nós, mas há sempre uma hipótese de bater as probabilidades.

Cross viu-a enfraquecer, e insistiu.

- Casa comigo - pediu. - Podemos ter outros filhos e viver como pessoas normais. Tentemos corrigir com os nossos filhos aquilo que parece estar mal no nosso mundo. Todas as famílias têm os seus infortúnios, esforcemo-nos o mais que pudermos para inverter esse movimento. Sei que somos capazes. Acreditas em mim?

Finalmente, Athena olhou-o nos olhos.

- Só se acreditares que eu te amo de verdade - disse.

No quarto, quando fizeram amor, aceitaram-se um ao outro na base da fé; Athena acreditava que Cross a ajudaria a salvar Bethany, e Cross acreditava que Athena o amava. Quando finalmente ela voltou o corpo para ele, disse:

- Amo-te. Amo-te muito.

Cross inclinou a cabeça para a beijar. Ela repetiu:

- Amo-te muito.

E Cross pensou: que homem neste mundo seria capaz de não acreditar?

Sozinho no seu quarto, o Don puxou os lençóis frios até ao pescoço.

A morte aproximava-se, e ele era demasiado astuto para não se aperceber dessa proximidade. Mas tudo correra de acordo com os seus planos. Ah! era tão fácil enganar os jovens.

Durante os últimos cinco anos, tinha visto em Dante a principal ameaça ao seu grande desígnio. Dante opor-se-ia à dissolução da Família Clericuzio no seio da sociedade legal. E, no entanto, o que podia ele, o Don, fazer?

Ordenar a morte do filho da sua filha, do seu próprio neto? Teriam Giorgio, Vincent e Petie obedecido a uma tal ordem? E se obedecessem, não o julgariam uma espécie de monstro? Não passariam a temê-lo mais do que o amavam? E Rose Marie, o que restaria então da sua sanidade mental, pois sem a mínima dúvida adivinharia a verdade?

Quando Pippi De Lena fora assassinado, os dados tinham sido lançados.

O Don soubera imediatamente a verdade, investigara o relacionamento de Dante com Losey e fizera o seu julgamento.

Mandara Vincent e Petie guardar Cross, com carro blindado e tudo.

E depois, para avisar Cross, contara-lhe a história da guerra contra os Santadio. Era tão difícil endireitar o mundo! E quando ele morresse, quem restaria para tomar aquelas terríveis decisões? Resolvera então, de uma vez por todas, que os Clericuzio fariam a sua retirada final.

Vinnie e Petie ocupar-se-iam exclusivamente dos seus restaurantes e empresa de construções. Giorgio compraria empresas em Wall Street. A retirada seria completa. Até o Enclave do Bronx deixaria de ser reabastecido em homens. Os Clericuzio estariam finalmente a salvo e lutariam contra os novos criminosos que estavam a surgir por toda a América. Nunca se acusaria por erros passados, a perda da felicidade da filha e a morte do neto.

Ao fim e ao cabo, conseguira libertar Cross.

Antes de adormecer, o Don teve uma visão. Viveria para sempre, o sangue dos Clericuzio faria para sempre parte da Humanidade. E fora ele, ele sozinho, com a sua virtude, quem criara aquela linhagem. Mas, oh, que perverso era aquele mundo que obrigava um homem a pecar!

*** * ***

Este livro é o resultado de cinco anos de trabalho sobre os costumes da mafia e sobre Las Vegas e Hollywood. O último dos padrinhos é Don Domenico Clericuzio, um velho patriarca cruel e violento, determinado a assegurar o futuro da família no negócio legal do jogo e nos investimentos na indústria do cinema. Don Domenico está prestes a realizar os seus planos quando terríveis segredos há muito sepultados no passado da família alteram os seus planos e desencadeiam uma guerra sem quartel entre dois primos. Só um escritor com um profundo conhecimento dos meios de Hollywood poderia escrever um retrato tão duro e mordaz sobre o negócio do cinema e mostrar como um filme realmente é feito. Só um escritor que tenha jogado nas salas privadas dos melhores casinos poderia revelar os segredos do negócio de Las Vegas. E só um escritor que compreenda o coração dos mafiosos poderia descrever a vida da Máfia com uma tão acutilante autenticidade.